

FLORIANÓPOLIS . NOV . 2023

RESUMOS

XXII CONGRESSO DA SAB

POLÍTICAS
PATRIMONIAIS
E DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS



XXII CONGRESSO DA SAB
ARQUEOLOGIAS PLURAIS

POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
13 A 17 DE NOVEMBRO © FLORIANÓPOLIS . SC

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



http://



www.congressodasab.com

ISBN: 978-65-981812-0-8

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira
(22. : 2023 : Florianópolis, SC)

XXII Congresso da SAB : arqueologias plurais
[livro eletrônico] : políticas patrimoniais e
desafios contemporâneos / organização Adriana
Schmidt Dias...[et al.]. -- Rio de Janeiro :
SAB, 2023.

PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Ângelo Corrêa Alves,
Marcelo Fagundes, Marcia Arcuri, Silvana Zuse.
Bibliografia.

ISBN 978-65-981812-0-8

1. Arqueologia - Congressos I. Dias, Adriana
Schmidt. II. Alves, Ângelo Corrêa. III. Fagundes,
Marcelo. IV. Arcuri, Marcia. V. Zuse, Silvana.

23-179350

CDD-930.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Arqueologia : Congressos 930.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

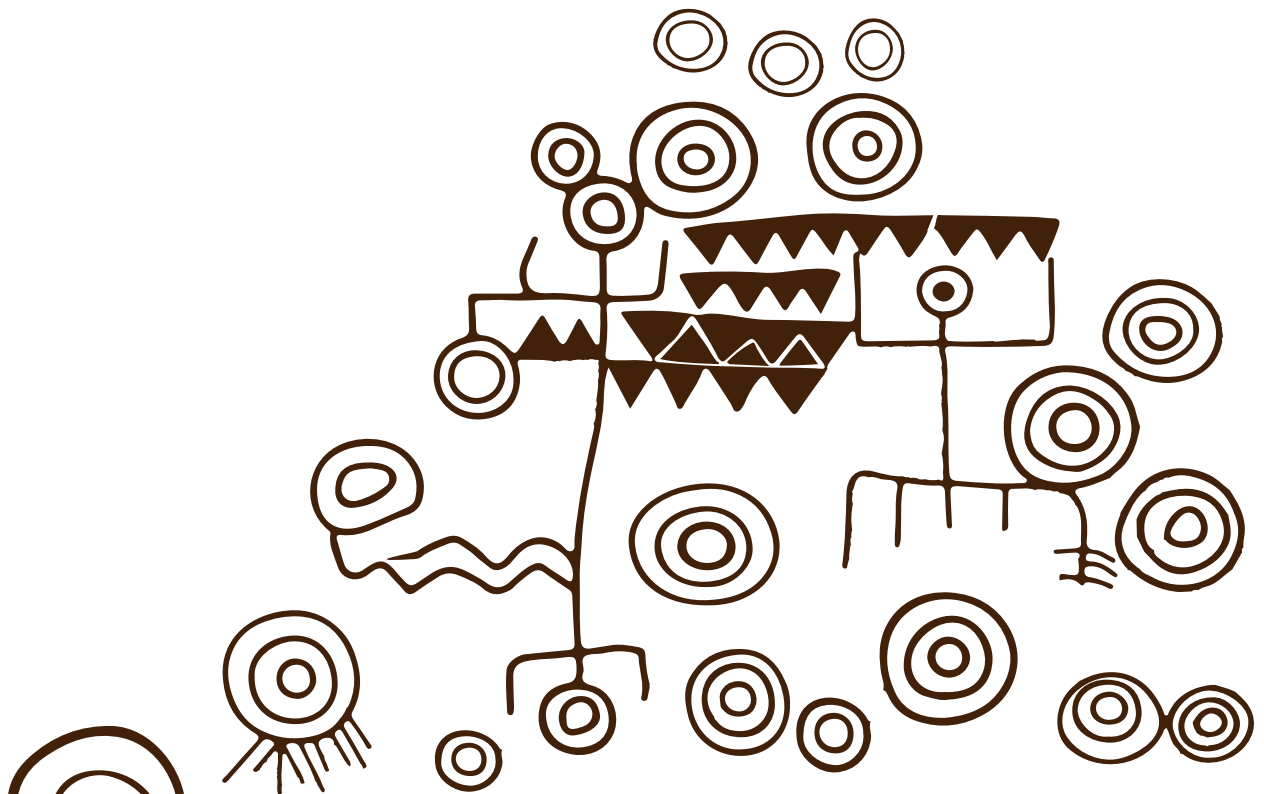
José Sena Junior

CAPAS E IDENTIDADE VISUAL DO CONGRESSO

Cristiane Da Ros

Observação: A revisão dos textos é de responsabilidade dos seus autores.

Adriana Schmidt Dias
Ângelo Corrêa Alves
Marcelo Fagundes
Marcia Arcuri
Silvana Zuse
(Comissão Organizadora)



XXII CONGRESSO DA SAB
ARQUEOLOGIAS PLURAIS
POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
13 A 17 DE NOVEMBRO © FLORIANÓPOLIS . SC

XXII CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
ARQUEOLOGIAS PLURAIS
POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPRÂNEOS

REALIZAÇÃO

Sociedade de Arqueologia Brasileira

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adriana Schmidt Dias
Ângelo Corrêa Alves
Marcelo Fagundes
Marcia Arcuri
Silvana Zuse

SECRETARIA E ORGANIZAÇÃO

Irene Sanches de Oliveira

COMISSÃO EDITORIAL

Andrei Isnardis Horta
Fernanda Codevilla Soares
Veronica Wesolowki de Aguiar e Santos

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ângelo Corrêa	Marcelo Fagundes
Arkley Bandeira	Marcia Arcuri
Bruna Cigaran da Rocha	Marcia Bezerra
Bruno Pastre Máximo	MARCONY LOPES ALVES
Christiane Lopes Machado	Marcos Abreu Almeida
Claudia Inês Parellada	Marcos Paulo de Melo Ramos
Cristiana Nunes Galvão de Barros Barreto	Marcus A. S. Wittmann
Daniela Magalhães Klökler	Mariana Zanchetta Otaviano
Daniilo Vicensotto Bernardo	Marta Cavallini
Diego teixeira Mendes	Meliam Viganó Gaspar
Fabíola Andrea Silva	Michel Bueno Flores da Silva
Fatima Cristina da Silva Oliveira	Patricia Marinho
Fernanda Codevilla Soares	Piero Alessandro Bohn Tessaro
Flavio Calippo	Renata de Godoy
Gislene Monticelli	Rossano Bastos
Helena P. Lima	Secretaria
Jedson Francisco Cerezer	Silvana Zuse
Jordana Batista Barbosa	Silvia Peixoto
Luana Carla Martins Campos Akinruli	Vanicléia Silva Santos
Luana Cristina da Silva Campos	Veronica Wesolowki de Aguiar e Santos
Lucas Bueno	Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
Lucio Flávio Siqueira Costa Leite	Viviane Maria Cavalcanti de Castro
Luis Vinicius Sanches Alvarenga	

APRESENTAÇÃO

O Congresso da SAB é a mais importante reunião científica do país no campo da arqueologia e uma das maiores da América do Sul.

A cada dois anos, representa uma oportunidade de atualização e troca de ideias entre pesquisadores que atuam em diferentes espaços profissionais e estudantes em diferentes níveis de formação, possibilitando uma contínua avaliação do estado da arte da arqueologia brasileira em prol do avanço do conhecimento científico e da proteção do patrimônio arqueológico.

A arqueologia brasileira é plural. São múltiplas as histórias que podemos contar através de distintas leituras da cultura material e esta pluralidade de vozes que fala pela arqueologia brasileira tem se unido nos últimos anos na luta pela defesa dos direitos humanos, ambientais e patrimoniais. No XXII Congresso da SAB, o tema “Arqueologias Plurais: políticas patrimoniais e desafios contemporâneos”, foi proposto como um convite a pensar coletivamente sobre as políticas públicas voltadas à formação acadêmica na graduação e pós-graduação, à pesquisa científica, à atuação profissional e à gestão patrimonial. Este livro de Resumos é o registro das contribuições dos participantes para a reflexão crítica e a proposição de ações quanto aos desafios contemporâneos relacionados ao estudo e à salvaguarda do patrimônio.

Comissão Organizadora

SUMÁRIO

MODALIDADE: SIMPÓSIOS TEMÁTICOS E APRESENTAÇÕES ORAIS EM SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST01 - Acervos Arqueológicos e a Fruição do Patrimônio Cultural: desafios e conceituações

COORDENAÇÃO: Meliam Viganó Gaspar, Maria Tereza Vieira Parente 56

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 01

CURADORIA COLABORATIVA DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS KUIKURO: O PORTAL AIKAX

Helena Pinto Lima
Morgan Jason Schmidt..... 56

EXTROVERSÃO DIGITAL: UM GRUPO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

Michelle Mayumi Tizuka
Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre..... 57

GRUPO DE DEBATE - COLEÇÕES DOMÉSTICAS, NÃO INSTITUCIONALIZADAS E COMUNITÁRIAS

Grasiela Tebaldi Toledo
Clarice Bianchezzi 57

NARRATIVA E TRAJETÓRIA DE UMA COLEÇÃO DOMÉSTICA DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO NA AMAZÔNIA

Clarice Bianchezzi 58

OBJETOS CULTURALMENTE SENSÍVEIS E A PRÁTICA ARQUEOLÓGICA

Cristiana Nunes Galvão de Barros Barreto..... 58

PARA DISCUTIR O CONCEITO DE “COLEÇÕES DOMÉSTICAS” NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Marcia Bezerra de Almeida 58

PROPOSIÇÕES E ENCAMINHAMENTOS DO FÓRUM DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

Maria Tereza Vieira Parente
Meliam Viganó Gaspar 59

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST02 - Arqueologia de ambientes aquáticos e costeiros e as mudanças climáticas na Década dos Oceanos

COORDENAÇÃO: Paulo Fernando Bava de Camargo..... 59

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 02

A IMPLEMENTAÇÃO DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO E A TRANSFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NAVAL AO LONGO SÉCULO XIX, NO BRASIL, DISCUTIDAS A PARTIR DE DOIS SÍTIOS DE NAUFRÁGIO

Flávio Rizzi Calippo..... 60

ATUALIZAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO GALEÃO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (1668): INTERPRETAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SÍTIOS DE NAUFRÁGIOS COMO AUXÍLIO À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO

Beatriz Brito de Ferreira Bandeira 61

PAISAJES MARÍTIMOS DE ROCHA, URUGUAY: UNA PRIMERA APROXIMACIÓN A LOS NAUFRAGIOS DE CABO POLONIO Y LA PALOMA

Elena Saccone 61

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E ARQUEOLOGIA: PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO COMO SUPORTE DA VIDA MARINHA; ORGANISMOS PRESERVANDO NAUFRÁGIOS

Paulo Fernando Bava de Camargo
Fabiana Dallacorte..... 62

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST03 - Arqueologia e humanidades digitais: explorando a interseção entre o passado e a tecnologia

COORDENAÇÃO: Danielle Gomes Samia 62

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 03

DIFUSÃO DÊMICA E TRANSMISSÃO CULTURAL: UM MODELO COMPUTACIONAL PARA A EXPANSÃO KORIABO COMO CORRELATO ARQUEOLÓGICO DAS LÍNGUAS CARIBE.

Bruno de Souza Barreto 63

MAPAS HISTÓRICOS COMO ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS

Ângelo Alves Corrêa
Lauro Rodrigo Oliveira Teixeira 63

MAPEAMENTO E TIPOLOGIA DE ESTRUTURAS DE TERRA POR MEIO DE SENSORIAMENTO REMOTO NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA, BRASIL

Cliverson Gilvan Pessoa da Silva..... 64

PAISAGENS EM BRANCO; TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS À ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Andrés Zarankin..... 64

STORY MAP NA CONFLUÊNCIA DOS RIOS PARNAÍBA E POTI: A FLUIDEZ DAS PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS.

Danielle Gomes Samia 65

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST04 - Arqueologia e o estudo de coleções (etnográficas e arqueológicas) musealizadas

COORDENAÇÃO: Diego Teixeira Mendes, Fabíola Andréa Silva 65

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 04

A TECNOLOGIA CERÂMICA INY/KARAJÁ: UM ESTUDO COLABORATIVO A PARTIR DE COLEÇÕES MUSEALIZADAS.

Diego Teixeira Mendes..... 66

ACERVOS ARQUEOLÓGICOS DE CERÂMICA GUARANI: ESTUDOS MORFOMÉTRICOS DE COLEÇÕES EM MUSEUS NO SUL DO BRASIL

Jedson Francisco Cerezer 66

COLEÇÕES DA RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM AS PERSPECTIVAS INDÍGENAS

Silvana Zuse
Igor Morais Mariano Rodrigues
Eduardo Bispalez..... 67

COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS E ARQUEOLOGIA COLABORATIVA: NARRATIVAS WAI WAI DO PASSADO RECENTE

Igor Morais Mariano Rodrigues
Jaime Xamen Wai Wai 67

DESFAZENDO EQUÍVOCOS, PROPONDO NOVAS INTERPRETAÇÕES: COLEÇÕES DE MUSEU E O PASSADO PRÉ-COLONIAL DO BAIXO AMAZONAS

Marcony Lopes Alves..... 68

ESTILO TÉCNICO DAS CERÂMICAS KATXUYANA EM COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

Meliam Viganó Gaspar
Igor Morais Mariano Rodrigues 68

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST05 - Arqueologia e os Estudos de Cultura Material

COORDENAÇÃO: Camilla Agostini, Marcela Nogueira de Andrade, Adriana Fraga da Silva, Alejandra Saladino, Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento, Gustavo Ruiz Chiesa..... 69

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 05

ARQUEOLOGIA DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO: O CASO DO THEATRO DA PAZ E SUAS VISAGENS

Gabriel Rodrigues Barbosa 69

ARQUEOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE

Marcela Nogueira de Andrade 70

CHÁCARA ROSANE: UMA NECRÓPOLE EM PLENA ÁREA URBANA DE SÃO LUÍS, MARANHÃO

Wellington Lage, Fernanda Lopes Viana 70

COISAS E TRAMAS CONTEMPORÂNEAS: ENTRECruzando ARQUEOLOGIAS

Adriana Fraga da Silva..... 71

O SOM ELÉTRICO DA MODERNIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES MATERIAL-DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DE GUITARRAS ELÉTRICAS

Matheus Miranda Mota..... 71

PREMISSAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DAS REMOÇÕES A PARTIR DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

Alejandra Saladino..... 72

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST06 - Arqueologia Histórica no Espaço Regional: abordagens, temas e pesquisas

COORDENAÇÃO: Abrahão Sanderson Nunes F. da Silva, Roberto Airon Silva 72

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 06

ANÁLISES DA “LOUÇA DE BARRO” DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CULUMINS E TOTORÓ, SERIDÓ/RN

Hozana Danize Lopes de Souza 73

ARQUEOLOGIA DO CONFLITO: A DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE GUERRA EM PERNAMBUCO VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS (1880-1940)

Priscyla Fernanda Oliveira Viana 73

PAISAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA E OS SENTIDOS: FENOMENOLOGIA NA PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

Antonio Carlos Soares 74

PARA ALÉM DOS MUROS DE PEDRA: CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DE HISTÓRIAS

Fernando Alexandre Soltys 74

PELOS CAMINHOS DA INCONFIDÊNCIA - A PARAGEM DO GUIDO E O CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA

Henrique Moreira Duarte Piló
Maria Teresa Teixeira de Moura 75

PRÁTICAS DOMÉSTICAS NOS SÉCULOS XVII-XIX NA VILA DE MORRO DE SÃO PAULO DURANTE A FORTIFICAÇÃO DA ILHA DE TINHARÉ

Railson Cotias da Silva
Luciana Bozzo Alves
Luiz Antonio Pacheco de Queiroz 75

VIDROS EM CONTEXTO: UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DOS VESTÍGIOS VÍTREOS DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICO NO MÉDIO RIO XINGU

Antonio Marcos Araújo Guimarães (Universidade Federal do Pará) 76

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST07 - Arqueologia Indígena, Auto-Arqueologia e Prática Etnográfica: Perspectivas Transversal, Plurisemântica e Epistemológica

COORDENAÇÃO: Fabíola Andréa Silva, Walderes Coctá Priprá de Almeida, Rosalvo Ivarra Ortiz 76

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 07

A CASTANHA, AS TROCAS E AS HISTÓRIAS ÀS MARGENS DA AMAZÔNIA: INDÍGENAS E BRANCOS NA PRÁTICA COLABORATIVA ANTICOLONIAL

Juliana Salles Machado 77

A CERÂMICA JÊ MERIDIONAL: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DO FAZER CERÂMICO DO SÍTIO BONIN, URUBICI, SANTA CATARINA

Ana Carolina Sprenger 77

ENTRE MEMÓRIAS, AFETOS E POLÍTICAS DE GESTÃO: A EXPERIÊNCIAS DE REQUALIFICAÇÃO COM O ACERVO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO REGIONAL DE ARQUEOLOGIA AMBIENTAL DE PIRAJU (CASA DA USP)

Leticia Ribeiro Ferreira da Silva 78

ESBOÇO DE UMA ARQUEOLOGIA GUARANI E KAIOWÁ NO CONTEXTO DE MATO GROSSO DO SUL: DADOS PRELIMINARES, PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS E TRANSFORMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Rosalvo Ivarra Ortiz 78

NARRATIVAS COLONIALISTAS FRENTE AO APAGAMENTO INDÍGENA NO PLANALTO NORTE CATARINENSE: UMA ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA PARA SE PROMOVER MUDANÇAS

Heloise de Oliveira Woehl 79

TERRITÓRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DO POVO LAKLÃNÕ NO ALTO E MÉDIO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA: INTERPRETAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PRELIMINARES

Walderes Coctá Priprá de Almeida 79

TUPI, CHICHA E SALIVA: REGISTROS LINGUÍSTICOS E ETNOARQUEOLÓGICOS DO TECER DAS PANE-LAS DE BARRO DE URURU, PUGAPIA, AIGA E BABAWRO

Carolina Coelho Aragon
Juliana Salles Machado
Bruno de Souza Barreto 80

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST08 - Arqueologia Urbana

COORDENAÇÃO: Piero Alessandro Bohn Tessaro 80

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 08

ATERROS DOS SÉCULOS XVII AO XIX DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR E SUAS IMPLICAÇÕES ENQUANTO EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA DA URBANIZAÇÃO

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz 81

ESPAÇOS MORTUÁRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: RESULTADOS PRÉVIOS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA PROPOSTA DE UMA CARTA TEMÁTICA DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO

Sônia Cunha 82

POLO ALFÂNDEGA X POLO PILAR: NOVOS DISCURSOS, VELHAS PRÁTICAS

Cecília Barthel Carneiro Campello 82

SALVADOR E RIO DE JANEIRO E O AZULEJO PORTUGUÊS: TRADIÇÃO PATRIMONIAL E CULTURAL - SÉCULO XVII ATÉ HOJE

Karla Maria Fredel..... 83

SÍTIO ARQUEOLÓGICO ANITA GARIBALDI – GUARULHOS SP

Luis Vinicius Sanches Alvarenga
Kamila Rezende Firmino..... 83

SÍTIO CARANDIRU: MEMÓRIA DE MASSACRES E PACTO SOCIAL

Marília Oliveira Calazans 84

“BRILHA FEITO OURO A LIBERDADE”: CONSIDERAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA AFRODIASPÓRICA URBANA EM SÃO PAULO

Luciana Alves Costa..... 84

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST09 - Arqueologia, cidade, seres e coisas

COORDENAÇÃO: Fernanda Codevilla Soares, Andrés Zarankin 85

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 09

“PAISAGEM URBANA DA ANTIGA DESTERRO: CAMADAS ARQUEOLÓGICAS DE SOBREPOSIÇÃO ”

Franciele Laner
Marcia Regina Escorteganha..... 85

2. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PESQUISA DO PATRIMÔNIO, PARA ALÉM DO CASO DO CHI-NELO DO MUSEU DO IPIRANGA

Renato Kipnis
Ilza Carla Favaro de Lima 86

A MÚSICA NA CULTURA MATERIAL FUNERÁRIA: RELAÇÕES ENTRE PRESENTE E PASSADO NO PATRIMÔNIO CEMITERIAL

Fábio Vergara Cerqueira 86

ARQUEOLOGIA COM A CIDADE: UM MOVIMENTO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO URBANO DE SÃO PAULO - SP

Piero Alessandro Bohn Tessaro..... 87

CAIS DE PEDRA, LEMBRANÇAS ENTERRADAS: ARQUEOLOGIA NO PORTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE

Luiz Alberto Silveira da Rosa
Iara Laura de Aragão Fernandes
Mariana Costa de Moraes Fernandes..... 87

OLHAR ARQUEOLÓGICO PARA O ANGLO, PELOTAS/RS

Cláudio Baptista Carle 88

TÊM UM SAMBAQUI NA MINHA RUA! RELAÇÕES CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS COMPARTILHADAS.

Bruna Cataneo Zamparetti
Juliana Salles Machado 88

“DIVERS(C)IDADE EM FLORIANÓPOLIS: A ‘IMIGRAÇÃO EUROPEIA’ REVISITADA PELA ARQUEOLOGIA”

Fernanda Codevilla Soares 89

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 10 - Arqueologia, Comunidades, Territórios, Mudanças Climáticas e Patrimônio Cultural

COORDENAÇÃO: Jorge Eremites de Oliveira, Luana Cristina da Silva Campos 89

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 10

APROXIMACIÓN HISTÓRICA Y CULTURAL A LA ISLA DE LOBOS

Alejandro Turell Lorenzo 90

ARQUEOLOGIA DO CONFLITO NO PONTAL DA BARRA, RS, BRASIL.

Sabrina Escobar Freitas Ribeiro 90

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS NO SERRO, ALTO VALE DO JEQUITINHONHA, MG - MINERAÇÃO QUE AMEAÇA LUGARES E SABERES TRADICIONAIS”

Alenice Maria Motta Baeta 91

ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS ENTRE OS SÉCULOS XI E XIII: O CASO DOS GRUPOS INDÍGENAS EM IBIÁ/MG.

Ricardo Augusto Silva Nogueira 91

ETNOARQUEOLOGIA GUATÓ, ATERROS INDÍGENAS E FONTES ESCRITAS PRODUZIDAS SOBRE O PANTANAL NOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

Jorge Eremites de Oliveira
Gil Passos de Mattos 92

EVIDÊNCIA DE CANIBALISMO EM REMANESCENTE ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEMPLO DOS PILARES, ALCINÓPOLIS, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar 92

GEOPARQUE MUNDIAL DA UNESCO CAMINHOS DOS CÂNIONS DO SUL: CARTOGRAFANDO O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E A HISTÓRIA E CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS COMO SUBSÍDIO PARA OS PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Juliano Bitencourt Campos
Estéfani de Oliveira Serafim 93

NARRATIVAS DO FIM DO MUNDO: QUESTÕES CLIMÁTICAS E A ARQUEOLOGIA.

Aline Vieira de Carvalho 93

OS SÍTIOS DE ATERROS NO PANTANAL E SUA RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO HOLOCENO

Luana Cristina da Silva Campos 94

PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA ÁREA CORE DO MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO ESPINHAÇO: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS

Valdinêy Amaral Leite 94

TODAS AS QUINTAS: A CONTRA-HEGEMONIA RIZOMÁTICA DOS QUINTAIS QUILOMBOLAS

João Paulo Soares Silva 95

USO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NA MONTAGEM DE BANCO DE DADOS, MAPEAMENTO E ANÁLISE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PANTANAL, COM ÊNFASE EM LOCAIS DE OCUPAÇÃO DO POVO GUATÓ.

Gil Passos de Mattos
Jorge Eremites de Oliveira..... 95

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 11 - Arqueologia, Direito e Burocracia

COORDENAÇÃO: Bruna Cigaran da Rocha, Diego Teixeira Mendes..... 96

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 11

A ONÇA NO MEIO DA SALA: BIOARQUEOLOGIA E DIREITOS INDÍGENAS NO BRASIL

Gabriela Oppitz
Luciane Zanenga Scherer
Lucas de Melo Reis Bueno 96

ARQUEOLOGIA E LEGISLAÇÃO NO ÂMBITO DAS PESQUISAS EM TERRAS INDÍGENAS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Fabíola Andréa Silva 97

ARQUEOLOGIA, DIREITO E BUROCRACIA

Bruna Cigaran da Rocha
Diego Teixeira Mendes..... 97

DE “PÉS DE VENTO À MINA DE FERRO”: COMUNIDADES QUILOMBOLAS, ARQUEOLOGIA, LEGISLAÇÃO E LICENCIAMENTO AMBIENTAL NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Juliana Freitas 97

POR UM OBSERVATÓRIO INDEPENDENTE DA ARQUEOLOGIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL

Marcus Antonio Schifino Wittmann..... 98

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 12 - Arqueologia, História e Memórias Afroíndigenas: protagonismos, epistemologias e reivindicações coletivas

COORDENAÇÃO: Rosinalda Corrêa da Silva Simoni, Irislane Pereira de Moraes, Rossano Lopes Bastos 99

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 12

AFRICANIDADES E NEGRITUDE EM GOIÁS: UMA GENEALOGIA IORUBÁ NO CONTINENTE AFRICANO E IN DIÁSPORA

Rosinalda Corrêa da Silva Simoni 99

ARQUEOLOGIA SANKOFA: RETOMADAS E REPARAÇÕES AFRODIASPÓRICAS

Irislane Pereira de Moraes..... 100

DE CAMINO A BRASIL: CANARIAS COMO LUGAR DE TRÁNSITO EN LA DIÁSPORA AFRICANA

Alejandra Calderón Ordóñez 100

RECONFIGURANDO ESTRATIGRAFIAS: O IMPACTO DO TRABALHO DE VOZES PLURAIS NA ARQUEOLOGIA

Lara de Paula Passos 101

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO SARACURA: A INSURGÊNCIA DO MOVIMENTO NEGRO PELO DIREITO À MEMÓRIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Rossano Lopes Bastos
Patricia Marinho de Carvalho 101

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 14 - Arqueologias do Sudoeste de Goiás, Sudeste de Mato Grosso e Nordeste de Mato Grosso do Sul: pesquisas em desenvolvimento e novas perspectivas

COORDENAÇÃO: Sibeli Viana, Julio Cezar Rubin de Rubin 102

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 14

A HISTÓRIA INDÍGENA DA REGIÃO DA PALESTINA DE GOIÁS A PARTIR DA RETOMADA DE COLEÇÕES CERÂMICAS E DE FONTES DOCUMENTAIS: NOVAS PROVOCAÇÕES PARA ANTIGOS PROBLEMAS

Cristiane Loriza Dantas
Camila Azevedo de Moraes Wichers 102

ANÁLISE TECNO-ESTRUTURAL DE ESQUEMAS DE DEBITAGEM PRESENTES NO HOLOCENO MÉDIO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS ARTEFATOS LÍTICOS DOS SÍTIOS CACHOEIRA DO PINGADOR (MT) E BA-RC-28 (BA)

Andréia Walker da Silva Melo 103

APAGAMENTOS E REGISTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Rosicler Theodoro da Silva
Brena Soares Borges
Ester Rodrigues Resende Moço Dos Santos 104

CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACACO SERRANÓPOLIS - GOIÁS

Flávio César Gomes de Oliveira 104

CONSIDERAÇÕES TAFONÔMICAS E ANÁLISE TECNO-FUNCIONAL NO ESTUDO DO SÍTIO EM PALIMPSESTO GO-CP-17: SUBSÍDIOS PARA A OCUPAÇÃO PRETÉRITA DO SUDOESTE DO ESTADO DE GOIÁS

Marcos Paulo de Melo Ramos
Sibeli Viana 105

DE VOLTA À SERRANÓPOLIS: PRIMEIRAS NOTAS SOBRE O SEPULTAMENTO 1 DO ABRIGO GO-JA-02 (GRUTA DO DIOGO II), GOIÁS

Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos
Renata Estevam da Silva
Jordana Batista Barbosa
Julio Cezar Rubin de Rubin
Rosicler Theodoro da Silva 105

O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DE PALESTINA DE GOIÁS: EVIDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Sibeli Viana
Cristiane Loriza Dantas 106

RETOMADA DAS PESQUISAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-JA-02, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Julio Cezar Rubin de Rubin
Jordana Batista Barbosa
Elton Angelo Denardin
Sibeli Viana
Renata Estevam da Silva
Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos
Domingos de Sousa Sobrinho Neto
Matheus Godoy Pires
Elio Amorim Lima
Rosicler Theodoro da Silva
Welitom Rodrigues Borges
João Henrique Silva Porto..... 106

TECENDO HISTÓRIAS NO VALE DO RIO TOCANTINS

Lucas de Melo Reis Bueno
Isabelle Cristina Doble de Souza
Lorena Ferreira Nogueira
Juliana Betarello Ramalho
Monique Piacentini
Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes..... 107

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 15 - Arqueometria e Conservação de Arte Rupestre

COORDENAÇÃO: Benedito Batista Farias Filho, Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento
..... 107

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 15

CARACTERIZAÇÃO QUÍMICO-MINERALÓGICA DE VERNIZ DO DESERTO NO PARQUE NACIONAL TALAMPAYA (ARGENTINA)

Lorena Paola Ferraro
Maria Conceição Soares Meneses Lage
Benedito Batista Farias Filho..... 108

ESTUDO MICROSCÓPIO E PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FURNA DO QUEBRA PERNA EM INHUMA, PIAUÍ

Benedito Batista Farias Filho
Tetisuelma Leal Alves
Jacira Izidório de Moura..... 109

INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DOS SÍTIOS LETREIRO, VALE DOS MESTRES I, II E III - CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SERGIPE- BRASIL

Maria Conceição Soares Meneses Lage
Benedito Batista Farias Filho..... 109

PETROGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: RELATO DE ESTUDOS	
Soraya Almeida	110

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 17 - Arte Rupestre: novos caminhos rumo às análises não formalistas

COORDENAÇÃO: Rogério Tobias Junior.....	110
---	-----

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 17

AS PINTURAS DO GALHEIRO COMO CORPOS INDÍGENAS DE FACTO: DAS RELAÇÕES DE SEUS TRAÇOS AO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO.

Luis Henrique Montovanelli Resende	111
--	-----

ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS E DIVERSIDADE: PAISAGENS SAGRADAS E ARTE RUPESTRE NO PARANÁ

Claudia Inês Parellada.....	111
-----------------------------	-----

EXPERIMENTANDO O CALQUE

Amanda Trindade Diniz	112
-----------------------------	-----

EXPLORANDO OS MISTÉRIOS DOS GRAFISMOS ANCESTRAIS EM SÍTIOS DE PINTURAS ITACOATIARAS: ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA, DE SIMILARIDADE E COGNITIVA NOS SÍTIOS TOCA DO TAPUIO, TOCA DO TAPIM E TOCA DO ÍNDIO, CAETITÉ- BAHIA

Willian Pereira Leal.....	112
---------------------------	-----

O QUE É UMA FIGURA? PENSANDO SOBRE ESSA UNIDADE ANALÍTICA A PARTIR DAS PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DE DIAMANTINA/MG

Larissa de Oliveira Magalhães	113
-------------------------------------	-----

PARA UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS GRAFISMOS RUPESTRES: PREMISSAS TEÓRICAS E ESTUDO DE ALGUMAS PROPRIEDADES.

Rogério Tobias Junior	113
-----------------------------	-----

PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES DO NORTE DE MINAS RESISTINDO À TIPOLOGIA

Andrei Isnardis Horta	114
-----------------------------	-----

UMA NOVA ABORDAGEM PARA O ESTUDO DE PINTURAS RUPESTRES

Caroline Augusta de Carvalho Macedo.....	114
--	-----

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 18 - Avanços da arqueologia biomolecular no Brasil

COORDENAÇÃO: Andre Carlo Colonese	115
---	-----

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 18

DIETA, ECONOMIA E PESCA DOS CERRITEIROS E SAMBAQUIEIROS DA LAGUNA DO PATOS, SUL DO BRASIL

Rafael Guedes Milheira Flávio Rizzi Calippo.....	115
---	-----

ECOS DO PASSADO AQUÁTICO: ANÁLISE DE ISÓTOPOS ESTÁVEIS EM ESPÉCIES AQUÁTICAS NO LITORAL SUL DO BRASIL

Thiago Fossile
Andre Carlo Colonese..... 116

EVOLUÇÃO DA DIETA HUMANA AO LONGO DE 7000 ANOS DE OCUPAÇÃO NO LITORAL SUL DO BRASIL: UMA ABORDAGEM ISOTÓPICA

Andre Carlo Colonese
Thiago Fossile
Krista McGrath
Alice Di Muro
Dione da Rocha Bandeira
Fernanda Mara Borba..... 116

HIGH-RESOLUTION DIETARY RECONSTRUCTION OF SAMBAQUIS COMMUNITIES USING STABLE ISOTOPE ANALYSIS OF AMINO ACIDS

Oliver Edward Craig
Andre Carlo Colonese
Marjolein Admiraal 117

TRACKING THE EXPLOITATION OF MARINE RESOURCES IN POST-COLONIAL SOUTHERN BRAZIL THROUGH CHEMICAL ANALYSIS OF POTTERY

Alice Di Muro
Andre Carlo Colonese
Marjolein Admiraal
Dione da Rocha Bandeira
Fernanda Mara Borba
Oliver Edward Craig..... 117

UNVEILING CONTINUITY AND DISRUPTION: INSIGHTS FROM 2000 YEARS OF POTTERY USE ALONG THE BRAZILIAN COAST THROUGH ORGANIC RESIDUE ANALYSIS.

Marjolein Admiraal
Andre Carlo Colonese
Oliver Edward Craig..... 118

UNVEILING THE HIDDEN FAUNAL DIVERSITY OF ARCHAEOLOGICAL BONE ASSEMBLAGES THROUGH ZOOMS.

Krista McGrath
Andre Carlo Colonese
Thiago Fossile
Dione da Rocha Bandeira
Fernanda Mara Borba
Tatiane Andaluzia Kuss da Silveira Montes..... 119

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 19 - Coisas e pessoas em movimento: éticas, teorias e práticas na musealização de acervos arqueológicos

COORDENAÇÃO: Camila Azevedo de Moraes Wichers, Diego Lemos Ribeiro, Maria Cristina Oliveira Bruno 119

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 19

A EXPOSIÇÃO DE REMANESCENTES HUMANOS EM PORTUGAL: O CASO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

Sofia Alexandre Carvalho 120

CENAS DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA BRANQUITUDE

Camila Azevedo de Moraes Wichers 120

CONSERVAÇÃO, RESTAURAÇÃO E ESTUDO DE ESTRUTURA FUNERÁRIA EM ARGILA POLICROMADA DO SAMBAQUI DA CARNIÇA I

Luciane Zanenga Scherer
Maria Octavia Nóbrega Costa
Joe Wallace Cordeiro
Thiago Umberto Pereira
Bruno Labrador Rodrigues da silva
Gabriela Oppitz
Eloah Cristina Melo
Lucas de Melo Reis Bueno
Marcia Regina Escorteganha
Thiago Guimarães Costa..... 121

CURADORIA DE COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS E ETNOGRÁFICAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E BAIXA VISÃO

Luciane Monteiro Oliveira..... 122

CURADORIA E MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: AS HERANÇAS DOS PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO PRESENTES NOS MUSEUS

Maria Cristina Oliveira Bruno 122

HISTORICIDADE E ATUALIDADE DO ACERVO ARQUEOLÓGICO NO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO

Larissa Girardi Losada
Maria Cristina Oliveira Bruno 123

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 22 - Contribuições da arqueometria para a arqueologia brasileira

COORDENAÇÃO: Carlos Roberto Appoloni 123

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 22

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM DO ALTO RIO MADEIRA: ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS CONJUNTOS CERÂMICOS

Angislaine Freitas Costa..... 124

ARQUEOMETRIA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PALÁCIO DE GOVERNO CATARINENSE

Marcia Regina Escorteganha..... 124

EDXRF E DIFERENTES PRÉ-PROCESSAMENTOS NA ANÁLISE MULTIVARIADA APLICADAS NO ESTUDO DE FRAGMENTOS CERÂMICOS DE SENZALAS DE CAMPOS DE GOYTACAZES - RJ

Cheila Sumenssi de Araujo Desanti
Luís Cláudio Pereira Symanski
Carlos Roberto Appoloni 125

ESTUDO MULTITÉCNICAS IN SITU DE PINTURAS RUPESTRES EM CINCO ABRIGOS ARENÍTICOS NO PARANÁ, SUL DO BRASIL.

Carlos Roberto Appoloni
Claudia Inês Parellada..... 125

O PAPEL DA PETROGRAFIA NO ESTUDO DAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS

Thiago Kater Pinto
Ximena Suarez Villagran
Kelly Brandao Vaz da Silva
Marcony Lopes Alves
Haruan Straioto 126

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 24 - Gerenciamento de Coleções Arqueológicas

COORDENAÇÃO: Daiane Pereira, Maurício André da Silva 127

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 24

A CRISE CURATORIAL E AS INSTITUIÇÕES DE GUARDA E PESQUISA DE BENS ARQUEOLÓGICOS NO NORTE DO BRASIL

Daiane Pereira..... 127

COLEÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS: PROTOCOLO DE GESTÃO DE ACERVOS E CURADORIA PARA REMANESCENTES HUMANOS COM BASE NA EXPERIÊNCIA DO SÍTIO MOREIRA 1

Luciana da Silva Peixoto
Victória Ferreira Ulguim 128

CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS: DESENVOLVIMENTO DE MÉTODOS DE CURADORIA E GESTÃO DE MATERIAIS LÍTICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

Victoria Ballardin Santos
Lorenza Lourenço Carvalho..... 128

FAZER PARENTES COM A MATERIALIDADE: A COLEÇÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA A VOZ DA SELVA, DA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA, RDS AMANÃ - AM.

Maurício André da Silva 129

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFSC E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO SEU ACERVO

Bruno Labrador Rodrigues da Silva 129

POLÍTICAS INSTITUCIONAIS PARA A GESTÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E ETNOGRÁFICOS – MOVIMENTOS DISCURSIVOS NO PRESENTE PARA O FUTURO

Marília Xavier Cury..... 130

POR QUE NÃO UM SIMPLES INVENTÁRIO?: PROPONDO UMA GESTÃO AMPLA EM MEIO A THESAURI E CATÁLOGOS DIVERSOS

Mario Junior Alves Polo
Letícia Dutra Romualdo da Silva 130

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 25 - Imagens da arqueologia: socialização e divulgação científica em territórios virtuais

COORDENAÇÃO: Glória Maria Vagioni Tega Calippo, Marcia Bezerra de Almeida.. 131

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 25

#ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO DA IMAGEM DA DISCIPLINA NO INSTAGRAM

Glória Maria Vagioni Tega Calippo, Marcia Bezerra de Almeida 131

CARTA ARQUEOLÓGICA DE SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DO ESTADO DE SÃO PAULO – BRASIL

Marília Perazzo Valadares do Amaral
Daniela Cisneiros
Eduardo Krempser 132

DOCUMENTAÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DOS SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Daniela Cisneiros
Eduardo Krempser 132

ESTABELECENDO REDES DE CONHECIMENTOS: O PROJETO “ARQUEOLOGIA VIVA”

Rita Scheel-Ybert
Taís Cristina Jacinto Pinheiro Capucho..... 133

G.E.S.T.O. NAS REDES: APRENDIZAGENS SOBRE A LIDA ARQUEOLÓGICA EM TERRITÓRIO VIRTUAL

Sara Toja
Lilian Panachuk 133

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 27 - Por uma Bioarqueologia biocultural: ciência, evolução, cultura e engajamento social

COORDENAÇÃO: Pedro José Tótora da Glória, Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva,
Danilo Vicensotto Bernardo 134

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 27

ANÁLISES DE ISÓTOPOS DE CARBONO E NITROGÊNIO EM CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ATUAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Murilo Quintans Ribeiro Bastos 135

BIOARQUEOLOGIA PROFUNDA: ANÁLISE DE UMA AMOSTRA ARQUEOGENÉTICA DE LAGOA SANTA, BRASIL CENTRAL, SOB A ABORDAGEM DO “SCORE DE RISCO POLIGÊNICO”

Danilo Vicensotto Bernardo 135

DENTES HUMANOS AVULSOS NO SÍTIO RASO RIO DO MEIO (SANTA CATARINA), COMO CHEGARAM ALI?

Simon Pierre Noel Robert Gilson
Rodrigo Elias de Oliveira
Luciane Zanenga Scherer 136

ESCOLHAS PRÁTICAS, FUNCIONAIS OU SIMBÓLICAS: ARTEFATOS ÓSSEOS NO CONTEXTO MORTUÁRIO DO CERRITO MOREIRA 01 – CAPÃO DO LEÃO – RIO GRANDE DO SUL

Victória Ferreira Ulguim
Gustavo Peretti Wagner..... 136

INVESTIGANDO A PRIMEIRA INFÂNCIA EM SAMBAQUIS: AMAMENTAÇÃO, DESMAME E ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR EM PIAÇAGUERA E MORAES (SUDESTE DE SÃO PAULO, BRASIL)

Marina Nogueira Di Giusto
Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos 137

OCUPAÇÃO E REOCUPAÇÃO DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE EM BELÉM DO PARÁ

Pedro José Tótor da Glória..... 137

PESQUISAS BIOARQUEOLÓGICAS NO NORDESTE DA ARGENTINA

Clara Scabuzzo
Bianca Micaela Di Lorenzo
Rocío Ailén Bidegain
María Agustina Ramos van Raap..... 138

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 30 - Tecnologias Líticas

COORDENAÇÃO: Gustavo Neves de Souza e Anderson Marques Garcia 138

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 30

ACERVOS DIGITAIS DE VESTÍGIOS LÍTICOS

Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre
Marina Sousa Soares..... 139

ANÁLISE DOS ESTIGMAS TECNOLÓGICOS EM ARTEFATOS POLIDOS: ABORDAGENS POSSÍVEIS SOBRE ARTEFATOS DE DOIS SAMBAQUIS DA COSTA SUL DO BRASIL.

Gustavo Neves de Souza 139

ANÁLISE TECNOLÓGICA DE COLEÇÕES LÍTICAS NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA

Thiago Umberto Pereira..... 140

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DE PRODUÇÃO DE LÂMINAS DE MACHADO POLIDAS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO CERÂMICO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado 140

AS GRANDES PEÇAS BIFACIAIS BRASILEIRAS: ANÁLISE TECNOLÓGICA

Maria Jacqueline Rodet 141

ESTUDO DE CASO SOBRE LASCAMENTO EM CALCÁRIO NA SERRA DE IUIÚ/BA

Haruan Straioto
Henry Luydy Abraham Fernandes
André Strauss
Manuel Dimitri de Almeida Gomes..... 141

EXEMPLO DE INDÚSTRIA LÍTICA SOBRE SEIXOS FLUVIAIS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Marcos César Pereira Santos..... 142

INTEGRANDO NOÇÕES DE PAISAGEM E CADEIA OPERATÓRIA NA IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS LÍTICOS NA PROSPECÇÃO VISUAL E DE SUB-SUPERFÍCIE: ESTUDOS DE CASOS EM PERNAMBUCO E BAHIA.

Juliana Betarello Ramalho 142

PARA ALÉM DAS AUSÊNCIAS: CADEIAS-OPERATÓRIAS E A VALORIZAÇÃO DE INDÚSTRIAS LÍTICAS DE HORTICULTORES-CERAMISTAS DO NORTE DE SÃO PAULO

João Vítor Marcon Camargo 143

PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE TECNOLOGIA E MÉTODOS DE DEBITAGEM NO SÍTIO DUNA PEQUENA, NITERÓI - RJ

Anderson Marques Garcia 143

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 31 - Cultura Material da África e suas Diásporas

COORDENAÇÃO: Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP), Bruno Pastre Máximo (UFMG)
..... 144

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 31

A IMAGINAÇÃO MORAL DA ESCRAVIDÃO NO BAIXO CONGO: UMA PALAVRA, UMA GRAVURA, UMA ARTE RUPESTRE

Marcos Abreu Leitão de Almeida..... 145

ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA COMO ARQUEOLOGIA DA ÁFRICA: PRINCÍPIOS A PARTIR DE BEATRIZ NASCIMENTO

Pedro Augusto Soares de Menezes..... 145

DA HISTÓRIA DA ÁFRICA AO CAMPOS E SABERES: A TRAJETÓRIA DE UM PROJETO DE PESQUISA À LUZ DOS ESTUDOS DE ÁREA

Camilla Agostini 146

FAZENDA COLONIAL COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO QUILOMBOLA: INTERPRETAÇÕES, VIVÊNCIAS, SENTIDOS E NARRATIVAS SOBRE OS SÍTIOS MATA DE TAIPAS E PEDREIRA, NO VALE DO TAQUARI (RS).

Fabio Guaraldo Almeida 146

POR QUE CONSTRUIR CONCHEIROS? DIFERENTES USOS E FUNÇÕES DAS CONCHAS ENTRE OS POVOS DIOLA DA GUINÉ BISSAU

Bruno Pastre Máximo 146

SOBRE A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DO KIT PEDAGÓGICO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO (ACERVO MAE-USP)

Patricia Marinho de Carvalho..... 147

TECNOLOGIAS AFRODIASPÓRICAS DA MINERAÇÃO: A REVISÃO DOS CONCEITOS NO MORRO DA QUEIMADA, SERRA DE OURO PRETO MG

Marcia Arcuri
Marcelo Fagundes..... 147

MODALIDADE: APRESENTAÇÕES ORAIS AVULSAS

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

ACERVOS ARQUEOLÓGICOS PRESERVADOS EM MUSEUS COMO OBJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Darlan Pereira Cordeiro..... 150

LICENCIAMENTO AMBIENTAL, IMPACTOS AO PATRIMÔNIO E O MUSEU-SOLUÇÃO

Ilza Carla Favaro de Lima..... 150

PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO: CAMINHOS DO MAP- UFPI NA GESTÃO DO MUSEU

Kamila Carvalho Feitoza
Camilly Santana Nascimento 151

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS: DA ELABORAÇÃO À REVISÃO DA PORTARIA IPHAN Nº 196/2016

Ana Paula da Rosa Leal
Thiago Berlanga Trindade
Raquel da Silva Santos 151

REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE A EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA COISAS DE PESCADOR.

Sharon Sarah Costa Silva 152

VIRTUALIZAÇÃO DOS ACERVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Victor Nery Canadas Pedroso
Luana da Silva Sposito
André Strauss
Rodrigo Elias de Oliveira
Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos 152

EIXO: Arqueologia Amazônica

ARQUEOLOGIA DOS DIÁLOGOS AFROINDÍGENAS: OS KA'APOR E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA MARANHENSE

Fernanda Lopes Viana..... 153

CRIAÇÃO INTENCIONAL DE TERRA PRETA NA AMAZÔNIA ANTIGA

Morgan Jason Schmidt
Helena Pinto Lima
Bruna Cigaran da Rocha..... 154

EIXO: Arqueologia Colaborativa

PARA ALÉM DAS TERRAS, QUE FAÇAMOS O EXERCÍCIO DE ESCAVARMOS NOSSAS PRÓPRIAS CATEGORIAS

Thamyres da Silva Pacheco
Luana Rodrigues Nascimento 154

EIXO: Arqueologia da Diáspora africana

DO OUTRO LADO DA KALUNGA GRANDE: COSMOGRAMAS, QUILOMBOS E A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA CENTRO-AFRICANA EM MINAS GERAIS

Luís Cláudio Pereira Symanski..... 155

ENTRE PRATOS E TIGELAS: A VARIABILIDADE MORFOLÓGICA DA CERÂMICA VIDRADA NA FAZENDA DO COLÉGIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, ENTRE 1700 - 1920.

Rafael Nery Farah..... 155

HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESCRAVIZADOS NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS: UMA ANÁLISE ZOOARQUEOLÓGICA

Daniela Magalhães Klökler 156

EIXO: Arqueologia do povoamento

NOVAS CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE A ANTIGUIDADE DAS OCUPAÇÕES HUMANAS DO SETOR MERIDIONAL DA BACIA DO PRATA

Rodrigo Costa Angrizani
Eduardo Apolinaire..... 156

EIXO: Arqueologia do presente

VIVENCIANDO AS MATERIALIDADES DO TERROR: REFLEXÕES SOBRE O POTENCIAL DAS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS IMPLEMENTADAS DURANTE A ESCAVAÇÃO DO DOI-CODI/SP

Caroline Murta Lemos
Elton Rigotto Genari
Tuanny Lima Victor
Patrícia Cristina Bertozzo..... 157

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS: PARA ALÉM DA PAMPULHA (BH-MG) VINICIUS SIQUEIRA, LILIAN PANACHUK

Vinicius Siqueira de Freitas
Lilian Panachuk 158

UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE "PELOTAS,RS"

Leonardo Pinto Oliveira
Gustavo Peretti Wagner..... 158

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

CADASTRAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SERRANA (SC) NO SICG

Ana Lucia Herberts..... 159

DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO EM SANTA CATARINA

Geovan Martins Guimarães
Bruna Cataneo Zamparetti 159

LEITURAS DO MUNDO MATERIAL - PRÁTICAS EM UM LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA

Elton Rigotto Genari
Patrícia Cristina Bertozzo..... 160

LETRAMENTO ACADÊMICO EM ARQUEOLOGIA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Livia Campbell Faleiro Coutinho
Glória Maria Vagioni Tega Calippo 160

OS DESAFIOS E A ATUAÇÃO DA EQUIPE DO IPHAN EM SANTA CATARINA

Isabela da Silva Müller Guimarães..... 161

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA, MUNICÍPIO DE TORRES/RS

Rafael Frizzo
Lucas Antonio da Silva
Gustavo Peretti Wagner..... 161

EIXO: Arqueologia Pré-colombiana

ANÁLISE TECNOLÓGICA NO CALCÁRIO: ESTIGMAS E SOLUÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Lorenza Lourenço Carvalho
Maria Jacqueline Rodet 162

EIXO: Arqueologia pré-colonial

A UTILIZAÇÃO DE ABRIGOS ROCHOSOS NO LITORAL E SERRA DO MAR NO ESTADO DO PARANÁ: POTENCIAL ARQUEOLÓGICO E PROCESSOS FORMATIVOS

Patricia Norma Lasota Moro..... 163

ANÁLISE DOS FATORES DE DEGRADAÇÃO DOS SAMBAQUIS LACUSTRES DO MUNICÍPIO DE TAVARES- RS

Iara Laura de Aragão Fernandes
Mariana Costa de Moraes Fernandes..... 163

ANÁLISE TECNOLÓGICA DOS ARTEFATOS LÍTICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO AREIAS NA MESORREGIÃO DO SÃO FRANCISCO PERNAMBUCANO

Edson de Oliveira Silva
Gustavo Neves de Souza 164

ARQUEOLOGIA REGIONAL NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM, SUL DO BRASIL: MAPEAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Jefferson Foster da Silva
Maria Eduarda Ferreira Santana
Aluísio Gomes Alves
Rafael Guedes Milheira..... 164

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DO MATERIAL LÍTICO LASCADO EM SILEXITO E ARENITO SILICIFICADO: UMA ABORDAGEM TECNOLÓGICA DO SÍTIO AREIAS DO MUNICÍPIO DE FLORESTA/PE

Gabriela Peres de Oliveira
Gustavo Neves de Souza 165

ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP 16, PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Jordana Batista Barbosa
Sibeli Viana
Julio Cezar Rubin de Rubin 166

MODELAGEM DE REDES DE MOVIMENTO NO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA, DURANTE O HOLOCENO

Fabiana Terhaag Merencio
Lucas de Melo Reis Bueno
Lucas Bond Reis
Walderes Coctá Priprá de Almeida
Thiago Umberto Pereira
Gabriela Oppitz
Fernando Silva de Almeida
Bettina Maria Denardi 166

VARIABILIDADE DA TECNOLOGIA LÍTICA ENTRE OS SÍTIOS DO VALE DO ITAJAÍ, SC: CRONOLOGIA E INSERÇÃO REGIONAL

Fernando Silva de Almeida
Lucas de Melo Reis Bueno
Thiago Umberto Pereira
Alejandra Matarrese 167

EIXO: Arqueologia subaquática

ARQUEOLOGIA MARÍTIMA NO PIAUHY: LEVANTAMENTO DOS NAUFRÁGIOS AO LONGO DO LITORAL DO PIAUÍ E CALHA DA PARNAÍBA, DOS SÉCULOS XIX AO XX.

Marcelo Augusto Acacio Da Silva 167

EIXO: Arte rupestre

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE GRÁFICA DOS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES DO ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL.

Kamila Rezende Firmino
Marília Perazzo Valadares do Amaral 168

O ABRIGO ARARA VERMELHA (RR): CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA ARTE RUPESTRE NA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO - HOLOCENO.

Marta Sara Cavallini..... 168

SOBRE LAPAS PINTADAS DO CORPO-TERRITÓRIO XAKRIABÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE PINTURAS RUPESTRES DO VALE DO PERUAÇU EM DIALOGO COM A FILOSOFIA XAKRIABÁ

Lucas Morais D'Assumpção Soares..... 169

EIXO: Ecologia Histórica

ARQUEOBOTÂNICA NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO: O ABRIGO DO JON, TOCANTINS, NO HOLOCENO INICIAL

Monique Piacentini
Lucas de Melo Reis Bueno
Nivaldo Peroni..... 170

EIXO: Estudos de Tecnologia

ANÁLISES GEOESPACIAIS DOS SÍTIOS TUPI NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Gabriela Santos Cavalcante
Ângelo Alves Corrêa 170

ARQUEOLOGIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM RETOQUE INTERPRETATIVO SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DO RS-I-69- LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro
Camile Urban
Gustavo Peretti Wagner..... 171

EIXO: Etnoarqueologia

ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL, ETNOGÊNESE E TROCA DE SABERES: UM DIÁLOGO COM OS BORUM-KREN DE MINAS GERAIS

Matheus Lucas Arcanjo..... 171

EIXO: Goearqueologia

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS GEOQUÍMICOS DOS MONTÍCULOS DO PONTAL DA BARRA, PELOTAS-RS

Gabriel Procópio Nunez Silva
Ximena Suarez Villagran
Aluísio Gomes Alves
Rafael Guedes Milheira..... 172

EIXO: Outros

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL PARA O ESTUDO DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS LASCADAS ASSOCIADAS À CULTURA ARQUEOLÓGICA GUARANI: O SÍTIO URUGUAI 1 – RS

Jade Paiva de Lima..... 172

CURRÍCULO E IDENTIDADES: APROXIMAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE EM NOVA OLINDA-CE

Pedro Adjedan David de Sousa 173

PERFIS DA COMUNIDADE PROFISSIONAL ARQUEOLÓGICA NO BRASIL: NOVOS RESULTADOS

Kelly Brandao Vaz da Silva	
Meliam Viganó Gaspar	
Aline Gonçalves de Freitas	
Marcia Bezerra de Almeida	
Camila Azevedo de Moraes Wichers	174

EIXOS: Sambaquis

COMUNIDADE SAMBAQUIANA DA PRAIA DAS CONCHAS: DOMESTICIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Marcia Barbosa da Costa Guimarães	174
---	-----

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SAMBAQUI CUBATÃO I: REFLEXÕES PRELIMINARES

Dione da Rocha Bandeira	
Fernanda Mara Borba	175

DISTRIBUIÇÃO E OCORRÊNCIA DOS SAMBAQUIS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Jasiel Neves	176
--------------------	-----

ESTUDO DA ARQUITETURA E IMPORTÂNCIA CULTURAL DA CANOA BARRETA NO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DO MAR - SÃO FRANCISCO DO SUL - SC.

Hamilton Marcelo Moraes Lins Junior	176
---	-----

EIXO: Teoria e método

PENSAR COM AS MÃOS: CRIAR VÍNCULO MATERIAL NA PROPOSIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Lilian Panachuk	176
-----------------------	-----

TEMPORALIDADE NA PESQUISA NO ALTO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS - DATAÇÕES POR 14C E LOE DOS SÍTIOS EM SERRA NEGRA

Marcelo Fagundes	177
------------------------	-----

CONFRONTANDO O PÚBLICO: DIÁLOGOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS.

Mariana Costa de Moraes Fernandes	
Luiz Alberto Silveira da Rosa	
Iara Laura de Aragão Fernandes	177

MODALIDADE: APRESENTAÇÃO DE PÔSTER

EIXO: Arqueobotânica

ABRIGO DO JON, SERRA DO LAJEADO, TOCANTINS: UM ESTUDO DO USO DO FOGO E DAS ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO

Isabelle Cristina Doble de Souza	
Nivaldo Peroni	
Lucas de Melo Reis Bueno	179

O USO DE FITÓLITOS PARA RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA GRANDE DAS QUEIMADAS, PIAUÍ, BRASIL.

Roberta Maciel Pacheco Valente	
Heloisa Helena Gomes Coe	
Karina Ferreira Chueng	
Aline Gonçalves de Freitas	
David Oldack Barcelos Ferreira Machado.....	179

RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MATÃO (MG), ATRAVÉS DA ANÁLISE DE FITÓLITOS

Karina Ferreira Chueng	
Heloisa Helena Gomes Coe	
David Oldack Barcelos Ferreira Machado	
Roberta Maciel Pacheco Valente	
Cátia Pereira dos Santos	
Marcelo Fagundes.....	180

UM CONCEITO MENOS PANC: A RELAÇÃO DAS “PLANTAS DO PASSADO” ENTRE AS VENDEDORAS DO MERCADÃO 2000 EM SANTARÉM, PARÁ.

Ádyla Wilsianandra Valente de Souza	180
---	-----

“YENIPAWA”: TRAÇOS QUE ESCREVEM UMA HISTÓRIA, TRAÇOS QUE FORTALECEM UMA IDENTIDADE

José Willon da Rocha Sampaio	
Marlete Costa Dias	181

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

ARQUEOLOGIA NO CEARÁ: DESAFIOS DA GESTÃO DE ACERVO ARQUEOLÓGICO EM FORTALEZA.

Lívia Thiciane Viana Almeida.....	182
-----------------------------------	-----

MARSUL: UM MUSEU EM RECONSTRUÇÃO

Antonio Carlos Soares	
Cleiton Silva da Silveira	182

MUSEALIZAÇÃO DO VASO DE CERÂMICA KERO DA CULTURA TIHUANACO, NO MAEA-UFJF

Luciane Monteiro Oliveira	
Gabriel Rodrigues Silva.....	183

MUSEUS MUNICIPAIS, ACERVOS DESCENTRALIZADOS E ARQUEOLOGIA ANTICOLONIAL

João Vítor Marcon Camargo	183
---------------------------------	-----

PROJETO GECON-ACERVOS: A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DA COLEÇÃO MUHSE

Thais Andrade Santos	
Marcia Barbosa da Costa Guimarães	
Adriano Viana dos Passos	
Clarisse de Almeida Costa.....	184

UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO REMUNERADA PARA UM ESTUDANTE DE ARQUEOLOGIA. A COLEÇÃO FITTERLING, CRISE E MEGAMINERAÇÃO NA PATAGÔNIA

Matías Javier Kalina	184
----------------------------	-----

EIXO: Arqueologia Amazônica

ANÁLISE E RECONSTITUIÇÃO NO TEOTÔNIO: REMONTANDO PEÇAS EM GRANDES SÍTIOS CERÂMICOS

Gabriela Oliveira Mello 185

EIXO: Arqueologia Colaborativa

ARQ-A-TON: UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA WIKIPÉDIA

Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre
Michelle Mayumi Tizuka 185

TRABALHO COOPERATIVO ENTRE ESTUDANTES DE ARQUEOLOGIA . O CASO DA COOPERATIVA AQUEOTERRA E DO PROJETO ISLA MARTIN GARCIA

Matías Javier Kalina 186

EIXO: Arqueologia da Diáspora africana

A MATERIALIDADE DA DESUMANIZAÇÃO - ARQUEOLOGIA DE UMA HUMANIDADE VILIPENDIADA

Vinicius Siqueira de Freitas 186

NÃO HÁ COMO NEGAR A VOCAÇÃO QUILOMBOLA DO BAIRRO DO BIXIGA. SALVE SARACURA!

Patricia Marinho de Carvalho..... 187

O APAGAMENTO DA CULTURA AFRICANA NA CIDADE DE SÃO PAULO: PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS E HISTORIOGRÁFICAS

Laura Lisboa de Freita
André Strauss
Rodrigo Elias de Oliveira
Veronica Wesolowski de Aguiar e Santo..... 187

PAISAGENS ANCESTRAIS: OS ABRIGOS COM PINTURAS RUPESTRES HISTÓRICAS NA SERRA DO ESPINHAÇO - MG

Hugo Sales Rafael 188

VIVENDO E CONTANDO SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS: NOVA GERAÇÃO DE ARQUEÓLOGUES QUILOMBOLAS NA UFOPA.

Patricia Marinho de Carvalho..... 188

EIXO: ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

A NATUREZA COMO ARTEFATO ARQUEOLÓGICO: DEFINIÇÕES E LIMITES TEÓRICO-PRÁTICOS FRENTE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

João Paulo Soares Silva (Universidade Estadual de Campinas..... 189

CORINTHIURBANISMO: FORÇA DEMOCRÁTICA, TIME E TORCIDA NA FORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO (SP/BR)

Felipe Leandro Ramos 189

PAISAGEM ARQUEOLÓGICA NA SERRA DE IUIÚ/BAHIA.

Manuel Dimitri de Almeida Gomes
André Strauss
Haruan Straioto 189

UTILIZAÇÃO DE GEOPROCESSAMENTO NA LOCALIZAÇÃO DE POTENCIAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS A CAMBOAS DE PEDRA NO LITORAL MARANHENSE

Thales Castro Brandão Vaz dos Santos 190

EIXO: ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

NOTAS SOBRE UMA ARQUEOLOGIA DO CANGAÇO A PARTIR DO GÊNERO FEMININO: ARMAS, PODER E HIERARQUIA

Luciana Alves Costa..... 191

PARA ALÉM DO ANTIQUARISMO E PROCESSUALISMO: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE GÊNERO EM STONEHENGE

Sofia Helena Cardoso Rodrigues..... 191

EIXO: Arqueologia Decolonial

AUTOETNOGRAFIA: UMA TRAJETÓRIA DE PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS ESTRANHANDO O FAMILIAR E PERCIBENDO PENSAMENTOS COLONIALISTAS EM NARRATIVAS ARQUEOLÓGICAS, NA MOSTRA GOIÁS: 11 MIL ANOS, DO IPHAN DE GOIÁS

Matheus Martins de Araujo 192

EIXO: Arqueologia do povoamento

CAVIDADES NATURAIS COMO ESPAÇOS DE SEPULTAMENTO INDÍGENAS CARIRI: O CASO DO SÍTIO SERROTE DOS OSSOS, CARAÚBAS, PARAÍBA.

Arthur Franklin Ferreira Lopes 192

EIXO: Arqueologia do presente

ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E DA RESISTÊNCIA COMO ARQUEOLOGIA PÚBLICA: EXPERIÊNCIAS NA ESCAVAÇÃO DO ANTIGO DOI-CODI/SP

Elton Rigotto Genari
Caroline Murta Lemos
Tuanny Lima Victor
Patrícia Cristina Bertozzo..... 193

MEU AMOR, MEU LEGADO – A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA ATRAVÉS DOS SENTIDOS NA TORCIDA DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE.

Aline de Oliveira Pinto Teixeira 193

POR UMA ARQUEOLOGIA DOS CENTROS DE DETENÇÃO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Caroline Murta Lemos 194

“AS RUÍNAS SÃO RESTOS, MAS NÃO DO QUE ACABA”: (RE) PENSAR A OCUPAÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO DA UFJF À GUIA DA MEMÓRIA COLETIVA E NARRATIVAS ORAIS

Luciane Monteiro Oliveira
Caroline de Paula Egidio..... 194

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOTOPONÍMIA DO CERCADO

Yanna Alves Miranda
Ângelo Alves Corrêa 195

CULTURA MATERIAL NO JARDIM PALACIANO

Marcia Regina Escorteganha..... 195

POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DE FAIANÇAS FINAS PROVENIENTES DE CONTEXTOS “PROBLEMÁTICOS”: O CASO DO PROJETO DE LEVANTAMENTO E MONITORAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO CRISTÓVÃO-SE

Rayanne Lopes Soares
Bruna Luiza Ferreira Silva
Débora Anelli Silva
Marlon Venicius Carneiro de Freitas
Ívinny Vitória Braga Portela
Arthur Mathias Solti
Josynadlla do Rosario Silva..... 196

SOB A LUZ DE UM FAROL: ARQUEOLOGIA DA FOZ DO RIO SÃO FRANCISCO

Darly Anderson Calumby..... 197

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

AS AÇÕES EXECUTAS ENQUANTO “SOCIALIZAÇÃO” DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO BRASILEIRO NOS PROJETOS APROVADOS PELO IPHAN

Thiago Berlanga Trindade
Ana Paula da Rosa Leal 197

CONSTRUINDO CONEXÕES CULTURAIS: O PAPEL DO GEPAR NA SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO ATRAVÉS DOS AGENTES CULTURAIS

Cássia Aparecida de Moraes Barboza
Marina Sousa Soares
Kamila Carvalho Feitoza
Estephanie Laura de Santana 198

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO UM VIÉS DE ENSINO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DO PIAUÍ

Marina Sousa Soares
Cássia Aparecida de Moraes Barboza
Estephanie Laura de Santana
Kamila Carvalho Feitoza..... 198

EXTROVERSÃO DO CONHECIMENTO IN SITU: A FORMAÇÃO PRÁTICA DO EDUCADOR PATRIMONIAL EM CONTATO DIRETO COM OS AGENTES CULTURAIS

Estephanie Laura de Santana
Marina Sousa Soares
Cássia Aparecida de Moraes Barboza
Kamila Carvalho Feitoza..... 199

MAPA ARQUEOLÓGICO DE PARINTINS - MAPARQPIN: EXPANDINDO OS LIMITES

Carlos Victor Souza Gomes
Clarice Bianchezzi 199

MUSEUS-ESCOLAS E ESCOLAS NOS MUSEUS: UM PROJETO ARQUEOLÓGICO DE EDUCAÇÃO POPULAR

João Vítor Marcon Camargo 200

NA TRILHA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS

Clarice Bianchezzi 200

O CAMINHO PARA O SÍTIO: UMA MOSTRA DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELO GEPAR/UFPI EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PIAUÍ E A SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.

Kamila Carvalho Feitoza
Marina Sousa Soares
Cássia Aparecida de Moraes Barboza
Estephanie Laura de Santana 201

O PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CAMBURI NO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

João Paulo Soares Silva 201

O USO DA INTERNET COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Cássia Aparecida de Moraes Barboza
Marina Sousa Soares
Kamila Carvalho Feitoza..... 202

EIXO: Arqueologia Pré-colombiana

ABORDAGEM RADIOCARBÔNICA NA REVISÃO DAS CRONOLOGIAS ESTILÍSTICAS DAS CULTURAS ARQUEOLÓGICAS DO VALE DE LAMBAYEQUE, COSTA NORTE PERUANA.

João Marcus Bacurau
André Strauss
Ana Claudia Albuquerque Borella
Rui Sergio Sereni Murrieta
Rodrigo Elias de Oliveira 203

PAISAGEM CÍCLICA, LUGARES DE RETORNO: UM ESTUDO DE RESILIÊNCIA CULTURAL EM CERRO VENTARRÓN, LAMBAYEQUE, PERU

Marcelo Fagundes
Marcia Arcuri 203

EIXO: Arqueologia pré-colonial

À CÉU ABERTO, EM PROFUNDIDADE: MÉTODOS DE PROSPECÇÃO E ANÁLISE LÍTICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA BOA VISTA, NO NORTE DE MINAS GERAIS.

Igor Marinho Costa Oliveira
Maria Jacqueline Rodet 204

A TRADIÇÃO CERAMISTA ARATU E TUPI NO CONTEXTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CHÃ DAS LARANJEIRAS, PILÕESZINHOS - PB

Thamires Silva Cavalcante
Arthur Franklin Ferreira Lopes
Juvandi De Souza Santos..... 204

ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO DO CERRITO PSG20- PAVÃO 1.

Maria Eduarda Ferreira Santana (UFPEL), Jefferson Foster da Silva (Universidade Federal de Pelotas) 205

ANÁLISE DOS VESTÍGIOS LÍTICOS IDENTIFICADOS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO JERÔNIMO, SÃO FERNANDO/RN.

Pedro Augusto Formiga
Eduardo Alves dos Santos 205

APONTAMENTOS TECNO-CULTURAIS SOBRE OS ADORNOS DE SILTITO FERRUGINOSO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado 206

CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DOS SÍTIOS DE PALESTINA DE GOIÁS: RESULTADOS PRELIMINARES DA RETOMADA

Lourrany Alves Carrijo
Camila Azevedo de Moraes Wichers 206

EVIDÊNCIA DE QUEBRA INTENCIONAL DE VASILHAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DE POVOS TUPI

Letícia Maria Marques Castelo Branco
Ângelo Alves Corrêa 207

FRAGMENTOS E INDÍCIOS: A PERCEPÇÃO DA OCUPAÇÃO ATRAVÉS DE DIFERENTES MARCAS

Thamyres da Silva Pacheco
Lavínia Botelho e Brito
Henrique Moreira Duarte Piló
Maria Teresa Teixeira de Moura 207

IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS E COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS PRÉ-COLONIAIS NO MUNICÍPIO DE CLÁUDIO (MG) E REGIÃO

Carolina Ferreira dos Santos
Júlia Martins Anacleto
Juliana de Resende Machado
Fabrício Lisboa Vieira Machado
Mariana de Resende Machado..... 208

INDÚSTRIAS LÍTICAS DE SUPERFÍCIE: A FATIAGEM DE SEIXOS (MUNICÍPIOS DE LAGOA DOS PATOS E JEQUITAIÁ – MINAS GERAIS)

Beatriz Nogueira Zanon
Arthur da Silva Campos..... 208

MÉTODO DE PENEIRA ÚMIDA PARA AMOSTRAS ZOOARQUEOLÓGICAS EM SÍTIOS DE CONSTRUÇÕES DE CERRITOS NO SUL DO BRASIL

Andréa Jorge do Amaral Dominguez
Rafael Guedes Milheira..... 209

OUTRO UMBU NA ENCOSTA DA SERRA GAÚCHA: O SÍTIO CHIMARRÃO 1

Silvia Aline Pereira Dagostim
Juliano Bitencourt Campos
Paulo DeBlasis 209

PONTAS BIFACIAIS E LESMAS MINIATURIZADAS DE PLANALTINA E ÁGUA FRIA DE GOIÁS/GO: RESULTADOS PRELIMINARES DO ESTUDO TECNOLÓGICO DE UMA INDÚSTRIA LÍTICA DE CAÇADORES-COLETORES

Juliana de Souza Cardoso 210

UMALENTE SOBRE AS UNIDADES PREENSIVAS DAS FERRAMENTAS LÍTICAS DO SÍTIO GO-CP-16

Elisa Maria Da Silva 210

UMA VELHA ALDEIA EM UMA VELHA LAGOA – O ESTUDO DO SÍTIO LAGOA DA VELHINHA.

Juliano Bitencourt Campos
Silvia Aline Pereira Dagostim
Paulo DeBlasis 211

VARIABILIDADE ARQUEOLÓGICA ENTRE O MÉDIO ARAGUARI E A COSTA ESTUARINA DO AMAPÁ

Rian Patrick Portilho Meneses
Bruno de Souza Barreto 212

EIXO: Arqueologia preventiva

ARQUEOLOGIA PREVENTIVA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GUARANI AMARÍLIS – PELOTAS – RIO GRANDE DO SUL.

Victória Ferreira Ulguim
Luciana da Silva Peixoto 212

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ESTRUTURANTE NO CONTEXTO DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL. SIM, É POSSÍVEL!

Ilza Carla Favaro de Lima
Renato Kipnis 213

OS FORNOS DE CAL EM CEZARINA - GO E REGIÃO

Maria Keiko Yamauchi 213

PRESERVAÇÃO IN SITU OU RESGATE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FRENTE A EMPREENDIMENTOS DE MINERAÇÃO NO CENTRO DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Rogério Tobias Junior
Lara Liz Marques Peixoto e Souza 214

RECADASTRAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DE PELOTAS, ARROIO DO PADRE, CAPÃO DO LEÃO E MORRO REDONDO

Ana Carolina Sprenger
Luciana da Silva Peixoto 214

RESULTADOS DO PROGRAMA DE RESGATE E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO NA PCH VERDE 02, RIO VERDE/GO.

Sergia Meire da Silva..... 215

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASCATA DO MACACO BRANCO

Luis Vinicius Sanches Alvarenga..... 215

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CEMITÉRIO CRUZ DAS ALMAS

Luis Vinicius Sanches Alvarenga..... 216

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAVIDADES NA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Lara Liz Marques Peixoto e Souza
Rogério Tobias Junior 217

EIXO: Arqueologia subaquática

ARQUEOASTRONOMIA NO MORRO DA GALHETA EM FLORIANÓPOLIS/SC

Adnir Antonio Ramos..... 217

CARTA NÁUTICA ARQUEOLÓGICA DOS NAUFRÁGIOS DA REGIÃO DOS LAGOS NO RIO DE JANEIRO

Carlos Celestino Rios e Souza
Lucimar Souza Cunha
Eduardo Kremper
Daniela Cisneiros
Marília Perazzo Valadares do Amaral 218

EIXO: Arqueologia urbana

BEM AO LADO DO MONUMENTO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: APAGAMENTO DE MEMÓRIAS FEMININAS E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO INSTITUTO BOM PASTOR. O QUE A MATERIALIDADE PODE NOS MOSTRAR?

Angélica Aparecida Moreira da Silva 218

EIXO: Arqueometria

CACOS PELA CIDADE: DO QUE É FEITA A FAIANÇA FINA?

Camila Pedron del Pozo Gregorio
Marcia de Almeida Rizzutto..... 219

INVESTIGAÇÃO DE TECNOLOGIA CERÂMICA POR TRÁS DE MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ATRAVÉS DE TÉCNICA ANALÍTICA NÃO DESTRUTIVA

Pedro Henrique Borges da Silva
Marcia de Almeida Rizzutto
Fabio Guaraldo Almeida 220

EIXO: Arte rupestre

ANÁLISES ARQUEOMÉTRICA DOS PIGMENTOS DA ARTE RUPESTRE NA SERRA NO LAJEADO- TOCANTINS.

Marcia Regina Escorteganha
Lucas de Melo Reis Bueno
Thiago Guimarães Costa..... 220

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE SÍTIOS COM REGISTROS RUPESTRES NO ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

Marilia Perazzo Valadares do Amaral 221

EXPLORANDO OS MISTÉRIOS DOS GRAFISMOS ANCESTRAIS EM SÍTIOS DE PINTURAS ITACOATIARAS: ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA, DE SIMILARIDADE E COGNITIVA NOS SÍTIOS TOCA DO TAPUIO, TOCA DO TAPIM E TOCA DO ÍNDIO, CAETITÉ - BAHIA

Willian Pereira Leal..... 221

FAZENDO FIGURAS: CRONOLOGIA

Amanda Trindade Diniz
Larissa de Oliveira Magalhães
Rogério Tobias Junior
Andrei Isnardis Horta 222

FAZENDO FIGURAS: DIREÇÕES DOS TRAÇOS

Larissa de Oliveira Magalhães
Amanda Trindade Diniz
Andrei Isnardis Horta
Rogério Tobias Junior 222

FAZENDO FIGURAS: TESSITURAS E ENGAJAMENTOS EM FOCO

Andrei Isnardis Horta
Rogério Tobias Junio
Larissa de Oliveira Magalhães
Amanda Trindade Diniz 223

FAZENDO FIGURAS: TRAÇOS E MARCAS

Rogério Tobias Junior
Andrei Isnardis Horta
Larissa de Oliveira Magalhães
Amanda Trindade Diniz 223

LEVANTAMENTO DOS AGENTES DE DEGRADAÇÃO DOS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL DO CATIMBAU - PE

Gustavo Peixoto de Lima 224

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS GRAFISMOS NA TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA, SERRA DA CAPIVARA, PI.

Caroline Augusta de Carvalho Macedo..... 224

SEGREGAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES GRÁFICOS DAS CENAS COM ÁRVORES NOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA SERRA DA CAPIVARA – PI

Keterini Anastácio Lima
Daniela Cisneiros 225

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS GRAFISMOS PUROS PINTADOS E GRAVADOS NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO PARQUE NACIONAL VALE DO CATIMBAU - PE

Anderson Luiz Silva de Oliveira
Daniela Cisneiros 225

SIMILARIDADES E DIFERENÇAS DAS CENAS DE SEXO NOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA (PI) E SERIDÓ (RN).

Isabela Maia Ramos
Daniela Cisneiros 226

TINTAS EMARANHADAS: SINCRONIA NAS PINTURAS RUPESTRES DA LAPA DO BOI (DIAMANTINA/MG)

Larissa de Oliveira Magalhães 226

EIXO: Bioarqueologia

AGENTES TAFONÔMICOS E PADRÕES DE DETERIORAÇÃO NOS SEPULTAMENTOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIXA D'ÁGUA (BURITIZEIRO – MINAS GERAIS).

Ana Claudia Albuquerque Borella
Rodrigo Elias de Oliveira
Maria Jacqueline Rodet
João Vítor Marcon Camargo
Laura Lisboa de Freitas
André Strauss 227

ASPECTOS BIOANTROPOLÓGICOS DE REMANESCENTES HUMANOS ASSOCIADOS ÀS URNAS DE TRADIÇÃO TUPIGUARANI DE SOROCABA E REGIÃO

Mateus Lopes Teixeira
André Strauss
Rodrigo Elias de Oliveira 228

COLEÇÃO DE REFERÊNCIA OSTEOLÓGICA FAUNÍSTICA, COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA IDENTIFICAÇÃO DOS VESTÍGIOS FAUNÍSTICOS ENCONTRADOS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO: ATROPELAMENTOS, ENTORNO DO CORREDOR ECOLÓGICO DOS PARQUE E RESERVAS (BR 020 E PI 140)

Gilberto Sant Ana Silva 228

EIXO: Ecologia Histórica

INTERAÇÕES PESSOAS/PAISAGENS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

Natália de Oliveira Tavares 229

EIXO: Estudos de Tecnologia

A CERÂMICA É UMA MATERIALIDADE PARA ARQUEOLOGIAS FUTURAS?

Marlene dos Santos Costa 229

ANÁLISE TECNOLÓGICA DA COLEÇÃO ARTEFATUAL DO SÍTIO ARAÇÁ

Daniel Ribeiro da Silva
Ângelo Alves Corrêa 230

ARQUEOLOGIA DIGITAL NO PATRIMÔNIO URBANO AMAZÔNICO: APLICAÇÃO DE MÉTODOS DIGITAIS NO ACERVO ARQUEOLÓGICO DO CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS.

Katharine Iorranne Miná da Silva
Alessandra Santos Barros
Iana Silva Briaca 231

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DE POVOS GUARANIS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: POR UMA ARQUEOLOGIA COMO HISTÓRIA DE LONGA DURAÇÃO

Gabriela Santos Cavalcante
Ângelo Alves Corrêa 231

EXPLORANDO O CONJUNTO CERÂMICO GUARANI NO PARAGUAI: RESULTADOS PARCIAIS

Naira Emanuele Corrêa dos Santos Souza
Ângelo Alves Corrêa 232

MAPEAMENTO GPR 3D NA BUSCA POR VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NO SÍTIO GO-JA-02 EM SER-RANÓPOLIS/GO

Isabela Resende Almeida 232

NAVEGAÇÃO E ARTEFATOS NÁUTICOS INDÍGENAS NOS LITORAIS QUINHENTISTAS

Jefferson Foster da Silva
Gustavo Peretti Wagner 233

REALIZAÇÃO DE TESTES EM SOFTWARE PARA VETORIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS 3D EM PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP-16- PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Willian Pereira Leal 233

TECNOLOGIA E MOVIMENTO: O FLUXO DE IDEIAS ENTRE SÍTIOS LÍTICOS EM ABRIGOS E A CÉU-ABERTO NO ALTO E MÉDIO VALE DO RIO TOCANTINS.

Juliana Betarello Ramalho
Lucas de Melo Reis Bueno 234

EIXO: Etnoarqueologia

ESPACIALIDADES CIGANAS NAS LAGOAS DO CARSTE: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO SOBRE OS CALONS DO CARSTE DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS

Hugo Sales Rafael
Alenice Maria Motta Baeta 234

EIXO: Goearqueologia

ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASUALIDADE (TOURO PASSO - RS).

Ítalo Marques de Castro
Camile Urban
Gustavo Peretti Wagner 235

ANÁLISE GEOARQUEOLÓGICA DE SEDIMENTOS E SOLOS ANTRÓPICOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ E ALTO XINGU: RESULTADOS PRELIMINARES

Bettina Maria Denardi
Morgan Jason Schmidt
Lucas de Melo Reis Bueno 235

ARQUEOLOGIA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: DADOS PRELIMINARES SOBRE AS INTERVENÇÕES NO SÍTIO TAIM 11

Gabriel Procópio Nunez Silva
Ximena Suarez Villagran
Carla Alexandra Bica-Méndez..... 236

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO NÚCELO F, SERRANÓPOLIS - GOIÁS (BRASIL)

Flávio César Gomes de Oliveira 236

GRAFISMO RUPESTRE OU INTEMPERISMO? ESTUDO GEOARQUEOLÓGICO EM CAVIDADES NATURAIS NO AMBIENTE COSTEIRO MARINHO DE GAROPABA, SANTA CATARINA, BRASIL.

Leandro De Paula Neto..... 237

UMA PERSPECTIVA GEOARQUEOLÓGICA SOBRE OS IMPACTOS INCIDIDOS PELA ATIVIDADE DE DEBITAGEM NAS MATÉRIAS PRIMAS DO SÍTIO RS-I-69- LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro
Camile Urban
Gustavo Peretti Wagner..... 237

EIXOS: Outros

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS: PARA ALÉM DA PAMPULHA

Nicole Mara Vieira Dias dos Santos..... 238

ARQUEOLOGIA NO FUTURO DE HORIZON ZERO DAWN

Vitor Murilo Ferreira Sampaio
Bruno Sanches Ranzani da Silva..... 238

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE PRÍNCIPES E PRINCESAS NO ANTIGO CONVENTO DO CARMO, RIO DE JANEIRO.

Daniela Maria Alves 239

COLORINDO O CONTINENTE BRANCO: NARRATIVAS ALTERNATIVAS EM ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Ana Karolina de Amorim Santos
Fernanda Codevilla Soares 239

É MEME! ARQUEOMEMOLOGIA: DIVULGAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTIFICO NAS REDES SOCIAIS.

Maria Eduarda Ferreira Santana
Jefferson Foster da Silva..... 240

ENTRE RABISCOS E BALÕES: NARRATIVAS ALTERNATIVAS EM ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Maria Victoria costa Silva
Fernanda Codevilla Soares
Nyskaline Nascimento da Fonseca 240

MAPPA GEOGRÁFICO DA CAPITANIA DO PIAUHY DE 1760, ELABORADO POR HENRIQUE ANTÔNIO GALÚCIO

Lauro Rodrigo Oliveira Teixeira
Ângelo Alves Corrêa 241

O MÉDIO VALE DO RIO TOCANTINS DURANTE O HOLOCENO RECENTE: ANÁLISES DAS OCUPAÇÕES CERAMISTAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ABRIGO DO JON E SHANGRI-LÁ

Lorena Ferreira Nogueira
Lucas de Melo Reis Bueno
Thiago Umberto Pereira 241

OS DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DE DESENVOLVER UMA EMPRESA JÚNIOR DE ARQUEOLOGIA NO PIAUÍ

Gabriella Silva dos Santos
Maria Eduarda Lima Teixeira
Carlos Daniel da Cruz Carvalho 242

PESQUISA SOBRE MÉTODOS PARA RESTITUIR A LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CADASTRADOS

André Argollo de Aguiar 242

PLAY ANTÁRTICA: UM ARCHEOGAMING SOBRE O ÚLTIMO CONTINENTE

Bianca da Silva Alves
Fernanda Codevilla Soares
Yuri Correia Cardoso 243

RESULTADO DO PROJETO DE RECADASTRAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NOS MUNICÍPIOS DE CAVALCANTE, COLINAS DO SUL, MINAÇU, QUIRINÓPOLIS, SERRANÓPOLIS E PORANGATU, ESTADO DE GOIÁS.

Sergia Meire da Silva 243

TRILHA CERRITEIRA: ESTRATÉGIA LÚDICA NO APRENDIZADO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CERRITOS

Luciana da Silva Peixoto
Victória Ferreira Ulguim 244

EIXO: Sambaquis

DENTE POR DENTE – ESTUDO DE UM SEPULTAMENTO SECUNDÁRIO NO SAMBAQUI DE PIÇARRAS 1.

Juliano Bitencourt Campos
Sílvia Aline Pereira Dagostim
Paulo DeBlasis 245

NOTÍCIA DAS ESCULTURAS LÍTICAS POLIDAS DO BRASIL MERIDIONAL SOB A GUARDA DO MUSEU NACIONAL-UFRJ

Ivana Carvalho Oricchio (Museu Nacional/UFRJ), Angela Maria Camardella Rabello (Museu Nacional UFRJ), Mariana Costa Duarte Ferreira (UFRJ), Ana Luiza Castro do Amaral (Museu Nacional/UFRJ), Pedro Luiz Diniz Von Seehausen (UFRJ), Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira (MUSEU NACIONAL-DEPTO. DE ANTROPOLOGIA-SETOR DE ARQUEOLOGIA)....
..... 245

SAMBAQUIS NA BACIA DO RIO GUARAGUAÇU, PARANÁ: ARQUEOLOGIA COSTEIRA NO SUL DO BRASIL

Claudia Inês Parellada..... 246

EIXO: Teoria e método

**EXPLORANDO ABORDAGENS DIGITAIS NA ARQUEOLOGIA: MAPEAMENTO E ESCAVAÇÃO DE CER-
RITOS NO SUL DO BRASIL**

Aluísio Gomes Alves
Gabriel Procópio Nunez Silva
Rafael Guedes Milheira..... 246

**REVELANDO O PASSADO SOB NOSSOS PÉS: UM ESTUDO DE ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL SOBRE
PISOTEAMENTO.**

Leticia Gonçalves Santos Moura
Clícia Costa Santana 247

EIXO: Zooarqueologia

**MATERIALIDADE HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA ASSOCIADA AOS BICHOS DE CASCO (QUELÔNIOS):
NA VÁRZEA DO ARITAPERÁ REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS-PARÁ.**

Emilly Monique Leme Dos Santos 247

MODALIDADE: LANÇAMENTO DE LIVROS

EIXO: Arqueologia da paisagem

HISTORICAL ECOLOGY AND LANDSCAPE ARCHAEOLOGY IN LOWLAND SOUTH AMERICA

Rafael Guedes Milheira
Andre Carlo Colonese..... 250

EIXO: Arqueologia de gênero

**ARQUEOLOGIA DE GÊNERO NAS CIDADES DE PELOTAS - RS - BRASIL E HABANA VIENA - CUBA /
SÉCULO XIX**

Karla Maria Fredel..... 250

EIXO: Arqueologia do presente

OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS QUE CRIAMOS COM OS GARIMPOS

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz 251

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA BRASILEIRA

Luís Cláudio Pereira Symanski..... 251

EIXO: Estudos de Tecnologia

MEMÓRIAS TÉCNICAS E A CONCEPÇÃO DAS PEÇAS BIFACIAIS NO PLANALTO DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Sibeli Viana 251

REALIZAÇÃO DE TESTES EM SOFTWARE PARA VETORIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS 3D EM PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP-16- PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Willian Pereira Leal..... 252

EIXO: Outros

ARQUEOLOGIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL: DIAGNÓSTICOS E PERSPECTIVAS REGIONAIS

Marcus Antonio Schifino Wittmann

Aline Gonçalves de Freitas

Luis Vinicius Sanches Alvarenga..... 252

EIXO: Teoria e método

ENTRE LUGARES (COLEÇÃO MEMÓRIAS DE PAISAGENS. RIO DE JANEIRO: ED. PAISAGENS HÍBRIDAS)

Camilla Agostini 253

MODALIDADE: LANÇAMENTO E EXIBIÇÃO DE OBRAS AUDIOVISUAIS

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

INCÊNDIO NA RESERVA TÉCNICA I DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO-UFMG

Maria Jacqueline Rodet

Sara Toja..... 255

EIXO: Arqueologia do presente

QUAL DESTES OBJETOS DEVERIA IR PARA UM MUSEU?

Renato Kipnis

Ilza Carla Favaro de Lima..... 255

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

CAMBURI RESISTE: MEMÓRIAS SOCIAIS, PATRIMÔNIO CULTURAL E CRISE CLIMÁTICA

João Paulo Soares Silva 256

O QUE É ARQUEOLOGIA?

Livia Campbell Faleiro Coutinho

Glória Maria Vagioni Tega Calippo 256

EIXO: Arqueologia preventiva

ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Luciana da Silva Peixoto 257

ATIVIDADES PRÁTICAS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Luciana da Silva Peixoto 257

DIVERSIDADE CULTURAL

Luciana da Silva Peixoto 258

OCUPAÇÃO HUMANA NO RS

Luciana da Silva Peixoto 258

REGIÃO SUL DO RS: CIDADES

Luciana da Silva Peixoto 259

RESUMOS EXPANDIDOS

Arqueologia Acervos e Museus

PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO: CAMINHOS DO MAP- UFPI NA GESTÃO DO MUSEU

Kamila Carvalho Feitoza
Camilly Santana do Nascimento 261

LICENCIAMENTO AMBIENTAL, IMPACTOS AO PATRIMÔNIO E O MUSEU-SOLUÇÃO

Ilza Carla Favaro de Lima 264

VIRTUALIZAÇÃO TOMOGRÁFICA DOS ACERVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Victor Nery
Luana Spósito
Veronica Wesolowski
Rodrigo Oliveira
André Strauss 267

Arqueologia Amazônica

CRIAÇÃO INTENCIONAL DE TERRA PRETA NA AMAZÔNIA ANTIGA

Morgan J. Schmidt
Helena Pinto Lima
Bruna Cigaran da Rocha 270

Arqueologia Colaborativa

PARA ALÉM DAS TERRAS, QUE FAÇAMOS O EXERCÍCIO DE ESCAVARMOS NOSSAS PRÓPRIAS CATEGORIAS

Luana Rodrigues Nascimento
Thamyres da Silva Pacheco 273

Arqueologia do presente

VIVENCIANDO AS MATERIALIDADES DO TERROR: REFLEXÕES SOBRE O POTENCIAL DAS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS IMPLEMENTADAS DURANTE A ESCAVAÇÃO DO DOI-CODI/SP

Caroline Murta Lemos
Elton Rigotto Genari
Tuanny Lima Victor
Patrícia Cristina Bertozzo 276

Arqueologia histórica

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS - PARA ALÉM DA PAMPULHA

Vinicius Siqueira de Freitas
Lilian Panachuk 279

UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE “PELOTAS, RS”

Leonardo Pinto Oliveira
Gustavo Peretti Wagner..... 292

Arqueologia patrimonial e pública

CADASTRAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SERRANA (SC) NO SICG

Ana Lucia Herberts..... 285

OS DESAFIOS E A ATUAÇÃO DA EQUIPE DO IPHAN EM SANTA CATARINA

Isabela da Silva Müller..... 288

LETRAMENTO ACADÊMICO EM ARQUEOLOGIA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Livia Campbell Faleiro Coutinho
Glória Maria Vagioni Tega Calippo
Rogério Brittes Pires
Alan Vilaça
Alice Silva
Bárbara Lafetá
Beatriz Targino
Carolina Carey
Carolina Matos
Edwhay Victor
Gabriele da Silva
Graziele Nazor
Lívia Radane
Maria Alice Magalhães
Nonô Arantes Lima
Samuel Perini
Vinicius Siqueira
Vivian Lins..... 289

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA, MUNICÍPIO DE TORRES/RS

Ms. Rafael Frizzo
Dr. Gustavo Wagner
Dr. Lucas Antonio da Silva..... 292

Arqueologia Pré-colombiana

ANÁLISE TECNOLÓGICA NO CALCÁRIO: ESTIGMAS E SOLUÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Lorenza Lourenço
Maria Jacqueline Rodet 295

Arqueologia pré-colonial

ANÁLISE DOS FATORES DE DEGRADAÇÃO DOS SAMBAQUIS LACUSTRES DO MUNICÍPIO DE TAVARES- RS

Iara Laura de Aragão Fernandes
Luiz Alberto Silveira da Rosa
Mariana Costa de Moraes Fernandes,
Régis Lisboa Baptista 298

ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP 16, PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Jordana Batista Barbosa
Julio Cezar Rubin de Rubin
Sibeli A. Viana..... 301

A UTILIZAÇÃO DE ABRIGOS ROCHOSOS NO LITORAL E SERRA DO MAR NO ESTADO DO PARANÁ

Patrícia Norma Lasota Moro
Laercio Loiola Brochier
Antônio Carlos Mathias Cavalheiro
Elói Bora 303

MODELAGEM DE REDES DE MOVIMENTO NO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA, DURANTE O HOLOCENO

Fabiana Terhaag Merencio
Lucas de Melo Reis Bueno
Lucas Bond Reis
Walderes Coctá Priprá de Almeida
Thiago Umberto Pereira
Gabriela Oppitz
Fernando Silva de Almeida
Bettina Maria Denardi 306

Arte rupestre

O ABRIGO ARARA VERMELHA (RR): CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA ARTE RUPESTRE NA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO – HOLOCENO.

Marta Sara Cavallini..... 309

SOBRE LAPAS PINTADAS DO CORPO-TERRITÓRIO XAKRIABÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE PINTURAS RUPESTRES DO VALE DO PERUAÇU EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA XAKRIABÁ

Lucas Morais D'Assumpção Soares..... 312

Ecologia Histórica

ARQUEOBOTÂNICA NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO: O ABRIGO DO JON, TOCANTINS, NO HOLOCENO INICIAL

Monique Piacentini
Nivaldo Peroni
Lucas Bueno..... 315

Estudos de Tecnologia

ANÁLISES GEOESPACIAIS DOS SÍTIOS TUPI NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Gabriela Santos Cavalcante
Ângelo Alves Corrêa 318

ARQUEOLOGIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM RETOQUE INTERPRETATIVO SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DO RS-I-69- LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro
Camile Urban
Gustavo Peretti Wagner..... 321

Goearqueologia

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS GEOQUÍMICOS DOS MONTÍCULOS DO PONTAL DA BARRA, PELOTAS-RS

Gabriel Procópio Silva
Ximena Villagrán
Aluísio Alves
Rafael Milheira 324

Outros

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL PARA O ESTUDO DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS LASCADAS ASSOCIADAS À CULTURA ARQUEOLÓGICA GUARANI: O SÍTIO URUGUAI 1 – RS

Jade Paiva
Antoine Lourdeau
Daniela Cisneiros 327

Sambaquis

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SAMBAQUI CUBATÃO I: REFLEXÕES PRELIMINARES

Dione da Rocha Bandeira
Fernanda Mara Borba..... 330

COMUNIDADE SAMBAQUIANA DA PRAIA DAS CONCHAS: DOMESTICIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Márcia Barbosa Guimarães..... 335

Simpósios Temáticos

ST 02 - ARQUEOLOGIA DE AMBIENTES AQUÁTICOS E COSTEIROS E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA DÉCADA DOS OCEANOS

ESTUDO DA ARQUITETURA E IMPORTÂNCIA CULTURAL DA CANOA BARRETA NO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DO MAR - SÃO FRANCISCO DO SUL - SC.

Marcelo Lins..... 338

PAISAJES MARÍTIMOS DE ROCHA, URUGUAY: UNA PRIMERA APROXIMACIÓN A LOS NAUFRAGIOS DE CABO POLONIO Y LA PALOMA

Elena Saccone 341

DISTRIBUIÇÃO E OCORRÊNCIA DOS SAMBAQUIS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Jasiel Neves..... 343

POR QUE REALIZAR ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA PARA PLANEJAMENTO DE ÁREAS PROTEGIDAS MARINHAS?

Paulo F. Bava Camargo
Fabiana Dallacorte..... 346

ST03 - ARQUEOLOGIA E HUMANIDADES DIGITAIS - EXPLORANDO A INTERSEÇÃO ENTRE O PASSADO E A TECNOLOGIA

MAPEAMENTO E TIPOLOGIA DE ESTRUTURAS DE TERRA POR MEIO DE SENSORIAMENTO REMOTO NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA, BRASIL

Cliverson Pessoa 349

STORY MAP NA CONFLUÊNCIA DOS RIOS PARNAÍBA E POTI: A FLUIDEZ DAS PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS.

Danielle Gomes Samia 352

ST 04 - ARQUEOLOGIA E O ESTUDO DE COLEÇÕES (ETNOGRÁFICAS E ARQUEOLÓGICAS) MUSEALIZADAS

COLEÇÕES DA RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA DA UNIR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM AS PERSPECTIVAS INDÍGENAS

Silvana Zuse
Igor Morais Mariano Rodrigues
Eduardo Bospalez
Carlos Augusto Zimpel Neto
Gicele Sucupira
Lediane Fani Felzke..... 356

ST 05 - ARQUEOLOGIA E OS ESTUDOS DE CULTURA MATERIAL

ARQUEOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE

Marcela Nogueira de Andrade 359

ARQUEOLOGIA DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO: O CASO DO THEATRO DA PAZ E SUAS VISAGENS

Gabriel Rodrigues Barbosa 361

O SOM ELÉTRICO DA MODERNIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES MATERIAL-DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DE GUITARRAS ELÉTRICAS

Matheus M. Mota..... 364

PREMISSAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DAS REMOÇÕES A PARTIR DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

Alejandra Saladino..... 367

ST06 - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO ESPAÇO REGIONAL - ABORDAGENS, TEMAS E PESQUISAS

ARQUEOLOGIA DO CONFLITO: A DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE GUERRA EM PERNAMBUCO VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS (1880-1940)

Priscyla Fernanda Oliveira Viana 369

PELOS CAMINHOS DA INCONFIDÊNCIA - A PARAGEM DO GUIDO E O CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA

Henrique Piló
Maria Teresa T. de Moura 372

VIDROS EM CONTEXTO: UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DOS VESTÍGIOS VÍTREOS DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICO NO MÉDIO RIO XINGU

Antonio Marcos Araújo Guimarães 375

PAISAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA E OS SENTIDOS: FENOMENOLOGIA NA PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

Antonio Carlos Soares 378

ANÁLISES DA “LOUÇA DE BARRO” DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CULUMINS E TOTORÓ, SERIDÓ/RN

Hozana Danize Lopes de Souza 381

PRÁTICAS DOMÉSTICAS NOS SÉCULOS XVII-XIX NA VILA DE MORRO DE SÃO PAULO DURANTE A FORTIFICAÇÃO DA ILHA DE TINHARÉ.

Railson Cotias da Silva
Luciana Bozzo Alves
Luiz Antonio Pacheco de Queiroz 384

PARA ALÉM DOS MUROS DE PEDRA: CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DE HISTÓRIAS

Fernando Alexandre Soltys 387

ST 07 - ARQUEOLOGIA INDÍGENA, AUTO-ARQUEOLOGIA E PRÁTICA ETNOGRÁFICA - PERSPECTIVAS TRANSVERSAL, PLURISEMÂNTICA E EPISTEMOLÓGICA

A CERÂMICA JÊ MERIDIONAL: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DO FAZER CERÂMICO DO SÍTIO BONIN, URUBICI, SANTA CATARINA

Ana Carolina Sprenger..... 390

NARRATIVAS COLONIALISTAS FRENTE AO APAGAMENTO INDÍGENA NO PLANALTO NORTE CATARINENSE: UMA ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA PARA SE PROMOVER MUDANÇAS

Heloise de Oliveira Woehl..... 393

ST08 - ARQUEOLOGIA URBANA

SALVADOR E RIO DE JANEIRO E O AZULEJO PORTUGUÊS

Karla Maria Fredel..... 396

ATERROS DOS SÉCULOS XVII AO XIX DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR E SUAS IMPLICAÇÕES ENQUANTO EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA DA URBANIZAÇÃO

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz 397

ESPAÇOS MORTUÁRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: RESULTADOS PRÉVIOS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA PROPOSTA PARA CARTA TEMÁTICA DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO

Sônia Cunha 400

“BRILHA FEITO OURO A LIBERDADE”: CONSIDERAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA AFRODIASPÓRICA URBANA EM SÃO PAULO

Luciana Alves Costa 403

ST09 - ARQUEOLOGIA, CIDADE, SERES E COISAS

PAISAGEM URBANA DA ANTIGA DESTERRO: CAMADAS ARQUEOLÓGICAS DE SOBREPOSIÇÃO

Márcia Regina Escorteganha
Franciele Laner 406

ARQUEOLOGIA COM A CIDADE: UM MOVIMENTO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO URBANO DE SÃO PAULO – SP

Piero Alessandro Bohn Tessaro 409

TÊM UM SAMBAQUI NA MINHA RUA! RELAÇÕES CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS COMPARTILHADAS.

Bruna Cataneo Zamparetti
Juliana Salles Machado 412

ST10_ARQUEOLOGIA, COMUNIDADES, TERRITÓRIOS, MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS NO SERRO, ALTO VALE DO JEQUITINHONHA, MG - MINERAÇÃO QUE AMEAÇA LUGARES E SABERES TRADICIONAIS

Alenice Baeta 415

PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA ÁREA CORE DO MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO ESPINHAÇO: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS

Valdinêy Amaral Leite
Bernardo Machado Gontijo 418

APROXIMACIÓN HISTÓRICA Y CULTURAL DE LA ISLA DE LOBOS

Mgtr. Alejandro Turell 421

NARRATIVAS DO FIM DO MUNDO: QUESTÕES CLIMÁTICAS E A ARQUEOLOGIA.

Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho 424

OS SÍTIOS DE ATERROS NO PANTANAL E SUA RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO HOLOCENO

Luana Campos 427

EVIDÊNCIA DE CANIBALISMO EM REMANESCENTE ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEMPLO DOS PILARES, ALCINÓPOLIS, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar 430

ST11 - ARQUEOLOGIA, DIREITO E BUROCRACIA

A ONÇA NO MEIO DA SALA: BIOARQUEOLOGIA E DIREITOS INDÍGENAS NO BRASIL

Gabriela Oppitz
Lucas de Melo Reis Bueno
Luciane Zanenga Scherer 433

ST12 - ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E MEMÓRIAS AFROINDÍGENAS - PROTAGONISMOS, EPISTEMOLOGIAS E REIVINDICAÇÕES COLETIVAS

DE CAMINO A BRASIL: CANARIAS COMO LUGAR DE TRÁNSITO EN LA DIÁSPORA AFRICANA

Alejandra C. Ordóñez 437

ST14 - ARQUEOLOGIAS DO SUDOESTE DE GOIÁS, SUDESTE DE MATO GROSSO E NORDESTE DE MATO GROSSO DO SUL - PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO E NOVAS PERSPECTIVAS

ANÁLISE TECNO-ESTRUTURAL DE ESQUEMAS DE DEBITAGEM PRESENTES NO HOLOCENO MÉDIO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS ARTEFATOS LÍTICOS DOS SÍTIOS CACHOEIRA DO PINGADOR (MT)

Andréia Walker da Silva Melo 440

APAGAMENTOS E REGISTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Rosiclér Theodoro da Silva
Brena Soares Borges
Ester Rodrigues Resende Moço dos Santos 443

RETOMADA DAS PESQUISAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-JA-02, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Julio Cezar Rubin de Rubin
Jordana Batista Barbosa
Rosiclér Theodoro da Silva
Sibeli A. Viana
Matheus Godoy Pires
Elton Angelo Denardin
Domingos Sobrinho Neto
Welitom Rodrigues Borges
Elio Amorim Lima
João Henrique Silva Porto
Verônica Wesolowski
Renata Estevam 446

CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACACO, SERRANÓPOLIS – GOIÁS (BRASIL)

Flávio César Gomes de Oliveira
Julio Cezar Rubin de Rubin 450

ST15 - ARQUEOMETRIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE

PETROGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: RELATO DE ESTUDOS

Soraya Almeida 453

ST17 - ARTE RUPESTRE - NOVOS CAMINHOS RUMO ÀS ANÁLISES NÃO FORMALISTAS

AS PINTURAS DO GALHEIRO COMO CORPOS INDÍGENAS *DE FACTO*: DAS RELAÇÕES DE SEUS TRAÇOS AO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO.

Luis Henrique Montovanelli Resende 456

PARA UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS GRAFISMOS RUPESTRES: PREMISSAS TEÓRICAS E ESTUDO DE ALGUMAS PROPRIEDADES.

Rogério Tobias Junior 459

ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS E DIVERSIDADE: PAISAGENS SAGRADAS E ARTE RUPESTRE NO PARANÁ

Claudia Inês Parellada 462

ST19 - COISAS E PESSOAS EM MOVIMENTO - ÉTICAS, TEORIAS E PRÁTICAS NA MUSEALIZAÇÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

HISTORICIDADE E ATUALIDADE DO ACERVO ARQUEOLÓGICO NO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO

Larissa Girardi Losada
Maria Cristina Oliveira Bruno 465

A EXPOSIÇÃO DE REMANESCENTES HUMANOS EM PORTUGAL: O CASO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

Sofia Alexandre Carvalho 468

CONSERVAÇÃO, RESTAURAÇÃO E ESTUDO DE ESTRUTURA FUNERÁRIA EM ARGILA POLICROMADA DO SAMBAQUI DA CARNIÇA I.

Luciane Zanenga Scherer
Bruno Labrador Rodrigues da Silva
Lucas de Melo Reis Bueno
Thiago Umberto Pereira
Ismael Quint
Gabriela Oppitz
Vanilde Rohling Ghizoni
Eloah Cristina Melo
Marcia Regina Escorteganha
Thiago Guimarães Costa
Fabiana Paulucci
Maria Octavia Nóbrega Costa
Rafaela Ludvig
Francisco de Carvalho
Aline Padilha
Sofia Abrantes
Joe Wallace Cordeiro 471

ST22 - CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOMETRIA PARA A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

EDXRF E DIFERENTES PRÉ-PROCESSAMENTOS NA ANÁLISE MULTIVARIADA APLICADAS NO ESTUDO DE FRAGMENTOS CERÂMICOS DE SENZALAS DE CAMPOS DE GOYTACAZES - RJ

Cheila S. A. Desantia
Carlos R. Appoloni
Renato A. Ikeoka
Luís C. Symanski 475

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM DO ALTO RIO MADEIRA: ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS CONJUNTOS CERÂMICOS

Angislaine Freitas Costa 478

ARQUEOMETRIA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PALÁCIO DE GOVERNO CATARINENSE

Márcia Regina Escorteganha481ST24 - GERENCIAMENTO DE COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFSC E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ACERVO

Bruno Labrador
Fabiana Paulucci
Lucas Figueiredo Lopes
Elias Palminor Machado
Luciane Zanenga Scherer
Eloah Cristina Melo 484

POR QUE NÃO UM SIMPLES INVENTÁRIO?: PROPONDO UMA GESTÃO AMPLA EM MEIO A THESAURI E CATÁLOGOS DIVERSOS

Mario Junior Alves Polo
Letícia Dutra Romualdo da Silva 487

CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS: DESENVOLVIMENTO DE MÉTODOS DE CURADORIA E GESTÃO DE MATERIAIS LÍTICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

Victoria Ballardin
Lorenza Lourenço 489

POLÍTICAS INSTITUCIONAIS PARA A GESTÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E ETNOGRÁFICOS - MOVIMENTOS DISCURSIVOS NO PRESENTE PARA O FUTURO

Marília Xavier Cury 492

COLEÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS: PROTOCOLO DE GESTÃO DE ACERVOS E CURADORIA PARA REMANESCENTES HUMANOS COM BASE NA EXPERIÊNCIA DO SÍTIO MOREIRA¹

Luciana da Silva Peixoto
Victória Ferreira Ulguim 495

ST25 - IMAGENS DA ARQUEOLOGIA - SOCIALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM TERRITÓRIOS VIRTUAIS

G.E.S.T.O. NAS REDES: APRENDIZAGENS SOBRE A LIDA ARQUEOLÓGICA EM TERRITÓRIO VIRTUAL

Sara Toja
Lilian Panachuk 499

ST27 - POR UMA BIOARQUEOLOGIA BIOCULTURAL - CIÊNCIA, EVOLUÇÃO, CULTURA E ENGAJAMENTO SOCIAL

ESCOLHAS PRÁTICAS, FUNCIONAIS OU SIMBÓLICAS: ARTEFATOS ÓSSEOS NO CONTEXTO MORTUÁRIO DO CERRITO MOREIRA 01 - CAPÃO DO LEÃO - RIO GRANDE DO SUL

Victória Ferreira Ulguim
Gustavo Peretti Wagner
Rafael Guedes Milheira 502

ST30 - TECNOLOGIAS LÍTICAS

ESTUDO DE CASO SOBRE LASCAMENTO EM CALCÁRIO NA SERRA DE IUIÚ/BA

Haruan Straioto
André Strauss
Henry Luydy Abraham Fernandes
Manuel Dimitri de Almeida Gomes..... 505

PARA ALÉM DAS AUSÊNCIAS: CADEIAS-OPERATÓRIAS E A VALORIZAÇÃO DE INDÚSTRIAS LÍTICAS DE HORTICULTORES-CERAMISTAS DO NORTE DE SÃO PAULO

João Vítor Marcon..... 508

EXEMPLO DE INDÚSTRIA LÍTICA SOBRE SEIXOS FLUVIAIS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Marcos César Pereira Santos..... 511

ANÁLISE TECNOLÓGICA DE COLEÇÕES LÍTICAS NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA

Thiago Umberto Pereira..... 515

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DE PRODUÇÃO DE LÂMINAS DE MACHADO POLIDAS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO CERÂMICO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado 518

ACERVOS DIGITAIS DE VESTÍGIOS LÍTICOS

Grégoire Van Havre
Marina Sousa Soares..... 521

Teoria e método

TEMPORALIDADES DA PESQUISA NO ALTO ARAÇUAI, MINAS GERAIS – DATAÇÕES POR ¹⁴C E LOE DOS SÍTIOS EM SERRA NEGRA

Marcelo Fagundes..... 524

PENSAR COM AS MÃOS: CRIAR VÍNCULO MATERIAL NA PROPOSIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Lílian Panachuk 527

MODALIDADE

**SIMPÓSIOS TEMÁTICOS
E APRESENTAÇÕES
ORAIS EM SIMPÓSIOS
TEMÁTICOS**

ARQUEOLOGIAS PLURAIS

POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST01 - Acervos Arqueológicos e a Fruição do Patrimônio Cultural: desafios e conceituações

COORDENAÇÃO: Meliam Viganó Gaspar (Museu da Amazônia), Maria Tereza Vieira Parente (Arqueologika)

A proposta deste simpósio é integrar a comunidade arqueológica aos Grupos de Discussão (GD's) que, ao longo do ano de 2023, se dedicaram a discutir os acervos e coleções que são guardados por pessoas e comunidades que se relacionam diretamente com sítios e objetos arqueológicos. Tais debates foram promovidos pelo Grupo de Trabalho Acervos da Sociedade de Arqueologia Brasileira (GTA-SAB) e pela Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográficos (REMAAE), como parte do processo de produção do VI Fórum de Acervos Arqueológicos. Além desse tema principal (GD1), outras questões relacionadas foram também incluídas em nossos debates, como os "bens culturais sensíveis nas práticas de pesquisa" (GD 2) e a "extroversão arqueológica" (GD 3). O conjunto dessas reflexões considera as diferentes formas de apropriação do patrimônio arqueológico, bem como as demandas dos coletivos em acessar e ativar suas memórias através dele. O intuito dos GDs foi discutir conceitos, avançar nos diagnósticos e propor reflexões que contribuam para a implantação de práticas colaborativas na gestão de acervos arqueológicos, apontando também para os desafios a serem observados para a formulação de políticas públicas.

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 01

CURADORIA COLABORATIVA DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS KUIKURO: O PORTALAIKAX

Helena Pinto Lima (Museu Paraense Emilio Goeldi), Morgan Jason Schmidt (Universidade Federal de Santa Catarina)

Apresento o processo de criação e implementação do Portal AIKAX: um banco de dados digital co-administrado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e a Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (AIKAX), que consolida dados de mais de três décadas de pesquisas e coletas etnográficas e arqueológicas entre os Kuikuro do Alto Xingu. Como parte do Projeto Etnoarqueológico Kuikuro do Alto Xingu, realizamos mapeamento participativo do patrimônio cultural e investigação arqueológica interdisciplinar nesta região, dentro do que talvez seja o mais antigo projeto de pesquisa colaborativa com povos indígenas no Brasil. O Portal AIKAX reunirá os dados digitais de pesquisas e acervos etnográficos e arqueológicos alto-Xinguanos salvaguardados no MPEG e em outros museus. O projeto nasce da necessidade de integração, disponibilização e devolução dos dados de pesquisa que se encontram dispersos em diferentes instituições, e muitas vezes, inacessíveis aos próprios povos indígenas, que são os detentores primeiros destes acervos. Esta é uma demanda explícita dos Kuikuro, já em diálogo com a curadoria do MPEG e com outras instituições. O banco de dados e produtos dele derivados fornecerão um recurso comum a ser compartilhado entre

AIKAX e as instituições museológicas parceiras. O banco de dados e seus derivados - catálogos e mapas de histórias - configuram um recurso compartilhado para a socialização on-line das coleções culturais Kuikuro, se assim o desejarem.

EXTROVERSÃO DIGITAL: UM GRUPO DE DISCUSSÃO DO FÓRUM DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

*Michelle Mayumi Tizuka (Universidade Federal Fluminense), Grégoire André Henri
Marie Ghislain van Havre (Universidade Federal do Piauí)*

A extroversão digital pode ser entendida como o conjunto de estratégias, diversas e voltadas para a comunicação de um acervo arqueológico ou museológico ao público em ambientes digitais. Inicialmente limitada à exposição num espaço cartesiano de objetos, dispostos de acordo com uma narrativa (regional, técnica, evolutiva, etc), o conceito de extroversão ganhou novos desdobramentos com a ampliação do seu caráter social e cultural, e com o desenvolvimento de tecnologias que permitem novas formas de acesso e de interação. Nesse Grupo de Discussão, abordamos cinco estratégias, ou conjuntos de estratégias, de forma a identificar as suas respectivas vantagens e inconvenientes, de forma crítica. Os seguintes temas foram debatidos: (1) salas de exposição críticas, (2) itinerância e acervos móveis, (3) interações na gestão de acervos (4) repositórios digitais e (5) preservação digital. Em cada momento, buscamos identificar formatos alternativos de apresentação. Recorremos às plataformas digitais para comunicações internas e a diversos formatos de mídias, de modo a incorporar e discutir coletivamente as múltiplas experiências de profissionais da área da preservação patrimonial. Identificamos desafios e soluções adotadas em diferentes contextos. Através destas discussões, evidenciamos um longo caminho ainda a ser trilhado. É necessário mais debates sobre o papel das novas tecnologias para a ressignificação dos acervos, assim como, criticamente, das próprias tecnologias no Sul Global.

GRUPO DE DEBATE - COLEÇÕES DOMÉSTICAS, NÃO INSTITUCIONALIZADAS E COMUNITÁRIAS

Grasiela Tebaldi Toledo (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-RS), Clarice Bianchezzi (Universidade do Estado do Amazonas)

Os encontros do Grupo de Debates - “Coleções domésticas, não institucionalizadas e comunitárias” têm possibilitado diferentes reflexões e diagnósticos acerca de coleções ou agrupamentos de objetos arqueológicos que se encontram na posse de indivíduos, famílias, comunidades que têm relação direta com estes objetos por habitarem no entorno dos sítios arqueológicos, por terem relações de identidade ou ancestralidade com os objetos, ou mesmo, situações de achados fortuitos. Ao longo dos debates temos elencado situações e nomenclaturas possíveis para estas coleções: coleção doméstica; coleção particular; coleção comunitária; coleção afetiva; coleção familiar; coleção parente; coleção não institucionalizada; coleção não musealizada; tralhas de memória; agrupamento de coisas, entre outras possibilidades. Dessa forma, é importante tornar essas coleções conhecidas e reconhecidas,

além de valorizar as ações de preservação que são empreendidas por diferentes cidadãos, comunidades, grupos e demais agentes interessados que oportunizam a permanência dos bens arqueológicos nos seus locais de origem, desenvolvem ações educativas e contribuem para a gestão dos acervos e coleções em todo território nacional.

NARRATIVA E TRAJETÓRIA DE UMA COLEÇÃO DOMÉSTICA DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO NA AMAZÔNIA

Clarice Bianchezzi (Universidade do Estado do Amazonas)

Essa apresentação busca dialogar sobre os desafios da gestão do patrimônio arqueológico na Amazônia e no Macurany, no município de Parintins, partindo da trajetória de uma coleção particular de material arqueológico, formada a partir de coletas de superfície, realidade da Amazônia e também dessa localidade e município. As narrativas a respeito desse agrupado de coisas (cacos de cerâmica, líticos e louças) apresentam a demanda e expectativa de inúmeros coletivos amazônicos que passa desde a criação de locais específicos para exposição, visita, como acesso aos estudos e socialização dos conhecimentos científicos em linguagem acessível. A narrativa sobre a coleções aponta para urgência de diálogos mais assíduos entre gestão do patrimônio arqueológico e as comunidades amazônicas que residem próximo ou sobre os sítios arqueológicos.

OBJETOS CULTURALMENTE SENSÍVEIS E A PRÁTICA ARQUEOLÓGICA

Cristiana Nunes Galvão de Barros Barreto (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Este trabalho sintetiza os debates ocorridos no âmbito do VI Fórum de Acervos Arqueológicos sobre o tema de objetos sensíveis, percorrendo questões mais teóricas e de definição do termo, questões éticas da pesquisa com remanescentes humanos em específico, questões relativas à pesquisa em lugares sagrados e a curadoria, conservação e extroversão de acervos sensíveis.

PARA DISCUTIR O CONCEITO DE “COLEÇÕES DOMÉSTICAS” NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Marcia Bezerra de Almeida (Universidade Federal do Pará)

As coleções domésticas designam conjuntos reunidos por pessoas que vivem nas proximidades de sítios arqueológicos. O conceito passou a ser amplamente utilizado a partir do contexto da arqueologia amazônica e a ele se somaram muitos outros ao longo dos anos. Tais coleções representam um desafio para a gestão do patrimônio arqueológico, visto que a legislação patrimonial não concebe a legitimidade dos atos que as originam. Contudo, não é possível ignorar a sua existência, nem perder de vista os efeitos para a conservação e a preservação do patrimônio arqueológico. O reconhecimento dessas coleções e dos nexos que as pessoas estabelecem com elas pode, na verdade, contribuir para a elaboração de políticas públicas direcionadas para os bens arqueológicos. Com o propósito de colaborar com esses

debates, este trabalho discute o conceito de “coleções domésticas”, suas implicações, suas fragilidades e o seu lugar em meio a outras categorias adotadas, na arqueologia brasileira, para nomear coleções dessa natureza.

PROPOSIÇÕES E ENCAMINHAMENTOS DO FÓRUM DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

Maria Tereza Vieira Parente (Arqueologika), Meliam Viganó Gaspar (Museu da Amazônia)

Nos últimos anos, o Grupo de Trabalho Acervos da Sociedade de Arqueologia Brasileira (GTA-SAB) e a Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográficos (REMAAE) tem reunido esforços para organizar espaços de discussão com o objetivo de ampliar o debate sobre a preservação e a gestão dos acervos arqueológicos. As apresentações em congressos, os diálogos estabelecidos através de Grupos de Discussão e a organização de espaços como o Fórum de Acervos Arqueológicos tem cumprido um papel importante a esse respeito, fortalecendo o debate desde, principalmente, as perspectivas de quatro grandes áreas relacionadas à temática: a Arqueologia, a Conservação, a Museologia e a Educação. Em cada uma das edições do Fórum de Acervos Arqueológicos os debates levaram à formulação de documentos norteadores, em diversos formatos, nos quais foram apontados direcionamentos e recomendações que indicaram desde pontos de atenção na prática de gestão, passando por temas sensíveis a serem aprofundados até a necessidade de aproximação institucional entre os diferentes agentes implicados na gestão do patrimônio arqueológico. Aqui apresentamos uma reflexão sobre os debates a serem aprofundados no VI Fórum, os quais procuram aproximar instituições, tendo como tema principal os desafios relacionados à guarda e à fruição de acervos arqueológicos em espaços não formais. Destacam-se também questionamentos sobre as formas de extroversão desses acervos e sua relação com temas culturais sensíveis.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST02 - Arqueologia de ambientes aquáticos e costeiros e as mudanças climáticas na Década dos Oceanos

COORDENAÇÃO: Paulo Fernando Bava de Camargo (Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe)

O Patrimônio Cultural Subaquático (PCS) oferece uma janela única para o passado da Humanidade. Há sítios arqueológicos submersos em todo o mundo, sejam eles naufrágios Modernos ou assentamentos inundados pelo mar durante o holoceno, testemunhos da adaptação humana às mudanças climáticas. Mas, relatórios sucessivos publicados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas chamam a atenção para uma gama crescente de fenômenos climáticos inter-relacionados que novamente afetam os oceanos. Torna-se necessário estudar, então, de forma interdisciplinar, o efeito das mudanças climáticas, tendo a colaboração entre os profissionais das Ciências Humanas, Exatas e Naturais a finalidade de monitorar e quantificar processos de deterioração em ambientes costeiros e marinhos, permitindo a implementação de estratégias de gestão sustentável.

Nessa perspectiva, arqueólogos/as precisam fazer-se entender mais eficientemente, recebendo assim apoio das disciplinas do mar nos estudos dos efeitos das mudanças climáticas sobre o PCS. No caminho inverso, a Arqueologia tem muito a contribuir, apresentando informações das mudanças climáticas no passado, numa escala temporal que é difícil para outras Ciências. Tem-se aqui, então, o objetivo de interrelacionar diferentes ramos da Ciência, produzindo conhecimento sobre o PCS para a Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável, incluindo o patrimônio cultural, de forma determinante, nas discussões desse fórum.

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 02

A IMPLEMENTAÇÃO DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO E A TRANSFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NAVAL AO LONGO SÉCULO XIX, NO BRASIL, DISCUTIDAS A PARTIR DE DOIS SÍTIOS DE NAUFRÁGIO

Flávio Rizzi Calippo (Universidade Federal do Piauí - UFPI)

Com a implementação do transporte ferroviário no Brasil, a tecnologia empregada nas ferrovias passou a ser também adotada na construção e operação de embarcações. Do emprego de peças metálicas e adoção de pequenas caldeiras (como guinchos para ancoras e cargas), o aço passa a ser utilizado ainda na fabricação dos elementos estruturantes, como vigas e joelhos (que sustentam cobertas e convés). Essas transformações, características de um período “híbrido” de transição, entre embarcações de propulsão à vela para barcos de metal movidos à vapor, se materializam em sítios subaquáticos de embarcações construídas ou reformadas a partir de meados do séc. XIX. A fim de discutir esse contexto de inovação tecnológica, são utilizados, como estudo de caso, dois sítios de naufrágio, estudados a partir de projetos colaborativos: a) barco naufragado ao largo de Acaraú (CE), que deve tratar-se do *Palpite* – brigue responsável pelo retorno, ao RJ, da Primeira Missão da Comissão Científica de Exploração (1859) do, recém-criado, Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, no âmbito de um projeto de integração e centralização política que emergia no II Reinado (1840-1889); b) um barco de madeira naufragado na costa de Areia Branca (RN), que carregava uma carga de garrafas inglesas de cerveja (molde triplo) e dezenas de antigos rodeiros de trem (bitola larga), destinados, provavelmente, às primeiras ferrovias que se instalavam no Brasil, a partir de 1850.

ATUALIZAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO GALEÃO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (1668): INTERPRETAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SÍTIOS DE NAUFRÁGIOS COMO AUXÍLIO À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO

Beatriz Brito de Ferreira Bandeira (Universidade Federal de Sergipe)

O seguinte artigo apresenta uma análise realizada como parte da pesquisa de uma tese sobre o estado de conservação do Galeão Santíssimo Sacramento (1668), com o objetivo de fortalecer o patrimônio cultural subaquático no Brasil. O modelo Muckelroy de processos de formação de sítios de naufrágio é interpretado por meio de registros in loco e vídeos gravados do sítio durante um período de cinco anos. Os resultados mostram estabilidade e mudanças em relação à documentação original de 1978 de Ulisses Pernambucano de Mello Neto. Ao identificar os processos em andamento no local, argumenta-se que tal prática é vital para a preservação do patrimônio cultural subaquático (PCS). Mas o Brasil ainda não reconhece a Convenção da UNESCO de 2001, e considerar os sítios submersos como aliados à preservação dos oceanos, em colaboração com outras ciências do Mar, pode ser uma alternativa diante desse impasse jurídico. Ainda que a importância de sua preservação para a manutenção da qualidade das águas e biodiversidade oceânicas, esteja começando a ser conhecida.

PAISAJES MARÍTIMOS DE ROCHA, URUGUAY: UNA PRIMERA APROXIMACIÓN A LOS NAUFRAGIOS DE CABO POLONIO Y LA PALOMA

Elena Saccone (LAPPU - Udelar)

El patrimonio cultural marítimo en el departamento de Rocha se vincula particularmente a naufragios ocurridos en la zona del actual Parque Nacional Cabo Polonio y en el Cabo de Santa María (LaPaloma) y los paisajes culturales marítimos de los que forman parte. Por sus escollos y aguas peligrosas, en este departamento existen registros de decenas de naufragios ocurridos entre los siglos XVI y XX, algunos de ellos son conocidos por los buzos locales o por los pescadores que los identifican como buenos pesqueros y forman parte importante de las historias locales. Las comunidades costeras, y en particular las pequeñas localidades, han demostrado contar con un profundo interés por estos naufragios. Este trabajo presenta una primera aproximación a estos naufragios, indagando en sus historias, colecciones asociadas, relación entre náufragos y pobladores locales y el potencial de estudio del patrimonio cultural sumergido que presentan. Esta es una investigación que está comenzando en el contexto actual del Uruguay en que este 2023 has sido aprobada la Convención para la Protección del Patrimonio Subacuático de UNESCO por parte de la Cámara de Senadores, y aguarda la aprobación por parte de la Cámara de Representantes, y espera aportar a futuro claves y recomendaciones para la gestión de los sitios subacuáticos y de los sitios costeros, para su manejo y conservación, así como de las colecciones locales y las prácticas vinculadas a estas colecciones.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E ARQUEOLOGIA: PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO COMO SUPORTE DA VIDA MARINHA; ORGANISMOS PRESERVANDO NAUFRÁGIOS

Paulo Fernando Bava de Camargo (Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe), Fabiana Dallacorte (Bio Teia Estudos Ambientais)

O diagnóstico arqueológico sistemático de embarcações soçobradas em Unidades de Conservação (UCs), além de permitir conhecer melhor a cultura material náutica, pode também contar a história da exploração dos recursos naturais. Em paralelo, o estudo e monitoramento dos naufrágios pode fornecer subsídios para a compreensão de como hoje os organismos usam as infraestruturas que ainda resistem como substrato, além de orientar o planejamento na proteção do ambiente em que o naufrágio está inserido. Mas, essa relação ainda é muito pouco conhecida e utilizada no Brasil. Hoje são 334 UCs públicas criadas pelo governo federal – 70 estão inseridas no Sistema Costeiro-Marinho. Identificou-se que 18 delas possuem naufrágios em seus limites e que 15 dessas UCs possuem Planos de Manejo (PMs). Desses, apenas 6 possuem alguma citação sobre os naufrágios, não raro menções ligeiras que não levam em conta o real potencial do Patrimônio Cultural Subaquático (PCS) como um dos sustentáculos da vida marinha. E, da mesma forma, por parte da Arqueologia há poucos estudos que percebem a vida marinha como um dos fatores primordiais para a conservação do PCS.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST03 - Arqueologia e humanidades digitais: explorando a interseção entre o passado e a tecnologia

COORDENAÇÃO: Danielle Gomes Samia (UFPI)

O objetivo deste simpósio é reunir pesquisadores e profissionais de diferentes áreas da arqueologia e afins, para compartilhar e discutir os desenvolvimentos entre Arqueologia e as Humanidades Digitais. As pesquisas com metodologias digitais ficaram focadas apenas nas ferramentas digitais negligenciando a Arqueologia como ciência humana. Com as Humanidades Digitais ampliou-se a crítica ao uso das tecnologias com perspectivas reducionistas. Para tanto, a aplicação de tecnologias digitais, como fotogrametria, escaneamento a laser, jogos educativos, Story Maps e análises espaciais em ambiente SIG, tem revolucionado como em arqueologia se coleta, analisa e divulga as informações das pesquisas. As Humanidades Digitais oferecem métodos inovadores para a visualização, análise e interpretação de grandes conjuntos de dados históricos. Espera-se com este simpósio a discussão de tópicos como a reconstrução virtual de sítios arqueológicos, a análise de redes sociais em comunidades antigas, desenvolvimento e aplicação de jogos e aplicativos, o uso de inteligência artificial na interpretação de artefatos e o impacto das mídias digitais na divulgação do patrimônio cultural. Além disso, serão abordadas questões éticas e metodológicas relacionadas à aplicação de tecnologias digitais em Arqueologia e como garantir a preservação adequada dos dados digitais e o acesso aberto aos resultados. Ao explorar a interseção entre a Arqueologia e as

Humanidades Digitais, pretendemos avançar no entendimento do passado e enriquecer como estudamos e nos conectamos com as culturas que nos precederam.

APRESENTAÇÕES ORAIS - ST 03

DIFUSÃO DÊMICA E TRANSMISSÃO CULTURAL: UM MODELO COMPUTACIONAL PARA A EXPANSÃO KORIABO COMO CORRELATO ARQUEOLÓGICO DAS LÍNGUAS CARIBE.

Bruno de Souza Barreto (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

Entre 1200 e 1500 AD, a cerâmica Koriabo atingiu seu pico máximo de expansão nas Guianas e na região inferior do Amazonas. Sua presença persistiu no Caribe durante os séculos XVI e XVII, associada aos povos Kalinago. Apesar de sua distribuição ampla, a cerâmica exibe notável homogeneidade em termos de formas decorativas e formatos de recipientes. Algumas hipóteses sustentam que a cerâmica Koriabo está correlacionada com os povos falantes de língua Caribe, enquanto outros a relacionam à processos de interação, com o estabelecimento redes de troca de longa distância. Esta apresentação explora a hipótese de que a cerâmica Koriabo resultou de um processo duplo, envolvendo transmissão cultural e difusão dêmica, com movimentos migratórios substanciais. Para discutir esta hipótese, apresento um modelo computacional que envolve a modelagem de um conjunto de datações radiocarbônicas associadas com contextos Koriabo nas Guianas, Caribe insular e no baixo Amazonas. O modelo sustenta que pouco antes de 1000 AD se inicia um rápido movimento de expansão em direção ao baixo Amazonas. O rápido ritmo dessas expansões provavelmente levou à formatação de padrões de visibilidade arqueológica mais homogêneos na cerâmica, ao mesmo tempo que foram formatados através de interações locais. Por fim, o trabalho a hipótese das cerâmicas Koriabo como um dos correlatos arqueológicos da expansão das línguas Caribe.

MAPAS HISTÓRICOS COMO ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS

Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí), Yanna Alves Miranda (UFPI), Lauro Rodrigo Oliveira Teixeira (UFPI)

Visando a construção de uma abordagem sobre documentos cartográficos históricos na perspectiva da arqueologia propomos trazer aqui algumas definições que consideramos necessárias e um exemplo de estudo de caso baseado no Mappa Geográfico da Capitania do Piauí de 1760. Por ter sido produzido por ação humana um mapa por definição é considerado um artefato e como tal é passível de análise por metodologias próprias da Arqueologia. Assim, podem ser analisados a partir de investigações arqueométricas, cadeia operatória, ou visando obter informações sobre processo de ocupação regional, transformações culturais, demográficas, econômicas, políticas, etc. Além disso, um mapa histórico permite identificar por meio dos topônimos locais de interesse para pesquisas arqueológicas. Ou seja, muitos locais denominados em mapas históricos são atualmente sítios arqueológicos em potencial, esperando para serem encontrados, sobretudo, se considerarmos que traz uma toponímia

mais antiga do que o próprio mapa. Assim, propomos o uso da arqueotoponímia somada as geotecnologias como metodologias para auxiliarem em pesquisas exploratórias para a detecção de sítios arqueológicos. Bem como para melhorar nossas interpretações e análises de feições que permitam a construção de relação entre a cartografia histórica e o registro arqueológico.

MAPEAMENTO E TIPOLOGIA DE ESTRUTURAS DE TERRA POR MEIO DE SENSORIAMENTO REMOTO NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA, BRASIL

Cliverson Gilvan Pessoa da Silva (Universidade de São Paulo)

A arqueologia tem demonstrado grande interesse no registro e classificação de estruturas de terra que ocorrem no sudoeste amazônico. Este trabalho procura sistematizar estas estruturas considerando sua classificação tipológica interna utilizando imagens de satélite disponíveis. Esta metodologia que já contribuiu para a identificação de centenas de sítios arqueológicos é apenas um primeiro passo. Uma abordagem espacial dos padrões de assentamento fornece uma compreensão dos dinâmicos processos de transformação e interação indígena com a paisagem no passado. Foram selecionados 40 sítios com estruturas do estado do Acre para avaliar as valas, montículos, cotas positiva e caminhos, por meio de imagens de melhor resolução utilizando um drone. O resultado expressou um aumento na densidade de estruturas, enquanto a sua visibilidade remete ao desafio do impacto de atividades recentes relacionadas ao agronegócio.

PAISAGENS EM BRANCO; TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS À ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Andrés Zarankin (UFMG)

Desde 2009, o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH-UFMG vem trabalhando na pesquisa e divulgação da arqueologia antártica sob a ótica da Arqueologia Pública. O projeto internacional “Paisagens em branco”, que está sendo desenvolvido pela equipe do LEACH-UFMG, visa compreender as estratégias de ocupação humana do continente ao longo do tempo. O projeto faz parte de uma investigação multidisciplinar realizada por arqueólogos, historiadores, antropólogos e curadores de diferentes instituições e nacionalidades, que vem produzindo histórias alternativas sobre a colonização da Antártica. Além de pesquisar histórias alternativas de ocupação humana na Antártida, o projeto busca construir narrativas de formas alternativas, sugerindo perspectivas plurais sobre o passado antártico. Neste sentido, em parceria com Alex Martire (ARISE e FURG), utilizamos novas tecnologias, como videogames, escaneamentos tridimensionais de sítios, impressão 3D de artefatos, vídeos, base de dados digital e site LEACH, como potenciais ferramentas de diálogo com o público não acadêmico, numa perspectiva sustentada nas Humanidades Digitais. Os produtos que fornecem as tecnologias acima mencionadas -diferentes de desenhos técnicos e textos científicos, por exemplo- não requerem conhecimento prévio do assunto, nem

compreensão de convenções científicas para serem “lidas”; portanto, se apresentam como possibilidades não lineares de reescrever a história do continente antártico.

STORY MAP NA CONFLUÊNCIA DOS RIOS PARNAÍBA E POTI: A FLUIDEZ DAS PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS.

Danielle Gomes Samia (UFPI)

Nesta comunicação, apresento a pesquisa, “Fluidez das Paisagens: Arqueologia na Confluência dos Rios Parnaíba e Poti”. A pesquisa adota uma perspectiva decolonial para examinar a ocupação humana na confluência, desafiando abordagens positivistas. Embasada na reflexividade e na Arqueologia do Fluxo, o estudo incorpora as Humanidades Digitais. A pesquisa emprega um mapeamento profundo para analisar eventos históricos de ocupação humana. Esta possui um diferencial está na utilização do Story Map interativo, criado na plataforma ArcGIS da ERSI, para apresentar os resultados de maneira envolvente e visual. Esta pesquisa destaca a influência da fluidez dos rios e dos movimentos humanos e materiais nas paisagens ao longo do tempo. O estudo, abarca a perspectiva decolonial, e valoriza narrativas historicamente subalternizadas, contribuindo para uma interpretação mais inclusiva da história regional. Esta apresentação compartilha os achados significativos da pesquisa, sublinhando a importância da tecnologia digital, especialmente o Story Map, na compreensão das paisagens históricas. Ao entrelaçar a Arqueologia com as potencialidades das Humanidades Digitais, a pesquisa não apenas oferece novas visões sobre a ocupação humana, mas também demonstra como a tecnologia pode capacitar a reinterpretar criticamente o passado. O Story Map emerge como uma ferramenta essencial para comunicar descobertas complexas de forma acessível, abrindo caminho para um público amplo e diversificado.

SIMPOSIO TEMÁTICO - ST04 - Arqueologia e o estudo de coleções (etnográficas e arqueológicas) musealizadas

COORDENAÇÃO: Diego Teixeira Mendes (Universidade de São Paulo), Fabíola Andréa Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)

Neste simpósio queremos refletir sobre a importância dos estudos de coleções (etnográficas e arqueológicas) musealizadas, para a construção do conhecimento arqueológico. Há alguns anos, diferentes pesquisadores vêm chamando a atenção para o fato de que existem muitas coleções arqueológicas subvalorizadas, nas reservas técnicas dos museus, em termos do seu potencial de informação arqueológica, e a isto tem se dado o nome de ‘crise de curadoria’. Ao mesmo tempo, também tem sido constatado que, apesar do uso do dado etnográfico ser ‘moeda corrente’ na arqueologia, ainda são poucos os trabalhos arqueológicos dedicados ao estudo de coleções etnográficas, apesar do potencial que as mesmas possuem para se compreender, por exemplo, as tecnologias indígenas e os processos de continuidade e transformação das mesmas, ao longo do tempo. Nosso objetivo com este simpósio é tentar revigorar os estudos de coleções e, principalmente, debater as possibilidades, potencialidades,

dificuldades e desafios de se relacionar objetos arqueológicos e etnográficos no que concerne à compreensão das histórias indígenas na longa duração. Assim, queremos convidar para participarem deste simpósio, todas as pessoas interessadas em debater sobre os possíveis caminhos teórico-metodológicos para se efetivar as curadorias dessas coleções musealizadas.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 04

A TECNOLOGIA CERÂMICA INY/KARAJÁ: UM ESTUDO COLABORATIVO A PARTIR DE COLEÇÕES MUSEALIZADAS.

Diego Teixeira Mendes (Universidade de São Paulo)

Os Iny/Karajá são ocupantes imemoriais da Ilha do Bananal. Os registros históricos produzidos por agentes coloniais, políticos, médicos e pesquisadores demonstram a importância das atividades oleiras nas comunidades, descrevendo dados sobre a produção, uso e descarte de peças cerâmicas. Nos últimos anos o registro e a salvaguarda do modo de fazer as bonecas Ritxoò intensificou parte destas atividades tradicionais. Por outro lado, desde a chegada da energia elétrica nas comunidades as peças de uso doméstico foram substituídas por materiais de plástico, ferro e aço que facilitam a cocção e ou armazenamento. Por sua vez, a transformação nas práticas funerárias também gerou o abandono de conjuntos cerâmicos anteriormente utilizados nos rituais. Destarte, no presente trabalho apresentamos os estudos colaborativos que desenvolvemos com os Iny/Karajá sobre peças etnográficas e arqueológicas musealizadas. O objetivo é compreender os processos de continuidade e mudança na tecnologia cerâmica deste povo indígena.

ACERVOS ARQUEOLÓGICOS DE CERÂMICA GUARANI: ESTUDOS MORFOMÉTRICOS DE COLEÇÕES EM MUSEUS NO SUL DO BRASIL

Jedson Francisco Cerezer (Espaço Arqueologia)

Na região sul do Brasil, em instituições de guarda e pesquisa, bem como, centros de cultura e demais, há um vasto acervo arqueológico, sobretudo, de vasilhas inteiras de cerâmicas guarani. Musealizadas ou não, essas peças são a representação da cultura material arqueológica guarani cada vez mais escassa de ser evidenciada em escavações arqueológicas. Tendo esse material como objeto de pesquisa, é proposto nessa comunicação, apresentar o resultado do estudo de centenas de vasilhas que foram analisadas sob a ótica morfométrica, afim de gerar regras de proporcionalidade para os trabalhos em coleções de fragmentos, possibilitando reconstruir morfologias com maior rigor e assim ampliar a gama de entendimentos sobre os contextos arqueológicos e não só.

COLEÇÕES DA RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM AS PERSPECTIVAS INDÍGENAS

Silvana Zuse (Fundação Universidade Federal de Rondônia), Igor Morais Mariano Rodrigues (Universidade de Bonn), Eduardo Bespalez (Departamento de Arqueologia, Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia)

Uma questão fundamental da Reserva Técnica Arqueológica (RT-DARQ/UNIR), uma instituição museológica recém-formada no sudoeste da Amazônia, trata das relações entre os coletivos indígenas e as coleções salvaguardadas. Com o intuito de gerar as primeiras aproximações, foi realizado o um evento, em maio de 2023, que reuniu pesquisadores indígenas e não indígenas em um encontro interinstitucional e intercultural, promovido com o financiamento da FAPERO. Congregou representantes de oito etnias indígenas (Aikanã, Kwazá, Sabanê, Suruí, Arara, Karitiana e Guarasugwe, de Rondônia, e Wai Wai, do Pará), sendo um espaço de diálogo em torno da diversidade de tecnologias indígenas e os diferentes modos de conhecimento sobre a cultura material. Surgiram diferentes olhares, interpretações e demandas, em relação aos materiais sob a guarda do DARQ e sobre os sítios arqueológicos. Durante uma conversa em torno de coleções arqueológicas provenientes da PCH Cascata e do sítio Cemitério, no rio Pimenta Bueno, território tradicional do povo Aikanã, surgiram questões a respeito da cronologia e identificação de etnicidade e continuidade histórica e cultural nos registros arqueológicos, bem como interpretações êmicas a respeito dos materiais. Uma síntese da experiência e das reflexões e demandas indígenas em relação à arqueologia serão discutidos neste trabalho, que também conta com o apoio do CNPq/MCTI/FNDCT (chamada 39/2022), problematizando o papel social da RT-DARQ/UNIR no sudoeste da Amazônia.

COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS E ARQUEOLOGIA COLABORATIVA: NARRATIVAS WAI WAI DO PASSADO RECENTE

Igor Morais Mariano Rodrigues (Universidade de Bonn), Jaime Xamen Wai Wai (UFMG)

Caracterizadas pelas ausências de seus contextos originais de produção e consumo, as coleções etnográficas são desprovidas das experiências culturalmente informadas do e com o corpo (cf. Fabian). Ao serem transformadas em objetos etnográficos, a materialidade original dessas produções materiais nativas foi retirada. Soma-se a isso a estratégia colonialista de coletar para mapear e conquistar as culturas e os territórios nativos. Portanto, buscando revitalizar as materialidades subtraídas de artefatos coletados em meados do século XX por missionários Franciscanos no alto rio Mapuera, escavamos as memórias de alguns anciãos Wai Wai. Ao provocar os diálogos por meio de imagens dos artefatos, junto à documentação associada, propomos uma arqueologia do passado recente que inclua as perspectivas indígenas sobre essas fontes, dando-lhes o protagonismo que merecem em suas histórias. Pensadas aqui enquanto coleções históricas de documentos feitos pelos próprios indígenas,

capazes de refletirem também as formas de interação com quem os coletou, apresentaremos alguns de seus potenciais de leituras junto aos especialistas no assunto, como a evocação de espíritos, habilidades, identidades, sabores, odores e agências indígenas. Visualizamos, por exemplo, um xamã deitado em sua rede, circundado por fumaça, conversando com os pais dos macacos, enquanto mulheres transformavam o algodão em fios específicos, e outras manipulavam o que entregar aos religiosos.

DESFAZENDO EQUÍVOCOS, PROPONDO NOVAS INTERPRETAÇÕES: COLEÇÕES DE MUSEU E O PASSADO PRÉ-COLONIAL DO BAIXO AMAZONAS

Marcony Lopes Alves (Universidade de São Paulo)

O estudo de coleções arqueológicas reunidas a partir de métodos de coleta e registro distintos dos atuais é um tema controverso. Existe a percepção generalizada que o conhecimento arqueológico sobre o passado deve ser construído at the trowel's edge, ou seja, a partir da realização contínua de escavações. Coleções legadas por aquisições assistemáticas dispõem, geralmente, de uma documentação fragmentária, tornando-as, para muitos, de baixa ou nenhuma relevância para o estudo do passado. Argumento que o descrédito, a priori, do estudo de coleções musealizadas é um erro que pode ter consequências dramáticas na interpretação do registro arqueológico. Para isso apresento um estudo de arquivos e de coleções de cerâmica (cerca de quatro mil peças) provenientes da mesorregião do Baixo Amazonas, Pará. Juntando peças de um complexo “quebra-cabeças”, avalio os graus de vieses nos conjuntos cerâmicos e os diferentes potenciais das coleções para a arqueologia regional. O estudo dessas coleções, muitas vezes as mesmas estudadas para a produção de trabalhos seminais, permitem a revisão de categorias, o desenvolvimento de novos modelos e hipóteses para serem testadas no campo. No afã de acumular mais materiais ‘frescos’, há um grande perigo em ignorar as antigas coleções de museu, mantendo equívocos do passado e desconsiderando evidências pouco visíveis em pequenos fragmentos e áreas de escavação restritas. Há imperativos éticos e científicos para estudar as coleções musealizadas.

ESTILO TÉCNICO DAS CERÂMICAS KATXUYANA EM COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

Meliam Viganó Gaspar (Museu da Amazônia), Igor Morais Mariano Rodrigues (Universidade de Bonn)

No norte amazônico, na região conhecida como o planalto das Guianas, habitam diversos povos falantes de línguas Karib que possuem relações históricas e de proximidade sociocultural entre si. Dentre estes povos, há os Katxuyana, habitantes do rio Kaxuru, ou Cachorro, que são compostos, em linhas gerais, por distintos povos advindos de diferentes lugares, desde as serras à oeste e do rio Trombetas, assim como populações afrodescendentes. Trata-se de um processo histórico de fusão entre vários povos bastante similar ao que ocorre com outros povos da região, como os Waiwai, por exemplo, com os quais compartilham

diversos aspectos culturais. Ao analisar as coleções cerâmicas etnográficas dos Katxuyana, formadas entre as décadas de 1940 e 1950 e atualmente mantidas em diferentes museus da Europa e Brasil, buscamos compreender um pouco do estilo técnico desse conjunto e também compará-lo com o estilo técnico da cerâmica Waiwai. Nosso intuito é contribuir para a compreensão de parte das relações históricas estabelecidas entre esses povos, por meio da materialização dos saberes técnicos de uma categoria artefactual bastante disponível para a arqueologia, produzindo assim reflexões capazes de auxiliar interpretações de conjuntos cerâmicos arqueológicos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST05 - Arqueologia e os Estudos de Cultura Material

COORDENAÇÃO: Camilla Agostini (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Marcela Nogueira de Andrade (Universidade Federal do Pará), Adriana Fraga da Silva (Universidade Federal do Rio Grande), Alejandra Saladino (UNIRIO e Museu da República), Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento (UFPI), Gustavo Ruiz Chiesa (Universidade Federal do Rio Grande)

Nas últimas décadas cresceram novos espaços de atuação na Arqueologia brasileira, relacionados às demandas sociais do licenciamento ambiental, aos projetos urbanísticos e escolhas institucionais referentes às políticas de educação e cultura. Pensar uma Arqueologia que lida com contextos e materiais dos séculos XX e XXI é expandir o debate sobre as políticas patrimoniais sobre sítios e vestígios “históricos” do ponto de vista da gestão e dos processos de análise desses materiais, considerando suas peculiaridades materiais, taxonômicas e de conteúdos. O simpósio pretende aprofundar o diálogo com os Estudos de Cultura Material no que toca questões teórico-metodológica, sobre a classificação e análise de materiais dos séculos XX e XXI; gestão de vestígios arqueológicos históricos e de passados recentes; pesquisas sobre passados recentes definidas contextualmente e associadas a espaços públicos e a promoção de saberes junto à sociedade, através de estratégias interativas a partir de processos de construção de narrativas.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 05

ARQUEOLOGIA DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO: O CASO DO THEATRO DA PAZ E SUAS VISAGENS

Gabriel Rodrigues Barbosa (UFPA)

Na região de Belém, na Amazônia Paraense, a Materialidade parece ter um lugar importante entre as relações de Alteridade. E é olhando para a História e Antropologia, com lentes de Arqueólogo, que exploramos a história, e histórias, do Theatro da Paz, desvendando pistas que apontam para a atuação da Materialidade como mediadora entre diferentes mundos.

O Theatro da Paz é um monumento da capital Paraense, um super artefato, localizado na praça da República, área central da cidade. Sua edificação, marcante e imponente, contém em sua arquitetura muitos ideais cultivados na Belle Époque belenense. Uma leitura crítica da bibliografia histórica sobre o Theatro, revela que seu ‘corpo’ contém em si uma história

sobre a dialética do imaginário. Uma antiga luta, de como as elites imaginam que um espaço deva ser contruído e utilizado, que encontra resistência em como ele é, de fato, moldado e apropriado. Felizmente, essa não é toda história, quando o espetáculo se encerra, quando apagam-se as luzes, o Theatro lá continua, tendo de ser vigiado e cuidado. Ao ouvirmos as experiências das pessoas que o vigiam e cuidam, encontramos histórias de fenômenos que ocorrem nos corredores, nas salas de espelho, no palco. Histórias de Visagem fazem parte da identidade paraense, portanto, o destaque e o lugar da materialidade nessas narrativas, nos informa sobre o significado atribuído as coisas; a importância de elementos materiais na vivência e na construção de identidades e relações.

ARQUEOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE

Marcela Nogueira de Andrade (Universidade Federal do Pará)

A região de Monte Alegre foi rota de viajantes desde o século XIX. No final do século XX pesquisas arqueológicas situaram Monte Alegre como uma relevante área para a compreensão do processo de ocupação da Amazônia. Em 2001 com o objetivo de preservar os sítios arqueológicos e as formações geológicas foram criadas a Unidade de Conservação Parque Estadual Monte Alegre a APA Paytuna. Essa região é considerada como a terceira maior em números de sítios de arte rupestre do estado do Pará. Além de pesquisados, alguns sítios localizados no PEMA recebiam visitação antes da própria criação do Parque. Essa atividade permaneceu sem planejamento e qualquer tipo de infraestrutura até novembro de 2018, quando foi inaugurado o Complexo de Musealização do Parque Estadual Monte Alegre. Os sítios Serra da Lua e Pedra do Mirante foram musealizados e o centro de visitantes constr ido. A partir desse projeto os sítios passaram a ser visitados somente na companhia de guias de turismo das comunidades que receberam capacitação. Desde 2018 algumas a oes foram realizadas mas o projeto de Educação Patrimonial, bem como a exposição no centro de visitantes, ainda não foram efetivadas. Considera-se que a inauguração do Complexo de Musealização do PEMA foi uma a ao de grande importância para o arqueoturismo e a socialização do patrimônio arqueológico da Amazônia, entretanto ainda tornam-se necessárias muitas a oes para a integração das comunidades no processo e organização da atividade turística.

CHÁCARA ROSANE: UMA NECRÓPOLE EM PLENA ÁREA URBANA DE SÃO LUÍS, MARANHÃO

Wellington Lage (WLAGE - ARQUEOLOGIA), Fernanda Lopes Viana (UFMA)

Os trabalhos de resgate e salvamento arqueológico efetuados no licenciamento do empreendimento Bambuzal – Sítio Chácara Rosane em São Luís, Maranhão, entre julho de 2020 até o presente, levaram à detecção de 21 enterramentos humanos em diversos pontos, distrib idos de forma aleatória, alojados em uma área de aproximadamente 4.000m². Análises preliminares apontam esses indivíduos como sendo de comunidades pr -sambaqueiras, uma vez que se encontram abaixo do pacote de conchas. A relação dos indivíduos

associados com a variedade e diversidade de material cerâmico evidenciado mostra que a Ilha teve ocupações humanas contínuas em diferentes períodos, com grupos humanos ceramistas, seguidos por sambaquieiros associados a cerâmica Mina, culminando com a chegada de grupos amazônicos, possivelmente vinculados ao Horizonte ceramista inciso associado à terra preta, entre 2 mil a 1 mil anos e, finalizando com a presença de povos Tupinambá, entre os séculos XIV e XVII, já em contato com o colonizador europeu [1]. A riqueza arqueológica do sítio, bem como, de outros sambaquis da Ilha reforça a necessidade de se construir um espaço adequado e próprio para abrigar esses testemunhos que mostram a rica história da ocupação humana da região.

Referência [1] BANDEIRA, A. M., Distribuição espacial dos sítios tupi na ilha de São Luís, Maranhão. Caderno do Lepaarq, v. 12, n. 24, p. 59-96, 2015.

COISAS E TRAMAS CONTEMPORÂNEAS: ENTRECruzANDO ARQUEOLOGIAS

Adriana Fraga da Silva (Universidade Federal do Rio Grande)

Este trabalho traz uma reflexão sobre os projetos desenvolvidos por acadêmicas e acadêmicos do curso de Bacharelado em Arqueologia da FURG junto ao Lume Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO). Inaugurado em 2015, desde então o LOCCO tem proporcionado um espaço livre para reflexões sobre as tramas das relações entre pessoas e coisas no mundo contemporâneo. Nele os projetos desenvolvidos são atravessados por diferentes categorias de análise, como por exemplo: gênero, classe, etária e étnico-racial. Nesse sentido, apresentarei um balanço quantitativo e qualitativo dos projetos desenvolvidos no LOCCO, entre 2015 e 2023, pautando os desafios e as contribuições da Arqueologia do Contemporâneo na formação de novas e novos profissionais na área.

O SOM ELÉTRICO DA MODERNIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES MATERIAL-DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DE GUITARRAS ELÉTRICAS

Matheus Miranda Mota (Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP))

Os trabalhos desenvolvidos nos campos dos Estudos de Cultura Material e das Arqueologias do Passado Contemporâneo têm mantido uma distância peculiar dos estudos da tecnologia e da técnica. O foco exacerbado nas relações de consumo e na dimensão simbólica das coisas contemporâneas vem produzindo uma imagem da modernidade na qual os processos produtivos se mantêm invisíveis aos olhos da Arqueologia. O presente trabalho busca explorar as múltiplas facetas dos ofícios artesanais no contemporâneo sob a luz do arcabouço teórico do novo materialismo e do pós-humanismo através de uma análise das relações material-discursivas estabelecidas entre artesãos (luthiers), materiais, ferramentas e instrumentos contrastando a produção industrial tipicamente capitalista e a produção artesanal em pequena escala. Desse modo, buscamos trazer para o debate uma proposta teórico-metodológica que re-insere a técnica e os ofícios nas Arqueologias do Contemporâneo

dando ênfase as relações entre sujeitos humanos e não-humanos e a dimensão sensorial presentes na produção artesanal de instrumentos musicais.

PREMISSAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DAS REMOÇÕES A PARTIR DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

Alejandra Saladino (UNIRIO e Museu da República)

A proposta desta comunicação está relacionada ao projeto de pesquisa “Na malha da Museologia e do Patrimônio: estudos sobre relações e atravessamentos entre pessoas, coisas e paisagens nos processos de preservação e musealização do patrimônio cultural Etapa 1: Arqueologia das remoções nas coleções do MHN”, que consiste na investigação, análise e experimentação de processos de patrimonialização e musealização do patrimônio cultural, levando em consideração a relação e as articulações entre os elementos constitutivos dessas dinâmicas, designadamente as pessoas (especificamente no que diz respeito ao entrelaçamento entre memória/esquecimento e identidade), as coisas (concretamente os acervos musealizados) e as paisagens (os ambientes onde se estabelecem esses processos ou que são seus objetos). A proposta da primeira etapa deste estudo trata de pensar uma musealização dirigida ao processo informacional e comunicacional de atribuição de significados e valores à paisagem histórica urbana, levando em consideração as memórias dos processos urbanísticos, enfrentando a sua dimensão traumática. Assim sendo, objetiva-se com esta comunicação oral refletir sobre as premissas, as potencialidades e os desafios que se apresentam para que a Arqueologia, a partir da articulação entre forma, tempo e espaço, colabore nas narrativas museais, tendo como objeto de análise as coleções relacionadas às remoções do Morro do Castelo e da Vila Autódromo, ambas parte do acervo do MHN.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST06 - Arqueologia Histórica no Espaço Regional: abordagens, temas e pesquisas

COORDENAÇÃO: Abrahão Sanderson Nunes F. da Silva (UFRN), Roberto Airon Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

A arqueologia histórica no Brasil pode ser também definida como resultado das transformações teóricas e metodológicas acontecidas em meio às especialidades da arqueologia e tem apresentado destacada expansão no contexto regional. Neste Simpósio Temático se busca reunir parte considerável da riqueza de abordagens e da diversidade de pesquisas e métodos que têm se desenvolvido sob a forma de trabalhos acadêmicos no campo da arqueologia histórica. Também, se busca aglutinar trabalhos relacionados às ações prospectivas para a identificação de sítios arqueológicos e escavações realizadas na esfera dos trabalhos contratuais em arqueologia preventiva, cujos dados recuperados têm ampliado as informações sobre as ocupações históricas em distintas regiões. Além desses, serão consideradas pesquisas e ações em temáticas relacionadas a arqueologia pública, onde se sobressaem a educação patrimonial, a musealização da arqueologia e o ensino da arqueologia, sendo um campo fértil para a ampliação do diálogo entre profissionais e estudantes da arqueologia

junto a outros campos das ciências humanas e sociais, desde que essas incluam em suas problemáticas acervos e o estudo da cultura material histórica presente no contexto regional, bem como a relação dessas ações com as demandas sociais e culturais de comunidades ou grupos sociais direta ou indiretamente associados ao contexto arqueológico dos sítios, e relacionados ao processo identitário dos vestígios materiais identificados e pesquisados.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 06

ANÁLISES DA “LOUÇA DE BARRO” DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CULUMINS E TOTORÓ, SERIDÓ/RN

Hozana Danize Lopes de Souza (UFPE)

Através de pesquisas de campo, laboratório e levantamento documental, o projeto de pesquisa “Arqueologia em Casas de Fazenda na Região do Seridó: espacialidades, temporalidades e sociabilidades no sertão do Rio Grande do Norte” busca, por meio das estruturas de fazendas, compreender a ocupação histórica do sertão do Seridó. Esses espaços definidos como de morada e de vivência, tiveram sua implantação conduzida, no período da consolidação da ocupação luso-brasílica, pela economia do gado e, posteriormente, com a economia algodoeira. Os sítios arqueológicos Culumins e Totoró, localizados nos municípios de Caicó e Currais Novos respectivamente, integraram o projeto e, diante disso, nessa proposta, objetivamos apresentar dados provenientes da análise de cerâmicas históricas encontradas nesses sítios. O procedimento de análise adotado consistiu como macroscópica, tendo como base o preenchimento de ficha composta por atributos de cunho tecno-tipológico, após isso, houve tratamento dos dados com a elaboração de planilhas. As pesquisas arqueológicas na região do Seridó estiveram, por longo período de tempo, concentradas na pré-história, enquanto que trabalhos envolvendo arqueologia histórica ocorreram em uma quantidade mínima. Por conseguinte, os espaços de fazenda, abordados amplamente na historiografia, registramos certa ausência de leituras sobre esses lugares por uma ótica da cultura material, com isso, esperamos fornecer uma caracterização geral correlacionando ambos os sítios.

ARQUEOLOGIA DO CONFLITO: A DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE GUERRA EM PERNAMBUCO VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS (1880-1940)

Priscyla Fernanda Oliveira Viana (Universidade Federal de Sergipe)

O Cangaço, movimento surgido no interior do Nordeste, vem sendo palco de discussões através de pesquisas que sempre pautaram suas ideias no discurso de bandido bom ou ruim, cangaceiros versus volantes. Apesar da dualidade existente, o Cangaço, tido muitas vezes como forma de banditismo, foi um movimento marcado por muitas violências. Nesse viés, dentro de uma perspectiva arqueológica, buscamos através da cultura material bélica abordar tais questões. Assim, foi realizado um levantamento documental no acervo da Hemeroteca Nacional Digital, especificamente no Jornal de Recife (PE), com as principais armas de

guerra utilizadas nos movimentos do Cangaço entre 1880 a 1940. Dentre todo o armamento, focamos na carabina Comblain e fuzil e pistola Mauser. Os primeiros resultados da pesquisa foram bastante promissores, pois as informações obtidas mostraram que há uma relação direta entre quantidade de notícias publicadas sobre as armas com os conflitos internacionais, nacionais e regionais. Desta forma, faz-se perceber que o Cangaço é produto do capitalismo contemporâneo, resultado da produção bélica internacional. Tal discussão nos faz refletir sobre o aumento da violência nos tempos atuais, tendo em vista que um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU é “até 2030, reduzir significativamente os fluxos financeiros e de armas ilegais, reforçar a recuperação e devolução de recursos roubados e combater todas as formas de crime organizado” (ONU, 2023).

PAISAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA E OS SENTIDOS: FENOMENOLOGIA NA PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

Antonio Carlos Soares (Pucrs)

A filosofia fenomenológica tem produzido importantes aportes para a Arqueologia e seus objetos como a paisagem. A prospecção de sítios arqueológicos, tanto históricos como pré-coloniais, é uma tarefa também de percepção e leitura da paisagem. Para além de se buscar vestígios na paisagem, desde o início da ciência, profissionais da Arqueologia buscam outros elementos como os testemunhos orais, os “lugares de memória” e a historiografia para a descoberta de sítios, pesquisados em campo e em gabinete. No entanto, o que fazer quando as poucas fontes históricas e a paisagem não corroboram as localizações reproduzidas na narrativa historiográfica conhecida? Esta comunicação apresenta um método transdisciplinar que utilizou a percepção fenomenológica da paisagem e a (re)contextualização da leitura documentos históricos que resultou na redefinição lugares coloniais conhecidos e na descoberta de sítios arqueológicos em Santo Antônio da Patrulha, um dos lugares coloniais portugueses mais antigos do Rio Grande do Sul. Uma pesquisa em andamento no Museu Arqueológico do RS (Marsul), museu público, que revisa os trabalhos de antigos diretores e que procura compreender como as pesquisas arqueológicas contribuíram para a construção e sedimentação de uma narrativa historiográfica equivocada.

PARA ALÉM DOS MUROS DE PEDRA: CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DE HISTÓRIAS

Fernando Alexandre Soltys (Eon Consultoria Ambiental)

Através das pesquisas realizadas em contexto de licenciamento ambiental para implementação de uma Linha de Transmissão, foi possível identificar e desenvolver possibilidades interpretativas acerca da ocupação do território do município de Candiota, no Rio Grande do Sul. Com a necessidade de se adensar as informações sobre as estruturas identificadas ao longo da pesquisa, foram revisitadas histórias do período colonial sobre a tradicional técnica de construções de Muros de Taipas (ou Muros de Pedras), dando novos sentidos às estruturas soerguidas na região.

Ainda, devido à compensação ocorrida por conta do empreendimento, houve a reconstrução de parte impactada do muro de pedras, realizado por Mestre Tapeiro local, onde o Ofício do Mestre e sua relação com a cultura material associada, foram fundamentais para entender a continuidade da prática hoje em dia e toda sua carga histórica e cultural.

PELOS CAMINHOS DA INCONFIDÊNCIA - A PARAGEM DO GUIDO E O CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA

Henrique Moreira Duarte Piló (Sete Soluções e Tecnologia Ambiental), Maria Teresa Teixeira de Moura (SETE Soluções e Tecnologia Ambiental)

A Inconfidência Mineira é, sem dúvida, o período mais estudado da História de Minas Gerais. Cheia de personagens vultosos, o evento se tornou fonte inesgotável de teorias, conspirações e biografias. Além do afamado alferes, alguns personagens dessa trama exercem um fascínio especial na historiografia. É o caso do Cônego Luís Vieira da Silva, com sua invejável biblioteca, arcabouço teórico da conspiração malograda. O Cônego teria nascido em uma fazenda na região de Ouro Branco, denominada Paragem do Guido. A partir de pesquisas históricas e arqueológicas desenvolvidas nas ruínas da fazenda abandonada, foi possível propor medidas de preservação e conservação, além de analisar a viabilidade de visitação a esse local como parte do circuito da Inconfidência Mineira. A possibilidade, respaldada pela oralidade local de ter sido o berço do Cônego Luís Vieira da Silva - figura ímpar na inconfidência mineira -, aumenta ainda mais a relevância de tal paragem, que, por seus vestígios, unicamente já são motivos de proteção patrimonial integral. Sobre o Cônego, o local onde nasceu e os estudos para identificação e preservação dessas ruínas é que constituem o estudo em desenvolvimento.

PRÁTICAS DOMÉSTICAS NOS SÉCULOS XVII-XIX NA VILA DE MORRO DE SÃO PAULO DURANTE A FORTIFICAÇÃO DA ILHA DE TINHARÉ

Railson Cotias da Silva (Arqueólogos Consultoria e Pesquisa Arqueológica), Luciana Bozzo Alves (Universidade de São Paulo), Luiz Antonio Pacheco de Queiroz (UFRB)

Neste estudo avançamos com reflexões sobre a ocupação em uma localidade da Ilha de Tinharé, em Cairu, Bahia, somando-as aos resultados da pesquisa arqueológica nos sítios Fonte Grande e Praça da Cultura, como parte do projeto de Salvamento Arqueológico - acompanhamento arqueológico - Linha Subterrânea de Distribuição de Energia Elétrica RS Morro de São Paulo SE MSP AL 01S1. A perspectiva com base na arqueologia permite interpretar a ocupação na vila de Morro de São Paulo durante os séculos XVII e XIX refutando o pensamento que a restringe apenas aos afazeres para fins de defesa do amplo espaço de mar e rio no período de disputa geopolítica pelo continente americano. Através da análise da cartografia histórica, do posicionamento de componentes imóveis, lixeiras, estruturas viárias e dos detalhes dos materiais arqueológicos, enfatizamos as decisões relacionadas à implantação de arruamentos que levaram em conta não apenas as necessidades de fortificação, mas

também aspectos ligados à vida cotidiana doméstica entre os séculos XVII e XIX na região. A abordagem da arqueologia histórica permitiu a produção de conhecimentos que contestam visões distorcidas da realidade vivida na vila de Morro de São Paulo naquele período.

VIDROS EM CONTEXTO: UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DOS VESTÍGIOS VÍTREOS DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICO NO MÉDIO RIO XINGU

Antonio Marcos Araújo Guimarães (Universidade Federal do Pará)

O sítio arqueológico-histórico Taboca-1 faz parte da coleta realizada no Projeto de Arqueologia Preventiva na construção da UHE Belo Monte, no Rio Xingu, pela empresa Scientia Consultoria Científica, e apresenta componentes materiais que correspondem a uma ocupação contemporânea à economia da borracha na Amazônia. O objetivo deste trabalho é apresentar a aplicabilidade da abordagem de Arqueologia Contextual para uma interpretação crítica do conjunto material vítreo deste sítio, localizado no Médio Rio Xingu. Foram realizadas as análises arqueológicas sistemáticas, considerando os aspectos morfológicos, funcionais e composicionais, de uso e descarte dos vasilhames - garrafas, frascos e copos dosadores - e o levantamento documental das marcas das empresas identificadas. A Arqueologia Contextual implica o vai-e-vem entre dados e teorias a fim de assegurar a mais completa explicação que permeie o método hermenêutico com criticidade: por uma interpretação detalhada em termos de sua totalidade estabelecendo a possibilidade de compreensão das ações particulares e seus significados e transportá-las para um contexto mais amplo de significados históricos. Visando romper algumas das barreiras de reflexão inerentes à prática de arqueologia de contrato no Brasil, a fim de que se construa um conhecimento holístico, o destaque dado ao Projeto de Arqueologia Preventiva no Xingu ressalta a importância dessa arqueologia realizada de forma socialmente comprometida.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST07 - Arqueologia Indígena, Auto-Arqueologia e Prática Etnográfica: Perspectivas Transversal, Plurisemântica e Epistemológica

COORDENAÇÃO: Fabíola Andréa Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia USP), Walderes Coctá Priprá de Almeida (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP), Rosalvo Ivarra Ortiz (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP)

Nas últimas décadas, pesquisadora(es) indígenas têm enveredado pela prática arqueológica, tratando de diversas problemáticas epistemológicas, metodológicas e conceituais, refletindo sobre suas demandas culturais, sociais e políticas da/na contemporaneidade. Neste cenário, tais pesquisadora(e)s vêm se utilizando da arqueologia etnográfica, etnografia arqueológica e etnografia da arqueologia para tratar de suas comunidades e de suas epistemologias e ontologias, frente aos sistemas de conhecimento e ontologias ocidentais. Neste (GT), idealizado, organizado e coordenado pelos acadêmicos indígenas Walderes Coctá Priprá de Almeida e Rosalvo Ortiz pretende-se reunir trabalhos de acadêmica(o)s indígenas e não-indígenas que têm realizado pesquisas com povos originários, tanto no âmbito das práticas colaborativas como nos termos da arqueologia indígena e auto-arqueologia. Busca-se incitar

reflexões sobre temas diversos (p.ex. histórias de ocupação e demarcação territorial, paisagens, arte rupestre, repatriação de bens culturais), tendo como objetivo promover diálogos entre pesquisadores indígenas e não-indígenas. A ideia principal deste (GT) é incitar um repensar dos espaços acadêmico-institucionais, em termos da inserção de pessoas indígenas e, também, do próprio ofício de arqueólogo(a), no presente e futuro da disciplina.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 07

A CASTANHA, AS TROCAS E AS HISTÓRIAS ÀS MARGENS DA AMAZÔNIA: INDÍGENAS E BRANCOS NA PRÁTICA COLABORATIVA ANTICOLONIAL

Juliana Salles Machado (Universidade Federal de Santa Catarina)

Este resumo pretende tratar da experiência teórico-metodológica praticada pela rede de pesquisa intercultural e interdisciplinar “História às Margens: geografias políticas mundiais e fronteiras territoriais indígenas entre os Andes e a Amazônia no período (pré)colonial e suas repercussões contemporâneas”. Com o intuito de qualificar as relações estabelecidas entre populações indígenas distintas dos Andes e das terras baixas amazônicas na região fronteira entre Bolívia, Peru e o estado de Rondônia, Brasil no passado e no presente, pesquisadores indígenas e não indígenas das áreas de História, Linguística, Arqueologia, Etnologia e Etnobotânica se voltam à análise da castanha, seus usos, significados e relações. Nesta apresentação, buscarei refletir sobre os desafios metodológicos desta prática intercultural e interdisciplinar de pesquisa, multi-situada, baseada na promoção de oficinas de narrativas, nas quais ocorrem trocas de saberes entre diversos pesquisadores indígenas de povos distintos - pesquisadores Arara, Makurap, Paitei-suruí, Gavião, Oro-mon Wari, além de participações na Bolívia dos Tacana - , assim como pesquisadores brancos de áreas e especialidades distintas.

A CERÂMICA JÊ MERIDIONAL: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DO FAZER CERÂMICO DO SÍTIO BONIN, URUBICI, SANTA CATARINA

Ana Carolina Sprenger (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho tem como objetivo apresentar as análises e discussões sobre a cerâmica Jê Meridional do sítio Bonin, problematizando-a a partir de indagações acerca de eventuais mudanças e permanências sociotécnicas na produção cerâmica a partir de dois horizontes ocupacionais, datados em 650 anos e 350 anos A.P. O sítio Bonin está localizado no município de Urubici, Santa Catarina, no qual foram identificadas 30 estruturas semi-subterrâneas. A coleção cerâmica aqui estudada, exumada em intervenções arqueológicas realizadas em 2011, 2016 e 2017 corresponde a cerca de 2400 fragmentos. As discussões sobre a coleção tiveram por base um estudo quanti-qualitativo. Para tanto uma amostra de 750 fragmentos foi selecionada. A análise qualitativa resultou na identificação e análise de 78 potes cerâmicos. A análise comparativa entre os dois horizontes ocupacionais evidenciou uma permanência na receita de pasta e mudanças com o aumento da quantidade e variedade de formas para

o horizonte mais recente. Esse último aspecto reforça argumentos de aumento populacional no sítio Bonin, podendo ser resultado do avanço de frentes coloniais que já estariam no litoral empurrando indígenas para o interior do estado, colocando o sítio Bonin como um local de resistência na história dessas populações. As interpretações e hipóteses aqui levantadas a partir de dados etnográficos e arqueológicos são contribuições à história de longa duração dos povos Jê Meridionais.

ENTRE MEMÓRIAS, AFETOS E POLÍTICAS DE GESTÃO: A EXPERIÊNCIAS DE REQUALIFICAÇÃO COM O ACERVO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO REGIONAL DE ARQUEOLOGIA AMBIENTAL DE PIRAJU (CASA DA USP)

Leticia Ribeiro Ferreira da Silva (MAE/USP)

Esta proposta de comunicação tem como objetivo apresentar resultados parciais de minha pesquisa de doutorado no PPGArq do MAE/USP, voltada para a requalificação do acervo da Casa da USP em Piraju e desenvolvida em colaboração com os Guarani Nhandewa da Aldeia Nimuendaju (TI Araribá, Avaí-SP). Para Cury (2016) a requalificação abrange o conjunto de práticas referentes à salvaguarda e comunicação museológica, que se desenvolvem simultaneamente, uma vez que o conhecimento dos antigos no que se refere a produção e função original dos objetos contribui para o desenvolvimento de práticas específicas da conservação preventiva e restauro de peças, no armazenamento adequado dos objetos (respeitando normas colocadas pela cosmopercepção indígena), além de complementar informações registradas no momento da coleta e que podem e devem compor o leque de informações que acompanha o objeto em uma exposição. Podemos dizer, portanto, que a requalificação se insere em um movimento político ideológico mais amplo que Roca (2015) reconhece como indigenização dos museus e, por sua vez, visa contribuir com a formulação de uma nova ética dos museus, como proposto por Marstine (2011) e Kreps (2011). Dados preliminares, com novos sentidos e ressignificações, serão apresentados na comunicação.

ESBOÇO DE UMA ARQUEOLOGIA GUARANI E KAIOWÁ NO CONTEXTO DE MATO GROSSO DO SUL: DADOS PRELIMINARES, PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS E TRANSFORMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Rosalvo Ivarra Ortiz (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP)

As populações Guarani (Ñandeva) e Kaiowá originárias dos grupos tupi amazônico e pertencente ao tronco linguístico tupiguarani que no Brasil habitam majoritariamente o Estado de Mato Grosso do Sul, região centro-oeste do Brasil, no continente sul-americano, nos últimos anos têm se tornando 'alvo' de inúmeras pesquisas históricas, antropológicas, geográficas e educacionais, no entanto, as abordagens no seguimento arqueológico têm sido incipiente, sobretudo, pela enorme potencialidade que o Estado oferece. Para tanto, pretende-se aqui trazer uma visão arqueológica e etnoarqueológica acerca das materialidades desses grupos étnicos que persistem no cerco dos juruá-kuera (os não-indígenas), dentre os quais destacam-se os instrumentos artefatuais simbólico-ritualísticas como o xirú, mbaraká,

kuruçú-ambá (iviray), takuapú, dentre outros – além dos próprios tekohás traduzidas como comunidades, territórios e territorialidades tradicionais. Não obstante, os dados apresentados são preliminares no âmbito de uma investigação arqueológico-etnográfica que vêm sendo realizadas nos Tekohá Jaguapirú e Tekohá Bororó localizadas na Reserva Indígena de Dourados (MS). Portanto, esta investigação segue uma logicidade ‘nativa’ em diálogo profícuo com pesquisadores não-indígenas a respeito de tais materialidades complexo-múltiplas trans-escalares, sobretudo, situar esses objetos, artefatos, coisas e paisagens plurisemânticas ‘sensíveis’ no seguimento arqueológico.

NARRATIVAS COLONIALISTAS FRENTE AO APAGAMENTO INDÍGENA NO PLANALTO NORTE CATARINENSE: UMA ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA PARA SE PROMOVER MUDANÇAS

Heloise de Oliveira Woehl (Universidade Federal do Paraná)

A presente pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento e tem buscado desconstruir a história oficial do município de Mafra-SC, elaborando uma narrativa arqueológica da ocupação indígena da região pela arqueologia compartilhada. Estão sendo analisados também os municípios de Itaiópolis (SC) e Rio Negro (PR) devido às mudanças históricas em suas divisões territoriais que antes formavam um único território oficial. Para tanto, estão sendo utilizados os cadastros de sítios arqueológicos do IPHAN, acervos arqueológicos indígenas da região, e o mapeamento de estruturas subterrâneas relacionadas historicamente aos povos Jê, na localidade do Avençal do Meio, ao longo da BR-280. Até o momento foram localizadas cinco delas; há o registro de dois sítios arqueológicos indígenas; 95 itens de acervos museológicos provenientes da região; e amplos relatos com evidências de materiais, atestando a presença indígena. A pesquisa tem analisado também a narrativa oficial adotada pelas prefeituras, que enfatizam a invasão europeia como início, apagando a presença indígena. Mafra conta com o acampamento Kaingang Ven Kenér e Itaiópolis com parte da Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ. A pesquisa busca contribuir nessa descolonização e no conhecimento das histórias plurais que existem neste território.

TERRITÓRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DO POVO LAKLÃNÕ NO ALTO E MÉDIO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA: INTERPRETAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PRELIMINARES

Walderes Coctá Priprá de Almeida (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP)

Nesta pesquisa pretende-se localizar, documentar e conseqüentemente inferir itens referentes aos locais de acampamentos dentro da Terra Indígena Laklãnõ, mencionados em pesquisa anterior (Priprá 2021) em conversas com anciões Laklãnõ, assim como fazer um levantamento sobre os locais de acampamentos em torno da Terra Indígena e buscar mais informações sobre seus significados. Dar seguimento ao trabalho desenvolvido durante mestrado em História na UFSC, tendo como referência a linha de pesquisa Arqueologia e Sociedade e Arqueologia e Identidade, pois, ela se desdobra em temas que são muito relevantes para

minha pesquisa e sei que dessa forma vou poder registrar e, se possível, visitar os lugares que contam a história material e imaterial do meu povo. Registrar através das conversas e análises bibliográficas a história dos locais de acampamentos e memórias do povo Laklãnõ é de suma importância para contribuir com a história indígena de Santa Catarina. Para compreender o presente do povo Laklãnõ é preciso voltarmos ao passado, período anterior ao contato, conhecido como “pacificação”. Período no qual o povo Laklãnõ caminhava por entre as matas sem medo de se deparar com o homem “branco”, pois, sabiam que poderiam se deslocar à procura de alimentos num espaço onde não havia limites para caminharem de um lado para o outro, considero este movimento de idas e vindas como movimento de quem tinha um grande conhecimento desses espaços.

TUPI, CHICHA E SALIVA: REGISTROS LINGUÍSTICOS E ETNOARQUEOLÓGICOS DO TECER DAS PANE-LAS DE BARRO DE URURU, PUGAPIA, AIGA E BABAWRO

Carolina Coelho Aragon (UFPB), Juliana Salles Machado (Universidade Federal de Santa Catarina), Bruno de Souza Barreto (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

Este trabalho explora as etapas da cadeia operatória da produção cerâmica entre as mulheres Akuntsú (Tupí, Tuparí), bem como as experiências que envolvem a manufatura das painelas de barro, integrando aspectos de sua cosmologia. O coletivo Akuntsú sofreu contínuos ataques genocidas quando suas terras ancestrais foram ocupadas nos períodos que marcaram a história recente do estado de Rondônia. Há três sobreviventes Akuntsú, as mulheres: Pugapia, Aiga e Babawro. Para compreender os processos de fabricação das painelas de barro, dialogamos com a Linguística, a História, a Arqueologia e a Antropologia. Apresentamos as relações entre Ojre — mulher não-humana —, a chicha, o xamanismo, a saliva e o processo de produção das painelas. As análises mostram a saliva como componente essencial na produção cerâmica, na fabricação de chicha e na prática de cura, refletindo sua importância cultural e social. A pesquisa é baseada em observações de campo e em diálogos na língua Akuntsú com as mulheres (falantes monolíngues). No contexto mais amplo, esta comunicação enfatiza a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para abordar a complexidade de narrativas, memórias e práticas etnolinguísticas. Os resultados indicam que a cadeia operatória das painelas de barro marca uma prática cultural antiga que continua até os dias atuais, mesmo que permeada de gaps históricos, motivados pela violência do contato, ainda assim, as três mulheres Akuntsú não deixaram de criar corpos, de “tecer” o barro.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST08 - Arqueologia Urbana

COORDENAÇÃO: Piero Alessandro Bohn Tessaro (MAE - USP)

Desde fins da década de 1960 a Arqueologia tem, no seu emaranhado teórico e metodológico, o desenvolvimento de uma subárea, a Arqueologia Urbana. Apesar de anteriormente ser tratada como parte de sua gestora, a Arqueologia Histórica, passa a considerar até contextos arqueológicos anteriores as cidades, que se encontram imersos nos processos de

urbanização. Essa temática passa a ter especificidades teóricas e metodológicas desenvolvidas por arqueólogos com formação em contextos pré-históricos/coloniais; tendo como local de precursão a cidade de Nova York, justamente com pesquisas em sítios líticos. Além disso, respaldou-se na Antropologia Urbana, nos conceitos de: antropologia “na” cidade e “da” cidade. No Brasil as primeiras publicações da temática, reconhecida como tal, ocorrem nos anos de 1980, aumentando no final dos anos de 1990. Alguns trabalhos, que poderiam ser reconhecidos como Arqueologia Urbana, são ainda caracterizados como Arqueologia Histórica. Essa escolha está sensivelmente atrelada a questões teóricas e falta de discussão mais ampla. A proposição do simpósio é reunir pesquisadores que atuam com essa temática, ou mesmo de outras arqueologias em territórios urbanos, ampliando as reflexões teóricas e apresentando estudos de caso; bem como publicizar para demais interessados. O diálogo ampliado poderá expandir a reflexão, além dos conceitos tradicionais – arqueologia “na” e “da” cidade – para perspectivas recentes, arqueologia “para” e “com” a cidade.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 08

ATERROS DOS SÉCULOS XVII AO XIX DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR E SUAS IMPLICAÇÕES ENQUANTO EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA DA URBANIZAÇÃO

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz (UFRB)

Neste estudo, abordo os aterros do Centro Antigo de Salvador, Bahia, nos séculos XVII ao XIX, ressaltando sua importância na formação da malha urbana e no controle territorial exercido pelas oligarquias da época. Ao analisar a materialidade, recorro à arqueologia urbana para denunciar a violência simbólica do espaço citadino, argumentando que a apropriação territorial difundida com a expansão da área urbana realizada pelas classes dominantes, perpetuou desigualdades sociais. Com base na integração entre concepções das geociências e arqueologia, considero os aterros como depósitos tecnogênicos, perspectiva que enxerga registros geológicos como evidências da atuação humana na produção do espaço. Esses aterros desempenharam papel crucial ao possibilitar o incremento de espaço para moradias, comércio, prédios públicos, defesa, ruas e marcos religiosos católicos durante etapas significativas da expansão urbana de Salvador. Meu objetivo é compreender a estrutura espaço-temporal e interpretar os significados do território urbano, enfatizando a importância do uso dos conceitos e técnicas das geociências na arqueologia, especialmente na arqueologia histórica. Na análise dessa problemática, considero as consequências sociais decorrentes das decisões tomadas pelas elites na transformação do espaço urbano, que impactou negativamente na vida dos habitantes de baixa renda, resultando em sua exclusão social.

ESPAÇOS MORTUÁRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: RESULTADOS PRÉVIOS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA PROPOSTA DE UMA CARTA TEMÁTICA DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO

Sônia Cunha (Universidade de São Paulo)

A cidade é geralmente concebida como um espaço de vida em constante transformação, em harmonia com o progresso e com poucas ou nenhuma conexão com a morte e o passado. A cidade de São Paulo, no Brasil, exemplifica essa aparente distância relacional, que é interrompida quando uma “abertura” é criada no solo. Essa “abertura”, que pode ser chamada de “janela”, “porta”, “túnel” ou qualquer outro termo similar, revela o passado e a morte ao expor os vestígios enterrados ali, trazendo-os para o presente. O território atual da cidade de São Paulo tem sido ocupado desde o Holoceno Médio, tanto pelos vivos quanto pelos mortos. Mas onde estão os mortos? Assim, e com base na pesquisa em andamento no contexto do Mestrado em Arqueologia no MAE/USP, intitulada “Espaços mortuários na cidade de São Paulo: uma proposta para um mapa temático de potencial arqueológico”, apresento os resultados prévios da proposta da carta temática de potencial arqueológico para a localização dos espaços mortuários na cidade de São Paulo em período anterior a 1858, ano da implantação de um sistema público de gestão da morte, com a criação de uma série de cemitérios públicos distribuídos pela cidade. Além disso, este trabalho pretende dar contributos para a discussão sobre a proposição de se escavar tais contextos e como manejar os remanescentes esqueléticos advindos de tais trabalhos, bem como aqueles já institucionalizados nas suas dimensões éticas e identitárias tendo como cenário a arqueologia pública.

POLO ALFÂNDEGA X POLO PILAR: NOVOS DISCURSOS, VELHAS PRÁTICAS

Cecília Barthel Carneiro Campello (UFPE)

O objetivo desta apresentação é refletir sobre a reprodução de princípios sociais segregacionistas, que reproduzem narrativas que reforçam a desigualdade entre os grupos no espaço urbano. O Bairro do Recife foi foco de diversas pesquisas arqueológicas e transformações urbanísticas sobre as estruturas pré-existentes nas duas primeiras décadas do século XXI. Nesse contexto, destacamos a área do Polo Alfândega, formada a partir do aterro para a construção do Forte do Matos e do Convento do Oratório com o outro extremo do bairro, denominado Polo Pilar, que abriga a comunidade análoga, originada a partir do núcleo “fora de portas” no final do século XVII. A análise se respaldou nos relatórios, artigos e trabalhos gerados pelas pesquisas arqueológicas e nos projetos arquitetônicos e urbanísticos sobre os espaços pré-existentes. Também procuramos estabelecer relações entre os temas de gestão e legislação; Conservação Integrada; função; entorno e paisagem. Os resultados demonstraram decisões respaldadas no valor de uso sobre o simbólico, implicando em obstáculos na adoção de novas narrativas arqueológicas associadas a construção de novos espaços, inclusivos e diversos. Diante disso, discutimos a relação entre às interpretações, o diálogo, a institucionalização, como potenciais meios para na ressignificação dos espaços.

SALVADOR E RIO DE JANEIRO E O AZULEJO PORTUGUÊS: TRADIÇÃO PATRIMONIAL E CULTURAL - SÉCULO XVII ATÉ HOJE

Karla Maria Fredel (UFPEL - RS)

O presente trabalho pretende evidenciar um patrimônio herdado, por vezes esquecido e negligenciado por nós, a azulejaria portuguesa/europeia aplicada nas edificações das cidades brasileiras. De acordo com a historiografia/arqueologia, no século XV, o rei de Portugal, D. Manuel em visita à Espanha nas cidades de Saragoça, Toledo e Sevilha, deslumbrou-se com a “tapeçaria cerâmica”. Em Portugal, para as primeiras “olarias” - “fábricas”, foram trazidos profissionais espanhóis para ensinar os lusitanos. Aos poucos, o artefato ganhou o “status” de elemento decorativo para decorar/teatralizar componentes arquitetônicos, como marcos de portas e janelas arcos e rosáceas. No palácio de Sintra, visíveis até hoje, a ESFERA ARMILAR, símbolo da expansão marítima. Neste período, o artefato era transportado como “contrapeso” nos tombadilhos das naus. No caso brasileiro, formavam-se os primeiros núcleos monocultores com suas “casas”, feitas com material precário. Aos poucos, foram introduzidos nas construções como isolante térmico, contra chuvas e os raios solares. Um século e meio depois, passa a fazer parte da arquitetura decorativa, principalmente em construções religiosas e moradias rurais de famílias abastadas, sendo que as primeiras cidades “urbes” agraciadas foram Salvador e Rio de Janeiro, logo propagando-se por todo território brasileiro, podendo serem apreciados até hoje.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO ANITA GARIBALDI – GUARULHOS SP

Luis Vinicius Sanches Alvarenga (Museu de Arqueologia e Etnologia USP), Kamila Rezende Firmino (MAE USP)

O trabalho apresentado visa compartilhar o sítio arqueológico Anita Garibaldi, em meio a metrópole paulistana no município de Guarulhos. O sítio está implantado nos arredores do aeroporto de Cumbica, identificado em trabalho de arqueologia preventiva, em uma paisagem diversa e cheia de contrastes. O nome Anita Garibaldi remete ao bairro, uma ocupação de trabalhadores do movimento sem teto que ocuparam a área nas décadas de 1990-00, por outro lado o contexto no qual está inserido remete as primeiras ocupações urbanas do município, o bairro do Bom Sucesso. Nesse lugar de disputas por moradia e memórias em constante transformação, guarda testemunhos de tempos remotos que nada tem a ver com a ocupação atual. A partir dessa descoberta é possível discutir como a cidade trata sua memória e qual papel da arqueologia para o Patrimônio Histórico das cidades. Quanto à materialidade, o sítio é composto por vestígios cerâmicos que se apresentam bastante fragmentados com exemplares que não ultrapassam cinco centímetros. É perceptível nas peças tratamentos de superfície como alisamento, engobo vermelho e incisões. Além disso no mesmo terreno havia uma antiga residência com características do estilo neocolonial e presença de vitrais.

SÍTIO CARANDIRU: MEMÓRIA DE MASSACRES E PACTO SOCIAL

*Marília Oliveira Calazans (Museu de Arqueologia e Etnologia -
Universidade de São Paulo)*

Este trabalho busca analisar os remanescentes materiais da Casa de Detenção de São Paulo em diálogo com o complexo penitenciário no qual esteve inserida e com a paisagem urbana de São Paulo. O objetivo é entrever, a partir da materialidade documental, arquitetônica e artefactual (documentos oficiais, cartografia histórica, fotografias aéreas, relatos testemunhais e objetos) como a cidade desenhou as imediações do córrego Carandiru, na margem norte do Rio Tietê, como um sítio designado para cumprir a função de estabelecimento penitenciário. Argumentamos que a historicização desse lugar não apenas cumpre preencher uma lacuna histórica sobre as primeiras décadas de funcionamento do Carandiru (em oposição à hiper-documentação do período pós-massacre), como também demonstra como aquele complexo implicou em um ponto de inflexão para muitas questões urbanas, como habitação, mobilidade, lazer, educação, economia e - é claro - aquilo que chamamos de segurança pública. Essa análise também suscita debates sobre temas muito próprios da arqueologia, como por exemplo, as dimensões visíveis e invisíveis da cultura material, o patrimônio e o pertencimento, a monumentalização e o esquecimento, além da utilidade do repertório teórico e metodológico da disciplina para discutir questões do passado recente, da lida com comunidades e da violência do Estado.

“BRILHA FEITO OURO A LIBERDADE”: CONSIDERAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA AFRODIASPÓRICA URBANA EM SÃO PAULO

Luciana Alves Costa (Universidade Federal de Sergipe)

A Arqueologia Preventiva, realizada no centro de São Paulo, tem evidenciado contextos arqueológicos que foram “asfaltados” por narrativas patrimoniais associadas a projetos urbanísticos. As implicações dessas narrativas materializaram apagamentos históricos relacionados a ocupações indígenas e negras. Conforme os vestígios afloram, as comunidades negras remanescentes destacam que tais “descobertas” fortalecem histórias e memórias transmitidas por seus ancestrais. Por isso, reivindicam a preservação dessas “coisas” arqueológicas, dos lugares significativos e o devido reconhecimento da presença negra e indígena na formação da paisagem do centro de São Paulo. Partícipes desse contexto, os sítios arqueológicos Aflitos, Saracura e Lavapés, situados na região central de São Paulo, proporcionam uma série de discussões que abarcam processos urbanísticos e a formação de sítios arqueológicos na cidade, bem como a construção de paisagens por meio de violências étnico-raciais. Outrossim, esses mesmos contextos possibilitam a compreensão do caráter multiétnico do centro de São Paulo, das redes de sociabilidade, das persistências e resistências, e ressaltam a importância do reconhecimento e da salvaguarda do patrimônio arqueológico urbano negro e indígena. Além de desencadear críticas ao modus operandi da Arqueologia Preventiva, tencionando

seus profissionais a refletir e considerar possibilidades de relações mais respeitadas e participativas entre Arqueologia Preventiva e Comunidades.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST09 - Arqueologia, cidade, seres e coisas

COORDENAÇÃO: Fernanda Codevilla Soares (UFPI), Andrés Zarankin (UFMG)

Para além de uma arqueologia “na cidade” ou uma arqueologia “da cidade”, este simpósio aborda o fenômeno urbano a partir de sua materialidade, discutindo os vestígios existentes em superfície e em profundidade, relações destes entre si e vinculações dos mesmos com as comunidades, no passado e no presente. Busca-se contemplar trabalhos que analisem conceitos-chaves da disciplina, como cidade-sítio e paisagens urbanas, além de temáticas transversais, como: arqueologia da arquitetura, arqueologia industrial, arqueologia pública, gestão e preservação patrimonial. Além disso, pesquisas que tenham como temática estudos sobre Vilas Operárias, Prostituição, Bordéis, Favelas, Sem-teto, Pixações, Cemitérios entre outros também são contemplados. Serão considerados, ainda, investigações que levam em conta o estudo de sítios indígenas (antigos ou atuais) que compõem o quadro de referência histórico-cultural da urbe. Em síntese, o simpósio tem por objetivo incentivar trabalhos reflexivos, que busquem construir contra narrativas que tragam à superfície memórias excluídas de grupos sociais segregados, que ajudem a expor as assimetrias de gênero, classe e poder que caracterizam as cidades atuais, analisando processos sociais de transformação social e luta pelo “Direto à cidade”.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 09

“PAISAGEM URBANA DA ANTIGA DESTERRO: CAMADAS ARQUEOLÓGICAS DE SOBREPOSIÇÃO”

Franciele Laner (nao estou trabalhando), Marcia Regina Escorteganha (MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA -MHSC)

Ao mapear as intervenções realizadas na área da Praça XV de Novembro-Florianópolis, com um foco especial nos sítios arqueológico do centro histórico que marca o início da vila, fica evidente a Paisagem Urbana da Antiga Desterro como cidade sítio. Essa paisagem é o resultado de um processo complexo de evolução tanto paisagística quanto arqueológica, intrinsecamente integrado à configuração urbana da capital. Além de destacar as diversas transformações ao longo do tempo na própria Praça XV, identificando nove fases de alterações confirmadas por registros fotográficos, desenhos e pinturas, esta pesquisa procura reconstruir o espaço considerando suas múltiplas complementações e modificações. Empregando métodos de análise retrospectiva, são definidas as fases históricas de construção do espaço, combinadas com interpretações dos vestígios preexistentes, como é definida Arqueologia Urbana por Edward Staski como “estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição num assentamento urbano”. Sem pensar as técnicas arqueológicas na cidade somente como coleta de materiais, mas como uma “Arqueologia da Cidade”, dinâmica

e susceptíveis à mudanças constantes. Pensamento reforçado pelas escavações recentes que permitiram identificar vestígios que enriquecem a compreensão desta paisagem urbana, remetendo-a análise aprofundada dentro de uma visão mais completa das transformações históricas cidade, entrelaçando o desenvolvimento urbano com o contexto arqueológico.

2. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PESQUISA DO PATRIMÔNIO, PARA ALÉM DO CASO DO CHINELO DO MUSEU DO IPIRANGA

Renato Kipnis (Scientia Consultoria Científica), Ilza Carla Favaro de Lima (Scientia Consultoria Científica)

A educação patrimonial no licenciamento ambiental tem como particularidade realizar diálogos sobre a legislação ambiental e compartilhar dados sobre as pesquisas. Entretanto, aliada às teorias de Paulo Freire, como um processo educacional emancipador, deve priorizar construir, conjuntamente com os envolvidos, estratégias de identificação, valorização e fortalecimento de suas referências culturais. Os resultados do monitoramento arqueológico realizado durante as obras de restauro e modernização do Museu do Ipiranga evidenciaram materiais provocativos para reflexões sobre os moradores do entorno e, em especial, sobre os trabalhadores envolvidos em obras anteriores. Essa problemática foi considerada um dos temas geradores para a construção conjunta das ações educativas. Tendo em vista que o território de Heliópolis, a maior favela de São Paulo, compõe a comunidade próxima ao Museu, convidamos para participar destas atividades os jovens do Observatório De Olho na Quebrada. As dinâmicas passaram por rodas de conversa, visitas técnicas e pesquisa de campo pelo Museu do Ipiranga, MAE-USP, Laboratório da Scientia Consultoria e, nas ruas de Heliópolis, entorno do Museu e Parque do Ipiranga e Avenida Paulista. Estamos num momento crucial de reposicionamento dos debates acerca das narrativas, considerando sujeitos que por muito tempo não foram contemplados nas dinâmicas de representação e valorização, a culminância deste projeto foi um evento com o protagonismo da periferia no Museu.

A MÚSICA NA CULTURA MATERIAL FUNERÁRIA: RELAÇÕES ENTRE PRESENTE E PASSADO NO PATRIMÔNIO CEMITERIAL

Fábio Vergara Cerqueira (Universidade Federal de Pelotas)

Os cemitérios são importante faceta do patrimônio cultural, herança da redefinição do espaço da morte na metade do séc. XIX. Como outras formas de patrimônio, estão sob risco de desaparecimento, pelo efeito do tempo, abandono, roubo, exploração comercial de empresas que administram antigas necrópoles, enfim pela mudança dos costumes (preferência por cremação). Não sendo garantida a preservação, apesar da “perpetuidade” de muitos jazigos e da ideia da eternização na pedra ou bronze, estudar os cemitérios torna-se tarefa urgente. A Arqueologia histórica pode contribuir, com seus métodos de prospecção e análise da “cultura material funerária”, para uma compreensão de como, desde meados do XIX, se

dá a relação entre presente e passado, relação plasmada na arquitetura e arte tumulares. A Arqueologia histórica pode agenciar a interpretação na encruzilhada entre as fontes materiais, iconográficas e escritas. Veremos como, no processo de significação da morte e do morto através do túmulo, deu-se a apropriação de elementos da Antiguidade grega, e, em especial, como se manifesta na materialidade dos túmulos a relação entre a morte e a música, pela representação de instrumentos musicais antigos e modernos. A partir de um levantamento sistemático e abrangente em cemitérios de diferentes países (e.g. Brasil, Argentina, Uruguai, Itália), estabelecemos algumas categorias sobre a presença dos instrumentos musicais ao túmulo. Enfocaremos túmulos do Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires.

ARQUEOLOGIA COM A CIDADE: UM MOVIMENTO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO URBANO DE SÃO PAULO - SP

Piero Alessandro Bohn Tessaro (MAE - USP)

A Arqueologia Urbana na Cidade de São Paulo propiciou o desenvolvimento de um novo conceito, extrapolando os já estabelecidos para essa temática: arqueologia na, da e para a cidade; porém, agregando-os e explorando aspectos que se aproximam da arqueologia pública, sintetizados na ideia de uma arqueologia com a cidade. Seu desenvolvimento, no entanto, se deu primeiramente através de aspectos relacionados a Sociomuseologia, em uma tarefa dentro da perspectiva de uma Ciência Social Nômade e pautada pelo processo de ressignificação. Junto a esses agrega-se o fator de se pensar uma cidade, das proporções de São Paulo, considerando-a, em seu todo, um sítio arqueológico e com uma perspectiva de não exclusão social.

CAIS DE PEDRA, LEMBRANÇAS ENTERRADAS: ARQUEOLOGIA NO PORTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE

Luiz Alberto Silveira da Rosa (Autônomo), Iara Laura de Aragão Fernandes (Archaeos Consultoria em Arqueologia), Mariana Costa de Moraes Fernandes (ARCHAEOS CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA)

Filha de sal e pólvora do império colonial português, a cidade do Rio Grande (RS) foi fundada no séc. XVIII como entreposto militar nas terras contestadas do Brasil Meridional, um posto avançado de suporte a Colônia do Sacramento. A passagem de fortaleza isolada até importante nó na rede transatlântica de comércio envolveu transformações de ampla escala, moldadas pela novas ideias e práticas que eram trazidos entre mercadorias e navios. Esse processo envolveu diferentes grupos, que se apropriavam ou resistiam as mudanças que transformavam a cidade e o mundo ao seu redor: era a modernidade tornada fenômeno global sendo ressignificada para o contexto local. A pesquisa arqueológica realizada em conjunto com as obras de revitalização do Porto Histórico do Rio Grande oferece uma oportunidade única para explorar esse passado e sua conexão com a formação de identidades e políticas públicas no presente. Foram descobertos milhares de peças, associadas ao cotidiano e vivência da população no século XIX, e parte da antiga estrutura portuária, incluindo o cais

da Boa Vista, construído em 1870. Despertando um grande interesse na comunidade local e estadual, a pesquisa assumiu um papel de destaque nos planos de reocupação do centro histórico da cidade. Pretendemos discutir os resultados do projeto até o momento e sua importância na construção de identidades, pertencimento e políticas públicas.

OLHAR ARQUEOLÓGICO PARA O ANGLO, PELOTAS/RS

Cláudio Baptista Carle (ICH - UFPel)

O Anglo é um sítio arqueológico multicomponencial, há evidências de ocupação de centenas de anos. O espaço compõe o antigo “passo das pelotas” (embarcação de couro utilizada por nativos na região), depois constituiu a charquedada do Braga (cujas evidências estão sendo trabalhadas, no início do século XX configura o Frigorífico Rio Grande, substituído depois pelo Frigorífico Anglo e atualmente é a sede da Universidade Federal de Pelotas. Essa dinâmica ocupação vem sendo trabalhada por equipes de arqueologia da UFPel, criando diferentes versões sobre sua ocupação. O texto aborda uma visão, no contexto da arqueologia do imaginário, e apresenta os estudos em andamento e as perspectivas arqueológicas sobre esse lugar.

TÊM UM SAMBAQUI NA MINHA RUA! RELAÇÕES CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS COMPARTILHADAS.

Bruna Cataneo Zamparetti (GRUPEP - Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia), Juliana Salles Machado (Universidade Federal de Santa Catarina)

Os exercícios patrimoniais relacionados à arqueologia carregam o histórico de colonialidade da disciplina, bem como, da própria categoria patrimônio cultural. Apesar do avanço nas discussões acerca da função social da área, com o fortalecimento de arqueologias públicas, comunitárias, colaborativas, o exercício da colonialidade do saber persiste. Ao direcionar nosso olhar para as práticas preservacionistas, nos deparamos com discursos autoritários em relação às comunidades vizinhas. Geralmente são afastadas dos processos patrimoniais, tanto fisicamente – cercas, placas – como intelectualmente, por meio da teoria do déficit de conhecimento. Como partes integrantes de uma estrutura acadêmica, em muitos casos, reprodutora deste discurso, propomos um movimento de transformação que analise a construção destas relações, com vistas ao desenvolvimento de práticas colaborativas. Para tanto, direcionamos nossa atenção para uma rua com dois sambaquis, localizada no centro do município de Capivari de Baixo/SC-Brasil. Propomos discutir as relações construídas entre a comunidade e os sambaquis Capivari I e II. Muito antes de se tornarem patrimônio arqueológico – registrados em 1975 – os “casqueiros” já eram espaços de sociabilidade da comunidade. Entre memórias de infância, usos econômicos, artefatos encontrados e histórias fantasmagóricas, os sítios podem ser entendidos como “lugares persistentes”, recheados de memórias produtoras de territorialidade.

“DIVERS(C)IDADE EM FLORIANÓPOLIS: A ‘IMIGRAÇÃO EUROPEIA’ REVISITADA PELA ARQUEOLOGIA”

Fernanda Codevilla Soares (UFPI)

Alongada e estreita, com o litoral recortado por enseadas, costões, baías e lagoas, a Ilha de SC possui diversas atrações e recebe milhares de turistas nos meses de verão. Suas praias, bem como a Ponte Hercílio Luz, o MHSC (ou antigo Palácio dos Governadores) e as fortificações são lugares que constam nos seus cartões postais. Muitos deles são registrados como sítios arqueológicos e incorporam discursos sobre o passado e o presente da cidade. Nessa apresentação, pretendo discutir qual passado a arqueologia desenvolvida em Florianópolis tem construído e tornado visível aos moradores e turistas. De forma mais específica, irei analisar os sítios arqueológicos usualmente considerados como testemunhos da “presença europeia” em Florianópolis, apresentando quais seriam e questionando essa classificação. Essa apresentação é fruto do capítulo “Divers(C)idade em Florianópolis: a ‘imigração europeia’ revisitada pela arqueologia”, que foi publicado por mim e por Ângela Salvador, no livro “Florianópolis Arqueológica”. O estudo traz, inicialmente, uma revisão das narrativas dos sítios arqueológico da Ilha (séculos XVI à XX), pensando aspectos como localização, arquitetura e temporalidade; em seguida discute-se a diversidade e complexidade da imigração na Ilha, questionando o termo “imigração europeia” e, por fim, apresenta perspectivas futuras de pesquisas de Arqueologia Urbana para Florianópolis – SC, pensando grupos marginais excluídos das narrativas oficiais.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 10 - Arqueologia, Comunidades, Territórios, Mudanças Climáticas e Patrimônio Cultural

COORDENAÇÃO: Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas), Luana Cristina da Silva Campos (UFMS)

Esta proposta de Simpósio Temático (ST) tem o objetivo de reunir arqueólogas/os e profissionais de campos afins, em diferentes níveis de formação acadêmica, interessadas/os em socializar conhecimentos e discutir sobre experiências a envolver as múltiplas relações entre arqueologia, comunidades originárias (indígenas) e tradicionais (quilombolas, pescadoras, ribeirinhas etc.), territórios, mudanças climáticas e patrimônio cultural em diversas temporalidades, situações históricas e contextos socioespaciais. Tais relações envolvem memórias sociais, conflitos pela posse de terras tradicionalmente ocupadas, diversas formas de assimetria e diferentes sentidos de herança cultural a envolver o patrimônio arqueológico no antropoceno. São desafios ligados à temática central do XXII Congresso da SAB, denominada “Arqueologias Plurais: Políticas Patrimoniais e Desafios Contemporâneos”, e estão revestidos de grande relevância científica e social no tempo presente.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 10

APROXIMACIÓN HISTÓRICA Y CULTURAL A LA ISLA DE LOBOS

Alejandro Turell Lorenzo (UDELAR)

La ocupación humana en la isla de lobos se encuentra ligada al oficio del “lobero”, el cual se desarrolló en el Uruguay a partir de la explotación de ese recurso natural en zonas con grandes concentraciones de lobos marinos principalmente en la Isla de Lobos y en Cabo Polonio. La finalidad era extraer aceite y pieles para su curtiembre. Este recurso natural fue explotado de diversas formas y con distinta intensidad desde la prehistoria hasta nuestros días, en distintos continentes y espacios, tanto marítimos como continentales. En el año 1948 el gobierno Uruguayo dispuso el cese de la matanza y zafra indiscriminada para la “protección” de éstas especies y finalmente, en el año 1991, se estableció la prohibición definitiva de las matanzas en general. El presente trabajo reúne evidencias materiales e inmateriales sobre el desempeño humano. Por un lado los testimonios de los involucrados, sus relatos, su conocimiento sobre el territorio específico; por otro el conocimiento y las destrezas del oficio, su tecnología, las herramientas de trabajo para la matanza y posterior tutela; finalmente, la documentación por parte de las diferentes instituciones y científicos que han estudiado distintas facetas de la Isla. Todos estos elementos forman parte del patrimonio acerca de ese “recóndito” lugar, el punto terrestre más austral del Uruguay, y que se encuentra en la actualidad prácticamente en el olvido.

ARQUEOLOGIA DO CONFLITO NO PONTAL DA BARRA, RS, BRASIL.

Sabrina Escobar Freitas Ribeiro (Universidade Federal de Pelotas)

O Pontal da Barra é uma área de ecótono composta por banhados, campos alagados, dunas e mata atlântica, localizado à margem da laguna dos Patos e canal São Gonçalo, no município de Pelotas no sul do estado do Rio Grande do Sul. É um lugar de intensos conflitos que envolvem processos de degradação ambiental, principalmente em decorrência do avanço da especulação imobiliária na região. Com abordagem em Arqueologia Pública, o presente estudo compreende o lugar Pontal da Barra como uma grande paisagem cultural, onde permeiam questões do campo da Arqueologia e da Antropologia, sobre a relação dos humanos e não-humanos com essa paisagem, refletindo sobre o histórico dos conflitos e os discursos sobre os patrimônios a partir desses atores sociais. O Pontal da Barra é analisado como uma complexa rede de relações entre diferentes agentes (humanos e não-humanos) que se estabelece na paisagem com seus discursos e práticas próprios. O presente estudo aborda esses discursos através de uma construção multivocal do conhecimento, diluindo a posição de autoridade de pesquisador em vias de simetrização dos discursos. Ao estabelecer as relações entre os diferentes atores e a paisagem o conhecimento construído em torno do Patrimônio se torna mais amplo, permitindo ampliar noções ligadas à sua existência, às

discussões sobre sua permanência, proteção, valorização, divulgação e atributos legais em torno de sua preservação.

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS NO SERRO, ALTO VALE DO JEQUITINHONHA, MG - MINERAÇÃO QUE AMEAÇA LUGARES E SABERES TRADICIONAIS”

Alenice Maria Motta Baeta (UFMG-MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL-SETOR DE ARQUEOLOGIA)

A ameaça da implantação de mineradoras vem afligindo de forma severa os moradores quilombolas e demais habitantes do município do Serro, em especial no vale do rio do Peixe e terras altas no entorno do Pico do Itambé, alto vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Com importantes ambientes socioespaciais, hídricos e paisagísticos, a região já sofre com a escassez hídrica periódica e há riscos graves caso prossigam processos de licenciamento ambiental de empreendimentos minerários, pois territórios históricos de povos e comunidades tradicionais - protegidos por um corolário de leis e normas patrimoniais - seriam mutilados de forma irreparável. Os territórios necessitavam então de estudos urgentes sobre a sua biodiversidade, incluindo os seus bens culturais, materiais e imateriais, respeitando as exegeses e demandas comunitárias. Com o apoio do MPMG, o Projeto Quilombo Vivo realizou diversas ações nesse sentido, desenvolvendo atividades articuladas às reivindicações das comunidades locais. Neste eixo, relacionado ao registro e valorização de bens culturais e arqueológicos, foram elencadas metodologias etnográficas e participativas, priorizando as perspectivas dos moradores sobre seus próprios territórios, através de uma arqueologia comprometida com a defesa dos territórios tradicionais, frente a ameaça de expansão de atividades degradantes. A pesquisa resultou na produção de um extenso material, incluindo filmes documentais, etnomapas e inventários de centenas de bens patrimoniais.

ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS ENTRE OS SÉCULOS XI E XIII: O CASO DOS GRUPOS INDÍGENAS EM IBIÁ/MG.

Ricardo Augusto Silva Nogueira (Universidade de Coimbra), Marcus Júnio da Silva (consultor)

Os resultados das pesquisas em quatorze (14) sítios arqueológicos no município de Ibiá, estado de Minas Gerais, trouxeram a confirmação da ocupação indígena Macro-Jê, pré-colonial, relacionada a tradição cerâmica denominada de Aratu-Sapucaí. Nisto as datações alcançadas no trabalho realizado no âmbito do licenciamento ambiental, nas fazendas Engenho e Esperança, corresponderam a uma ocupação de trezentos (300) anos neste contexto espacial. Conforme apresentado no relatório de gestão do patrimônio arqueológico, visto a inserção dos grupos indígenas no território, foram realizadas pesquisas interventivas que evidenciaram um conjunto de ocupações pretéritas onde o principal viés das observações atentaram para as dinâmicas de ocupação relacionadas com as estratégias adaptativas e sua caracterização no cenário ambiental. Assim, nos critérios metodológicos estabelecidos

pelo programa de gestão, as análises somaram com os resultados regionais alcançados por outros pesquisadores, trazendo desta forma novas contribuições científicas, culturais, materiais e comparativos significativos através das percepções socioambientais no âmbito das pesquisas arqueológicas.

ETNOARQUEOLOGIA GUATÓ, ATERROS INDÍGENAS E FONTES ESCRITAS PRODUZIDAS SOBRE O PANTANAL NOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas), Gil Passos de Mattos (UFPEL)

Neste trabalho são analisadas as fontes escritas primárias que tratam da ocorrência de aterros indígenas na porção brasileira do Pantanal. São documentos produzidos ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, isto é, desde os tempos das Minas do Cuiabá até temporalidades mais recentes. A maioria das fontes registra a existência de montículos artificiais construídos e/ou ocupados por famílias do povo Guató, estruturas essas chamadas de “marabohó” no idioma nativo e conhecidas regionalmente como aterros, aterrados, aterrinhos etc. Os dados analisados permitem afirmar que tradição milenar de construir e ocupar aterros indígenas, iniciada por antigas populações canoeiras desde, ao menos, uns 8.400 anos atrás, é mantida e possui continuidade com as atuais comunidades e famílias Guató estabelecidas ao longo dos rios Paraguai, Cuiabá e São Lourenço. Constatou-se que desde o período colonial a construção e a ocupação dos aterrados está diretamente associada à situação histórica vivida pelas comunidades Guató ao longo dos contatos interétnicos ocorridos no Pantanal, iniciados com o encontro colonial no século XVI. Tais situações também estão relacionadas à expansão da propriedade privada sobre terras tradicionalmente ocupadas e sua transformação em fazendas para a criação de bovinos e outras atividades. Além disso, no tempo presente os “marabohó” são reconhecidos como marcadores de terras indígenas em determinadas áreas da planície de inundação.

EVIDÊNCIA DE CANIBALISMO EM REMANESCENTE ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEMPLO DOS PILARES, ALCINÓPOLIS, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar (Universidade Federal da Grande Dourados)

Durante as escavações realizadas no sítio arqueológico Templo dos Pilares, em 2018, foram encontrados dois fragmentos de crânio humano. Na área e nível onde os ossos estavam depositados, datações radiocarbônicas revelaram datas entre 3 e 8 mil anos. Os ossos foram submetidos a análise por microscopia óptica, de DNA e datação direta por extração de colágeno, esta última sem resultados. Os ossos também continham marcas de corte e fraturas artificiais que demonstram intervenção post mortem, sugerindo prática de canibalismo ou tratamento específico para ritual mortuário. A coloração do osso indica que o mesmo foi cozido, reforçando a tese de canibalismo.

GEOPARQUE MUNDIAL DA UNESCO CAMINHOS DOS CÂNIONS DO SUL: CARTOGRAFANDO O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E A HISTÓRIA E CULTURA DOS POVOS INDÍGENAS COMO SUBSÍDIO PARA OS PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Juliano Bitencourt Campos (Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)), Estéfani de Oliveira Serafim (UNESC)

O projeto Geoparque Mundial da UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul: Cartografando o Patrimônio Arqueológico e a História e cultura dos Povos Indígenas, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da UNESC, possibilita momentos significativos de aprendizagem por meio de espaços de diálogo e formação. Atualmente contempla o desenvolvimento de ações educativas, que está alinhado às secretarias de educação dos municípios integrantes do Geoparque: Praia Grande, Jacinto Machado, Morro Grande, Timbé do Sul em Santa Catarina e Mampituba, Torres e Cambará do Sul, no Rio Grande do Sul. O foco do projeto é potencializar junto as escolas a Arqueologia e a Educação Patrimonial, envolvendo educadores e educandos e, neste sentido demonstrar o porquê de a Arqueologia ser a ciência que estuda o conhecimento das sociedades através de sua cultura material e imaterial, como também, os aspectos ambientais na interação homem e natureza. O patrimônio arqueológico, educação patrimonial, história e cultura indígena são as temáticas que norteiam as ações deste projeto. O projeto iniciou-se no ano de 2021 com renovação no ano de 2023, contemplando mais de 1800 alunos. Concluímos que o envolvimento das escolas por meio de seus professores e alunos os sensibiliza no que tange a identificação, valorização e o compromisso com a preservação do patrimônio, contribuindo para a construção de um outro olhar sobre o patrimônio cultural, bem como a História e a cultura indígena.

NARRATIVAS DO FIM DO MUNDO: QUESTÕES CLIMÁTICAS E A ARQUEOLOGIA.

Aline Vieira de Carvalho (NEPAM-UNICAMP)

As questões climáticas têm trazido angústia aos pesquisadores e à comunidade em geral. A impossibilidade de reversão do aumento da temperatura global, os eventos extremos e a escassez que se aproxima nos trazem ansiedade e insegurança em relação ao futuro. Teríamos outros futuros possíveis? Nesta apresentação ensaística, almejamos refletir sobre as narrativas acadêmicas sobre as mudanças climáticas, o impacto destas narrativas sobre múltiplos setores da sociedade e, enfim, sobre estratégias de ação e comunicação a partir do campo arqueológico. Para a Arqueologia, a questão climática tem sido pulsante e um desafio. Por ser inerentemente interdisciplinar e participativo, partimos de diferentes saberes para pensar a temática no passado e no presente. Agora, como comunicarmos nossa ação para gerarmos ações efetivas em nossa presente e futuro? O ensaio parte da pesquisa de indicadores arqueológicos no litoral norte de São Paulo, financiada pela Fapesp.

OS SÍTIOS DE ATERROS NO PANTANAL E SUA RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO HOLOCENO

Luana Cristina da Silva Campos (UFMS)

As estratégias de ocupação do território que marcaram o holoceno brasileiro são variadas e apontam para condições sociais, organizacionais e adaptativas distintas, resultando numa diversidade de tipologias de sítios arqueológicos, entre os quais, os sítios aterros do Pantanal. O objetivo da presente pesquisa é abordar a função desses sítios aterros do Pantanal Sul-Mato-Grossense à luz das transformações ambientais sofridas nesse bioma durante o holoceno tardio, médio e recente, através da análise comparativa da localização e estruturas de construção entre os sítios. O projeto iniciado pelo LAPAN/CPAN/UFMS parte das hipóteses que há estratégias de ocupação diferenciadas entre os grupos que ocuparam o pantanal, nos diferentes períodos, são devidas às alterações nas dinâmicas das águas de acordo com distintos eventos climáticos, apontando para os aterros e os elementos da cultura material que nele são encontrados como estratégias de enfrentamento às mudanças climáticas por esses povos, além de caracterizar uma forma distinta de ocupação e relação com o território baseada no seminomadismo, desde as primeiras ocupações, direcionando para como as transformações ambientais podem ter influenciado a noção arqueológica, especialmente sobre o hiato de ocupação durante o médio holoceno identificado na região.

PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA ÁREA CORE DO MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO ESPINHAÇO: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS

Valdinêy Amaral Leite (UFMG)

Essa comunicação tem como objetivo apresentar um estudo geoarqueológico em sítios localizados dentro das Unidades de Conservação na porção central do Mosaico de Áreas Protegidas do Espinhaço Meridional: Alto Jequitinhonha-Serra do Cabral. Sítios, como elementos constitutivos dos lugares, das paisagens e dos territórios e propor discussões científicas acerca da propositiva do conceito-metodológico “Espaço Híbrido de Interações”. A metodologia pautou-se em revisões bibliográficas e atividades de campo por meio de prospecções arqueológicas. Por meio destas investidas iniciais, registrou-se pela primeira vez, nove sítios arqueológicos no Parque Nacional das Sempre-Vivas além de visitas a outros dois sítios no Parque Estadual do Pico do Itambé. Embora a pesquisa esteja em seus primeiros passos, espera-se continuar a identificar e sistematizar sítios arqueológicos de relevância histórico-cultural-científica que possibilitem entender as relações diacrônicas/sincrônicas entre e em cada sítio. Pretende-se, também, sistematizar tendências de como ocorreram as ocupações dos lugares, a formação dos territórios e das paisagens ao longo do tempo. E ainda, propor recomendações técnicas para os gestores das Unidades de Conservação no que tange a temática patrimônio arqueológico.

TODAS AS QUINTAS: A CONTRA-HEGEMONIA RIZOMÁTICA DOS QUINTAIS QUILOMBOLAS

João Paulo Soares Silva (Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP))

Em um contexto de disputas pelo uso da terra e mudanças climáticas alarmantes, as comunidades tradicionais e povos originários encontram-se envoltos em uma complexa trama de problemáticas socioeconômicas, políticas e ambientais. Na Comunidade Quilombola do Camburi (Ubatuba/SP), a prática da agricultura foi transformada ao longo do tempo, principalmente em função da criação de áreas naturais protegidas sobrepostas ao território e do turismo predatório. O objetivo dessa pesquisa foi escavar histórias e memórias sociais desse território por meio de entrevistas e rodas de conversa, visando identificar as formas de resistência e resiliência frente ao sistema capitalista e aos efeitos da crise climática. O método tradicional em sistema de coivara foi substituído por plantios em menor escala, nos quintais individuais. Esses espaços se configuram como potentes ferramentas de aplicação do conhecimento etnobotânico local, visando não somente a segurança alimentar e a resiliência climática, bem como diversas outras funções socioambientais, individuais e coletivas. Como forma de assegurar a soberania da comunidade, foram propostas as seguintes ações: criação de bancos de sementes crioulas e plantio de mudas de espécies nativas com potencial frutífero, medicinal e de restauração florestal. Adicionalmente, serão realizadas ações de educação ambiental com a comunidade e com as escolas, além da produção de um documentário que destaca as dinâmicas territoriais frente às mudanças climáticas.

USO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NA MONTAGEM DE BANCO DE DADOS, MAPEAMENTO E ANÁLISE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PANTANAL, COM ÊNFASE EM LOCAIS DE OCUPAÇÃO DO POVO GUATÓ.

Gil Passos de Mattos (UFPEL), Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas)

O presente trabalho trata do uso de Sistema de Informação Geográfica (SIG) na montagem de banco de dados, mapeamento e análise de sítios arqueológicos localizados no Pantanal, com ênfase em locais de ocupação do povo Guató. Do ponto de vista étnico o Pantanal é um mosaico de várias etnias. Para Bespalez (2015) a diversidade cultural da região é tão notável quanto à sua diversidade ambiental. Tal diversidade ecológica se configurou num atrativo para as populações pré-cabralianas. Dados arqueológicos apontam a presença humana na região do Pantanal a mais de oito mil anos antes do presente. Eremites de Oliveira (2002) destaca o sítio arqueológico MS-CP-22, um aterro associado a grupos pescadores-caçadores-coletores acerâmistas, com datação entre 8.390±80 AP e 8.160±60 AP. Tratando-se assim da estrutura monticular mais antiga da bacia platina. Nas áreas ocupadas pelos Guató, a última etnia essencialmente canoieira do Pantanal, além de aterros, destacam-se alguns sítios com arte rupestre. O banco de dados em SIG é alimentado por arquivos do tipo shapefile, imagens de radar e saté-

lite, provenientes de órgãos governamentais. E foram confeccionados dados shapefile, a partir de pontos de GPS, obtidos em projetos de pesquisa e laudos periciais envolvendo os Guató. Mesmo em estágio inicial, o uso do SIG tem se mostrado um poderosa ferramenta, ao que tange ao mapeamento do patrimônio cultural, delimitação de territórios tradicionais, assim como, no auxílio à interpretação arqueológica.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 11 - Arqueologia, Direito e Burocracia

COORDENAÇÃO: Bruna Cigaran da Rocha (Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Institute of Archaeology - University College London), Diego Teixeira Mendes (Universidade de São Paulo)

Esta mesa pretende confrontar leis, normas e diretrizes que definem conceitos e regulam pesquisas arqueológicas com avanços teóricos, instrumentos legais e princípios éticos sendo aplicados no campo disciplinar, tanto em contextos de licenciamento ambiental quanto de pesquisa acadêmica. A partir das análises baseadas em estudos de caso, propõe-se a produção de um documento que, dentre outros aspectos, priorize os direitos das populações com quem desenvolvemos o trabalho, a exemplo da Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais da Organização Internacional do Trabalho e de protocolos de consulta elaborados por diferentes povos indígenas e tradicionais; discuta conceitos de impactos diretos e indiretos de empreendimentos; e especifique aspectos inerentes ao trabalho arqueológico em campo e em laboratório de modo a considerar a razoabilidade de exigências burocráticas colocadas por órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o sistema de Comitês de Ética em Pesquisa coordenados Conselho Nacional de Saúde.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 11

A ONÇA NO MEIO DA SALA: BIOARQUEOLOGIA E DIREITOS INDÍGENAS NO BRASIL

Gabriela Oppitz (UFSC), Luciane Zanenga Scherer (MARQUE/UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc)

Há uma disjunção entre a legislação arqueológica e a legislação que dispõe sobre os direitos indígenas no Brasil, o patrimônio arqueológico sendo incluído no rol do patrimônio cultural nacional e legalmente alienado do patrimônio cultural indígena. Este trabalho levanta o debate dos direitos indígenas no âmbito da bioarqueologia por meio da apresentação de dois estudos de caso: um sobre a recente reivindicação de uma mulher Laklãnõ Xokleng sobre os remanescentes de seus ancestrais expostos no Parque Municipal Gruta do Tigre (Rio do Oeste/SC); e outro sobre o projeto de conservação, restauração e escavação de uma estrutura funerária do sambaqui Carniça I (Laguna/SC), desenvolvido com anuência e participação dos estudantes Kaingang, Guarani e Laklãnõ Xokleng da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC. Esses casos mostram que as relações estabelecidas entre as comunidades indígenas e os remanescentes arqueológicos de seus ancestrais são

diversas e que as soluções encontradas serão próprias do movimento indígena no Brasil e dos contextos histórico-culturais locais, podendo ser muito semelhantes ou muito diferentes de políticas como o NAGPRA. Além disso, destacam que a ausência de legislação específica ou eventuais dificuldades de filiação cultural do ponto de vista arqueológico não eximem arqueólogos de sua responsabilidade em observar os direitos indígenas sobre os acervos sensíveis com os quais trabalham.

ARQUEOLOGIA E LEGISLAÇÃO NO ÂMBITO DAS PESQUISAS EM TERRAS INDÍGENAS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Fabiola Andréa Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)

Neste simpósio pretendo apresentar algumas de minhas experiências de pesquisa em terras indígenas, buscando contribuir com a reflexão sobre as questões que estão subjacentes às legislações do IPHAN e FUNAI, para a regulação das pesquisas com povos indígenas e seus bens culturais.

ARQUEOLOGIA, DIREITO E BUROCRACIA

Bruna Cigaran da Rocha (Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Institute of Archaeology - University College London), Diego Teixeira Mendes (Universidade de São Paulo)

Na última década observamos um aumento significativo de pesquisas arqueológicas realizadas com o objetivo explícito de trabalhar com povos indígenas, comunidades quilombolas e povos e comunidades tradicionais, seja no âmbito do licenciamento ambiental ou da academia. Visando diagnosticar o cenário legal e burocrático da pesquisa arqueológica com essas comunidades, apresentaremos um panorama de leis, normas e diretrizes que regem a atuação arqueológica em territórios tradicionalmente ocupados. Ainda que, no Brasil, existam normativas que regulamentem a pesquisa em tais contextos, há sobreposições na atuação de órgãos públicos, como a Funai e o Iphan, que tem levado a desencontros; no âmbito estadual e municipal, empreendimentos que impactam sobre territórios tradicionalmente ocupados têm violado o direito à consulta livre, prévia e informada sem maiores impedimentos. Existe, portanto, a necessidade de inserção e regulação dos procedimentos de consulta no desenho das pesquisas. Pretendemos apontar caminhos para o avanço em termos éticos e científicos, de acordo com a legislação que garante os direitos à diferença das minorias étnicas.

DE "PÉS DE VENTO À MINA DE FERRO": COMUNIDADES QUILOMBOLAS, ARQUEOLOGIA, LEGISLAÇÃO E LICENCIAMENTO AMBIENTAL NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Juliana Freitas (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo)

Localizado na região do sudoeste baiano, o município de Caetité nas últimas décadas se tornou o destino de empreendimentos econômicos voltados tanto para o setor energético

(energias renováveis - eólica/fotovoltaica e exploração de urânio), como para a exploração do minério de ferro. Por outro lado, esse mesmo município apresenta um processo de ocupação histórica que resultou na formação de diversas comunidades quilombolas (certificadas ou não) em seu território, as quais sofrem e sentem de diferentes formas, muitas vezes irreversíveis, seus efeitos negativos. Pautados em discursos de desenvolvimento ou sustentabilidade, tais empreendimentos realizaram ou realizam todos os trâmites exigidos pela legislação brasileira para se instalarem no município através do licenciamento ambiental, portanto, tornando-se aptos a operar. Contudo, dentre tantas questões que permanecem latentes ao se debruçar sobre as problemáticas presentes nesse território, pode-se apontar as seguintes: Os estudos e ações efetivadas no âmbito do licenciamento ambiental realmente dão conta dos impactos sofridos pelas populações tradicionais, como as comunidades quilombolas que habitam o território? É considerado o quadro de impactos cumulativos e sinérgicos no território? Desenvolvimento e sustentabilidade para quem? Qual é o papel de arqueólogas e arqueólogos que atuam na dita arqueologia preventiva ou de contrato nesse processo?

POR UM OBSERVATÓRIO INDEPENDENTE DA ARQUEOLOGIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL

Marcus Antonio Schifino Wittmann (MN/UFRJ)

Este trabalho é, além de uma análise e reflexão sobre a prática arqueológica no licenciamento ambiental, uma proposta de ação, tanto para subsidiar o documento proposto por esse ST, quanto propor passos futuros. A apresentação terá 2 eixos. O primeiro será a apresentação de estudos de caso, principalmente da UHE Belo Monte, no Pará, e do empreendimento Arado Velho, no Rio Grande do Sul. Esses exemplos subsidiarão uma reflexão sobre alguns conceitos-chave, como o conceito de impacto no licenciamento ambiental – seja impacto patrimonial, material, cultural e/ou territorial –, assim como o de presença/ausência de povos indígenas, perpassando pela ideia de invisibilização. Além disso, questões burocráticas, como ações do IPHAN, utilização de certos mecanismos legais e burocráticos, assim como de funcionamento do corpo técnico, serão debatidas. O segundo eixo, parte de tanto de uma reflexão, quanto de uma proposta de como um observatório independente da arqueologia no licenciamento ambiental poderia funcionar e atuar. Para isso, baseio-me tanto em pesquisas prévias em processos de licenciamento, quanto em exemplos diversos de outros observatórios nacionais, como de direitos indígenas, de direitos humanos, de patrimônios culturais, de obras de infraestrutura, e também de protocolos de consulta. A partir disso, pretendo trazer reflexões, exemplos e propostas para o objetivo deste ST de uma prática arqueológica engajada, política, de luta, sensível e compromissada.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 12 - Arqueologia, História e Memórias Afroíndigenas: protagonismos, epistemologias e reivindicações coletivas

COORDENAÇÃO: Rosinalda Corrêa da Silva Simoni (PUC- Goiás), Irislane Pereira de Moraes (Universidade Federal do Amapá), Rossano Lopes Bastos (Rede de arqueologia negra ,IPHAN(aposentado))

A arqueologia, a história, assim como a antropologia e tantas outras ciências surgiram como ciências coloniais: com intuito de dominar povos e tornar hegemônicas as narrativas dos dominadores. Apesar das reformulações disciplinares contemporâneas, tais ciências seguem reproduzindo racismos e colonialidades em suas epistemologias, pedagogias e currículos acadêmico-científicos. O epistemicídio como morte e silenciamento de outros modos de existir e de pensar continua amplamente operado como mecanismo de poder nas instituições e disciplinas acadêmicas, bem como, em seus interesses de pesquisas, conceitos analíticos e metodologias. As existências negras e indígenas acabam consideradas meramente como “objetos de estudos”, e quase nunca como sujeitos de conhecimento e legítimos na narrativa de suas próprias histórias. Nesse contexto, este simpósio temático adota como princípio orientador as epistemologias, decoloniais, as ancestralidades e cosmopercepções de mundo que fundamentam as existências coletivas africanas, afrodiáspóricas, indígenas, bem como, se direciona e receberá os trabalhos acadêmicos engajados com agendas políticas de comunidades tradicionais, especialmente, os realizados por pesquisadores negres, quilombolas e indígenas. Nesta confluência de saberes, buscamos garantir espaço seguro de fortalecimento para discussões baseadas nas ontoepistemologias africanas, afrodiáspóricas e indígenas, reconhecendo o lugar de fala e as nossas epistemologias afro-indígenas enquanto pressupostos do exercício acadêmico-científico, então voltado a produção de (re) conhecimentos emancipatórios.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 12

AFRICANIDADES E NEGRITUDE EM GOIÁS: UMA GENEALOGIA IORUBÁ NO CONTINENTE AFRICANO E IN DIÁSPORA

Rosinalda Corrêa da Silva Simoni (PUC- Goiás)

Ao buscar mapear os africanos de origem Iorubá, traficados para a capitania dos Go-yases no final de séc. XVIII/XIX, me deparei com um grande entrave em relação às nomenclaturas utilizadas pelos colonizadores nos registros oficiais. Em geral, como já salientara Mariza Soares (2000) e Maria Lemke Loiola (2009), nos registros dos portos de tráfico de pessoas escravizadas e nos registros de batismos das arquidioceses goianas, prevaleciam indicações relacionadas a procedência, cor e condição social, em relação ao grau de liberdade e inserção no mundo colonial. A ausência de informações sobre as nações, reinos e linhagens desses africanos, reflete as estratégias coloniais para desumanização dos escravizados, percebida em cada documento do período escravista em que os africanos eram apenas negros, em alguns casos sem nome, em outros sem sobrenome e quase sempre sem pertença e sem

etnia. Poucos são os documentos que evidenciam elementos que ensejam a filiação étnica dos diversos africanos trazidos ao Brasil. A africanidade, mesmo que revertida de negritude, foi negada, junto com a própria humanidade desses sujeitos no processo de produção do escravismo. Assim essa apresentação visa apresentar para de minhas pesquisas que vem sendo desenvolvidas desde 2017 no âmbito dos programas de pós-graduação em história da Goiás e da UNESP.

ARQUEOLOGIA SANKOFA: RETOMADAS E REPARAÇÕES AFRODIASPÓRICAS

Irislane Pereira de Moraes (Universidade Federal do Amapá)

Este trabalho pretende demarcar reflexões críticas que sejam referentes a experiência afrodiaspórica em movimentos de retomadas e reparações de nossas existências, territórios e histórias. A arqueologia Sankofa expressa nesse sentido, a retomada de epistemes, identidades e principalmente a organização política de uma agenda coletiva na busca por direitos e políticas públicas de reparação. Para tanto, consideramos seja a conjuntura política do país, o movimento e interseccionalidade das lutas contra as opressões, quanto as suas respectivas condições estruturais de reprodução, a fim de desaguar e encorajar, desde nossos fazeres na arqueologia, as insurgências possíveis e emancipadoras de nossas presenças e subjetividades afrodiaspóricas através do tempo, territórios e por nossas comunidades.

DE CAMINO A BRASIL: CANARIAS COMO LUGAR DE TRÁNSITO EN LA DIÁSPORA AFRICANA

Alejandra Calderón Ordóñez (Universidad de las Palmas de Gran Canaria)

Las Islas Canarias fueron un punto estratégico en el triángulo de comercio entre Europa, África y América durante la Edad Moderna. Uno de los elementos fundamentales de este comercio fue la trata de esclavos que condujo a la Diáspora Africana. Sin embargo, el impacto de este comercio en la sociedad canaria no ha sido abordado en profundidad. Con el presente trabajo se busca presentar un estado de la cuestión sobre esta temática en el Archipiélago. Además se mostrarán algunos de los trabajos interdisciplinarios realizados en la Iglesia de la Concepción de Santa Cruz de Tenerife. En éstos hemos unido los datos genéticos y documentales de las poblaciones allí enterradas en el s. XVIII para identificar a las personas que hicieron parte de la Diáspora. El objetivo era establecer la relación entre estos individuos y su posible lugar de origen. Los resultados nos permitieron establecer vínculos no sólo con África sino también con localizaciones americanas inmersas en el comercio de esclavos. Estos resultados nos abren una nueva línea de investigación que proponemos como vía de futuro. Nuestro interés es el análisis interdisciplinar de diferentes enclaves de la Diáspora africana, sobre todo en aquellos lugares donde este tráfico tuvo mayor importancia, como Brasil, Cuba o Estados Unidos. El objetivo es dilucidar los caminos personales seguidos por estos individuos, que tuvieron orígenes y destinos concretos y diversos, pero con lugares de tránsito comunes como las Islas Canarias.

RECONFIGURANDO ESTRATIGRAFIAS: O IMPACTO DO TRABALHO DE VOZES PLURAIS NA ARQUEOLOGIA

Lara de Paula Passos (UFMG)

Este trabalho visa divulgar e discorrer acerca de parte da pesquisa de tese de Doutorado em curso, apresentando os espelhamentos observados enquanto de valia para a construção de uma prática antirracista na arqueologia. Entendendo a mudança como fruto de empenhamentos individuais e coletivos, serão apresentados conteúdos que se constelam a fim de vislumbrar possibilidades práticas e pedagógicas de impacto na realidade atual da arqueologia no que tange à sua correlação com a manutenção ou o combate de violências coloniais. Serão apresentadas enquanto exemplos reflexões produzidas a partir estudos de caso pautados na escrevivência (Evaristo, 2007), em especial a experiência de docência em sala de aula proporcionada pelo estágio docente obrigatório, a partilha via entrevistas, a utilização de redes sociais e veículos de mídias audiovisuais para público não acadêmico, a criação e autogestão do Laboratório Afrocentrado de Narrativas Construtivas na Arqueologia - LANÇA, a construção do dossiê de Arqueologias Negras e da oficina “Escrevivências na Arqueologia” dentro da Rede de Arqueologia Negra - NEGRARqueo e a própria produção da tese. Aliadas a estas experiências, serão colocadas sob o holofote também demais iniciativas contemporâneas de engajamento político social dentro da arqueologia, coadunando com o entendimento de inseparabilidade entre mudança e coletividade, arqueologia e política.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO SARACURA: A INSURGÊNCIA DO MOVIMENTO NEGRO PELO DIREITO À MEMÓRIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Rossano Lopes Bastos (Rede de arqueologia negra ,IPHAN(aposentado)), Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP)

O sítio arqueológico Saracura/Vai-Vai foi identificado durante obras de implantação da Linha 6 do Metrô da cidade de São Paulo, se configurando em uma das descobertas arqueológicas mais relevantes sobre o passado da população negra dessa cidade. O sítio do Quilombo Saracura se desvenda para, ao lado dos sítios do Quilombo dos Palmares (AL), Cais do Valongo (RJ), Quilombo do Ambrósio (MG), compor territórios afrodiáspóricos referências do patrimônio cultural e histórico nacional, fundamentais para o fortalecimento e (re) conhecimento desta e das gerações futuras da memória e história de africanos neste país. Porém, apesar da inquestionável relevância deste sítio, sua visibilidade é fruto da organização comunitária dos moradores do Bixiga, que se juntaram junto a diversos movimentos sociais na defesa desse importante patrimônio cultural. Sob o lema “Metrô sim, mas sem destruição do patrimônio histórico” Este artigo traz algumas reflexões sobre um processo que está em andamento, a partir de uma breve revisão da legislação pertinente e destaca a importância da mobilização social nesse processo, que promete se manter organizada e atuante até ter assegurada a proteção sítio arqueológico Saracura/Vai-Vai, de seus achados e ter garantias-

que serão adotadas medidas de extroversão desse patrimônio cultural da memória negra paulistana e nacional.

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 14 - Arqueologias do Sudoeste de Goiás, Sudeste de Mato Grosso e Nordeste de Mato Grosso do Sul: pesquisas em desenvolvimento e novas perspectivas

COORDENAÇÃO: Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH), Julio Cezar Rubin de Rubin (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

A arqueologia na região sudoeste de Goiás foi inicialmente estudada nas décadas de 1970 e 1980 por Pedro Ignácio Schmitz e equipe de pesquisadores da então Universidade Católica de Goiás e do Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos. A partir dos anos de 2000, ocorreu um aumento expressivo de pesquisas na região, resultando na construção de novas perspectivas. Nesse novo cenário, destaca-se a ampliação da cronologia de ocupação humana; a identificação da presença de tecnologias particulares; registro de novos sepultamentos humanos; desenvolvimento de novas abordagens para compreender as figuras rupestres; e a integração dos humanos na paisagem. Esse simpósio tem como objetivo reunir pesquisadores e pesquisadoras em arqueologia e áreas afins que estejam desenvolvendo pesquisas na região sudoeste de Goiás, sudeste de Mato Grosso e nordeste do Mato Grosso do Sul, para discutir e compartilhar dados. A proximidade geográfica dessas áreas sugere não apenas uma conexão espacial, mas também possíveis interações culturais entre os grupos humanos que habitaram essas regiões ao longo do tempo, considerando o contexto do bioma do Cerrado. Além disso, compreende-se que a localização estratégica desta macro região, associada a importantes bacias hidrográficas como a do Araguaia-Tocantins e Paraná, confere relevância aos estudos que visam compreender os fluxos de povoamentos entre o Planalto Central do Brasil e áreas circunvizinhas sul-americanas. De uma perspectiva mais ampla, espera-se contribuir para acentuar a diversidade cultural e temporalidade presente na história profunda do continente americano.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 14

A HISTÓRIA INDÍGENA DA REGIÃO DA PALESTINA DE GOIÁS A PARTIR DA RETOMADA DE COLEÇÕES CERÂMICAS E DE FONTES DOCUMENTAIS: NOVAS PROVOCAÇÕES PARA ANTIGOS PROBLEMAS

Cristiane Loriza Dantas (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)

A região de Palestina de Goiás está inserida na área arqueológica de Caiapônia, estado de Goiás, tendo sido alvo de estudos na década de 1980 (Schmitz, 1986). Esta área voltou a ser pesquisada a partir de 2006, por projetos acadêmicos coordenados por Viana (2008; 2012; 2022), evidenciando uma expressiva diversidade de cultura material: cerâmica, lítica, arte

rupestre, dentre outras evidências que apontam para a persistência da ocupação humana dessas paisagens desde, pelo menos, 12 mil anos atrás. Schmitz et al (1982; 1986) propôs uma eventual associação dos contextos cerâmicos da região, datados de pelo menos 900 anos e classificados como pertencentes à Fase Mossâmedes, aos povos Kayapó. Ainda que contemos com farta documentação a respeito da ocupação indígena na região centro sul do atual território de Goiás, no período colonial (Junqueira, 2021; Dias, 2017), essas correlações não têm sido examinadas. Wichers (2023), em diálogo com McClintock (2010), aponta que a demarcação de um tempo linear, com termos como “pré-história” ou “pré-colonial”, seguidos de uma “arqueologia histórica”, bem como a busca de “fatos inequívocos” (Ribeiro, 2017) teriam resultado em enredos da colonialidade, obstruindo o diálogo entre fontes arqueológicas, históricas e etnográficas. Essa comunicação, inserida no âmbito do projeto Patrimônio Arqueológico da Região Sudoeste de Goiás, coordenado por Viana (2023) traça diálogos que visam contribuir para a construção de uma história indígena regional.

ANÁLISE TECNO-ESTRUTURAL DE ESQUEMAS DE DEBITAGEM PRESENTES NO HOLOCENO MÉDIO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS ARTEFATOS LÍTICOS DOS SÍTIOS CACHOEIRA DO PINGADOR (MT) E BA-RC-28 (BA)

Andréia Walker da Silva Melo (Universidade Federal de Sergipe)

A apresentação consistirá no recorte de um conjunto de dados obtidos durante a pesquisa conduzida no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. O foco de interesse dessa apresentação concentra-se nos resultados relativos aos esquemas de debitage identificados em artefatos líticos provenientes de dois sítios arqueológicos localizados na região do Planalto Central brasileiro: Cachoeira do Pingador (MT) e BA-RC-28 (BA). As coleções líticas em questão datam do período do Holoceno Médio, compreendendo o intervalo de 8.500 A.P. a 4.000 A.P. Os resultados da pesquisa derivam das análises tecnológicas das lascas-suportes, identificadas a partir de comparação com o conjunto de ferramentas presentes nas coleções. O principal objetivo deste estudo é caracterizar e comparar, por meio de uma análise tecno-estrutural, os aspectos técnicos relacionados às lascas-suportes destes dois contextos, que, embora sejam geograficamente distantes, compartilham um mesmo contexto temporal. Associados aos aspectos tecnológicos *stricto sensu*, onde se incluem dentre outros, os métodos e técnicas empregados na produção dessas lascas, as características topológicas, o volume e a qualidade da matéria-prima, serão também avaliados, à luz da estrutura das ferramentas encontradas nas coleções, os níveis de predeterminação das lascas-suportes e aventar as concepções de debitage com as quais estão associadas.

APAGAMENTOS E REGISTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Rosicler Theodoro da Silva (Instituto Goiano de Pre-Historia e Antropologia - IGPA/UCG), Brena Soares Borges (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Ester Rodrigues Resende Moço Dos Santos (Pontifícia Universidade Católica de Goiás.)

Serranópolis se destaca em relação ao patrimônio cultural. No contexto pré-colonial, está sendo realizada a escavação do sítio GO-Ja-02, sendo obtidas datações a partir do limite-Pleistoceno-Holoceno, cultura material e exumação de sepultamentos. A etnohistória da região sudoeste de Goiás indica ser um território do grupo da etnia Caiapó do Sul, e eventualmente da etnia Bororo, o que está sendo investigado, já que há relatos sobre a presença de Bororo próximo do rio Verdinho. Informações em obras clássicas, relatos orais, documentos, dissertações e teses citam a presença de indígenas na região em conflito com colonos, porém sem a indicação dos locais das aldeias. Também há informações da presença de escravos trazidos da Bahia para o trabalhar nas lavouras, havendo referência oral de um remanescente no povoado de Douradinho, distante 50Km da cidade de Serranópolis. Marcante no município é a passagem da Coluna Prestes por diversas fazendas, como a Maria Barbara e Tinta. Os registros guardam informações referentes a Coluna Prestes e a presença de escravos, mas em relação aos grupos indígenas a realidade é de apagamento. As indicações de "lugares dos índios" foram infrutíferas pela ausência de evidências. Visando minimizar essa lacuna, optou-se, inicialmente, por delimitar e percorrer algumas áreas de baixa declividade próximas ao rio Verde, junto ou próximo a solos com boa fertilidade natural, o que certamente favoreceria a implantação de áreas de cultivo e de aldeias.

CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACACO SERRANÓPOLIS - GOIÁS

Flávio César Gomes de Oliveira (CONSAM Consultoria e Meio Ambiente Ltda.)

Recentemente descoberto na importante região do complexo de sítios arqueológicos de Serranópolis, Goiás, localizado na margem do rio Verde, o sítio arqueológico Macaco está inserido em um contexto de transição geológica e arqueológica, com sítios em abrigo sob rocha na região a montante e sítios a céu aberto a jusante, conferindo uma configuração impar sob o ponto de vista da utilização da paisagem pelos grupos pré-coloniais que ocuparam toda essa região desde cerca de 12.000 A.P. Apesar de possuir poucas pinturas rupestres e de sua área de contribuição encontrar-se altamente degradada, este sítio pode trazer importantes informações para a conexão entre estas distintas áreas arqueológicas, sendo de suma importância estudar e protegê-lo, tendo como principal objetivo, oficializar e tornar público a sua existência através do registro junto ao CNSA/IPHAN para assegurar ações de conservação e proteção.

CONSIDERAÇÕES TAFONÔMICAS E ANÁLISE TECNO-FUNCIONAL NO ESTUDO DO SÍTIO EM PALIMPSESTO GO-CP-17: SUBSÍDIOS PARA A OCUPAÇÃO PRETÉRITA DO SUDOESTE DO ESTADO DE GOIÁS

Marcos Paulo de Melo Ramos (MUSEU NACIONAL - UFRJ), Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH)

O objetivo da comunicação é apresentar a junção entre avaliação tafonômica e a abordagem tecno-funcional para compreender a materialidade do sítio GO-CP-17, localizado em Palestina de Goiás (Sudoeste de GO). Esse sítio, junto com outros cinco em suas cercanias, encontra-se em rampas erosivas que interligam a Formação Furnas ao embasamento neoproterozoico, associado a depósitos de diamictitos. A área do sítio é caracterizada por porções cobertas e circunvizinhas de um abrigo reduzido. Os artefatos são predominantemente líticos sobre seixos, sendo diversificados em termos tecno-funcionais. São encontrados principalmente na superfície ou em camadas pouco profundas, onde parte deles apresenta evidências de ter sofrido alterações pós-deposicionais (observável pelo estado das arestas e bordas dos artefatos). Entendendo que a ação dos agentes erosivos pode constituir um elemento potencial para contribuir na interpretação desse contexto arqueológico, trabalhamos com a hipótese do sítio se tratar de um palimpsesto multifacetado, acumulando vestígios líticos de ocupações humanas diversas. Foi possível definir, em função das circunstâncias de formação do sítio, que a visitação tenha começado a aproximadamente 9.000 anos AP. Discutiremos sobre as complexas interações entre os processos tafonômicos, a tecnologia de produção e o meio geológico enquanto modos para problematizar a história profunda das ocupações desse sítio, sua formação e suas múltiplas camadas de significado.

DE VOLTA À SERRANÓPOLIS: PRIMEIRAS NOTAS SOBRE O SEPULTAMENTO 1 DO ABRIGO GO-JA-02 (GRUTA DO DIOGO II), GOIÁS

Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo), Renata Estevam da Silva (-), Jordana Batista Barbosa (UNIOESTE), Julio Cezar Rubin de Rubin (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Rosicler Theodoro da Silva (Instituto Goiano de Pre-Historia e Antropologia - IGPA/UCG)

Na etapa de campo de 2022 foi localizado o sepultamento primário de um indivíduo, a 1.90m da superfície, que datações sobre carvões situaram entre 11930-11756 cal AP e 11848-11629 cal AP. A escavação da estrutura funerária foi realizada seguindo abordagem arqueotanatológica para identificar aspectos tafonômicos, entender a transformação do registro funerário e inferir gestos funerários. A integridade óssea do SEP-1 é ruim, ossos mal preservados e pulverulentos e quebras pós-mortem não intencionais. O perfil biológico indica indivíduo acima de 30 anos e sexo provavelmente masculino (estimativas iniciais). Seu corpo foi colocado deitado sobre o lado esquerdo, os membros superiores e inferiores fletidos sem sinais de amarração ou forte contenção, e as mãos postas à frente do rosto. Foi depositado

sobre o sedimento sem abertura de cova com um grande bloco de rocha, no qual se veem retiradas de lascas, colocado atrás de suas costas. Mais blocos de arenito amarelado e friável foram depositados sobre seu torso, e em seguida todo o corpo foi recoberto por grandes blocos de arenito branco-acinzentado pouco silicificado. O indivíduo sofreu em vida uma fratura transversal da fíbula esquerda próxima ao tornozelo provavelmente resultante de um impacto direto sobre a parte externa da perna nessa região, ocorrendo pontos de fusio-namento com a tíbia na mesma área. Além disso apresentava sinais de degeneração óssea nos corpos vertebrais (labiamentos) e intenso desgaste na dentição posterior.

O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DE PALESTINA DE GOIÁS: EVIDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH), Cristiane Loriza Dantas (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

Nosso objetivo é apresentar dados atuais sobre o complexo arqueológico de Palestina de Goiás, situado na região sudoeste do Estado de Goiás. Nessa área, encontram-se mais de quarenta sítios arqueológicos de naturezas diversas, ocupados em períodos que abrangem desde o Holoceno Antigo até o Tardio. À luz de reflexões sobre a relação entre o registro arqueológico presente na região, com suas diversas materialidades, e o ambiente circundante, enfatizamos o papel da paisagem na compreensão das evidências arqueológicas, agenciando não apenas forma como as pessoas do passado viveram, mas também no modo como interpretamos suas atividades, expressas de forma sutil ou evidenciadas de maneira destacadas. Numa perspectiva mais ampla, também abordaremos possíveis correlações entre as ocupações humanas da região de Palestina e o contexto regional. Isso inclui sítios arqueológicos localizados ao norte, no município de Doverlândia, ao sudoeste em Montes Claros e ao sul em Serranópolis.

RETOMADA DAS PESQUISAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-JA-02, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Julio Cezar Rubin de Rubin (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Jordana Batista Barbosa (UNIOESTE), Elton Angelo Denardin (Autonomo), Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH), Renata Estevam da Silva (-), Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo), Domingos de Sousa Sobrinho Neto (Fundação Aroeira), Matheus Godoy Pires (PUC GOIÁS), Elio Amorim Lima (ACOTES), Rosicler Theodoro da Silva (Instituto Goiano de Pre-Historia e Antropologia - IGPA/UCG), Welitom Rodrigues Borges (UNB), João Henrique Silva Porto (PUC GOIÁS)

A área de escavação de 48m² do sítio em abrigo arenítico GO-Ja-02 está dividida em segmentos de acordo com as profundidades: 1,8m, 1,0m e 0,20m. A pesquisa iniciada por Schmitz e colaboradores na década de 1980 foi reiniciada com utilização do GPR que indicou um pacote sedimentar com blocos e matações até a profundidade de 2,0m com pouca definição dos estratos. Os resultados preliminares evidenciam camadas estratigráficas com variações

na coloração e nas propriedades físico-químicas, presença de fogueiras, restos faunísticos e botânicos, cultura material especialmente lítica, uma estrutura funerária constituída por dez cabeças humanas, um sepultamento humano, carvão, conchas e restos alimentares. As ocupações humanas no sítio estão bem representadas a partir do limite do Pleistoceno-Holoceno, sendo obtidas 10 novas datações: 11930-11756 cal AP; 11848-11629 cal AP; 11762-11319 cal AP; 9480-9282 cal AP; 9480-9256 cal AP; 9327-9081 cal AP; 4159-3975 cal AP; 4014-3840 cal AP; 3362-3149 cal AP e 1634-1535 cal AP. Também se destacam camadas carbonáticas contendo conchas e fragmentos de conchas ao longo dos perfís. Uma das camadas carbonáticas entre 0-30cm se destaca pela distribuição horizontal por uma área de aproximadamente 20m². O sítio está inserido em uma encosta onde é possível identificar da base para o topo intercalações entre arenitos e basaltos. A formação do registro arqueológico do sítio é complexa e apresenta um contexto ainda não registrado para a região.

TECENDO HISTÓRIAS NO VALE DO RIO TOCANTINS

Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Isabelle Cristina Doble de Souza (UFSC), Lorena Ferreira Nogueira (UFSC), Juliana Betarello Ramalho (Temis - Projetos de Meio Ambiente e Sustentabilidade), Monique Piacentini (UFSC), Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes (UFT)

O rio Tocantins atravessa o Planalto Central Brasileiro de sul a norte. Em seus 2.400km percorre regiões com características ambientais distintas, abrangendo tanto áreas de cerrado, quanto planícies da região amazônica. Ao longo desse extenso e diverso percurso várias histórias foram tecidas através do fluxo de pessoas, plantas, animais e objetos. Nesta apresentação pretendemos abordar esse fluxo apresentando uma síntese das pesquisas desenvolvidas na região. O foco recai sobre o médio vale do Rio Tocantins, mas a proposta é abordar as conexões espaciais e temporais através de uma articulação de escalas de análise. Os dados atualmente disponíveis indicam um processo de ocupação antigo da região, que se desenrola ao longo de todo o Holoceno. Neste longo processo de ocupação do vale do Tocantins conexões são tecidas com dinâmicas de ocupação vinculadas a outras bacias hidrográficas, criando uma rede de caminhos para além do Planalto Central Brasileiro. Para construção deste contexto apresentaremos dados relacionados à distribuição espacial e cronológica dos sítios, à variabilidade tecnológica de conjuntos líticos e cerâmicos, à arte rupestre e à arqueobotânica, além de informações etnohistóricas e etnográficas.

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 15 - Arqueometria e Conservação de Arte Rupestre

COORDENAÇÃO: Benedito Batista Farias Filho (Universidade Federal do Piauí), Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento (UFPI)

A arqueometria como área da arqueologia engloba a análise físico-química, biológica, geológica, ambiental etc, busca estratégias e aplica metodologias para a análise do patrimônio cultural. Os resultados permitem a obtenção de informações sobre procedência, tecno-

logias, uso e desempenha papel fundamental para complementar o trabalho arqueológico. As técnicas analíticas empregadas dentro da arqueometria podem ser as espectrométricas e cromatográficas. A aplicação destas técnicas inclui a investigação de vários materiais arqueológicos cujos resultados são importantes para a reconstituição do modo de vida dos grupos humanos pré-coloniais. Todos esses vestígios se constituem importantes registros arqueológicos, que necessitam ser estudados e preservados. Por se encontrar ao ar livre, a arte rupestre está constantemente exposta a vários fatores naturais e antrópicos que podem causar a sua destruição. Assim, os sítios de arte rupestres devem passar pelas três etapas fundamentais para o trabalho de conservação: o diagnóstico, a intervenção e o monitoramento. Todo o trabalho de conservação deve ser realizado seguindo as normas de intervenção propostas pelas cartas patrimoniais que prezam pela reversibilidade das intervenções, respeito ao material de origem e estético da obra. Assim, o presente simpósio objetiva discutir e refletir sobre a interdisciplinaridade da arqueologia (diversos temas em arqueometria) e conservação de arte rupestre realizado em pesquisas finalizadas, resultados preliminares ou em fase de finalização como forma de abrir espaço para divulgação científica deste tema.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 15

CARACTERIZAÇÃO QUÍMICO-MINERALÓGICA DE VERNIZ DO DESERTO NO PARQUE NACIONAL TALAMPAYA (ARGENTINA)

Lorena Paola Ferraro (Administrac), Maria Conceição Soares Meneses Lage (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), Benedito Batista Farias Filho (Universidade Federal do Piauí)

O Parque Nacional Talampaya (La Rioja - Argentina) possui sítios arqueológicos com gravuras rupestres localizados principalmente no vale do rio homônimo. Todavia, em nenhum deles foi possível estabelecer uma cronologia absoluta de ocupação humana, uma vez que não dispõe de vestígios in situ, nem camadas sedimentares suficientes para efetuar escavação e, assim, a cronologia relativa estabelecida por indicadores estilísticos, tem sido uma fonte de informação evasiva para as investigações. Atualmente, os estudos arqueométricos têm auxiliado muito no entendimento das possíveis cronologias, considerando a deposição de verniz do deserto sobre as representações gravadas. Tudo isso sabendo das limitações, sobretudo, no conhecimento sobre o processo e a velocidade da ocorrência. O presente estudo traz resultados da caracterização química e mineralógica do verniz do deserto do sítio arqueológico Aguas Arriba, buscando fornecer o máximo de informação possível para efetuar um cruzamento apenas com os dados estilísticos disponíveis, uma vez que a fonte de informação das escavações não forneceu resultados satisfatórios. Assim, se busca obter uma possível data para a realização das gravuras. As técnicas de análises utilizadas foram fluorescência de raios X portátil, microscopia ótica portátil, além de espectroscopia Raman e EDS-SEM de bancada.

ESTUDO MICROSCÓPIO E PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FURNA DO QUEBRA PERNA EM INHUMA, PIAUÍ

Benedito Batista Farias Filho (Universidade Federal do Piauí), Tetisuelma Leal Alves (UFPI), Jacira Izidório de Moura (IFMA)

Este trabalho objetiva realizar um exame microscópico da arte rupestre presente no sítio arqueológico Furna do Quebra Perna e o levantamento acerca dos problemas de conservação presentes neste sítio. Para tanto, obteve-se micrografias (in situ) em diferentes pontos de cada grafismo, em estudo, utilizando-se um microscópio óptico portátil com aumento de 50x e realizou-se um levantamento/registro amplo dos problemas de degradação observados. Os principais problemas de conservação observados foram paredão arenítico com fraturas que ocasionam deslocamentos de áreas pintadas e infiltrações de água das chuvas, eflorescências salinas sobre os pigmentos, plantas grimpantes, algumas galerias de cupins, ninhos de vespas e marimbondos. Apesar deste sítio ser de fácil acesso, não foram observados problemas decorrentes de ação antropogênica. Neste trabalho, os resultados das micrografias ópticas realizadas nos pigmentos vermelhos revelaram que há concentrados de pigmento vermelho alojados nos microporos superficiais do suporte rochoso, o que pode indicar que a aplicação do material pictórico foi realizada de maneira cuidadosa ou que a tinta pré-colonial estava na forma de suspensão. Há a presença de pinturas rupestres que apresentam uma fina camada de tinta dispersa na matriz rochosa, o que sugere que as tintas foram, propositalmente, aplicadas dessa maneira ou que sofreram desgastes físicos ao longo do tempo, em razão de sua exposição às intempéries locais.

INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DOS SÍTIOS LETREIRO, VALE DOS MESTRES I, II E III - CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SERGIPE- BRASIL

Maria Conceição Soares Meneses Lage (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ), Benedito Batista Farias Filho (Universidade Federal do Piauí)

Os sítios Letreiro e Vale dos Mestres I, II e III possuem pinturas e/ou gravuras rupestres e problemas de conservação, como, escamação, deslocamento, raízes; eflorescências salinas, ninhos ou galerias de insetos; escorrimento de água em períodos chuvosos sobre grafismos pré-históricos ; vegetação grimpante nas proximidades ou nos painéis rupestres, além de pichações. O presente trabalho foi objeto de um TAC imposto pelo IPHAN-SE e realizado entre fevereiro e junho de 2023. O objetivo foi realizar um diagnóstico técnico sobre o estado de conservação dos sítios, por meio de exames e análises arqueológicas dos pigmentos, depósitos de alteração e do suporte rochoso; efetuar intervenção de conservação a fim de eliminar ou minimizar o efeito dos problemas identificados e apresentar proposta de monitoramento para evitar a reincidência dos problemas. Foram tomadas medidas climáticas, identificação colorimétrica, exames microscópicos, análises arqueométricas de Fluorescência X portátil dos pigmentos rupestres, depósitos de alteração e suporte rochoso. Os pigmentos

vermelhos nas diferentes tonalidades são a base de óxido de ferro, na forma de hematita. Os depósitos de alteração são constituídos de alumínio silicatos. A intervenção constou de limpeza, consolidação de placas rochosas etc. Efetuou-se também ações preventivas a fim de evitar reincidência dos problemas. O trabalho foi finalizado com ações de educação patrimonial junto aos moradores do entorno e condutores de turistas.

PETROGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: RELATO DE ESTUDO

Soraya Almeida (UFRRJ)

Petrografia é o ramo da geologia que abrange a classificação, a descrição mineralógica, textural e estrutural de rochas. A importância da petrografia em pesquisas arqueológicas é aqui exemplificada por três estudos. O primeiro trata da Ponte dos Jesuítas, marco da engenharia colonial, concluída em 1752 e tida como representativa da arquitetura barroca do período. A análise de suas rochas permitiu identificar intervenções que alteraram de modo significativo suas características originais e, também, determinar a procedência dos materiais utilizados. O segundo estudo envolve pedreiras e monumentos históricos de Mangaratiba e revelou como peças tidas como de procedência europeia foram, de fato, produções realizadas no Brasil entre o século XVIII e XIX. O terceiro e mais emblemático exemplo, trata das Pedras Sulcadas do Morro da Guia, em Cabo Frio, anteriormente interpretadas por diversos pesquisadores como petróglifos, símbolos de rituais místicos, polidores líticos e marcadores geográficos e que correspondem, de fato, a marcas deixadas pela exploração de rochas iniciada no século XVII, quando foram erguidas as primeiras construções de Cabo Frio. Tais sulcos são registros daquela que seria a mais antiga pedreira preservada do Brasil. Os exemplos também demonstram a necessidade de se abordar conceitos básicos de geologia nos cursos de arqueologia, a fim de evitar que estruturas naturais possam ser confundidas com feições produzidas pela ação humana.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 17 - Arte Rupestre: novos caminhos rumo às análises não formalistas

COORDENAÇÃO: Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG)

Nas pesquisas de arte rupestre, novos caminhos analíticos fundamentados em outras perspectivas teóricas e/ou em outras ontologias, particularmente as ameríndias, têm assinalado tendências de ruptura com as análises que chamaremos aqui de formalistas, ou mais precisamente, hilemorfistas. Abordagens prioritariamente técnicas, tecnológicas, relacionais, entre outras, demonstram que, ao retirar a forma do centro analítico, é possível alcançar outros campos e domínios da experiência de produção rupestre no passado. A abordagem hegemônica, centrada na categoria Tradição, que têm a reconhecibilidade como fundamento, a forma como significante, e a categorização como objetivo, vem sendo alvo de críticas. Sua prática tem limitado as pesquisas, os diálogos e as inflexões que alcancem domínios atualmente considerados mais relevantes nas análises. Destes domínios, desta-

cam-se o fazer, a corporalidade, a agência, a paisagem, entre outros. Ademais, interpretações estruturadas sobre reconhecibilidades ocidentais resultam no silenciamento de ontologias ameríndias. Diante das novas perspectivas teóricas para a arte rupestre, o objetivo do simpósio é reunir num mesmo lugar de debate, abordagens que tenham como critérios principais, atributos outros que não a forma supostamente reconhecível da arte rupestre, entre os quais, a tecnologia, a técnica, o gesto, o espaço, a cronologia relativa, etc, assim como discussões teóricas sobre o tema.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 17

AS PINTURAS DO GALHEIRO COMO CORPOS INDÍGENAS DE FACTO: DAS RELAÇÕES DE SEUS TRAÇOS AO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO.

Luis Henrique Montovanelli Resende (Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG))

Este trabalho, baseado em minha pesquisa de conclusão de curso em Antropologia – com habilitação em Arqueologia – pela Universidade Federal de Minas Gerais, insere-se em um contexto recente de análises de grafismos rupestres, com o desenvolvimento da arqueologia brasileira, nas quais os estudos de muitos desses conjuntos gráficos vêm se estabelecendo em novas frentes interpretativas. Assim, junto das pinturas rupestres do sítio do Galheiro, este situado dentro dos limites do município de Diamantina/MG, construí análises das abundantes inter-relações de seus traços sem muito me ater nas suas classificações morfológicas por diretrizes temáticas preestabelecidas. Para tal, fixando-me nessas relações, descrevendo-as, fiz, também, uso de bibliografias etnológicas a respeito de entendimentos ameríndios sobre o que vem a ser o corpo iconográfico em suas próprias cosmologias, notadamente acionando compreensões coadunadas com o perspectivismo ameríndio em cenários amazônicos. Correlacionando, pois, as pinturas a essa teoria, entendi os traços de tintas do Galheiro como constituidores de corpos inseridos nessas teias de associações em que imperam as transformações perspectivistas, ontologicamente entranhados, às suas maneiras, em relações que encontram amparo em um fundo cosmológico comum pan-americanista. Tratei, enfim, os conjuntos gráficos desse sítio diamantinense como corpos indígenas de facto, e não como representações de algo externo a eles próprios.

ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS E DIVERSIDADE: PAISAGENS SAGRADAS E ARTE RUPESTRE NO PARANÁ

Claudia Inês Parellada (Museu Paranaense e UFPR)

O estudo apresenta novas discussões em sítios com gravuras e pinturas rupestres, alguns com monólitos, no Paraná, sul do Brasil, relativos a diferentes povos em períodos que ultrapassam 15 mil anos. Articulam-se mediações do sagrado e movimentos diaspóricos, entrelaçando paisagens a artefatos e representações simbólicas, que transpõem tempos e mudanças climáticas, abrangendo populações da América do Sul com histórias de longa duração. Passados que dialogam com o contemporâneo, e que, relativizados, sob perspectivas

decoloniais, atualizam conceitos de arte, território e agência. Materialidades que articulam os mundos dos vivos e dos mortos, socialmente construídos, perpassando alteridades, com tecnologias e gestuais desvelando memórias. Analisaram-se documentos textuais, imagéticos e tridimensionais, em várias instituições, como o Museu Paranaense, somando-se inovações tecnológicas nas metodologias usadas em novas prospecções de campo e análises, além de filtros óticos. Caracterizaram-se territorialidades e cronologias, discutindo cotidianos, imaginários e mitologias. Temáticas que abrangem o redesenhar de ambientes e o manejo de espécies da fauna e flora, como araucárias, taquarais, palmáceas, além de outras plantas nativas, algumas já domesticadas. Foram mapeadas manifestações simbólicas com gestos e poéticas regionais, articuladas como metáforas da alteridade. Preservar os bens arqueológicos vem tornando possível novos horizontes de pesquisa em memórias ainda fragmentadas.

EXPERIMENTANDO O CALQUE

Amanda Trindade Diniz (UFMG)

Fazer uma pintura e permitir que os questionamentos materiais de exercer a atividade do pintar brotem. Utilizarei como referência as análises de pinturas rupestres indígenas de Minas Gerais, apresentadas pelos calques. A experimentação a partir do calque permite pensarmos nas possibilidades de composição dos painéis através da diferenciação das tintas, traços e suas sobreposições, assim como sua relação com o suporte. Outras marcas também tem evidenciado características ligadas ao processo do pintar para além das formalmente já registradas, como a direção dos traços e a sobreposição de traços de uma mesma figura. Diante dessas informações é importante entender o grande hiato ainda existente entre o que entendemos e todas as escolhas que precisam ser feitas ao pintar. Pintar para exercitar o entendimento e compartilhamento prático do que as pinturas têm me ensinado, questionar algumas possibilidades de composição a partir dos dados coletados em campo e analisados em laboratório.

EXPLORANDO OS MISTÉRIOS DOS GRAFISMOS ANCESTRAIS EM SÍTIOS DE PINTURAS ITACOATIRAS: ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA, DE SIMILARIDADE E COGNITIVA NOS SÍTIOS TOCA DO TAPUIO, TOCA DO TAPIM E TOCA DO ÍNDIO, CAETITÉ- BAHIA

Willian Pereira Leal (UFPI Universidade Federal do Piauí)

Este projeto de pesquisa de mestrado aspira contribuir para a compreensão do contexto etnográfico e das práticas culturais das comunidades caçadoras-coletoras do Holoceno Arcaico que produzem arte rupestre nos sítios arqueológicos Toca do Tapuio, Toca do Índio e Toca do Tapim no município de Caetité, Sudoeste da Bahia. A abordagem é multidisciplinar, integrando diferentes linhas teóricas da arqueologia, como arqueologia da paisagem e arqueologia cognitiva, e técnicas arqueométricas em arqueometria. A pesquisa visa interpretar os grafismos presentes nos abrigos e compreender as práticas culturais ritualísticas das

sociedades pré-coloniais, destacando a importância da proteção desses sítios arqueológicos e da preservação dos valores culturais e simbólicos associados a eles.

O QUE É UMA FIGURA? PENSANDO SOBRE ESSA UNIDADE ANALÍTICA A PARTIR DAS PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DE DIAMANTINA/MG

Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG)

Ao estudar grafismos rupestres, nos deparamos com a necessidade de dividi-los em unidades, as quais chamamos de figuras e, a partir daí, criamos classificações, as agrupamos em categorias e construímos nossas interpretações. Tradicionalmente, a identificação de uma figura corresponde a uma forma final reconhecível, porém, na maioria das vezes, nossa capacidade de reconhecê-la está ligada a um referente externo à figura. Assim, vemos a forma de um veado pintado e ali indicamos que existe uma unidade, uma figura, que se parece com outras figuras que têm forma de veado. Mas, até que ponto as figuras são parecidas formalmente e até que ponto elas se parecem porque nós, arqueólogos, achamos que são parecidas com um veado? As convenções sobre como representar algo em um desenho não são universais e, além disso, não é sempre que um desenho (como uma pintura ou gravura rupestre) pode ser entendido como uma representação. As ontologias indígenas nos mostram outros entendimentos acerca da natureza dos desenhos. Assim, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o conceito de figura, pensando em como lidar com as semelhanças e diferenças entre as unidades sem que precisemos recorrer à lógica da representação. Essas reflexões se inserem dentro de minha pesquisa de mestrado com as pinturas rupestres da região de Diamantina/MG, onde suas formas de composição “fluidas”, seus traços desalinha-dos, suas “incompletudes” nos desafiam a entender quando uma figura acaba e outra começa.

PARA UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS GRAFISMOS RUPESTRES: PREMISSAS TEÓRICAS E ESTUDO DE ALGUMAS PROPRIEDADES.

Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG)

Os desafios contemporâneos para o estudo de grafismos rupestres carecem da formulação de alternativas metodológicas que tornem possível superar os entraves e barreiras alcançadas pelos métodos tradicionais. Com o foco central no fazer grafismos rupestres, apresentarei algumas premissas teoricamente orientadas que vêm sendo exercitadas para a proposição de um método de análise desse fazer, a partir do registro das marcas de produção observáveis nas unidades gestuais. Grafismos pintados das regiões arqueológicas de Diamantina e Jequitaiá, Minas Gerais, oferecem uma rica diversidade de marcas que agregam informações sobre direção dos gestos, diacronia, pontos de pressão e de alívio na passagem daquilo que aplica a tinta, tendências posturais e outros elementos relevantes para análises do fazer. As principais marcas observadas nos contextos rupestres destas duas regiões serão apresentadas e suas propriedades destacadas, assim como possíveis gestos e posturas

correlatas, com base em dados bibliográficos e experimentais. Tais análises têm possibilitado caracterizar gestos e movimentos corporais envolvidos no processo criativo, a compreensão das maneiras como um grafismo cresce durante seu fazimento, e embasam a formulação de um método analítico que aborda affordances e propriedades deixadas à margem nos estudos tradicionais, efetivando assim, o fazer como o objeto da pesquisa em arte rupestre.

PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES DO NORTE DE MINAS RESISTINDO À TIPOLOGIA

Andrei Isnardis Horta (Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG)

Um certo elenco de grafismos rupestres do norte de Minas Gerais, associado a um dos estilos propostos para as regiões de Montalvânia e do vale do rio Peruaçu, apresenta uma notável variabilidade de figuras, especialmente uma grande diversidade de formas chamadas pela bibliografia de “antropomorfas”, “biomorfas”, “pés” e “armas”. Tais figuras colocaram desafios - poder-se-ia dizer obstáculos - bastante concretos aos esforços de estabelecimento de uma tipologia de formas. Confrontadas com a tipologia proposta para agrupá-las, algumas pinturas e gravuras resistem resolutamente a obedecê-la. Muitas delas podem ser igualmente incluídas em dois ou três dos tipos propostos, sendo possível, inclusive, dispor suas variantes de forma num continuum que conectaria tipos diversos. Esta comunicação pretende discutir o fenômeno da dificuldade de definir tipos - ou das figuras submeterem-se a eles -, refletindo sobre as características das figuras e sobre fundamentos teóricos que sustentam a tipologia. Alguns desses fundamentos parecem estar no entendimento sobre a natureza dos grafismos e sobre os modos de relação que eles estabelecem entre si e com as pessoas que os produziram e que com eles conviveram. Partindo dessa discussão, pretendo sugerir outras possibilidades de entendimento de sua natureza e caminhos delas derivados.

UMA NOVA ABORDAGEM PARA O ESTUDO DE PINTURAS RUPESTRES

Caroline Augusta de Carvalho Macedo (nao)

O presente trabalho visa apresentar uma nova metodologia de análise, trazendo outra forma de olhar e analisar os grafismos. Ao longo dos anos os estudos voltados às análises de pinturas rupestres estiveram fortemente vinculados à sua forma final, tendo dedicado pouca atenção aos processos de produção dos grafismos. Com objetivo de preencher essa lacuna e contribuir com os trabalhos voltados ao estudo da arte rupestre, nos propusemos a estabelecer um roteiro descritivo e analítico que permitisse compreender elementos dos processos técnicos envolvidos. Assim, buscamos entender também questões que são anteriores, quiçá mais complexas, à análise temática e/ou da forma final. Dentro dessa proposta foram analisados antropomorfos atribuíveis à Tradição Nordeste, pertencentes ao sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, sudeste do Piauí. Essa abordagem se mostrou frutífera, pois permitiu trazer informações relevantes em relação ao processo de manufatura desses artefatos que são as pinturas. Além disso, discu-

timos as potencialidades e limitações dessa abordagem, demonstrando, através dos dados coletados e trabalhados em laboratório, qual é a aplicabilidade da mesma.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 18 - Avanços da arqueologia biomolecular no Brasil

COORDENAÇÃO: Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona)

A arqueologia biomolecular é uma área de estudo que utiliza diversas técnicas de análise molecular, tais como isótopos estáveis, análise de resíduos orgânicos, paleoproteômica e DNA antigo, para investigar restos biológicos e artefatos encontrados em sítios arqueológicos. As aplicações dessas técnicas são diversas e incluem a compreensão de dietas antigas, a investigação de padrões de migração, a identificação de espécies e patologias, a reconstrução de ambientes antigos e a compreensão de práticas culturais no passado. Este simpósio, através de aplicações empíricas em contextos arqueológicos do Brasil, tem como objetivo promover a troca de conhecimentos e experiências entre pesquisadores, bem como estimular o desenvolvimento de novas técnicas e aprimorar as já existentes no Brasil. O evento é uma oportunidade importante para pesquisadores brasileiros se atualizarem sobre os últimos avanços na área de arqueologia biomolecular e se envolverem em discussões importantes sobre a aplicação dessas técnicas na arqueologia brasileira. Além disso, o simpósio busca promover a colaboração entre pesquisadores de diferentes instituições, visando avançar o conhecimento sobre o passado humano e suas múltiplas facetas.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 18

DIETA, ECONOMIA E PESCA DOS CERRITEIROS E SAMBAQUIEIROS DA LAGUNA DO PATOS, SUL DO BRASIL

Rafael Guedes Milheira (UFPEL), Flávio Rizzi Calippo (Universidade Federal do Piauí - UFPI)

Restos faunísticos de sítios arqueológicos informam sobre processos eco-históricos e sobre as relações entre as sociedades e o meio ambiente. Permitem apresentar modelos de biodiversidade e de paleo-ecologia que, quando confrontados com preocupações contemporâneas, podem orientar decisões políticas e técnicas para resolver os problemas ambientais atuais. Analisamos os dados sobre a pesca de longa duração na Laguna dos Patos (sul do Brasil) de 3200 anos AP, de Cerritos e Sambaquis do litoral Atlântico e bioma Pampa. Com base nos dados sobre os peixes capturados, datações, isótopos estáveis, a posição geográfica dos sítios e as mudanças ambientais desde o Holoceno médio, inferimos o papel da pesca nas sociedades e os fatores climáticos que a impulsionou. Constatou-se que ao longo dos últimos três milênios os peixes compuseram a dieta das populações indígenas durante todo o ano, com destaque para os meses de primavera e verão, quando espécimes adultos de algumas espécies adentram o interior da lagoa. Otólitos de pequenos espécimes dos peixes *M. furnieri* e *Pogonias courbina* e bagres do gênero *Genidens* foram dominantes, sugerindo

que a pesca ocorreu principalmente em águas costeiras rasas. Os dados demonstram uma pesca voltada para a exploração das espécies mais abundantes, cujos espécimes eram mais robustos que os indivíduos atuais e se distribuíam em todo o estuário lagunar, sugerindo que a super-exploração já causou impactos significativos na biodiversidade estuarina.

ECOS DO PASSADO AQUÁTICO: ANÁLISE DE ISÓTOPOS ESTÁVEIS EM ESPÉCIES AQUÁTICAS NO LITORAL SUL DO BRASIL

Thiago Fossile (Universitat Autònoma de Barcelona), Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona)

As análises de isótopos estáveis têm uma ampla gama de aplicações na Ecologia e Arqueologia de espécies de animais, incluindo peixes, mamíferos e grupos humanos. Essas análises oferecem informações valiosas sobre dieta, migração, ambiente e interações ecológicas das espécies, permitindo uma compreensão mais profunda de seus padrões de vida. Entretanto, a ausência de dados históricos para investigar proxies ecológicos, climáticos e dietéticos ao longo do tempo é notável. Nesse contexto, o presente estudo concentrou-se em análises isotópicas de carbono, nitrogênio e enxofre em espécies de peixes do litoral sul do Brasil, abrangendo os períodos pré-colonial, colonial e contemporâneo. Ao preencher essa lacuna de dados históricos, o estudo almeja fornecer informações valiosas para o entendimento das mudanças ecológicas (habitat e ecologia trófica) ao longo do tempo, e para a gestão sustentável dos recursos pesqueiros. Além disso, o estudo busca oferecer uma visão mais abrangente das interações entre os recursos pesqueiros e as comunidades humanas, analisando como as práticas de captura por grupos humanos evoluíram ao longo das diferentes eras estudadas. Os resultados obtidos têm o potencial de contribuir de maneira significativa para a compreensão dos impactos das atividades humanas na ecologia aquática e nas estratégias de captura de espécies, o que acarreta implicações importantes para a conservação dos ecossistemas aquáticos e a relação entre seres humanos e recursos naturais.

EVOLUÇÃO DA DIETA HUMANA AO LONGO DE 7000 ANOS DE OCUPAÇÃO NO LITORAL SUL DO BRASIL: UMA ABORDAGEM ISOTÓPICA

Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona), Thiago Fossile (Universitat Autònoma de Barcelona), Krista McGrath (Universidad Autonoma de Barcelona), Alice Di Muro (Universidad Autonoma de Barcelona), Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE), Fernanda Mara Borba (Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville)

O Conhecimento Ecológico Tradicional da pesca artesanal desempenha um papel proeminente nos debates e nas políticas atuais sobre pesca sustentável e conservação marinha. No entanto, essas pescarias e seus atores são historicamente invisíveis na maioria das regiões tropicais e subtropicais. Neste contexto, apresentaremos o projeto ERC TRADITION, e sua estratégia de pesquisa multidisciplinar a respeito da evolução da pesca ao longo da

costa sul do Brasil. Esta região tem sustentado populações costeiras pelos últimos 7.000 anos, vivenciando períodos de mudanças ambientais e sociais. Em seguida, discutiremos os resultados da análise de isótopos estáveis ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$) sobre materiais humanos de populações pré-coloniais, pós-contato e contemporâneas, onde avaliaremos o papel das proteínas marinhas e a principais mudanças na dieta ao longo dos 7000 anos de ocupação do litoral sul do Brasil. Os resultados também apontam para novos desafios na arqueologia brasileira e demonstram como pesquisa colaborativa entre arqueólogos, historiadores e ecólogos marinhos podem avançar a nossa compreensão dos ecossistemas costeiros do passado e contribuir para discussões sobre conservação marinha, pesca sustentável e resiliência socioeconômica.

HIGH-RESOLUTION DIETARY RECONSTRUCTION OF SAMBAQUIS COMMUNITIES USING STABLE ISOTOPE ANALYSIS OF AMINO ACIDS

Oliver Edward Craig (University of York), Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona), Marjolein Admiraal (University of York)

Determining the degree to which humans relied on coastal resources in the past is key for understanding long-term social and economic development, as well as for assessing human health and anthropogenic impacts on the environment. A key phase in the long-term evolution of coastal socio-ecological systems of the Atlantic Forest coast is represented by the Sambaquis shell mound communities that flourished between 7000 and 1500 years ago. Sambaquis populations are regarded as having strongly marine orientated diets, obtaining the vast majority of their protein from fish and shellfish. However, there is noticeable variation between sites and, overall, our current isotope approaches are inadequate to resolve these differences in sufficient detail. Here we explore the utility of a new approach involving stable isotope analysis of individual amino acids in bone collagen to provide greater dietary resolution. Examples are given of previous applications of this method for elucidating diets of coastal populations in other settings. We then report the first application of this method to individuals from a range of coastal (Piaçaguera, Jabuticabeira II) and inland (Moraes) Sambaquis and highlight the implications of dietary variability among Middle and Late Holocene coastal populations in Brazil.

TRACKING THE EXPLOITATION OF MARINE RESOURCES IN POST-COLONIAL SOUTHERN BRAZIL THROUGH CHEMICAL ANALYSIS OF POTTERY

Alice Di Muro (Universidad Autonoma de Barcelona), Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona), Marjolein Admiraal (University of York), Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE), Fernanda Mara Borba (Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville), Oliver Edward Craig (University of York)

The southern Atlantic Forest coast of Brazil is considered a world ecological hotspot due to its high levels of biodiversity. However, the region has experienced significant anthropogenic impacts due to overfishing, pollution, and habitat destruction, which have led to declines in bio-

diversity and increased vulnerability of coastal ecosystems and of the people who depend on them. Despite the fact that small-scale fisheries continue to provide prime examples of sustainable coastal exploitation, these fisheries and their communities have been historically neglected. Archaeological sources provide evidences of pre-colonial fishing activities, emphasising the importance of marine resources to ancient communities. In the 16th century, when Europeans started to settle in this territory, new plantations, new agricultural techniques, and new urban centres developed, but little is known about the extent coastal resources were exploited in this new context. In this study, we used organic residue analysis of household ceramic artefacts as a proxy to assess the importance of aquatic resources. Focusing on late 17th and 18th century coastal villages in southern Brazil, we will present the preliminary results of the molecular and isotopic analysis of lipid residues, one of the first systematic studies of historical pottery. The results show considerable variability in the occurrence of aquatic products in domestic pottery and clear change from pre-colonial pottery use.

UNVEILING CONTINUITY AND DISRUPTION: INSIGHTS FROM 2000 YEARS OF POTTERY USE ALONG THE BRAZILIAN COAST THROUGH ORGANIC RESIDUE ANALYSIS.

Marjolein Admiraal (University of York), Andre Carlo Colonese (Universidade Autònoma de Barcelona), Oliver Edward Craig (University of York)

The use of pottery on the southern Brazilian Atlantic Forest coast dates back to ca. 3000 cal BP, when it was first introduced by Cerritos and Taquara/Itararé groups, the latter originating in the southern Brazilian Highlands. From this time onward pottery technology became an integral part of coastal communities in Brazil, but so-far the function of this early pottery remains unknown. Assumptions of function are based on ethnographic and oral histories but extrapolations to pre-contact times remain contentious. As part of the ERC-funded TRADITION project, we present the results of the first large-scale investigation of lipids and stable isotopes preserved in pottery from the Cerritos, Taquara/Itararé and Guarani cultural groups on the southern Brazilian coast. Results revealed that Cerritos and Taquara/Itararé groups used pottery to process aquatic resources such as fish, but also a number of C3 plants, with remarkable intra and inter-site variability. A dramatic culinary change is witnessed with the arrival of the Guarani groups around 1000 years ago, representing a shift from a deeply rooted fishing economy dating back more than 7.000 years, to a plant-based economy. We present evidence for the widespread processing of maize in Guarani pottery on the southern Brazilian coast, using a new methodological approach. This dramatic change potentially led to a loss of maritime traditional knowledge prior to European contact.

UNVEILING THE HIDDEN FAUNAL DIVERSITY OF ARCHAEOLOGICAL BONE ASSEMBLAGES THROUGH ZOOMS.

Krista McGrath (Universidade Autònoma de Barcelona), Andre Carlo Colonese (Universidade Autònoma de Barcelona), Thiago Fossile (Universitat Autònoma de Barcelona), Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE), Fernanda Mara Borba (Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville), Tatiane Andaluza Kuss da Silveira Montes (UFPR)

Species identification of archaeological faunal remains not only plays a key role in many aspects of understanding past human populations, from dietary patterns and hunting practices to species selection for tool manufacture, but it can also hold great significance for understanding past local species diversity, and thus important implications for current conservation agendas. It is rare, however, to find sites in which most of the faunal assemblage has been taxonomically identified, and often the proportion of faunal remains that are identifiable using traditional zooarchaeological methods is quite low due to fragmentation and/or modification. Zooarchaeology by Mass Spectrometry (ZooMS) is a method of collagen peptide mass fingerprinting which has emerged as a fast and cost-effective technique for taxonomic identification of bone remains. ZooMS is particularly useful with remains that are highly fragmented or lacking diagnostic features, however its application in South America has been relatively limited thus far. Here, in the context of the ERC project TRADITION, we present several case studies using ZooMS to unveil the hidden diversity of unidentifiable worked and fragmentary bone remains of both terrestrial and marine fauna, from multiple sites and time periods in southeastern Brazil. The implications for both archaeological interpretations and conservation biology faunal baseline development are discussed.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 19 - Coisas e pessoas em movimento: éticas, teorias e práticas na musealização de acervos arqueológicos

COORDENAÇÃO: Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás), Diego Lemos Ribeiro (UFPEL), Maria Cristina Oliveira Bruno (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA - USP)

O simpósio “O futuro dos acervos”, realizado há 16 anos na SAB Florianópolis, marcou o início da presença contínua de espaços dedicados aos processos de enquadramento, normatização e musealização dos acervos arqueológicos na SAB, evidenciando as marcas da estratigrafia do abandono, das memórias exiladas e da colonialidade. Pretendemos dar continuidade a esse debate, trazendo à baila a ampliação das abordagens museológico-curatoriais dos acervos e a emergência de questionamentos éticos, políticos e epistêmicos. Como temos selecionado e classificado os acervos arqueológicos? Quais indivíduos têm o poder de efetuar esses deslocamentos? Comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais compartilham das mesmas concepções e prioridades das instituições de guarda em relação à gestão das coleções? Como políticas públicas e instituições têm atuado frente a essas demandas? Este simpósio visa integrar reflexões sobre as novas éticas, teorias e práticas no tratamento

de acervos custodiados ou não em museus e instituições de guarda. Os trânsitos, diásporas e êxodos das coleções de seus territórios e coletivos, bem como as novas políticas de restituição e repatriação, também estão no cerne da proposta. As discussões propiciadas pela virada ontológica, traduzidas pela percepção do trânsito no sentido das coisas e da demanda por uma nova ética para lidar com coleções vivas, fora dos marcos regulatórios do campo Arqueologia, Museologia e Conservação e Restauração, também estarão em debate.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 19

A EXPOSIÇÃO DE REMANESCENTES HUMANOS EM PORTUGAL: O CASO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

Sofia Alexandre Carvalho (Universidade do Porto)

Expor remanescentes humanos em museus levanta um conjunto de questões éticas, entre elas: Quais os significados construídos a partir da sua exibição ao público? Frequentemente, responder a esta pergunta conduz os museus a revisitar feridas coloniais. Esta comunicação pretende refletir sobre uma das críticas comuns à exposição de remanescentes humanos em museus: a de que ativam e reproduzem uma mundivisão colonial.

Explorando o modo como o debate sobre a exposição de remanescentes humanos em museus tem vindo a ser trabalhada em Portugal, esta comunicação centra a sua análise do caso da exposição de duas pessoas Chancay que viveram no noroeste do Peru no século XVI, cujos corpos são atualmente expostos no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), em Lisboa.

Trata-se de dois corpos mumificados que se encontram expostos numa sala do MAC composta por várias obras que evocam o próprio responsável por adquirir e doar os referidos remanescentes humanos; trata-se do administrador colonial e diplomata português Januário Correia de Almeida (1829-1901). Em 2018, a sala onde se encontram expostos foi palco de uma performance não autorizada pelo museu, um projeto artístico que visou criticar o MAC pela exposição destes remanescentes humanos.

Esta comunicação pretende refletir sobre como a exposição de remanescentes humanos no MAC é trespassada pela colonialidade, servindo, simultaneamente, como espaço de combate político, de resistência e resignificação sobre o passado colonial português.

CENAS DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA BRANQUITUDE

Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)

Essa comunicação integra as premissas da musealização da arqueologia (Bruno, 2021) com a crítica feminista da ciência (Haraway, 1995), mais especificamente, com os feminismos negros e decoloniais (Collins, 2019; hooks, 2019; Vergès, 2020). Em diálogo com Collins (2019), sugiro que as narrativas de musealização e de representação da arqueologia têm, majoritariamente, composto imagens de controle, como componentes da construção e da reprodução da ordem colonial e da branquitude (Bento, 2022). A colonização do território

que chamamos de Brasil se deu por meio do domínio, extermínio e colecionamento de povos indígenas, bem como do controle e da escravização dos povos de África, envolvendo a produção de discursos a respeito dos mesmos (Moraes Wichers, 2019). As cenas analisadas demonstram o predomínio de narrativas que apagam e/ou ocultam as experiências indígenas e negras, bem como reiteram estereótipos: a permanência da ideia de “pré-história”; do “índio” no singular, homogêneo e lançado preferencialmente ao passado; e do “negro” inferiorizado, desumanizado e servil, no passado e no presente. Do mesmo modo, essas cenas constroem a branquitude, posicionada de forma hierarquicamente superior nas dicotomias da ordem colonial. A análise crítica dessas representações, bem como a construção de narrativas outras é uma tarefa emergencial para o campo da musealização da arqueologia, já contando com algumas experiências inspiradoras, mas que devem se espalhar pelo campo.

CONSERVAÇÃO, RESTAURAÇÃO E ESTUDO DE ESTRUTURA FUNERÁRIA EM ARGILA POLICROMADA DO SAMBAQUI DA CARNIÇA I

Luciane Zanenga Scherer (MARQUE/UFSC), Maria Octavia Nóbrega Costa (UFSC), Joe Wallace Cordeiro (UFSC), Thiago Umberto Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina), Bruno Labrador Rodrigues da Silva (USP), Gabriela Oppitz (UFSC), Eloah Cristina Melo (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de história - ufsc), Marcia Regina Escorteganha (MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA -MHSC), Thiago Guimarães Costa (fundação Catarinense de cultura), Vanilde Rohling Ghizoni (UFSC)

O projeto Conservação, restauração e estudo de estrutura funerária em argila policromada do Sambaqui da Carniça I está sendo desenvolvido no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC e busca diagnosticar e atuar sobre os processos de degradação que estão afetando esta estrutura funerária, através da realização de ações de conservação curativa, preventiva e restauro. A implementação destas ações envolve um diagnóstico com documentação sistemática de todas as atividades envolvidas de modo a subsidiar as estratégias de restauração e conservação a serem implementadas. Com esta orientação constituímos um grupo de trabalho interdisciplinar que têm discutido e atuado de forma integrada na elaboração e execução das atividades desenvolvidas no projeto. Por tratar-se de estrutura funerária o projeto também prevê estudos de arqueologia funerária, bioarqueologia e arqueometria com os remanescentes humanos e demais vestígios arqueológicos que a compõem. Para encaminhar essas e outras questões o projeto conta, desde o início, com a participação dos alunos Guarani, Kaingang e Laklaño/Xokleng vinculados ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC. Desde o início os alunos foram consultados sobre a proposta de trabalho e seus encaminhamentos, participando de forma ativa do desenvolvimento da pesquisa. Nesta apresentação abordaremos os desafios, as escolhas e as perspectivas de gestão de acervos arqueológicos que têm surgido a partir deste estudo de caso.

CURADORIA DE COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS E ETNOGRÁFICAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E BAIXA VISÃO

Luciane Monteiro Oliveira (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Este trabalho apresenta uma experiência de curadoria compartilhada a partir dos pressupostos da acessibilidade universal e inclusão social de pessoas com deficiência visual e baixa visão. A finalidade foi promover a fruição coletiva do patrimônio arqueológico e etnográfico musealizado, bem como proporcionar leituras e narrativas diversas que possam contribuir para as potencialidades do conhecimento que o documento material possui. Coleções etnográficas e arqueológicas, por constituírem patrimônio cultural de natureza frágil e irreparáveis, não estão dispostas ao toque o que reduz significativamente a esquematização do objeto apresentado. O recurso da audiodescrição representa um avanço, sobretudo porque consegue desvelar detalhes e suscitar a imaginação, porém a percepção dos objetos e coisas do mundo se dá pelo corpo. Durante o processo de curadoria, a equipe consultora pode tocar as peças, tanto originais quanto as réplicas, conjugadas às informações sobre os usos e significados, bem como conjecturar sobre a intencionalidade da produção material. A seleção das peças buscou oferecer uma variável de formas e texturas para organização da mostra realizada na Associação dos Cegos de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. A experimentação pelo tato provocou a emergência de imagens e lembranças de distintos momentos de suas vidas, muitos provenientes de localidades rurais permeadas por vivências com a materialidade da cultura, manifestação de sentimentos e afetos.

CURADORIA E MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: AS HERANÇAS DOS PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO PRESENTES NOS MUSEUS

Maria Cristina Oliveira Bruno (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA - USP)

Esta comunicação pretende abordar e problematizar os limites e reciprocidades entre as ações técnico-científicas que envolvem os processos museológico-curatoriais no âmbito dos museus, especialmente nos contextos da elaboração e realização da cadeia operatória que estabelece conexões entre a Arqueologia e a Museologia, permitindo a produção de conhecimento, o tratamento e a extroversão de acervos arqueológicos, a educação museal e a preservação patrimonial. Por um lado, serão analisadas as analogias entre pedagogia museológica e processo curatorial, quando aplicadas às realidades dos acervos arqueológicos salvaguardados em instituições museológicas e, por outro, serão verificadas as possibilidades destas analogias em contextos externos aos museus. A intenção dessas abordagens está direcionada para as questões que envolvem as responsabilidades sobre deslocamentos de coleções, ações comunitárias voltadas à preservação patrimonial e processos de repatriação, entre outros fatores que têm sido

observados nos cenários do país. Esses pontos estão subordinados a dois problemas estruturais a serem abordados: (1) o perfil da formação profissional em Arqueologia e Museologia para o enfrentamento destas questões; e (2) o peso das tradições colonizadoras das ações de curadoria nos museus e instituições congêneres.

HISTORICIDADE E ATUALIDADE DO ACERVO ARQUEOLÓGICO NO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO

Larissa Girardi Losada (Universidade de São Paulo), Maria Cristina Oliveira Bruno (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA - USP)

Este resumo comunica sobre uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, da Universidade de São Paulo (USP). Toma como norte o conceito de Musealização da Arqueologia e objetiva refletir sobre o acervo arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano (MHS), principalmente no âmbito de sua historicidade de formação e potencial extroversão. Trata-se de um museu de história, municipal, localizado em Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, que mantém um acervo arqueológico formado por: achados fortuitos da cidade e região, doações, trocas entre instituições e, mais recentemente, materiais provenientes de endossos institucionais (de diversos estados do Brasil). Tal acervo passou por recentes ações de salvaguarda (inventário, tratamento técnico e modernização do espaço de guarda) – permitindo que parte dos vestígios arqueológicos, relegados à precarização durante décadas, fossem redescobertos. Espera-se exemplificar, a partir do estudo de caso em questão, a “estratigrafia do abandono” que caracterizou o histórico desses vestígios arqueológicos, que nos parecem passíveis de suscitar questionamentos, inferências e identificações. Entendendo que o acervo arqueológico – enquanto indicador de memória -, pode ter uma função social e educacional e que, uma vez salvaguardado, pode comunicar e servir para a construção de narrativas menos excludentes.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 22 - Contribuições da arqueometria para a arqueologia brasileira

COORDENAÇÃO: Carlos Roberto Appoloni (Universidade Estadual de Londrina)

Nestas últimas duas décadas, a aplicação da Arqueometria vem se expandindo consideravelmente nos trabalhos arqueológicos no Brasil. Esta área interdisciplinar de pesquisa estuda os objetos do patrimônio arqueológico a partir das aplicações de métodos analíticos e de imageamento atômicos, moleculares e nucleares, seja na datação de objetos, seja na caracterização de materiais. Este simpósio pretende reunir trabalhos que adotem metodologias arqueométricas de pesquisa, buscando relacionar as aplicações de técnicas analíticas e de imageamentos para responder a diferentes questões arqueológicas. Em reuniões anteriores tanto da SAB Nacional como da Regional SUL, este tipo de simpósio proporcionou a apresentação de ótimos trabalhos, estimulantes discussões e o início de novas colaborações científicas. Neste contexto e no dos “Desafios Contemporâneos de Arqueologias Plurais”, pretende-se criar um espaço de troca de experiências entre pesquisadores, buscando discutir e

refletir sobre o estado da arte das técnicas analíticas e de imageamentos e as contribuições da Arqueometria para a arqueologia brasileira.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 22

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM DO ALTO RIO MADEIRA: ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS CONJUNTOS CERÂMICOS

Angislaine Freitas Costa (Museu Nacional/UFRJ)

O trabalho versa sobre o uso de duas técnicas físico-químicas, sistema portátil de fluorescência de raios X por dispersão de energia (EDXRF) e análise por ativação com nêutrons (AAN), empregadas para caracterizar as argilas utilizadas na produção de vasilhas de três conjuntos cerâmicos classificados como Santo Antônio, Dionísio e Tradição Polícroma da Amazônia. Estes materiais foram coletados em sete sítios arqueológicos implantados ao longo de 80 km pelo rio Madeira, e são interpretados como evidências de áreas de habitações e contextos cerimoniais, datados entre os séculos XI e XIII A.D. A finalidade foi testar a hipótese de troca de artefatos e convivência entre os grupos indígenas que coabitaram os espaços de planícies aluviais, terraços e ilha fluviais. Nesse cenário, as ilhas estáveis, maioria circundada por rochas contendo gravuras rupestres, são tomadas como lugares privilegiados, e parecem estabelecer laços entre os diferentes atores sociais na região. As análises tecno-funcionais, complementadas pelas arqueométricas, possibilitou elaborar uma rede de interação que demonstra uma alta conectividade entre os grupos indígenas que habitavam o trecho encachoeirado. Portanto, a construção social da paisagem foi pensada por meio das áreas de atividades que envolvem a produção e usos desses objetos, tendo em vista a distribuição espacial das cerâmicas ao nível intra e inter-sítios.

ARQUEOMETRIA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PALÁCIO DE GOVERNO CATARINENSE

Marcia Regina Escorteganha (MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA -MHSC)

Com objetivo aprofundar a compreensão dos vestígios arqueológicos históricos provenientes das escavações arqueológicas (2002/03) nos jardins históricos do Palácio Governo, atual sede do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) que revelam vestígios da colonização (séc. XVIII e XIX), bem como traços da cultura material indígena e africana; focando a pesquisa nem análises que proporcionam uma reconstrução descritiva da ocupação territorial e dos costumes da antiga Desterro. O método investigativo consiste na análise de conteúdo das fontes documentais e historiográficas que abrange publicações relacionadas ao acervo, fotografias, sites, documentos gráficos e outros recursos. Adicionalmente, é aplicada a técnica de "Arqueometria", que envolve análises físico-químicas realizadas em laboratório (como a EDS X-FEG conduzida no LCME/UFSC). Essas análises procuram fornecer insights relevantes que podem ser indicativos de procedência ou manufatura das peças arqueológicas, enri-

quecendo a compreensão das sociedades que habitaram esse território. A pesquisa tem potencial para enriquecer a documentação museológica relativa aos fragmentos, atribuindo valores significativos ao acervo arqueológico e histórico. Visando à integração desses achados em exposições temáticas no MHSC. Assim, a caracterização físico-química (Arqueometria) e análise documental, abrirá perspectivas para outras pesquisas interdisciplinares no campo da Arqueologia e áreas afins.

EDXRF E DIFERENTES PRÉ-PROCESSAMENTOS NA ANÁLISE MULTIVARIADA APLICADAS NO ESTUDO DE FRAGMENTOS CERÂMICOS DE SENZALAS DE CAMPOS DE GOYTACAZES - RJ

Cheila Sumenssi de Araujo Desanti (Universidade Estadual de Londrina), Luís Cláudio Pereira Symanski (UFMG - FAFICH), Carlos Roberto Appoloni (Universidade Estadual de Londrina)

As amostras desse estudo fazem parte do projeto 'Café com açúcar: arqueologia da escravidão em uma perspectiva comparativa no sudeste rural escravista, séculos XVIII e XIX'. As cerâmicas foram coletadas em uma região caracterizada pela intensa mão de obra escravizada em Campos dos Goytacazes – RJ. Foram selecionados 17 fragmentos de cerâmicas e 18 amostras de fontes de argila para esse estudo, pois um dos objetivos é investigar a vida material de grupos escravos das plantations do Sudeste do Brasil e verificar a hipótese da produção local de cerâmica na própria senzala. Assim sendo, foi realizado o estudo de procedência dessas cerâmicas arqueológicas utilizando a técnica de fluorescência de raios X por dispersão de energia com auxílio da análise multivariada exploratória, com três pré-processamentos diferentes. Nas análises por PCA e HCA, os diferentes pré-processamentos mostraram resultados semelhantes indicando a robustez dos métodos aplicados. Os resultados mostraram que os fragmentos cerâmicos, mesmo que encontrados em regiões diferentes, não mostram diferenciação estatística. Já para as amostras de fontes de argila, há uma clara diferenciação entre as mesmas, devido principalmente pela quantidade de Fe. Na análise em conjunto, ficou clara a separação estatística entre os fragmentos cerâmicos e as fontes de argilas, isso evidencia que a matéria prima dos fragmentos cerâmicos não é proveniente das fontes de argilas encontradas no sítio estudado.

ESTUDO MULTITÉCNICAS IN SITU DE PINTURAS RUPESTRES EM CINCO ABRIGOS ARENÍTICOS NO PARANÁ, SUL DO BRASIL.

Carlos Roberto Appoloni (Universidade Estadual de Londrina), Claudia Inês Parellada (Museu Paranaense e UFPR)

Pesquisas por multitécnicas in situ visando caracterizar pinturas rupestres em 5 abrigos areníticos no Paraná, foram realizadas pelo Laboratório Móvel de Arqueometria do Laboratório de Física Nuclear Aplicada da Universidade Estadual de Londrina (www.uel.br/grupos/lamarq). As técnicas usadas foram: fotografias digitais aplicando filtros óticos, como o DStretch; microscópio digital; Fluorescência de Raios X portátil (pXRF); Espectroscopia Raman

portátil (pRS); croquis com as dimensões e localização espacial dos grafismos e comparação das cores com escala Munsell, avaliando-se matiz, valor (intensidade/ tonalidade) e croma. Alguns desses abrigos, com estudos anteriores, possuem acervo sob guarda do Museu Paraense. No município de Pirai do Sul analisaram-se pinturas em 4 abrigos: Santa Rita I - foram medidas 6 figuras em tons de vermelho a marrom escuro; Lola Souza II e III - foram medidas 17 figuras em vários tons de vermelho; Cachoeira da Paulina I e II - foram medidas 19 figuras em tons de vermelho; Araucárias Mainardes I - foram medidas 7 figuras em tons de vermelho. Em Sengés, no abrigo Pontão I, mediram-se 16 figuras em preto e variados tons vermelhos. Foram obtidos um total de cerca de 500 espectros de pXRF e cerca de 100 espectros de pRS, escolhidos dentre cerca de 500 medidos. Nessas pinturas destacam-se representações da fauna e flora nativas, como pinheiros araucária e palmeiras, e domesticadas, como milho e mandioca, além de seres humanos e híbridos.

O PAPEL DA PETROGRAFIA NO ESTUDO DAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS

Thiago Kater Pinto (Universidade de São Paulo), Ximena Suarez Villagran (Universidade de São Paulo), Kelly Brandao Vaz da Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP), Marcony Lopes Alves (Universidade de São Paulo), Haruan Straioto (Universidade de São Paulo)

A petrografia cerâmica é uma técnica de caracterização composicional baseada nas propriedades ópticas das inclusões e organização dos elementos na pasta cerâmica. A técnica permite descrever a mineralogia de antiplásticos e aspectos da cadeia operatória. No Brasil, a técnica ainda não foi adotada sistematicamente nos estudos de cerâmica e muito de seu potencial permanece latente. Esta apresentação debate possibilidades e desafios para a ampliação a partir de estudos em desenvolvimento, por nosso grupo, em diferentes áreas da Amazônia (Rondônia, Acre, Pará). Um dos desafios para o uso da técnica na região é que a maioria das argilas tem origem sedimentar e boa parte do antiplásticos identificados nas cerâmicas amazônicas são orgânicos, impossibilitando estudos clássicos de proveniência e trocas desenvolvidas na Europa. Nas últimas décadas, com a expansão da aplicação de análises químicas de cerâmica na arqueologia brasileira, oferece-se um horizonte para combinação de diferentes técnicas entre as quais a petrografia pode figurar. Novas abordagens, portanto, podem ser construídas a partir dessa relação. Ainda que apenas com resultados preliminares, esta colaboração sugere que uma abordagem integrada, reunindo as questões advindas do contexto arqueológico e com aplicação de diversas técnicas analíticas, é o caminho mais profícuo para o estudo dos materiais mais abundantes nos sítios arqueológicos amazônicos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 24 - Gerenciamento de Coleções Arqueológicas

COORDENAÇÃO: Daiane Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais), Maurício André da Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

A ampliação da compreensão do fazer arqueológico e da responsabilidade social da disciplina arqueológica auxiliou o fortalecimento do campo de pesquisa ligado à gestão das coleções. Embora estejamos distantes de um cenário ideal, nos últimos anos órgãos, museus, instituições de guarda e profissionais da arqueologia, museologia, conservação e educação têm se organizando para diagnosticar os avanços e os desafios do gerenciamento de acervos arqueológicos brasileiros. As inquietações sobre como geramos e gerimos as coleções arqueológicas, alinhadas aos debates atuais das disciplinas patrimoniais, tem impulsionado diversas pesquisas que perpassam o processo curatorial. Com o intuito de oportunizar a continuidade de discussões que auxiliem diagnosticarmos o estado da arte das coleções arqueológicas, e a apresentação das pesquisas desenvolvidas sobre o tema, esse simpósio temático visa promover o encontro de reflexões e pesquisas interdisciplinares voltadas para a gestão das coleções arqueológicas no contexto brasileiro.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 24

A CRISE CURATORIAL E AS INSTITUIÇÕES DE GUARDA E PESQUISA DE BENS ARQUEOLÓGICOS NO NORTE DO BRASIL

Daiane Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais)

A crise curatorial é um termo utilizado mundialmente para se referir aos desafios resultantes dos processos históricos de formação de coleções e seus reflexos atuais no gerenciamento de acervos salvaguardados. A partir da Curadoria Arqueológica como campo de pesquisa da disciplina arqueológica, o estudo objetivou realizar uma análise regional dos principais avanços e dificuldades da gestão das coleções arqueológicas salvaguardadas em instituições no Norte do país. A proposta dessa comunicação, além de apresentar uma síntese das principais reflexões teóricas sobre o tema da crise curatorial na arqueologia, traz para o centro do debate as biografias dos processos curatoriais das Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos (IGP) reconhecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os dados que serão apresentados foram levantados a partir do estudo de um contexto composto por vinte e seis instituições localizadas nos estados da região Norte. O depreender do contexto regional tornou possível a identificação das origens e permanências da crise curatorial arqueológica, assim como propor estratégias de superação da mesma, que envolve distintos elementos, instituições e agentes na pesquisa, gestão e ressignificação do patrimônio arqueológico.

COLEÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS: PROTOCOLO DE GESTÃO DE ACERVOS E CURADORIA PARA REMANESCENTES HUMANOS COM BASE NA EXPERIÊNCIA DO SÍTIO MOREIRA 1

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas), Victória Ferreira Ulguim (Universidade Federal de Pelotas)

A gestão de acervos arqueológicos vem se consolidando como uma promissora e muito necessária área de pesquisa, incorporando pesquisadores de diferentes disciplinas, como museologia, conservação e restauro e ciência de dados, além da arqueologia. Um dos desafios enfrentados na criação e implementação de sistemas eficazes de gestão de acervos é a grande diversidade tipológica dos acervos e a integração de todas as etapas do processo (aquisição, documentação, comunicação). No XI Encontro da Associação de Paleopatologia da América do Sul (2023), inúmeros pesquisadores apresentaram questões relativas ao estado de preservação de coleções bioarqueológicas em reservas técnicas, decorrentes da ausência de protocolos específicos para curadoria de remanescentes humanos que cumpram objetivos básicos, como conservação preventiva, identificação dos elementos anatômicos, registro, acesso e uso de dados. Para contribuir com a área da bioarqueologia e com instituições de guarda em geral, apresentamos o protocolo que foi desenvolvido e utilizado no sítio arqueológico Moreira 1 para resgate de um sepultamento primário e curadoria dos remanescentes exumados. O protocolo, criado principalmente para sepultamentos primários, se mostrou eficiente e adaptável para remanescentes humanos isolados, sepultamentos secundários, pacotes funerários, entre outros. Este protocolo é parte de um projeto de pesquisa maior, que envolve o desenvolvimento e a implementação do sistema de gestão de acervos do Lepaarq.

CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS: DESENVOLVIMENTO DE MÉTODOS DE CURADORIA E GESTÃO DE MATERIAIS LÍTICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

Victoria Ballardín Santos (Universidade de São Paulo), Lorenza Lourenço Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais)

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB) contava, até 2019, com um acervo composto de aproximadamente 150.000 peças e espécimes divididos entre diferentes áreas (e.g. Arqueologia, Paleontologia, Botânica, Zoologia, etc). Para abrigar esse amplo acervo, o MHNJB conta com duas estruturas de salvaguarda: Reservas Técnicas I e II. A questão que guiou este trabalho foi a compreensão da necessidade de sistematizar e organizar os protocolos de curadoria e de trabalhos aplicados no acervo lítico da Reserva Técnica II, visando uma melhor preservação tanto das peças em si quanto de seus aspectos informacionais. O método utilizado se baseou na realização de um diagnóstico do acervo e das condições do ambiente à sua volta, com o apoio de referências bibliográficas sobre conservação preventiva em acervos arqueológicos, de experiências rotineiras na própria reserva e orientações de profissionais do Departamento de Artes Plásticas da UFMG. Através

deste trabalho, foi possível acondicionar parte do material lítico do museu de forma mais apropriada e notou-se a relevância do desenvolvimento de técnicas e métodos de curadoria de maneira interdisciplinar, correlacionando, nesse caso, a arqueologia, a museologia e a conservação. Dessa forma, percebe-se a importância da manutenção adequada dos acervos e de suas particularidades, principalmente após o triste incêndio ocorrido em 2020, no qual muitos dos materiais da Reserva Técnica I foram profundamente atingidos.

FAZER PARENTES COM A MATERIALIDADE: A COLEÇÃO DA RÁDIO COMUNITÁRIA A VOZ DA SELVA, DA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA, RDS AMANÃ - AM.

Maurício André da Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

Esta comunicação reflete sobre a noção de “coleção parente”, por meio da porosidade dos materiais arqueológicos nas comunidades ribeirinhas, que reafirma a conexão desses conjuntos com as pessoas, com o tempo da memória e suas experiências de vida. A prática de apropriação de objetos arqueológicos por diferentes agentes, como crianças, professores/as, agricultores/as, entre muitos outros, amplia a noção de patrimônio e abre caminhos para os múltiplos processos de musealização. A ideia de coleção parente alarga a compreensão dos processos de salvaguarda e comunicação, pois os objetos estão imersos nos fluxos da vida. Discutiremos o estudo de caso da coleta de fragmentos cerâmicos decorados por crianças ribeirinhas no contexto amazônico, em um exímio processo de seleção, que mais tarde gerou uma coleção e atualmente está guardada na Rádio Comunitária a Voz da Selva, na comunidade de Boa Esperança, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas. Esses objetos mobilizados inicialmente como brinquedos, passaram por um amplo fluxo de movimentações simbólicas e culturais. Existe um rico potencial de ampliação das conexões da história de longa duração indígena, com as vidas ribeirinhas, com a implementação de processos de comunicação museológica, por meio das relações de parentes que as pessoas estabelecem com a materialidade, entre si e conosco.

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFSC E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO SEU ACERVO

Bruno Labrador Rodrigues da Silva (USP)

O objetivo do trabalho consiste em compartilhar as experiências desenvolvidas no processo de gestão e publicação digital do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE) utilizando-se o software livre Tainacan. Desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, o Tainacan permite catalogar, organizar, armazenar e compartilhar informações, sendo possível configurar e personalizar metadados, filtros, itens e coleções. O acervo do MARquE na sua maior parte é proveniente de pesquisas científicas relacionadas às áreas de Antropologia e Arqueologia, realizadas pelos integrantes e colaboradores do museu ao longo dos cinquenta anos de sua trajetória institucional, contando com as obras de autoria de Franklin Cascaes (desenhos sobre

papel e esculturas em gesso ou argila) que também se destacam como elementos da coleção de Cultura Popular. Uma equipe multidisciplinar foi formada para organizar as informações e criar metadados que pudessem contemplar a realidade diversa do acervo, sendo necessária extensa pesquisa envolvendo a coleta e o tratamento de dados, a análise da documentação disponível, a importação de dados para o Tainacan, e por fim a publicação do acervo. Até o momento inseriu-se no software os dados dos sambaquis do Rio Lessa e Ponta das Almas e parte da coleção de Etnologia Indígena e de Cultura Popular, dando acesso não só aos acervos, como também às pesquisas produzidas a partir deles.

POLÍTICAS INSTITUCIONAIS PARA A GESTÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E ETNOGRÁFICOS – MOVIMENTOS DISCURSIVOS NO PRESENTE PARA O FUTURO

Marilia Xavier Cury (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

A comunicação abordará a curadoria em museus e a participação direta de povos indígenas, num trabalho ao mesmo tempo interdisciplinar e colaborativo. Indo além da ideia de gestão de coleções arqueológicas, o objetivo da comunicação é sublinhar o ponto estratégico de cruzamento de todas as questões que permeiam as responsabilidades museais e fator constitutivo do discurso institucional – a Política de Gestão de Acervo. São políticas as posições que um museu adota na curadoria - formação de coleções, pesquisa, salvaguarda e comunicação. Mas outras ações são afetadas por/ou afetam as políticas e formam os discursos museais, como a divulgação da programação, o marketing e construção da imagem institucional, recursos financeiros e humanos, gestão e direção etc. Mas, como elaborar posições políticas hoje, projetando para o futuro? A comunicação enfatizará a participação indígena e ações de colaboração na construção de posições e discursos políticos explícitos, para que se estabeleça uma dialógica que permita a reunião de visões, conhecimentos e saberes acadêmicos, profissionais e indígenas em torno dos patrimônios musealizados e/ou em vias de musealização, objetos arqueológicos e etnográficos, vislumbrando o respeito às crescentes demandas ativistas indígenas e o papel social e político dos museus.

POR QUE NÃO UM SIMPLES INVENTÁRIO?: PROPONDO UMA GESTÃO AMPLA EM MEIO A THESAURI E CATÁLOGOS DIVERSOS

Mario Junior Alves Polo (Museu Nacional, UFRJ), Leticia Dutra Romualdo da Silva (Museu Nacional/UFRJ)

O trabalho apresentado emerge do debate sobre as particularidades da documentação museológica aplicada a acervos arqueológicos. Aqui atentamos à falta de padronização dos instrumentos utilizados para esse fim no interior de Instituições de Guarda e Pesquisa (IGPs), sobretudo aquelas de maior vulto e tempo de atuação. A partir desse quadro, falamos dos percalços de se investir em uma gestão ampla dos acervos arqueológicos em uma mesma instituição, de modo a fazer com que as coleções conversem entre si, fazendo uso especialmente da normalização dos campos catalográficos e vocabulários adotados. Nessa direção,

apresentamos a proposta de um protocolo de catalogação para acervos arqueológicos que se pretende adaptável. Ao mesmo tempo, problematizamos o seu uso e sua interface com outros instrumentos de catalogação e com o modelo previsto pela Portaria IPHAN nº 196/2016.

SIMPÓSIO TEMÁTICO ST 25 - Imagens da arqueologia: socialização e divulgação científica em territórios virtuais

COORDENAÇÃO: Glória Maria Vagioni Tega Calippo (UFMG), Marcia Bezerra de Almeida (Universidade Federal do Pará)

A cada dia, vida social, relações de trabalho, diversão e educação são transferidas do ambiente real para o virtual, fazendo com que o Brasil seja o terceiro maior consumidor de redes sociais no mundo, com usuários permanecendo nessas plataformas por, em média, 46 horas no mês. YouTube, Facebook e Instagram, nessa ordem, são as plataformas mais acessadas pelos usuários, sendo a primeira e a terceira as redes nas quais as pessoas permanecem por mais tempo. Já as transmissões via redes sociais produziram mais de 570 mil vídeos em 2022, com mais de 35 bilhões de visualizações. Esses dados apenas refletem um campo de estudos crescente e ainda pouco explorado pela Arqueologia brasileira, já que boa parte da Divulgação e Difusão Científica da Arqueologia está nesses ambientes virtuais. Assim, tanto o que produzimos, como o que vemos sobre a Arqueologia em ambientes virtuais precisa ser amplamente discutido e estudado, proporcionando reflexões sobre em que medida podemos interferir na imagem da Arqueologia. Nesse sentido, propomos um simpósio com o objetivo de reunir estudos que se debrucem sobre a construção da Arqueologia por meio de sua imagem divulgada nos territórios virtuais.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 25

#ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO DA IMAGEM DA DISCIPLINA NO INSTAGRAM

Glória Maria Vagioni Tega Calippo (UFMG), Marcia Bezerra de Almeida (Universidade Federal do Pará)

Nas últimas décadas, houve um incremento das pesquisas que discutem as relações da disciplina com diferentes coletivos, dentre elas a que se desenvolve na interface entre Arqueologia e Comunicação. Há muitas críticas sobre o que as pessoas entendem por Arqueologia e o papel dos meios de comunicação na elaboração da sua imagem pública, mas são poucos os estudos que tratam da compreensão desses processos comunicativos. Recentemente, em decorrência de vários fatores, como a pandemia da Covid-19, vimos uma ampliação de pesquisas envolvendo as redes sociais na área das ciências humanas e sociais. E como contraponto aos discursos anti-ciência pesquisadoras/es/os de diversas áreas criaram meios de divulgação e socialização científica nas redes. As redes sociais são territórios digitais onde as pessoas consomem e geram conteúdos, conectando outras pessoas em diferentes formas de interação. O Instagram é uma rede social que permite a edição e compartilhamento de fotos

e vídeos, o que faz dela um meio fortemente vinculado a imagens e, portanto, muito fértil para o estudo das narrativas visuais sobre a Arqueologia. Há pouco interesse sobre o tema na Arqueologia Brasileira, mas a disciplina não está imune às estratégias de desinformação da internet, por isso é relevante conhecer os elementos associados à disciplina online. Este trabalho resulta de pesquisa realizada no Instagram e que buscou compreender os nexos que agregam hashtags, imagens e ideias em torno da Arqueologia.

CARTA ARQUEOLÓGICA DE SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES DO ESTADO DE SÃO PAULO – BRASIL

Marilia Perazzo Valadares do Amaral (USP), Daniela Cisneiros (UFPE), Eduardo Krempser (Fiocruz)

A carta arqueológica se caracteriza como um mapeamento de sítios em um dado território, tornando-se um importante instrumento de pesquisa, visto que permite identificar locais que constituem patrimônios culturais. O estado de São Paulo, a priori, não se apresentava como uma área potencial para sítios com grafismos rupestres e, em termos de pesquisa arqueológica, tem sido mais marcada por estudos em sambaquis e sítios líticos. A partir de 2019 foram iniciadas pesquisas sistemáticas que permitiram a identificação de 54 sítios com registros rupestres. Nesta perspectiva, foi elaborado um banco de dados gerenciado e pautado em descritores pré-definidos no âmbito da pesquisa, por meio do qual foi possível construir um mapa interativo que chamamos de Carta arqueológica de sítios com grafismos rupestres do estado de São Paulo. Este é o primeiro mapa interativo e responsivo paulista que une dados arqueológicos, imagens e modelos tridimensionais, valendo-se do sistema gerenciador de banco de dados PostgreSQL. Por meio do mapa é possível conhecer o cenário rupestre paulista atual, acessar informações sobre os sítios, datações, conhecê-los por meio das fotografias, acessar as referências bibliográficas e os repositórios científicos abertos com DOI. A linguagem de programação Javascript forma a base do desenvolvimento, bem como a comunicação de dados em formato JSON, destacando a completa utilização de softwares livres em seu desenvolvimento e implantação.

DOCUMENTAÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DOS SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Daniela Cisneiros (UFPE), Eduardo Krempser (Fiocruz)

As pinturas e gravuras pré-históricas realizadas sobre suportes rochosos apresentam para a Arqueologia um potencial de dados insubstituíveis fornecidos pelos próprios grupos autores. Os componentes técnicos e gráficos da arte rupestre contém informações sobre aspectos materiais e imateriais dessas sociedades. Apesar de constatada a durabilidade dessas técnicas (pinturas e gravuras) sobre os suportes rochosos, sabe-se que representam uma ínfima parcela do que existia em épocas pré-históricas. A proteção e a conservação desse arsenal fazem-se imperativos, estando asseguradas por dispositivos legais e infralegais vigentes

em âmbito nacional e internacional. Porém, para que esses dispositivos surtam resultados, é necessária a adoção de medidas mitigatórias precisas que atuem à frente dos problemas na conservação desse patrimônio, assim como instrumentalização para a educação patrimonial e divulgação científica para ampliar o conhecimento e consequentemente a preservação desse patrimônio pela população. A divulgação científica foi aportada a partir de duas dimensões digitais que se integram: A primeira corresponde a elaboração de QR-Code, inserido junto às placas de identificação dos sítios, esse código levará o turista à uma página com informações sobre o sítio e as pinturas rupestres; a segunda corresponde a um inovador processo de realidade aumentada que apresentará digitalmente sobre as pinturas informações sobre sua conservação e análise.

ESTABELECENDO REDES DE CONHECIMENTOS: O PROJETO “ARQUEOLOGIA VIVA”

Rita Scheel-Ybert (Museu Nacional, UFRJ), Taís Cristina Jacinto Pinheiro Capucho (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

As mídias sociais exercem um importante papel como mediadoras do conhecimento. Essa mediação permite uma aproximação maior entre as instituições científicas e a sociedade. Nesse contexto, o projeto de extensão “Arqueologia Viva: Passado, Presente e Futuro no Museu Nacional”, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem do Museu Nacional/UFRJ, vem realizando atividades voltadas ao espaço virtual, como ações de divulgação científica em redes sociais e oferecimento de cursos online para estudantes do ensino básico e profissionais da educação. Nossos principais objetivos são difundir linhas de pesquisa relacionadas à Arqueologia Brasileira e à Arqueobotânica, ressaltando sua importância e incentivando a busca pela preservação de sítios arqueológicos e do patrimônio histórico e cultural brasileiros. O público alvo do projeto é amplo, de forma que buscamos produzir os materiais utilizando uma linguagem clara, didática e objetiva, além de garantir a acessibilidade através da disponibilização de textos alternativos, legendas e vídeos narrados. O retorno obtido dos participantes até então demonstrou percepções críticas sobre a narrativa do passado brasileiro, em parte despertadas pelos novos conteúdos com os quais se depararam. Assim, acreditamos que o caminho proposto é promissor para alcançar os objetivos do projeto, fomentando o interesse e o investimento na popularização da ciência e em pesquisas científicas voltadas para a Arqueologia Brasileira e Arqueobotânica.

G.E.S.T.O. NAS REDES: APRENDIZAGENS SOBRE A LIDA ARQUEOLÓGICA EM TERRITÓRIO VIRTUAL

Sara Toja (Arcadis), Lilian Panachuk (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

O interesse aqui é refletir sobre a experiência em levar o Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria, G.E.S.T.O., para o ambiente virtual. Esse movimento, em nosso caso, ocorreu no final de 2019. O grupo se encontrava com regularidade e em conjunto debatíamos e realizávamos experimentos, sempre presencialmente, algumas técnicas exigem

a presença de uma equipe, como os experimentos com queima cerâmica. Assim, o foco e produção de conteúdo para o perfil nas redes sociais não era realizado com regularidade. Como outros coletivos, foi somente no ano de 2020 que dedicamos empenho em ocupar o território virtual de maneira mais potente, justamente pelo isolamento social e o desejo intenso de manter e cuidar de cada pessoa, e de nós mesmas. Nesse período, a começar de julho de 2020 até dezembro de 2021, em especial, tivemos folego para realizar muitas experimentações virtuais, conversas entre nós, e com pessoas convidadas, e ampliar de maneira estrondosa nossa presença nas redes. Algo que parece também interessante é a interdisciplinaridade e os diálogos fortalecidos tanto com ceramistas urbanas, como ceramistas tradicionais e pesquisadoras do tema, além de escolas. A vivência digital de nosso grupo de extensão, que desde 2022 retomou também suas ações presenciais, é também instável e apresenta limites, talvez pela forma ainda intuitiva que nesse caso lidamos com essa ferramenta de divulgação e socialização científica.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 27 - Por uma Bioarqueologia biocultural: ciência, evolução, cultura e engajamento social

COORDENAÇÃO: Pedro José Tótora da Glória (Universidade Federal do Pará), Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva (MAE-USP), Danilo Vicensotto Bernardo (Instituto de Ciências Humanas e da Informação - Universidade Federal do Rio Grande)

O termo bioarqueologia surge na década de 1970 com o intuito de integrar o estudo dos remanescentes humanos com seu contexto mortuário, simbólico, tecnológico, evolutivo, ecológico e geográfico, visando entender o comportamento humano sob um olhar populacional. Na última década, a bioarqueologia tem se engajado também em questões sociais, políticas e éticas sobre os remanescentes humanos, trabalhando com temas como bioarqueologia social, da infância, do cuidado, do ritual e religião, da violência, dos desastres, das pessoas marginalizadas, do indivíduo, de gênero, entre outros temas como curadoria, identidade e repatriamento. Em paralelo, a bioarqueologia tem trazido também novas técnicas de obtenção de dados a partir dos remanescentes humanos tais como isótopos estáveis, tecnologias digitais, DNA antigo, proteômica, microscopia, bancos de dados, entre outras. Essa relação entre ciência, evolução e contextos sociais demanda iniciativas colaborativas, engajadas e contextualizadas local e regionalmente. Nesse ponto, faz-se relevante que os estudos bioarqueológicos tragam a luz uma abordagem biocultural, unindo biologia molecular, osteologia, contextos funerários, simbolismo e ambiente de uma maneira holística e integrada. O bioarqueólogo, pela amplitude de suas investigações, participa ativamente de todas as etapas de pesquisa arqueológica, e são bem-vindos nesse simpósio trabalhos que integrem remanescentes humanos com arqueologia em contextos pré-coloniais, históricos e contemporâneos. Este simpósio visa marcar a importância e o crescimento da bioarqueologia no Brasil, e vem sendo realizado nos congressos nacionais da SAB desde 2015.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 27

ANÁLISES DE ISÓTOPOS DE CARBONO E NITROGÊNIO EM CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ATUAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Murilo Quintans Ribeiro Bastos (Museu Nacional/UFRJ)

Análises isotópicas têm contribuído para o entendimento sobre hábitos alimentares de grupos humanos que ocuparam o território brasileiro por décadas. O presente estudo apresenta dados de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio extraído de colágeno de ossos e dentes de indivíduos escavados de sítios sambaquis do Moa, Arapuan, Zé Espinho e Pontinha, sítio Duna Grande (sítio em duna) e sítio Bananeiras (Tupi), todos localizados no estado do Rio de Janeiro, assim como indivíduos que habitam o atual município do Rio de Janeiro. Indivíduos do Sambaqui do Moa, Arapuan e Duna Grande apresentam valores compatíveis com dieta proteica com grande influência marinha, como encontrado em diversos sítios do litoral de Santa Catarina e São Paulo. O indivíduo do sítio Bananeiras e o associado ao período colonial do Arapuan teriam valores mistos entre dieta terrestre e marinha. Já no caso do Zé Espinho ocorre uma grande variedade de valores isotópicos, indicando que neste sítio os indivíduos obtinham seus alimentos de fontes bastante distintas. Por fim, nas amostras atuais do Rio de Janeiro, observa-se uma dieta diferenciada, característica de alimentos ultraprocessados, geralmente ricos em cana de açúcar e/ou milho, assim como consumo de animais alimentados por gramíneas. De modo geral, pode-se concluir que as análises isotópicas foram capazes de distinguir as diferentes práticas alimentares dos grupos estudados, ilustrando as especificidades culturais dentro de um amplo recorte temporal.

BIOARQUEOLOGIA PROFUNDA: ANÁLISE DE UMA AMOSTRA ARQUEOGENÉTICA DE LAGOA SANTA, BRASIL CENTRAL, SOB A ABORDAGEM DO “ESCORE DE RISCO POLIGÊNICO”

Danilo Vicensotto Bernardo (Instituto de Ciências Humanas e da Informação - Universidade Federal do Rio Grande)

Nas últimas décadas, especialmente nos últimos dez anos, os estudos de Arqueogenética têm tido impacto em diferentes temas classicamente tratados pelas linhas da Bioarqueologia tradicional, com especial dedicação aos estudos de ancestralidade e dinâmica populacional. Considerando o caráter inovativo da Arqueogenética e os avanços da Bioinformática e da análise de Big Data, nos propusemos a analisar uma amostra composta por DNA antigo de sete indivíduos da Lapa do Santo, na região de Lagoa Santa, previamente sequenciados e disponíveis no banco de dados do European Nucleotide Archive (ENA). Através de um pipeline de busca de variantes com possível significado patogênico foram identificadas oito variantes (SNPs) descritas na literatura médica (duas variantes patogênicas, três com interpretações conflitantes e três de significado incerto). Complementarmente, um painel de dados de marcadores osteológicos clássicos, como estimativa de estatura e frequência

de hiperostose porótica e doença articular degenerativa foi consolidado para os indivíduos amostrados, para consequente investigação de correlação de dados com o Catálogo PGS (Polygenic Score Catalog) e determinação do PRS (Polygenic Risk Score). Embora tenhamos encontrado possíveis variantes de significado patogênico, a fragilidade da amostra não nos permitiu a determinação integral do PRS, o que não significa que nossa proposta não represente uma promissora abordagem meta-analítica para estudos bioarqueológicos futuros.

DENTES HUMANOS AVULSOS NO SÍTIO RASO RIO DO MEIO (SANTA CATARINA), COMO CHEGARAM ALI?

Simon Pierre Noel Robert Gilson (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP), Luciane Zanenga Scherer (MARQUE/UFSC)

O presente artigo tem como objetivo apresentar os dentes humanos avulsos encontrados no sítio Rio do Meio, localizado na praia de Jurerê, em Florianópolis/SC. Em estudos pretéritos, o sítio foi definido como sítio funcional, com ausência de sepultamentos. Logo, a presença de remanescentes humanos é uma novidade para o assentamento. A série é composta de dezoito dentes decíduos e quatro permanentes, oferecendo base para uma reflexão inicial sobre o papel ocupado pelos subadultos em um sítio considerado de atividades específicas e os possíveis motivos pelos quais esses dentes estariam fora do contexto funerário. Atividades cotidianas e/ou tratamentos post-mortem do corpo humano estão sugeridos como elementos explicativos.

ESCOLHAS PRÁTICAS, FUNCIONAIS OU SIMBÓLICAS: ARTEFATOS ÓSSEOS NO CONTEXTO MORTUÁRIO DO CERRITO MOREIRA 01 – CAPÃO DO LEÃO – RIO GRANDE DO SUL

Victória Ferreira Ulguim (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

A seleção de espécies animais para produção de artefatos ósseos indica algumas escolhas que foram feitas, podendo estar relacionada ao acesso sobre alguns animais, a função prática ou a sua importância simbólica. O presente trabalho se propõe a debater sobre os artefatos ósseos em cerritos no sul do Brasil, a partir da amostragem resgatada do sítio cerrito Moreira 01, localizado no Capão do Leão, sul do estado do Rio Grande do Sul. O cerrito Moreira 01 se diferencia dos outros sítios cerritos da região por apresentar estruturas de combustão e um sepultamento primário. As análises zooarqueológicas e isotópicas atuais em sítios cerritos demonstram uma dieta baseada em recursos pesqueiros que corroboram as interpretações sobre a exploração da fauna na produção de artepescas. Os resultados obtidos permitiram discutir a seleção de determinadas espécies animais para produção de artefatos ósseos como os canídeos e cervídeos, em oposição a uma dieta predominantemente pesqueira entre os grupos construtores de cerritos.

INVESTIGANDO A PRIMEIRA INFÂNCIA EM SAMBAQUIS: AMAMENTAÇÃO, DESMAME E ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR EM PIAÇAGUERA E MORAES (SUDESTE DE SÃO PAULO, BRASIL)

Marina Nogueira Di Giusto (MAE/USP), Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo)

Neste trabalho apresentamos novas evidências sobre a alimentação infantil em grupos pré-coloniais do Estado de São Paulo, especificamente para o sambaqui costeiro Piaçaguera (7.151-5.668 anos cal. AP) e para o sambaqui fluvial Moraes (6.791- 5.590 anos cal. AP). Foram realizadas análises isotópicas de $\delta^{15}\text{N}$ e $\delta^{13}\text{C}$ em colágeno ósseo e dentinário. Neste último caso, por meio do seccionamento da dentina em minifatias horizontais (dentes permanentes e decíduos), foi possível estimar a dieta em distintos momentos da infância. Os resultados do estudo indicaram que o desmame em Piaçaguera ocorreu por volta dos 4 anos e que os alimentos complementares foram semelhantes aos dos adultos. Já em Moraes, haveria uma variabilidade maior nas idades de desmame, com indivíduos desmamando aos 3, aos 4 e aos 5 anos, e com um maior consumo de peixes de água doce na primeira infância. Essas idades de desmame são semelhantes às observadas em outros grupos arqueológicos do continente americano pré-colonial e essas distintas alimentações infantis entre os grupos apontam uma evidente variabilidade nas escolhas e soluções alimentares aplicadas ao período da infância em cada grupo.

OCUPAÇÃO E REOCUPAÇÃO DO CEMITÉRIO DA SOLEDADE EM BELÉM DO PARÁ

Pedro José Tótor da Glória (Universidade Federal do Pará)

O cemitério da Soledade foi inaugurado em 1850 em Belém, Pará, como resposta às sucessivas epidemias que assolaram a cidade durante o século XIX. O Cemitério da Soledade foi desativado em 1880, e posteriormente tombado pelo IPHAN em 1964 como sítio de relevância histórica e arquitetônica. Em 2021, um projeto de restauro e conservação do cemitério foi realizado para a criação de um parque aberto ao público. Como parte deste projeto, o presente trabalho objetiva investigar os padrões de uso e ocupação do interior dos jazigos do Cemitério da Soledade. Foram utilizadas metodologias de mapeamento por croquis, documentação fotográfica e descrição das estruturas, objetos e remanescentes humanos presentes em seu interior. Foram investigados 31 jazigos, representando locais de sepultamento de membros de famílias nobres de Belém. Os seguintes resultados podem ser destacados: i) os sepultamentos eram secundários, feitos em urnas de ferro, pedra e madeira, e com idades de morte entre 1870 e 1983, ii) houve violação sistemática das urnas com foco no crânio e ossos longos, e iii) a cultura material encontrada no interior dos jazigos inclui materiais de ritualização popular, como frascos de vidro com ervas, velas em forma de caveira, ossos humanos e de animais e cartas com dizeres. Esses resultados indicam que o Cemitério foi ocupado e reocupado incessantemente desde sua criação, indicando uma combinação de abandono e deterioração com reutilização do espaço para outros propósitos.

PESQUISAS BIOARQUEOLÓGICAS NO NORDESTE DA ARGENTINA

Clara Scabuzzo (CONICET), Bianca Micaela Di Lorenzo (Division de Arqueología, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, UNLP), Rocío Ailén Bidegain (Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata), María Agustina Ramos van Raap (CONICET-FCNyM, UNLP)

Nos últimos 20 anos, a pesquisa arqueológica no nordeste da Argentina recebeu um forte impulso, resultando no desenvolvimento e na integração de várias linhas de estudos. Estas vêm contribuindo para o conhecimento dos estilos de vida e da trajetória histórica de populações que ocuparam o território no período pré-hispânico. Neste contexto, a bioarqueologia é um dos enfoques mais ativos dos projetos arqueológicos, gerando novas informações a partir de uma perspectiva biocultural. O objetivo deste artigo é sintetizar os resultados obtidos com as diferentes abordagens bioarqueológicas que estamos desenvolvendo em séries de esqueletos do nordeste da Argentina. Essas abordagens incluem análises patológicas, arqueobotânicas, mortuárias, tafonômicas, de isótopos estáveis e paleogenéticas. Os estudos são realizados em diferentes conjuntos osteológicos correspondentes ao Holoceno tardio e compreendendo um número mínimo de 180 indivíduos. Eles são provenientes de locais recentemente escavados pelo grupo de trabalho e de coleções geradas na primeira metade do século XX. A integração da pesquisa bioarqueológica aos projetos arqueológicos possibilitou a discussão de aspectos relacionados às práticas funerárias e à manipulação dos corpos, à saúde e sua ligação com os contextos socioambientais, à variabilidade da dieta e ao papel das plantas nessas sociedades, bem como às relações biológicas as relações biológicas dessas populações em nível extra-regional.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 30 - Tecnologias Líticas

COORDENAÇÃO: Gustavo Neves de Souza (Universidade Federal do Vale do São Francisco), Anderson Marques Garcia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Abordagens sobre o material lítico estão no cerce dos estudos de material arqueológico, antes mesmo de nosso campo se constituir como tal. Embora menções sobre esse tipo de material existam desde a Antiguidade, estudos sistemáticos sobre materiais lascados, picoteados e polidos, em suas mais diversas formas, recentemente tem recebido especial atenção sob uma perspectiva tecnológica. É sob esse viés que a maior parte dos estudos tem buscado a compreensão e a reconstrução dos modos de fazer característicos de cada grupo cultural do passado. Nesse contexto é importante frisar o desenvolvimento dos estudos que se debruçam sobre o dito “material polido”, os quais tem cada vez mais explicitado as possibilidades de integração com o dito “material lascado”. É justamente através dos estudos que se pautam menos pela forma final e mais pela compreensão dos processos de produção que essa proximidade se evidencia. Assim, o presente simpósio se destina a promover o diálogo entre os diversos pesquisadores que, através das discussões e análises, poderão identificar

entraves e propor soluções para as diversas questões relacionadas à tecnologia lítica. Tanto trabalhos de cunho teórico quanto aqueles decorrentes das diferentes propostas de análise de material são bem vindos, englobando variadas formas de trabalho da pedra, seja através do lascamento, do picoteamento, do polimento ou de todas elas juntas.

APRESENTAÇÕES ORAIS ST 30

ACERVOS DIGITAIS DE VESTÍGIOS LÍTICOS

Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre (Universidade Federal do Piauí), Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí)

O projeto de “Digitalização do acervo arqueológico do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI – MAP/UFPI” é desenvolvido desde 2021 e visa produzir um acervo digital dos vestígios líticos do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI para, assim, disponibilizar os dados em plataformas digitais. O projeto tem o duplo objetivo de retirar limitações referentes ao acesso físico do material, que fica armazenado na reserva ou em exposição ao público, e de fornecer uma ferramenta para analisar materiais arqueológicos oriundos de projetos distintos, realizados com metodologias distintas. Assim, os dados inseridos no banco de dados, apesar de incompletos, são padronizados, e aumentam as possibilidades de estudos cruzados e regionais. Neste trabalho, apresentamos resultados preliminares com cerca de 3000 peças oriundas de 34 sítios localizados na região piauiense da Chapada do Araripe. Com esta base, discutimos a validade e a reprodutibilidade de uma abordagem que mescla análise tecnológica e ferramentas digitais.

ANÁLISE DOS ESTIGMAS TECNOLÓGICOS EM ARTEFATOS POLIDOS: ABORDAGENS POSSÍVEIS SOBRE ARTEFATOS DE DOIS SAMBAQUIS DA COSTA SUL DO BRASIL.

Gustavo Neves de Souza (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Quando pensamos em material lítico polido é quase imediata a associação a peças inteiramente ou majoritariamente polidas. As lâminas polidas dos sambaquis é que, devido a seus tipos peculiares, por vezes, podem nos fazer pensar um pouco além. Em todo caso, é de importância capital ampliar a análise com vistas a uma percepção mais tecnológica, não se limitando à forma final dos artefatos. O objetivo do presente trabalho, portanto, é demonstrar a importância de não apenas identificar os variados estigmas presentes nos artefatos mas também compreendê-los como parte de processos técnicos que podem nos auxiliar na compreensão mais ampla das indústrias que envolvem toda uma gama de artefatos que comumente qualificamos sob a grande categoria de “polidos”. Assim, apresentaremos diversos estigmas associados a diferentes tecnologias presentes em artefatos de dois sítios, o Sambaqui do Rio Comprido, que fica em Joinville, Santa Catarina e o Sambaqui de Matinhos, que fica em Paranaguá, Paraná. Com isso pretendemos realçar a importância de um olhar

mais amplo do ponto de vista tecnológico através da demonstração do potencial apresentado pelas peças provenientes dos sambaquis da região Sul do país e que hoje se encontram sob a guarda do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

ANÁLISE TECNOLÓGICA DE COLEÇÕES LÍTICAS NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA

Thiago Umberto Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina)

Essa comunicação pretende trazer um pouco dos dados e resultados da dissertação “Análise tecnológica de coleções líticas No Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina”, defendida em 2021 no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Esta dissertação visou investigar o significado da variabilidade tecnológica das indústrias líticas na região do Alto Vale do Itajaí a partir da análise dos vestígios líticos de dois sítios arqueológicos: Gruta do Presépio e SC-TA-19. A região do Vale do Itajaí remonta uma ocupação de longa duração, cujo início se dá pelo menos a partir de 9400 anos AP onde diferentes grupos se apropriaram, interagiram e transformaram a região ao longo do tempo. Esse processo envolveu diferentes estratégias, que geraram diferentes conjuntos líticos com características tecnológicas distintas. Somente recentemente, dentro do projetos desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina, é que análises mais profundas sobre vestígios líticos e sobre na região do Vale tem sido realizado. A análise de coleções líticas comparada com o contexto arqueológico regional tem potencial de gerar dados para interpretar os significados da variabilidade, estratégias de gestão do ambiente no contexto regional, e discutir sua relação com os processos de ocupação do Vale do Itajaí.

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DE PRODUÇÃO DE LÂMINAS DE MACHADO POLIDAS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO CERÂMICO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado (UEMG)

As lâminas de machado polidas são objetos frequentemente encontrados nos mais variados contextos arqueológicos. Na arqueologia brasileira muito se avançou no estudo dessas peças, seja por descrições de orientação tipológica, seja por trabalhos experimentais, ou ainda por análises tecnológicas feitas em objetos finalizados. Pesquisas que investiguem todo o processo produtivo a partir de coleções que apresentem diferentes estágios tecnoeconômicos – restos de lascamento de diversas etapas de lascamento, pré-formas, peças finalizadas e em diferentes estados técnicos – ainda são raros, talvez devido a própria escassez de tais coleções. Do complexo arqueológico da Cidade de Pedra (Mato Grosso) foram exumadas coleções líticas de rocha metamórfica verde, uma matéria-prima local relacionada a produção de lâminas de machado polidas, e que se configuram como exceção neste contexto. Após a análise tecnológica dessas coleções, foram identificadas duas cadeias operatórias. Os principais elementos de distinção entre essas cadeias operatórias são a variedade da matéria-prima (mais

ou menos litada), o tipo de suporte escolhido e algumas etapas técnicas, como a produção ou não de estrangulamento na porção meso-basal e a extensão e o investimento do polimento. Embora o contexto arqueológico indique uma grande diversidade cultural, trabalha-se com a hipótese de que essas diferentes cadeias operatórias se reportem a aspectos funcionais.

AS GRANDES PEÇAS BIFACIAIS BRASILEIRAS: ANÁLISE TECNOLÓGICA

Maria Jacqueline Rodet (MHN-UFMG - SETOR DE ARQUEOLOGIA)

As indústrias líticas bifaciais brasileiras têm sido pouco analisadas, principalmente do ponto de vista de suas tecnologias de produção. Existe uma tendência em afirmar que os vestígios líticos encontrados no Brasil são relacionados principalmente à produção de unifaciais. Entretanto, existe no Brasil uma produção bifacial elaborada representada por peças com um alto controle de lascamento. Nesse sentido, nossa problemática de estudo está situada na compreensão das distintas tecnologias presentes nas coleções de objetos bifaciais de pelo menos três museus brasileiros (Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Lauro da Escóssia, Museu de História Natural e Jardim Botânico-UFMG). A análise tecnológica é a base do nosso estudo, sustentada pelo conceito de cadeia operatória, que permite conectar os restos brutos de lascamento, mas também as distintas fases de produção de um instrumento mesmo que estejam descontextualizados. Os resultados das análises apontam para a utilização de diversas técnicas, tais como, percussão orgânica tangencial, pressão, percussão indireta etc.; alto controle de lascamento; produção de instrumentos com pouco ou nenhum acidente; escolhas de matérias-primas de excelente qualidade para o lascamento. Esses resultados permitem recolocar as indústrias bifaciais dentro do panorama da arqueologia brasileira, apontando para distintos tipos de indústria convivendo ao mesmo tempo.

ESTUDO DE CASO SOBRE LASCAMENTO EM CALCÁRIO NA SERRA DE IUIÚ/BA

Haruan Straioto (Museu de Arqueologia e Etnologia / MAE-USP), Henry Luydy Abraham Fernandes (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Manuel Dimitri de Almeida Gomes (Universidade de São Paulo)

A região da Serra de Iuiú está localizada na margem direita do médio Rio São Francisco, no sul da Bahia, próximo a divisa com o estado de Minas Gerais. A serra é formada por rochas carbonáticas do Grupo Bambuí, formando uma vasta região cárstica com inúmeros abrigos e cavernas. Pesquisas desenvolvidas pela equipe do MAE-USP a partir de 2022 identificaram diversos sítios arqueológicos na região. Em alguns abrigos identificamos um artefato recorrente, produzido nas rochas carbonáticas locais. O artefato em questão é confeccionado em plaquetas de calcário com retoques bifaciais marginais contínuos por toda a borda de peça. Sem maiores processos de formatação (façonagem), o lascamento se restringe apenas as bordas da plaqueta, indicando um considerável fator de seleção do suporte (afordância) (RA-

MOS; VIANA, 2019). Considerada uma matéria-prima de baixa qualidade para o lascamento, a produção de instrumentos líticos em calcário frequentemente é deixada em segundo plano durante a análise de uma coleção lítica. Neste trabalho abordamos estes artefatos através de uma perspectiva tecnofuncional (BOËDA, 2013), descrevendo os esquemas-operatórios de produção, e qual (ou quais) funcionalidades estão inseridas neste tipo de artefato. Em um segundo momento, pretendemos realizar estudos de experimentação replicando este tipo de artefato, e utilizando o mesmo em atividades distintas a fim de correlacionar os traços de uso com aqueles observados no material arqueológico.

EXEMPLO DE INDÚSTRIA LÍTICA SOBRE SEIXOS FLUVIAIS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Marcos César Pereira Santos (UFPEL)

Esta comunicação tem como objetivo apresentar um estudo tecnológico da indústria lítica do sítio arqueológico a céu aberto SC-CHA-030, localizado às margens do rio Pesqueiro (curso superior da bacia do rio Uruguai - sudoeste do Brasil). Foram realizados um levantamento topográfico (plotando a localização do material arqueológico) e um estudo tecnológico da indústria lítica. O estudo permitiu a compreensão de: 1- a seleção da matéria-prima; e 2- a produção de instrumentos debitados/façonados (unifaciais, bifaciais e triédricos) associadas à produção (debitagem) de lascas corticais e semicorticais, transformadas em instrumentos por séries unicas de retoques. Do ponto de vista geoarqueológico, pode-se notar que o padrão de distribuição espacial do material é significativo no contexto da transição geomorfológica entre encostas e planície aluvial, indicando possíveis padrões sobre a formação de sítios arqueológicos líticos nesse contexto geomorfológico. Esta comunicação apresenta um novo estudo abrangente sobre o comportamento tecnológico e a formação de sítios arqueológicos na região, destacando que a matéria-prima e os instrumentos sobre seixo fluvial é um aspecto crucial para a compreensão da alta variabilidade das indústrias do Planalto Meridional do Sul do Brasil.

INTEGRANDO NOÇÕES DE PAISAGEM E CADEIA OPERATÓRIA NA IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS LÍTICOS NA PROSPECÇÃO VISUAL E DE SUB-SUPERFÍCIE: ESTUDOS DE CASOS EM PERNAMBUCO E BAHIA.

Juliana Betarello Ramalho (Temis - Projetos de Meio Ambiente e Sustentabilidade)

Reúne-se nesse trabalho elementos percebidos na execução de trabalhos de prospecção visual e de sub-superfície na identificação de sítios líticos, em projetos de arqueologia preventiva nos estados da Bahia e Pernambuco. Pretende-se explorar informações adquiridas nos levantamentos secundários, dos quais demonstraram valiosas informações anteriores a execução do trabalho de campo. As etapas de prospecção visual e de sub-superfície possuem o intuito de identificar constituintes de sítios arqueológicos, ou seja, tudo aquilo que à olho nu percebe-se caminhando, em um espaço pré-determinado em busca de vestígios arqueológicos. Por isso, na identificação de sítios líticos foram utilizadas premissas da arqueologia da paisagem e de estudos em tecnologia lítica que utilizam a cadeira operatória como ferramen-

ta analítica. A abordagem tecnológica que utiliza a cadeia operatória enquanto ferramenta analítica, permite reconstruir o arranjo do tempo e a sequência das trajetórias utilizadas na produção de instrumentos líticos. Também, conta-se com a compreensão geográfica do processo técnico, com a localização de fases do processo identificadas pela presença ou ausência de sub- produtos. Assim, serão apresentados estudos de casos de sítios líticos identificados nos estados da Bahia e Pernambuco, que consideraram a paisagem e a cadeia operatória como elementos na execução de trabalhos de prospecção visual e de sub-superfície.

PARA ALÉM DAS AUSÊNCIAS: CADEIAS-OPERATÓRIAS E A VALORIZAÇÃO DE INDÚSTRIAS LÍTICAS DE HORTICULTORES-CERAMISTAS DO NORTE DE SÃO PAULO

João Vítor Marcon Camargo (Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP))

A práxis da arqueologia brasileira, principalmente a partir da década de 1960, consolidou uma postura apegada ao quadro taxonômico neopositivista concebido pelas referências do Norte global, refletindo uma adoção acrítica de métodos de classificação e análise da cultura material. Essa postura afetou sobremaneira a interpretação de conjuntos líticos referentes a ocupações de povos horticultores/agricultores-ceramistas, que por um alegado baixo refinamento tecnológico e pela ausência de artefatos fósseis diagnósticos - como aqueles identificados para contextos de caçadores-coletores - foram reduzidas à classificação tipológica, principalmente no que se refere às indústrias líticas polidas. A redução dos instrumentos à sua morfologia e a inferência de funções genéricas dificultou que as pesquisas avançassem no sentido de compreender a complexidade da captação de matérias-primas, da tecnologia de produção, uso e reuso de maneira inserida na organização social das populações produtoras. Desta maneira, esse trabalho pretende dar continuidade aos recentes esforços em analisar a indústria lítica polida através do viés da tecnologia, principalmente no que se refere ao conjunto do sítio arqueológico Água Limpa, região Norte do Estado de São Paulo, bacia do rio Turvo, como forma de compreender o contexto histórico de ocupação indígena do território, as redes de troca e de influência cultural e a variabilidade de técnicas e métodos que imbricam as cadeias-operatórias polidas e lascadas.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE TECNOLOGIA E MÉTODOS DE DEBITAGEM NO SÍTIO DUNA PEQUENA, NITERÓI - RJ

Anderson Marques Garcia (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Essa proposta faz parte do projeto de pesquisa “Pedras pra que te quero. Estudo de artefatos líticos de sociedades pré-coloniais brasileiras”, que conta com apoio financeiro da UERJ por meio do Edital Prodocência. Esse é um projeto guarda-chuva, idealizado para abrigar estudo líticos de um modo geral. Em âmbito desse Prodocência temos realizado pesquisas relativas a contextos litorâneos e interioranos de diferentes partes do Brasil. Com intuito de ampliar o conhecimento a respeito da vida material das primeiras pessoas que ocuparam a Região Oceânica do município de Niterói - RJ, nessa oportuni-

dade pretendemos apresentar as nossas primeiras impressões sobre tecnologia lítica e métodos de debitage no sítio Duna Pequena. Os trabalhos nesse sítio, e no Sambuqui de Camboinhas, foram retomados em 2022 através de uma cooperação entre o Museu de Arqueologia de Itaipu (IBRAM) e o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas Indígenas (UERJ), materializada com o projeto “Recadastramento dos Sítios Arqueológicos de Duna Pequena e Camboinhas por meio de pesquisa in loco” junto ao IPHAN. Nossas impressões iniciais para com o sítio Duna Pequena têm por base líticos coletados em superfície e subsuperfície, constando principalmente artefatos de quartzo. Entre esses materiais temos observado objetos correspondentes a diferentes etapas operatórias, destacando-se núcleos de diferentes proporções volumétricas com negativos de debitações efetuadas por diferentes técnicas e métodos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO - ST 31 - Cultura Material da África e suas Diásporas

COORDENAÇÃO: Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP), Bruno Pastre Máximo (UFMG)

O ST “Cultura Material da África e suas Diásporas” pretende construir e consolidar os estudos africanos e das diásporas dentro da arqueologia brasileira. Arqueólogos têm oferecido novas perspectivas e leituras originais sobre o passado africano em tópicos relevantes, tais como os temas da complexidade social, do ritual e da segurança alimentar no continente. Em termos metodológicos, arqueólogos, historiadores e linguistas impulsionaram o uso da linguística histórica, consolidando os estudos interdisciplinares como grande inovação dos estudos africanos, inovação esta reconhecida por especialistas em outras áreas do mundo. Conforme diversos arqueólogos, historiadores e antropólogos argumentam, o encurtamento do tempo histórico nos estudos africanistas é um problema historiográfico de grande relevância. Tais avanços interessam a nós pesquisadores brasileiros. Primeiro, pela profunda ligação da África com o país, produto da violência da escravização de milhões de pessoas no mais velho dos continentes. Segundo, pela necessidade cada vez mais premente de ampliar, metodologicamente, cronologicamente, e espacialmente, os estudos africanos no Brasil. Assim, observar a cultura material africana na África permite estabelecermos uma história de longa duração de suas populações, reposicionando os estudos da diáspora como um capítulo fundamental da longa história do continente. Este Simpósio busca reunir pesquisadores que trabalham na temática para uma construção coletiva no campo da Arqueologia e disciplinas correlatas. Finalmente, é necessário cumprir com a legislação (leis 10.639/2003 e 11.645/2008) e colocar em pauta a importância da História da África para a formação do Brasil.

APRESENTAÇÕESORAIS ST 31

A IMAGINAÇÃO MORAL DA ESCRAVIDÃO NO BAIXO CONGO: UMA PALAVRA, UMA GRAVURA, UMA ARTE RUPESTRE

Marcos Abreu Leitão de Almeida (Departamento de História)

A historiografia do mundo atlântico na África Central teve um efeito semelhante à valiosa ênfase que historiadores da África colonial emprestaram a outras partes do continente: ela dividiu profundamente a história daquela parte do continente como se sua história mais antiga nada tivesse que ver com o período pós-1500. A resiliência das imaginações morais e das estratégias sociais que informaram como os africanos agiram no emergente mundo global pós-1500 raramente foi enfatizada, talvez porque as ambições locais e os termos pelos quais os africanos comunicavam essas aspirações fossem apenas parcialmente registrados em fontes escritas europeias. No entanto, se essas imaginações e estratégias se estenderam além do alcance dos registros escritos, os historiadores devem buscar maneiras de historicizar os termos pelos quais os africanos interagiram com o mundo atlântico. Isso é particularmente importante na análise de uma das categorias mais debatidas na historiografia da África Central: a ideia de escravidão. Essa apresentação busca historicizar essa categoria através de uma abordagem multidisciplinar na região do Baixo Congo. A partir de um item lexical, uma gravura do século XVI, e um arte rupestre de aproximadamente 250 anos atrás, o trabalho busca traçar a elaboração e resiliência de uma metáfora conceitual “CARREGAR É ESCRAVIDÃO” que simboliza e legitima a escravidão no Baixo Congo na longuíssima duração.

ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA COMO ARQUEOLOGIA DA ÁFRICA: PRINCÍPIOS A PARTIR DE BEATRIZ NASCIMENTO

Pedro Augusto Soares de Menezes (UFMG)

A partir do estudo de quilombos desenvolvido pela historiadora Beatriz Nascimento, busco evidenciar a necessidade de se pensar a arqueologia da diáspora africana dentro de um contexto mais amplo, entendido como o da arqueologia africana. O exemplo do estudo de quilombo trazido pela autora auxilia em uma compreensão que extrapola a experiência quilombola para além do contexto escravista e vincula suas formas de organização à hereditariedade centro-africana, principalmente no contexto cultural dos mbundu. Desta medida busco trazer exemplos das formas de organização dos quilombos em seu contexto primário, evidenciando a necessidade de, ao analisar a produção da cultura material na diáspora, se tenha uma noção abrangente da bagagem africana responsável por formar as Américas.

DA HISTÓRIA DA ÁFRICA AO CAMPOS E SABERES: A TRAJETÓRIA DE UM PROJETO DE PESQUISA À LUZ DOS ESTUDOS DE ÁREA

Camilla Agostini (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Campos e Saberes: prática de pesquisa interdisciplinar na extensão da sala de aula é um projeto iniciado em 2015 como experiência de trabalho docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, promovendo atividades de pesquisa interdisciplinar em espaços públicos. O projeto é marcado pelo trabalho de campo e pelo uso combinado de ferramentas conceituais e metodológicas da arqueologia, da antropologia, da história, do patrimônio, da oralidade e da memória na relação com objetos, espaços sociais e pessoas vivas. As raízes desse projeto estão no aprendizado sobre o fazer científico no âmbito da História da África e dos estudos africanos e sua contribuição para a ciência moderna. Dessa maneira, será apresentada uma reflexão sobre os Estudos de Áreas no fazer científico de uma maneira mais abrangente, e, sua relação com a Arqueologia, em particular. Trazendo para a pauta diferentes campos que compartilham esse princípio, como os Estudos de Cultura Material.

FAZENDA COLONIAL COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO QUILOMBOLA: INTERPRETAÇÕES, VIVÊNCIAS, SENTIDOS E NARRATIVAS SOBRE OS SÍTIOS MATA DE TAIPAS E PEDREIRA, NO VALE DO TAQUARI (RS).

Fabio Guaraldo Almeida (LINTT/MAE/USP), Jaqueline Gomes Santos (IDSM)

A comunicação divulga parte dos resultados da pesquisa etnoarqueológica desenvolvida junto com a Comunidade Quilombola Unidos de Lajeado. Temos o objetivo de apresentar a caracterização e interpretações de dois sítios arqueológicos localizados na cidade de Lajeado, indicando a relevância e significância de seus contextos tanto para os estudos arqueológicos de fazendas coloniais, quanto para compreensão da história regional. Como parte desse contexto, destacamos a forma como ambos os sítios são ativados pela comunidade quilombola local e compreendidos como lugares de referência à sua tradição ancestral. Desse modo, são reivindicados como sítios arqueológicos quilombolas, fundamentais para a preservação do patrimônio cultural relacionado a memória da população negra regional e de seu território. Tal pesquisa foi desenvolvida como parte do Plano Básico Ambiental de um empreendimento construído na região do Vale do Taquari, estado do Rio Grande do Sul.

POR QUE CONSTRUIR CONCHEIROS? DIFERENTES USOS E FUNÇÕES DAS CONCHAS ENTRE OS POVOS DIOLA DA GUINÉ BISSAU

Bruno Pastre Máximo (UFMG)

Conchas são um dos elementos materiais mais presentes no dia a dia dos povos Diola do norte da Guiné Bissau. Ostras e outros moluscos são consumidos como alimentos, e suas conchas são utilizadas para muitos fins, entre estes, a construção de concheiros. Estes são parte viva da paisagem, e estão pela região há pelo menos 2000 anos, o que revela uma

história de longa duração e sua posição importante enquanto marcas da paisagem. Nesta comunicação buscaremos apresentar respostas para a questão “Por que construir concheiros?” a partir de pesquisa de campo e entrevistas. As respostas demonstram uma intenção clara de construção de concheiros enquanto artefatos, com diferentes propósitos funcionais, como barreira, lixeira, caminhos, e outros com uma perspectiva mais simbólica/religiosa, que são espaços sagrados. Acreditamos que as observações e respostas sobre a construção de concheiros possa permitir que locais sem registro etnográfico, como os sambaquis brasileiros, refletir sobre os diferentes contextos arqueológicos expandindo as possibilidades de análise e interpretação.

SOBRE A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DO KIT PEDAGÓGICO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO (ACERVO MAE-USP)

Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP)

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo possui uma considerável e importante coleção etnográfica de objetos africanos e afro-brasileiros. No final de 2022, o Educativo do MAE-USP (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), teve Projeto contemplado no âmbito do Programa de Apoio a Museus e Centros de Ciência e Tecnologia e a Espaços Científico-Culturais (CNPq 207191/2022-4), para a construção do “Kit Educativo Africano e Afro-brasileiro do MAE-USP em uma perspectiva colaborativa”. O “Kit Afro”, como temos chamado, será composto por réplicas em tamanho reduzido de objetos africanos e afro-brasileiros do acervo do MAE-USP e uma série de materiais digitais. Como pesquisadora voluntária do MAE-USP, onde me graduei mestre e doutora em Arqueologia, componho a equipe colaborativa composta por técnicos e pesquisadores do MAE-USP, integrantes do Museu Afro-Brasil, do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (NEER) da Secretaria Municipal de Educação e do Inzo Tumbansi Comunidade Tradicional de Matriz Centro Africana, representados pelo sacerdote Tata Katuvanjesi e a Muzenza Liliane Braga (Ndembwemin). Esta comunicação tem por objetivo apresentar esse processo de construção colaborativo.

TECNOLOGIAS AFRODIASPÓRICAS DA MINERAÇÃO: A REVISÃO DOS CONCEITOS NO MORRO DA QUEIMADA, SERRA DE OURO PRETO MG

Marcia Arcuri (UFOP), Marcelo Fagundes (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM))

A comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa realizada no sítio arqueológico Morro da Queimada, Serra de Ouro Preto – MG, em interface com ações extensionistas coordenadas por pesquisadores de distintos campos de conhecimento da Universidade Federal de Ouro Preto. A equipe vem realizando um mapeamento interdisciplinar das galerias subterrâneas situadas no Parque Municipal Morro da Queimada e nos bairros de entorno, com vistas a diagnosticar as áreas de moradia ou circulação pública que apresentam risco

geológico nos períodos chuvosos, ameaça que vem se agravando com o a crise climática. O registro arqueológico do Morro da Queimada vincula-se às atividades de mineração que deram origem à cidade patrimônio da humanidade. Contrapondo-se às narrativas históricas oficiais, o trabalho apresenta evidências da diversidade de tecnologias de exploração aurífera trazidas pelas populações africanas, protagonistas e detentoras de um conhecimento basilar à formação do capital social e econômico da antiga Vila Rica. Hoje, 70% da população de Ouro Preto se declara negra e a maior parte vive em condições em pobreza nas áreas “periféricas” do município, como a Serra de Ouro Preto. Nesse sentido, o trabalho propõe estreitar o diálogo com outras pesquisas centradas na cultura material afrodiaspórica, pela perspectiva da promoção de novas tecnologias sociais e da revisão de estratégias, objetivos e justificativas para a produção do conhecimento sobre a mineração no Brasil.

MODALIDADE

**APRESENTAÇÕES
ORAIS
AVULSAS**

ARQUEOLOGIAS PLURAIS

POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

ACERVOS ARQUEOLÓGICOS PRESERVADOS EM MUSEUS COMO OBJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Darlan Pereira Cordeiro (UFPR)

A partir de uma coleção arqueológica preservada em um museu é possível realizar pesquisas sobre os mais diversos temas relacionados à arqueologia, especialmente quando se trata de pesquisa acadêmica para obtenção de títulos de graduação ou pós-graduação. Nesse sentido, a geração de acervo arqueológico a partir das incontáveis pesquisas desenvolvidas, principalmente, pelas empresas de contrato, tem sido cada vez maior e vem se acumulando nas Reservas Técnicas dos museus, mas o estudo de boa parte desses acervos se resume aos relatórios técnicos encaminhados por exigência legal ao IPHAN. O trabalho que propomos apresentar mostra o potencial desses acervos a partir da coleção de Arqueologia do Museu Etno-Arqueológico de Itajaí, composta por acervos oriundos de vários sítios arqueológicos da região Sul do Brasil, escavados, principalmente, por empresas de consultoria em arqueologia, e que têm sido estudados por acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação, para o desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso e Dissertações de Mestrado.

LICENCIAMENTO AMBIENTAL, IMPACTOS AO PATRIMÔNIO E O MUSEU-SOLUÇÃO

Ilza Carla Favaro de Lima (Scientia Consultoria Científica)

A comunicação apresenta alguns resultados de um projeto de doutoramento, cujo objeto são as práticas de gestão do patrimônio cultural no contexto do licenciamento ambiental, aplicadas em virtude dos impactos de megaprojetos, especificamente nos casos que suscitaram iniciativas museais. A presença do patrimônio cultural na legislação brasileira tem garantido a realização de pesquisas sobre o tema e desencadeado a formação de diversas coleções que, conseqüentemente aos megaprojetos, estão, em geral, pautadas num paradigma de salvamento. Isso ocorreu mesmo antes da implementação do licenciamento ambiental (Conama 01/86), como exemplifica a UHE Itaipu (PR), construída na década de 1970, que à maneira da época, realizou pesquisas e promoveu a instalação de um museu de história e arqueologia. Esta prática tem se repetido na atualidade, como é o caso da UHE Belo Monte (PA). Uma das questões que se coloca é de que maneira tais processos de gestão do patrimônio beneficiam a população das áreas impactadas e, por extensão, a sociedade? Quando resultam em iniciativas museais, os acervos retornam às comunidades diretamente afetadas pelas obras. Todavia, como são mantidas tais instituições, após a conclusão dos processos que envolvem especialistas consultores, empresários e órgãos governamentais? Os dados preliminares trazem o mapeamento de casos similares e reflexões sobre a proteção do patrimônio cultural no país, problematizando, ainda, a solução-museu, adotada em diferentes momentos.

PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO: CAMINHOS DO MAP- UFPI NA GESTÃO DO MUSEU

Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí), Camilly Santana Nascimento (Universidade Federal do Piauí)

Este trabalho busca apresentar as ações desenvolvidas pelo Plano Museológico Participativo (PLAMPA) do Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), instituído em março de 2023. Entendendo que o Plano Museológico é um importante documento e instrumento a vir compor a gestão de instituições museológicas, o PLAMPA objetiva o aperfeiçoamento das atividades oferecidas pelo MAP-UFPI às diversas comunidades e uma maior eficiência de sua gestão. Diante disso, destacamos as atividades desenvolvidas até o momento em torno de atingir os objetivos do PLAMPA que consistem em: a realização de diagnósticos museológicos para compor o Plano Museológico; mapeamento de referências culturais do estado do Piauí; grupo de estudos; diálogos com outros órgãos da Universidade; realização de eventos; culminância de exposições e projetos com comunidades externas. Assim, expomos também as reflexões geradas ao longo da implementação do PLAMPA que estão atreladas à relevância de um Plano Museológico para gestão de museus e ao papel do MAP com os públicos, levando em consideração a forma como o Museu e suas práticas se afastam ou se aproximam das pessoas. E, diante disso, as possibilidades do trabalho de extroversão do conhecimento acerca do patrimônio arqueológico e paleontológico presentes no MAP-UFPI para a sociedade.

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS: DA ELABORAÇÃO À REVISÃO DA PORTARIA IPHAN Nº 196/2016

Ana Paula da Rosa Leal (IPHAN), Thiago Berlanga Trindade (CNA/IPHAN), Raquel da Silva Santos (iphan)

Embora a proteção do patrimônio arqueológico remonte de 1937, com a possibilidade de Tombamento a partir dos parâmetros do Decreto Lei nº. 25/1937, passando pela “Lei da Arqueologia” (Lei nº. 3.924/1961) e Portaria Sphan nº. 07/1988, apenas recentemente o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan se debruçou sobre o tema da preservação de acervos arqueológicos. Somente a partir da publicação da Instrução Normativa Iphan nº. 001/2015 que o órgão cunhou o termo “Instituição de Guarda e Pesquisa” - IGP, desencadeando na necessidade de conceituar como seriam esses espaços de guarda e estabelecer critérios mínimos para a preservação dos acervos arqueológicos. Durante esse processo, foi desenvolvida a Portaria nº. 196/2016, a qual estabeleceu que uma IGP necessita ser cadastrada e supervisionada pelo Iphan, devendo ser um local adequado para conservação, pesquisa e extroversão. Assim, foi criado o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos e alguns parâmetros para conservação, fichas de inventário e fluxos para fiscalização.

Com base nas experiências e conhecimento acumulado por meio das fiscalizações das IGP, aliado às demandas da comunidade externa, deu-se início ao processo de revisão da Portaria nº 196/16. Diante disso, o propósito deste trabalho é expor o andamento da revisão da normativa, bem como os elementos identificados no processo de formulação, em andamento, de uma nova regulamentação para acervos arqueológicos.

REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE A EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA COISAS DE PESCADOR.

Sharon Sarah Costa Silva (Universidade Federal do Piauí)

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a função social do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (MAP/UFPI) e suas relações com a comunidade, através do estudo do caso da Exposição temporária Coisas de Pescador. A exposição foi realizada em julho de 2023 na pracinha dos pescadores, na margem do Rio Poty, em Teresina, realizada pela equipe do projeto de extensão intitulado Plano museológico participativo (PLAMPA-MAP/UFPI). Para a elaboração da exposição elaboramos ações de trabalho, entrevistas com moradores/as do lugar, curadoria de acervos e da coleção particular do Senhor Celso que é carpinteiro náutico, proprietário da Oficina de Canoas e a partir do qual veio o convite para montarmos a exposição na festa dos pescadores. Além da divulgação científica e do patrimônio regional, a exposição foi marcada por pesquisas que buscam colaborar com a compreensão da relação entre a comunidade, a pesca, o Rio Poty, a construção de canoas, e refletir a respeito das diferentes percepções de patrimônio, envolvendo as materialidades, a memórias e as histórias, e as paisagens. Este estudo, ainda em desenvolvimento, busca contribuir com o conhecimento sobre a história da comunidade, bem com seus modos de vida, patrimônio, arqueologia e ciência. As ações em torno da exposição possibilitaram à comunidade e aos estudantes uma troca de conhecimentos e saberes, estabelecendo uma relação de ensino e aprendizagem mútua, por meio de metodologias colaborativas.

VIRTUALIZAÇÃO DOS ACERVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Victor Nery Canadas Pedroso (Universidade de São Paulo), Luana da Silva Sposito (Universidade de São Paulo), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP), Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo)

Técnicas não invasivas têm sido frequentemente aplicadas na Arqueologia para estudo de remanescentes humanos desde as duas últimas décadas. Estes métodos dizem respeito à produção de modelos tridimensionais para análise das estruturas externas e internas do material esquelético. Além das possibilidades de análises morfológicas, a virtualização dos acervos com remanescentes humanos também tem papel de destaque em processos curatoriais, sobretudo quando o material é submetido a análises destrutivas (i.e. aDNA, isótopos

estáveis, datações). O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) faz parte de um esforço nacional de estabelecimento de protocolos sistemáticos no processo de virtualização museológica. O MAE, em particular, tem expandido o uso das técnicas de virtualização para além dos remanescentes humanos, aplicando-as a acervos históricos e etnográficos da USP. A tomografia computadorizada é o principal método empregado, em parceria com o Instituto de Biociências e o Hospital Universitário da USP, além de microtomografias realizadas em outros institutos parceiros do projeto. Desde 2018, entre esqueletos humanos, fauna, objetos cerâmicos e líticos, mais de mil peças foram virtualizadas, contribuindo para a preservação de coleções de valor inestimável. Esse backup virtual viabilizará pesquisas e atividades educacionais futuras sem a necessidade de contato físico ou deslocamento do acervo, garantindo assim a integridade do patrimônio material.

EIXO: Arqueologia Amazônica

ARQUEOLOGIA DOS DIÁLOGOS AFROINDÍGENAS: OS KA'APOR E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA MARANHENSE

Fernanda Lopes Viana (UFMA)

Por centenas de anos, a Amazônia tem atraído atenção global, especialmente devido às preocupações ambientais e socioculturais decorrentes das pressões econômicas sobre suas populações e recursos naturais (CIACCHI, 2007). Por volta do século XVII, os primeiros quilombos surgiram nas cabeceiras dos rios amazônicos. Entretanto, apenas no final desse século, a documentação começa a registrar numerosas fugas de escravizados de propriedades rurais, dando origem a muitos quilombos e mocambos. Esses locais de refúgio se estabeleceram nas proximidades de vários rios amazônicos que mais tarde seriam habitados pelo grupo indígena Ka'apor, pelo menos setenta anos depois (BALÉE 1993; RIBEIRO 1996; COSTA 2018). Os Ka'apor são um grupo indígena Tupi que há muito tempo também enfrenta pressões sobre suas terras, o que resultou em fugas, migrações e deslocamentos, levando à formação de novos territórios. Este estudo teve como objetivo explorar as interações interétnicas na Amazônia Maranhense, com foco na relação entre o povo indígena Ka'apor e as comunidades quilombolas na microrregião do Gurupi. Este trabalho se soma aos esforços para esclarecer as complexas relações afroindígenas na Amazônia. Concluímos a partir deste estudo que existe, de fato, uma interação interétnica entre essas duas matrizes culturais, que se manifesta por meio da cultura material, rituais e línguas, entre outras formas de interação social.

CRIAÇÃO INTENCIONAL DE TERRA PRETA NA AMAZÔNIA ANTIGA

Morgan Jason Schmidt (Universidade Federal de Santa Catarina), Helena Pinto Lima (Museu Paraense Emilio Goeldi), Bruna Cigaran da Rocha (Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Institute of Archaeology - University College London)

O tamanho das antigas populações humanas e a extensão do seu impacto na paisagem são intensamente debatidos na Amazônia. No centro deste debate está a terra preta – solo anômalo caracterizado por uma cor mais escura, teor elevado de carbono orgânico e maior fertilidade do que os solos típicos da Amazônia. Evidências arqueológicas indicam que a terra preta se formou em associação com a ocupação humana, mas é incerto quais práticas criaram a terra preta e se os humanos a criaram intencionalmente. A quantidade de carbono armazenada em locais de terra preta também é em grande parte desconhecida, acrescentando incerteza aos potenciais impactos climáticos da perda de carbono do solo devido a alterações no uso da terra e ao aquecimento global. Demonstramos semelhanças entre a terra preta em contextos antigos e modernos e documentamos práticas indígenas modernas que enriquecem o solo, que usamos para propor um modelo para a formação da terra preta no passado. Esta comparação sugere que os antigos amazônicos manejavam o solo para melhorar a fertilidade e aumentar a produtividade dos cultivos. Estas práticas também sequestraram e armazenaram carbono no solo durante séculos, e mostramos que o conteúdo de carbono orgânico de alguns locais antigos de terra preta é comparável ao da biomassa da floresta. Nossos resultados demonstram a criação intencional da terra preta no Alto Xingu e destacam o papel das antigas interações homem-paisagem na formação dos reservatórios terrestres de carbono.

EIXO: Arqueologia Colaborativa

PARA ALÉM DAS TERRAS, QUE FAÇAMOS O EXERCÍCIO DE ESCAVARMOS NOSSAS PRÓPRIAS CATEGORIAS

Thamyres da Silva Pacheco (Universidade Federal de Minas Gerais), Luana Rodrigues Nascimento (UFMG)

As categorias que utilizamos academicamente estão para além de palavras a nós familiares, de terminologias exclusivas aos nossos ofícios, elas também abarcam e narram acerca de nossas construções de mundo, de nossas referências. As críticas sobre as implicações das produções de conhecimento ocidentais, entendidas também como ontológicas, já encontram certa solidificação na Arqueologia, mas esse processo ainda detém muitos caminhos a serem percorridos, principalmente quando estamos diante de contextos que desafiam os nossos termos. É com este desafio que nos deparamos na Iniciação Científica, com o projeto “Sobre as Marcas do Passado: arqueologia e conhecimento indígena na Amazônia”, que desenvolve uma pesquisa colaborativa com o povo indígena Wajãpi do Amapá. Ali percebemos que categorias a nós tão caras

como Sítio Arqueológico, Vestígio e Pessoa não conseguem abarcar semanticamente a diversidade de agentes e marcas conhecida pelos Wajãpi. Vemos a partir dessas provocações uma oportunidade de escavar as categorias disciplinares que movem o léxico da Arqueologia Ocidental. O intuito aqui é a construção de um pensamento crítico não como algo anulatório do que nos antecede e sim de refletirmos como podemos flexionar semanticamente nossas categorias, o que não significa com a proposta, colocar em risco a existência da própria disciplina ao expor nossas limitações, pelo contrário, vemos uma possibilidade de ampliarmos nossos horizontes de maneira tão diversa quanto são os mundos.

EIXO: Arqueologia da Diáspora africana

DO OUTRO LADO DA KALUNGA GRANDE: COSMOGRAMAS, QUILOMBOS E A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA CENTRO-AFRICANA EM MINAS GERAIS

Luís Cláudio Pereira Symanski (UFMG - FAFICH)

A comunicação aborda as representações gráficas e a materialidade presente em contextos de quilombos de Minas Gerais, traçando relações com contextos afro-diaspóricos de Mato Grosso e da região do Congo/Angola, para discutir o processo de manutenção e reconfiguração de crenças e cosmologias das populações centro-africanas na diáspora. O foco recai na interpretação do simbolismo presente no painel rupestre do quilombo da Lapa dos Desenhos, sítio recentemente descoberto no município do Serro (MG), destacando como as representações presentes nesse painel remetem a valores e cosmologias centro-africanas reconfiguradas na diáspora.

ENTRE PRATOS E TIGELAS: A VARIABILIDADE MORFOLÓGICA DA CERÂMICA VIDRADA NA FAZENDA DO COLÉGIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, ENTRE 1700 - 1920.

Rafael Nery Farah (UFMG)

O presente trabalho acadêmico possui como temática central a análise das variações morfológicas de cerâmica vidrada entre 1700 – 1920, da Fazenda do Colégio dos Jesuítas no município de Campos dos Goytacazes, RJ, e insere-se no projeto “Arqueologia da Escravidão em Ordens Religiosas do Norte Fluminense: O Colégio dos Jesuítas e a Fazenda dos Beneditinos, Campos dos Goytacazes, RJ”, coordenado pelo Prof. Dr. Luis Symanski (UFMG). O objetivo desta pesquisa é analisar a variabilidade morfológica da cerâmica vidrada, manufaturada pelas populações africanas escravizadas e libertas, visando um melhor entendimento dos hábitos alimentares dessas populações. Como método, realizou-se a análise das peças de cerâmica vidrada referentes às áreas escavadas de duas senzalas na Fazenda do Colégio. Os fragmentos de cerâmica vidrada foram divididos em Número Mínimo de Peças (NMP), com base nos critérios de cor do vidrado, cor da peça, decoração, área/quadra, nível, pasta e espessura. Essa classificação resultou em um total de 199 peças. As peças identificadas foram subdivididas entre as camadas referentes, para então se analisar a variabilidade morfológica

dos vasilhames de cerâmica ao longo do tempo. Sobre os resultados, as evidências morfológicas das tigelas apontam para um processo de individualização das práticas alimentares e mudança no padrão de consumo, passando do consumo de alimentos líquidos em tigelas para alimentos sólidos em pratos.

HÁBITOS ALIMENTARES DOS ESCRAVIZADOS NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS: UMA ANÁLISE ZOOARQUEOLÓGICA

Daniela Magalhães Klökler (UFMG)

O Colégio dos Jesuítas, localizado em Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro), foi fundado no século XVII pela Companhia de Jesus. O sítio foi escavado entre 2012 e 2016 por projeto coordenado por Luis Symanski (DAA-UFMG). As intervenções geraram importante acervo arqueofaunístico, particularmente na área da senzala. Até o momento, estudos que abordam a dieta de africanos e seus descendentes durante o período colonial no Brasil baseiam-se majoritariamente em fontes escritas sendo que a contribuição da arqueologia tem sido mínima. Este paper pretende explorar os resultados de estudo de parte do acervo zooarqueológico do Colégio dos Jesuítas como forma de ressaltar os múltiplos aspectos da relação dos ocupantes do sítio com o mundo animal. Ao analisarmos os vestígios faunísticos de dois setores escavados da senzala pudemos verificar diferentes estratégias implementadas para diversificar hábitos alimentares e, inferir diferentes formas como esta comunidade escravizada negociou as restrições sociais e físicas da plantation através das práticas alimentares diárias. Encontramos divergências quanto aos animais consumidos nos dois setores que evidenciam formas distintas de auto-expressão dos diferentes grupos no Colégio dos Jesuítas, diferença evidente também em outras materialidades, como a cerâmica.

EIXO: Arqueologia do povoamento

NOVAS CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE A ANTIGUIDADE DAS OCUPAÇÕES HUMANAS DO SETOR MERIDIONAL DA BACIA DO PRATA

Rodrigo Costa Angrizani (CONICET), Eduardo Apollinaire (CONICET)

Desde o final do século XIX, as bacias dos rios paraná e Uruguai tem sido objeto de interesse da arqueologia. Entretanto, estes estudos foram descontínuos e se centraram em determinados setores da região (nos trechos médio e inferior do rio Paraná e rio Uruguai). Ao longo do século XX, ainda que se tenham incorporado novos enfoques metodológicos, as pesquisas produziram poucos dados concretos para abordar o povoamento inicial deste setor da América do Sul. As dataoes disponíveis até o momento posicionam as ocupaoes humanas ao começo do Holoceno Megalaiano, cerca de 3000 anos antes do presente. Isto resultou em que os esquemas de ocupaoo regional tenham sido baseados na extrapolaoo de modelos propostos em regioes vizinhas.

Entretanto, nos últimos anos, o trabalho sistemático de novas equipes de pesquisa ampliou a abrangência geográfica e intensificou a geração de dados. Nesta etapa de produção científica se alcançaram avanços sobre questões tais como o surgimento de hierarquias sociais, a incorporação de plantas cultivadas e os processos de contato interétnico extra-regional. É neste contexto que apresentamos resultados recentes relacionados à profundidade temporal do nordeste da Argentina. Em particular, buscaremos repensar os esquemas clássicos a partir de novas datações absolutas obtidas em registros arqueológicos localizados nos setores médio e inferior da Bacia do Prata.

EIXO: Arqueologia do presente

VIVENCIANDO AS MATERIALIDADES DO TERROR: REFLEXÕES SOBRE O POTENCIAL DAS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS IMPLEMENTADAS DURANTE A ESCAVAÇÃO DO DOI-CODI/SP

Caroline Murta Lemos (Autônomo), Elton Rigotto Genari (Universidade Estadual de Campinas), Tuanny Lima Victor (USP), Patrícia Cristina Bertozzo (Universidade Estadual de Campinas)

A Arqueologia Contemporânea defende a ideia de que além das pesquisas arqueológicas serem desenvolvidas a partir de interesses e pressupostos específicos atuais, elas também atuam no presente, impactando diferentes contextos sociais e políticos. Partindo dessa premissa da Arqueologia como ação política, foram desenvolvidas, durante as escavações das instalações do antigo DOI-CODI/SP em agosto deste ano, diversas atividades socioeducativas como visitas guiadas, oficinas e mesas de debate. Essas atividades tiveram o objetivo de fazer com que diferentes públicos (professores, estudantes, procuradores, delegados, moradores do bairro etc.) pudessem testemunhar pessoalmente o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos no local, compreendendo a importância destas materialidades na produção de conhecimento sobre o Terrorismo de Estado e na produção de memórias e narrativas críticas sobre esse regime de exceção. Ao mesmo tempo, noções como Estado de Direito e Direitos Humanos foram debatidas com o público. Destacamos que esses conceitos não são estanques ou naturais, sua discussão com a sociedade, entendida como plural e marcada por suas disputas e interesses, tem sido fundamental para a construção da democracia. Nas duas semanas de trabalho, recebemos mais de 800 pessoas e, a partir da análise dos questionários respondidos no final das visitas, pretendemos, neste trabalho, apresentar os resultados alcançados e refletir sobre o potencial da Arqueologia no e do Presente.

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS: PARA ALÉM DA PAMPULHA (BH-MG) VINICIUS SIQUEIRA, LILIAN PANACHUK

Vinicius Siqueira de Freitas (UFMG), Lilian Panachuk (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

O Lar do Meninos, fundado pelo então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, em 1944, localizado no famoso bairro da Pampulha, funcionou, por três décadas e hoje está medianamente íntegro na Estação Ecológica-UFMG. Esse espaço é fruto de uma intensa mobilização da comunidade estudantil, que em 1992 conseguiu garantir a preservação das construções e ruínas. O local funcionou como internato de trabalho para menores (1944-1974), coordenado pela Ordem dos Orionitas, e, embora tenha sido alvo de estudos pontuais, é justo dizer que a história oficial pouco o menciona. Poucos são os membros da comunidade universitária que o conhecem e ainda menos os moradores da cidade. Devemos salientar que é um espaço muito visitado pela comunidade escolar do município de Belo Horizonte, cuja edificação foi registrada como patrimônio cultural em 1994. No intuito de pensar esse espaço sob o prisma da arqueologia e sua materialidade, iniciamos em 2023, tratativas e investigações materiais, observando fotografias, mapas, croquis, acervo documental. O envolvimento de estudantes de graduação tem dado um fôlego nas ações, à exemplo do projeto “Estação Ecológica: acessibilidade da memória”, com apoio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFMG. O projeto está sendo utilizado como tema para dois trabalhos de conclusão de curso, por alunes da graduação.

UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE “PELOTAS,RS”

Leonardo Pinto Oliveira (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

1. INTRODUÇÃO

A produção de carne salgada com vistas à exportação consistiu em um dos pilares da economia rio-grandense no século XIX. Nesse contexto, a cidade de Pelotas (RS) representou um dos principais centros de produção de charque, abrigando em seu território um grande número de estabelecimentos voltados a esta finalidade: as charqueadas. As atividades de produção e de transporte do charque eram executadas pela mão de obra de escravos de ofício e domésticos. Além disso, também prestavam outros serviços ao charqueador, como por exemplo: a manutenção do próprio plantel de cativos, como os cozinheiros; das instalações, como os carpinteiros e os pedreiros; dos senhores e de suas famílias, como os engomadores.

As charqueadas tinham em média 80 escravos, ocupados nos intervalos da safra em olarias nas próprias charqueadas.

Com base nos inventários dos charqueadores é possível observar que grande parte da população servil das charqueadas era especializada para o manuseio do charque. É raríssimo o indicativo de especialistas em trabalhos para as olarias.

Diante disso, levantamos os seguintes problemas de pesquisa:

- 1) Todas as charqueadas possuíam olarias?
- 2) Quais as obras arquitetônicas de Pelotas foram construídas por mãos escravas?
- 3) Qual o número de oleiros?
- 4) Após a abolição, essa mão de obra negra continuou trabalhando na cidade?
- 5) Qual a situação dos atuais afrodescendentes na construção civil de Pelotas.

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

CADASTRAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SERRANA (SC) NO SICG

Ana Lucia Herberts (Scientia Consultoria Científica)

Pelas pesquisas arqueológicas desenvolvidas nos últimos 20 anos no Estado de Santa Catarina e pela bibliografia específica da área, foi possível identificar que inúmeros sítios arqueológicos catarinenses registrados não foram cadastrados e incorporados à Memória Nacional. Objetiva, primordialmente, resgatar o conhecimento dos sítios arqueológicos que foram identificados nesta região do Estado de Santa Catarina, mas que não foram cadastrados e devidamente valorizados, ficando à margem das ações de gestão, preservação e acautelamento. Este projeto foi selecionado na categoria “Pesquisa / formação” do “Prêmio Patrimônio Material e da Paisagem Cultural” do “Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura/Patrimônio e da Paisagem Cultural – Edição 2021”, e executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da Cultura.

DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO EM SANTA CATARINA

Geovan Martins Guimarães (Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia - Grupep / Unisul), Bruna Cataneo Zamparetti (GRUPEP - Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia)

Promover a disseminação e a valorização do patrimônio cultural é o propósito da Educação Patrimonial. Sua contribuição é essencial para a preservação do rico patrimônio cultural do Brasil, composto por uma diversidade de elementos. Apesar de historicamente ter sido considerada periférica no âmbito da Arqueologia, a Educação Patrimonial vem ganhando crescente relevância em um contexto que busca romper com a relação tradicionalmente colonialista entre a pesquisa acadêmica e as comunidades envolvidas. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar o programa de extensão universitária desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (Grupep / Unisul), sediada em Tubarão/SC. O programa é composto por dois projetos de extensão: ‘Patrimônio Arqueológico

- Conhecer para Preservar' e 'Um Olhar sobre o Patrimônio'. Suas atividades são oferecidas de forma gratuita a estudantes do ensino básico e superior, bem como à comunidade local e diversos segmentos da sociedade civil. São realizadas ações que englobam visitas monitoradas a sítios arqueológicos, oficinas pedagógicas, cursos de formação para professores, eventos educativos e científicos, atividades de divulgação em espaços públicos e encontros com as comunidades locais. Essas práticas visam não apenas levar a diversidade e complexidade da história de longa duração do território catarinense para além do ambiente acadêmico, mas também promover uma compreensão mais ampla e acessível desse patrimônio.

LEITURAS DO MUNDO MATERIAL - PRÁTICAS EM UM LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA PÚBLICA

Elton Rigotto Genari (Universidade Estadual de Campinas), Patrícia Cristina Bertozzo (Universidade Estadual de Campinas)

A comunicação apresenta os trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/Unicamp) com alunos de escolas públicas da região de Campinas/SP, dentro dos moldes de Iniciação Científica para estudantes do Ensino Médio. Além do interesse em ampliar o diálogo sobre Arqueologia com a sociedade, a proposta do projeto é, ao viabilizar o contato de estudantes com esse campo, fornecer uma formação e treinamento voltados para o processamento dos artefatos arqueológicos, bem como para a própria divulgação em suas escolas e casas. Desta forma, o projeto pioneiro tem como objetivo construir, junto a esses alunos e comunidades, sentidos plurais para a Arqueologia Brasileira. Os pesquisadores Jrs. atuaram como agentes nas questões cotidianas do LAP, cujas práticas estão intimamente ligadas às atividades que envolvem comunidades de fora da academia, alunos da graduação e pós-graduação, além de professores de diferentes universidades. Desse modo, sob supervisão da equipe do LAP, os estudantes participaram de palestras, aulas e montagens de cursos e da análise de materiais arqueológicos, percorrendo diferentes temáticas ligadas à Arqueologia e ao Patrimônio. O resultado principal foi o desenvolvimento, por parte deles, de material educativo sobre diferentes tipos de patrimônio no Brasil. Esse material foi desenvolvido em formato de jogo de tabuleiro e o objetivo é que seja aplicado nas escolas às quais os estudantes pertencem.

LETRAMENTO ACADÊMICO EM ARQUEOLOGIA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Livia Campbell Faleiro Coutinho (Universidade Federal de Minas Gerais), Glória Maria Vagioni Tega Calippo (UFMG)

Coautores: Rogério Brittes;Glória Téga;Alan Vilaça;Alice Silva;Bárbara Lafetá;Beatriz Targino;Carolina Carey; Carolina Matos;Edwhay Victor; Gabriele da Silva; Grazielle Nazon; Livia Radame; Maria Alice Magalhães; Nonô Arantes; Samuel Perini; Vivian Lins; Vinicius Siqueira. A graduação em Arqueologia apresenta algumas especificidades, exigindo uma alta carga de leitura, habilidade de escrita e pensamento crítico. Como a educação básica tem, muitas vezes, essa carência, discentes que ingressam no curso de Arqueologia

acabam apresentando dificuldades de adaptação e inserção ao ambiente acadêmico. No Projeto Letramento Acadêmico em Antropologia e Arqueologia, trabalham em conjunto professores, pós-graduandos e graduandos que oferecem suporte a discentes para que possam mais rapidamente aprender a ler, pensar, falar e escrever academicamente. Vinculado ao colegiado de graduação em Antropologia e Arqueologia da UFMG, o projeto atua na realização atividades de monitoria e produção de vídeos, discutindo temas como leitura e escrita acadêmica, possibilidades profissionais etc. Além do projeto em si, apresentaremos o processo de construção dos vídeos, compostos a partir de perspectivas variadas (Arqueologia, Antropologia e Comunicação) e por pessoas diversas (discentes, docentes). As visões de mundo deixam rastros, contribuindo para a construção de peças de comunicação que atingem de forma mais eficaz os objetivos propostos, sendo uma contribuição, sob outra perspectiva, à Arqueologia.

OS DESAFIOS E A ATUAÇÃO DA EQUIPE DO IPHAN EM SANTA CATARINA

Isabela da Silva Müller Guimarães (IPHAN)

Este trabalho visa apresentar como a equipe de Arqueologia do IPHAN em Santa Catarina tem desempenhado a gestão do patrimônio arqueológico a partir do segundo semestre de 2019, considerando as tratativas internas para tomadas de decisão, os resultados positivos obtidos, bem como os desafios enfrentados na área da gestão do patrimônio cultural arqueológico. Após contratações temporárias emergenciais, o Iphan ampliou a sua equipe efetiva a partir do ano de 2019, hoje composta por Isabela Müller, Ágatha Ludwig, Vinícius Paiva, Roberta Marques e Amanda Goulart. Desde então, os desafios em termos de gestão do patrimônio arqueológico neste estado têm se intensificado, à medida em que cresce a demanda por consultas visando anuência em processos de licenciamento ambiental principalmente. Respeitando sua heterogeneidade, a equipe estabeleceu valores e objetivos, constituindo-se em uma equipe alinhada; criando e organizando processos e protocolos de trabalho; investindo em constante atualização e diálogo entre os integrantes e os gestores do órgão; revisitando e revendo suas condutas, sempre buscando a superação dos desafios. Ademais, a equipe tem investido na comunicação com os arqueólogos que atuam no Estado, seja em atividades de licenciamento, acadêmicas ou em Instituições de Guarda. Assim, serão trazidos os desafios e casos considerados como referência em relação à sua atuação, bem como as ferramentas desenvolvidas para aprimorar a gestão do patrimônio arqueológico.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA, MUNICÍPIO DE TORRES/RS

Rafael Frizzo (UFPEL), Lucas Antonio da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

O objetivo deste trabalho é apresentar o Diagnóstico Arqueológico do Parque Estadual de Itapeva, Torres/RS, realizado de modo colaborativo entre pesquisadores da Universida-

de Federal de Pelotas/UFPEL, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e Museu Nacional/UFRJ. Estudo que apresenta as investigações arqueológicas na região costeira de Torres/RS, com enfoque no componente histórico e cultural referente ao Plano de Manejo (2006) e Plano de Uso Público (2018) dessa Unidade de Conservação de Proteção Integral da Natureza, vinculada à Secretaria de Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul/SEMARS. Entre os aportes teóricos e metodológicos, além da contextualização arqueológica da área protegida, destacam-se dados da vistoria prospectiva realizada com analistas ambientais da unidade de conservação, revisitando sítios cadastrados, identificando novos registros, assim como situações de vulnerabilidade e desafios potenciais a serem atendidos. Elementos que subsidiaram a elaboração do termo de referência emitido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, propondo a execução de um Plano de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Parque Estadual de Itapeva, o qual teve sua origem a partir de uma denúncia encaminhada pela sociedade civil. Portanto, trata-se de um processo de patrimonialização que ainda está em curso e que recentemente foi assumido pelo conselho consultivo da unidade de conservação entre as metas prioritárias a serem implementadas.

EIXO: Arqueologia Pré-colombiana

ANÁLISE TECNOLÓGICA NO CALCÁRIO: ESTIGMAS E SOLUÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Lorenza Lourenço Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Maria Jacqueline Rodet (MHN-UFMG - SETOR DE ARQUEOLOGIA)

No decorrer das análises do material lítico escavado no sítio arqueológico Abrigo do Malhador, localizado no Vale do Rio Peruaçu, Minas Gerais, diversos desafios foram evidenciados no que tange à leitura tecnológica dos artefatos em calcário – principalmente por não existirem muitas pesquisas que tratem desse material como suporte de lascamento. Com o objetivo de solucionar tais dificuldades, foram realizadas análises tecnológicas minuciosas guiadas metodologicamente pelos conceitos desenvolvidos pela Escola Francesa, bem como por uma série experimental realizada pela equipe do Laboratório de Tecnologia Lítica (LATEL) da Universidade Federal de Minas Gerais, com participação do professor Jacques Pelegrin, da Universidade de Paris Nanterre. As experimentações permitiram a identificação de estigmas associados às suas respectivas técnicas de lascamento, auxiliando na compreensão da coleção lítica arqueológica do sítio. Esta pesquisa possibilita uma nova maneira de percepção do calcário, antes reconhecido principalmente como bigorna e seus lascamentos como naturais (por pisoteio ou queda, por exemplo). Além disso, ela abre portas para uma continuidade dos estudos sobre uma matéria-prima em certa medida negligenciada até o momento – no que se refere ao seu lascamento –, mesmo estando presente em diversas paisagens e sítios arqueológicos do Brasil Central.

EIXO: Arqueologia pré-colonial

A UTILIZAÇÃO DE ABRIGOS ROCHOSOS NO LITORAL E SERRA DO MAR NO ESTADO DO PARANÁ: POTENCIAL ARQUEOLÓGICO E PROCESSOS FORMATIVOS

Patricia Norma Lasota Moro (UFPR)

No litoral do Paraná ocorrem abrigos rochosos formados por matações de rochas cristalinas contendo vestígios de interesse arqueológico. O uso humano deste tipo de cavidade natural ainda é pouco estudado, bem como, o conhecimento sobre o grau de preservação arqueológica associada aos espaços internos e externos. Assim, o presente trabalho volta-se ao processo de ocupação humana do litoral paranaense, tendo por enfoque a utilização pré-colonial e histórica de abrigos rochosos cristalinos existentes em determinados compartimentos ambientais serranos e costeiros. Nesta pesquisa, são abordados o abrigo Cubatão, disposto no sopé da Serra do Mar junto a baía Guaratuba, e os abrigos Gamela I, II e III dispostos em uma ilha costeira na baía de Guaraqueçaba. Os levantamentos vêm permitindo distinguir variáveis associadas à gênese das cavidades, em dois compartimentos ambientais: 1) ilhas e morrarias de interface costeira, associados a costões rochosos e; 2) sistema de encostas da Serra do Mar, em meio a depósitos de tálus e leques aluvionares. Outro fator refere ao papel das mudanças eustáticas, paleogeográficas e paleoambientais na formação dos abrigos e nas formas de ocupação e mobilidade humana associadas. Portanto, a fase atual da pesquisa compreende o levantamento de informações visando uma compreensão da dinâmica de ocupação dos abrigos rochosos e dos processos formativos naturais e culturais incidentes sobre esta categoria de sítio arqueológico.

ANALISE DOS FATORES DE DEGRADAÇÃO DOS SAMBAQUIS LACUSTRES DO MUNICÍPIO DE TAVARES-RS

Iara Laura de Aragão Fernandes (Archaeos Consultoria em Arqueologia), Mariana Costa de Moraes Fernandes (ARCHAEOS CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA)

Esta apresentação resulta da prospecção não-interventiva, realizada no mês de junho de 2023, em seis Sambaquis registrados na margem leste da Laguna dos Patos, no Município de Tavares-RS, respectivamente: Capão da Marca -RS LC 14, Capão da Marca B-RS LC 15, Farol Capão da Marca A- RS LC 16, Farol Capão da Marca B - RS LC 17, Campo da Honra A - RS LC 19 e Campo da Honra B- RS LC 20. Cujo objetivo foi avaliar os principais fatores que estão corroborando para a degradação dos sítios. A prospecção contou com equipe formada por profissionais da arqueologia, biologia, agronomia e geoprocessamento. Dentre os resultados da avaliação há a constatação de que a área de localização dos sambaquis sofre impactos por meio de causas naturais: severo risco de degradação por meio de erosão costeira, e das alterações sazonais dos níveis da Laguna dos Patos e por ações antrópicas: através de passeios turísticos de Jipes e também por meio da criação de gado, que causam erosão e deixam

marcas nas estruturas. A região também apresenta áreas com extenso cultivo de pinus, estando algumas espécies muito próximas aos sítios, no entanto, foi observado que em nenhum dos sítios visitados havia presença de pinus em sua superfície. Através das análises do solo coletado no limite da área de crescimento dos pinus se constatou que a mudança do solo, passando do solo natural para o solo arqueológico, rico em nutrientes orgânicos, impede o nascimento dos pinus, como uma barreira de proteção aos sítios.

ANÁLISE TECNOLÓGICA DOS ARTEFATOS LÍTICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO AREIAS NA MESORREGIÃO DO SÃO FRANCISCO PERNAMBUCANO

Edson de Oliveira Silva (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF), Gustavo Neves de Souza (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Diversos elementos, de biológicos a mecânicos, desencadeiam alterações no registro arqueológico. Em sítios superficiais a céu aberto eles são particularmente impactantes, tornando-se imperativo conduzir estudos referentes à análise lítica tendo essas alterações em mente. É o caso do sítio Areias em Floresta - PE, ligado ao Projeto de Integração do Rio São Francisco - PISF. A coleção que compõe o sítio consiste em 1.174 peças, todas líticas, caracterizando-o como um sítio de produção lítica. Apesar dos desafios em relação à análise espacial em sítios superficiais e à presença de apenas estudos incipientes na arqueologia regional, foi possível fazer inferências a partir da coleção de artefatos líticos e traçar o perfil tecnológico dos materiais de quartzo e quartzito. O objetivo foi analisar os artefatos do sítio para entender padrões técnicos e as escolhas dos produtores. A abordagem metodológica adotou princípios da Escola Francesa, focando em uma análise tecnológica e tecno-tipológica. Essa abordagem permitiu identificar as principais técnicas de produção, que incluem o lascamento uni e bipolar, bem como os suportes iniciais utilizados na fabricação de instrumentos. Além disso, observou-se diversidade de vestígios, representada por percutores, restos de lascamento, núcleos e artefatos com faces finamente esmagadas. Os dados trazidos preencheram lacunas no conhecimento arqueológico da área, da tecnologia do grupo produtor e da pré-história no Nordeste brasileiro.

ARQUEOLOGIA REGIONAL NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TAIM, SUL DO BRASIL: MAPEAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Jefferson Foster da Silva (Universidade Federal de Pelotas), Maria Eduarda Ferreira Santana (UFPEL), Aluísio Gomes Alves (UFPEL), Rafael Guedes Milheira (UFPEL)

Este trabalho visa apresentar os resultados do mapeamento arqueológico em curso desde 2022, conduzido pelo LEPAARQ/UFPEL, no âmbito do projeto "Arqueologia dos Cerritos em Unidades de Conservação da Bacia Hidrográfica Patos-Mirim, Sul do Brasil", na região da Estação Ecológica do Taim e seu entorno. Os dados provenientes dos levantamentos de campo visam a estabelecer um banco de dados que englobe a tipologia,

distribuição, características geográficas e ambientais, grau de preservação e localização geográfica dos sítios arqueológicos, culminando na criação de um mapa para a região. Além disso, as atividades de campo têm por intuito identificar e realçar a rica diversidade de ocupações realizadas por distintos grupos humanos que habitaram a área investigada. Desde os primeiros grupos de caçadores-coletores, passando pelos construtores de cerritos, ancestrais das etnias indígenas pampeanas históricas, como os Charruas e Minuanos, e horticultores Guarani, culminando na chegada de portugueses, espanhóis e africanos escravizados, bem como de outras etnias após o impacto colonial. Assim nosso trabalho também possui como propósito viabilizar a organização de diferentes categorias de dados de campo para subsidiar problemas de pesquisa e trabalhos acadêmicos, ao mesmo tempo que busca sensibilizar a população local para a importância da preservação ambiental e dos sítios arqueológicos.

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DO MATERIAL LÍTICO LASCADO EM SILEXITO E ARENITO SILICIFICADO: UMA ABORDAGEM TECNOLÓGICA DO SÍTIO AREIAS DO MUNICÍPIO DE FLORESTA/PE

Gabriela Peres de Oliveira (Universidade Federal do Vale do São Francisco), Gustavo Neves de Souza (Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Localizado no município de Floresta - PE, o sítio Areias conta com mais de mil peças coletadas em superfície, apresentando variedade de matérias-primas. Foi descoberto durante as obras do Projeto de Integração do Rio São Francisco – PISF. A fim de contribuir para o entendimento do domínio técnico envolvido nas etapas de produção e utilização destes artefatos, nos dedicamos à identificação dos processos sucessivos que englobam o conceito de cadeia operatória, desde a aquisição da matéria-prima até o seu abandono e/ou reuso. Foi possível analisar e estruturar tais elementos dentro do contexto técnico. Para isso, após a triagem do material, o separamos por categorias excluindo fragmentos de lascas e detritos, que não apresentam elementos tecnológicos essenciais para a análise. Foram analisados núcleos, lascas e instrumentos, dos quais foram realizados desenhos técnicos que permitiram identificar e compreender estigmas que não são facilmente identificáveis mesmo através de um bom registro fotográfico. Nossas análises aportaram informações importantes a uma coleção que havia recebido pouca atenção, demonstrando que um material mesmo sem contexto possui potencial surpreendente, evidenciando a uma gama de tecnologias, relativas a atividades como cortar, cunhar e raspar. As análises ampliaram nosso entendimento das etapas de fabricação, dos esquemas conceituais e dos projetos idealizados pelos lascadores, aumentando fortemente o potencial explicativo e expositivo dessa coleção.

ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP 16, PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Jordana Batista Barbosa (UNIOESTE), Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH), Julio Cezar Rubin de Rubin (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

A área de escavação do sítio arqueológico GO-CP-16, se localiza na parte plana do abrigo onde foram demarcadas seis sondagens de 3m². O contexto paisagístico do local sugere que o sítio tenha passado por diferentes processos ao longo do tempo, dentre eles movimentos de carga de sedimentos, intemperismos químicos, físicos e biológicos, além da ação antrópica. Devido à sua posição topográfica, o sítio recebe aporte sedimentar da cota mais alta, do lado direito e perde material pela parte frontal do abrigo em decorrência da declividade e das características do substrato e do solo/sedimentos. No perfil NW4/NE2 foram registradas quatro camadas estratigráficas com presença de materiais líticos e carvões. Esse registro da ocupação humana pretérita está associado a um contexto estratigráfico onde processos deposicionais e erosivos ocorreram concomitantes à ocupação humana. A escavação arqueológica e a descrição estratigráfica evidenciam atividades pré-coloniais com presença de diversas categorias de materiais líticos. Discutiremos nessa apresentação, como a dinâmica superficial, intemperismos físicos, químicos e biológicos, cobertura vegetal, podem ter modificado este contexto desde o Holoceno Antigo, período de ocupação mais antiga no sítio.

MODELAGEM DE REDES DE MOVIMENTO NO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA, DURANTE O HOLOCENO

Fabiana Terhaag Merencio (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Lucas Bond Reis (Arizona), Walderes Coctá Priprá de Almeida (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP), Thiago Umberto Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina), Gabriela Oppitz (UFSC), Fernando Silva de Almeida (UFSC), Bettina Maria Denardi (UFSC)

A mobilidade é um tema importante para a arqueologia, pois é um processo social que trata do movimento de pessoas, objetos e ideias pela paisagem. É pelo movimento que: as pessoas (re)conhecem, se apropriam e transformam os lugares e a paisagem; que os objetos e as informações circulam; e que indivíduos e grupos se conectam a lugares. As análises de mobilidade realizadas por meio de sistemas de informação geográfica (SIG), denominados como análises de caminhos de menor custo (least cost path), têm sido empregadas na arqueologia como uma ferramenta para explorar áreas de movimento no passado. A partir da modelagem de redes de movimento, esta pesquisa investiga os aspectos de mobilidade e da territorialidade das diferentes ocupações registradas em todo o vale do Itajaí ao longo de 10 mil anos. A região possui uma variedade de sítios arqueológicos, destacando-se os líticos à céu aberto, os abrigos sob rocha, as oficinas líticas e as estruturas semissubterrâneas no alto e médio vale, além dos sambaquis no médio e baixo vale. Esta comunicação apresentará

as análises de mobilidade realizadas entre os sítios com datas disponíveis no vale do Itajaí e entorno, discutindo as áreas de maior circulação no holoceno inicial, médio e recente, além de expor os resultados parciais do levantamento extensivo em campo, com a realocização de sítios registrados por Alroíno Eble na década de 1970.

VARIABILIDADE DA TECNOLOGIA LÍTICA ENTRE OS SÍTIOS DO VALE DO ITAJAÍ, SC: CRONOLOGIA E INSERÇÃO REGIONAL

Fernando Silva de Almeida (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Thiago Umberto Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina), Alejandra Matarrese (LEIA)

O vale do rio Itajaí se desenvolve entre a encosta da serra catarinense e a planície costeira, configurando uma área de conexão entre diferentes compartimentos geográficos e fitofisionômicos entre terras do planalto e da costa atlântica no sul do Brasil. A porção relativa ao alto vale, localizada propriamente na encosta da serra, abrange áreas com cobertura vegetal relacionada à Mata Atlântica e à Floresta Ombrófila Mista, sendo recortada por diversos afluentes do rio Itajaí, marcada por um forte gradiente topográfico e uma ampla diversidade litológica. Levantamentos arqueológicos realizados desde a metade do século XX geraram informações que indicam a existência de cerca de 400 sítios arqueológicos na região, abarcando uma ampla faixa cronológica, desde o Holoceno Inicial, e uma significativa diversidade cultural. Nesta apresentação abordaremos este contexto a partir do estudo de conjuntos líticos provenientes de diferentes sítios, associados a contextos cronológicos e culturais distintos. Nosso objetivo é trazer para a discussão a relação entre variabilidade tecnológica dos conjuntos líticos e sua distribuição espacial entre sítios em âmbito local e regional, contribuindo assim para as discussões sobre o processo de ocupação do sul do Brasil.

EIXO: Arqueologia subaquática

ARQUEOLOGIA MARÍTIMA NO PIAUHY: LEVANTAMENTO DOS NAUFRÁGIOS AO LONGO DO LITORAL DO PIAUÍ E CALHA DA PARNAÍBA, DOS SÉCULOS XIX AO XX.

Marcelo Augusto Acacio Da Silva (Universidade Federal do Piauí)

O estado do Piauí é rico em sítios arqueológicos terrestres e, também, em inúmeras evidências da presença de sítios arqueológicos subaquáticos, os quais se relacionam naufrágios e estruturas de apoio à navegação, e ainda, o afundamento de um submarino da Segunda Guerra Mundial. Para chegar aos objetivos propostos foi necessária uma pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias, em documentos presentes, principalmente, no Arquivo Público do Piauí, em documentos disponibilizados, em formato digital, pela Biblioteca Digital do Brasil, a respeito dos naufrágios do litoral do Piauí e Rio Parnaíba dos séculos XIX ao XX, gerando uma planilha digital sistematizada, subsidiando a localização, mapeamento, e fornecendo, novos dados sobre a história da navegação piauiense, e o emprego de embarcações

ao longo dos diversos processos e ciclos econômicos que ocorreram ao longo da história do Piauí. O presente trabalho fruto de uma monografia, desenvolvidas no âmbito do projeto da Arqueologia do Litoral do Piauí, coordenado por Flávio Calippo (LARQSUB/UFPI). Com base nesse levantamento, as diversas informações levantadas foram planilhadas e mapeadas, com mapeamento das áreas de potenciais, ocorrência de sítios arqueológicos submersos, o qual servirá de base para a futura carta arqueológica dos naufrágios e de outros tipos de sítios arqueológicos submersos no Piauí. Na pesquisa foram identificados três naufrágios ao longo da calha do Parnaíba e onze naufrágios ao longo do litoral.

EIXO: Arte rupestre

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE GRÁFICA DOS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES DO ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL.

Kamila Rezende Firmino (MAE USP), Marília Perazzo Valadares do Amaral (USP)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados preliminares da caracterização gráfica das pinturas rupestres do estado de São Paulo, com base na caracterização gráfica dos sítios identificados nos municípios paulistas de Analândia, Itapeva, Piraju, Timburi, Nova Campina, São João da Boa Vista, Bom Sucesso de Itararé, Itararé, Nova Campina e Pedregulho. Os sítios com pinturas rupestres apresentam-se de forma minoritária no contexto arqueológico do estado, quando comparados aos sítios com presença de gravuras. A análise das pinturas rupestres está sendo realizada com base nas dimensões técnica, temática e cenográfica, tendo enfoque no significante gráfico e no contexto arqueológico dos sítios. Do ponto de vista temático as figuras não reconhecíveis se sobressaem no contexto gráfico das regiões, observando-se tipos gráficos recorrentes como tridígitos e conjuntos de pontos, podendo-se observar, em menor quantidade, figuras reconhecíveis como antropomorfos e zoomorfos. Do ponto de vista cenográfico não há representação de cenas. Especialmente as figuras apresentam-se agrupadas, mas não há interação entre elas, o que não permite a representação de cenas. O tamanho médio das figuras varia entre 6 cm e 50 cm, embora possam ser observados painéis gráficos com figuras miniaturizadas (< 5cm) e figuras com proporções de mais de 1m.

O ABRIGO ARARA VERMELHA (RR): CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA ARTE RUPESTRE NA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO - HOLOCENO.

Marta Sara Cavallini (MAE/USP)

A arte rupestre da Amazônia carece de datações. Um dos raros contextos onde é possível associar os grafismos a dados crono-estratigráficos é o abrigo sob rocha da Arara Vermelha, município de São Luiz do Anauá, sudeste de Roraima. A cavidade, objeto de estudo desde 2008, é soerguida a respeito da planície circunstante e se caracteriza por um extraordinário conjunto de petróglifos bem preservados; em seus arredores se encontra

uma paisagem rupestre com dezenas de blocos graníticos gravados. Os dados preliminares remetem a um contexto de ocupação datado a partir, pelo menos, do Holoceno inicial. Essa comunicação apresenta os resultados alcançados no âmbito do meu projeto de doutorado em andamento, focando a formação do sítio e os correlatos materiais das atividades de produção dos petróglifos ao longo do tempo. Foram identificados quatro níveis de ocupação, os primeiros três datados com radiocarbônio entre 9000 e 1000 anos AP. Foi documentado material cerâmico somente nas duas camadas superficiais, enquanto raros artefatos líticos se distribuem em toda a sequência. Entre eles destacam-se instrumentos possivelmente utilizados para a execução dos petróglifos. Ao interno do abrigo, a análise preliminar das gravuras indica a ocorrência de pelo menos dois perfis gráficos, um dos quais presente também nos blocos externos. A partir de tais dados, contextualizarei as problemáticas de pesquisa e as hipóteses formuladas.

SOBRE LAPAS PINTADAS DO CORPO-TERRITÓRIO XAKRIABÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE PINTURAS RUPESTRES DO VALE DO PERUAÇU EM DIALOGO COM A FILOSOFIA XAKRIABÁ

Lucas Morais D'Assumpção Soares (Universidade Federal de Minas Gerais)

Compartilharei aqui algumas das impressões que venho tendo sobre as pinturas rupestres do vale do Peruaçu, parte do território ancestral do povo Xakriabá, ao tratá-lo a partir do entendimento de corpo-território apresentado por Célia Xakriabá. Dentro do entendimento de que a materialidade de períodos anteriores a invasão colonial faz parte de histórias indígenas de longa duração, atravessadas por pressupostos divergentes dos nossos quanto a natureza das coisas, e do caráter localizado das narrativas que produzimos, me parece extremamente adequado que busquemos um repertório ressonante com as filosofias indígenas para que possamos pensar sobre as pinturas. Trata-se de uma caminhada por características que percebo enquanto recorrentes nas filosofias de alguns povos indígenas, especialmente quando tratam da produção de pinturas e outras artes – de corpos altamente capazes. Caminho orientado pelas descrições de Célia sobre as habilidades de seu corpo-território, distribuído entre diversos corpos ainda que experimentado integralmente por todos eles, e pelas participações das pinturas entre as dazakru's xakriabá. Seguindo as provocações de Isnardis quanto a importância da espacialidade das pinturas e a distribuição das lapas pintadas pelo território, comentarei sobre possíveis 'lugares familiares' que parecem se engendrar a partir das redes de relações momentâneas que atravessam as lapas, de engajamentos que resultam em lapas que são psedi – bonitas, bem-feitas, eficientes.

EIXO: Ecologia Histórica

ARQUEOBOTÂNICA NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO: O ABRIGO DO JON, TOCANTINS, NO HOLOCENO INICIAL

Monique Piacentini (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Nivaldo Peroni (UFSC)

O sítio arqueológico Abrigo do Jon, localizado na serra do lajeado, município de Palmas, Tocantins, abrange uma ampla faixa cronológica de ocupação, desde o holoceno inicial até centenas de anos atrás. Este abrigo foi alvo de intervenções arqueológicas em diferentes momentos, nos anos de 2012, 2019 e 2022. As excelentes condições de preservação do abrigo do Jon permitiram coletar uma ampla e diversa amostra de material vegetal durante as escavações. Nesta apresentação discutiremos a composição dessa amostra, dando ênfase ao componente relacionado ao período abrangido entre 8.000 e 10.500 anos AP. A partir desta composição pretendemos destacar como a composição da amostra contribui para discussões relacionadas às práticas de manejo de populações humanas pretéritas e para estudos sobre configuração paleoambiental da área estudada.

EIXO: Estudos de Tecnologia

ANÁLISES GEOESPACIAIS DOS SÍTIOS TUPI NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Gabriela Santos Cavalcante (Universidade Federal do Piauí), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

Já em 1980 José Brochado mencionava que os sítios com conjuntos artefatuais Tupi da região Centro-Oeste, e em especial no estado de Goiás, não podiam ser diretamente vinculados com populações Guarani ou Tupinambá. Com os avanços das pesquisas e o aumento de informações sobre a região tem sido possível corroborar em parte com a proposta inicial de Brochado, apontando uma maior complexidade na ocupação por povos Tupi nesta região. A partir de um banco de dados preenchido com informações coletadas na bibliografia e em relatórios de empresas está sendo possível revisões nos modelos e novas proposições. Com esta apresentações visamos demonstrar nosso atual conhecimento sobre a ocupação Tupi na região, utilizaremos para isso análises geoespaciais dos dados sobre sítios, cronologias e dados morfológicos dos vasilhames. Atualmente podemos verificar que no norte de Goiás e Mato Grosso os conjuntos cerâmicos apresentam características típicas do Tupi norte-ocidental. Enquanto no sul de Goiás e norte do Mato Grosso do Sul temos ocorrências de cerâmicas típicas de povos falantes de Tupinambá. Ficando os conjuntos cerâmicos Guarani reservados as demais porções do estado do Mato Grosso do Sul. Desse modo, esperamos contribuir para um melhor entendimento sobre a história de longa duração dos povos Tupi no Centro-Oeste brasileiro.

ARQUEOLOGIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM RETOQUE INTERPRETATIVO SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DO RS-I-69- LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro (Universidade Federal de Pelotas), Camile Urban (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

Durante a década de 70, Miller (1987) escavou o sítio Laranjito, pertencente ao complexo arqueológico de Touro Passo, situado na cidade Uruguaiana (RS), e encontrou artefatos que foram associados a ossos de megafauna pleistocênica. Datações radiocarbônicas desse complexo apontam para o período de ocupação do território entre 12.700 e 10.800 anos A.P. No decorrer da sua tese, Vidal (2018) revisitou o sítio Laranjito e coletou um total de 738 peças líticas. A proposta deste trabalho é a apresentação dos resultados provenientes de uma análise quali-quantitativa da coleção obtida por Vidal. Para a categorização dos atributos analíticos, elaborou-se uma lista de análise referenciada na publicação de Klaus Hilbert (1994), da qual possibilitou uma interpretação profícua sobre a tecnologia da coleção. O objetivo foi enquadrar atributos tecnológicos (tipos de lascas, núcleos, plataformas etc.) e viabilizar sua interseção com os demais dados (tipos de matéria prima, quantidade de superfície natural, comprimento, espessura etc.), e assim, ponderar esquemas operatórios fundamentados na recorrência dos estigmas de lascamento. O resultado desta análise foi uma compreensão tecno-tipológica dos processos intrínsecos às cadeias operatórias do sítio Laranjito, também apontando a seleção de tipos matéria prima correspondentes a particularidades pré-estabelecidas na produção de determinados artefatos, impulsionando uma concepção tecno-econômica a respeito da sapiência desses artesãos.

EIXO: Etnoarqueologia

ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL, ETNOGÊNESE E TROCA DE SABERES: UM DIÁLOGO COM OS BORUM-KREN DE MINAS GERAIS

Matheus Lucas Arcanjo (UFMG)

Este trabalho visa refletir a importância das materialidades na ressurgência indígena Borum-Kren, bem como visa apresentar a aproximação de agentes da arqueologia integrantes deste grupo no que tange a práticas voltadas à arqueologia experimental. Neste sentido, a experimentação arqueológica pode ser lida como estratégia pedagógica em um caráter de troca de saberes. O território de Minas Gerais tem ocupação humana há milhares de anos. Vestígios líticos, cerâmicos, pinturas rupestres e sepultamentos comprovam que a ocupação milenar desta região data há cerca de 12.000 mil anos. Contudo, a partir da colonização e as ações violentas dos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII em busca de bens desta região para enriquecerem a coroa portuguesa, os povos originários vêm sofrendo efeitos de genocídio, etnocídio e epistemicídio. Uma das regiões mais afetadas neste empreendimento português

foi a região dos Borum-Kren, localizados entre o Alto Rio Doce, Alto Rio das Velhas e Alto Rio Paraopeba. Estes que chegaram a ser compreendidos como extintos, hoje passam por um processo de ressurgência/etnogênese que é possível através da ativação das narrativas dos antigos e da recuperação práticas de saber/fazer materialidades que compõem as histórias, memórias e identitárias deste povo, recusando assim a colonização do corpo e do território.

EIXO: Goearqueologia

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS GEOQUÍMICOS DOS MONTÍCULOS DO PONTAL DA BARRA, PELOTAS-RS

Gabriel Procópio Nunez Silva (UFPEL), Ximena Suarez Villagran (Universidade de São Paulo), Aluísio Gomes Alves (UFPEL), Rafael Guedes Milheira (UFPEL)

As estruturas monticulares, conhecidas como cerritos, datadas entre 4700 e 200 cal AP, são feições que desde o século XIX tem gerado debate sobre sua gênese. Os modelos construtivos propostos, as evidências arqueológicas e as idades obtidas indicam uma diversidade de usos e um constante remanejamento de sedimento dentro e no entorno dos montículos. Em razão de processos pedogenéticos e biológicos há uma forte homogeneização da matriz, dificultando na identificação de unidades estratigráficas e por consequência na separação entre os momentos construtivos e as possíveis atividades relacionadas. Pesquisas na última década têm apontado caminhos para superar estes desafios, por meio da micromorfologia de solos e de análises geoquímicas. No contexto do Pontal da Barra, os montículos também apresentam uma matriz homogênea e se destacam pela altas frequências de cerâmica e fauna, além de remanescentes humanos. Com objetivo de investigar a evolução do montículo, foram realizadas análises químicas (nutrientes disponíveis e totais, pH, CTC) e granulométricas. Os dados foram tratados por meio de estatísticas multivariadas, visando verificar relações e inferir atividades comportamentais. Os resultados mostram relações positivas entre material arqueológico e P e Ca; e de acidez com aumento das atividades. Eles também apresentam afinidades verticais, que podem indicar camadas distintas, associadas às mudanças de uso do espaço durante a ocupação do montículo.

EIXO: Outros

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL PARA O ESTUDO DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS LASCADAS ASSOCIADAS À CULTURA ARQUEOLÓGICA GUARANI: O SÍTIO URUGUAI 1 – RS

Jade Paiva de Lima (UFPE), Jade Paiva, Antoine Lourdeau, Daniela Cisneiros

Partindo do objetivo de contribuir para o conhecimento da tecnologia lítica relacionada à cultura arqueológica Guarani e para o entendimento das dinâmicas tecnológicas inter-regionais das produções líticas dessas populações, apresentamos nessa pesquisa os resultados obtidos através do estudo da indústria lítica do sítio Uruguai 1. Esse sítio está localizado na

área arqueológica de Foz do Chapecó em Alpestre – RS e apresenta vestígios associados à cultura arqueológica Guarani, com cronologia entre 510 e 240 anos BP. Para tanto, utilizamos para a análise da coleção a abordagem tecnofuncional, que se mostrou bastante eficaz no estudo de coleções líticas em diversos períodos e contextos. Buscou-se assim, entender as aplicações e limites dessa metodologia no estudo dessas indústrias. Os dados obtidos até o momento permitiram identificar a presença de produções obtidas via debitage unipolar e majoritariamente via debitage bipolar sobre bigorna, além da relação particular com a matéria-prima calcedônia. A partir desse exemplo, apresentamos as discussões sobre as particularidades e variabilidades da indústria e as relações com coleções de outros sítios arqueológicos associados a essa unidade arqueológica e destacamos o potencial da utilização do aporte tecnofuncional para o estudo da materialidade lítica relacionada a essas culturas.

CURRÍCULO E IDENTIDADES: APROXIMAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE EM NOVA OLINDA-CE

Pedro Adjedan David de Sousa (FLS)

A construção identitária passa pela socialização em relação com as culturas, agregando elementos articulados pelas instituições educativas formais e não formais. A Arqueologia Social Inclusiva, na Fundação Casa Grande, em Nova Olinda-CE, é uma prática que fomenta o resgate da memória, ligando sujeitos as culturas, a história, a geografia do lugar, aos materiais tangíveis e intangíveis que compõem o campo da educação, construindo pertencimento através ações que integram educação, cultura e patrimônio. O objetivo deste trabalho foi analisar a Arqueologia Social Inclusiva como ferramenta de formação na Fundação Casa Grande em Nova Olinda – CE, suas aproximações com as culturas, as identidades e o processo educativo não formal nesta instituição. Para tanto, fez-se necessário um diálogo de aporte teórico acerca dos significados da cultura, da educação, do currículo, da relação entre currículo e cultura e a construção das identidades. Desenvolveu-se uma pesquisa etnográfica, através de observação participante, com grupos focais e aplicação de questionários semiestruturados. Os dados foram processados por meio da análise de conteúdo, apresentados no percurso do texto, através de abordagem qualitativa. Concluiu-se que a Fundação Casa Grande possui um papel de protagonismo no Cariri em função de suas práticas educativas emancipatórias e de valorização da memória e das produções etnográficas, a partir dos pressupostos da Arqueologia Social Inclusiva como instrumento de formação.

PERFIS DA COMUNIDADE PROFISSIONAL ARQUEOLÓGICA NO BRASIL: NOVOS RESULTADOS

Kelly Brandao Vaz da Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP), Meliam Viganó Gaspar (Museu da Amazônia), Aline Gonçalves de Freitas (Universidade Federal do Piauí), Marcia Bezerra de Almeida (Universidade Federal do Pará), Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)

Na continuidade ao projeto “Quem somos nós? Perfis da comunidade profissional arqueológica do Brasil”, apresentamos os resultados iniciais da segunda fase do trabalho, com a aplicação da pesquisa em formato de questionário respondido individualmente por profissionais e estudantes da área de Arqueologia no Brasil. O questionário foi elaborado, principalmente, com perguntas fechadas, de modo a facilitar o agrupamento das respostas, e em acordo com as pesquisas do IBGE, para a comparação com dados demográficos nacionais. No entanto, deixamos opções para outras respostas e elaboramos as perguntas de modo inclusivo e sensível a questões pessoais que elas pudessem despertar. A plataforma utilizada garantiu a anonimidade de respondentes. Ao comparar os resultados dos questionários individuais com o levantamento feito a partir de dados públicos e dos currículos na plataforma Lattes do CNPq, qualificamos melhor os perfis de profissionais e estudantes na Arqueologia. Contamos com 497 respostas sobre os perfis socioeconômicos, os marcadores sociais da diferença, a inserção no mercado de trabalho e a trajetória de formação das pessoas que integram a comunidade arqueológica do Brasil. Em paralelo, estão sendo realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas de diferentes perfis, para que possamos obter informações de cunho qualitativo para posteriormente compreender diferentes camadas das mudanças e continuidades de perfis socioeconômicos e de formação observadas nos questionários.

EIXOS: Sambaquis

COMUNIDADE SAMBAQUIANA DA PRAIA DAS CONCHAS: DOMESTICIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Marcia Barbosa da Costa Guimarães (Universidade Federal de Sergipe)

A continuidade dos estudos junto à comunidade sambaquiiana que ocupou o atual território das Praia das Conchas, no município de Cabo Frio, RJ, tem possibilitado discutir práticas sociais e domesticidade, considerando as organização do espaço no sambaqui e as atividades ali realizadas. Retomando estudos anteriores, agora sob nova roupagem teórica, busco refletir sobre as comunidades sambaquiianas do litoral fluminense, considerando o papel desempenhado pelo sambaqui enquanto espaço multifuncional, onde práticas sociais relacionadas ao sagrado e ao cotidiano estavam emaranhadas, sendo os pilares sobre os quais a identidade cultural dessa comunidade foi erguida. Assim, a construção dos sambaquis Praia das Conchas 2 e Morro do Vigia foi resultado tanto de eventos rituais como cotidianos e, embora tenham sido performatizados e executados em espaços distintos, consubstanciaram o universo domésticos dessas comunidades, bem como à construção da paisagem de seus ancestrais.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SAMBAQUI CUBATÃO I: REFLEXÕES PRELIMINARES

Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE), Fernanda Mara Borba (Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville)

Resumo: Devido a processo erosivo constatou-se a presença nas camadas basais do sambaqui Cubatão I uma estrutura com estacas de madeira com cerca de três mil anos mantida encharcada pelas marés. Este sítio está localizado no município de Joinville, junto à Baía Babitonga, litoral norte de Santa Catarina. Projeto em andamento busca inferir a função desta estrutura e sua relação com o processo construtivo do sítio. A metodologia empregada contou com a coleta de madeiras encharcadas inteiras e fragmentadas e de sedimentos e o registro estratigráfico de perfis com o intuito de avaliar a composição, a cronologia, a morfologia, entre outros atributos das arqueofácies identificadas no sítio e nos sedimentos sob ele. Os resultados preliminares deste Projeto indicam a implantação de uma estrutura feita com estacas de madeiras que se estende sob o sambaqui Cubatão I e fora dele a sul, numa extensão de, aproximadamente, 180 metros de comprimento. Também se constatou que, abaixo de área funerária presente no topo do sítio, há camadas homogêneas em que raros sepultamentos foram identificados que recobrem camadas mais estratificadas e convexas na porção inferior do sítio. Esta apresentação visa comunicar estes e outros resultados preliminares desta pesquisa.

DISTRIBUIÇÃO E OCORRÊNCIA DOS SAMBAQUIS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Jasiel Neves (UFRJ)

Os sambaquis são sítios arqueológicos que possuem presença marcante no território do Brasil, principalmente no litoral, ocorrendo em todas as regiões contíguas ao Oceano Atlântico, sendo os mais antigos marcos do povoamento dos ambientes litorâneos do país. Nesse trabalho, apresentamos a distribuição da ocorrência dos sambaquis no sentido de contribuir com o mapeamento desses sítios e suprir algumas carências de informações em locais com menor intensidade de pesquisas sobre o tema. Com base na bibliografia e no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quantificamos 1.371 sambaquis, sendo 15 amazônicos (1,09%), 20 fluviais (1,46%) e 1.336 marítimos (97,45%), demonstrando a densidade e a vinculação dos grupos sambaquianos ao litoral e seus ambientes. A análise da ocorrência dos sítios foi efetuada em dois níveis: regional e estadual. A região Sul é aquela que apresenta o maior número de sambaquis cadastrados, com 777 sítios, sendo 412 no Estado de Santa Catarina; 275 no Paraná e 90 no Rio Grande do Sul. Seguida pela Região Sudeste, que apresenta 510 sambaquis, sendo 213 no Estado de São Paulo; 210 no Rio de Janeiro e 87 no Estado do Espírito Santo. As regiões Norte e Nordeste apresentam um número mais reduzido desses sítios, havendo 58 sambaquis na primeira, com 57 sítios no Pará e 1 sítio em Rondônia; e 26 sambaquis na segunda, com 16 sítios na Bahia; 7 sítios no Maranhão e 3 em Alagoas.

ESTUDO DA ARQUITETURA E IMPORTÂNCIA CULTURAL DA CANOA BARRETA NO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DO MAR - SÃO FRANCISCO DO SUL - SC.

Hamilton Marcelo Morais Lins Junior (UFPE)

O patrimônio naval brasileiro é composto por um rico acervo de tipos de embarcação de diferentes linhagens arquitetônicas e culturais, e que singram os mais diversos espaços de navegação. A canoa Barreta integrante do acervo do Museu Nacional do Mar, São Francisco do Sul – SC, é um exemplar das históricas canoas “abertas” de concepção arquitetônica monoxyle-assemblée que navegavam pelo litoral Pernambucano. A arquitetura monoxyle-assemblée é uma evolução da canoa monóxila, combinada com a construção sur-sole ou bottom-based de fundo plano. O presente trabalho tem como objetivo uma análise das características arquitetônicas e construtivas da canoa Barreta dentro da perspectiva da arqueologia naval. Procuramos tecer, também, algumas considerações sobre a autenticidade da canoa centenária e sua importância como parte do patrimônio naval brasileiro.

EIXO: Teoria e método

PENSAR COM AS MÃOS: CRIAR VÍNCULO MATERIAL NA PROPOSIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Lilian Panachuk (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

O cerne dessa proposta é pensar a arqueologia experimental como mergulho e alicerce teórico-metodológico. O contato íntimo com o processo de fazedura da peça cerâmica nessa arqueologia experimental e a conexão com ceramistas engatilhou uma rede relacional que conecta a materialidade e os fenômenos transformacionais, numa fronteira com a etnoarqueologia. Esse vínculo com a materialidade permite a conexão do corpo - em toda sua inteireza - com fenômenos, materiais e pessoas, e uma vivência do saber à moda tradicional, como aprendizado. O contato íntimo com a materialidade, a investigação em sua diversidade e estabilidade, de maneira continuada, gera habilidade como resultado de prática, com o emaranhado de tecnologias que se conectam. Qualquer que seja o objeto a ser produzido, seu processo é um emaranhado que relaciona pessoas, técnicas e tecnologias, materiais e fenômenos, gestos e ritmos. A constância e consistência na produção artefactual implica em uma busca multicausal para o entendimento do processo produtivo, rompendo com a lógica normativa. Essa conexão é capaz de fornecer um leque mais robusto e consistente de técnicas, materiais, pensando os gestos de produção e de uso, impactando diretamente na coleta de dados durante as análises de materiais arqueológicos. Essa percepção-ação pode ser vivenciada na experimentação ativa, e na inclusão do corpo para pensar a materialidade em conjunto com a produção teórico-metodológica.

TEMPORALIDADE NA PESQUISA NO ALTO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS - DATAÇÕES POR 14C E LOE DOS SÍTIOS EM SERRA NEGRA

Marcelo Fagundes (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM))

Nossa área dessa investigação diz respeito na região do Alto Vale do Rio Araçuaí, em um território que temos denominado de Serra Negra, englobando terras dos municípios de Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves, Itamarandiba, Rio Vermelho e São Gonçalo do Rio Preto, MG. Atualmente, as investigações têm focado nas cabeceiras do Araçuaí, uma área com particularidades fisiográficas em relação às demais do Espinhaço Meridional, e onde os sítios mais antigos têm sido evidenciados (entre 7 e 3 mil anos AP). As ocupações humanas regionais podem ser agrupadas em três períodos distintos do Holoceno, obtidas da escavação de 12 sítios arqueológicos em Diamantina, Felício dos Santos, Itamarandiba e Senador Modestino Gonçalves: (i) Holoceno Inicial – com cronologias entre 12.500 e 8.000 cal. anos AP, em quatro sítios arqueológicos no lado sul de Diamantina, todos localizados na bacia do São Francisco; (ii) Holoceno Médio – aqueles obtidos durante a escavação de 4 sítios, com cronologias entre 7.169 cal. anos AP (C14) e 3.300 anos AP (OSL). (iii) Holoceno Superior – com cronologias de 2.500 anos AP até a invasão dos territórios indígenas, obtidas em dez sítios. Assim sendo, nosso maior objetivo é demonstrar a cronologia do Alto Araçuaí que, somada as pesquisa paleoambientais, indica uma ocupação estável e contínua a partir do Holoceno Médio até o Superior.

CONFRONTANDO O PÚBLICO: DIÁLOGOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS.

Mariana Costa de Moraes Fernandes (ARCHAEOS CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA), Luiz Alberto Silveira da Rosa (Autônomo), Iara Laura de Aragão Fernandes (Archaeos Consultoria em Arqueologia)

Este trabalho expõe algumas das ações de educação patrimonial que vêm sendo realizadas pela Archaeos Consultoria em Arqueologia no município de Rio Grande/RS desde 2022. Utilizando espaços de educação não formal, como feiras comunitárias e eventos culturais, nossas atividades de educação patrimonial têm buscado proporcionar um diálogo com uma comunidade local que, devido a um histórico de conflitos com projetos de licenciamento, se encontrava hostil à profissão de arqueologia.

Explorando as possibilidades de interação entre o público e o patrimônio arqueológico, demonstramos como esses espaços têm servido como palco para engajar a população de maneira significativa, promovendo uma nova compreensão, reflexão e apreciação do patrimônio. Ao confrontar o público com narrativas e perspectivas multifacetadas, buscamos iluminar a importância de ações de educação patrimonial dinâmicas e participativas em contextos diversos e acessíveis a todos.

MODALIDADE

APRESENTAÇÃO DE PÔSTER

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

ARQUEOLOGIAS PLURAIS

POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

EIXO: Arqueobotânica

ABRIGO DO JON, SERRA DO LAJEADO, TOCANTINS: UM ESTUDO DO USO DO FOGO E DAS ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO

Isabelle Cristina Doble de Souza (UFSC), Nivaldo Peroni (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc)

O presente estudo realizou a análise de diferentes estruturas de combustão de uma das áreas do sítio arqueológico Abrigo do Jon, localizado na região da Serra do Lajeado (Tocantins), observando aspectos como forma e composição, com especial atenção para análise das amostras de vestígios vegetais carbonizados relacionadas a essas estruturas. Para isso, foi realizado um levantamento a partir da documentação primária oriunda das etapas de escavação do sítio, com o intuito de listar as amostras de vestígios vegetais carbonizados relacionadas às estruturas, além da triagem e análise dessas amostras. Foram processadas e analisadas um total de 58 amostras provenientes de diferentes tipos de coleta, distribuídas entre três estruturas de combustão da área em questão e com conteúdo de vestígios vegetais carbonizados que foram separados em cinco categorias diversas, sendo elas: material vegetal carbonizado lenhoso, material vegetal carbonizado não lenhoso, coquinho, semente e material vegetal não identificado. As três estruturas foram comparadas quanto ao tipo de material vegetal carbonizado, quantidade de fragmentos por amostra, peso das amostras e relação entre o tipo de coleta e o tipo de material apresentado. Para além disto, foi realizada a caracterização das estruturas considerando seu formato e inserção no contexto arqueológico, incluindo variações cronológicas.

O USO DE FITÓLITOS PARA RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA GRANDE DAS QUEIMADAS, PIAUÍ, BRASIL.

Roberta Maciel Pacheco Valente (UFF), Heloisa Helena Gomes Coe (UERJ), Karina Ferreira Chueng (UERJ), Aline Gonçalves de Freitas (Universidade Federal do Piauí), David Oldack Barcelos Ferreira Machado (UNICAMP)

O Estado do Piauí é reconhecido mundialmente por seu legado arqueológico e paleontológico. O Sítio arqueológico Lagoa Grande das Queimadas (23L 0726128 8980968) (CNSA-PI01847), localizado no município de Várzea Branca, é fruto de pesquisas microarqueobotânicas (i.e., palinologia, fitólitos), arqueométricas e geoarqueológicas, que buscam compreender o meio vegetal, as áreas de captação de recursos e o possível manejo de plantas por grupos humanos pré-coloniais. Os fitólitos (partículas microscópicas de sílica amorfa polimerizadas nos tecidos vegetais) extraídos dos sedimentos do registro arqueológico auxiliam na reconstituição do paleoambiente e possível manejo nestas áreas. Os vestígios arqueológicos até o momento recuperados são artefatos líticos lascados em superfície e subsuperfície. Os resultados obtidos até agora indicam abundância de fitólitos em boas condições de preservação.

Em todas as amostras, desde o nível -85 cm de profundidade, datado de 4419-4234 anos cal AP, até o topo do perfil, é possível inferir uma vegetação aberta, semelhante às condições atuais. As assembleias fitolíticas são predominantemente compostas por morfotipos de Poaceae, principalmente BLOCKY, BULIFORM FLABELLATE, ACUTE BULBOSUS e ELONGATE, com presença reduzida de dicotiledôneas lenhosas (SPHEROID ORNATE). Fitólitos de Areceaceae (SPHEROID ECHINATE) também são observados em todo o perfil, além de fragmentos de megascleras de esponja e microcarvões.

RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MATÃO (MG), ATRAVÉS DA ANÁLISE DE FITÓLITOS

Karina Ferreira Chueng (UERJ), Heloisa Helena Gomes Coe (UERJ), David Oldack Barcelos Ferreira Machado (UNICAMP), Roberta Maciel Pacheco Valente (UFF), Cátia Pereira dos Santos (SEEDUC), Marcelo Fagundes (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM))

O sítio Matão 01 foi identificado em um abrigo rochoso formado pelo abatimento de rochas quartzíticas na Serra do Matão, borda leste da Serra do Espinhaço Meridional, Alto Araçuaí, MG. A vegetação atual é considerada um ecótono entre a Floresta Estacional, cerrado e dos campos rupestres. O objetivo deste trabalho é contribuir para o conhecimento das condições paleoambientais onde esses povos se estabeleceram, utilizando como indicador os fitólitos, partículas microscópicas de sílica depositadas nas células das plantas e que permitem identificar o tipo de formação vegetal onde se originaram e, assim, inferir paleoambientes. Foram analisadas amostras de 2 quadrículas e em todas elas foi observada uma grande quantidade de fitólitos muito bem conservados. Durante o período observado (de cerca de 3400 a 900 anos AP), predominaram os fitólitos de Poaceae (BLOCKY, BULLIFORM FLABELLATE e ACUTE BULBOSUS) e os de Areceaceae (SPHEROID ECHINATE), provavelmente da palmeira *Syagrus ruschiana*, abundante na região. Este sítio foi interpretado como uma área de atividade específica de elaboração de instrumentos, como percutores e os chamados quebra-coquinhos (bigornas), que inclusive poderiam ser usados na manipulação dessas palmeiras, cuja presença foi observada por seus fitólitos característicos. Em menor quantidade aparecem ainda fitólitos de dicotiledôneas lenhosas (SPHEROID ORNATE), indicando uma vegetação semelhante à atual.

UM CONCEITO MENOS PANC: A RELAÇÃO DAS “PLANTAS DO PASSADO” ENTRE AS VENDEDORAS DO MERCADÃO 2000 EM SANTARÉM, PARÁ.

Ádyla Wilsianndra Valente de Souza (UFOPA)

O Mercadão 2000 representa o principal mercado popular da cidade de Santarém, no oeste do Pará, onde são comercializados impressionante variedade e quantidade de produtos medicinais, artesanais, dentre outros, e sobretudo alimentícios. A partir de um levantamento

bibliográfico e conversas realizadas com vendedoras de plantas, como frutas, verduras, raízes, folhas e flores no Mercado 2000, investiguei o que se entende pela categoria “plantas do passado” e se estas ainda são utilizadas no presente, e se a categoria do termo PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) se enquadra para este estudo de caso na Amazônia. As mulheres expressam a importância simbólica e utilitária das “plantas do passado” no seu cotidiano, possuindo um vasto conhecimento relacionado ao manejo das plantas. Esse conhecimento e a continuidade dos saberes e usos das “plantas do passado” é um ponto crucial, onde as mulheres atuam como principal detentora e mensageira do domínio das plantas, que é transmitido desde antigas gerações, pois aprenderam a cuidar das plantas desde crianças com as suas bisavós, avós e mães. Diante disso, nesta pesquisa, debato o papel das mulheres na transmissão de conhecimentos relacionados ao uso, cuidado, e preparo das “plantas do passado” e como as referências de conhecimentos das mulheres nos permitem refletir relativamente a simbologia histórica que carregam ao falarem das plantas que utilizam.

“YENIPAWA”: TRAÇOS QUE ESCREVEM UMA HISTÓRIA, TRAÇOS QUE FORTALECEM UMA IDENTIDADE

José Willon da Rocha Sampaio (UFOPA), Marlete Costa Dias (UFOPA)

A partir do crescimento populacional da aldeia Alter do Chão com não indígenas, veio consigo o desmatamento de espécies nativas, como o jenipapeiro. Com a perda de espécies de jenipapo, houve um impulso negativo de não práticas culturais que fazem parte do cotidiano indígena Borari. Diante disso, buscamos através de histórias orais, de nossos antepassados, demonstrar a proeminência do cultivo para as pessoas que não tem o conhecimento devido da planta. A importância da revitalização das áreas degradadas com o plantio de mudas de jenipapeiro para o resgate da cultura extranatural do povo Borari da aldeia Alter do Chão, tem como facilitar o não deslocamento para outros locais e, assim, manter a tradição dos nossos antepassados. O jenipapo atua em vários campos de nossas vidas, como na área medicinal, servindo para combater a anemia por meio de seus frutos, na culinária, na produção de licores, sucos e bolos, e na área artesanal e do grafismo corporal se obtém dos frutos verdes a tinta, que serve para a pintura tanto em tecidos, cerâmica, quanto para o grafismo. A partir desses vestígios, o Jenipapo nos leva a espaços sagrados como a Serra do Mocotó, Caminho Fundo, Jacundá e a Floresta Encantada. Demonstrando, por fim, que há muito tempo ocorre uma conexão entre as pessoas e a planta. E, dessa maneira, podemos continuar resistindo e transmitindo nossos conhecimentos para futuras gerações.

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

ARQUEOLOGIA NO CEARÁ: DESAFIOS DA GESTÃO DE ACERVO ARQUEOLÓGICO EM FORTALEZA

Livia Thiciane Viana Almeida (UFPI)

Desde o século XVII, o Ceará tem relatos de sítios arqueológicos, mas somente no final da década de 1960 foram realizadas as primeiras escavações, e os vestígios resgatados compunham o acervo do Museu Nacional. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar os desafios da gestão de acervo arqueológico em Fortaleza, bem como constatar a existência de acervos fora do seu local de origem, e analisar como afeta a educação patrimonial local. Como metodologia, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que teve como fonte dados secundários, como artigos acadêmicos, buscados em revistas, também foram explorados sites e documentos governamentais. Nos resultados, observou-se que o número de instituições em funcionamento não condiz com a necessidade local, e apesar do estado possuir um vasto patrimônio arqueológico, este não foi difundido para a população como conhecimento.

MARSUL: UM MUSEU EM RECONSTRUÇÃO

Antonio Carlos Soares (Pucrs), Cleiton Silva da Silveira (MARSUL)

O Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul) e seu acervo foram formados no contexto do início da profissionalização da Arqueologia e da difusão da disciplina nos cursos universitários. Seu acervo, cujo volume é resultado da metodologia pronapiana, formado majoritariamente como resultado de pesquisas em sítios pré-coloniais, conforma uma das maiores reservas técnicas da tipologia no Brasil. Em alguns momentos de sua história o museu esteve em risco, porém em muitos outros, suas ações foram marcantes, colocando esta instituição museológica no cenário da Arqueologia brasileira. O presente pôster pretende demonstrar, a partir de imagens do seu acervo fotográfico, as fases ao longo da existência do Marsul.

MUSEALIZAÇÃO DO VASO DE CERÂMICA KERO DA CULTURA TIHUANACO, NO MAEA-UFJF

Luciane Monteiro Oliveira (Universidade Federal de Juiz de Fora), Gabriel Rodrigues Silva (UFS)

O objetivo da pesquisa é aprofundar as informações sobre o vaso de cerâmica Kero da cultura Tihuanaco pertencente ao Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora (MAEA-UFJF). Com vistas a ampliar as possibilidades da realização de uma educação museal, que leve em conta como relacionar este artefato arqueológico com a história originária desta distinta cultura do altiplano Andino. Nesta pesquisa ainda em andamento, optamos por utilizar o vaso Kero, considerando-o como objeto gerador tal como nos mostra Ramos (2004), ou seja, como portais de saberes. Os desdobramentos da trajetória

deste artefato, a análise da história de vida deste objeto, oferecem vislumbres suficientes para honramos a peça que gentilmente um dia serviu a seu povo e agora serve de acervo museal. A ação metodológica perpassa pelo escaneamento das iconografias do vaso Kero com a intenção de seu detalhamento. Esse escaneamento será feito com um scanner 3D Creality CR-Scan 01, e o software CR Studio 2.5.4.0030. O objetivo aqui é realizar uma modelagem tridimensional do vaso de cerâmica Kero e sobrepor imagens detalhadas das iconografias tocapus ali desenhadas. Tocupus são figuras geométricas que manifestam formas visuais de origem pré-incaica, tecidas em indumentárias, tapizes ou pintadas, esculpidas em monumentos e objetos (CORDIVIOLA, 2017). Levando em conta premissas comprometidas eticamente com os povos originários adentrando em perspectivas educativo museais decoloniais.

MUSEUS MUNICIPAIS, ACERVOS DESCENTRALIZADOS E ARQUEOLOGIA ANTICOLONIAL

João Vítor Marcon Camargo (Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP))

Museus tradicionais são, grosso modo, locais centralizados de guarda e gestão de acervos pautada na cisão sujeito-objeto, com forte apelo à construção de uma identidade homogênea, colonialista, embranquecida e com forte apelo ideológico. A pesquisa pública no Brasil, no que se refere às instituições museológicas, se formou a partir das estruturas estatais e universitárias, que representam instrumentos de dominação de classe e perpetuação de poder na sociedade capitalista. No Estado de São Paulo, nota-se a forte atuação da Comissão Geográfica e Geológica e do Museu Paulista na pesquisa etnográfica e arqueológica nos séc. XIX e XX, dando origem a acervos de museus atuais, como o MAE/USP. Desde a década de 1980, a partir de convênios entre a USP e prefeituras municipais, foram criados museus municipais com temática arqueológica e de memória sobre o passado de ocupação indígena do território, como é o caso do Museu de Arqueologia de Monte Alto-SP, representando uma descentralização dos acervos que passam a ser fruídos pelas comunidades. Atualmente, esse museu promove discussões sobre o patrimônio arqueológico e histórico a nível local, além de atuar junto aos trabalhadores de museu e à rede pública de educação com oficinas que objetivam a educação popular, mediada por processos de ensino-aprendizagem voltados para construção de uma arqueologia sensível, engajada e socialmente atuante em direção a uma postura museal anticolonial, que dialoga com e para além do museu tradicional.

PROJETO GECON-ACERVOS: A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DA COLEÇÃO MUHSE

Thais Andrade Santos (UFS), Marcia Barbosa da Costa Guimarães (Universidade Federal de Sergipe), Adriano Viana dos Passos (UFS), Clarisse de Almeida Costa (UFS)

O amplo potencial de acervos universitários deve ser explorado através do tripé que sustenta o saber acadêmico no Brasil, a saber: o ensino, a pesquisa e a extensão. Em relação à extensão, o acervo universitário é um caminho profícuo para a promoção da interação entre o público e a academia, seja como instrumento da popularização da ciência, do incentivo

ao ensino universitário, da capacitação profissional de discentes e servidores, da formação profissional técnica da população vulnerável e da preservação e conservação do patrimônio e do bem arqueológico, histórico e etnográfico regional. Neste sentido, o desenvolvimento do projeto GECON-ACERVOS tem permitido capacitar discentes na conservação preventiva de acervos e arquivos arqueológicos, a partir da abordagem à Coleção do Museu do Homem Sergipano (Coleção MHUSE) que se encontra sob a guarda do Departamento de Arqueologia-UFS. Esta Coleção é exemplar para o início do projeto, devido às condições não adequadas que foram utilizadas para o tratamento e conservação dos arquivos arqueológicos (objetos tridimensionais e documentação escrita e iconográfica). Assim, aplicamos princípios da Conservação Preventiva e da Documentação Museológica, visando adequar, de forma segura e adequada, os arquivos que compõem à Coleção MUHSE.

UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO REMUNERADA PARA UM ESTUDANTE DE ARQUEOLOGIA. A COLEÇÃO FITTERLING, CRISE E MEGAMINERAÇÃO NA PATAGÔNIA

Matías Javier Kalina (UFSC)

O poster contará o trabalho remunerado do autor no Museu Regional Salesiano de Rawson, Patagônia Argentina. Este trabalho foi feito na pandemia. O museu recebe um enorme acervo de material arqueológico. O autor mudou-se para trabalhar em Rawson por dois anos, aproveitando as aulas virtuais. Mostrara-se as atividades realizadas e os desafios que implicaram, assim como as possibilidades para estudantes de arqueologia em museus regionais

O acervo foi reunido nos 70 por Carlos Fitterling, amigo do arqueólogo Menghin (Kohl, 2002). Após a morte de Carlos, esses materiais foram doados ao Museu Regional Salesiano de Rawson, surgindo a necessidade de contratar um profissional. Alguns materiais são cerâmicas inca (Williams, 2006), e La Aguada Portezuelo (De la Fuente, 2019).

A amostra final aberta à comunidade dos materiais foi feita durante a luta contra a megamineração (La Nación, 16-12-2021). A participação foi elevada, incluindo pessoas das comunidades indígenas. Neste contexto de luta territorial, estes materiais arqueológicos são ressignificados (Hodder, 1995).

Bibliografia

Hodder, I. 1995. Interpreting archaeology.

La Nación, Argentina. 16 de Septiembre de 2021

Kohl, P. 2002. Religion, Politics, and Prehistory: Reassessing the Lingering Legacy of Oswald Menghin

Williams, V. 2006. Poder estatal y cultura material en el Kollasuyu

Gordillo, I, 2009. Iconografía cerámica del valle de Ambato

De la Fuente, G. 2019. Estudiando pinturas en cerámicas arqueológicas "Aguada Portezuelo"

EIXO: Arqueologia Amazônica

ANÁLISE E RECONSTITUIÇÃO NO TEOTÔNIO: REMONTANDO PEÇAS EM GRANDES SÍTIOS CERÂMICOS

Gabriela Oliveira Mello (UERJ)

O sítio do Teotônio, localizado no trecho encachoeirado do alto rio Madeira à margem direita, foi descoberto nos anos 70 e hoje é apontado como possuidor da maior sequência de ocupação das terras baixas sul-americanas. O sítio é continuamente ocupado há pelo menos 9500 AP e é essencial para a compreensão dos processos históricos milenares ocorridos na região do sudoeste amazônico. Ele é estudado pelo projeto “História profunda no alto rio Madeira - origens e processos históricos da diversidade cultural”, que tem como um dos seus vários objetivos diferenciar e definir os contextos de ocupação e aspectos da Fase Jatuarana. Este trabalho em específico visa à análise tecnológica de uma pequena porção do material cerâmico Jatuarana no sítio Teotônio, comparar as possibilidades analíticas de níveis artificiais e culturais, e examinar as possibilidades de reconstituições de vasos cerâmicos em cenários de alto índice de fragmentação e grande volume de material, cruzando fragmentos de diferentes níveis e unidades estratigráficas.

EIXO: Arqueologia Colaborativa

ARQ-A-TON: UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA WIKIPÉDIA

Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre (Universidade Federal do Piauí), Michelle Mayumi Tizuka (Universidade Federal Fluminense)

Este trabalho apresenta uma nova modalidade de evento, inspirada em hackatons e flashmobs, para a Arqueologia. O Arq-a-ton 2023, um evento de extensão promovido pela UFPI, foi desenvolvido de forma colaborativa na plataforma Discord por estudantes dos cursos de graduação em Arqueologia da UFPI e UFPE, com apoio do Movimento Wiki Brasil. Ocorreu durante 48 horas contínuas, com o objetivo de desenvolver e aumentar a base de informações disponíveis no portal da Wikipédia em língua portuguesa sobre o tema da Arqueologia no Brasil. A Wikipédia é a mais importante enciclopédia em livre acesso disponível na Internet para o público universitário, escolar e a população em geral. As suas referências aparecem geralmente entre os primeiros resultados de motores de busca, o que a torna uma fonte importante de conhecimento. Apesar deste contexto, o conteúdo disponível na Wikipédia sobre o tema da Arqueologia no Brasil é limitado. Com a participação ativa de 28 pessoas, o workshop promoveu estratégias para reduzir assimetrias nos dados disponíveis, permitindo que a Wikipédia possa também ser utilizada sobre o tema da Arqueologia no Brasil. Cinco verbetes ganharam informações com contextos brasileiros, hyperlinks e ilustrações. Geraram também debates interessantes com outros usuários da língua portuguesa, demonstrando a necessidade de uma ampliação de novos eventos.

TRABALHO COOPERATIVO ENTRE ESTUDANTES DE ARQUEOLOGIA . O CASO DA COOPERATIVA ARQUEOTERRA E DO PROJETO ISLA MARTIN GARCIA

Matías Javier Kalina (UFSC)

O pôster contará sobre as investigações arqueológicas na Ilha Martín Garcia realizadas pela Cooperativa Arqueoterra, de jovens arqueólogos e antropólogos argentinos.

Será dada ênfase à forma como a cooperativa está organizada e ao alcance e às limitações que esta forma de auto-organização tem para os estudantes e jovens de arqueologia, especialmente respeito à geração de espaços de trabalho remunerados em arqueologia para ajudar durante os estudos e para ter experiência em pesquisa profissional.

Serão expostos os trabalhos realizados pela equipe da Arqueoterra Coop desde 2020 na ilha, os diferentes locais abordados, e alguns resultados preliminares destes últimos três anos de pesquisa (Kalina,2022).

Estes locais serão a cadeia antiga, o porto português do século XVIII e a casa onde o ex-presidente Hipotilo Yrygoyen foi preso após o golpe de estado militar de 1930 (Weissel, 2021) (Roriz, 2017).

Bibliografia

Weissel, M 2021. Arqueología de los Paisajes Modernos. Ejemplos del Riachuelo, Ushuaia, el Parque Nacional El Palmar y la isla Martín García.

Roriz, D. 2017. Os radicais no poder. O jornal La Nación e o segundo governo de Hipolito Yrygoyen ,(1928-1930)

Kalina, M. 2022. Paisajes Arqueologicos de la Isla Martin Garcia. En Congreso de la arqueología y paleontologia de Ciudad de Buenos Aires 2022.

EIXO: Arqueologia da Diáspora africana

A MATERIALIDADE DA DESUMANIZAÇÃO - ARQUEOLOGIA DE UMA HUMANIDADE VILIPENDIADA

Vinicius Siqueira de Freitas (UFMG)

Este trabalho trata sobre as relações que subjagam os corpos, seus impactos nas relações sociais existentes em nossa realidade, compreendendo, que somos frutos dessas relações e que essas relações moldam a nossa materialidade. Os processos sócio-históricos são responsáveis pela construção da realidade, que se encontra ao nosso entorno, também forma a realidade material, ou é a materialidade que forma nossa realidade? Dentro destas questões traçando uma relação panorâmica com acontecimentos da contemporaneidade, observo como os objetos, locais e monumentos trabalham para reduzir a humanidade daqueles seres dotados de uma humanidade não plena. Analisando os processos de desumanização com atenção, para compreender o que os sustentam, com a finalidade de destruí-los.

NÃO HÁ COMO NEGAR A VOCAÇÃO QUILOMBOLA DO BAIRRO DO BIXIGA. SALVE SARACURA!

Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP)

Qualquer pessoa que cultive sua ancestralidade africana poderá reconhecer em uma caminhada pelas ruas do Bixiga que ali é território negro, pois não apenas de pizza vive o Bixiga. Africanos e seus descendentes já habitavam as redondezas do rio Saracura e antes deles e dos colonizadores os povos originários. As informações sobre essas ocupações pretéritas estão sendo aguardadas com a disponibilização do relatório final dos estudos arqueológicos que estão sendo realizados na área onde foram identificadas evidências arqueológicas do antigo Quilombo do Saracura. Enquanto isso, nos mantemos mobilizados. Este Poster tem por objetivo trazer o olhar de alguém que colabora com a Mobilização Saracura/Vai-Vai lutando pela memória e história do povo preto desse lugar, mas também de alguém que desde a adolescência, junto com outras pessoas apaixonadas pela Vai-Vai festejou alguns títulos de campeã do Carnaval Paulistano em sua antiga quadra e que acabou por ser demolida para implantação de estação da Linha 6 do Metrô da cidade de São Paulo, o que causou indignação com o tamanho desrespeito ao patrimônio afro-brasileiro.

O APAGAMENTO DA CULTURA AFRICANA NA CIDADE DE SÃO PAULO: PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS E HISTORIOGRÁFICAS

Laura Lisboa de Freitas (USP), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP), Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos (Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo)

O bairro da liberdade em São Paulo é tradicionalmente visto como símbolo da cultura asiática: a arquitetura, cultura e culinária são difundidas na região desde o século XX, porém o processo de gentrificação da região conta a história de populações marginalizadas, sobretudo de negros escravizados, que habitaram o bairro anteriormente. Em 2018 a empresa A Lasca Consultoria comandou escavações de nove esqueletos humanos identificados em uma obra civil. A localização sugere que foram enterrados no anterior Cemitério dos Aflitos, necrópole utilizada pelos habitantes do local nos séculos XVIII e XIX. Acompanhamentos funerários como três contas azuis, um botão e um fragmento de faiança sugerem a influência da cultura africana e portuguesa, apontando para a colonização. Primeira necrópole pública de São Paulo fundada em 1779, localizava-se próximo à forca da cidade em um bairro ocupado por ex-escravizados e pobres. As vítimas da forca eram os próprios moradores da região, considerada uma das primeiras periferias da cidade. Em 1883 os corpos enterrados foram transferidos para o Cemitério da Consolação, em razão da venda do terreno. O trabalho de 2018 incitou debates sobre a presença de grupos marginalizados na cidade e seu silenciamento, já que é mínima a difusão de informação pública sobre a presença desses povos no bairro. A análise laboratorial dos sepultamentos por uso de indicadores geográficos, tal qual o estrôncio, foi realizada para integrar a hipótese de ocupação.

PAISAGENS ANCESTRAIS: OS ABRIGOS COM PINTURAS RUPESTRES HISTÓRICAS NA SERRA DO ESPINHAÇO - MG

Hugo Sales Rafael (UFMG)

Nesse projeto de pesquisa, proponho uma análise comparativa de um conjunto de 5 sítios arqueológicos, mapeados e estudados sob a égide do projeto 'Arqueologia de Sociedades Neotéricas na América do Sul: os quilombos de Minas Gerais', coordenado pelo professor Luís Cláudio Symanski (2023). Esses sítios estão localizados na porção sul da Serra do Espinhaço, com concentração na região do Serro-MG, dos Parques Estaduais do Pico do Itambé, Biribiri, e do município de Datas, com uma exceção que se destaca pelo afastamento, em Santana do Riacho. Possuem como característica em comum a utilização de abrigos rochosos como suporte para expressões gráficas, com representações de navios, símbolos, cenas e paisagens de tempos ancestrais - componentes que determinam a escolha dos contextos e orientam o estudo. A associação das artes rupestres à presença de grupos quilombolas coloca esses sítios em diálogo com um cenário mais amplo de pesquisas arqueológicas sobre populações afro-diaspóricas nas Américas, especialmente aquelas que deixaram vestígios em regiões montanhosas, com lapas, locas e cavernas. Menos abundantes, estudos sobre contextos que apresentam pinturas históricas em rocha ainda são incipientes, com exceção de alguns trabalhos pioneiros. É esperado que essa discussão - que será também pesquisa de monografia - forneça novas reflexões sobre esses importantes vestígios, contribuindo com a literatura já existente sobre o tema.

VIVENDO E CONTANDO SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS: NOVA GERAÇÃO DE ARQUEÓLOGUES QUILOMBOLAS NA UFOPA.

Patricia Marinho de Carvalho (MAE/USP)

Desde 2018, tenho compartilhado experiências com colegas e estudantes de arqueologia da UFOFA – Universidade do Oeste do Paraná. Em 2021, fui convidada a integrar a equipe do Projeto “Memórias de vidas que brotam da terra: permanências e resistências nos quilombos do Paraná do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história” (CNPq – Processo 408930/2021-7). Esse Projeto procura ampliar as pesquisas arqueológicas entre populações afro-amazônicas com o objetivo de entender suas origens, as relações estabelecidas com a paisagem e os arranjos socioculturais, partindo da interação com cinco comunidades quilombolas: Bom Jardim, Mururu, Tinguu, Patos do Ituqui e Murumurutuba. Nessa comunicação meu objetivo é abordar perspectivas teórico-metodológicas que consideram fundamental a participação de estudantes quilombolas na Pesquisa, que vem assumindo o papel de sujeitos da pesquisa, construindo em conjunto com suas comunidades suas próprias narrativas.

EIXO: Arqueologia da paisagem

A NATUREZA COMO ARTEFATO ARQUEOLÓGICO: DEFINIÇÕES E LIMITES TEÓRICO-PRÁTICOS FRENTE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

João Paulo Soares Silva (Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP))

Diferentemente dos casos em que as evidências materiais da interferência humana no ambiente são claras, nesta pesquisa, cujo foco é a Comunidade Quilombola do Camburi (Ubatuba/SP), trabalharemos com campos subjetivos e só passíveis de serem analisados a partir de uma ótica interdisciplinar. Esse território caracteriza um recorte espacial e temporal com valor atribuído da interação cultural, embora careça de materialidade cultural associada, representando um desafio para as pesquisas e abordagens arqueológicas convencionais. Diante desse contexto, objetivamos compreender as transformações e usos da natureza ao longo do tempo pela comunidade, especialmente frente aos cenários de mudanças climáticas. Serão revisados e consolidados os conceitos, metodologias e principais bibliografias relacionadas ao arcabouço teórico dos temas correspondentes. O Quilombo em análise configura-se como uma paisagem social viva e essencialmente evolutiva, na qual os modos de vida estão intrinsecamente associados ao processo evolutivo sucessivo. Assim sendo, é crucial desenvolver progressos conceituais e metodológicos nas questões propostas; pensando não apenas na paisagem, como conceito e artefato, mas também nos elementos vivos que compõem determinados biomas. Com os avanços decorrentes, esperamos contribuir para a preservação do patrimônio cultural e para a resiliência climática do Camburi, considerando sua dinamicidade e contextos culturais, ocupação do território e relação com o ambiente.

CORINTHIURBANISMO: FORÇA DEMOCRÁTICA, TIME E TORCIDA NA FORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO (SP/BR)

Felipe Leandro Ramos (FURG)

O intuito desse trabalho é mostrar como a denominada Democracia Corinthiana afetou diretamente e indiretamente as pessoas na cidade de São Paulo (SP/Br). Neste trabalho, através da Arqueologia da Paisagem analiso como o movimento time-torcida do Corinthians, na década de 1980, influenciou no processo de configuração da paisagem urbana da cidade afetando, desta maneira, a forma como a população interage.

PAISAGEM ARQUEOLÓGICA NA SERRA DE IUIÚ/BAHIA.

Manuel Dimitri de Almeida Gomes (Universidade de São Paulo), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Haruan Straioto (Museu de Arqueologia e Etnologia / MAE-USP)

Pesquisas arqueológicas em regiões cársticas do médio rio São Francisco, como nos cânions do rio Peruaçu, na região de Montalvânia e Jequitaiá em MG, em Cocos e Serra do

Ramalho na BA, revelaram uma cronologia de ocupações humanas que remonta desde o Pleistoceno final até o Holoceno tardio (Etchevarne, 1999; Ribeiro, 2006; Prous, 2019). Localizada na margem direita do rio São Francisco, embora relativamente próxima destas áreas, a Serra de Iuiú tem poucas pesquisas arqueológicas. Também se trata de uma região cárstica com diversos abrigos e cavernas em rochas carbonáticas. Diversos sítios arqueológicos foram identificados a partir de 2022, quando a equipe do MAE-USP iniciou um projeto de pesquisa arqueológica na área. O presente trabalho se propõe a realizar um mapeamento da Serra de Iuiú e seu entorno por meio de imagens de sensoriamento remoto e captadas com voos de drone, visando mapear as distintas feições geomorfológicas (afloramentos, vales, dolinas, abrigos, áreas de ampla cobertura vegetal, parte alta/baixa da serra, entre outros) correlacionando, a partir de uma abordagem geoarqueológica (Silvestre, 2006), locais com os sítios identificados. A cartografia da paisagem busca compreender onde os sítios estão implementados no território (Isnardis, 2019) e quais as relações existentes entre humanos e seus ambientes (Fagundes e Piuzana, 2010), além de possibilitar a identificação de pontos relevantes de interesse arqueológico para prospecção.

UTILIZAÇÃO DE GEOPROCESSAMENTO NA LOCALIZAÇÃO DE POTENCIAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS A CAMBOAS DE PEDRA NO LITORAL MARANHENSE

Thales Castro Brandão Vaz dos Santos (Universidade de Coimbra)

Camboas de pedra são currais de pesca permanentes construídos com rochas encontradas em sítios de disponibilidade lítica, na região entre marés, com os peixes adentrando na maré alta e ficando presos na baixa-mar. No Brasil, existem registros de sua ocorrência nos estados da Bahia, Maranhão e Pará. Na Ilha de São Luís, já foram objeto de estudo camboas de pedra que apresentaram associação com sítios arqueológicos. O modelo conceitual proposto para a utilização das camboas de pedra como indicadoras de sítios arqueológicos potenciais considera o relevo dos tabuleiros litorâneos na linha de costa, a livre inundação diária por marés, sem obstrução por cordões arenosos e florestas de mangue, e a exposição da plataforma de abrasão à ação contínua de ondas e correntes litorâneas. A terceira variável é o posicionamento da linha litorânea em relação à direção predominante de ondas e correntes. Para o mapeamento do relevo foi utilizado o banco de dados de modelo digital de superfície do satélite ALOS 2, e o mapa de manguezais do Global Mangrove Watch 3.0. O modelo conceitual foi testado nas camboas da Ilha de São Luís, considerando a maior disponibilidade de imagens e aerofotos históricas. O restante do litoral maranhense foi mapeado utilizando os mesmos critérios. A ocorrência de camboas foi verificada utilizando as imagens de satélite do site Google Earth Pro. O mapeamento identificou 23 camboas na Ilha de São Luís e 41 para o restante do litoral maranhense.

EIXO: Arqueologia de gênero

NOTAS SOBRE UMA ARQUEOLOGIA DO CANGAÇO A PARTIR DO GÊNERO FEMININO: ARMAS, PODER E HIERARQUIA

Luciana Alves Costa (Universidade Federal de Sergipe)

O Cangaço, movimento sertanejo característico de alguns estados do Nordeste brasileiro, que alguns registros historiográficos remetem ao século XVIII, teve, durante sua fase lampiônica, a presença de meninas e mulheres cuja inserção reconfigurou a organização interna dos bandos, contribuiu para uma nova identidade visual imagética cangaceira e confrontou os ditames morais impostos ao gênero feminino da época. Incorporadas às fileiras desse banditismo rural sertanejo, as cangaceiras adquirem e manuseiam as próprias armas de fogo, punhais, facas de ponta nordestina e, assim como seus companheiros de persiga, constituíram hierarquias internas também corporificadas pela materialidade, refutando perspectivas romantizadas e androcêntricas quanto ao papel do feminino no cangaço. Tais argumentos resultam de uma Arqueologia documental e da análise de um acervo material particular que, ao viabilizar a identificação de armamentos bélicos, permitiu constatar a agência e a importância do feminino no cangaço, possibilitou identificar a complexidade das relações de gênero nesse movimento ao passo que desconstruiu narrativas historiográficas sexistas. Além disso, também demarcou o quão importante é o interesse da Arqueologia Brasileira pela história sertaneja e por trajetórias de grupos invisibilizados pela estrutural social vigente, sobretudo no que concerne ao gênero feminino em contexto de guerra e/ou conflito.

PARA ALÉM DO ANTIQUARISMO E PROCESSUALISMO: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE GÊNERO EM STONEHENGE

Sofia Helena Cardoso Rodrigues (UNICAMP)

Stonehenge é um dos monumentos pré-históricos mais famosos. Além de hoje Patrimônio Mundial da UNESCO, com forte turismo e presença no imagético cultural do grande público, desde o Medievo desperta a atenção dos estudiosos, os quais buscam, desde então, solucionar o mistério de sua origem. Diversas foram as colocações de sentidos, na tentativa de responder as perguntas: quem o construiu e para que. Entretanto, ao ler as primeiras fontes escritas que o contemplam, com uma aproximação Pós-Processual, uma questão salta aos olhos: as diversas e contraditórias representações femininas ligadas direta ou indiretamente à explicação do contexto arqueológico do monumento. Desta forma, este trabalho preza por apresentar nosso objeto de estudo: a pluralidade de pensamentos (medievais, modernos e contemporâneos) que por vezes colocam mulheres como protagonistas, e por vezes como submissas, na tentativa de refazer a história do megalítico. Desde narrativas sobre uma possível Goddess paleolítica, passando pelas lendas arthurianas com folclore céltico e da Idade do Bronze europeia, caça às bruxas, até o apagamento científico pelo evolucionismo social,

muitas são as questões que instigam nossa proposta de fazer, pela primeira vez, uma História e Arqueologia das mulheres em Stonehenge.

EIXO: Arqueologia Decolonial

AUTOETNOGRAFIA: UMA TRAJETÓRIA DE PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS ESTRANHANDO O FAMILIAR E PERCEBENDO PENSAMENTOS COLONIALISTAS EM NARRATIVAS ARQUEOLÓGICAS, NA MOSTRA GOIÁS: 11 MIL ANOS, DO IPHAN DE GOIÁS

Matheus Martins de Araujo (UFG)

Este trabalho tem como objetivo socializar a trajetória que percorri por uma pesquisa fundamentada teórico e metodologicamente, na abordagem qualitativa de cunho autoetnográfico da antropologia. Na condição de arqueólogo mestrando em antropologia social, apresento os caminhos que trilhei praticando e experienciando exercícios hermenêuticos de estranhar meu familiar (tornando-o exótico) e relativizar minhas próprias noções (CARDOSO de OLIVEIRA, 1984; CLIFFORD 2002; BOAS, 2004; GEERTZ 2008). Procuo descrever como esse processo contribuiu para identificar a reprodução de pensamentos colonialistas, em narrativas arqueológicas, na mostra intitulada Goiás: 11 Mil Anos, do IPHAN de Goiás. Sobre esse tema, existem várias possibilidades de pesquisa que foram apresentadas por distintas ciências (ROCHA et al, 2013 p. 132; MORAES WICHERS, 2017; SMITH apud CRUZ, 2021); entretanto, ao decidir investigar minhas inquietações sobre o fazer arqueológico e o SER da arqueologia, pude trazer para reflexão os resultados do processo intencional de relativização e estranhamentos dessas narrativas arqueológicas. Ancorado na perspectiva de estudos plurais (multidisciplinares), o principal objetivo fundamenta-se na importância de trazer reflexões que contribuam para a descolonização do pensamento e democratização do conhecimento arqueológico. Significa continuar a luta e resistência que Gonzales (2018) se refere, ao caracterizar a categoria Amefricanidade.

EIXO: Arqueologia do povoamento

CAVIDADES NATURAIS COMO ESPAÇOS DE SEPULTAMENTO INDÍGENAS CARIRI: O CASO DO SÍTIO SERROTE DOS OSSOS, CARAÚBAS, PARAÍBA.

Arthur Franklin Ferreira Lopes (UEPB)

O presente trabalho tem como finalidade a descrição da primeira campanha de atividades arqueológicas e espeleológicas realizadas, na cidade de Caraúbas, na comunidade Curimatãs, no sítio Serrote dos Ossos. Na cavidade natural foram encontrados diversos materiais arqueológicos, como ossos humanos, pingentes e conta de colares, que após análises, muito se assemelharam a peças pertencentes ao enxoval pós-morte dos indígenas Cariri, nos levando a chegar à conclusão de que aquele lugar é uma necrópole indígena.

EIXO: Arqueologia do presente

ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E DA RESISTÊNCIA COMO ARQUEOLOGIA PÚBLICA: EXPERIÊNCIAS NA ESCAVAÇÃO DO ANTIGO DOI-CODI/SP

Elton Rigotto Genari (Universidade Estadual de Campinas), Caroline Murta Lemos (Autônomo), Tuanny Lima Victor (USP), Patrícia Cristina Bertozzo (Universidade Estadual de Campinas)

Neste pôster apresentamos uma reflexão sobre a relevância da arqueologia pública na investigação da Arqueologia da Repressão e da Resistência, em especial, a partir das práticas arqueológicas desenvolvidas durante a escavação do DOI-CODI/SP, entre os dias 2 e 14 de agosto de 2023. Os trabalhos arqueológicos, coordenados por Andres Zarankin (UFMG), Aline Carvalho (UNICAMP) e Cláudia Plens (UNIFESP), com apoio financeiro do CNPq e Unicamp, foram pioneiros ao trabalhar de forma simultânea com três frentes arqueológicas, entre elas, a Arqueologia Pública. O contato direto do público, no DOI-CODI/SP, com toda a equipe de arqueologia e com os objetos encontrados fomentou reflexões sobre as condições de vida dos presos, as práticas de repressão e sobre a importância da preservação, do estudo e da memorialização das materialidades desses espaços repressores. Por meio de visitas guiadas no local nós compartilhamos conhecimento e estimulamos o diálogo sobre esse patrimônio histórico com mais de 800 pessoas. Além disso, organizamos a participação de alunos de graduação, pós-graduação e iniciação científica júnior nas práticas arqueológicas, estimulando a formação de novos pesquisadores. Essas iniciativas demonstram que a arqueologia pública pode desempenhar um papel importante ao envolver a sociedade na pesquisa e divulgação das materialidades da repressão ditatorial, permitindo uma compreensão mais abrangente e sensível desse período da história.

MEU AMOR, MEU LEGADO – A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA ATRAVÉS DOS SENTIDOS NA TORCIDA DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE.

Aline de Oliveira Pinto Teixeira (Universidade Federal de Minas Gerais)

Somos seres vivendo em um mundo onde estamos sendo constantemente atravessados pelas materialidades, o campo dos sentidos faz com que ao longo da vida seja possível construir memórias fortemente relacionadas a elas. A Arqueologia tem cada vez mais compreendido os sentidos e afetos que nos perpassam durante toda a vida, e é nisso que tenho a intenção de focar neste pôster. Parte do que venho construindo para minha monografia será trazido para este pôster, com a intenção de enriquecê-lo com outras discussões relevantes que acontecem na Arqueologia neste momento. Através de experiências próprias e de outros tenho a intenção de tratar o quanto os sentidos estão interligados a criação de memórias e afetos através de materialidades específicas encontradas em uma torcida de futebol. Cruzeiro Esporte Clube é um time mineiro, da cidade de Belo Horizonte, criado em 1921, minha

pesquisa vem sendo construída com seus torcedores de todas as idades. Normalmente, ser afetado por um time de futebol em qualquer momento da vida faz com que todos os seus mais novos sejam, de alguma forma, tocados de uma maneira muito similar. A partir de uma Arqueologia Contemporânea esta pesquisa tratará do sensível, da construção de memória e quais materialidades são perpassadas por essas.

POR UMA ARQUEOLOGIA DOS CENTROS DE DETENÇÃO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Caroline Murta Lemos (Autônomo)

Os centros de detenção, tanto oficiais, quanto clandestinos, foram os órgãos que implementaram de forma direta as ações violentas do estado ditatorial. Por isso, o estudo desses aparatos estatais é essencial para a compreensão desse período histórico e de suas heranças na construção da nossa sociedade atual. O problema é que poucas pesquisas arqueológicas sobre os centros de detenção ditatoriais brasileiros foram realizadas até hoje e os resultados alcançados são informações que, até o momento, estavam dispersas e nunca foram analisadas de forma conjunta. Levando isso em consideração, desenvolvi uma proposta de estágio pós-doutoral cujo principal objetivo consistiu em colaborar com o desenvolvimento desse tipo de iniciativa no Brasil, sistematizando as discussões desenvolvidas nesse âmbito e levantando os centros de detenção que nunca foram estudados arqueologicamente, mas que possuem potencial de sê-lo. Afinal, do que adianta defender uma arqueologia dos centros de detenção ditatoriais, se esses lugares não puderem ser estudados arqueologicamente? Foi pensando nisso, que informações sobre esses órgãos foram coletadas nos relatórios da Comissão Nacional da Verdade, das comissões da verdade estaduais, municipais e universitárias, e em trabalhos historiográficos, como artigos científicos, dissertações e teses. Os resultados desse levantamento serão apresentados e discutidos a fim de delinear um caminho que facilitará o desenvolvimento de trabalhos futuros.

“AS RUÍNAS SÃO RESTOS, MAS NÃO DO QUE ACABA”: (RE) PENSAR A OCUPAÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO DA UFJF À GUIA DA MEMÓRIA COLETIVA E NARRATIVAS ORAIS

Luciane Monteiro Oliveira (Universidade Federal de Juiz de Fora), Caroline de Paula Egidio (UFJF)

O Jardim Botânico (UFJF) tem se firmado como um espaço público de relevância para o desenvolvimento de ações de conservação e preservação da biodiversidade local, estabelecendo a sua aproximação com a comunidade através de iniciativas educacionais e de difusão científica. Localizado na área do Parque Estadual Mata do Krambeck, o jardim também assume um papel significativo no que tange a memória do que era nomeado como “Sitio Malícia”, reunindo testemunhos que versam, em particular, sobre a sua ocupação nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Em suas trilhas, foram localizadas estruturas que demonstram uma ocupação mista, cujos vestígios proporcionam interpretações sobre um

passado que abrange as evidências e contribuições de grupos sociais diversos, como os povos indígenas, africanos e os imigrantes alemães. Através de conversas informais com moradores do entorno, foram apurados relatos vinculados as modificações espaciais, estruturais e ao seu valor simbólico, considerando o contexto histórico da área e as lembranças e trajetórias de vida das famílias da região. Sob o viés de uma arqueologia de perspectiva colaborativa - participativa, agregada ao conceito de lugar de memória (Nora,1992) e a historia oral como metodologia, pretende-se pensar as relações entre os usos atribuídos ao local no decorrer dos anos e as narrativas que constituem as construções de memória coletiva, bem como, o seu reconhecimento e potencial enquanto patrimônio.

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOTOPONÍMIA DO CERCADO

Yanna Alves Miranda (UFPI), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

O estudo tem como meta realizar um levantamento bibliográfico e analisar as informações do topônimo Cercado, presente no “Mappa Geográfico da Capitania do Piauhy”, elaborado por Galúcio (1760). O mapa é uma importante ferramenta para compreensão da ocupação do território piauiense. A arqueotoponímia, metodologia utilizada no estudo, tem o propósito recuperar as informações de interesse arqueológico mediante uma perspectiva interdisciplinar entre a arqueologia, cartografia, história e linguística. A metodologia de pesquisa foi dividida em etapas. A primeira etapa tinha como objetivo definir a área em que o Cercado possivelmente está baseando-se na cartografia histórica e no referencial bibliográfico, e a segunda eram as atividades em campo, onde a meta era encontrar o lugar que é conhecido como Cercado e entender a historicidade da área. Os resultados foram promissores. A metodologia implementada foi realizada, já que fizemos a análise bibliográfica e delimitamos nossa área de pesquisa, como era esperado, utilizando softwares como o QGIS e o Google Earth. As etapas de prospecção ocorreram, possibilitando encontrar outro topônimo citado na cartografia piauiense a mais de duzentos e sessenta e três anos, comprovando nossa hipótese, além da confirmação, fornecida pela comunidade local, de que o Cercado realmente se encontra na região e é conhecido como “Faz. Cercadinho”. Com os resultados podemos confirmar que a cartografia pode ser utilizada como uma metodologia de prospecção.

CULTURA MATERIAL NO JARDIM PALACIANO

Marcia Regina Escorteganha (MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA -MHSC)

Para aprofundar a compreensão dos vestígios arqueológicos históricos provenientes das escavações realizadas sitio arqueológico - jardins do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) pretende-se apresentar as pesquisas desenvolvidas quanto aos vestígios arqueológicos

que marcam a colonização da Ilha de Santa Catarina, bem como traços da cultura material indígena e africana. O foco principal deste estudo é realizar questionamentos e indicativos que permitam uma reconstrução da ocupação territorial e dos costumes da antiga Desterro. O método de investigação adotado envolve a análise de conteúdo das fontes documentais e historiográficas, abrangendo publicações relacionadas ao acervo, fotografias, sites, documentos gráficos e outros recursos. Através dessa abordagem, buscamos identificar indicativos de procedência ou manufatura das peças arqueológicas, o que enriquece nossa compreensão das sociedades que habitaram essa região. Esta pesquisa tem o potencial de enriquecer a documentação museológica relacionada aos fragmentos arqueológicos, conferindo-lhes valores significativos no contexto do acervo arqueológico e histórico. Além disso, visa integrar essas descobertas em futuras exposições temáticas no MHSC.

POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DE FAIANÇAS FINAS PROVENIENTES DE CONTEXTOS “PROBLEMÁTICOS”: O CASO DO PROJETO DE LEVANTAMENTO E MONITORAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO CRISTÓVÃO-SE

Rayanne Lopes Soares (UFS), Bruna Luiza Ferreira Silva (ambientec), Débora Anelli Silva (UFS), Marlon Venicius Carneiro de Freitas (UFS), Ívinny Vitória Braga Portela (UFS), Arthur Mathias Solti (UFS), Josynadlla do Rosario Silva (UFS)

As problemáticas relacionadas à “Arqueologia de Contrato” no Brasil já são bem conhecidas dentro da comunidade arqueológica nacional. Neste sentido, as intervenções realizadas por profissionais que trabalham neste âmbito, apesar de aumentarem o conhecimento sobre áreas de ocupação humana ao longo do tempo em determinado local, não realizam uma interpretação de fato aprofundada e significativa acerca dos dados produzidos. Porém, também é necessário refletir acerca dos “erros” que são cometidos dentro da arqueologia produzida durante o licenciamento ambiental. A ausência de tempo suficiente para pesquisa e a falta de detalhamento na dimensão teórico-metodológica que fundamenta os trabalhos são os principais responsáveis pela má aplicação de técnicas durante a prospecção e escavação de sítios arqueológicos. Coleta assistemática de materiais e registro difuso das informações obtidas em campo são alguns dos fatores que resultam em um contexto arqueológico problemático, o que dificulta os trabalhos de interpretação de determinada coleção. O presente trabalho busca, portanto, detalhar possibilidades interpretativas a partir do contato com faianças finas provenientes do Projeto de Levantamento e Monitoramento do Patrimônio Arqueológico de São Cristóvão-SE, iniciado em 2010, que possuem problemas com relação ao tombo e rua de proveniência. Dessa forma, objetiva-se mostrar escolhas por estratégias analíticas com potencial de auxiliar na construção de narrativas acerca da cidade.

SOB A LUZ DE UM FAROL: ARQUEOLOGIA DA FOZ DO RIO SÃO FRANCISCO

Darly Anderson Calumby (UFS)

A presente pesquisa se desenvolve a partir do estudo realizado na Foz do Rio São Francisco, localizada entre os estados de Sergipe e Alagoas. Tal pesquisa busca investigar o processo de transformação que ocorre em advento a inauguração e funcionamento da Usina Hidrelétrica de Xingó que altera a paisagem e conseqüentemente os modos de vida de grupos que ocuparam a região. O Farol do Norte do São Francisco, trazido da Escócia no século XIX apresenta-se no contexto da materialidade como foco central, onde é evidenciado as mudanças através do reposicionamento geográfico realizado pela Marinha do Brasil, sendo o único testemunho material que localiza a existência da ocupação no Povoado Cabeço. Através de um levantamento não interventivo realizado em toda área, foi descoberto cinco sítios arqueológicos de caráter histórico, mostrando o potencial arqueológico na região. Além da prospecção, foi realizado também levantamento documental no acervo da Capitania dos Portos do Estado de Sergipe (CPES) onde foi possível localizar dados que foram cruzados com a pesquisa de campo, resultando no processamento das análises através do método comparativo. Portanto, foi identificado que ao mesmo tempo que em a paisagem muda, a sociedade e os grupos locais modificam, sendo possível identificar o enfraquecimento da produção do arroz, principal economia da região e a expulsão compulsória por alternativas de subsistência dos grupos locais.

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

AS AÇÕES EXECUTAS ENQUANTO “SOCIALIZAÇÃO” DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO BRASILEIRO NOS PROJETOS APROVADOS PELO IPHAN

Thiago Berlanga Trindade (CNA/IPHAN), Ana Paula da Rosa Leal (IPHAN)

Para além das atividades de identificação, delimitação, prospecção, escavação etc., os projetos de arqueologia aprovados pelo Instituto do Patrimônio Arqueológico Nacional – IPHAN necessitam apresentar métodos de extroversão do patrimônio arqueológico (entendidos em amplo senso como “socialização”). Isso se dá por força da Portaria IPHAN n. 07/1988, para os projetos de cunho acadêmico, bem como por força desta associada à Instrução Normativa IPHAN n. 01/2015 para os projetos ligados ao licenciamento ambiental. Observa-se, no entanto, que os termos utilizados nestas normativas, tais como “estratégias de esclarecimento e divulgação” e “fins científicos, culturais e educacionais”, são demasiado vagos e permitem a execução de ações tão diferentes quanto a entrega de folders, execução de entrevistas, apresentação de lives e podcasts, até escavações em sítios arqueológicos simulados. Assim, realizou-se levantamento das ações entendidas em amplo senso como “socialização” ou extroversão (conforme descritas nas normativas referidas) elencadas em 100 projetos dentre todas as tipologias (tanto acadêmicos como de licenciamento), executados no ano de

2019 e distribuídos em todas as regiões do Brasil. Tal levantamento teve como intuito entender quais ações e atividades estavam sendo propostas e executadas, bem como sobre a sua efetiva execução em acordo com os métodos/objetivos e público-alvo elencados nos projetos.

CONSTRUINDO CONEXÕES CULTURAIS: O PAPEL DO GEPAR NA SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO ATRAVÉS DOS AGENTES CULTURAIS

Cássia Aparecida de Moraes Barboza (Universidade Federal do Piauí), Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí), Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí), Estephanie Laura de Santana (Universidade Federal do Piauí (UFPI))

A educação patrimonial como parte da arqueologia pública, demonstrou ser uma ferramenta eficaz na preservação do patrimônio cultural, fomentando a importância das heranças culturais materiais e imateriais. O presente trabalho busca apresentar o projeto de extensão GEPAR - Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia, do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, vinculado a PREXC e coordenado pela professora Elaine Ignácio. O projeto iniciou-se em 2012 e trabalha com valorização do patrimônio cultural, mantendo como sua missão fundamental a socialização do conhecimento relacionado ao patrimônio cultural material e imaterial com ênfase na arqueologia e dando destaque as comunidades locais. Será exposto a metodologia utilizada na concepção das práticas educativas através de eventos sediados nos locais contemplados pelo GEPAR, por meio do envolvimento direto da população.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO UM VIÉS DE ENSINO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DO PIAUÍ

Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí), Cássia Aparecida de Moraes Barboza (Universidade Federal do Piauí), Estephanie Laura de Santana (Universidade Federal do Piauí (UFPI)), Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí)

A Educação Patrimonial vem se tornando um tema cada vez mais presente nas redes de ensino escolar, culminando na formação de indivíduos mais conscientes sobre os bens culturais que os cercam, resultando na preservação dos mesmos. Assim, o presente trabalho busca apresentar sobre a Educação Patrimonial empregue na cidade de Bom Princípio do Piauí, através do evento JOCUPAP - Jornada de Cultura e Patrimônio para Professores, e que acarretou, posteriormente, no desenvolvimento de projetos de ensino que visam o emprego da Educação Patrimonial em escolas de rede pública e comunidades, de diferentes cidades do Piauí e Maranhão. O evento foi realizado pelo projeto de extensão GEPAR - Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia, do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, vinculado a PREXC e coordenado pela professora Elaine Ignácio. A princípio, será abordado sobre as metodologias utilizadas no evento e como isso impactou os alunos e professores envolvidos no processo, além da percepção dos envolvidos no processo, que puderam presenciar o quanto a Educação Patrimonial é um tema que deve ser

aprofundado e expandido nas redes de ensino, não só do Piauí, como do Brasil, aspirando como valor primordial a valorização e preservação dos bens culturais de cada comunidade, como um todo.

EXTROVERSÃO DO CONHECIMENTO IN SITU: A FORMAÇÃO PRÁTICA DO EDUCADOR PATRIMONIAL EM CONTATO DIRETO COM OS AGENTES CULTURAIS

Estephania Laura de Santana (Universidade Federal do Piauí (UFPI)), Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí), Cássia Aparecida de Moraes Barboza (Universidade federal do Piauí), Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí)

O conceito de extroversão do conhecimento emerge como um paradigma fundamental na contemporaneidade, valorizando a disseminação ativa e colaborativa de saberes. No contexto da educação patrimonial, esse princípio se manifesta como uma oportunidade rica e transformadora, onde a interação entre educadores patrimoniais em formação e as comunidades locais se destaca como um eixo central, desempenhando um papel crucial na formação de educadores patrimoniais. Nesse cenário, o presente trabalho explora as dinâmicas da influência mútua entre educadores patrimoniais e comunidades e analisa os frutos dessa colaboração tendo como base a primeira edição do evento JOCUPA - Jornada de Cultura e Patrimônio, promovido pelo GEPAR - Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia, do curso de Arqueologia da UFPI - Universidade Federal do Piauí, de vínculo com a PREXC e coordenação da professora Elaine Ignácio. Serão considerados os reflexos do contato entre os educadores patrimoniais em formação e agentes culturais em diversos aspectos no processo de adquirir maior compreensão das dinâmicas sociais, das histórias individuais e das práticas tradicionais das comunidades, ponderando a experiência vivencial para a construção de pontes de diálogo e respeito mútuo; enfatizando como a abertura para a troca de conhecimentos entre as partes impacta o processo formativo e a valorização do patrimônio cultural, promovendo uma educação mais contextualizada, comprometida e inclusiva.

MAPA ARQUEOLÓGICO DE PARINTINS - MAPARQPIN: EXPANDINDO OS LIMITES

Carlos Victor Souza Gomes (UEA), Clarice Bianchezzi (Universidade do Estado do Amazonas)

Este Projeto de Iniciação científica tem se dedicado a expansão do Mapa Arqueológico de Parintins - MapArqPin, com a inserção dos sítios e vestígios arqueológicos localizados nos municípios de Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués e Nhamundá localizados na região do Baixo Amazonas (pertencentes ao estado do Amazonas). Desde o MapArqPin, no ano de 2021, essa inserção de dados que amplia o mapa vem contribuindo com a visibilidade acadêmico/científico dos sítios e vestígios arqueológicos e valoriza o patrimônio cultural dos municípios do Baixo Amazonas, muitas vezes desconhecidos pela sociedade em geral. Partindo de publicações e relatórios, produzidos por pesquisas arqueológicas, temos elaborado breves

descrições dos sítios arqueológicos conhecidos nestas jurisdições municipais. Após a inserção da localização dos sítios já identificados destes municípios citados, o mapa permanecerá disponível com acesso público, on line e interativo, assim como já vem acontecendo com o MapArqPin, oportunizando aos pesquisadores e sociedade acesso a informações sobre o patrimônio arqueológicos destes cinco municípios do Baixo Amazonas.

MUSEUS-ESCOLAS E ESCOLAS NOS MUSEUS: UM PROJETO ARQUEOLÓGICO DE EDUCAÇÃO POPULAR

João Vítor Marcon Camargo (Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP))

O Projeto Turvo, firmado por convênio entre a USP e a Prefeitura Municipal de Monte Alto-SP por intermédio do MAE/USP desde 1993, desenvolve pesquisas de campo em sítios arqueológicos do município e contribui para a musealização da arqueologia a nível local, com a gestão científica do Museu Municipal de Arqueologia. Este projeto é um exemplo de Arqueologia Pública em termos do financiamento, de relação com a comunidade e o Poder Público, evidenciando o papel da extensão universitária como pilar da produção científica. Com público de 30.000 visitantes/ano, majoritariamente composto por estudantes da educação básica da região, as recentes discussões acerca dos objetivos deste museu convergem para as possibilidades da relação museu-escola, em vista do papel eminentemente social/educativo dessas instituições. Esforços têm sido feitos para a curricularização da arqueologia no ensino público municipal e para a aproximação de alunes e professores através de oficinas de escavação simulada - discutindo temas como a profissionalização da arqueologia e o papel da cultura material no estudo do passado de ocupação indígena - e de produção de zines - inspiradas na criação de uma estética revolucionária, como proposta pela escola soviética Vkhutemas. Estas oficinas evidenciaram os limites da educação bancária, corroborando um compromisso com uma educação popular que busca a promoção da transformação social, dos direitos e lutas dos povos indígenas e da defesa da educação pública e integral.

NA TRILHA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS

Clarice Bianchezzi (Universidade do Estado do Amazonas)

Este Projeto de extensão universitária desenvolve um conjunto de atividades com acadêmicos/as e alunos/as da educação básica oportunizando ter acesso a informações sobre o patrimônio arqueológico de Parintins-Amazonas. Com debates sobre a legislação, preservação e valorização do patrimônio arqueológico; uma caixa/baú arqueológica com exemplares de fragmentos arqueológicos (musealizados) produzidos pelos grupos humanos indígenas do pré-contato colonial; momentos dedicados a compreender as características da cerâmica arqueológica, usos e técnicas de produção empregadas; atividades para moldagem com argila, contato com o saber fazer/moldar objetos de massa de argila, as etapas para a confecção, polimento e decoração dos objetos de cerâmica. Assim, aproximar o tema patrimônio arqueológico do ensino superior e educação básica tem sido uma das formas

de acesso a complexidade do conhecimento dominado pelos povos indígenas do passado e presente, valorizando, protegendo e respeitando a riqueza arqueológica e incentivando estudos, contribuindo na formação de cidadãos conscientes e críticos da sua própria herança cultural e identitária. Assim, com a educação patrimonial e a divulgação científica estamos colaboramos com a formação de sujeitos sociais capazes de valorizar e proteger o vasto patrimônio arqueológico presente, não somente no município de Parintins, mas em toda região Amazônica.

O CAMINHO PARA O SÍTIO: UMA MOSTRA DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELO GEPAR/UFPI EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PIAUÍ E A SOCIALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.

Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí), Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí), Cássia Aparecida de Moraes Barboza (Universidade Federal do Piauí), Estephania Laura de Santana (Universidade Federal do Piauí (UFPI))

O presente trabalho é a mostra de uma das atividades de socialização do conhecimento acerca do patrimônio arqueológico e cultural, em municípios do norte do Piauí, e das reflexões construídas a partir dessa atividade, pelo Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia – GEPAR. O GEPAR é um projeto de extensão ligado à Universidade Federal do Piauí- UFPI, idealizado e coordenado pela professora Elaine Ignácio. Ele tem a socialização do conhecimento voltado para o patrimônio cultural como propósito e busca desenvolver com a comunidade uma reflexão crítica sobre a importância da cultura material e imaterial na conjuntura histórica, social e no fortalecimento das identidades. Nesse sentido, dentro do projeto, são realizadas formações em educação patrimonial, ações junto às comunidades, produções gráficas e midiáticas e outras atividades. Dentre os trabalhos realizados pelo GEPAR/UFPI junto às comunidades está a visitação de sítios arqueológicos durante a realização de eventos, como a Jornada Cultura e Patrimônio- JOCUPA (2022) e a Jornada Cultura e Patrimônio para Professores- JOCUPAP (2023). Essas ações têm proporcionado experiências únicas e contribuído para a ampliação do conhecimento sobre a arqueologia e patrimônio que os participantes possuem e ainda evidenciado um compartilhamento de saberes entre a comunidade acadêmica e a comunidade em geral.

O PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CAMBURI NO ENFRENTAMENTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

João Paulo Soares Silva (Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP))

A relação entre o patrimônio cultural e as mudanças climáticas, como um campo interdisciplinar de conhecimento, é permeada por questionamentos, especialmente no âmbito metodológico. Além dos impactos do clima no patrimônio, relacionados a riscos e vulnerabilidades, objetivamos compreender como os saberes associados ao patrimônio imaterial podem se tornar uma ferramenta de resiliência climática. Esta pesquisa compila alguns resultados alcançados durante a implementação do projeto “Net Zero: Heritage for Climate

Action” (ICCROM), com foco nas abordagens metodológicas utilizadas. O trabalho foi realizado por uma equipe multidisciplinar, tendo como foco a Comunidade Quilombola do Camburi (Ubatuba/SP). A partir do conhecimento da comunidade, foram abordadas questões locais, conectando patrimônio cultural, redução de risco de desastres, construção da paz e ação climática. Para isso, os residentes definiram os significados de patrimônio e mudança climática, de acordo com suas vivências e interações com o território. Através das metodologias participativas aplicadas, foi possível compreender as demandas comunitárias e os principais riscos associados – enchentes e desmatamento – e iniciar o planejamento de futuras ações, visando a segurança alimentar e a redução de danos. Espera-se que as atividades, em contínuo desenvolvimento, resultem em mitigação dos riscos de desastres e conflitos, além de fornecer subsídios para maior participação na tomada de decisões rumo à justiça climática.

O USO DA INTERNET COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Cássia Aparecida de Moraes Barboza (Universidade Federal do Piauí), Marina Sousa Soares (Universidade Federal do Piauí), Kamila Carvalho Feitoza (Universidade Federal do Piauí)

Durante o cenário da pandemia de COVID-19, quando o contato presencial se tornou inviável e perigoso, a educação patrimonial passou a enfrentar problemas quanto as formas de colocar em prática ações educativas. Diante dessa conjuntura, tornou-se essencial adotar estratégias alternativas para prosseguir com as atividades de maneira segura e abrangente. Nesse contexto a utilização da internet se revelou como uma ferramenta significativa pois possibilitou um maior alcance do público para disseminação de informações referentes ao patrimônio cultural com ênfase na arqueologia. Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir do Curso de Educação Patrimonial realizado de forma remota em 2021, pelo projeto de extensão GEPAR - Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia, do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, vinculado a PREXC e coordenado pela professora Elaine Ignácio. Será exposto a metodologia empregada na concepção do curso, abrangendo estruturação e os resultados observados a partir da participação ativa dos alunos durante as aulas realizadas.

EIXO: Arqueologia Pré-colombiana

ABORDAGEM RADIOCARBÔNICA NA REVISÃO DAS CRONOLOGIAS ESTILÍSTICAS DAS CULTURAS ARQUEOLÓGICAS DO VALE DE LAMBAYEQUE, COSTA NORTE PERUANA.

João Marcus Bacurau (USP), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Ana Claudia Albuquerque Borella (Universidade de São Paulo), Rui Sergio Sereni Murrieta (USP), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP)

No Vale de Lambayeque, costa norte peruana, estão localizados sítios arqueológicos chave para a compreensão das dinâmicas bioculturais das sociedades dos Andes Centrais durante o período pré-hispânico. Reconstruir o modelo cronológico em que as culturas arqueológicas se desenvolveram é fundamental para o entendimento dessas dinâmicas. As fases culturais e os períodos arqueológicos foram estabelecidos através da seriação cerâmica. Essas sequências estilísticas são consideradas tão confiáveis que a datação direta de novas peças escavadas e de sepultamentos exumados muitas vezes não é considerada necessária. A teorização da sequência cronológica andina ainda é tema recorrente e a importância dos métodos de datação absoluta tem ganhado relevância. Selecionamos 23 esqueletos, de oito sítios arqueológicos do Vale de Lambayeque, para datação radiocarbônica direta. Os sítios escolhidos possuem histórico de ocupação do período formativo até o tardio, sendo utilizados por diversas culturas arqueológicas. Em alguns casos, encontramos discordância entre a data radiocarbônica obtida e a associação cultural dos sepultamentos. Próximos passos incluem a análise contextual dos sepultamentos a investigação das incongruências observadas. Esperamos que os dados obtidos auxiliem no refinamento cronológico da região e na caracterização arqueológica deste período.

PAISAGEM CÍCLICA, LUGARES DE RETORNO: UM ESTUDO DE RESILIÊNCIA CULTURAL EM CERRO VENTARRÓN, LAMBAYEQUE, PERU

Marcelo Fagundes (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI (UFVJM)), Marcia Arcuri (UFOP)

Esta comunicação tem como objetivo central discutir temas importantes para a pesquisa arqueológica voltada à compreensão de processos de constituição da paisagem, com base nos conceitos de abandono, ancestralidade, memória e resiliência. Entende-se a paisagem composta por movimento e dinamismo relacionados ao abandono, além das cosmografias, sendo integrante das trajetórias históricas. Como estudo de caso, apresentaremos dados do Complexo Arqueológico Cerro Ventarrón, Peru. A discussão está embasada na literatura sobre essas temáticas, nos trabalhos de campo e resultados das análises disponíveis até então. Ao fim, acredita-se que as estruturas arqueológicas Ventarrón indicam que ali o abandono foi consciente, integrado aos processos de resiliência e fio condutor de ideias que permitiram

e permitem a reprodução, colaboração e reciprocidade, alicerces do pensamento social nos Andes.

EIXO: Arqueologia pré-colonial

À CÉU ABERTO, EM PROFUNDIDADE: MÉTODOS DE PROSPECÇÃO E ANÁLISE LÍTICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA BOA VISTA, NO NORTE DE MINAS GERAIS.

Igor Marinho Costa Oliveira (UFMG), Maria Jacqueline Rodet (MHN-UFMG - SETOR DE ARQUEOLOGIA)

Durante as pesquisas arqueológicas conduzidas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na região do Alto-Médio Rio São Francisco, localizado no Norte do estado de Minas Gerais, foram identificados diversos sítios arqueológicos sob abrigo, além de alguns sítios à céu aberto em superfície. Porém, raros são os sítios à céu aberto em profundidade, como é o caso do Sítio Arqueológico da Boa Vista. Esse sítio encontra-se a uma distância aproximada de 50 metros de outro sítio em entrada de caverna, com picoteados e pinturas nas paredes, a Gruta João de Deus. O conjunto de materiais escavados do sítio da Boa Vista é composto por artefatos líticos, sobretudo, de quartzito, sílexito e quartzo (hialino e leitoso). Nesse contexto, propõe-se uma apresentação dos métodos empregados no processo de prospecção e identificação do sítio arqueológico, além de uma exposição preliminar dos resultados obtidos a partir da análise tecnológica das peças líticas encontradas no sítio. A análise se deu através de conceitos metodológicos oriundos da Escola Francesa, em uma tentativa de se entender a cadeia-operatória dos objetos, seus sistemas técnicos, a economia de matéria-prima, o nível de *savoir-faire* etc. Os resultados permitirão realizar a comparação com os materiais escavados na Gruta João de Deus, a fim de entender a dinâmica de ocupação nessa área, a partir das diferenças e semelhanças na tecnologia lítica presente nos dois sítios, um à céu aberto, outro em abrigo.

A TRADIÇÃO CERAMISTA ARATU E TUPI NO CONTEXTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CHÃ DAS LARANJEIRAS, PILÕESZINHOS - PB

Thamires Silva Cavalcante (UEPB), Arthur Franklin Ferreira Lopes (UEPB), Juvandi De Souza Santos (Universidade Estadual da Paraíba)

O sítio arqueológico Chã das Laranjeiras, localizado no município de Pilõeszinhos, estado da Paraíba, a cerca de 90km do litoral, apresenta artefatos cerâmicos com características da tradição ceramista aratu e tupi, presentes na região Nordeste. O material cerâmico desse sítio, conta com um número superior de cerâmicas da tradição aratu com acabamento grosseiro e alisado, líticos, material óseo, duas urnas piriformes, vasilhas de diversos tamanhos ovóides com alças e fina espessura, juntamente a vasilhames com decoração tupi. O objetivo principal da proposta é apresentar o material arqueológico, entender por meio de análises descritivas laboratoriais as características individuais de cada peça, estrutura, decoração e

usos, classificá-los em suas referidas tradições e buscar compreender melhor o contexto de ocupação da região, com base nas hipóteses de relação entre culturas, troca de artefatos, confronto e ocupação tupi.

ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO DO CERRITO PSG20- PAVÃO 1.

Maria Eduarda Ferreira Santana (UFPEL), Jefferson Foster da Silva (Universidade Federal de Pelotas)

Este projeto trata sobre a análise da coleção cerâmica proveniente do sítio PSG-20 - Pavão 01, um cerrito que, juntamente com o Pavão 02, compõe um complexo articulado a outros cerritos localizados na Lagoa do Fragata, junto à margem esquerda do canal São Gonçalo, entre os municípios de Pelotas e Capão do Leão, RS. O sítio é um cerrito típico do bioma Pampa e litoral sul-brasileiro. Esse trabalho faz parte do projeto “Arqueologia e História Indígena no Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim”, em desenvolvimento pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL). A coleção cerâmica proveniente das escavações do sítio PSG-20 caracteriza-se como uma indústria cerâmica simples e homogênea, que comporta vasilhas pequenas de caráter utilitário. Essa indústria cerâmica é relacionada às populações construtoras de Cerritos, os ancestrais dos povos Charrua Minuano. Com este trabalho, pretendemos apresentar uma descrição tecno-tipológica da indústria baseada em 375 fragmentos analisados e o resultado das projeções das vasilhas a partir de seis bordas.

ANÁLISE DOS VESTÍGIOS LÍTICOS IDENTIFICADOS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO JERÔNIMO, SÃO FERNANDO/RN.

Pedro Augusto Formiga (UFRN), Eduardo Alves dos Santos (UFRN)

O estudo dos vestígios líticos é algo potencial, sobretudo pela possibilidade de acessar conhecimentos e a visualização de períodos remotos e distantes. Nesse sentido, para este trabalho, empreendemos a abordagem tecnológica (TIXIER, 1978; NIZAN et al. 2017; PELEGRIN, 2020) aos materiais líticos provenientes do sítio arqueológico São Jerônimo, localizado as margens do rio Piranhas, importante manancial hídrico para a região do Seridó/RN. A partir da utilização do conceito de cadeia operatória (GOURHAN, 1968), buscamos alcançar a identificação da(s) indústria(s) lítica(s) e, para além da própria materialidade, o reconhecimento de características que se ligam ao sistema técnico do processo de fabricação e o entendimento dos gestos técnicos e, do *savoir faire* (saber fazer) colocado em prática em cada estágio da cadeia operatória. A coleção analisada conta com 356 peças e entre os resultados, tem-se que entre essas foi identificado uma pré-disposição pela utilização de seixos rolados de quartzo e quartzito; constatou-se ainda a presença de lascas (59%), núcleos (20%) e instrumentos (4%), a interpretação primária dos dados é de que esse material faz parte de uma confecção que

idealizava instrumentos façoados. Para mais, evidenciamos que uma abordagem tecnológica mesmo que em indústrias tidas simples, pode-se produzir reflexões e diálogos amplos, os quais objetivamos produzir e alcançar.

APONTAMENTOS TECNO-CULTURAIS SOBRE OS ADORNOS DE SILTITO FERRUGINOSO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado (UEMG)

Uma das características da coleção lítica exumada nos sítios arqueológicos pré-coloniais da Cidade de Pedra (MT) é a presença de uma indústria sobre plaqueta de siltito ferruginoso, uma matéria-prima local, de fácil acesso e utilizada, principalmente, para a obtenção de material corante. Também era utilizada para a produção de adornos (pingentes), que se distribuem ao longo de toda a estratigrafia do sítio Ferraz Igreja e apresentam morfologias variadas. Para evidenciar a lógica produtiva dessas peças encontradas em diferentes momentos cronológicos, empregou-se como método a análise tecnológica. Identificou-se duas cadeias operatórias que se distinguem na produção do local de suspensão e na finalização. Na primeira cadeia operatória, uma extremidade da peça é perfurada com um movimento circular alternante ao encontro. Os pingentes têm forma retangular e alguns receberam a aplicação de pigmento branco. Já na segunda, não há perfuração, mas a produção de incisões nos flancos da extremidade do pingente. As formas são variadas, algumas sugerindo representações figurativas. Em estratigrafia, essas duas cadeias operatórias se sucedem – a primeira relacionada ao intervalo de 1.900 ± 40 a 1240 ± 40 BP, enquanto a segunda, reporta-se ao intervalo de 1.060 ± 40 a 205 ± 40 BP. Este indício de descontinuidade técnica, já observada em outros elementos da cultura material, como a produção cerâmica, pode estar relacionada à chegada de um novo grupo social na região.

CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DOS SÍTIOS DE PALESTINA DE GOIÁS: RESULTADOS PRELIMINARES DA RETOMADA

Lourrany Alves Carrijo (Puc goiás), Camila Azevedo de Moraes Wichers (Universidade Federal de Goiás)

Será apresentada parte dos resultados da análise de materiais cerâmicos presentes nos sítios arqueológicos GO-CP-11; GO-CP-21; GO-CP-24 e GO-CP-25, localizados no município de Palestina de Goiás, a sudoeste do Estado de Goiás, região central do Brasil. Trata-se de sítios a céu aberto localizados em áreas aplainadas nas proximidades do córrego do Ouro. Foram escavados na década de 1980 (Schmitz, 1986) e retomados por projetos conduzidos por Viana (2007, 2012, 2022). Os materiais arqueológicos encontrados são predominantemente fragmentos de vasilhas cerâmicas, localizados principalmente nos primeiros níveis (0\10cm) e em superfície. A retomada dessas coleções e sua análise pautou-se no conceito de estilo tecnológico, compreendido por meio da cadeia operatória de produção, uso e descarte dos artefatos cerâmicos (Moraes, 2007). As características tecno-morfológicas evidenciam o em-

prego de uma diversidade de antiplásticos, bem como o predomínio de vasilhas profundas fechadas de contorno simples. Nosso propósito é destacar o saber-fazer e a pluralidade de conhecimentos tradicionais que estavam relacionados aos modos de produção das vasilhas e à função que elas desempenhavam. A proximidade espacial entre os sítios, e a faixa temporal em que eles se encontram, em cerca de 900 a 1.000 anos antes do presente tem, igualmente, potencializado a investigação da variabilidade artefactual inter sítios.

EVIDÊNCIA DE QUEBRA INTENCIONAL DE VASILHAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DE POVOS TUPI

Letícia Maria Marques Castelo Branco (UFPI), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

O estudo de cerâmicas arqueológicas representa uma dinâmica importante para o entendimento de aspectos culturais atinentes às culturas antigas. Com base na delimitação desse cenário, o presente trabalho perscruta evidenciar a recorrência de quebra proposital de vasilhas cerâmicas encontradas em contexto arqueológico. Através do processamento de coleta das imagens, observou-se que a ocorrência dessa conduta pode estar atrelada a aspectos ritualísticos associados aos povos de língua do Tronco Tupi. A análise foi realizada em vasilhas inteiras/semi-inteiras de diferentes regiões e evidenciada através de fotogrametria. A metodologia aplicada consistiu na tomada de registros fotográficos padronizados e realização de medidas e posterior classificação a partir do banco de dados de imagens e métrico. Subsequentemente, houve o preenchimento de planilha com as informações das vasilhas e classificação das diferentes quebras. Até o momento foi possível evidenciar cinco categorias de quebra, a saber: Rompida (130), circular (79), pontual (36), linear (8), incompleta (2). Para aquelas que não foi possível identificar intencionalidade utilizamos uma sexta categoria denominada inconclusiva, com o total de 51 vasilhas.

FRAGMENTOS E INDÍCIOS: A PERCEPÇÃO DA OCUPAÇÃO ATRAVÉS DE DIFERENTES MARCAS

Thamyres da Silva Pacheco (Universidade Federal de Minas Gerais), Lavínia Botelho e Brito (UFMG), Henrique Moreira Duarte Piló (Sete Soluções e Tecnologia Ambiental), Maria Teresa Teixeira de Moura (SETE Soluções e Tecnologia Ambiental)

A Arqueologia, por meio de seus critérios de análise, possibilita alcançar aspectos que não se limitam apenas à técnica. De forma que, a partir de uma observação contextual, pode estabelecer hipóteses quanto à intencionalidade da produção. Através da análise do material cerâmico do Sítio Arqueológico Muriçocas (Sudeste do Pará) foram identificados fragmentos reutilizados depois da quebra do utensílio e alguns cuja confecção aparenta não ter sido intencional. A partir deste estudo, pretende-se fazer um exercício de pensar os fragmentos cerâmicos em seu contexto de confecção e utilização para além de potes inteiros e de suas funções comuns. Por meio da análise laboratorial, que incluiu características como técnica de manufatura e morfologia, foi possível ter conhecimento de quais fragmentos apresentam marcas próprias e diferenciadas

tanto em referência a confecção quanto ao uso. Com as observações feitas sobre cada fragmento e busca bibliográfica para respaldo científico, ideias mais concretas puderam ser elaboradas. Assim, ao analisar fragmentos cerâmicos, as pontuações feitas e as características encontradas permitem uma contextualização mais aprofundada do sítio e, com isso, um maior entendimento da ocupação. Neste caso, através desses dados, houve a identificação da área do sítio onde possivelmente se concentrava a produção cerâmica, contribuindo para o exercício de pensar esses objetos para além de cacos, mas entendendo como e por que vieram a surgir.

IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS E COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS PRÉ-COLONIAIS NO MUNICÍPIO DE CLÁUDIO (MG) E REGIÃO

Carolina Ferreira dos Santos (UEMG), Júlia Martins Anacleto (UEMG), Juliana de Resende Machado (UEMG), Fabrício Lisboa Vieira Machado (UFMG), Mariana de Resende Machado (Carste Ciência e)

O projeto PAPq UEMG 11/2022 “O passado pré-colonial de Cláudio e região” tem por finalidade fazer o reconhecimento e o mapeamento de coleções e sítios arqueológicos pré-coloniais no município de Cláudio e no seu entorno. Apesar dos avanços notáveis nas pesquisas arqueológicas do Estado, as informações concernentes à região centro-oeste de Minas Gerais permanecem escassas. Em Cláudio, por exemplo, não há nenhum sítio arqueológico registrado no SICG/IPHAN. A metodologia adotada no presente projeto envolve uma abordagem abrangente que consiste no levantamento e estudo de fontes bibliográficas e documentais, levantamento de dados museográficos e entrevistas com moradores locais, a fim de rastrear coleções particulares. Até o presente momento, foram identificados três sítios arqueológicos que apresentam artefatos cerâmicos Aratu-Sapucai. Além disso, o Museu Histórico e Artístico de Cláudio guarda uma vasilha piriforme Aratu-Sapucai e uma pequena coleção de peças polidas, estas também encontradas em coleções particulares - instrumentos de moagem, lâminas de machado polidas, algumas com o tamanho excepcional de 30 cm de comprimento. Uma análise macroscópica das matérias-primas aponta para certa homogeneidade na escolha, o que pode indicar fontes locais. De fato, a região é rica em afloramentos de gnaíse. As observações iniciais indicam que os sítios e as peças se distribuem por diversas áreas do município e região, apontando para o alto potencial arqueológico da região.

INDÚSTRIAS LÍTICAS DE SUPERFÍCIE: A FATIAGEM DE SEIXOS (MUNICÍPIOS DE LAGOA DOS PATOS E JEQUITAÍ - MINAS GERAIS)

Beatriz Nogueira Zanon (UFMG), Arthur da Silva Campos (UFMG)

Durante trabalhos arqueológicos desenvolvidos na região do Alto Médio rio São Francisco, no norte do estado de Minas Gerais, foram coletados vestígios líticos provenientes de superfície de inúmeros sítios arqueológicos, situados nos municípios de Lagoa dos Patos e Jequitaí. As coleções líticas de superfície são um aspecto relevante dos estudos arqueológicos e nesse sentido, propõem-se expor a seguinte questão: quais métodos de fatiagem de seixos

podem ser identificados a partir da leitura tecnológica dos materiais de superfície? As análises tecnológicas foram realizadas a partir dos conceitos estruturantes da Escola Francesa, tais como, cadeia-operatória, savoir-faire, sistema técnico, economia de matéria-prima etc. Se tratando de coleções de superfície, há de se considerar algumas implicações de análise como, a impossibilidade do estabelecimento de uma relação cronológica devido ao palimpsesto, a possibilidade de o material arqueológico não estar localizado em seu contexto original de deposição e, ainda, as implicações pós-deposicionais. Nossos resultados apontam para a identificação de dois métodos de fatiagem principais, uma frente de debitagem e fatiagem centrípeta unipolar. Por fim, os resultados obtidos das análises, permitirão complementar os estudos já desenvolvidos na região acerca das dinâmicas de ocupação destes grupos humanos pretéritos e sua relação com o espaço e a paisagem.

MÉTODO DE PENEIRA ÚMIDA PARA AMOSTRAS ZOOARQUEOLÓGICAS EM SÍTIOS DE CONSTRUTORES DE CERRITOS NO SUL DO BRASIL

Andréa Jorge do Amaral Dominguez (Universidade Federal de Pelotas), Rafael Guedes Milheira (UFPEL)

No intuito de entender o processo de ocupação dos construtores de cerritos nos ambientes lagunares costeiros, vem sendo desenvolvida uma pesquisa de arqueologia regional focada no banhado do Taim, que compreende grande parte da Estação Ecológica do Taim – RS (ESECT-RS), o projeto Arqueologia dos cerritos em Unidades de Conservação, financiado pelo CNPq e FAPERGS. O sítio Taim 11 é um cerrito localizado aproximadamente a uns 200m da Lagoa do Nicola, numa região de banhados, pertencente à ESEC. O local fica encoberto pela vegetação baixa característica da região. Ao todo, foram escavados 16m². O uso de peneira seca durante as escavações é uma prática recorrente e usual, em que são usadas malhas acima de 6 mm, gerando perda de material ósseo e vestígios botânicos. É importante a revisão dessa prática com granulometria de peneiras entre 2 a 4 mm ou mesmo de 1 mm, que possibilita a recuperação de materiais muito pequenos, assegurando a representatividade de táxons ictiológicos e botânicos normalmente não identificados. Nessa proposta de Pôster demonstraremos o método aplicado as amostras do sítio Taim 11 tratadas com peneira úmida com malha de 4mm e 1mm, buscamos assim, manter a integridade quantitativa de exemplares para posterior triagem.

OUTRO UMBU NA ENCOSTA DA SERRA GAÚCHA: O SÍTIO CHIMARRÃO 1

Silvia Aline Pereira Dagostim (ARQUEOSUL), Juliano Bitencourt Campos (Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)), Paulo DeBlasis (MAE - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - DIVISÃO CIENTÍFICA)

Um sítio Umbu implantado no alto rio Turvo, afluente da margem direita do rio das Antas, na encosta da serra gaúcha, foi escavado no inverno de 2022. Este pequeno assenta-

mento (Chimarrão 1) apresentou indústria lítica peculiar de pontas bifaciais. O material estava concentrado entre 30-35cm, junto a blocos de basalto articulados - estruturas de fogueira. A coleção é tecnologicamente homogênea e curada, com peças de dimensões reduzidas, indicando uso intenso dos materiais disponíveis (ágata, calcedônia e riolito), sendo intensa a debitagem. O elevado número de lascas, microlascas e fragmentos indica a produção e reavivagem de um número de artefatos maior que os encontrados: pontas bifaciais e unifaciais, pequenos instrumentos sobre lasca (raspadores, buris, furadores e raclettes). As pontas têm forma e dimensão variada, pedunculadas, triangulares e foliáceas. Ocorrem bifaciais foliáceos/pré-formas de ponta fracassadas, recicladas para outro uso, em geral racletes. Uma datação foi produzida, 170 ± 30 BP (Beta 658570). Calibrada, tem 62% de probabilidade de ter até 153 anos, e cerca de 33% de se situar entre 1672-1780 cal AD. A Tradição Umbu tem grande longevidade, desde a transição Pleistoceno-Holoceno até mil anos atrás - talvez um pouco mais ainda, em alguns locais. A ideia de que o sítio possa representar uma ocupação bastante tardia, oculta em um recôndito e periférico recanto da serra gaúcha em pleno século XVII, tem seu encanto, mas é provável que o sítio seja mais antigo.

PONTAS BIFACIAIS E LESMAS MINIATURIZADAS DE PLANALTINA E ÁGUA FRIA DE GOIÁS/GO: RESULTADOS PRELIMINARES DO ESTUDO TECNOLÓGICO DE UMA INDÚSTRIA LÍTICA DE CAÇADORES-COLETORES

Juliana de Souza Cardoso (Traços & Ofícios - Consultoria Ambiental e Cultural), Maria Keiko Yamauchi (Prominer Projetos Ltda.)

Em 2019, durante os trabalhos de campo desenvolvidos no âmbito da avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico nas áreas de implantação da lavra de calcário da Votorantim Cimentos, em Planaltina e Água Fria de Goiás/GO, foram identificados cinco sítios arqueológicos líticos localizados a céu aberto. O conjunto artefactual exumado consistiu em dezenas de lesmas miniaturizadas, além de pré-formas bifaciais, percutores, uma ponta de projétil pedunculada e uma lâmina de machado polido. Estas peças foram submetidas a um estudo tecnológico cujos resultados preliminares sugerem que a associação de sítios arqueológicos à "Tradição Itaparica" não deve ser realizada de forma prematura considerando apenas a presença abundante de uma única classe de artefato formal, como a lesma, uma vez que este mesmo artefato pode apresentar variabilidade tecnológica e/ou tipológica regional e/ou cronológica.

UMALENTE SOBRE AS UNIDADES PRENSIVAS DAS FERRAMENTAS LÍTICAS DO SÍTIO GO-CP-16

Elisa Maria Da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

Apresentarei um recorte dos resultados parciais de análise de uma coleção de ferramentas líticas provenientes do sítio arqueológico GO-CP-16 (decapagens de 26 a 40), localizado município de Palestina de Goiás, na região sudoeste do estado de Goiás. A partir de uma visão múltipla e integrada dos componentes que constituem uma ferramenta lítica, incluindo suas

partes transformativas, preensivas e transmissora de energia, concentraremos nossa atenção nas unidades preensivas, as quais são essenciais para a compreensão da dinâmica das ferramentas líticas. Entendo que uma abordagem abrangente das ferramentas, conduzida pelo viés da abordagem tecno-funcional, representa um dos caminhos da pesquisa arqueológica para integrar o ser humano no cenário interpretativo. Nessa perspectiva, não enxergamos as pessoas apenas como produtora de ferramentas, mas também como agentes de transformação do ambiente. Mais especificamente, compreendo que no processo de manuseio (Gonzatto, Merkle, 2016), não apenas ocorre a incorporação da dinâmica do objeto ao corpo do sujeito (Warnier, 1999), mas também representa um momento em que as pessoas interagem e constroem o contexto em que vivem. Essa pesquisa faz parte do desenvolvimento do plano de trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido no âmbito do Projeto Patrimônio Arqueológico da região Sudoeste de Goiás (Viana, 2012) que numa perspectiva mais ampla, busca a compreensão da história profunda dos povos que viveram na região de Palestina de Goiás.

UMA VELHA ALDEIA EM UMA VELHA LAGOA – O ESTUDO DO SÍTIO LAGOA DA VELHINHA.

Juliano Bitencourt Campos (Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)), Silvia Aline Pereira Dagostim (ARQUEOSUL), Paulo DeBlasis (MAE - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - DIVISÃO CIENTÍFICA)

Um sítio Guarani de nome Lagoa da Velhinha, localizado sobre os depósitos eólicos pleistocênicos do rebordo Oeste das lagoas dos Esteves, Faxinal e Mãe Luzia - litoral do extremo sul catarinense, foi escavado no verão de 2021. O sítio apresentou uma coleção cerâmica com marcadores de processos de ensino aprendizagem (miniaturas de vasilhas) e manchas de terra preta que sugerem fortemente um assentamento mais duradouro. O conjunto morfológico compreende panelas para cozinhar (japepo), tigela para comer (ña'ẽmbe), tigela para beber (kambuchi kaguavá) e vaso para armazenar líquido (kambuchi). A presença de um 'kit doméstico' variável é um indicativo de que o local se tratava de uma aldeia e não de um acampamento temporário. O toolkit lítico tem artefatos com sulcos lineares - alisadores/calibradores e lascas em calcedônia com função mais difusa. A cronologia Guarani no sul catarinense tem muitos sítios ativos entre 500 e 250 anos AP, mas o contato com a sociedade européia implicou em mudanças no modelo Guarani de ocupação do espaço, reduzindo muito o contingente das aldeias. Como consequência, o padrão de assentamento foi modificado. É possível que os sítios pequenos são o resultado de núcleos familiares reduzidos devido a desarticulação do modelo econômico implantado por volta de 500 anos AP. Neste cenário, o sítio Lagoa da Velhinha está relacionado a uma aldeia de média densidade e que se conectava a outros sítios do rebordo Oeste das lagoas.

VARIABILIDADE ARQUEOLÓGICA ENTRE O MÉDIO ARAGUARI E A COSTA ESTUARINA DO AMAPÁ

Rian Patrick Portilho Meneses (Universidade Federal do Amapá), Bruno de Souza Barreto (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

As escavações realizadas nos últimos 17 anos pelo Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA permitiram repensar o modelo cronológico e tipológico definido por Meggers e Evans nos anos 1950. Os dados de campo demonstraram haver maior variabilidade tanto na costa estuarina, quanto no interior do estado, evidenciada pela alta diversidade de estilos cerâmicos e contextos de deposição dos artefatos. Tal diversidade é mais visível nos últimos séculos antes da invasão europeia. Esta pesquisa busca analisar a variabilidade cerâmica ao longo do eixo Médio Araguari/Costa Estuarina, a fim de compreender processos de interação. Para isso, estão sendo analisados 4 sítios arqueológicos. Três deles situados na região do médio rio Araguari (EDP, Paredão Leste e Prainha de Pedra), enquanto o quarto (CT-UEAP) está localizado na costa estuarina do Amapá, na zona urbana de Macapá. O estudo consiste na análise de um percentual de cerâmicas depositadas em estruturas de poços e fossas, com vasos inteiros e quebrados. A análise é realizada a partir dos elementos diagnósticos das vasilhas, como bordas, flanges labiais, bases, além das vasilhas inteiras e de outros artefatos cerâmicos considerados como não-recipientes. Para compreender os contextos de deposição nos sítios, estamos analisando a documentação de registro gerada em campo, bem como o emprego de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), com o intuito de entender a variabilidade cerâmica e espacial entre os sítios.

EIXO: Arqueologia preventiva

ARQUEOLOGIA PREVENTIVA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO GUARANI AMARÍLIS – PELOTAS – RIO GRANDE DO SUL.

Victória Ferreira Ulguim (Universidade Federal de Pelotas), Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

A cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul) possui 343,132 mil habitantes, estando entre as maiores cidades do Estado, tem atualmente vivenciado uma transformação no mercado imobiliário, crescendo de forma acentuada nos últimos anos, ocasionando uma maior procura no licenciamento arqueológico. Segundo o CNSA e o SICG a cidade possui diversos sítios arqueológicos cadastrado entre pré-coloniais e históricos. Sendo assim, o potencial arqueológico indicado e a intensidade da ocupação humana na cidade, enfatiza a importância do licenciamento arqueológico nos empreendimentos. O sítio arqueológico Amarílis, localizado na unidade administrativa Laranjal (Pelotas – RS), caracterizado como um sítio Guarani devido à materialidade cerâmica encontrada na área de inserção do empreendimento. O sítio em estudo encontrado na realização de um loteamento que atendeu a legislação no que tange a avaliação do impacto ambiental em

conformidade com o IPHAN-RS, garantindo assim a proteção do patrimônio cultural local. A execução das medidas protetivas elaboradas incluía a demarcação de uma área de preservação in situ e sua sinalização. Dessa forma, Pelotas possui registrado o primeiro sítio arqueológico indígena protegido em área urbana, proporcionando a comunidade de modo geral a conhecer e ter acesso a um sítio arqueológico indígena, fortalecendo o conhecimento sobre os grupos Guarani que ocuparam e continuam ocupando atualmente a região.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ESTRUTURANTE NO CONTEXTO DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL. SIM, É POSSÍVEL!

Ilza Carla Favaro de Lima (Scientia Consultoria Científica), Renato Kipnis (Scientia Consultoria Científica)

O potencial arqueológico de uma região pode ser um tema gerador para pesquisas e ações educativas, especialmente em diálogo com as referências culturais locais. Em um projeto educativo, cabe olhar para esses bens sob uma perspectiva conjunta e comunitária. No contexto das pesquisas associadas ao Licenciamento Ambiental constituiu-se num cenário bastante sensível essas relações com a comunidade de entorno. Neste sentido, a Semana Integrada de Educação Patrimonial de Caetité (BA), realizada no âmbito do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, procurou fortalecer e fomentar: a formação de agentes culturais, atentos à memória e identidade individual e coletiva; a articulação e o protagonismo comunitário e; a socialização das problemáticas do campo patrimonial, criando espaço para escuta, reflexão e construção conjunta de sentido para o patrimônio cultural no presente. Diante da fértil parceria estabelecida com lideranças de Terreiros de Candomblé, Associação de Mulheres, Cooperativa de Garimpeiros, Museu do Alto Sertão e Superintendência do Patrimônio, criamos um GT de Arqueologia permanente na cidade, uma exposição sobre Ancestralidade e Ambiente, e um roteiro de visita construído para ser guiado pela comunidade rural. Estas iniciativas seguiram se multiplicando no território, com o engajamento dos agentes interessados e a educação patrimonial cumpriu com seu papel de fomentar a participação social na formulação, implementação e execução das ações com o patrimônio.

OS FORNOS DE CAL EM CEZARINA - GO E REGIÃO

Maria Keiko Yamauchi (Prominer Projetos Ltda.)

Em 2022 foi realizado levantamento arqueológico na área ampliação de lavra de calcário da InterCement, em Cezarina-GO. Na área diretamente afetada foi encontrado um antigo forno de cal, sendo necessário verificar se constituía ou não um bem arqueológico a ser preservado/salvo. Adotou-se como metodologia de investigação a realização de entrevistas orais com moradores locais mais antigos, objetivando contextualizar cronológica e historicamente o forno, investigar a existência de outros e inseri-los num contexto temporal. Foram realizadas entrevistas não estruturadas, a partir de um roteiro básico de questões que pudessem esclarecer fatos, referências de localizações e circunstâncias vividas existentes nas lembranças

peçoais dos entrevistados, que possibilitassem elucidar e contextualizar a idade do forno de cal. Assim, o pôster trata da localização de 19 fornos de cal na região e a inserção temporal e histórica de cada um deles, levantados a partir da realização das entrevistas orais. Após trabalho de campo, georreferenciamento, e tomadas as dimensões e análise de técnicas construtivas e materiais constitutivos dos fornos, com ênfase nas semelhanças e diferenças, foi possível relacionar os mais antigos às décadas de 1930/1940, um segundo grupo situado nas décadas de 1950/1960 e um terceiro grupo situado nas décadas de 1970/1980, sendo o forno encontrado na ADA relacionado a este grupo, e não se configurando como bem arqueológico.

PRESERVAÇÃO IN SITU OU RESGATE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FRENTE A EMPREENDIMENTOS DE MINERAÇÃO NO CENTRO DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG), Lara Liz Marques Peixoto e Souza (UFMG)

O presente trabalho visa apresentar o cenário dos sítios arqueológicos submetidos a resgate ou recomendados para preservação in situ nos processos de licenciamento de empreendimentos de mineração do centro de Minas Gerais licenciados entre 2002 e 2020. Os dados foram obtidos mediante consultas de todos os processos administrativos disponíveis no SEI/IPHAN. Os levantamentos realizados demonstram que esta atividade é a maior responsável pela supressão de sítios arqueológicos na área de estudo. Isto ocorre mediante a destruição “controlada”, denominada Resgate ou Salvamento, ou como efeito colateral de ações não fiscalizadas ou não licenciadas. O licenciamento ambiental, entretanto, pode e deve atuar como fomentador da preservação in situ dos bens arqueológicos, que deveria ter prioridade diante do resgate, desde que orientada por critérios precisos que embasam a tal seleção. Entretanto, há uma discrepância entre a quantidade de sítios resgatados e preservados in situ, com prejuízo à manutenção dos sítios em seus locais de origem. Este dever está prescrito nas Cartas Patrimoniais e nas normativas que regem a gestão do Patrimônio Arqueológico. Como não há uma listagem organizada e disponível para consulta pública indicando se os sítios foram resgatados ou preservados in situ, propõe-se apresentar tais quantitativos e os principais vieses observados na pesquisa, visando contribuir para a melhoria das políticas públicas de proteção ao patrimônio arqueológico.

RECADASTRAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DE PELOTAS, ARROIO DO PADRE, CAPÃO DO LEÃO E MORRO REDONDO

Ana Carolina Sprenger (Universidade Federal de Pelotas), Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho visa apresentar os resultados preliminares obtidos no projeto de recadastramento de sítios arqueológicos, sendo este uma ação fundamental para adequada gestão e preservação do patrimônio arqueológico, definido na Portaria IPHAN 159/2016 como uma das

obrigações que devem ser estabelecidas ao compromissário de um Termo de Ajustamento de Conduta. O projeto tem como objetivo a delimitação, caracterização, extroversão do conhecimento e cadastramento de 98 sítios arqueológicos no município de Pelotas, Capão do Leão, Arroio do Padre e Morro Redondo. O projeto foi dividido em três etapas: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e sistematização dos dados obtidos. Dos 98 sítios, 51 constam no banco de dados do CNSA e/ou SICG. As pesquisas bibliográficas foram realizadas em instituições de endosso, laboratórios, entrevistas com arqueólogos/as e no Arquivo do IPHAN/RS. A etapa de campo levou em consideração as pesquisas bibliográficas e teve como objetivo realizar caminhamento, delimitação, verificação do estado de conservação e levantamento aéreo com drone. As informações levantadas foram sistematizadas em mapas, fichas de cadastro e tabelas. Até o momento 82 dos 98 sítios iniciais serão cadastrados. Os resultados obtidos serão inseridos nas plataformas oficiais do IPHAN (SICG e CNSA), e visam contribuir para a conservação e gestão do patrimônio arqueológico.

RESULTADOS DO PROGRAMA DE RESGATE E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO NA PCH VERDE 02, RIO VERDE/GO.

Sergia Meire da Silva (MRS Estudos Ambientais Ltda.)

O Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico realizado em 2021 na PCH Verde 02, situada em Rio Verde, Goiás, tinha como objetivo principal o resgate dos sítios arqueológicos Mudesto e Riacho Seco.

Para atingir esse propósito, foram empregadas diversas metodologias, incluindo prospecção em superfície e subsuperfície, abertura de sondagens e coletas em superfície. Essas abordagens permitiram contextualizar as descobertas arqueológicas e obter informações detalhadas sobre a cultura material arqueológica presente nos sítios. Por meio das análises das peças arqueológicas, foi possível a associação com uma cultura arqueológica previamente pesquisada na região.

Além do resgate arqueológico, o programa englobou o monitoramento do empreendimento e o Programa de Educação Patrimonial.

Em síntese, este estudo enfatiza a relevância das atividades arqueológicas no contexto do licenciamento ambiental e destaca a importância dos programas destinados à preservação e ao entendimento do Patrimônio Cultural Material Arqueológico na região de Rio Verde, GO.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASCATA DO MACACO BRANCO

Luis Vinicius Sanches Alvarenga (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)

O painel tem por objetivo apresentar o sítio arqueológico Cascata do Macaco Branco identificado na pesquisa de Arqueologia para o Licenciamento da LT 230 KV Livramento – Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul, o sítio fica no município de Santana do Livramento próximo a divisa com o Uruguai.

Sítio arqueológico caracterizado pela identificação de gravuras inscritas em um bloco destacado e rolado do afloramento rochoso, configurado como matacão. O matacão possui 6,80 metros de comprimento e 1, 85 metros de altura.

A área do entorno do bloco tem inclinação média no sentido sul em direção a áreas de banhado que dão origem a córregos, na porção sentido norte o referido cerro encontra-se coberto por vegetação nativa, onde aflora rocha arenítica.

A paisagem é ampla com visão em 360 graus e em baixa vertente encontra-se região de banhado. Foi vistoriado o bloco destacado e o perímetro radial com a realização de poços testes.

As gravuras estão na face sul do matacão, onde a superfície da rocha apresenta-se mais lisa e homogênea, foram identificados grafismos geométricos e incisões desgastadas que remetem a morfologia de um animal.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CEMITÉRIO CRUZ DAS ALMAS

Luis Vinicius Sanches Alvarenga (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)

O sítio arqueológico Cemitério Cruz das Almas foi identificado durante o trabalho de Arqueologia para o licenciamento ambiental da LT Povo Novo – Guaíba, no estado do Rio Grande do Sul, está implantado no município de Eldorado – RS. O cemitério configura-se como um testemunho dos tempos passados da região e o sincretismo religioso presente na sociedade rio-grandense e brasileira. Observa-se uso contínuo do cemitério como lugar de devoção e trabalhos de religiões de matriz africana, diversas imagens de santos católicos e de entidades do Candomblé, Umbanda e Batuque. Suas dimensões atuais de 21 metros de testada por 32 metros de comprimento totalizando cerca de 672m² de área. Um trecho com cerca de 132m² que possui delimitação por um muro de pedra argamassada indica que se trata de um primeiro momento da implantação do cemitério. Em um primeiro momento possivelmente havia o quadrilátero do muro de pedra e o cruzeiro. Além do muro de pedra, o local apresenta exemplares de túmulos com características mais antigas, com tampos de mármore e sepultamentos datando fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Em suma trata-se provavelmente do primeiro núcleo de implantação. Considerando uma ocupação de fins do século XIX, poucos túmulos desse período restaram, observa-se um em específico datando 1895, que apresenta o tampo em mármore talhado em baixo relevo e moldura de base da cruz em granito, os demais túmulos oriundos do mesmo período possivelmente desapareceram .

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE CAVIDADES NA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Lara Liz Marques Peixoto e Souza (UFMG), Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG)

As Instruções Normativas MMA 02/2009 e 02/2017 dispõem sobre a metodologia de classificação de relevância de cavidades. Baseiam-se na ausência ou presença de atributos constatados em seus interiores. Um deles é o Atributo XI, “destacada relevância histórico-cultural ou religiosa”. Diante disso, os processos administrativos de empreendimentos de mineração deferidos entre 2002 e 2020 no centro de Minas Gerais foram analisados a fim de verificar se houve manifestação do IPHAN. Também foi feito o cruzamento da localização de cavidades, suas áreas de influência iniciais e os sítios arqueológicos, visando identificar e ilustrar o cenário atual quanto à distribuição e preservação de sítios em cavidades, fato que enseja a classificação de relevância máxima. Com isso, observou-se que a quantidade de cavernas de relevância máxima reconhecidas é menor do que a de cavernas com a presença de sítios. Observa-se que há poucas indicações nos relatórios de arqueologia quanto à quantidade de sítios em áreas de influência de cavernas. Por isso, na amostra, sítios em cavidades compõem uma minoria frente aos demais, em áreas de empreendimentos de mineração. Ademais, a preservação e gestão desses patrimônios arqueológicos nessas áreas se mostraram contraditórias uma vez que são poucas as indicações de preservação e monitoramento desses bens. Portanto, a sistematização e distribuição espacial desses dados indicam lacunas que carecem de maior atenção para o bom desempenho das políticas públicas.

EIXO: Arqueologia subaquática

ARQUEOASTRONOMIA NO MORRO DA GALHETA EM FLORIANÓPOLIS/SC

Adnir Antonio Ramos (Instituto de Arqueoastronomia)

No costão da Galheta, em Florianópolis existem monumentos megalíticos cuja morfologia obedece as características de menires e dólmenes e até mesmo de cromlech. Em 1988 iniciou-se uma série de observações relacionando a posição do sol durante as mudanças de estações e o posicionamento de tais blocos graníticos. Posteriormente, com a sistematização da pesquisa verificou-se alguns alinhamentos arqueoastronômicos, em seguida foram feitos estudos a partir de aerofotogrametria, levantamento por GPS geodésico e roteamento dos pontos georreferenciado. O estudo evoluiu para análise dos dados a partir de software como Stellarium e Google Earth. Com isso, descobriu-se que tais arranjos megalíticos fazem parte de um complexo marcador de tempo relacionado aos alinhamentos dos astros nas mudanças de estações. Também foi realizado um levantamento bibliográfico que revelou que em 1918 o Geólogo catarinense, Vieira da Rosa, havia feito um estudo da geologia do Estado de Santa Catarina, quando constatou que tais blocos graníticos não se encaixavam com os pa-

drões geológicos. Neste artigo vamos focar em apenas um conjunto de megálitos localizado no morro da Galheta. Com este estudo espera-se que haja um despertar científico para tais conjuntos megalíticos, pois através deles podemos analisar questões climáticas que regule o cotidiano dos povos originários como também datações, analisando a acomodação dos megálitos na beira dos costões em relação ao Nível Relativo do Mar /transgressão regressão.

CARTA NÁUTICA ARQUEOLÓGICA DOS NAUFRÁGIOS DA REGIÃO DOS LAGOS NO RIO DE JANEIRO

Carlos Celestino Rios e Souza (UFPE), Lucimar Souza Cunha (Faculdade de Educação), Eduardo Krempser (Fiocruz), Daniela Cisneiros (UFPE), Marília Perazzo Valadares do Amaral (USP)

Esta pesquisa faz parte do projeto Carta Náutica Arqueológica Brasileira - Registro Blockchain e criação de NFT de Artefatos e ativos arqueológicos subaquáticos na Região dos Lagos. O projeto visa a criação de Plataforma Web para reunir informações arqueológicas do litoral brasileiro com uso de tecnologia blockchain e Tokens Não Fungíveis (NFTs) para Tokenização dos artefatos arqueológicos subaquáticos. A primeira parte do projeto consistiu em elaborar um mapa interativo com os naufrágios na Região dos Lagos (RJ). Os dados foram obtidos a partir de um levantamento documental que quantificou o tipo de embarcação, o número de naufrágios e identificou os fatores de socobros ocorridos no mar adjacente aos municípios de Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo ao longo dos últimos 500 anos. Buscou também contextualizar os naufrágios em seus respectivos séculos, com o objetivo de resgatar parte da história trágico-marítima de cada sítio. Os dados sobre os naufrágios foram processados, organizados e disponibilizados em um mapa interativo de acesso público. O resultado apontou para 62 naufrágios de 8 nacionalidades diferentes, foi possível também identificar 9 fatores de naufrágios, preponderando o hidrometeorológico. O mapa visa o acesso à informação e a divulgação científica, sendo adequado para demandas educacionais, turísticas e patrimoniais. As informações podem ser obtidas a partir do acesso www.quipomap.com/cnab e das ferramentas de busca e navegação disponibilizadas no site.

EIXO: Arqueologia urbana

BEM AO LADO DO MONUMENTO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: APAGAMENTO DE MEMÓRIAS FEMININAS E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO INSTITUTO BOM PASTOR. O QUE A MATERIALIDADE PODE NOS MOSTRAR?

Angélica Aparecida Moreira da Silva (Terceira Página Consultoria e Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas Ltda.)

Ao lado do Monumento da Independência, existia o Instituto Bom Pastor (IBP). Funcionando entre 1897 até 1971 e administrado por religiosas católicas da Congregação das Irmãs do Bom Pastor, o IBP foi fundado para abrigar, educar e 'regenerar' meninas e mulheres para o papel feminino imposto pela sociedade da época. Suas edificações foram demolidas

entre 1994 e 1995 e em 2005, foi cadastrado como Sítio arqueológico pelo Iphan. A área foi transformada em uma ampliação do Parque Independência, e para sua ampliação foi solicitado o acompanhamento arqueológico. Apesar de apresentar características comuns a outros estabelecimentos filantrópicos voltados à orfandade presentes no mesmo bairro no mesmo período, ele possui a singularidade de ter funcionado como uma casa reformadora para meninas e mulheres consideradas infratoras. Cabe assinalar que entre as tantas mulheres e meninas trazidas para o Instituto Bom Pastor, muitas foram vítimas da violência, da extrema pobreza, das mazelas sociais e de um código moral rígido sobre o comportamento feminino. E destas moças, muito pouco ou quase nada se sabe. A pesquisa arqueológica em desenvolvimento busca entender permanências e transformações ocorridas no cotidiano das meninas e mulheres institucionalizadas no antigo Instituto Bom Pastor (IBP) vizinho ao Parque da Independência. Ruínas de um porão, aviamentos de costura, lâminas de barbear, frascos de cosméticos e medicamentos compõem o acervo arqueológico deste sítio.

EIXO: Arqueometria

CACOS PELA CIDADE: DO QUE É FEITA A FAIANÇA FINA?

Camila Pedron del Pozo Gregorio (USP), Marcia de Almeida Rizzutto (Intituto de Física - USP)

Fragments de louças estão entre os principais vestígios arqueológicos encontrados em sítios históricos e apresentam enorme potencial interpretativo sobre situação socioeconômica, hábitos alimentares e comportamento de consumo (Symanski, 1998). Porém, as reservas técnicas com acervos arqueológicos apresentam uma grande quantidade de fragmentos não diagnósticos, nos quais não é possível identificar sua proveniência. Além disso, o que sabemos sobre a produção de faiança fina nacional? Neste estudo, objetiva-se caracterizar a composição das diferentes faianças finas encontradas em sítios arqueológicos da cidade de São Paulo e São Caetano do Sul (SP), presentes no acervo do Centro de Arqueologia de São Paulo, por meio da técnica Fluorescência de Raio X por dispersão de energia (FRX-DE). As peças escolhidas foram produzidas pelas fábricas Adelinas, Fábrica de Louças Santa Catarina, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo-São Caetano do Sul (SP/Brasil), Thomas Hughes (Inglaterra), Opaque de Sarreguemines (França) e Societé Ceramiqué Maestrich (Holanda), assim é possível compreender melhor o processo de fabricação desse tipo de louça, mas também buscar possíveis elementos que diferenciem as diversas fábricas. Os resultados obtidos até o momento evidenciam que é possível separar a pasta da produção brasileira da estrangeira através de elementos químicos como Fe, Zr, Rb e Sr. Os elementos químicos Ca e Ti, presentes no vidro, possibilitaram separar as diversas fábricas em grupos.

INVESTIGAÇÃO DE TECNOLOGIA CERÂMICA POR TRÁS DE MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ATRAVÉS DE TÉCNICA ANALÍTICA NÃO DESTRUTIVA

Pedro Henrique Borges da Silva (USP), Marcia de Almeida Rizzutto (Intituto de Física - USP), Fabio Guaraldo Almeida (LINTT/MAE/USP)

A comunicação pretende apresentar os procedimentos e resultados de caracterização não destrutiva em cerâmicas arqueológicas encontradas na comunidade quilombola de Galeão, localizada na ilha Tinharé, município de Cairu (BA). Através de análise estatística multivariada por componentes principais (PCA) dos dados adquiridos por espectroscopia por fluorescência de raios X, buscou-se elucidar hipóteses para pesquisa arqueológica que investiga as relações entre indígenas, europeus e africanos pela produção de cerâmica, desde o período colonial, na região do baixo sul baiano. O material encontrado no quilombo apresenta morfologias de cerâmicas portuguesas coloniais, porém com tratamentos de superfície e decorações utilizando técnicas e matéria-prima próprias das populações indígenas locais – como, por exemplo, o engobo de argila ferrosa denominada tauá. Tais técnicas ainda hoje são praticadas nos centros de olarias existentes na região da pesquisa. Portanto, o mesmo procedimento de análise realizado nas peças foi reproduzido para amostras atuais de argilas coletadas nas olarias da região. Assim, pretende-se mostrar a permanência das técnicas coloniais de produção das cerâmicas, mesmo após quando colonos europeus organizaram os trabalhos de homens africanos e mulheres indígenas nas olarias da região, para abastecerem os engenhos, vilas e fortes militares com objetos necessários para produção e consumo de alimentos.

EIXO: Arte rupestre

ANÁLISES ARQUEOMÉTRICA DOS PIGMENTOS DA ARTE RUPESTRE NA SERRA NO LAJEADO- TOCANTINS.

Marcia Regina Escorteganha (MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA -MHSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Thiago Guimarães Costa (fundação Catarinense de cultura)

As pinturas rupestres representam um patrimônio cultural e artístico valioso que oferece insights sobre as sociedades antigas e suas expressões criativas. O sítio arqueológico Abrigo do Adélio e sitio do Jon, localizados na Serra do Lajeado (Palmas, TO), contexto + de 50 sítios na escarpa da Serra do Lajeado. Onde foram identificadas diferentes estilos de pintura rupestre. Alguns destes sítios foram parcialmente escavados e indicam ocupação humana antiga e contínua(início suposto :12.000 anos cal. AP.) Compreender o processo de produção dessas pinturas, descobrir quais foram as matérias primas selecionadas, como foram preparadas e aplicadas nas paredes, são algumas das questões que queremos responder através da parceria estabelecida entre LEIA, NCR/MHSC e ATECOR-FCC. Estas e outras ques-

tões integram o projeto “Pessoas no movimento: povoamento, abandono e territorialidade no processo de ocupação do Planalto Central Brasileiro”, coordenado pelo Dr. Lucas Bueno e financiado pela The Wener-Green Foundation. Sendo assim, esta pesquisa se concentra na aplicação da Arqueometria para analisar micro-amostras usando métodos arqueométricos (análises da rocha e dos pigmentos) para investigar as características físico-químicas. O objetivo é contribuir significativamente para compreensão do passado pré-histórico da região, revelando informações sobre os materiais utilizados, as práticas artísticas e o contexto cultural em que as pinturas foram criadas.

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE SÍTIOS COM REGISTROS RUPESTRES NO ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

Marilia Perazzo Valadares do Amaral (USP)

Este trabalho objetiva apresentar os resultados da pesquisa realizada no estado de São Paulo, com base na caracterização gráfica e na aplicação de um corpus teórico para a elaboração de novos métodos para o registro documental dos 54 sítios com grafismos rupestres identificados. A análise foi realizada com base nas dimensões técnica, temática e cenográfica, com foco no significante gráfico e no contexto arqueológico dos sítios. As gravuras rupestres aparecem de forma dominante em abrigos sob rocha, podendo-se verificar, em menor quantidade sítios posicionados em suportes horizontais a céu aberto. As figuras não reconhecíveis se sobressaem, podendo-se observar cinco tipos gráficos: tridígitos, cúpules, gradis, conjunto de linhas e figuras circulares. Há presença, em menor quantidade, de figuras reconhecíveis como marcas de pés e zoomorfos. As técnicas de execução das gravuras são o picoteamento e a raspagem. Observa-se uma preferência por um traçado em V, com sulcos profundos e estreitos, de traçados contínuos. Os sítios com presença de pinturas rupestres representam 45% do universo estudado, havendo dominância de tipos gráficos não reconhecíveis caracterizados por tridígitos, gradis e conjuntos de pontos. Dentre as figuras reconhecíveis observam-se antropomorfos e zoomorfos, os quais aparecem no conjunto gráfico sem formar cenas. As análises gráficas estão sendo aportadas por meio de modelos tridimensionais permitindo maior precisão na mensuração e correlação dos dados.

EXPLORANDO OS MISTÉRIOS DOS GRAFISMOS ANCESTRAIS EM SÍTIOS DE PINTURAS ITACOATIARAS: ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA, DE SIMILARIDADE E COGNITIVA NOS SÍTIOS TOCA DO TAPUIO, TOCA DO TAPIM E TOCA DO ÍNDIO, CAETITÉ - BAHIA

Willian Pereira Leal (UFPI Universidade Federal do Piauí)

A pesquisa arqueológica, analisa as possíveis conexões entre os sítios arqueológicos Toca do Tapim, Toca do Tapuio e Toca do Índio, localizados no município de Caetité, sudoeste da Bahia, Brasil, sua relação com a paisagem em suas formas estilística e simbólica. O estudo utilizará abordagens teóricas como a arqueologia da paisagem, arqueologia cognitiva e Arqueometria para analisar os grafismos presentes nos sítios arqueológicos, desde aspectos

técnicos como sua produção, local de inscrição e matérias-primas utilizadas, até a formação de um quadro cultural dinâmico das populações autoras.

FAZENDO FIGURAS: CRONOLOGIA

Amanda Trindade Diniz (UFMG), Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG), Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG), Andrei Isnardis Horta (Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG)

Através de novas proposições metodológicas para a análise e registro é possível entender um pouco melhor o processo de sobreposição dos traços que compõem uma mesma figura. A figura que aqui apresentamos, está pintada nas paredes da Lapa do Boi Leste, em Diamantina/MG, Brasil, e faz parte de um contexto regional em estudo há pelo menos duas décadas, dando bastante destaque às pinturas rupestres. Nesta figura de aproximadamente 20x20cm, uma maior atenção a estes elementos proporcionou a compreensão de seu processo de construção a partir do ordenamento cronológico dos traços aplicados durante seu fazimento. Foi possível diferenciar 29 traços que a compõem. Entre esses 29 traços foi possível caracterizar mais de 20 sobreposições. Algumas sobreposições simples (dois traços, um sobreposto a outro, sem nenhuma outra relação) e sobreposições mais complexas, que envolvem até 18 traços. Tal caracterização trouxe outros elementos para nossas discussões regionais, particularmente, a importância da sequência da pintura durante sua execução que evidencia uma maneira particular de se construir a figura na parede e com o corpo.

FAZENDO FIGURAS: DIREÇÕES DOS TRAÇOS

Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG), Amanda Trindade Diniz (UFMG), Andrei Isnardis Horta (Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG), Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG)

De quantas formas diferentes pode se pintar uma figura? Nos abrigos rupestres de Diamantina/MG, estão pintadas muitas figuras em forma de veado. Elas são, ao mesmo tempo, parecidas, no que diz respeito à morfologia e diferentes em relação à forma de fazer. Compostas por muitos traços, elas compartilham formas e proporções, mas apresentam grande variedade na organização dos traços. Ao nos engajarmos com algumas dessas figuras, nossa equipe caracterizou marcas indicativas das direções dos traços que as compõem. Neste pôster, será apresentada uma figura da Lapa do Boi composta por 70 traços, na qual foi possível caracterizar a direção em 26 deles. Foi possível identificar alinhamentos de traços em sentidos diferentes formando o contorno da figura, do “topo da cabeça” à “barriga”, um alinhamento de traços em sentido horário e, do “topo da cabeça” passando pelo “dorso” até o “rabo”, traços na direção anti-horária alinhados. A direção dos traços não corresponde necessariamente ao sentido geral de pintura da figura, na medida em que é possível fazer um alinhamento no qual cada traço foi feito da direita para a esquerda, mas a sequência

dos traços foi feita da esquerda para a direita. A análise da direção dos traços que compõem uma figura é um dos elementos que nos permite entender de forma criteriosa de que forma ela foi feita, com quais gestos e movimentos corporais. Também nos dá a possibilidade de comparar figuras parecidas no que se refere a seus modos de fazer.

FAZENDO FIGURAS: TESSITURAS E ENGAJAMENTOS EM FOCO

Andrei Isnardis Horta (Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG), Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG), Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG), Amanda Trindade Diniz (UFMG)

Via de regra, os estudos de grafismos rupestres tomam a forma observável como o objeto primeiro e final das análises. Como alternativa a isso, nossa equipe vem tecendo análises do modo de se fazer as figuras em diferentes regiões de Minas Gerais. Este painel apresenta argumentos em favor dessa proposta e possibilidades que ela nos traz. Discutir o modo de elaboração das figuras nos oferece outra dimensão para perceber regularidades e variações dentro do repertório gráfico de uma região, assim como para comparar acervos de regiões diferentes. O foco na elaboração é capaz de qualificar e de nos ajudar a entender de forma renovada a variabilidade das figuras, num determinado repertório gráfico, especialmente onde formas figurativas são pouco frequentes. O estudo do modo de construção também pauta a relevância do próprio processo de construção de figuras. Abre-se assim caminho alternativo ao dominante, que vê a elaboração como somente um meio para se chegar às formas supostamente finais, estas sim objeto de interesse por parte das(os) autoras(es). Em contextos ameríndios, tem ficado claro que o engajamento no processo de fazer é objeto de forte interesse pelas pessoas. Outros aportes teóricos também têm sugerido a inadequação da centralidade da forma em termos dos processos de estar e de tecer o mundo. Dedicando-nos à observação e análise do modo de fazer, nos engajamos mais intensamente na relação com as figuras, percorrendo seus atributos sutis e nos enredando em sua tessitura.

FAZENDO FIGURAS: TRAÇOS E MARCAS

Rogério Tobias Junior (PPGAN-FAFICH-UFMG), Andrei Isnardis Horta (Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG), Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG), Amanda Trindade Diniz (UFMG)

Fazer é um processo relacional em que diversos campos de forças envolvidos geram marcas e formas que são manifestações materiais mais ou menos estáticas destas mesmas relações. O estudo da arte rupestre por meio do fazer depende da identificação e caracterização de elementos materiais que nos forneçam indícios objetivos para abordar as maneiras

de interação desses campos de forças. Buscamos caracterizar estes elementos através da observação direta das figuras, no sítio. Isto nos permite estabelecer alguns critérios fundamentais para a análise do fazer: a unidade-traço e alguns de seus atributos integrantes - espessura da tinta, relação com o suporte e marcas de aplicação. Estas últimas são a base para uma abordagem analítica do fazer. Em Diamantina/MG, Brasil, tintas espessas permitiram caracterizar nos traços: estrias do instrumento que aplica a tinta, de arrasto de pigmento e de borda de traço, pontos de acúmulo e concentração de tinta, entre outras que levam ao entendimento dos gestos e posturas empenhadas no fazer. Tais marcas, individualmente, ou interagindo em um ou mais traços, levaram a duas informações fundamentais para nossa proposta: cronologia intra-figura e direções do gesto de aplicação. O registro sistemático foi realizado em observações diretas no sítio e identificaram-se as posições e orientações das marcas. Assim, diversos aspectos do fazer foram caracterizados, demonstrando o potencial analítico e interpretativo destes elementos no estudo da arte rupestre.

LEVANTAMENTO DOS AGENTES DE DEGRADAÇÃO DOS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL DO CATIMBAU – PE

Gustavo Peixoto de Lima (UFPE)

A conservação dos registros rupestres é essencial ao estudo do comportamento de populações em períodos pré-históricos, ao preservar esse sistema de comunicação, tem-se uma contribuição para a manutenção desse patrimônio, possibilitando um contínuo sistemático de pesquisas e análises sobre o tema. Por ser um arsenal exposto às degradações naturais e às ações antrópicas, torna-se fundamental a caracterização desses agentes para formalizar um diagnóstico que abranja o sítio e os grafismos, a fim de apontar as diretrizes para ações e estruturas de conservação. A presente pesquisa realizou uma análise da situação de 19 sítios com pinturas rupestres no Parque Nacional do Catimbau em Pernambuco. Para a realização da pesquisa, foi necessário, identificar os agentes de degradação presentes nos suportes rochosos dos sítios. A partir das observações de campo e análises imagéticas, cada sítio foi mapeado indicando os agentes e fatores de degradação atuantes. A partir dos resultados parciais, foi possível observar que a totalidade dos sítios na área sofrem ação direta do sol, chuva e vento; destaca-se um grande impacto de eflorescência de sais e de microorganismos. As ações antrópicas diretas foram constatadas, porém em menor número. A base de dados imagética, documental e ambiental levantada para esse projeto poderá ser utilizada posteriormente de diversas formas para a preservação deste patrimônio.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS GRAFISMOS NA TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA, SERRA DA CAPIVARA, PI.

Caroline Augusta de Carvalho Macedo (nao)

A partir das análises feitas nesse trabalho foi possível compreender os processos de construção das pinturas rupestres a começar da tinta seguida pelos traços. Para isso, foi

necessário qualificar adequadamente cada elemento que constitui o grafismo. Portanto, estabelecemos durante a construção desse trabalho algumas terminologias, que foram relevantes para essa pesquisa, mas que podem servir de referência para outros estudos de pintura rupestre. Deste modo, através das análises foram percebidas várias irregularidades, coisas que parecem ser a norma de produção desses grafismos, como uma infinidade de traços, diferentes entre si, traços abertos e traços fechados, que se manifestam em locais/ momentos distintos, não existindo uma regra estrita quanto à utilização deles. No entanto, mesmo dentro das irregularidades algumas tendências são observáveis. Os traços abertos e fechados, por exemplo, estão presentes em todas as figuras, embora tenha sido percebido que existem mais traços abertos do que fechados. Essa peculiaridade parece indicar que os autores não estavam tão preocupados com a forma do traço ou o seu contorno, mas essencialmente com a sua presença.

SEGREGAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS COMPONENTES GRÁFICOS DAS CENAS COM ÁRVORES NOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA SERRA DA CAPIVARA - PI

Keterini Anastácio Lima (UFPE), Daniela Cisneiros (UFPE)

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar as composições que integram fitomorfos e antropomorfos, identificadas nos sítios da Área Arqueológica Serra da Capivara. As chamadas “cenas da árvore” podem também ser consideradas como figuras emblemáticas da tradição Nordeste, ou seja, aquelas que têm recorrência em diversos sítios, representadas por cenas de ação ou composição e que estão inseridas em um cenário de mesma classificação tipológica. Para o trabalho foram analisadas 15 cenas em 7 sítios distribuídos na área de pesquisa. Para a análise foram estabelecidos os seguintes descritores: cor, morfologia, gestualidade, acompanhamento e quantidade de elementos que integram a cena. A partir da análise observou-se que as composições foram executadas na cor vermelha, representadas por antropomorfos com postura de mãos erguidas em torno de um fitomorfo; quanto à morfologia do corpo podemos observar dois tipos recorrentes, arredondadas e alongadas; cerca de 70% dos casos 2 antropomorfos compõem diretamente a cena, foi observado também cenas em que se apresentam mais 2 antropomorfos em segundo plano portando objetos, o plano de apresentação desses antropomorfos apresenta-se em perspectiva. As composições de árvores observadas no cenário rupestres da Serra da Capivara, associadas à gestualidade remetem a alguns ritos indígenas que envolvem plantas, a exemplo do rito do ouricuri representado em etnias como os Kariri-Xocó e Fulni-ô, apresentadas na etnografia e em ritos atuais.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS GRAFISMOS PUROS PINTADOS E GRAVADOS NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO PARQUE NACIONAL VALE DO CATIMBAU - PE

Anderson Luiz Silva de Oliveira (UFPE), Daniela Cisneiros (UFPE)

O trabalho em tela tem por objetivo a análise de pinturas e gravuras rupestres localizadas no Parque Nacional do Catimbau (PE). Essa área dispõe de um acervo, com distintas

manifestações rupestres que se diferem em técnicas, escolhas temáticas e cenográficas, de caráter reconhecível e não-reconhecível, que podem ser consideradas como indicadores gráficos de levadas ocupacionais na área ou diferenças funcionais dentro de um mesmo grupo cultural. Essa pesquisa teve por meta a identificação das semelhanças e diferenças no significativo dos grafismos puros presentes em quinze sítios arqueológicos. Estando inseridos no universo analítico da arte rupestre, estes grafismos podem ser considerados como registros dotados de características visuais e morfológicas próximas a elementos abstratos e em tese não relacionados morfológicamente com elementos do mundo sensível. Sua presença é identificada e catalogada nos sítios arqueológicos, incluindo morfologias universais como círculos, linhas e pontos sequenciais. Na análise, foram aplicados critérios de ordem técnicas e morfológicas na escolha das variáveis trabalhadas, entre elas: tamanho, forma, cor, profundidade, arranjo e disposição. Com os dados obtidos, identificaram-se diferentes composições gráficas, que apresentam tamanhos e arranjos diferenciados, porém, com semelhanças morfológicas em conjuntos gráficos pintados e gravados, como círculos concêntricos, tridígitos, pontos sequenciais e linhas.

SIMILARIDADES E DIFERENÇAS DAS CENAS DE SEXO NOS SÍTIOS COM GRAFISMOS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA (PI) E SERIDÓ (RN).

Isabela Maia Ramos (Universidade Federal de Pernambuco), Daniela Cisneiros (UFPE)

A pesquisa, ainda em fase inicial, tem por finalidade a partir da identificação dos componentes reconhecíveis das pinturas rupestres, segregar as particularidades gráficas nas pinturas cujos parâmetros cenográficos indicam se tratar de cenas de sexo. A pesquisa visa compreender quais são os componentes cênicos e gestuais que aparecem nessas representações e como estas ações estão representadas em duas áreas arqueológicas. Parte-se aqui da premissa que os grafismos rupestres podem ser compreendidos como componentes de sistemas de comunicação social que, nas sociedades de tradição oral, cumprem funções mnemotécnicas. As representações sexuais são uma constante ao longo da História. Essas cenas documentadas apontam para temas centrados na reprodução e ilustram as práticas sexuais. Investigar as representações sexuais não é fácil, devido a tabus, condições culturais e religiosas; e torna-se ainda mais limitado quando se trata de conhecer o comportamento sexual e gráfico de sociedades passadas, onde se desconhece o código de comunicação. As cenas configuram-se no principal objeto de estudo desta pesquisa. A definição das cenas baseia-se na dimensão cognitiva da identificação de antropomorfos em interação. Os descritores estão centrados na cenografia. Observa-se que as duas áreas estudadas têm formações cênicas distintas, que envolvem um, dois ou mais indivíduos, as representações fálicas são mais presentes que as representações do órgão sexual femininos em ambas as áreas.

TINTAS EMARANHADAS: SINCRONIA NAS PINTURAS RUPESTRES DA LAPA DO BOI (DIAMANTINA/MG)

Larissa de Oliveira Magalhães (Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG)

Este pôster tem como objetivo apresentar um dos resultados da pesquisa que realizei em minha monografia, na qual trabalhei com as pinturas rupestres da Lapa do Boi (Diamantina/MG). No sítio, foram identificadas 31 tintas diferentes, a partir de atributos como cor, mistura, espessura, textura e diluição, as quais foram organizadas cronologicamente de acordo com as informações de sobreposição observadas in situ. Dentre elas, sete tintas foram caracterizadas como tendo a mesma cronologia, pois se sobrepõem mutuamente. Ou seja, uma tinta A aparece sobre outra tinta B, mas em outra parte da parede B aparece sobre A, não sendo possível indicar qual a tinta mais recente e qual a mais antiga. Na Lapa do Boi, as sete tintas estabelecem relações entre si, configurando um entrelaçamento complexo. Elas também são as tintas que mais pintaram o sítio, tanto em número de figuras, quanto em área. Assim, partindo do pressuposto da não replicabilidade de uma tinta nesse contexto e considerando a grande quantidade de relações que essas tintas estabelecem entre si nas paredes da lapa, propus a ideia de que as figuras pintadas com essas tintas teriam sido feitas em um mesmo momento. Teria sido um momento de pintura coletivo, no qual cada pessoa pintava com uma tinta e ia entrelaçando seus desenhos com os das outras na parede?

EIXO: Bioarqueologia

AGENTES TAFONÔMICOS E PADRÕES DE DETERIORAÇÃO NOS SEPULTAMENTOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAIXA D'ÁGUA (BURITIZEIRO – MINAS GERAIS).

Ana Claudia Albuquerque Borella (Universidade de São Paulo), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP), Maria Jacqueline Rodet (MHN-UFMG - SETOR DE ARQUEOLOGIA), João Vítor Marcon Camargo (Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP)), Laura Lisboa de Freitas (USP), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo)

O sítio arqueológico Caixa D'água, localizado às margens do Rio São Francisco, em Buritizeiro (MG), é um dos poucos cemitérios do Holoceno Médio no Brasil Central, tornando-o um importante sítio para estudos sobre práticas funerárias das populações deste período. Contudo, uma série de agentes tafonômicos provocaram a destruição e perturbação dos esqueletos, o que dificultou a análise funerária dessa coleção. No presente trabalho, os diferentes processos tafonômicos observados nos sepultamentos de Caixa D'água foram identificados e descritos. Um total de 19 enterramentos foram estudados, com base na análise macroscópica dos esqueletos e na documentação de campo. Os ossos analisados apresentam alterações tafonômicas de origem antrópica, física e biológica. Entre elas, a ação destrutiva de insetos

(isópteros/cupins) é a mais frequentemente observada, tanto em ossos longos como nos crânios da maioria dos indivíduos. De maneira geral, todos os sepultamentos apresentaram efeitos tafonômicos similares, sugerindo que esses processos ocorreram no sítio de forma quase homogênea, independentemente da localização e posição do esqueleto no sítio.

ASPECTOS BIOANTROPOLÓGICOS DE REMANESCENTES HUMANOS ASSOCIADOS ÀS URNAS DE TRADIÇÃO TUPIGUARANI DE SOROCABA E REGIÃO

Mateus Lopes Teixeira (USP), André Strauss (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), Rodrigo Elias de Oliveira (Faculdade de Odontologia da USP)

Os grupos produtores de cerâmica da tradição Tupiguarani, ancestrais das populações falantes da família linguística Tupi-Guarani, ocuparam grande parte das terras baixas da América do Sul. A maioria das informações acerca destas populações derivam do estudo de seus vasilhames cerâmicos e dados etno-históricos. No Brasil são raros os remanescentes humanos associados à cerâmica Tupiguarani, dificultando estudos bioarqueológicos sobre esses grupos. Os esqueletos humanos de origem arqueológica possuem grande potencial informativo, permitindo o estudo de aspectos simbólicos, padrões de atividade e relações de ancestralidade. A presente pesquisa apresenta o acervo esquelético humano resultante do Projeto Gênese Sorocabana (PGS). Sob guarda do Museu Histórico Sorocabano (MHS), o projeto realizou a curadoria de 27 urnas funerárias Tupiguarani, escavadas em 13 sítios arqueológicos da região de Sorocaba, no estado de São Paulo, mas não se atentou aos remanescentes humanos. O material apresenta integridade comprometida, mas foi possível averiguar a existência de no mínimo 17 indivíduos, assim como algumas características bioantropológicas. A partir da extração de colágeno, a análise de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio (^{13}C , ^{15}N) para inferências acerca da alimentação demonstrou acentuado consumo de proteínas mistas baseada em plantas C3/C4, com ingestão de nitrogênio relativamente baixa, característica de uma dieta horticultora.

COLEÇÃO DE REFERÊNCIA OSTEOLÓGICA FAUNÍSTICA, COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA IDENTIFICAÇÃO DOS VESTÍGIOS FAUNÍSTICOS ENCONTRADOS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO: ATROPELAMENTOS, ENTORNO DO CORREDOR ECOLÓGICO DOS PARQUE E RESERVAS (BR 020 E PI 140)

Gilberto Sant Ana Silva (UNIVASF)

A Jaguatirica nome popular, nome científico *Leopardus pardalis* é uma das oito espécies de mamíferos da família Felidae (ordem Carnivora) que ocorrem no Brasil (Oliveira e Cassaro, 1999). O gênero *Leopardus* possui mais duas espécies além da jaguatirica. Conforme explica Eduardo Navarro em seu Dicionário de Tupi Antigo (2013), o termo “jaguatirica” tem origem na língua tupi-guarani, através da junção dos termos *îagûara* (“onça”) e *tyryka* (“recuo, afastamento, fuga”), significando, portanto, “onça que se afasta”. Animais são atropelados nas rodovias BR 020 e PI 140, no entorno do Parque Nacional da Serra da Capivara, PI. Os espécimes são doados pelo ICMBio com finalidade didática, para a Univasf e Fumdam. Es-

tes animais são utilizados para a elaboração de coleção de referência osteológica da fauna atual, como ferramenta para identificar os vestígios encontrados no contexto arqueológico. Os animais passam pelo processo de cozimento, consiste na separação do tecido mole do tecido ósseo, e limpeza dos ossos para que possam ser inseridos na coleção de referência. Como resultado tem-se o material identificado em Classe, ordem, família, gênero e espécie, com o nome vernacular. A Jaguatirica, nome científico *Leopardus pardalis* é uma das oito espécies de mamíferos da família Felidae (ordem Carnívora) que ocorrem no Brasil (Oliveira e Cassaro, 1999). Prioriza-se a fauna regional, do entorno do Parque Nacional da Serra da Capivara, nesta coleção de referência.

EIXO: Ecologia Histórica

INTERAÇÕES PESSOAS/PAISAGENS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

Natália de Oliveira Tavares (UFPEL)

A ecologia histórica tem contribuído nos últimos anos para os debates inseridos na Arqueologia acerca das relações entre pessoas e plantas, como domesticação, manejo, criação de paisagens e nichos humanos. Uma das premissas básicas dessa linha de pesquisa recai sobre a herança ecológica e cultural nas paisagens atuais, fruto de conhecimentos tradicionais de longa duração empregados pelas populações indígenas. Com base nisso, as restingas do litoral do Rio Grande do Sul, ocupadas durante o Holoceno Tardio por diferentes populações pré-coloniais, sambaquianas, construtoras de cerritos, Jê e Guaranis, podem estar refletindo prováveis legados ambientais. Para apoiar essa discussão, serão expostos os dados arqueológicos sobre a localização e cronologia dos sítios dos diferentes grupos, assim como dados paleoecológicos sobre as transformações na vegetação. Esse cenário servirá de apoio para estabelecer a relação histórica entre esses eventos e as plantas mais proeminentes observadas hoje na paisagem, através de referências de levantamentos florísticos da região, assim como de dados etnobotânicos acerca de usos associados as plantas. O emprego de análises multi-proxy tem sido recorrente em diversas pesquisas ao longo das terras baixas sul-americanas a fim de investigar influências antropogênicas na formação das paisagens.

EIXO: Estudos de Tecnologia

A CERÂMICA É UMA MATERIALIDADE PARA ARQUEOLOGIAS FUTURAS?

Marlene dos Santos Costa (UFS)

É chegado o momento, onde nos ceramólogos, estamos nos questionando se os estudos em ceramologia, ainda enriquece, ou enriquecerá os debates nas arqueologias futuras, ou as mesmas estão apenas cumprindo tabela e gerando um amontoado de acervos nas instituições

de guarda, museus e reservas técnicas, pôr estas serem encontradas em contextos ainda não explorados arqueologicamente, entretanto apresentados como se tivéssemos metodologias e métodos consolidados e enraizados: quantificar, classificar, falar de tecnotipologia e raras vezes tratar de simbologia dos produtores de tais objetos. A proposta dessa discussão tem como objetivo instigar reflexões sobre metodologias e métodos que poderão manter as discussões atuantes e futuras. É bem verdade que os artefatos cerâmicos, são mecanismos que nos guiam a sociedades passadas, mas até quando conseguiremos avançar além dos dados já mencionados e das cronologias que estas são possíveis de atestar? Para isso buscamos caminhos possíveis de discutir vivências humanas e não humanas, via de percepção da materialidade correlacionada com outras teorias, métodos e metodologias, que sejam viáveis para debater passado, presente e futuro. Logo, para essa ocasião venho propondo discutir atividades ritualísticas, por meio da Antropologia da tecnologia, auxiliada da palinologia na cerâmica (Arqueopalinologia), para populações ceramistas na região da chapada do Araripe, área onde desenvolvo minha pesquisa de doutorado.

ANÁLISE TECNOLÓGICA DA COLEÇÃO ARTEFATUAL DO SÍTIO ARAÇÁ

Daniel Ribeiro da Silva (UFPI), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

O estado do Piauí apresenta uma riqueza de sítios arqueológicos. O sítio Araçá (Corrente-PI) apresenta material paleontológico e arqueológico. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise tecnológica diferenciadora entre o conjunto artefactual recuperado em subsuperfície e o material obtido descontextualizado em superfície, através da cadeia operatória envolvida na confecção dos artefatos, e da análise tecnológica destes. Em termos arqueológicos, o sítio Araçá está a céu aberto. Suas dimensões são de aproximadamente 220x229x340x322m, totalizando 77.140 m². A coleção lítica do sítio é, em sua maioria, composta de arenito silicificado, também inclui quartzo leitoso, quartzo hialino, sílexito, sílex e granitoides. O contexto paleontológico do sítio é representado por fósseis da Preguiça Gigante (*Eremotherium laurillardii*), datada de 11 mil anos. A camada arqueológica do sítio varia de 10 a 70 cm de profundidade. Com depósitos de blocos, seixos e matações usados como suporte para lascamentos. No sítio, foram recuperados 1256 artefatos em superfície, sendo bifaciais, planos-convexo, núcleos, lascas a percutores. Em subsuperfície obtiveram-se 2922 artefatos, sobretudo compostas de lascas. Com um grande potencial arqueológico o sítio Araçá amplia o cenário de pesquisas futuras. A maioria dos artefatos ainda carecem de análises aprofundadas, além disso, a região vem sofrendo com ações antrópicas causando alterações nos artefatos, assim alterando contexto arqueológico do sítio

ARQUEOLOGIA DIGITAL NO PATRIMÔNIO URBANO AMAZÔNICO: APLICAÇÃO DE MÉTODOS DIGITAIS NO ACERVO ARQUEOLÓGICO DO CONVENTO DOS MERCEDÁRIOS.

Katharine Iorranne Miná da Silva (UFPA), Alessandra Santos Barros (UFPA), Iana Silva Briaca (UFPA)

Parte da pesquisa arqueológica realizada no Convento dos Mercedários, localizado no Centro Histórico da cidade de Belém, estado do Pará, resultou em materiais que foram resgatados durante a obra de restauro do conjunto. Esses fragmentos foram exumados em campo e analisados pela equipe responsável. A etapa final desse processo visou realizar alguns ensaios para aplicação de métodos oriundos da arqueologia digital. Para isso, foram testados diferentes “softwares” de fotogrametria seguindo parâmetros de operacionalidade como requisitos de “hardware”, instalação, manuseio, acesso, entre outros critérios que atendam de maneira satisfatória às necessidades durante a elaboração do acervo digital. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo apresentar ferramentas aplicadas à arqueologia digital no processo de digitalização do acervo arqueológico do Convento, com a finalidade de apresentar a proposta de criação de um espaço virtual de memória e investigar as possibilidades de reconstruir peças em ambiente virtual que por ora possam apresentar estado de conservação delicado, limitando intervenções e manuseio. Com isso, compreende que as criações de repositórios virtuais podem auxiliar na difusão do patrimônio histórico-cultural, interação com a comunidade e com o acervo presente naquele espaço, proporcionando conhecimento desse bem, a fim de provocar sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, a valorização da cultura material presente no ambiente urbano da cidade de Belém

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DE POVOS GUARANIS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: POR UMA ARQUEOLOGIA COMO HISTÓRIA DE LONGA DURAÇÃO

Gabriela Santos Cavalcante (Universidade Federal do Piauí), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

Neste ensaio, visamos apresentar a aquisição dos dados provenientes da análise qualitativa e quantitativa dos sítios arqueológicos Tupi e os seus conjuntos artefatuais cerâmicos situados na região do Centro-Oeste brasileiro. Assim, objetivamos ampliar o conhecimento acerca dos sítios Tupi, efetuar a organização das informações de forma sistemática, interpretar e classificar a variabilidade formal e de acabamentos de superfície encontradas nos vasilhames e colaborar com as informações relacionadas a expansão dos indígenas Tupi. Para que o propósito pudesse ser realizado, a pesquisa contou com a análise de mais de 40 vasilhas arqueológicas inteiras, semi-inteiras e fragmentadas, sendo elas oriundas de coleções do estado de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi desenvolvida com base em banco de dados fotogramétrico, com dados alfanuméricos e com fontes bibliográficas. Fundamentados nisso, seguimos o princípio de executar as correlações existentes nos atributos dos vasilhames a partir de uma ficha classificatória para que, desse modo, fosse possível

criar gráficos que mostrassem suas divergências ou similaridades. Até o momento foram estudadas duas coleções do Mato Grosso do Sul e uma coleção de Goiás, onde se obteve um resultado de 30 cerâmicas inteiras, 7 semi-inteiras e 91 fragmentadas. Dentre as inteiras, 16 delas foram vetorizadas com o intuito de colaborar com futuras comparações automatizadas e, de modo geral, com os modelos de expansão do tronco Tupi.

EXPLORANDO O CONJUNTO CERÂMICO GUARANI NO PARAGUAI: RESULTADOS PARCIAIS

Naira Emanuele Corrêa dos Santos Souza (Universidade Federal do Piauí), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

Por muito tempo, tem-se estudado as cerâmicas arqueológicas e analisado seus resultados, os quais são essenciais para entender como as sociedades antigas viviam. Neste trabalho, focamos nossos esforços nas análises das cerâmicas arqueológicas Guarani encontradas em instituições, pois não há informações formais sobre essas cerâmicas na literatura atual. Existem várias maneiras de analisar cerâmicas, mas aqui escolhemos aquelas que incluem a análise das partes e a identificação de classes morfológico-funcionais desses objetos. Isso nos levou a examinar e classificar mais de 200 vasilhas inteiras e semi-inteiras em seis grupos, seguindo o estudo de Brochado e Monticelli em 1994. Com esses resultados, buscamos enriquecer o entendimento das cerâmicas arqueológicas Guarani no Paraguai e em outras áreas.

MAPEAMENTO GPR 3D NA BUSCA POR VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NO SÍTIO GO-JA-02 EM SER-RANÓPOLIS/GO

Isabela Resende Almeida (UNB)

O sítio arqueológico GO-Ja-02 representa uma importante fonte de conhecimento do processo de ocupação do Planalto Central Brasileiro, o que o leva a ser alvo de diversos estudos e, conseqüentemente, de escavações arqueológicas. Com o decorrer das pesquisas em antigos abrigos humanos, a tendência é que as escavações se tornem cada vez mais desafiadoras e complexas, devido principalmente a dificuldade da localização precisa de alvos arqueológicos em subsuperfície. A prospeção geofísica utilizando técnicas tridimensionais de Ground Penetrating Radar (GPR), está ganhando cada vez mais importância na arqueologia de campo, exatamente por proporcionar a detecção precisa de alvos arqueológicos.

A partir desse contexto, o GPR foi empregado na área do Sítio Arqueológico GO-JA-02 com a finalidade de localizar, mapear e caracterizar os alvos enterrados e assim auxiliar no direcionamento das escavações a serem realizadas pela equipe de arqueologia da PUC-GO.

Os resultados obtidos com a metodologia GPR 3D foram promissores. Utilizando uma rotina de processamento de dados ideal e identificando um padrão de reflexão dos alvos arqueológicos da área, foi possível criar uma abordagem mais eficiente do direcionamento das escavações. Isso abre novas perspectivas para a pesquisa e a preservação do patrimônio cultural da região, destacando a importância contínua da colaboração entre geotecnologias e arqueologia para desvendar o passado.

NAVEGAÇÃO E ARTEFATOS NÁUTICOS INDÍGENAS NOS LITORAIS QUINHENTISTAS

*Jefferson Foster da Silva (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti
Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)*

Neste projeto, tratamos das náuticas nativas que foram empregadas no litoral atlântico quinhentista. Para isto nos debruçamos sobre as embarcações e demais materialidades náuticas eminentemente indígenas, assim como sobre os conhecimentos, práticas e ações sociais que estiveram associadas à sua construção e uso no passado. Na prática, abordamos nosso objeto por meio dos procedimentos de análise documental e revisão bibliográfica. Assim, na construção de conhecimentos, convergimos dados etnológicos, linguísticos, etnohistoricos e arqueológicos. Enquanto resultados parciais, dentre outras coisas, têm sido possível distinguir ygaras (embarcações) de distintos “tipos”, evidenciar seus processos construtivos e elencar algumas das características e particularidades na construção e uso não somente destas mas também de outros equipamentos náuticos. A convergência de distintas fontes possibilitou incorporar elementos das perspectivas nativas no processamento e interpretação dos dados, identificar parte significativa das matérias primas empregadas na construção das embarcações e observar, sob novos pontos de vista, a náutica enquanto ação social imersa num grande fluxo de relações constituintes da paisagem e vida nos litorais indígenas do séc. XVI.

REALIZAÇÃO DE TESTES EM SOFTWARE PARA VETORIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS 3D EM PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP-16- PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Willian Pereira Leal (UFPI Universidade Federal do Piauí)

Este é um trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que aborda a realização de testes em software para vetorização e produção de imagens em 3D de pinturas rupestres do sítio arqueológico GO-CP-16, Palestina de Goiás, Brasil. O trabalho visa entender como as coletividades ancestrais construía os espaços e produziam paisagens humanizadas e suas relações sociais, além de fornecer subsídios para que se desenvolvam linhas de pesquisas futuras tanto nos aspectos tecnológicos da aplicação das ferramentas quanto na interpretação de figuras rupestres. O primeiro fator limitante da execução desta pesquisa foi a incidência da pandemia de Covid-19 no Brasil, que impediu a realização de trabalhos de campo no sítio GO-Cp-16 para a realização de testes fotográficos e o uso de imagens captadas pelo próprio autor em sua pesquisa.

TECNOLOGIA E MOVIMENTO: O FLUXO DE IDEIAS ENTRE SÍTIOS LÍTICOS EM ABRIGOS E A CÉU-ABERTO NO ALTO E MÉDIO VALE DO RIO TOCANTINS.

Juliana Betarello Ramalho (Temis - Projetos de Meio Ambiente e Sustentabilidade), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc)

As análises realizadas trazem como objetivo primordial a caracterização das coleções dos materiais líticos, referentes a 7 sítios arqueológicos. Dentre eles, 2 sítios situados no alto vale (GO-NI-08 e GO-NI-49) e 5 sítios no médio vale (MT1, MT5, LJ22, Abrigo Jibóia e Abrigo do Jon) do rio Tocantins. Assim, no intuito de reunir as informações levantadas, primordialmente, é necessário considerar as possíveis relações entre os sítios analisados. Para o desenvolvimento das análises foram consideradas escalas espaciais diferentes, a partir da ferramenta analítica cadeia operatória. Primeiramente, a escala local, onde foram analisados os sítios individualmente, e, além disso, a escala regional de uma porção específica do médio vale do rio Tocantins – região do Lajeado-TO, onde existem registros de sítios com diferentes implantações. É válido ressaltar que as escalas macro-regionais podem ser consideradas em dois pontos, o primeiro na relação entre o médio e alto vale do rio Tocantins e o segundo, em relação ao povoamento do Planalto Central. Nessa pesquisa foi possível visualizar o fluxo de ideias contidas no conceito de produzir e reformar instrumentos, entre o alto e o médio vale e entre sítios a céu-aberto e abrigos, que compartilham, com diferenças, os métodos de debitage, assim como a seleção de suportes e a seleção das matérias-primas.

EIXO: Etnoarqueologia

ESPACIALIDADES CIGANAS NAS LAGOAS DO CARSTE: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO SOBRE OS CALONS DO CARSTE DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS

Hugo Sales Rafael (UFMG), Alenice Maria Motta Baeta (UFMG-MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL-SETOR DE ARQUEOLOGIA)

A região do Carste de Lagoa Santa, como muitas outras localidades do estado de Minas Gerais, foi utilizada de forma tradicional por vários agrupamentos ciganos para acampamentos, atraídos por suas lagoas e territórios periféricos aos antigos núcleos históricos em localidades que hoje abrangem os municípios Lagoa Santa, Pedro Leopoldo e Matozinhos. Por meio de levantamento de fontes documentais, orais e cartográficas, percepções espaciais e visitas de campo orientadas por ciganos calons idosos – guardiões das memórias e relações etnoterritoriais - está sendo possível mapear e documentar sítios e cultura material associados a antigos acampamentos tradicionais ciganos no contexto das lagoas cársticas e demais compartimentos topográficos, evidenciando relações de dispersão, apropriação e territorialidade. O estudo está sendo realizado por pesquisadores associados ao Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES-MG), o eixo da Etnohistória e Arqueologia, com o apoio da Agência Nacional de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais do Povo Cigano em Minas Gerais.

EIXO: Gearqueologia

ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASUALIDADE (TOURO PASSO - RS).

Ítalo Marques de Castro (Universidade Federal de Pelotas), Camile Urban (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

Pertencente ao complexo arqueológico Touro Passo (Uruguaiana, RS), o sítio Casualidade foi descoberto por Vidal durante o desenvolvimento de sua tese (2018). Embora tenha sido coletado material lítico, não foi desenvolvido um trabalho estratigráfico no sítio. Em 2022, retomamos junto à Vidal ao sítio com o objetivo de coletar amostras sedimentares e assim, agregar dados arqueo-estratigráficos que fomentem a compreensão das ocupações desse complexo arqueológico. Em parceria com o laboratório GeoESed/UFPel, as amostras coletadas (horizontes A1 e C2) foram submetidas a análise granulométrica. A amostra A1 corresponde a uma areia fina à muito fina com uma média de 27% de argila com silte. Já a amostra C2 corresponde a uma areia muito fina à fina e uma média de 20% de argila com silte. Caracterizam-se por apresentar alto teor de quartzo (>60%) no tamanho das areias, além do feldspato albita, argilominerais como caulinita e montmorilonita, que compõem a fase mais fina da amostra. Quimicamente é composto por altos teores de óxido de silício, alumínio e ferro, concentrações compatíveis com solos desenvolvidos em margens fluviais e, portanto, lixiviados. A origem fluvial também é explicada pelos baixos teores de outros óxidos, como de Ca, Mg e Na, características de um Neossolo Flúvico. Local propício ao crescimento vegetativo e exploração dos recursos fluviais, condicionais pertinentes para se ponderar as ocupações contemporâneas em um clima árido do início do Holoceno.

ANÁLISE GEOARQUEOLÓGICA DE SEDIMENTOS E SOLOS ANTRÓPICOS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ E ALTO XINGU: RESULTADOS PRELIMINARES

Bettina Maria Denardi (UFSC), Morgan Jason Schmidt (Universidade Federal de Santa Catarina), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc)

Essa pesquisa se insere na discussão da análise de sedimentos e solos antrópicos oriundos de sítios arqueológicos. Com o intuito de tentar responder questões como padrões e uso do espaço no passado, evidências de diferentes atividades antrópicas e continuidade de ocupações, realizamos diversas análises com amostras provenientes de sítios do Alto Vale do Itajaí (Gruta do Presépio, SC-TA-19 e Tobias Wagner) e do Alto Xingu (Tahugi Ikugu, Esaha, Miihisu Egepegii e Itsagahiitii). Com esse propósito, diferentes métodos geoarqueológicos foram utilizados. As amostras de sedimento foram secas e passadas em peneira de 2,0 mm de abertura de malha, para a determinação dos atributos químicos do solo (pH, Ca, Mg, K, P, H+Al, Na e Al), do teor de matéria orgânica (MO), capacidade de troca catiônica (CTC), granulometria do solo, e isótopos estáveis de ¹³C e ¹⁵N, além da avaliação da suscetibilidade

magnética e condutividade elétrica dos sedimentos. As análises seguem em andamento e, neste pôster, apresentaremos os resultados preliminares que nos possibilitam avançar sobre as questões levantadas.

ARQUEOLOGIA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: DADOS PRELIMINARES SOBRE AS INTERVENÇÕES NO SÍTIO TAIM 11

Gabriel Procópio Nunez Silva (UFPEL), Ximena Suarez Villagran (Universidade de São Paulo), Carla Alexandra Bica-Méndez (Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidad de São Paulo)

Os cerritos são estruturas monticulares datadas entre 4700 e 200 cal AP, distribuídas no bioma Pampa em diferentes compartimentos da paisagem e com evidências que refletem distintas formas de ocupação humana e de interação com o ambiente. Na Estação Ecológica do Taim, localizada no complexo lagunar Patos-Mirim, foi escavado o sítio Taim 11, posicionado na margem sudeste da lagoa do Nicola. O cerrito possui forma circular e aproximadamente 70cm de altura. A intervenção ocorreu em trincheira de 16m², complementada por tradagens para controle da estratigrafia. A estratégia da escavação incluiu amostragem para análises físico-químicas, microbotânicas, zooarqueológicas e para micromorfologia de solos; assim como registro fotogramétrico dos perfis da escavação para construção de modelo tridimensional. Nos cortes foram identificadas três unidades estratigráficas, com transições pouco graduais e assinaturas geoquímicas distintas. A base é composta por concreções ferruginosas em matriz compacta areno-siltosa; a unidade intermediária é mais arenosa e menos compacta; o topo apresenta lentes de conchas em matriz arenosa. Os vestígios recuperados se concentravam entre o topo e a camada intermediária, com altas frequências de vestígios faunísticos e cerâmicos. O sítio é claramente resultado de construção antrópica, o que nos permite discutir aspectos de sua arquitetura e, com isso, contribuir para o tema dos modelos construtivos de cerritos no Pampa.

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO NÚCLEO F, SERRANÓPOLIS - GOIÁS (BRASIL)

Flávio César Gomes de Oliveira (CONSAM Consultoria e Meio Ambiente Ltda.)

Localizados na margem direita do rio Verde, no município de Serranópolis, Goiás (Brasil), os sítios arqueológicos do Núcleo F possuem grande importância para o contexto pré-colonial do Planalto Central Brasileiro, possuindo datações recuadas de cerca de 12.000 A.P., apresentando cultura material de grupos caçadores-coletores e agricultores-ceramistas, além de um importante conjunto de representações rupestres, principalmente em sítios localizados em abrigos. Este estudo teve como foco a delimitação e caracterização da área de proteção dos sítios arqueológicos do Núcleo F, justificado pela necessidade de produzir informações básicas voltadas para a gestão e preservação do patrimônio arqueológico de Serranópolis. Os procedimentos metodológicos utilizados fundamentaram-se nos estudos de vulnerabilidade

ambiental natural. A partir da análise dos atributos geológicos, geomorfológicos, pedológico e antrópicos, foram produzidas Unidades Territoriais Básicas que resultou na elaboração de mapa de sensibilidade para à área de proteção dos sítios arqueológicos do Núcleo F, norteando ações futuras para preservação e conservação dos mesmos.

GRAFISMO RUPESTRE OU INTEMPERISMO? ESTUDO GEOARQUEOLÓGICO EM CAVIDADES NATURAIS NO AMBIENTE COSTEIRO MARINHO DE GAROPABA, SANTA CATARINA, BRASIL.

Leandro De Paula Neto (UNISUL)

Grafismo rupestre ou intemperismo? reconhecer um sítio arqueológico não é fácil, com todas as regressões e transgressões marinhas dos últimos milênios e com a ocupação humana milenar no litoral. Essa é uma das dúvidas sobre possíveis sítios arqueológicos de arte rupestre em cavidades no município de Garopaba, região sul de Santa Catarina. O objetivo foi reconhecer o que é na geologia uma ação de intemperismo natural e na arqueologia uma possível ação antrópica nesse tipo de ambiente, especificamente nas cavidades rochosas do ambiente costeiro marinho. A metodologia de pesquisa ocorreu em fontes documentais e bibliográficas, nos registros arqueológicos dos órgãos responsáveis e na identificação dos tipos de sítios arqueológicos catalogados nas proximidades das cavidades. O estudo identificou os tipos de rochas presente nesse ambiente costeiro e uma ação antrópica nas áreas externas e internas das cavidades, observando possíveis técnicas utilizadas e as intenções dos usos para a confecção de instrumentos líticos. A análise ocorreu por desenhos gráficos e fotografias com luzes contra as estruturas identificadas em momentos noturnos para uma melhor visualização dos traçados e contornos. O presente estudo reconheceu o local para uma devida proteção arqueológica, preservação cultural e a educação patrimonial com a comunidade local.

UMA PERSPECTIVA GEOARQUEOLÓGICA SOBRE OS IMPACTOS INCIDIDOS PELA ATIVIDADE DE DEBITAGEM NAS MATÉRIAS PRIMAS DO SÍTO RS-I-69- LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro (Universidade Federal de Pelotas), Camile Urban (Universidade Federal de Pelotas), Gustavo Peretti Wagner (Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

O sítio arqueológico Laranjito, localizado no município de Uruguaiana (RS), apresenta uma diversidade de matéria-prima lítica, compondo-se de 738 peças, das quais 84% são rochas sedimentares, 9% são rochas vulcano-sedimentares, 6% são minerais e apenas 1% são troncos fósseis. Este trabalho tem como objetivo elucidar uma proposta analítica sobre a composição geológica das amostras de matérias-primas pertencentes à coleção do sítio (Vidal, 2018) e sua correlação para com os acidentes de lascamentos relativos a mesma. Amostras dos dois tipos de matéria prima mais recorrentes foram enviadas para laminação petrográfica. As quatro lâminas e suas amostras macroscópicas correspondentes foram analisadas com o intuito de compreender a gênese sedimentar dos tipos de arenito e das rochas vulcano-sedimentares,

e assim, interpretar as propensões de suas características físicas (granulometria, comportamento dos contatos entre os grãos e índice de silicificação) como atributos inerentes à atividade de lascamento. Mediante os resultados obtidos sobre as análises macroscópicas das amostras e das microscópicas das lâminas da coleção foi levantada uma análise comparativa com os testemunhos de acidentes de lascamento. Esta observação, além de nos possibilitar compreender a seleção específica de matéria prima para determinadas cadeias operatórias, facultou na relação da composição sedimentar dessas matérias primas com as reações físicas desencadeadas por atividades inerentes ao lascamento.

EIXOS: Outros

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS: PARA ALÉM DA PAMPULHA

Nicole Mara Vieira Dias dos Santos (UFMG)

Em 1943, Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, inaugurou o Complexo da Pampulha, o coração de seu bairro de luxo, porém não foi seu único projeto na região, no final do ano mandou desapropriar os terrenos do córrego Mergulhão para a construção do Lar dos Meninos, próximo a Lagoa da Pampulha e ao lado da área destinada a UFMG. Neste lugar, de 1944 até o início dos anos de 1970, funcionou uma instituição cujo objetivo era assistir a menores abandonados na linha pedagógica da Ordem Dom Orione: ensino formal, religioso e profissional. O Lar deixou de funcionar no local para sua incorporação à UFMG e teve parte de suas construções demolidas, além de sua história esquecida. Na década de 1990 a área foi tombada pela Prefeitura de Belo Horizonte por questões ambientais e, posteriormente, deu origem a Estação Ecológica da UFMG (Eeco). Interessei-me pelo Lar para a monografia em Arqueologia pelos resquícios arquitetônicos, pois sou arquiteta. A primeira fase da pesquisa foi o levantamento bibliográfico, no qual obtive dados inéditos, levando-me a participar do projeto elaborado pela equipe da Eeco e Beatriz Mendes e Lilian Panachuk. Sua primeira etapa é organizar e curar o acervo documental e imagético, registrar o sítio arqueológico, dialogar com o Núcleo de História Oral e buscar pessoas que possam ser entrevistadas, como moradores e religiosos. A relevância do Lar está em seu testemunho da formação da cidade e seu tratamento da infância e juventude marginalizadas.

ARQUEOLOGIA NO FUTURO DE HORIZON ZERO DAWN

Vitor Murilo Ferreira Sampaio (UFS), Bruno Sanches Ranzani da Silva (UFS)

Esse trabalho tem como objetivo utilizar a Arqueologia, mais precisamente a vertente do Archaeogaming, para discutir que tipo de futuro nossa sociedade está moldando atualmente. Para isso, foi utilizado o jogo de nome Horizon Zero Dawn (2017), que se passa em um futuro pós-apocalíptico onde a humanidade se organiza em grupos de caçadores-coletores e agricultores. Para que a discussão pudesse se desenvolver, pegamos os argumentos

apresentados na história principal do game acerca do porquê a nossa sociedade foi destruída – criados pelos desenvolvedores do jogo – e cruzamos com a perspectiva de dois escritores indígenas sobre a nossa sociedade e a ideia deles de apocalipse. Foram eles Ailton Krenak com seus dois livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019) e *A Vida Não é Útil* (2020) e Davi Kopenawa com *A Queda do Céu* (2010). Somado a isso, buscamos entender também como os povos dentro do jogo enxergam esse novo mundo que habitam, assim como sua perspectiva sobre seus antepassados caídos que, dentro do jogo, somos nós. Para isso, fizemos um trabalho etnográfico através do método da observação participante e do método intensivo de análise proposto por Marcel Mauss (2007). O resultado foi que, em muitos aspectos, os desenvolvedores tentam defender a ideia de desenvolvimento sustentável, enquanto Krenak e Kopenawa argumentam que isso é uma falácia da sociedade moderna, cuja predação sobre a Terra será o motivo da sua ruína.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE PRÍNCIPES E PRINCESAS NO ANTIGO CONVENTO DO CARMO, RIO DE JANEIRO.

Daniela Maria Alves (Museu de Arqueologia e Etnologia)

O trabalho analisou a cultura material associada às crianças identificada no sítio arqueológico Antigo Convento do Carmo, situado na atual Praça XV de Novembro, Centro Histórico do Rio de Janeiro. Conjuntamente com o Palácio dos Governadores, a casa de Câmara e Cadeia e a igreja Carmelita formaram um complexo de edificações utilizadas pela corte portuguesa entre os anos de 1808 e 1889. A análise de documentos escritos combinada ao estudo do material arqueológico possibilitou inferências sobre o brincar das crianças que ali estiveram. Sugeriu-se que as crianças criaram brincadeiras e jogos a partir de aspectos da cultura nacional e ao mesmo tempo foram atravessadas por outras culturas.

COLORINDO O CONTINENTE BRANCO: NARRATIVAS ALTERNATIVAS EM ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Ana Karolina de Amorim Santos (Universidade Federal do Piauí), Fernanda Codevilla Soares (UFPI)

Neste trabalho irei discutir a minha participação no Programa de Extensão: “A presença do passado: Narrativas Alternativas em Arqueologia”, coordenado pela prof. Dr. Fernanda Codevilla Soares (UFPI) com parceria do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH, cujo objetivo é propor reflexões mais humanas, e críticas para descrever os primeiros contatos humanos com a Antártica. Assim, proponho um jogo de memória analógico que destaca marinheiros e embarcações na Antártica, evidenciando histórias esquecidas de caçadores de mamíferos marinhos entre os séculos XVIII e XX. De início, foi elaborado um exame crítico da forma como as mídias apresentam a Arqueologia e Antártica, realizado a partir de fichas de análise produzidas para este fim. Em seguida, a narrativa alternativa foi criada, pensando seus personagens, cenários, animais, coisas e histórias. O jogo foi produ-

zido a partir de cartas pares, onde o usuário terá que encontrar desenhos iguais contendo um pequeno texto explicando cada imagem. Os desenhos serão elaborados de modo que o usuário possa os colorir livremente. Concluída esta etapa, o programa prevê a aplicação das narrativas alternativas em escolas da rede de ensino pública e privada de Teresina. Em suma, o trabalho propõe a construção de ferramentas didáticas e alternativas que estimulem um maior diálogo com o público não-arqueológico associado ao tema da Arqueologia Antártica.

É MEME! ARQUEOMEMOLOGIA: DIVULGAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTIFICO NAS REDES SOCIAIS.

Maria Eduarda Ferreira Santana (UFPEL), Jefferson Foster da Silva (Universidade Federal de Pelotas)

O advento das redes sociais trouxe uma série de novas possibilidades no que diz respeito à popularização do conhecimento científico. Neste contexto, esta produção se dedica a apresentar o projeto “@Arqueomemologia”, que, idealizado enquanto esforço de divulgação e disseminação científica nas redes sociais, situa-se neste campo “recente” de intersecção entre os mundos físicos e digitais, entre academia e público leigo e entre distintos modos de ensino-aprendizagem, de linguagem e processos de significação da realidade. Criado em janeiro de 2023, o projeto foi por nós articulado diretamente na forma de um perfil profissional nas redes sociais. Este perfil destinamos à criação de conteúdo digital voltado à divulgação e disseminação humorística, via memes, do conhecimento arqueológico no meio virtual. A página “@Arqueomemologia” mantém um ritmo de crescimento consideravelmente rápido diante de seu contexto de inserção. Nosso público é amplo, abrangendo do público leigo em geral, que desconhece parcial ou totalmente as relações intrínsecas ao pensar e fazer científico e por consequência também o processo de construção do conhecimento arqueológico, ao público especializado, no qual se situam os profissionais de Arqueologia. Para atingir nossos objetivos e atender toda a diversidade constituinte do nosso público-alvo, organizamos distintos “modos” de postagem, nas quais articulamos textos e imagens informativas com doses necessárias de apelo cômico.

ENTRE RABISCOS E BALÕES: NARRATIVAS ALTERNATIVAS EM ARQUEOLOGIA ANTÁRTICA

Maria Victoria costa silva (Universidade Federal do Piauí), Fernanda Codevilla Soares (UFPI), Nyskaline Nascimento da Fonseca (Universidade Federal do Piauí)

A partir do programa de extensão “A presença do passado: narrativas alternativas em Arqueologia”, coordenado pela prof.^a Dr^a Fernanda C. Soares (UFPI) e associado a uma bolsa PIBEX, iniciamos a elaboração de uma História em Quadrinhos (HQ) que tem por objetivo apresentar os temas da Antártica e da Arqueologia de uma forma atrativa, acessível e de fácil compreensão para diversos públicos. A HQ tem sido utilizada de maneira eficaz como ferramenta de comunicação e informação. Atra-

vés da combinação de ilustrações e textos, transmite informações de forma acessível e envolvente. São empregadas em diversas áreas do conhecimento, como: educação, conscientização social, divulgação científica e marketing (entre outras). Sua capacidade comunicativa permite que informações sejam compreendidas mais rapidamente e permaneçam na memória por mais tempo. Assim, balizadas pelos vestígios arqueológicos antárticos salvaguardados no LEACH-UFMG e a história dos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros, esta HQ narra os primeiros contatos humanos com a Antártica através da personagem Açucena, um jovem piauiense, estudante de arqueologia, que tem o poder de conversar com a materialidade. A história ajuda a desconstruir estereótipos sobre Arqueologia e Antártica presentes nas mídias, fazendo uso de uma linguagem alternativa, divertida e significativa.

MAPPA GEOGRÁFICO DA CAPITANIA DO PIAUHY DE 1760, ELABORADO POR HENRIQUE ANTÔNIO GALÚCIO

Lauro Rodrigo Oliveira Teixeira (UFPI), Ângelo Alves Corrêa (Universidade Federal do Piauí)

Neste projeto, o objetivo é estudar um documento histórico de 1760, o Mappa Geográfico da Capitania do Piauyh, elaborado pelo engenheiro italiano Antônio Henrique Galúcio. O mapa contém informações territoriais do Piauí e é rico em detalhes. O foco do estudo é a coleta e análise dos topônimos (nomes de lugares) no mapa, pois eles têm potencial para estudos arqueológicos, revelando detalhes sobre os primeiros assentamentos e locais. Os topônimos carregam significados culturais e naturais e fornecem pistas sobre o potencial arqueológico de uma área. A metodologia envolveu o uso de uma cópia digitalizada do mapa, melhorando a legibilidade com software e criando uma tabela com 8 atributos para cada topônimo. Foram analisados 88 quadrantes do mapa, gerando informações quantitativas e qualitativas. Foram feitas análises estatísticas e percebe-se 20 categorias de topônimos, com destaque para hidrotopônimos. A origem dos topônimos varia, com a maioria de origem portuguesa, relacionados a acidentes físicos. Como conclusão ressaltamos a importância da arqueotoponímia para os estudos arqueológicos e a distinção desse campo em relação à toponímia tradicional. O estudo identificou localidades com potencial arqueológico e destaca a falta de topônimos indígenas, indicando uma possível estratégia colonial. Também se observa que o documento estudado não foi finalizado, sugerindo a necessidade de comparações com outros documentos relacionados ao Piauí para análises futuras.

O MÉDIO VALE DO RIO TOCANTINS DURANTE O HOLOCENO RECENTE: ANÁLISES DAS OCUPAÇÕES CERAMISTAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ABRIGO DO JON E SHANGRI-LÁ

Lorena Ferreira Nogueira (UFSC), Lucas de Melo Reis Bueno (departamento de historia - ufsc), Thiago Umberto Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina)

A presente pesquisa insere-se em um projeto mais amplo, intitulado “Pessoas no movimento: povoamento, abandono e territorialidade no processo de ocupação do Planal-

to Central Brasileiro”, que pesquisa a história profunda das ocupações da região desde os processos iniciais de povoamento da América do Sul, ao final do Pleistoceno, assim como seus processos de continuidades e hiatos ao longo do Holoceno, até chegar ao Holoceno recente, com as primeiras ocupações ceramistas. Para contribuir com tais discussões, e com o projeto em que essa pesquisa se insere, foram desenvolvidas diversas etapas de análises comparativas e sistematização das informações relativas à conjuntos do acervo cerâmico de escavações realizadas pelo LEIA-UFSC que ocorreram nos sítios Abrigo do Jon e Shangri-lá, localizados no Tocantins. Neste pôster apresentaremos os resultados preliminares dessas análises, abordando a relação entre os sítios e sua inserção regional.

OS DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DE DESENVOLVER UMA EMPRESA JÚNIOR DE ARQUEOLOGIA NO PIAUÍ

Gabriella Silva dos Santos (Universidade Federal do Piauí), Maria Eduarda Lima Teixeira (Universidade Federal do Piauí), Carlos Daniel da Cruz Carvalho (Universidade Federal do Piauí)

Neste trabalho, abordaremos os desafios de estabelecer e desenvolver uma Empresa Júnior vinculada às experiências dos estudantes do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí. Nosso objetivo é mostrar as conclusões desses desafios e a importância do apoio de profissionais, professores e do engajamento dos alunos na carreira de arqueólogo e do fazer arqueologia. Dentro desse contexto, exploramos maneiras de adquirir qualificações e identificando na empresa júnior uma opção relevante. Essa associação oferece especializações, conhecimentos em gestão e capacitação profissional. Absorvidos nas questões burocráticas, jurídicas e pessoais, procuramos inovação, destaque e oportunidades. Utilizando dados de sites de emprego, redes sociais e vagas para arqueólogos, somados à experiência prática na gestão da Empresa Júnior (EJ), realizamos análises para demonstrar a relevância e as dificuldades de se destacar em um mercado de trabalho cada vez mais exigente. Os resultados destacam os desafios enfrentados pelos estudantes que participam de uma Empresa Júnior, incluindo a experiência no mercado de trabalho e sua influência no currículo acadêmico, visto que a qualidade dos profissionais contratados é uma exigência crescente do mercado.

PESQUISA SOBRE MÉTODOS PARA RESTITUIR A LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CADASTRADOS

André Argollo de Aguiar (IBGE)

A geocodificação e seu efeito na análise espacial têm recebido atenção na literatura para diversas temáticas, sendo temo importante na discussão sobre o georreferenciamento de sítios arqueológicos em processos de recadastramento. Tomando como corte cartográfico os municípios da região da costa verde, RJ, foram analisadas informações secundárias referentes a topônimos contidos em processos documentais do IPHAN, literatura acadêmica, dados do cadastro CNSA, mapas temáticos multivariados e

mapas antigos, além da análise de elementos físicos em imagens de sensoriamento remoto, convertendo dados alfanuméricos de localização em pontos inseridos em um sistema de coordenadas, minimizando os erros de geometria espacial e verificando o método de geocodificação para conversão de dados. Primeiramente, partindo da definição de geocodificação e dos vários sistemas de geocodificação existentes, discute-se a tecnologia, características e aplicações no contexto do posicionamento espacial de sítios arqueológicos e, a partir desse contexto, planejar e aplicar um modelo remoto para a geocodificação de locais arqueológicos e avaliar sua acurácia posicional. Através deste estudo, é possível minimizar os erros no posicionamento da primitiva geométrica do sítio por geocodificação atendendo a normativas de controle de qualidade de dados cartográficos.

PLAY ANTÁRTICA: UM ARCHEOGAMING SOBRE O ÚLTIMO CONTINENTE

Bianca da Silva Alves (UFPI), Fernanda Codevilla Soares (UFPI), Yuri Correia Cardoso (UFPI)

Este trabalho apresenta resultados parciais das atividades desenvolvidas no âmbito da bolsa PIBEX, associada ao projeto de extensão “A presença do passado: narrativas alternativas em Arqueologia” cujo o objetivo principal é produzir formas criativas, dinâmicas e acessíveis de narrar a Arqueologia Antártica. Nesse trabalho, desenvolvemos um jogo eletrônico mobile, que costuma ser de fácil acesso pela população em geral, e principalmente para o público alvo do projeto, que são crianças e adolescentes da rede pública e privada de ensino da cidade de Teresina, as quais irão testar o jogo (ações previstas para o ano de 2024). O projeto do jogo segue a temática de estudos arqueológicos na Antártica, principalmente a linha de Arqueologia Pública e Archeogaming, inicialmente proposta pelo LEACH-UFMG. O jogo foi planejado e programado pelos autores do trabalho e segue no estilo visual novel - que é um gênero de jogos eletrônicos profundamente ligado a uma história e seu desenrolar dá a partir de perguntas e respostas, sendo o jogador o protagonista da narrativa a ser criada. Ele foi produzido na plataforma Ren'py e o editor de texto de códigos abertos utilizado foi o Atom. O intuito do trabalho é apresentar ao público não arqueológico uma nova forma de enxergar a arqueologia antártica e seus postulados; mostrar a realidade do fazer arqueológico e das pesquisas no continente antártico e criar um vínculo entre a comunidade geral e as pesquisas científicas.

RESULTADO DO PROJETO DE RECADASTRAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NOS MUNICÍPIOS DE CAVALCANTE, COLINAS DO SUL, MINAÇU, QUIRINÓPOLIS, SERRANÓPOLIS E PORANGATU, ESTADO DE GOIÁS.

Sergia Meire da Silva (MRS Estudos Ambientais Ltda.)

Em 2022, foi realizado o cadastramento de 63 sítios arqueológicos nos municípios de Cavalcante, Colinas do Sul, Minaçu, Quirinópolis, Serranópolis e Porangatu, no

estado de Goiás. O objetivo principal foi atualizar informações essenciais, como localização, georreferenciamento e características dos sítios, no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foram conduzidas análises detalhadas em cada sítio, considerando a viabilidade de pesquisas futuras, representatividade, densidade e estado de conservação dos vestígios arqueológicos, bem como as características ambientais da área. Adicionalmente, foi elaborada uma Carta Arqueológica detalhada, apresentando mapas que destacam a distribuição dos sítios com base em diversos fatores ambientais. O projeto atingiu seus objetivos, contribuindo significativamente para a proteção e preservação do patrimônio cultural na região.

TRILHA CERRITEIRA: ESTRATÉGIA LÚDICA NO APRENDIZADO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CERRITOS

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas), Victória Ferreira Ulguim (Universidade Federal de Pelotas)

Educação patrimonial trata de um conjunto de ações educativas em patrimônio cultural, colaborando com o seu reconhecimento, preservação e valorização. Tomando por base que a atividade lúdica é uma das maiores propulsoras das habilidades intelectuais, apresentamos o jogo Trilha Cerriteira, que tem como fio condutor os bens arqueológicos colocados como instrumento inicial no processo de identificação e preservação do patrimônio. Trilha Cerriteira trabalha a valorização do patrimônio cultural de um conjunto de Sítios Arqueológicos cerritos. O objetivo pedagógico da proposta é trabalhar temas relacionados ao patrimônio cultural, arqueologia, história indígena, diversidade cultural e legislação. O tabuleiro é em estilo arena, com um cerrito centralizado como ponto de chegada para término do jogo, que é em estilo versus, onde jogadores Protetores, em equipe, enfrentam figuras que representam Ameaças ao patrimônio, aqui colocadas como Queimadas, Gado, Pessoas, Veículos e Jardinagem. É importante ressaltar que o jogo não trabalha com ameaças fantasiosas, como monstros, zumbis ou grandes vilões assumidos, mas sim com ameaças reais e rotineiras, que muitas vezes não são percebidas pelo público. Para que os peões Protetores ocupem o centro do tabuleiro com número superior aos peões Ameaças, os jogadores devem responder corretamente as questões relacionadas às temáticas trabalhadas. A cada acerto, um protetor anda em direção ao cerrito, enquanto a cada erro, uma ameaça avança.

EIXO: Sambaquis

DENTE POR DENTE – ESTUDO DE UM SEPULTAMENTO SECUNDÁRIO NO SAMBAQUI DE PIÇARRAS 1.

Juliano Bitencourt Campos (Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)), Silvia Aline Pereira Dagostim (ARQUEOSUL), Paulo DeBlasis (MAE - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - DIVISÃO CIENTÍFICA)

O sambaqui Piçarras 1, localizado no fundo da planície costeira da Praia de Piçarras, no litoral centro-norte catarinense foi estudado no inverno de 2023. Trata-se da porção remanescente de um sambaqui já muito alterado, que foi escavada quase em sua totalidade. As intervenções revelaram um contexto peculiar, marcado por uma única camada de conchas onde são quase ausentes vestígios ósseos. Foram encontrados alguns percutores sobre seixo, artefatos polidos com pouca variabilidade morfológica e um número considerável de pedras de fogueira. São quase ausentes líticos pequenos e lascas de debitagem. A ação do fogo no espaço intra-sítio é denunciada pela presença de alguns fragmentos de carvão e bolsões de conchas queimadas. Apesar de toda a “bagunça” desencadeada por processos de bioturbação, remobilização das camadas e materiais intrusivos, foi identificada uma concentração de rochas formando a estrutura de uma cova circular. Trata-se de um sepultamento humano secundário contendo apenas 22 dentes humanos associados a pequenos fragmentos ósseos, ao que parece, pertencentes a um único indivíduo. A presença de sepultamentos secundários já registrada em outros sambaquis, também é prática conhecida dos grupos Je do Sul. A datação de uma amostra de conchas da camada core e a análise do material humano exumado permitirá inserir o sambaqui de Piçarras 1 nas discussões arqueológicas do litoral centro-norte catarinense

NOTÍCIA DAS ESCULTURAS LÍTICAS POLIDAS DO BRASIL MERIDIONAL SOB A GUARDA DO MUSEU NACIONAL-UFRJ

Ivana Carvalho Oricchio (Museu Nacional/UFRJ), Angela Maria Camardella Rabello (Museu Nacional UFRJ), Mariana Costa Duarte Ferreira (UFRJ), Ana Luiza Castro do Amaral (Museu Nacional/UFRJ), Pedro Luiz Diniz Von Seehausen (UFRJ), Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira (MUSEU NACIONAL-DEPTO. DE ANTROPOLOGIA-SETOR DE ARQUEOLOGIA)

Apresentamos a situação atual do conjunto de esculturas líticas polidas dos sambaquianos que faziam e fazem parte do acervo do Museu Nacional – UFRJ, com informações sobre o incêndio, o resgate, a condição das peças após o sinistro, algumas linhas de pesquisa acadêmica e artigos científicos que disponibilizaram informações visuais dessas peças e imagens produzidas recentemente que demonstram a resistência dessas esculturas como fonte de inspiração para novos estudos.

SAMBAQUIS NA BACIA DO RIO GUARAGUAÇU, PARANÁ: ARQUEOLOGIA COSTEIRA NO SUL DO BRASIL

Claudia Inês Parellada (Museu Paranaense e UFPR)

O rio Guaraguaçu configura-se num dos principais da planície litorânea do Paraná, sul do Brasil, compreendendo área de rico mosaico ambiental e cultural, onde memórias e a diversidade se articulam historicamente. No estudo foram analisados dados espaciais e morfológicos, substratos geológicos, faunas e floras associadas, além de cronologias disponíveis dos vários sambaquis já identificados junto rio Guaraguaçu e afluentes, como o Pequeno e o Maciel, cujas águas desembocam na baía de Paranaguá. O sambaqui do Guaraguaçu A, com mais de 50 sepultamentos documentados, é um dos maiores e o mais alto caracterizado do Paraná, sendo tombado pelo patrimônio estadual, e onde se localiza uma Terra Indígena Mbya Guarani. Levantamentos anteriores já mostravam o potencial arqueológico da região, e novas pesquisas por imagens de satélite e de campo atualizaram discussões em relação à ocupação dessas planícies costeiras. Também se fez extensa revisão bibliográfica, incluindo documentação imagética, além da análise de materialidades de sambaquis acervadas no Museu Paranaense. Buscou-se entrelaçar aspectos ambientais, caracterizar paleoambientes e transformações da paisagem. Os sambaquis, georreferenciados, em parte foram identificados por variações texturas e anomalias de cor em imagens de satélite. A análise multivariada possibilitou maior compreensão da espacialidade e temporalidade dos povos que construíram e/ ou ocuparam os sambaquis, além de buscar a preservação efetiva desses bens.

EIXO: Teoria e método

EXPLORANDO ABORDAGENS DIGITAIS NA ARQUEOLOGIA: MAPEAMENTO E ESCAVAÇÃO DE CERRITOS NO SUL DO BRASIL

Aluísio Gomes Alves (UFPEL), Gabriel Procópio Nunez Silva (UFPEL), Rafael Guedes Milheira (UFPEL)

Apresentamos os resultados preliminares do levantamento de sítios arqueológicos ligados aos grupos indígenas pampeanos, os “cerritos de índios”. Nosso estudo abrange a região da Estação Ecológica do Taim e adjacências, no litoral Sul do Rio Grande do Sul, Brasil, no âmbito do projeto “Arqueologia dos Cerritos em Unidades de Conservação da Bacia Hidrográfica Patos-Mirim, Sul do Brasil”. O escopo é compreender a presença humana dos cerriteiros e seu impacto nas paisagens e formação dos montículos. As prospecções foram realizadas por meio do método de levantamento por amostragem probabilística estratificada. Esse procedimento visa detectar vestígios arqueológicos no terreno, analisando sua distribuição espaço-temporal. Até o momento, identificamos 31 sítios arqueológicos ligados aos cerriteiros e aos Guarani. Estes estão principalmente em áreas de matas, dunas e margens de lagoas, agrupados ou isolados. Além dos

resultados do mapeamento, compartilhamos as primeiras análises das escavações no sítio Taim 11, localizado junto à Lagoa do Nicola, focando em dados da arqueologia digital, como registros fotogramétricos, topográficos e tridimensionais dos contextos. Dada a brevidade do projeto, abordaremos questões metodológicas buscando contribuir com reflexões sobre a descrição e registro de contextos arqueológicos via abordagem digital. Esperamos subsidiar discussões sobre as paisagens construídas pelos indígenas pampeanos, conhecidos pelo manejo, edificação e ocupação dos cerritos.

REVELANDO O PASSADO SOB NOSSOS PÉS: UM ESTUDO DE ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL SOBRE PISOTEAMENTO.

Leticia Gonçalves Santos Moura (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Clícia Costa Santana (PUC GOIÁS)

Apresentaremos nesse pôster uma atividade científica desenvolvida no Laboratório de Arqueologia do Cerrado (LARC) por alunas do curso de Arqueologia da PUC Goiás. Através de uma metodologia sistemática fundamentada na Arqueologia Experimental (Morgado y Baena, 2011), apresentaremos as morfologias das fraturas em materiais rochosos, resultantes de pisoteio humano controlado durante quatro semanas. Por meio desta, exploramos elementos da tafonomia e experimentação para problematizar o potencial dos impactos mecânicos antrópicos, não intencionais, sobre o registro arqueológico, resultando em padrões variados de fraturas. Reconhecemos que a aplicação de estudos tafonômicos colabora na compreensão dos processos de pós-deposicionais, ademais, é importante para identificação de certas condutas humanas no passado (Balirán, 2020). As experimentações envolvendo pisoteio de material lítico têm sido realizadas desde o início da década de 1980 (Celeste Weitzel, 2006, p. 31), sendo Flenniken e Haggarty (1980) as primeiras referências sobre o tema. Nesse contexto, nosso objetivo é entender as transformações que as peças líticas estão susceptíveis no contexto arqueológico, devido a ações de impacto. Para isso, desenvolvemos um protocolo de atividades experimentais com base na literatura especializada, visando criar procedimentos controlados de impactos sobre rochas e realizar análise criteriosa dos resultados, focando nas modificações ocorridas tanto no corpo quanto nas bordas das peças.

EIXO: Zooarqueologia

MATERIALIDADE HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA ASSOCIADA AOS BICHOS DE CASCO (QUELÔNIOS): NA VÁRZEA DO ARITAPERÁ REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS-PARÁ.

Emilly Monique Leme Dos Santos (UFOPA)

Os quelônios, popularmente conhecidos como bichos de casco, são animais que habitam a várzea e fazem parte do cotidiano das populações varjeiras, que são comunidades que vivem às margens do rio Amazonas e devido a dinâmica da várzea se reconhecem assim. O objetivo da presente pesquisa foi compreender a relevância dos quelônios pelas comunidades

várzea do Aritapera, Baixo Amazonas (PA), através de um olhar a sobre a materialidade do uso destes animais. Foram realizados levantamentos bibliográficos e entrevistas nas comunidades Carapanatuba, Centro, Enseada e Água Preta. Nas comunidades estudadas, verificou-se uma ressignificação dos cascos dos quelônios após o consumo, como o uso dos cascos de tracajá (*Podocnemis unifilis*) para manuseio da farinha na casa de forno e cinzas do fogareiro, e como recipiente para alimentar os animais do quintal, enquanto os casco de tartaruga (*Podocnemis expansa*) tem finalidade decorativa, comumente decorado com brasão de time de futebol. Os usos desses cascos como utensílios domésticos é resultado da ressignificação de uma parte corporal do animal que poderia ser facilmente descartada, mas após o seu consumo é dada uma nova atribuição ao “resto animal” que vira objeto funcional e decorativo.

MODALIDADE

LANÇAMENTO DE LIVROS

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

ARQUEOLOGIAS PLURAIS

POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

EIXO: Arqueologia da paisagem

HISTORICAL ECOLOGY AND LANDSCAPE ARCHAEOLOGY IN LOWLAND SOUTH AMERICA

Rafael Guedes Milheira (UFPEL), Andre Carlo Colonese (Universidad Autonoma de Barcelona)

Book edited in 2023 by Dr. André Carlo Colonese and Dr. Rafael Guedes Milheira, by Springer Nature ed. This volume addresses some of these issues by bringing together contributions from a range of disciplines, involving archaeology, social and environmental sciences. Most of the chapters were presented in the symposium “Historical Ecology and landscape archaeology in Lowland South America” organized at the Society of Brazilian Archaeology in Pelotas, Brazil, in 2019. Part I (Legacies) offers studies that explore the legacy of past interactions and their contributions to informing current archaeological, conservation, and development agendas and management strategies. Part II (Our shared past) presents case studies of human–nature interactions in the past, from plant management to aquatic exploitation. Interdisciplinary approaches are used to assess the evolution of past human practices, and their implications on modern ecosystems, biological diversity, and landscapes.

EIXO: Arqueologia de gênero

ARQUEOLOGIA DE GÊNERO NAS CIDADES DE PELOTAS - RS - BRASIL E HABANA VIENA - CUBA / SÉCULO XIX

Karla Maria Fredel (UFPEL - RS)

O enfoque principal dessa obra tem por base a arqueologia de gênero que foi trabalhado sob duas vertentes/aspectos: o status social (senhor/escravo - senhor/serviçal) e sexo (feminino/masculino. O estudo foi realizado através da cultura material do século XIX. Dentro do contexto arqueológico, o material utilizado constituiu-se na louça colonial oriunda de duas unidades domésticas, uma, localizada no Brasil, no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas e a outra em Cuba, em Habana Vieja, o bairro mais antigo da cidade de Habana. As peças estudadas, foram divididas através de sua tipologia e ao mesmo tempo identificadas à que gênero pertenciam, ou seja, quais eram utilizados por homem e quais eram utilizados por mulheres. Durante a análise também, distinguiram-se os artefatos importantes que seriam aos donos da casa e família e os artefatos que sobravam para os serviçais. Só por essa separação, ficou clara a hierarquia (status) existente dentro dos lares oitocentistas, primeiro, o chefe da família, depois, o restante da família encabeçada pela esposa, a figura feminina secundária e muito depois, “o resto”. Pelas análises dos artefatos, isso fica claro porque identifica ainda, os elementos pertencentes à cozinha, à dispensa - mulher, o escritório, a sala, - homem, espaço destinado ao consumo de alimentos - dois sexos. Por fim, busquei exemplos concretos através do estudo da louça colonial, a comprovação do entendimento de suas ideologias de sociedades passadas

EIXO: Arqueologia do presente

OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS QUE CRIAMOS COM OS GARIMPOS

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz (UFRB)

Publicado em maio de 2023, o livro, cujo título é homônimo ao do resumo, aborda a mineração artesanal através da arqueologia do passado recente e etnografia arqueológica. O foco é a criação das paisagens pelos envolvidos na extração mineral e por aqueles que, embora não atuem diretamente na atividade, são responsáveis devido à dependência dos produtos dos garimpos. Argumento que o entrelaçamento entre os habitantes locais, as coisas e os espaços dos garimpos influenciou a formação do território da Chapada Velha, no centro norte do estado da Bahia. Destaco a predominância das intenções locais de viver desvinculadas da apropriação do meio ambiente para atender às necessidades globais. Durante as incursões aos garimpos, observei a simplicidade das companhias e a satisfação dos trabalhadores nesses locais. Trato da extração de três minerais: carbonado, quartzo e diamante, destinados às aplicações industriais, tecnológicas e ornamentais. Enfatizo a importância da pesquisa etnográfica para compreender práticas pouco documentadas na história. Ressalto a peculiaridade local da inacessibilidade aos minerais, principalmente devido às restrições de gênero impostas para adentrar os garimpos. Este livro busca ampliar a visão sobre os garimpos, contrariando perspectivas excludentes ao destacar a importância do trabalho permanente para sustentar famílias com os ganhos da venda dos minerais.

EIXO: Arqueologia histórica

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA BRASILEIRA

Luís Cláudio Pereira Symanski (UFMG - FAFICH)

Livro organizado com Marcos André Torres de Souza que apresenta, a partir de 16 capítulos temáticos e de cinco sínteses regionais, o estado da arte da arqueologia histórica no Brasil.

EIXO: Estudos de Tecnologia

MEMÓRIAS TÉCNICAS E A CONCEPÇÃO DAS PEÇAS BIFACIAIS NO PLANALTO DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Sibeli Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás/IGPA/EFPH)

A obra retoma os estudos de uma coleção de instrumentos bifaciais de dimensões e volumes avantajados, pertencentes a sítios arqueológicos do extremo norte do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A revisão se baseia no recorte de uma

tese de doutorado (Hoeltz, 2005) e se beneficia da vasta experiência das autoras, que acumulam mais de uma década de pesquisas no campo da Tecnologia Lítica. O livro centra-se em duas tônicas: nos aspectos metodológicos e na própria noção de tecnicidade, constituída pelos modos de ser dos humanos no mundo e caracterizada pelas relações estabelecidas entre pessoas, técnicas e lugares. O estudo foi motivado pelo potencial arqueológico dessas ferramentas para a compreensão de seus modos de produção e de seu potencial funcional e de como tais análises podem contribuir no entendimento acerca das ocupações pretéritas na região sul do Brasil. As variações das estruturas volumétricas dessas peças estão retratadas em princípios técnicos específicos, mas que se complementam: afordância, façonnage, debitagem e confecção. A concepção bifacial é notável por sua presença intercontinental e em diferentes temporalidades. Assim, os estudos apresentados, ainda que específicos, contribuem para a compreensão da complexidade tecnológica e do potencial funcional dos bifaces de grande porte. Ao recuperarmos parcelas de suas memórias técnicas, ampliamos o entendimento sobre a diversidade bifacial, possibilitando correlações com pesquisas em outros contextos culturais.

REALIZAÇÃO DE TESTES EM SOFTWARE PARA VETORIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS 3D EM PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP-16- PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Willian Pereira Leal (UFPI Universidade Federal do Piauí)

Este é um trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que aborda a realização de testes em software para vetorização e produção de imagens em 3D de pinturas rupestres do sítio arqueológico GO-Cp-16, Palestina de Goiás, Brasil. O trabalho visa entender como as coletividades ancestrais construíam os espaços e produziam paisagens humanizadas e suas relações sociais, além de fornecer subsídios para que se desenvolvam linhas de pesquisas futuras tanto nos aspectos tecnológicos da aplicação das ferramentas quanto na interpretação de figuras rupestres. O primeiro fator limitante da execução desta pesquisa foi a incidência da pandemia de Covid-19 no Brasil, que impediu a realização de trabalhos de campo no sítio GO-Cp-16 para a realização de testes fotográficos e o uso de imagens captadas pelo próprio autor em sua pesquisa. Goiânia/03/03/2023

EIXO: Outros

ARQUEOLOGIA NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL: DIAGNÓSTICOS E PERSPECTIVAS REGIONAIS

Marcus Antonio Schifino Wittmann (MN/UFRJ), Aline Gonçalves de Freitas (Universidade Federal do Piauí), Luis Vinicius Sanches Alvarenga (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)

Este livro em formato E-Book reúne reflexões teóricas, contribuições metodológicas e relatos de experiências acerca do papel da arqueologia no Licenciamento Ambiental. O

objetivo é ampliar o debate e a reflexão crítica sobre esse contexto que abarca mais de 95% dos processos protocolados no IPHAN atualmente. O Grupo de Trabalho de Licenciamento Ambiental da SAB (GT LA-SAB) vem organizando desde 2021 debates e eventos nessa temática e monitorando os avanços e retrocessos na legislação que regula essas práticas. Estas reflexões são apresentadas neste livro por arqueólogas(os/es), pesquisadores, profissionais e estudantes de arqueologia com diferentes experiências. A primeira parte do livro é direcionada às cinco regiões do Brasil, tendo contribuições coletivas sobre diferentes temas, desde diagnósticos gerais, discussões metodológicas, a ética na prática arqueológica do licenciamento e questões sobre o endosso institucional. Na segunda parte, apresentamos debates mais amplos, como análises das condições de trabalho e da legislação vigente. Esta publicação é uma contribuição atualizada sobre os diferentes aspectos que envolvem a prática arqueológica no Licenciamento Ambiental, sendo um material de reflexão teórica e metodológica, no meio acadêmico e profissional. Também será objeto de entendimento sobre o rumo que a ciência arqueológica vem tomando, fornecendo aportes de reflexão para onde queremos ir. Sua publicação está programada para fevereiro de 2024.

EIXO: Teoria e método

ENTRE LUGARES (COLEÇÃO MEMÓRIAS DE PAISAGENS. RIO DE JANEIRO: ED. PAISAGENS HÍBRIDAS)

Camilla Agostini (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O volume, respondendo à proposta da Coleção Paisagens Híbridas, traz experiências de pesquisa de especialista em estudos de paisagens. No caso, a autora transita entre a Arqueologia, a Antropologia e a História relatando trabalhos sobre paisagens sociais. Os relatos procuram agregar, a partir de trajetória de pesquisa, informações sobre projetos de pesquisa desenvolvidos em diferentes contextos no Brasil (com ênfase para a região do Vale do Paraíba sul-fluminense), debates teóricos, políticos e os bastidores dos trabalhos. Procurou-se uma linguagem menos técnica, mais acessível a diferentes especialidades e públicos.

MODALIDADE
LANÇAMENTO
E EXIBIÇÃO
DE OBRAS
AUDIOVISUAIS

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

ARQUEOLOGIAS PLURAIS
POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

EIXO: Arqueologia Acervos e Museus

INCÊNDIO NA RESERVA TÉCNICA I DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO-UFMG

Maria Jacqueline Rodet (MHN-UFMG - SETOR DE ARQUEOLOGIA), Sara Toja (Arcadis)

O vídeo mostra imagens do incêndio que acometeu a Reserva Técnica I do MHNJB-UFMG em 2020. Trata-se de pequenos filmes realizados através de telefones durante as primeiras horas após a chegada dos bombeiros. Os resultados são imagens fortes da destruição do patrimônio biológico e arqueológico do estado de Minas Gerais resultantes de mais de 40 anos de pesquisa guardados no MHNJB-UFMG.

EIXO: Arqueologia do presente

QUAL DESTES OBJETOS DEVERIA IR PARA UM MUSEU?

Renato Kipnis (Scientia Consultoria Científica), Ilza Carla Favaro de Lima (Scientia Consultoria Científica)

A educação patrimonial no licenciamento ambiental tem como particularidade realizar diálogos sobre a legislação ambiental e compartilhar dados sobre as pesquisas. Entretanto, aliada às teorias de Paulo Freire, como um processo educacional emancipador, deve priorizar construir, conjuntamente com os envolvidos, estratégias de identificação, valorização e fortalecimento de suas referências culturais. Os resultados do monitoramento arqueológico realizado durante as obras de restauro e modernização do Museu do Ipiranga evidenciaram materiais provocativos para reflexões sobre os moradores do entorno e, em especial, sobre os trabalhadores envolvidos em obras anteriores. Essa problemática foi considerada um dos temas geradores para a construção conjunta das ações educativas. Tendo em vista que o território de Heliópolis, a maior favela de São Paulo, compõe a comunidade próxima ao Museu, convidamos para participar destas atividades os jovens do Observatório De Olho na Quebrada. As dinâmicas passaram por rodas de conversa, visitas técnicas e pesquisa de campo pelo Museu do Ipiranga, MAE-USP, Laboratório da Scientia Consultoria e, nas ruas de Heliópolis, entorno do Museu e Parque do Ipiranga e Avenida Paulista. Estamos num momento crucial de reposicionamento dos debates acerca das narrativas, considerando sujeitos que por muito tempo não foram contemplados nas dinâmicas de representação e valorização, a culminância deste projeto foi um evento com o protagonismo da periferia no Museu.

EIXO: Arqueologia patrimonial e pública

CAMBURI RESISTE: MEMÓRIAS SOCIAIS, PATRIMÔNIO CULTURAL E CRISE CLIMÁTICA

João Paulo Soares Silva (Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP))

Este trabalho propõe uma abordagem multidisciplinar que une elementos das trajetórias audiovisuais do documentário “Camburi resiste”, cujo foco é a Comunidade Quilombola do Camburi (Ubatuba/SP). São ressaltadas as lutas diante dos desafios socioambientais e a preservação de sua herança cultural em face das mudanças climáticas e da expansão urbana, exigindo uma compreensão profunda das relações entre ambiente e sociedade. No âmbito desse debate, a Arqueologia emerge como uma disciplina crucial para analisar as conexões entre as memórias sociais e os territórios historicamente ocupados pelas comunidades originárias e tradicionais. Acreditamos que a narrativa das trajetórias orais e visuais potencializa uma metodologia de campo multidisciplinar, ao escavar visualmente o território. Assim, o documentário se destaca como um projeto pautado pela antropologia visual que, por meio de entrevistas semiestruturadas, coletou narrativas da comunidade, mapeando suas dinâmicas, potencialidades e desafios. Nesse contexto, a perspectiva de preservar o patrimônio cultural ganha contornos singulares e as relações simbólicas entre os habitantes do Camburi e seu território adquirem um valor crucial diante das transformações sociais e ambientais. A compreensão da herança cultural, nesses termos, não apenas permite a sobrevivência material e espiritual da comunidade, mas promove também soluções autônomas para os dilemas impostos pelo capitalismo e pelas mudanças climáticas do Antropoceno.

O QUE É ARQUEOLOGIA?

Livia Campbell Faleiro Coutinho (Universidade Federal de Minas Gerais), Glória Maria Vagioni Tega Calippo (UFMG)

Coautores: Glória Tega; Rogério Brittes; Beatriz Targino; Vivian Lins; Grazielle Nazor. A Arqueologia é costumeiramente citada em canais de comunicação não acadêmicos e em produções artístico-culturais. Entretanto, essas menções são, em maioria, de cunho fantástico, o que gera interesse do público, mas produz uma visão distorcida e reduzida da prática arqueológica. Os equívocos e dúvidas atingem, inclusive, o ambiente universitário, sendo comum alunos ingressantes na graduação questionarem: Em que contextos a Arqueologia atua? Quais são as possibilidades profissionais? O vídeo “O que é Arqueologia?” apresenta essa ciência aos alunos ingressantes dos cursos de Arqueologia, Antropologia e Ciências Sociais da UFMG e à comunidade em geral. Poderia ser mais um vídeo do tipo ‘o que é Arqueologia’ feito por pessoas da área de arqueologia, mas a inovação está na construção coletiva da narrativa, já que a peça de comunicação é um dos 12 vídeos do “Projeto Letramento Acadêmico em Antropologia e Arqueologia”, vinculado ao colegiado do curso de graduação em Antropologia e Arqueologia da UFMG e que envolve professores, alunos da graduação e da pós-graduação.

O vídeo volta-se a aspectos importantes como o objeto de estudo, histórico, importância e possibilidades da Arqueologia, sendo apresentada por alunos e professores da área. Com a publicação do vídeo, espera-se contribuir na aproximação entre o público e a Arqueologia, gerando visões menos reducionistas e fantásticas desta ciência.

EIXO: Arqueologia preventiva

ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Arqueologia e Patrimônio Cultural é o segundo de um conjunto de cinco vídeos, intitulados Diversidade Cultural, Ocupação Humana no RS, Atividades Práticas da Pesquisa Arqueológica e RS: cidades. A filmagem do apresentador foi através de uma câmera posicionada em tripé, e posteriormente editada com uma apresentação de slides. No vídeo tratamos da importância da ciência arqueológica no entendimento das sociedades humanas. Aqui se explica arqueologia, sítios arqueológicos e termos utilizados nesta ciência. Além disso, evidencia a importância da preservação do patrimônio cultural brasileiro e regional, elencando alguns elementos importantes para o processo de identificação e valorização das múltiplas histórias que podem ser contadas, portanto, tendo como fio condutor não só as materialidades, mas também aqueles patrimônios que são imateriais. A edição audiovisual foi feita em algumas etapas principais, sendo a primeira o estudo do material captado e do roteiro elaborado. O material pré-selecionado foi trabalhado no software de edição Adobe Premiere Pro, efetuando os cortes para a construção do ritmo do vídeo. As imagens estáticas ganharam mobilidade e as camadas de áudio foram mixadas, mesclando narração com trilha sonora de fundo. Cartelas gráficas de título, legendas e créditos finais foram elaborados no software Adobe Illustrator. Após a montagem, o arquivo foi exportado e salvo em configuração adequada de qualidade de áudio e imagem para a visualização do espectador.

ATIVIDADES PRÁTICAS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Em “Atividades Práticas da Pesquisa Arqueológica” acompanhamos arqueólogos em seu trabalho e mostramos como uma pesquisa arqueológica é conduzida desde a concepção do projeto. Para a realização do vídeo foi elaborado um roteiro e feito inicialmente o acompanhamento de uma equipe de arqueologia em um Sítio Arqueológico Histórico, com ações de prospecção sistemática e assistemática, vistoria, sondagens, limpeza de estruturas, prospecção de parede, escavação de quadrícula e poço teste e elaboração de plantas baixas. Posteriormente foi feito o acompanhamento de atividades de prospecção, limpeza das estruturas e elaboração de croquis em dois cemitérios. Também foram feitas filmagens das atividades de curadoria, desde

a higienização do material exumado, até o envio para a instituição de salvaguarda, e do trabalho de desenho técnico, com recepção dos desenhos produzidos em campo, de perfis, plantas baixas, estruturas, croquis de localização, georreferencia e elaboração dos desenhos finais. A edição audiovisual foi feita nas seguintes etapas principais: estudo do material captado e do roteiro elaborado, edição do material pré-selecionado no software de edição Adobe Premiere Pro, elaboração de cartelas gráficas de título, legendas e créditos finais no software Adobe Illustrator, e, por fim, o arquivo foi exportado e salvo em configuração adequada de qualidade de áudio e imagem para a visualização do espectador.

DIVERSIDADE CULTURAL

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho apresenta o uso de recursos audiovisuais no ensino de Arqueologia. “Diversidade Cultural”, aqui apresentado, é o primeiro de um conjunto de cinco vídeos, intitulados Arqueologia e Patrimônio Cultural, Ocupação Humana no Rio Grande do Sul, Atividades Práticas da Pesquisa Arqueológica e Rio Grande do Sul: cidades. Para este vídeo há um arqueólogo apresentador, um roteiro e uma sequência de slides. A filmagem foi feita através de uma câmera posicionada em um tripé, e posteriormente a editada com a apresentação de slides. Em Diversidade Cultural buscamos exercitar olhares e interpretações sobre o mundo que nos rodeia, através de bases teóricas sobre cultura e diversidade. Aqui trazemos o conceito de cultura como motor do enredo, exemplificando através da diversidade cultural outras visões de mundo possíveis. A edição audiovisual foi feita em algumas etapas principais, sendo a primeira o estudo do material captado e do roteiro elaborado. O material pré-selecionado foi trabalhado no software de edição Adobe Premiere Pro, efetuando os cortes para a construção do ritmo do vídeo. As imagens estáticas ganharam mobilidade e as camadas de áudio foram mixadas, mesclando narração com trilha sonora de fundo. Cartelas gráficas de título, legendas e créditos finais foram elaborados no software Adobe Illustrator. Após a montagem, o arquivo foi exportado e salvo em configuração adequada de qualidade de áudio e imagem para a visualização do espectador.

OCUPAÇÃO HUMANA NO RS

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho apresenta o uso de recursos audiovisuais no ensino de Arqueologia. “Ocupação Humana no Rio Grande do Sul”, aqui apresentado, é o terceiro de um conjunto de cinco vídeos, intitulados Diversidade Cultural, Arqueologia e Patrimônio Cultural, Atividades Práticas da Pesquisa Arqueológica e Rio Grande do Sul: cidades. Para este vídeo a filmagem foi através de uma câmera posicionada em um tripé, e posteriormente editada com a apresentação de slides. Aqui falamos sobre grupos que fizeram e ainda fazem parte da formação do Estado. O vídeo demonstra como possuímos múltiplas identidades e influências culturais de

vários grupos humanos, e faz uma trajetória do passado até os dias atuais, sugerindo que a história indígena é uma história de longa duração. Nesse sentido, também informa como ocorreu o processo de ocupação do território que é atual estado do RS. A edição audiovisual foi feita em algumas etapas principais, sendo a primeira o estudo do material captado e do roteiro elaborado. O material pré-selecionado foi trabalhado no software de edição Adobe Premiere Pro, efetuando os cortes para a construção do ritmo do vídeo. As imagens estáticas ganharam mobilidade e as camadas de áudio foram mixadas, mesclando narração com trilha sonora de fundo. Cartelas gráficas de título, legendas e créditos finais foram elaborados no software Adobe Illustrator. O arquivo foi exportado e salvo em configuração adequada de qualidade de áudio e imagem para visualização.

REGIÃO SUL DO RS: CIDADES

Luciana da Silva Peixoto (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho apresenta o uso de recursos audiovisuais no ensino de Arqueologia. “Rio Grande do Sul: cidades”, aqui apresentado, é o quinto de um conjunto de cinco vídeos, intitulados Diversidade Cultural, Arqueologia e Patrimônio Cultural, Ocupação Humana no Rio Grande do Sul e Atividades Práticas da Pesquisa Arqueológica. Para este vídeo há um arqueólogo apresentador, um roteiro e uma sequência de slides. Este vídeo é composto por fotos e narrativa, a fim de contar a história de ocupação da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, compreendendo um trabalho de pesquisa histórica e composição de banco cultural. Esse vídeo traz um apanhado histórico sobre o Rio Grande do sul, elucidando algumas informações pertinentes ao desenvolvimento da região como, por exemplo, dados documentais, datas e locais de interesse patrimonial. A edição audiovisual foi feita em algumas etapas principais, sendo a primeira o estudo do material captado e do roteiro elaborado. O material pré-selecionado foi trabalhado no software de edição Adobe Premiere Pro, efetuando os cortes para a construção do ritmo do vídeo. As imagens estáticas ganharam mobilidade e as camadas de áudio foram mixadas, mesclando narração com trilha sonora de fundo. Cartelas gráficas de título, legendas e créditos finais foram elaborados no software Adobe Illustrator. Após a montagem, o arquivo foi exportado e salvo em configuração adequada de qualidade de áudio e imagem para a visualização do espectador.

RESUMOS EXPANDIDOS

FLORIPA . SC

XXII CONGRESSO DA SAB

ARQUEOLOGIAS PLURAIS
POLÍTICAS PATRIMONIAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO: CAMINHOS DO MAP-UFPI NA GESTÃO DO MUSEU

*Kamila Carvalho Feitoza
(Universidade Federal do Piauí, kamilacfeitosa@gmail.com)*

*Camilly Santana do Nascimento
(Universidade Federal do Piauí, camillysantana@ufpi.edu.br)*

INTRODUÇÃO

O Plano museológico é um instrumento de gestão e planejamento estratégico exigido por lei, que permite uma análise de todos os âmbitos de um museu – desde o seu regimento interno até as atividades de exposição e extroversão – e a partir dessa análise busca alinhar o museu à sua finalidade (CURY, 2009). O Plano Museológico Participativo – PLAMPA está sendo elaborado para o Museu de Arqueologia e Paleontologia - MAP da Universidade Federal do Piauí - UFPI a partir do presente ano (2023), decorrente de muitos estudos e pesquisas, com o intuito de promover uma maior eficiência na gestão museológica e trazer melhorias para as atividades e serviços prestados pela instituição.

Constituindo-se como um museu universitário, o MAP-UFPI foi inaugurado em 2013, resultado do empenho de professores do curso de Arqueologia - UFPI que objetivavam expandir os conhecimentos acerca da Arqueologia e Paleontologia para além da região dos parques nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões no sudeste do estado do Piauí. Atualmente o MAP/UFPI é um Órgão Suplementar da Universidade Federal do Piauí ligado à Reitoria e está inserido no Sistema do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) sob o número SNIIC ES-8396 (MAP/UFPI, 2020a: 09 apud Proposta de elaboração de Plano Participativo MAP-UFPI, 2023).

Atualmente o MAP-UFPI conta com exposição de longa duração – arqueológica e paleontológica – além de acervo e, oferece ainda espaço para exposições de curta duração que abordam diversas temáticas. Ademais, é uma das poucas instituições do estado do Piauí a receber endossos de material arqueológico além de funcionar como um ambiente aberto para pesquisadores desenvolverem estudos e pesquisas. Dessa forma, culmina com seu pressuposto como museu universitário em desempenhar feitos de pesquisa, ensino e extensão.

METODOLOGIA

O PLAMPA objetiva junto ao MAP-UFPI além da elaboração de um documento de planejamento estratégico, reavaliar os pressupostos e atividades do museu em função de resultar em seu melhor desempenho como instituição museológica e de suas ações para com seus públicos. Tudo isso culminando em Melhor desempenho na “cadeia operatória de procedimentos técnicos e científicos, vinculada às ações de salvaguarda [conservação e documentação] e comunicação [expositivas e educacionais], que define e singulariza as ações museológicas” (BRUNO, [2006] 2020: 165).

Nesse sentido, as ações desenvolvidas até o momento pelo Plano Museológico Participativo consistem em:

- Diagnósticos: diagnósticos museológicos do MAP-UFPI nos âmbitos de acessibilidade, exposições, institucional, público, acervo, entre outros;

- Exposição “Coisas de Pescador”: montada em conjunto com e para a comunidade do bairro Poty Velho (Teresina-PI), buscando expor a vivência da comunidade e sua relação com o rio, a pesca, a cidade e com as outras pessoas. Essa exposição deu início ao inventário de patrimônios, referências culturais e indicadores de memória;

- Grupo de estudos: grupo voltado a discussão de temáticas voltadas para a museologia, socialização de patrimônios, arqueologia e seu papel social;

- Visita a museus e espaços culturais: com o objetivo de mapear referências culturais da cidade de Teresina e do estado, além de tomar como referencial pontos positivos destacados durante as visitas que podem contribuir para uma melhor desenvoltura das atividades do grupo e do MAP-UFPI;

- Rodas de conversa: com o intuito de oferecer capacitação para o grupo e público em geral, além de espaço para discussão sobre as temáticas relacionadas à museologia e ao plano museológico;

- Reuniões semanais: com o intuito de alinhar as atividades entre os participantes e planejar as ações futuras.

RESULTADOS

Tratando-se de um projeto ainda em fase de execução, os resultados obtidos até o momento são parciais. Como pontos positivos destacamos a realização dos diagnósticos museológicos, considerando-os como pontapé inicial para um bom Plano Museológico; A capacitação gerada a partir do grupo de estudo e das Rodas de Conversa; a realização da exposição Coisas de Pescador e conseqüentemente o início da relação com a comunidade do Bairro Poty Velho, aproximando academia e público externo.

Como resultados esperados objetivamos além da efetiva implementação do Plano Museológico no MAP-UFPI, ampliar os supracitados e tornar o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí um espaço aberto a todos os públicos, voltado

para pesquisas, estudos, visitas e interações com a Arqueologia e a Paleontologia. E, ainda, um espaço representativo e convidativo de referências culturais da região, culminando em uma maior diversidade de público e proporcionando uma maior identificação por parte dessas pessoas com as questões referentes ao museu.

CONCLUSÕES

Por fim, reiteramos a necessidade de implementação do Plano Museológico no Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI, considerando alcançar maior efetividade em seu papel como museu. O MAP-UFPI apesar de ter como pontos positivos a busca pela sua melhoria e consequentemente a realização do Plano Museológico, apresenta diversos desafios em âmbitos institucionais a serem superados. Destacamos que esse objetivo será melhor atingido com a execução de forma participativa, em que durante todo o processo –este tão importante quanto o documento e resultado final – todos os públicos podem contribuir, de forma que o museu cumpra com eficácia sua missão e priorize em sua gestão a eficiência das experiências ofertadas e de maneira integrada ao seu público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Maria Cristina O. **Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.** In: Judite Primo & Mário Moutinho (Eds.). Introdução à Sociomuseologia. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”: Lisboa, [2006] 2020.

CURY, Marília Xavier. **Museologia, novas tendências.** In: Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p 25-41.

DUARTE CÂNDIDO, M. M. **Diagnóstico museológico: estudos para uma metodologia.** In: SEMEDO, A.; NASCIMENTO, E. N. (org.) Actas do 1º seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, v.3, p. 124-132, Universidade do Porto: Porto, 2010.

Plano museológico participativo do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (PLAMPA-MAP/UFPI). Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/extensao/DiscenteExtensao/atividades_discente.jsf. Acesso em: Out/2023.

LICENCIAMENTO AMBIENTAL, IMPACTOS AO PATRIMÔNIO E O MUSEU-SOLUÇÃO

*Ilza Carla Favaro de Lima
(PPG-PMus / Unirio, ilzacarlalima@yahoo.com.br)*

Palavras-chaves: Licenciamento Ambiental, Patrimônio Cultural, Museu.

Esta comunicação apresenta um projeto de doutoramento em desenvolvimento, cujo objeto são as práticas de gestão do patrimônio cultural no contexto do licenciamento ambiental, aplicadas em virtude de obras de engenharia de impacto ambiental, especificamente os casos que suscitaram iniciativas museais.

Neste estudo, o conceito de patrimônio cultural está compreendido como um processo antropogênico presente nas mais diversas comunidades humanas e que, na modernidade ocidental, ganha contornos semânticos e político culturais específicos (GONÇALVES, 2007). A análise pretende discutir sobre o patrimônio cultural destacado através de processos de patrimonialização e de musealização, orientados pela concepção de Discurso Autorizado do Patrimônio (SMITH, 2006) e da Ideologia da Competência (CHAUI, 2012; 2022).

A presença do patrimônio cultural nas normativas brasileiras tem garantido a realização de pesquisas sobre o tema, mesmo antes da implementação do Licenciamento Ambiental (LA), que passou a ser exigido desde a Resolução 001/86, do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), com intuito de prevenir, mitigar e compensar danos ao meio ambiente. Um exemplo disso é o Plano Básico de Conservação do Meio Ambiente, da Usina de Itaipu, com data de 1975, que indicava que seriam realizadas pesquisas e a formação de um museu de história e arqueologia.

A pesquisa tem como foco a gestão do patrimônio cultural desenvolvida a partir da inserção do tema nos estudos de avaliações de impacto ambiental, que passam a ser desenvolvidos sistematicamente a partir da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA). Com especial interesse na evolução do debate que produz a implementação do Decreto nº 3.551/00 e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que aproxima as comunidades à atribuição de valor dos bens que constituem o patrimônio cultural brasileiro. Essa ampliação da participação social foi severamente reduzida, no cenário do licenciamento ambiental, a partir de 2015, com a Instrução Normativa nº 001, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A análise foi motivada, entre outros motivos, pela experiência direta com o licenciamento da UHE Belo Monte, no Norte do Brasil. Em virtude das exigências das leis ambientais nacionais, assim como das convenções internacionais de que o país é signatário, após anos de estudos, negociações e adequações do projeto de engenharia, as obras para construção da Usina foram liberadas, mediante a realização do Plano Básico Ambiental (PBA).

Entre as condicionantes do PBA constavam as exigências para o atendimento ao Plano de Valorização do Patrimônio, subdividido em dois programas e sete projetos. Um desses projetos previa a construção de duas casas de memória que armazenariam os acervos audiovisuais, produzidos durante as pesquisas sobre referências culturais da comunidade residente na Área de Influência Direta (AID) do empreendimento, composta por cinco municípios: Altamira, Anapu, Brasil Novo, Vitória do Xingu e Senador José Porfírio, no estado do Pará.

O trabalho de campo possibilitou testemunhar as políticas culturais sendo aplicadas num caso de grande impacto ambiental e sociocultural, um megaempreendimento. Pude conhecer a gestão do patrimônio cultural protegido pela legislação, em ações de identificação, mapeamento, monitoramento, resgate e preservação *in situ*, para os patrimônios arqueológicos. E o inventário, referenciamento, registro e valorização de outros patrimônios, alinhados a própria Constituição Federal, que indica que “O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (BRASIL, 1988, art. 216, § 1º, grifo meu).

Um dos detalhes que chamava muito a atenção à época, era, além dos registros das referências culturais, a realização de um projeto de implantação de duas casas de memória, uma em Altamira e outra em Vitória do Xingu, para salvaguarda dos acervos produzidos localmente, a partir dos inventários. A decisão foi uma exigência oficial do Iphan, que atua junto aos processos de licenciamento federais, liderados pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama. Esta determinação foi anterior ao processo de construção coletiva que se buscava realizar posteriormente com a comunidade interessada.

Algumas perguntas passaram a se formar sobre o quanto a produção e salvaguarda desses acervos estava contribuindo para a valorização do patrimônio cultural local e nacional; de que maneira o registro e a documentação dessas referências culturais e depoimentos de memórias das comunidades afetadas mitigaria as mudanças trazidas pelo empreendimento ao seu ambiente; e ainda, como estes acervos e estas instituições seguiriam preservados e ativos, quando entregues às comunidades, tendo em vista que não havia previsão de recursos e definição sobre como ocorreria a sua gestão; como o patrimônio poderia ser uma ferramenta cultural para o fortalecimento e desenvolvimento local, apoiado nessas instituições que se colocavam como uma zona de amortecimento em relação aos impactos gerados pela instalação da Usina, além de outros projetos que, ainda por vir, certamente impactarão a região?

A partir de um mapeamento das iniciativas museais, nesta fase da pesquisa, tem sido investigado identificado iniciativas desencadeadas a partir de obras de engenharia e infraestrutura, instaladas ou em processo, com programas de gestão e/ou outras abordagens relacionadas ao patrimônio cultural. Desta forma, busca identificar as pesquisas que produziram informações, acervos e projetos para gestão do patrimônio, com propostas de permanência destes conteúdos nos territórios ativos, processos que não tenham avançado ou que estejam desativados. A intenção inicial seria identificar a totalidade, além de compreender as variações entre os casos, para depois realizar o estudo de alguns casos comparados.

Até o momento já foram identificados mais de quarenta casos de iniciativas museais oriundas deste contexto que, diante dos objetivos do projeto, possibilitarão refletir sobre a Gestão do Patrimônio Cultural e as interfaces entre o licenciamento ambiental e a museologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição Federal, 1988.

CHAUI, Marilena. *A Ideologia da Competência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GONÇALVES, José R. S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro, 2007.

SMITH, Laurajane. *Uses of Heritage*. London: Routledge, 2006.

VIRTUALIZAÇÃO TOMOGRÁFICA DOS ACERVOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Victor Nery
(MAE/USP, victor.nery@usp.br)

Luana Spósito
(MAE/USP, luana.sposito@usp.br)

Veronica Wesolowski
(MAE/USP, wesolski@usp.br)

Rodrigo Oliveira
(IB/USP, eliaso@usp.br)

André Strauss
(MAE/USP, strauss@usp.br)

Técnicas não invasivas têm sido frequentemente aplicadas à Arqueologia para estudo de remanescentes humanos desde as duas últimas décadas. Estes métodos dizem respeito à produção de modelos tridimensionais para análise das estruturas externas e internas do material esquelético (ZOLLIKOFER; LEÓN, 2005; WEBER; BOOKSTEIN, 2011).

Além das possibilidades de análises morfológicas, a virtualização dos acervos com remanescentes humanos também tem papel de destaque em processos curatoriais, sobretudo quando o material é submetido a análises destrutivas (i.e. aDNA, isótopos estáveis, datações). O backup virtual viabiliza pesquisas e atividades educacionais, garantindo a integridade do patrimônio material. Isso porque o modelo virtual permite também a reprodução física desse acervo, através de impressões tridimensionais.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) faz parte de um esforço nacional de estabelecimento de protocolos sistemáticos no processo de virtualização museológica. Nos últimos 5 anos, o MAE/USP tem expandido o uso das técnicas de virtualização para além dos remanescentes humanos, aplicando-as a acervos históricos e etnográficos da USP (VILLAGRAN *et al.*, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2023; SPÓSITO *et al.*, 2021).

No biênio de 2018-19, virtualizou-se as séries esqueléticas de sambaquis (e.g. Piaçaguera) do MAE/USP e a coleção de crânios de referência do Museu de Anatomia Humana da USP (MAH/USP). No anos de 2020-21, expandiu-se a digitalização para estruturas vegetais (e.g. Lapa do Boquete) e, entre 2022-23, digitalizou-se também as coleções de cerâmicas (e.g. Santarém) e líticos (e.g. Serra da Capivara), além de outros materiais, todos pertencentes ao acervo do MAE/USP.

As aquisições foram realizadas no Hospital Universitário da USP (HU/USP), através da Tomografia Computadorizada. As condições de aquisição das imagens são padronizadas pelo

Protocolo de Realização das Tomografias Médicas, desenvolvido pelo LAAAE/USP (PEDROSO *et al.*, 2022; CASTRO *et al.*, 2023). Dentre a estrutura disponibilizada pelo HU/USP atualmente, estão os equipamentos SOMATOM go.Up e SOMATOM go. All. Em ambos os tomógrafos, a radiação é liberada enquanto ocorre a movimentação da mesa, dos detectores e da fonte giratória de raios-X (*gantry*). A cada volta dada em torno das amostras, são geradas inúmeras imagens as quais, quando agrupadas no final da digitalização, formam o modelo digital, reconstruído através de softwares online de amplo acesso (SANTOS *et al.*, 2014).

Para materiais menores (~5cm), prioriza-se a aquisição em escala micrométrica. O grau de detalhamento dos modelos obtidos é potencializado pela diminuição do corpo de prova e pelo conjunto rotativo refinado da fonte-detector-amostra dos microtomógrafos utilizados. A aplicação de radiação parte de princípios similares aos das tomografias médicas, com especificidades de uso a cada aparelho. Para os estudos realizados, utilizou-se das máquinas do Instituto de Biociências (IB) e do Laboratório de Caracterização Tecnológica da Escola Politécnica (LCT/POLI), ambos da USP.

Como resultado, nosso acervo virtual contém cerca de 1200 tomografias com a digitalização de mais de 3000 peças arqueológicas, históricas e etnográficas das coleções museológicas da USP. De forma complementar, é possível afirmar que este estudo favorece o desenvolvimento do método para aplicação de radiação sobre materiais de diversas naturezas, aumentando a potencialidade dos estudos e a salvaguarda de coleções com valor inestimável. Sistemáticamente, cria-se padrões de aquisição pela primeira vez aplicados no país.

AGRADECIMENTOS:

Aline Oliveira, Ana Borella, Antônio Matioli, Beatriz Aceto, Carina Ulsen, Carla Carneiro, Carolina Lima, Claudio Costa, Daniel Fidalgo, Demylis Castro, Edson Liberti, Eduardo Neves, Eliane Chim, Ezequiel Ortiz, Gabriel Cohen, Gabriel Vollet, Haruan Straioto, Ivan Menezes, Jhonatan Arismendi, João Bacurau, João Vitor Marcon, Kelly Brandão, Laura Lisboa, Leticia Maciel, Luana Nicolau, Manuel Dimitri, Marcony Alves, Maria Ana Correia, Mariana Farsura, Mateus Lopes, Max Ernani, Regivaldo Silva, Renato Saad, Rui Murrieta, Silvia Lacchini, Talita Lima, Tiago Ferraz, Ximena Villagran e demais colaboradores do projeto. Agradecimento especial à FAPESP, ao Instituto Max Planck da Alemanha e à USP pelo financiamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Demylis; GUIMARÃES, Leticia; PEREIRA, Mariana F.; MATIOLI, Antônio C.; OLIVEIRA, Rodrigo E.; STRAUSS, André. Virtualização tomográfica esquelética pré-colonial do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. *In: SIICUSP*, 31., 2023, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/>. Acesso em: 06 out. 2023.

OLIVEIRA, Rodrigo; STRAUSS, André; MURRIETA, Rui; CASTRO, Claudio; MATIOLI, Antônio C. An Early Holocene case of congenital syphilis in South America. *International Journal of*

Osteoarchaeology, v. 33, 2023, p. 164-169. DOI: <https://doi.org/10.1002/oa.3180>.

PEDROSO, Victor Nery; LIMA, Carolina; ALVES, Marcony; SPÓSITO, Luana; STRAUSS, André. Virtualização tomográfica esquelética pré-colonial do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. *In: SIICUSP*, 30., 2022, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/>. Acesso em: 06 out. 2023.

SANTOS, Karina; COSTA, Cláudio; OLIVEIRA, Jefferson. Tomografia computadorizada. *Imaginologia*. Tradução. São Paulo: Artes Médicas, 2014, p. 316. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=5xo7AgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 06 out. 2023.

SPÓSITO, Luana; STRAUSS, André. Mobilidade no Brasil Central: análise de geometria transeccional de ossos longos das populações de Lagoa Santa. *In: SIICUSP*, 29., 2021, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/>. Acesso em: 06 out. 2023.

VILLAGRAN, Ximena; STRAUSS, André; ALVES, Marcony; OLIVEIRA, Rodrigo E. Virtual micromorphology: The application of micro-CT scanning for the identification of termite mounds in archaeological sediments. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 24, 2019, p. 785-795. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2019.02.035>.

WEBER, Gerhard.; BOOKSTEIN, Fred. *Virtual Anthropology: a guide to a new interdisciplinary field*. Vienna: Springer Company, 2011.

ZOLLIKOFER, Christopher; LEON, Marcia P. Virtual Reconstruction: A Primer in Computer-Assisted Paleontology and Biomedicine. *In: LISS*, Wiley. *Hardcover*. Nova York, 2005.

CRIAÇÃO INTENCIONAL DE TERRA PRETA NA AMAZÔNIA ANTIGA

Morgan J. Schmidt

(Universidade Federal de Santa Catarina, morgan.j.schmidt@gmail.com)

Helena Pinto Lima

(Museu Paraense Emilio Goeldi, helenalima@museu-goeldi.br)

Bruna Cigaran da Rocha

(Universidade Federal do Oeste do Para, b.c.rocha@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O tamanho das antigas populações humanas e a extensão do seu impacto na paisagem são intensamente debatidos na Amazônia. No centro deste debate está a terra preta arqueológica ou *Amazonian dark earth* (terra escura) – solo anômalo caracterizado por uma cor mais escura, teor elevado de carbono orgânico e maior fertilidade do que os solos típicos da Amazônia. Evidências arqueológicas indicam que a terra preta se formou em associação com a ocupação humana, mas é incerto quais práticas criaram as terras pretas e se foram criadas intencionalmente. A quantidade de carbono armazenada em locais de terra preta também é em grande parte desconhecida, acrescentando incerteza aos potenciais impactos climáticos da perda de carbono do solo devido a alterações no uso da terra e ao aquecimento global.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para investigar o enriquecimento, conteúdo de carbono, e a distribuição de solos modificados, analisamos amostras de solo de transectos em quatro sítios arqueológicos, duas aldeias históricas e uma aldeia moderna na região do Alto Xingu, bem como amostras de solos em áreas entre sítios para comparação (SCHMIDT *et al.*, 2023). Além dessas amostras, estimamos a extensão da terra escura em cada local com sondagens arqueológicas. As datas de ocupação desses locais variam de 5.000 anos calibrados antes do presente (cal BP) até os modernos, com a maioria das idades de radiocarbono entre 1.000 e 300 cal BP. Coletamos medições semelhantes em dois sítios arqueológicos com terra escura no Alto Tapajós e na Serra dos Carajás, cujas datas de ocupação variam de 11.800 a 500 cal AP. Para determinar quais práticas formaram a terra escura e se ela foi criada intencionalmente, aumentamos nossas análises arqueológicas e de solo com pesquisas etnográficas na atual aldeia Ipatse

(Kuikuro), que documentou solos enriquecidos a partir de práticas contemporâneas de manejo dos resíduos e do solo (SCHMIDT, 2013).

RESULTADOS

Transects radiais tanto em aldeias modernas quanto em assentamentos arqueológicos no Alto Xingu mostram maior alteração do solo em áreas de descarte (resíduos orgânicos, cinza e carvão) em áreas residências ou de descarte em cada sítio e diminuindo para fora. O solo mais enriquecido tem mais do dobro do carbono orgânico do que o solo na extremidade distal dos transects e é menos ácido em cerca de uma unidade de pH no sítio arqueológico e duas unidades de pH em aldeia atual. Medições de abundância de nove elementos adicionais revelam que elementos associados ao enriquecimento antrópico do solo (P, K, Ca, Mg, Mn, Zn) apresentam enriquecimento de dez vezes ou mais nas áreas de descarte com terra escura em comparação com solos na periferia e estão positivamente correlacionados entre si em uma análise de componentes principais de concentrações químicas.

Três sítios arqueológicos próximos e duas aldeias históricas mostram padrões semelhantes de alteração do solo, com o solo mais enriquecido em áreas residenciais com depósitos em lixeiras (incluindo montículos lineares nas beiras das praças e estradas), solos menos modificados em áreas públicas, incluindo estradas e praças, e uma diminuição gradual na modificação do solo com distanciamento das áreas centrais dos locais. As sondagens indicam que o solo escuro menos modificado se estende pelo menos 400 m para fora das valas circunferenciais. Também observamos padrões semelhantes de alteração do solo nos outros dois locais amazônicos que estudamos, um ao longo do rio Tapajós e outro na Serra dos Carajás. Em ambos os locais, como em outros na Amazônia, depósitos de terra escura relativamente profundos ocorrem nas encostas superiores dos barrancos dos rios, com o solo mais enriquecido encontrado em depósitos de lixeira.

As entrevistas revelaram que os Kuikuro espalham propositadamente cinzas e resíduos orgânicos na superfície para fertilizar o solo e criar terra escura, a que chamam de *egepe*, para subsequente cultivo. Os locais onde espalham as cinzas são chamados de *ilubepe*, e um local onde o *egepe* já se formou a partir da propagação das cinzas é chamado de *ilube egepütipügü*. Segundo um informante, "Era *ilubepe* do *Ngiholo*. (área de jogar cinza dos antepassados) que nos chamávamos de *egepe*." (entrevista com Kamankgagü). Outro descreve como o criam hoje: "eu sempre joguei carvão e cinza, cinza que varremos, juntamos e depois jogamos onde será o plantio para virar *Egepe* bonito. Lá podemos plantar batata. Quando voce planta onde não tem *Egepe* fica fraca. Por isso que jogamos a cinza, casca de mandioca e massa de mandioca, ai vira *egepe* bonito" (entrevista com Kanu). Para quantificar o nível de apoio à hipótese de criação intencional de *egepe*, extraímos todas as respostas das entrevistas relevantes para o manejo do solo. Das 78 declarações, 42 apoiam a hipótese da criação intencional do *egepe* (54%), 11 a contradizem (14%) e 25 são neutras (32%).

CONCLUSÕES

Demonstramos semelhanças entre a terra preta em contextos antigos e modernos e documentamos práticas indígenas modernas que enriquecem o solo, que usamos para propor um modelo para a formação da terra preta no passado. Esta comparação sugere que os antigos amazônicos manejavam o solo para melhorar a fertilidade e aumentar a produtividade dos cultivos. Estas práticas também sequestraram e armazenaram carbono no solo durante séculos, e mostramos que o conteúdo de carbono orgânico de alguns locais antigos de terra preta é comparável ao da biomassa da floresta. Nossos resultados demonstram a criação intencional da terra preta no Alto Xingu e destacam o papel das antigas interações homem-paisagem na formação dos reservatórios terrestres de carbono.

Palavras Chaves: Arqueologia Amazônica, Terra Preta, Povos Indígenas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHMIDT, M.J., GOLDBERG, S.L., HECKENBERGER, M.J., FAUSTO, C., FRANCHETTO, B., WATLING, J., LIMA, H.P., MORAES, B., DORSHOW, W.B., TONEY, J., MEHINAKU, Yamalui, WAURA, Kumessi, KUIKURO, Huke, KUIKURO, Taku Wate, KUIKURO, Yahila, KUIKURO, Afukaka, TEIXEIRA, W., ROCHA, B., HONORATO, V., TAVARES, H., MAGALHAES, M., BARBOSA, C.A., DA FONSECA, J.A., ALLEONI, L.R.F., CERRI, C.E.P., NEVES, E.G., PERRON, J.T. Intentional creation of carbon-rich dark earth soils in the Amazon. *Science Advances*, v. 9, eadh8499, 20 set. 2023. Acesso: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adh8499>

SCHMIDT, M.J., Amazonian Dark Earths: Pathways to Sustainable Development in Tropical Rainforests? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n. 1, p. 11-38, jan.-abr. 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu, a comunidade Kuikuro, os indivíduos entrevistados, e a Equipe Kuikuro de arqueologia.

PARA ALÉM DAS TERRAS, QUE FAÇAMOS O EXERCÍCIO DE ESCAVARMOS NOSSAS PRÓPRIAS CATEGORIAS

Luana Rodrigues Nascimento

(Universidade Federal de Minas Gerais (luana.rodnas@gmail.com))

Thamyres da Silva Pacheco

(Universidade Federal de Minas Gerais (thamyrespacheco123@gmail.com))

As categorias que utilizamos academicamente estão para além de palavras a nós familiares, de terminologias exclusivas aos nossos ofícios, elas narram acerca de nossas construções de mundo, nossas referências. As críticas sobre as implicações das produções de conhecimento ocidentais, entendidas também como ontológicas (Torres, 2018), encontram certa solidificação na Arqueologia, mas esse processo ainda detém muitos caminhos a serem percorridos, principalmente quando estamos diante de contextos que desafiam os nossos termos.

É com este desafio que nos deparamos na Iniciação Científica, com o projeto “Sobre as Marcas do Passado: arqueologia e conhecimento indígena na Amazônia”, que desenvolve uma pesquisa colaborativa com o povo indígena Wajãpi do Amapá (CABRAL, 2014). Ali percebemos que categorias a nós tão caras como Sítio Arqueológico, Vestígio e Pessoa não conseguem abarcar semanticamente a diversidade de agentes e marcas conhecidas pelos Wajãpi. Vemos a partir dessas provocações uma oportunidade de escavar as categorias disciplinares que movem o léxico da Arqueologia Ocidental.

Pesquisas como as que Mariana Cabral (2014) e Dominique Gallois (1986) têm construído de forma colaborativa com pesquisadores Wajãpi, evidenciam dimensões que em outras metodologias dificilmente seriam percebidas. Quantas marcas outras têm passado aos nossos olhos sem a atenção? Tendo em vista as concepções Wajãpi, certamente algumas. Para esse povo, a categoria de gente não se restringe a humanos, assim outras gentes (como gente-pássaro) também deixaram marcas no mundo (Cabral, 2014). Além da extensão da categoria pessoa, há também temporalidades fluidas, em que passado e presente podem co-existir.

Isto implicará diretamente na maneira como compreendemos espaços, coisas, tempos e gentes. Se nos atentarmos à definição do que é arqueológico, perceberemos que o nosso primeiro movimento é excluir da definição tudo aquilo que é considerado “natural”. Se não detém cultura, não produz vestígios arqueológicos. Mas quando os pássaros são gente, isso pode mudar.

Pensar o léxico que acionamos é ao cabo realizar um exercício contínuo de compreender que a língua, conforme Kilomba (2019), “tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (p.14). Trazer a ideia de escavar em nosso título parte em certa medida de um intuito de ilustrar esse exercício de destrinchamento das estratigrafias conceituais de nossas construções de saberes, o que dá a oportunidade de entender noções que constituem quem os narra e aciona, nós.

Colocar essas questões à mesa como outres colegas da disciplina têm feito (CABRAL, 2014; MILLION, 2005; MORAES, 2020), seguindo diversos caminhos, não almeja deslegitimar a Arqueologia, trata-se da necessidade de localizar nossas produções, ter em mente seus alcances e limitações, vendo essas últimas não como um anúncio de nosso fim, e sim, como um recado de que somos uma possibilidade dentre muitas de construir narrativas sobre os passados em conjunto aos materiais (Shanks&Tilley, 1992).

Esse debate não trata de uma instantânea autocrítica e, sim, um tensionamento que demanda rever abordagens em tentativas de explicar sistemas-mundos distintos dos que partem ês pesquisadoras. No percurso da disciplina, existências e conhecimentos foram atravessados por processos de outrificação (KILOMBA, 2019), elaboramos narrativas que ao invés de sujeitos vimos objetos. Invadimos convivências, espaços, deles retiramos o que julgávamos relevante, extrativistas de experiências e fomos embora com as essencializações que criamos. Nutrimos a academia com seu anseio de conhecer o Outro como um negativo de seu Eu também construído.

Contudo, aqueles que antes detinham apenas o espaço da descrição dentro do ambiente acadêmico, na sua afirmação de sujeitos das próprias histórias, expuseram as dicotomias coloniais que sustentam nossas produções, fizeram despencar as nossas constelações de fantasias e paleofantasias (PASSOS, 2018) - as expectativas decorrentes dessa essencialização do “Outro” presente como do “Outro” passado. A Arqueologia tem falado muito, está no momento de ouvir, uma escuta ativa e auto reflexiva, disposta a desapegar de um lugar de autoridade exclusiva do saber científico.

O que nos propomos aqui com essa reflexão não se reduz a somente uma intervenção teórica como também prática, uma vez que, ao tensionarmos os nossos repertórios semânticos, a forma como iremos materializar ações ganha outros contornos. De que modo mudar nossos conceitos implica em mudar nossas práticas? Outras epistemologias podem participar da arqueologia? Saberes contemporâneos podem dialogar com nossas histórias antigas? Essas são questões que podem nos ajudar a construir outras arqueologias, em que a outrificação não seja a regra.

Agradecemos às instituições CNPq e PRPQ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Mariana Petry. "E se todos fossem arqueólogos?": Experiências na Terra Indígena Wajãpi. Anuário Antropológico/2013, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 115-132

CABRAL, Mariana Petry. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. Orientador: Marcia Bezerra de Almeida. 2014. 276 p. Tese (Doutor em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia) - Universidade Federal do Pará, 2014.

GALLOIS, Dominique Tilkin. 1986. Migração, guerra e comércio: os Waiapi na Guiana. São Paulo: FFLCH/USP.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o Eu. In: Memórias da Plantação- Episódios de Racismo Cotidiano, Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. (p.213-238)

MILLION, Tara. Construindo uma Arqueologia Aborígine (Tradução livre). DevelopinganAboriginalarchaeology: receivinggiftsfromthe White Buffalo Calf Woman. In IndigenousArchaeologies: Decolonizingtheoryandpractice, editado por Smith, C. & H. M. Wobst. Abingdon/ New York: Routledge. 2005. pp: 39-51.

MORAES, Irislane Pereira de. Arqueologia "na flor da terra" quilombola: ancestralidade e escrituras de um caminhar Sankofa no território dos povos do Aroá-Amazonia paraense. 2020. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PASSOS, Lara. Gênero e Pré-História. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/2018/03/29/genero-e-pre-historia/>. Acessado em: 4 de novembro de 2022

TORRES, Nelson M. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In:Decolonialidade e pensamento afro diaspórico .Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (p.55-77).

SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. 1992 [1987]. Re-ConstructingArchaeology - TheoryandPractice. 2.ed. London/ New York: Routledge.

VIVENCIANDO AS MATERIALIDADES DO TERROR: REFLEXÕES SOBRE O POTENCIAL DAS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS IMPLEMENTADAS DURANTE A ESCAVAÇÃO DO DOI-CODI/SP

*Caroline Murta Lemos
(Autônoma, carolmurta@hotmail.com)*

*Elton Rigotto Genari
(UNICAMP, eltonrigotto@gmail.com)*

*Tuanny Lima Victor
(USP, tuanny.victor@gmail.com)*

*Patrícia Cristina Bertozzo
(UNICAMP, patricia.bertozzo@gmail.com)*

ARQUEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

A Arqueologia Contemporânea parte da premissa de que além das pesquisas arqueológicas serem desenvolvidas e moldadas a partir de interesses, pressupostos e metodologias específicas atuais, elas também atuam no presente, impactando diferentes contextos sociais, políticos e culturais. Por isso, para Buchli e Lucas (2001), a Arqueologia Contemporânea tem como objetivo abordar as “presenças ausentes”/“ausências presentes”, ou seja, tornar visível os conflitos, as incoerências e as exclusões resultantes de processos históricos que as vozes dominantes/estruturais tentam apagar/manipular. Graves-Brown (2000) defende uma ideia muito semelhante. Para ele a Arqueologia tem o dever de tornar o familiar “não familiar”, de dar visibilidade e analisar aspectos da vida cotidiana que geralmente passam despercebidos, ou seja, tem o dever de entender e questionar políticas de poder que são “ignoradas”, que não são problematizadas. Não à toa, alguns autores defendem que a Arqueologia Contemporânea é uma arqueologia **no e do presente** (ver GRAVES-BROWN et al., 2013; HARRISON, 2011; HOLTORF; PICCINI, 2009).

Partindo dessa premissa da Arqueologia como ação sociopolítica, foram desenvolvidas, em agosto deste ano, durante as escavações das instalações do antigo Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo (DOI-CODI/SP), diversas atividades socioeducativas como visitas guiadas, oficinas e mesas de debate. Essas atividades tiveram o objetivo de fazer com que diferentes públicos pudessem testemunhar pessoalmente o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos no DOI-CODI/SP,

compreendendo a importância destas materialidades na produção de conhecimento sobre o Terrorismo de Estado e na produção de memórias e narrativas críticas sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

AS ARQUEOLOGIAS DO DOI-CODI/SP

O DOI-CODI/SP funcionou de 1970 a 1982, em dois lotes com entradas pela Rua Tutoia nº 921 e pela Rua Tomás de Carvalho nº 1030, na cidade de São Paulo. Esse foi o DOI-CODI mais ativo do país (CNV, 2014), o que obteve o maior número de denúncias de tortura (382 denúncias) (BRASIL: NUNCA MAIS, 1985) e, segundo Neves (2012), foi responsável por pelo menos 17% dos casos de mortes e desaparecimentos políticos que aconteceram durante a ditadura. Para Godoy (2015), a estrutura e funcionamento do destacamento de São Paulo também serviu de modelo para os outros DOI-CODIs do país, o que reforça o seu papel decisivo na repressão política, tornando fundamental o estudo de sua atuação e funcionamento para a compreensão da estrutura repressiva ditatorial. É aí que entra esse projeto de pesquisa, que nasceu e foi desenvolvido em parceria com o Grupo de Trabalho DOI-CODI, coordenado pela Dra. Deborah Neves e composto por diferentes representantes da sociedade civil, para embasar a construção de um futuro memorial no local. Essa iniciativa contou com três frentes específicas de atuação: a de Arqueologia Pública, coordenada pela Profa. Aline Carvalho (UNICAMP), a de escavação, chefiada pelo Prof. Zarankin (UFMG), e a de Arqueologia e Antropologia Forense, conduzida pela Profa. Claudia Plens (UNIFESP).

Nas duas semanas de trabalho, o time de Arqueologia Pública foi responsável pela recepção de mais de 800 pessoas no local, como procuradores, delegados, professores, moradores do bairro e estudantes. Além disso, quatro mesas de debate foram promovidas, envolvendo mais de treze professores, pesquisadoras e/ou ex-preses políticas, que compartilharam memórias e experiências sobre a ditadura com mais de cem pessoas inscritas. Ao mesmo tempo, três oficinas foram desenvolvidas, duas sobre Direitos Humanos feitas especialmente para professores e uma, em parceria com o CAAF/UNIFESP, sobre Arqueologia e Antropologia Forense. Esse trabalho tem como objetivo discutir o desenvolvimento dessas atividades e os resultados alcançados, principalmente por meio da análise do questionário respondido pelo público no final das visitas.

ARQUEOLOGIA COMO UMA ATUAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

A partir do contato do público com as materialidades do terror do DOI-CODI/SP, noções como Estado de Direito e Direitos Humanos foram debatidas, buscando fomentar reflexões sobre a responsabilidade civil de cada um na valorização dos direitos fundamentais e da democracia na atualidade. Afinal, essa atualidade está marcada por heranças da ditadura como o autoritarismo, a violência estatal, a corrupção, o elitismo (e aporofobia) e os discursos de ódio atrelados ao conservadorismo. Um exemplo preocupante desta realidade foi a invasão dos prédios dos três poderes em 8 de janeiro deste ano por golpistas inconformados com o

resultado das últimas eleições presidenciais. Esse ato demonstra que a Justiça de Transição brasileira ainda tem muito a conquistar e a Arqueologia pode desempenhar um papel central nesse processo ao dar visibilidade e viabilizar a construção de lugares de memória pautada na materialidade de espaços de repressão e resistência política.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao CNPq e à UNICAMP pelo financiamento das atividades de campo realizadas no DOI-CODI/SP em agosto de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL: NUNCA MAIS. Projeto A. Tomo V. v. I. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 1985.
- BUCHLI, Victor; LUCAS, Gavin. (ed.) *Archaeologies of the Contemporary Past*. Londres: Routledge, 2001.
- CNV, Comissão Nacional da Verdade. *Relatório/Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: Comissão Nacional da Verdade, 2014.
- GODOY, Marcelo. *A Casa da Vovó: uma biografia do DOI-CODI (1969-1991), o centro de seqüestro, tortura e morte da ditadura militar*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2015.
- GRAVES-BROWN, Paul. *Matter, Materiality and Modern Culture*. Londres: Routledge, 2000.
- GRAVES-BROWN, Paul; HARRISON, Rodney; PICCINI, Angela. (org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford: Oxford University Press. 2013.
- HARRISON, Rodney. *Surface assemblages. Towards an archaeology in and of the present*. *Archaeological Dialogues*, v. 18, n. 2, p. 141–161, 26 out. 2011.
- HOLTORF, Cornelius; PICCINI, Angela. (ed.). *Contemporary Archaeologies: Excavating Now*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009.
- NEVES, Deborah R. L. Parecer Técnico UPPH nº GEI-256-2012. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado, Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico, Processo 66578/2012, 2012.

ARQUEOLOGIA DO LAR DOS MENINOS - PARA ALÉM DA PAMPULHA

Vinicius Siqueira de Freitas
(Mestrando UFMG ppgan, viniciussiqueira1936@gmail.com)

Lilian Panachuk
(Professora do departamento de Antropologia & Arqueologia da UFMG
lipanachuk@gmail.com)

Situado na Estação Ecológica da UFMG - campus Pampulha, o “Lar dos Meninos” guarda parte da história da criação dessa cidade; as ruínas, os cacos e frascos espalhados pelo chão são documentos materiais que contam histórias de crianças pobres que com seu suor ajudaram a criar a Pampulha como conhecemos hoje. É possível que as mansões luxuosas, os salões de festa de pompa tenham em seus pilares a miséria que mãos infantis que produziram seu material construtivo.

Inaugurado em 1944 pelo então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, o “Lar dos Meninos” tinha como objetivo mascarar a miséria existente na cidade, disfarçando-a de assistência social e caridade. Recolhendo crianças em situação de vulnerabilidade, as “reeducando” enquanto eram utilizadas como mão de obra em atividades industriais, agrícolas e pastoris, além de receberem também educação física, cívica e religiosa, que visavam transformá-los em “cidadãos prestantes, pais de família, cristãos de invulgar dedicação ao lar, atentos cumpridores dos seus deveres para com Deus, para com a Pátria, respeitando-lhes as leis e ouvindo-lhes os chamados” (JUBILEU DE PRATA, 1969).

Este local sofreu diversas mudanças ao longo do seu período de funcionamento, em 1948 a administração do “Lar dos Meninos” foi transferida para a Pequena Obra da Divina Providência, representante da Ordem dos Orionitas, ganhando assim o nome “Lar dos Meninos Dom Orione”. Nessa ocasião, o terreno foi desmembrado e uma pequena parcela, escondida ao fundo do Lar, foi doada às Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor (BELO HORIZONTE, 1948). Mesmo tendo sido transferida da prefeitura para a ordem religiosa, o Lar continuou fazendo parte da Prefeitura de Belo Horizonte, integrante do Departamento de Saúde e Assistência Social e, conseqüentemente, regido pelas determinações do Decreto-Lei municipal 209/1947 e também pelo Decreto federal 17.943-A/1927, o Código dos Menores. A mudança pode ter acontecido por questões políticas e econômicas (SOUZA, 2001).

Em 1950 foi criado um pavilhão-cottolengo para crianças com sofrimento mental, que recebeu o nome de D. Déa Dantas Campos, para homenagear a esposa do então governador

de Minas Gerais, Milton Campos (SOUZA, 2001). Cinco anos depois foi inaugurada a olaria, que, em seu ápice, produzia entre oito mil e doze mil tijolos diariamente. Nesse período, o “Lar dos Meninos Dom Orione” recebeu, do estado de Minas Gerais, a doação da Fazenda do Campo Alegre, localizada na cidade de Moravânia (MINAS GERAIS, 1950) e celebrou convênio com o Poder Executivo estadual (MINAS GERAIS, 1955). Esta prosperidade, entretanto, não duraria para sempre, pois em 1956, JK, agora presidente da república, declarou utilidade pública de terrenos contíguos à UFMG para sua desapropriação e incorporação a cidade universitária (BRASIL, 1956), dentre os trinta e oito terrenos estavam o do Lar e o das Irmãs Oblatas (MORAES, 1971). O ato de desapropriação aconteceu de fato, somente em 1974, após a construção de nova sede em bairro próximo, também na regional da Pampulha (SOUZA, 1971).

Em 1976 o Instituto de Ciências Biológicas apresentou uma proposta de criar o “Programa Ecológico do Campus Pampulha” na área antes ocupada pelo Lar, agora quarteirão 14 (DAL PONT, 2008). O programa foi aprovado em 1979, mas somente em 1988 começou a elaboração da proposta de implantação da Estação Ecológica (EEco), sendo o processo interrompido no início da década de 1990 pelo desejo da universidade de implantar os edifícios de Odontologia e Farmácia em área da EEco, disputa resolvida pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte (CDPC-BH), que optou por proteger toda a área do quarteirão 14, impossibilitando a construção de toda e qualquer unidade acadêmica (DAL PONT, 2008). Em 2022 a equipe da EEco elaborou o plano de manejo (DRUMOND, 2021) que prevê pesquisas acerca de seu patrimônio material e a história da área, estando esse e outros projetos inseridos nesse contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO Horizonte, Decreto-lei nº 209, de 11 de novembro de 1947. Organiza os serviços da Prefeitura de Belo Horizonte. Belo Horizonte, DOM, 11/11/1947.

BELO Horizonte, Lei nº 68, de 28 de dezembro de 1948. Dispõe sobre doação à congregação “Pequena Obra da Divina Providência” e a abertura de crédito especial para auxílio monetário à referida congregação. Belo Horizonte, DOM, 28/12/1948.

BRASIL. Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927. Consolida as leis de assistência e proteção a menores. **Coleção de leis do Brasil**. Rio de Janeiro, 31/12/1927.

BRASIL, Decreto nº 39.778, de 13 de agosto de 1956. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, os terrenos contíguos à atual área da Cidade Universitária da Universidade de Minas Gerais. Rio de Janeiro, DOU, 14/8/1956.

DAL PONT, Karina Rousseng. **De “bota-fora” à Estação Ecológica da UFMG** (pequenas conquistas e a construção de significados ambientais urbanos). 2008. 119f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DRUMOND, Maria Auxiliadora (coord.). **Plano de Manejo da Estação Ecológica**: Desafios e oportunidades para os anos 2022-2027. Belo Horizonte, 2021.

JUBILEU DE PRATA DO LAR DOS MENINOS DOM ORIONE. Belo Horizonte, 1969.

MINAS Gerais, Lei nº 684, de 24 de novembro de 1950. Autoriza doação da Fazenda do Campo Alegre, situada em Moravânia, neste Estado, para instalação do Lar dos Meninos "D. Orione". Belo Horizonte, DOE, 24/11/1950.

MINAS Gerais, Resolução nº 130, de 5 de janeiro de 1955. Autoriza o Poder Executivo a estabelecer convênio e abre à Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho o crédito especial de Cr\$300.000,00. Belo Horizonte, DOE, 5/1/1955.

MINAS Gerais. Resolução nº 3.028, de 3 de dezembro de 1982. Concede subvenções às entidades a que se refere a Lei nº 6.776, de 9 de junho de 1976, para o exercício de 1983. Belo Horizonte, DOE, 3/12/1982.

MORAES, Eduardo R. Affonso. **História da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1971.

SOUZA, Marco Antônio de. **As estratégias da pedagogia do assistencialismo em Belo Horizonte, 1930-1990**: educação e caridade. 2001. 427f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE “PELOTAS, RS”

Leonardo Pinto Oliveira

(Universidade Federal de Pelotas, leonardopinto062@Gmail.com)

Gustavo Peretti Wagner

(Universidade Federal De Pelotas, gustavo.wagner@Ufpel.edu.br)

1 INTRODUÇÃO

A produção de carne salgada com vistas à exportação consistiu em um dos pilares da economia rio-grandense no século XIX. Nesse contexto, a cidade de Pelotas (RS) representou um dos principais centros de produção de charque, abrigando em seu território um grande número de estabelecimentos voltados a esta finalidade: as charqueadas.

As atividades de produção e de transporte do charque eram executadas pela mão de obra de escravos de ofício e domésticos. Além disso, também prestavam outros serviços ao charqueador, como por exemplo: a manutenção do próprio plantel de cativos, como os cozinheiros; das instalações, como os carpinteiros e os pedreiros; dos senhores e de suas famílias, como os engomadores, etc. A safra era sazonal e durava de novembro a abril. As charqueadas tinham em média 80 escravos, ocupados nos intervalos da safra em olarias nas próprias charqueadas, derrubadas de matas e plantações de milho, feijão e abóbora nas pequenas chácaras que cada charqueador possuía na Serra dos Tapes, onde ficam hoje a Cascata e as colônias de Pelotas. Com base nos inventários dos charqueadores é possível observar que grande parte da população servil das charqueadas era especializada para o manuseio do charque. É raríssimo o indicativo de especialistas em trabalhos para as olarias.

A arquitetura de Pelotas é uma riqueza cultural que precisa ser preservada, por representar a história do período charqueador. O conjunto arquitetônico é baseado em conceitos europeus, mas foi a mão de obra escrava que construiu essa beleza, com a produção de tijolos e telhas nas olarias da região.

Diante disso, levantamos os seguintes problemas de pesquisa:

- 1) Todas as charqueadas possuíam olarias?
- 2) Quais as obras arquitetônicas de Pelotas foram construídas por mãos escravas?
- 3) Qual o número de oleiros?
- 4) Após a abolição, essa mão de obra negra continuou trabalhando na cidade?
- 5) Qual a situação dos atuais afrodescendentes na construção civil de Pelotas.

2. METODOLOGIA:

A metodologia de pesquisa ora aplicada, combina o recurso da investigação bibliográfica e arquivista. O estudo dos documentos históricos, sobre a formação da cidade de Pelotas, do surgimento de seu enorme patrimônio histórico cultural, tentaremos demonstrar o obscurecimento da importância da “história negra” mantida ainda hoje na cidade. Usando da revisão das obras historiográficas que abordam o tema da escravidão nas charqueadas pelotenses, procuramos compreender o desenvolvimento dos estabelecimentos saladeiris, bem como o perfil demográfico de escravos e suas vidas cotidianas.

No que concerne à investigação nos arquivos, foi adotada a seguinte estratégia: coleta de fontes documentais que mencionem as charqueadas, seu proprietário, e todos que apresentavam alguma relação com o mesmo. As fontes documentais foram coletadas dos Livros de Óbitos e Casamento no Arquivo Municipal de Pelotas, Rio Grande, Cartório de Notas e câmara de Vereadores de Pelotas, Listas Nominativas que fornecem referências sobre as produções de antigas charqueadas, bem como os nomes de seus respectivos proprietários e espólios.

Procuramos neste primeiro momento, identificar as charqueadas em Pelotas, que mantinham as atividades de suas olarias, bem como identificar seus trabalhadores. Em um segundo momento, após identificarmos as charqueadas e suas olarias, iniciaremos a sondagem geológica do terreno, com a finalidade de encontrarmos o local exato, na propriedade, da localização do fornecimento da argila utilizada para a produção de tijolos e telhas. Através da geoarqueologia comparar as texturas e composições entre as argilas e tijolos dos prédios antigos em Pelotas. Com os dados poderíamos identificar qual a charqueada que mais contribuiu para a construção do patrimônio arquitetônico de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Foi possível constatar com a pesquisas nas Atas da câmara de vereadores de Pelotas do século XIX entre 1832 a 1861, que havia um grupo de vereadores que possuía em suas charqueadas olarias e que também realizaram algumas doações destes tijolos para, algumas bem feitorias no município como por exemplos: canal do pepino escoador, ponte do passo dos negros. Uma segunda constatação é a presença de cobrança de imposto sobre as olarias, demonstrando, sua condição de meio de ganho, mais uma forma de renda, dos charqueadores tendo um funcionamento anual já que impostos eram cobrados anualmente, na cidade segundo uma regulamentação da Província. Dos documentos das construções dos prédios históricos, encontramos referências ao arquiteto, mas não dos executores da obra.

4. CONCLUSÕES:

Podemos dizer que a cidade de Pelotas foi construída, em toda sua totalidade, por mãos escravas passando pelo charque e pelas olarias importantes para infraestrutura do município muitas vezes, lembrada nos relatos dos viajantes: Auguste de Sant-Hilaire(1821),

Gastão de Orleans-Conde d'Eu(1865), Nicolau Dress(1839), Arsene Isabelle(1833-1834), que em todos os seus relatos falam da beleza da cidade e o rápido desenvolvimento do município sem falar nas condições dos escravizados na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Ester J. B. -Negros, Charqueadas & Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense -Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

_____.O Monte Bonito Cobriu-Se De Sangue: História Do Sítio Charqueador Pelotense.

FERREIRA, Lúcio Menezes -O Pampa Negro: A Arqueologia Da Diáspora Africana Nas Charqueadas De Pelotas, Rio Grande Do Sul (1780-1888) -2022

Atas da Câmara Municipal de Pelotas (1832-1845,1846-1852,1853-186). /Organização e notas de Mario Osorio Magalhães. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti,2011.393p

QUEIROZ, Maria Luíza Bertuline. A Vila do Rio Grande de São Pedro 1737-1822. Rio Grande: Ed. FURG, 1987.

Monteiro, Victor Gomes. Uma arqueologia das paisagens da escravidão na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (1832-1850) / Victor Gomes Monteiro; Lúcio Menezes Ferreira, orientador. – Pelotas, 2016.192.

CADASTRAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO SERRANA (SC) NO SICG

Ana Lucia Herberts

(*Scientia Consultoria Científica – analh@terra.com.br*)

Esta comunicação é fruto do Projeto de Pesquisa “Inventário, Registro e Cadastramento dos Sítios Arqueológicos não cadastrados nos municípios da Mesorregião Serrana, em Santa Catarina” (HERBERTS, 2021; 2022).

A partir do levantamento de dados secundários nos municípios que compõem a Mesorregião Serrana, foi elaborado o inventário dos sítios arqueológicos existentes em cada município. Esta lista foi confrontada com os sítios já registrados e cadastrados no CNSA e no SICG do Iphan, objetivando identificar quais foram registrados, mas não incorporados ao CNSA e/ou SICG, ou com dados incompletos.

Foram identificados nesta situação 159 sítios arqueológicos. Há alguns que têm somente um ponto de localização, não tendo nenhum dado ou informação que permita a sua classificação, ou que propicie o uso em pesquisas futuras. Deste universo, realizou-se o cadastramento de 54 sítios arqueológicos no SICG.

Os dados dos sítios arqueológicos não cadastrados ou incompletos foram preenchidos na plataforma do SICG, com acesso liberado para esta finalidade pela AREC, por meio do cadastro de novo bem. Foram incorporados não somente sítios inéditos, mas também aqueles com registro no CNSA e que, quando da importação para o SICG, seus dados estavam incompletos.

Para atualizar o cadastro desses sítios, foi necessário inserir novos dados no SICG devido às restrições do perfil da proponente, pois o sistema permite somente a edição dos sítios preenchidos pela mesma. A permissão em processos de recadastramento é somente para a inclusão de novos sítios no SICG, pois, na maioria das vezes, trata-se daqueles que não possuem georreferenciamento. Para evitar duplicidade no registro do sítio, foram informados os códigos dos novos sítios juntamente com os dos sítios atualizados, para que a AREC possa homologar, unificar os dados e excluir as duplicidades.

O georreferenciamento dos dados espaciais de localização e do perímetro do sítio arqueológico foi realizado seguindo as especificações do Iphan. As coordenadas antigas obtidas em Datum SAD-69 ou WGS-84 foram convertidas para SIRGASS 2000.

De posse destes dados, foi realizada a incorporação no SICG por meio das coordenadas geográficas em latitude e longitude para o ponto central e o *upload* da poligonal em *shapefile* geográfico.

A definição dos sítios que seriam inseridos no SICG considerou os seguintes aspectos:

A existência de dados geoespaciais nos registros originais de época que propiciasse o georreferenciamento dos sítios arqueológicos, dado primordial para a inserção no SICG e a elaboração da poligonal do sítio.

A possibilidade de georreferenciar a poligonal do sítio arqueológico, baseado em imagens de satélite atuais.

A visibilidade dos sítios arqueológicos em imagens de satélite atuais, sobretudo aqueles com cobertura vegetal baixa, sem mata.

A qualidade dos dados existentes nos registros originais, sem requerer a necessidade de realizar uma visita técnica em campo para recadastramento.

Alguns sítios arqueológicos podem requerer futuramente um ajuste mais fino na sua poligonal em virtude dos seguintes fatores:

Limitações na coleta de dados espaciais à época dos registros originais, sobretudo para aqueles cadastramentos ocorridos entre 2002 e 2010.

Precisão inferior e erro de margem grande, em virtude da cobertura de satélite à época dos registros originais.

Problemas de conversão de *Datum* e projeção dos dados originais, que podem resultar em distorções.

O ideal nestes casos de imprecisão seria realizar uma etapa de campo para recadastramento e atualização dos dados espaciais com equipamentos mais modernos e de maior precisão espacial.

Desta forma, recomenda-se que, caso haja pesquisas futuras nas proximidades desses sítios arqueológicos, ou no caso de estudos de Avaliação Impacto ao Patrimônio Arqueológico, sejam relativizados os polígonos de proteção e, se possível, esses sítios arqueológicos sejam revisitados para dirimir quaisquer dúvidas.

Foi confeccionado um mapa de cada sítio arqueológico cadastrado, apresentando a localização e a poligonal de delimitação do sítio. O material foi inserido na documentação do sítio no SICG, além de um mapa geral com a localização de todos os sítios arqueológicos cadastrados neste projeto.

Foi elaborado e disponibilizado um mapa com a localização dos sítios arqueológicos, além de um arquivo em extensão .kml, para facilitar a busca e a visualização do patrimônio arqueológico existente nos municípios, utilizando, por exemplo, a ferramenta do *Google Earth* para pesquisa.

Para fins de divulgação do conhecimento gerado, o relatório dos dados básicos do bem gerada em .pdf, foram encaminhadas digitalmente por e-mail aos municípios onde foram cadastrados os sítios arqueológicos, para as Secretárias Municipais de Educação e Cultura e/ou às Fundações de Educação e Cultura.

Esta pesquisa foi apresentada no Encontro da SAB Sul e IV Jornada de Atualização em Arqueologia Guarani, realizado na Unochapecó, em Chapecó, entre 7 e 11/11/2022.

Os resultados foram divulgados no evento “Café com Scientia” realizado no dia 25/11/2022, organizado pela Scientia Consultoria Científica, disponível na plataforma do *Youtube*, com a participação da arqueóloga do Iphan, Ágatha Idalgo Bender Ludwig, apresentando “SICG - Ferramenta para conhecer e utilizar”.

Este projeto contribuiu significativamente com a disponibilização de todo conhecimento e arcabouço documental existente dos 54 sítios arqueológicos identificados na Mesorregião Serrana, mas que não estavam nas plataformas de gestão do patrimônio arqueológico.

Futuramente, seria profícuo recadastrar ou atualizar os dados dos demais 105 sítios arqueológicos identificados no inventário, mas que não foram alvo de inserção no SICG no âmbito deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Projeto selecionado na categoria “Pesquisa / formação” do “Prêmio Patrimônio Material e da Paisagem Cultural” do “Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura □ Patrimônio e da Paisagem Cultural – Edição 2021”, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

REFERÊNCIAS

HERBERTS, A. L. (2021). *Inventário, Registro e Cadastramento dos Sítios Arqueológicos não cadastrados nos municípios da Mesorregião Serrana, em Santa Catarina. Projeto de Pesquisa*. Florianópolis.

HERBERTS, A. L. (2022). *Inventário, Registro e Cadastramento dos Sítios Arqueológicos não cadastrados nos municípios da Mesorregião Serrana, em Santa Catarina. Relatório Final*. Florianópolis.

HERBERTS, A. L., & CASTRO, E. T. (2011). *Cemitérios no Caminho: O patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages*. Blumenau: Nova Letra.

OS DESAFIOS E A ATUAÇÃO DA EQUIPE DO IPHAN EM SANTA CATARINA

Isabela da Silva Müller

Arqueóloga do IPHAN em Santa Catarina, Mestra em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP, isabeladsmuller@gmail.com)

Este trabalho visa apresentar como a equipe de Arqueologia do IPHAN em Santa Catarina tem desempenhado a gestão do patrimônio arqueológico a partir do segundo semestre de 2019, considerando as tratativas internas para tomadas de decisão, os resultados positivos obtidos, bem como os desafios enfrentados na área da gestão do patrimônio cultural arqueológico. Após contratações temporárias emergenciais, o Iphan ampliou a sua equipe efetiva a partir do ano de 2019, sendo composta por Isabela da Silva Müller, Ágatha Idalgo Bender Ludwig, Vinícius Gonçalves Paiva, Roberta Porto Marques e Amanda Goulart. Desde então, em Santa Catarina, os desafios em termos de gestão do patrimônio arqueológico têm se intensificado, à medida em que cresce a demanda por consultas visando anuência em processos de licenciamento ambiental principalmente. Respeitando sua heterogeneidade, a equipe procurou estabelecer valores e objetivos, constituindo-se em uma equipe alinhada; criando e organizando processos e protocolos de trabalho; investindo em constante atualização e diálogo entre os integrantes e os gestores do órgão; revisitando e revendo suas condutas, sempre buscando a superação dos desafios. Ademais, a equipe tem investido na comunicação com os arqueólogos que atuam no Estado, seja em atividades de licenciamento, acadêmicas ou em Instituições de Guarda. Assim, serão trazidos os desafios e casos considerados pela equipe como referência em relação à sua atuação, bem como as ferramentas desenvolvidas para aprimorar a gestão do patrimônio arqueológico brasileiro no estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Gestão do patrimônio arqueológico - equipe - desafios

LETRAMENTO ACADÊMICO EM ARQUEOLOGIA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

*Livia Campbell Faleiro Coutinho
Glória Maria Vagioni Tega Calippo
Rogério Brittes Pires; Alan Vilaça
Alice Silva; Bárbara Lafetá
Beatriz Targino; Carolina Carey
Carolina Matos
Edwhay Victor
Gabriele da Silva
Graziele Nazor
Lívia Radane
Maria Alice Magalhães
Nonô Arantes Lima
Samuel Perini
Vinicius Siqueira
Vivian Lins*
(DAA/UFMG. pdegantropoarqueo@gmail.com)

O curso de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – que contempla as áreas de Antropologia Social e Arqueologia – tem alguns traços marcantes: é bastante denso teoricamente; exige uma carga de leitura muito elevada; e propõe formas de pensar o mundo e de se expressar que fogem do senso comum. As alunas e alunos ingressantes, em sua maioria, tomam um choque logo no primeiro período do curso, sentem que a bagagem que trazem do ensino médio não as capacitou para práticas básicas da vida científica. Como ler um texto acadêmico extraindo dele as informações mais importantes? Como aplicar conceitos derivados destes textos? Como tomar posicionamentos críticos frente a ideias e eventos? Como comunicar tais posições? Outros elementos também trazem dificuldades: estilos textuais acadêmicos (etnografia, ensaio, resenha, etc); formatação de textos (para ABNT, ou periódicos); formas de citação (para evitar, por exemplo, plágios). São questões, em suma, de letramento acadêmico.

Nos anos 1990, Pierre Sanchis, então professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, elencava imperativos para o ensino da antropologia no Brasil:

Deve ser, sobretudo, uma Introdução à Vida Universitária e ao tipo de relação com o conhecimento que esta vida implica e que, para os estudantes recém-introduzidos nela, é muitas vezes e infelizmente absoluta novidade. Uma iniciação à leitura; um

treinamento para a compreensão de textos e o armazenamento dos seus conteúdos; um aprimoramento do raciocínio, a partir do estudo detalhado de modelos cuidadosamente escolhidos [...]; uma introdução à construção e montagem de um pensamento organizado, através de exercícios que partam dos conhecimentos adquiridos na vida cotidiana e no ensino secundário, para levar estes conhecimentos [...] de um estado fragmentado até a sua organização e apresentação lógica; o treinamento para a expressão escrita, enfim, com as várias camadas que esta iniciação implica, a começar pela procura da expressão correta [...]. Esta parte da formação seria assegurada em um clima de “seminários”, “ateliês”, “trabalhos práticos” e “coletivos”, num contato direto e operacional com o “mestre”, em um sistema de aprendizagem artesanal. (SANCHIS, 2006, p. 116-117)

Passados 27 anos, as advertências listadas por Sanchis (2006) continuam sendo resolvidas pelo autodidatismo ou voluntarismo de docentes e discentes, na maioria dos cursos de graduação de Ciências Sociais e Antropologia/Arqueologia do país. Ainda carecemos de estratégias formalizadas de iniciação à leitura e treinamento para a escrita, por exemplo. O que Sanchis chama de “introdução à vida acadêmica” equivale ao conceito de “letramento acadêmico”, no campo da educação.

Nesse contexto, o Projeto Letramento Acadêmico em Antropologia e Arqueologia, vinculado ao colegiado da graduação em Antropologia e Arqueologia da UFMG, objetiva possibilitar, para discentes em antropologia, uma introdução à vida acadêmica que seja mais inclusiva, dinâmica e atenta a elementos estruturantes do processo de pensar antropológicamente.

AS AÇÕES

Inicialmente, o projeto – em atividade desde o segundo semestre de 2021 – concentrou suas atividades na confecção e publicação de vídeos curtos em linguagem didática sobre temas relacionados ao letramento acadêmico e na realização de monitorias. A maior parte da carga horária dos bolsistas e voluntários destinava-se às atividades de monitoria, pois, ainda que estivéssemos nos dedicando aos vídeos, o ritmo de produção desses era lento, posto que a tarefa de monitoria consumia a maior parte do tempo dos discentes. Ademais, a equipe ainda estava aprendendo a elaborar roteiros, gravar e editar vídeos.

Já no primeiro semestre de 2023, ao invés do formato de monitoria tradicional, o grupo experimentou uma espécie de monitoria geral, aberta para todos os estudantes de graduação do curso de Antropologia/Arqueologia e a estudantes de áreas afins, como Ciências Socioambientais e Ciências Sociais. Esses plantões “tira dúvidas” foram oferecidos presencialmente todas as quartas-feiras do semestre, das 17h às 19h.

Até o momento, foram realizadas atividades de monitoria em treze disciplinas, referentes aos cursos de Antropologia, Ciências Sociais e Ciências Socioambientais. Além disso, foram produzidos doze vídeos, dos quais oito se encontram publicados e quatro em processo

de edição e publicação. Somados, alcançam, no momento, mais de 450 visualizações. Eles podem ser acessados pelo nosso perfil do *Instagram* (<https://instagram.com/letramentoantropoarqueo?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>) ou vistos em nosso canal do *YouTube* (<https://www.youtube.com/@antropologiaearqueologiauf791>).

Os processos de construção das peças de comunicação e dos vídeos foram realizados a partir de perspectivas variadas (Arqueologia, Antropologia e Comunicação) e por pessoas diversas (professores, pós-graduandos e graduandos). As visões de mundo deixam rastros, contribuindo para a construção de ações que atingem de forma mais eficaz os objetivos propostos, sendo uma contribuição, sob outra perspectiva, à Arqueologia.

Desse modo, nos próximos 2 anos, o projeto seguirá com as ações:

1. Produção de vídeos sobre: iniciação à leitura acadêmica; como treinar a escrita acadêmica; exercício do pensamento crítico; estratégias de divulgação científica; formatação de textos; utilização de espaços e serviços oferecidos pela universidade; elaboração de currículos, entre outros.
2. Disponibilizar o material produzido *online*, para as próximas gerações de ingressantes, bem como para estudantes de áreas afins em outras instituições.
3. Divulgação da disciplina antropológica e arqueológica para além dos muros da universidade, uma vez que esses vídeos ficarão disponíveis em plataformas abertas (como *YouTube* e *Instagram*).
4. Oferta de oficinas sob o formato de minicursos (presenciais, remotos e/ou híbridos), acerca dos temas acima, para discentes do curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANCHIS, Pierre. Uma leitura dos textos da mesa redonda sobre o ensino de ciências sociais em questão: a antropologia. *In*: Grossi, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen. (org.). **Ensino de antropologia no Brasil**: formação, práticas disciplinares além-fronteiras. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 111-126.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE ESTADUAL DE ITAPEVA, MUNICÍPIO DE TORRES/RS

Rafael Frizzo

(Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPEL - rafael.frizzo@ufpel.edu.br)

Gustavo Wagner

(Departamento de Arqueologia/UFPEL - gustavo.wagner@ufpel.edu.br)

Lucas Antonio da Silva

(Departamento de Antropologia, Museu Nacional/UFRJ - lassilva@mn.ufrj.br)

Esta comunicação é sobre o Diagnóstico Arqueológico do Parque Estadual de Itapeva (PEVA), feito de modo colaborativo entre pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL e Museu Nacional/UFRJ, em dezembro de 2022. Estudo que apresenta um breve histórico das investigações arqueológicas realizadas na região costeira do Município de Torres/RS, desde o século XIX, visando qualificar lacunas referentes ao componente histórico e cultural do Plano de Manejo (RIO GRANDE DO SUL, 2006) e Plano de Uso Público (KROB; AYDOS, 2018), publicados em documentos técnicos da unidade de conservação (UC) vinculada à Secretaria de Meio Ambiente e Infraestrutura do Estado Rio Grande do Sul/SEMARS (Decreto Estadual nº 42.009/2002).

Dentre eles, o *Sambaqui de Itapeva* (RS-LN-201), um dos sítios arqueológicos mais importantes na história das pesquisas científicas realizadas no sul do Brasil (SERRANO, 1937; MILLER, 1963; RUSCHEL, 2003[1966]; KERN, et al 1985; THADDEU, 1995; WAGNER, 2009; FRIZZO, 2011). Topônimo originário Guarani (*Ita* = pedra; *peva* ou *peba* = chata) que correlaciona referências na longa história da região:

O Morro da Itapeva, vulgarmente conhecido como Pedra da Itapeva, é o mais meridional testemunho costeiro dos derrames de lavas da Era Secundária no Brasil. Situa-se a 6 quilômetros da cidade de Torres e secciona a planície costeira, eis que se coloca em posição perpendicular à linha marítima. Em sua extremidade oriental as ondas fustigam suas rochas desnudas. Desde aí para o interior a colina, plana em seu cimo, deve ter sugerido aos indígenas o nome de “pedra chata” (*ita* = pedra; *peba* = chata), sob que já aparece em mapas de meados do século XVIII. Tem aí cerca de 10 metros de altitude e vegetação campestre, porém ao penetrar para o interior eleva-se talvez a 100 metros, e cobre-se de mato, ligando-se aos demais morros que circundam a extremidade setentrional da lagoa de Itapeva. A Itapeva tirou o nome do morro. (RUSCHEL, 2003, p. 97)

Entre os aportes teóricos e metodológicos, além da contextualização arqueológica na poligonal direta da área protegida, apresentam-se dados obtidos em vistoria prospectiva realizada com o acompanhamento técnico de analistas ambientais, monitores e estagiários do PEVA. Desse modo, revisitando a área de “18 sítios cadastrados” junto ao CNSA/IPHAN, identificando novos registros, com especial destaque a remanescentes de sítios históricos, além de apontamentos sobre a situação de vulnerabilidade e desafios potenciais a serem atendidos pela gestão da UC. Elementos prévios que auxiliaram na elaboração de parecer técnico acompanhado por termo de referência encaminhado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, propondo a execução de um “*Plano de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Parque Estadual de Itapeva*” aos gestores da UC (Processo nº 01512.000185/2021-88).

Tratando-se de um patrimônio arqueológico presente em espaço territorial sobreposto por diretrizes normativas de proteção integral da natureza, isto é, com questões pouco resolvidas no âmbito dos processos de patrimonialização em unidade de conservação no Estado do RS, esse movimento interinstitucional ainda está em curso. Portanto, buscando o cumprimento legal para que estratégias de gestão promovam princípios fundamentais e indissociáveis de diálogo entre patrimônio natural e cultural no contexto das áreas protegidas da natureza, segundo problematizações mais amplas apontadas pela UNESCO (2016). Considerando, ainda, que o mesmo envolve ressignificação, negociação e consensos instáveis que expressam campos em disputa pelo direito à memória (CHUVA, 2000). Ademais, recursos humanos e previsibilidade financeira a serem viabilizadas.

Atuação que somente teve início a partir de denúncia encaminhada pela sociedade civil, sendo prontamente acolhida pelo Conselho Consultivo (CC/PEVA), com apoio e incentivo de gestores da UC. Recentemente, formalizada no Plano Bianual do CC/PEVA (2023-2025) entre as metas prioritárias a serem concretizadas.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de diagnóstico não contou com apoio financeiro. Contudo, faz-se importante registrar a disponibilidade colaborativa dos autores; as orientações de Alberto Tavares, arqueólogo do IPHAN/RS; o comprometimento dos analistas ambientais, Paulo Grübler (Gestor do PEVA, até 2022) e Danubia Nascimento (Gestora do PEVA, até o primeiro semestre de 2023); e o compromisso de continuidade assumido pelo CC/PEVA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: DUARTE, Alice (ed.). Seminários. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020, p. 16-35.

FRIZZO, Rafael. “Mina preciosa para as obras da povoação”: os sítios arqueológicos do antigo litoral de Torres/RS. Monografia (Bacharelado em História, ênfase em Arqueologia) Faculdade

de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

KERN, Arno Alvarez; LA SALVIA, Fernando; NAUE, Guilherme. Projeto arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul: o sítio arqueológico de Itapeva, Município de Torres. *Véritas*, v.30, n.120, p. 571-586, 1985.

KROB, Alexandre (org.). Plano de Uso Público do Parque Estadual de Itapeva. Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2018.

MILLER, Eurico Theófilo. Levantamento arqueológico de Torres. Taquara: MARSUL, 1963.

RIO GRANDE DO SUL. Plano de Manejo do Parque Estadual de Itapeva. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2006.

RUSCHEL, Ruy Ruben. Sítios arqueológicos de Torres. *Revista do CEPA*, vol. 27, n. 38, p. 69-112, jul./dez. 2003.

SERRANO, Antonio. Entografía de la antigua Provincia del Uruguay. Paraná: Melchior, 1936.

THADDEU, Vera Lúcia. Inferências sobre o início do povoamento no litoral norte do Rio Grande do Sul: um estudo do sítio de Itapeva (RS-201). Dissertação (Mestrado em História, concentração em Arqueologia) - Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

WAGNER, Gustavo. Sambaquis da Barreira da Itapeva: uma perspectiva geoarqueológica. Tese (Doutorado em História, concentração em Arqueologia) - Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

UNESCO. Gestão do Patrimônio Mundial cultural. Brasília: UNESCO Brasil, Iphan, 2016.

ANÁLISE TECNOLÓGICA NO CALCÁRIO: ESTIGMAS E SOLUÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Lorenza Lourenço
(Universidade Federal de Minas Gerais lorenzalourencoc@gmail.com)

Maria Jacqueline Rodet
(Universidade Federal de Minas Gerais mjrodet.ufmg@gmail.com)

No decorrer das análises do material lítico escavado no sítio arqueológico Abrigo do Malhador, localizado no Vale do Rio Peruaçu, Minas Gerais, diversos desafios foram evidenciados no que tange à leitura tecnológica dos artefatos em calcário. Segundo Rodet (2009),

“O substrato calcário dos abrigos é onipresente no compartimento do cânion e da planície fluvial [do vale do rio Peruaçu]. Ele se apresenta dentro das camadas arqueológicas, em forma de blocos que se desprendem das paredes dos abrigos por processos naturais. (...) O calcário foi amplamente utilizado como bigorna durante toda a sequência de ocupação.” (RODET, 2009, p. 417)

Apesar de ser uma matéria-prima em abundância – na região do sítio e em todo o vale do rio Peruaçu –, ainda não foi dada grande atenção aos instrumentos de calcário lascados. Uma das possíveis razões para isso está relacionada ao calcário ser encontrado recorrentemente em sítios arqueológicos no Brasil e reconhecido como bigornas ou percutores, sendo raro seu reconhecimento enquanto instrumento lascado quando comparado a outras matérias-primas, como o sílex.

Outra possibilidade para a baixa recorrência da análise dos instrumentos em calcário é a difícil identificação da ação antrópica no material. Matérias-primas *standard* são entendidas, normalmente, como aquelas que reagem ao lascamento de maneira padrão. Muito estudadas e com seus aspectos catalogados, elas apresentam estigmas já esperados e, de maneira geral, são matérias-primas consideradas adequadas ao lascamento devido às suas propriedades físicas que permitem a propagação das ondas de força que promovem o lascamento (J. PELEGRIN, com. pess.).

Matérias-primas como o sílex, o sílexito, o quartzo, o quartzito e o arenito silicificado, são exemplos do que se considera na análise tecnológica de materiais líticos – segundo a Escola Francesa – como *standard*, o que não é o caso do calcário. Por não possuir respostas ao lascamento dentro dos padrões esperados e pela baixa quantidade de estudos e biblio-

grafias que abordam o calcário enquanto matéria-prima suporte para instrumentos lascados no Brasil, a leitura tecnológica dessa rocha ainda é um desafio.

Além disso, o contexto geoarqueológico do vale do Rio Peruaçu traz ainda mais complexidade às análises, já que algumas das marcas percebidas nos blocos ou fragmentos de calcário podem estar associadas às suas quedas dos paredões cársticos ou, para os níveis mais superficiais, ao pisoteio pelo gado que habitou a região em períodos mais recentes.

Dessa forma, com o objetivo de ajudar a solucionar as dificuldades abordadas e compreender melhor o comportamento do calcário, foram realizadas análises tecnológicas minuciosas do material lítico escavado no sítio arqueológico Abrigo do Malhador, guiadas metodologicamente pelos conceitos que estruturam a Escola Francesa enquanto método de análise, como: cadeia operatória (*chaîne opératoire*), saber-fazer (*savoir-faire*), sistema técnico (*système technique*) e economia da matéria-prima (*economie de la matière-première*) (cf. LEROI-GOURHAN, 1964; PERLÈS, 1980; KARLIN; BODU, 1988; PELEGRIN, 1995, 2020; GENESTE, 2010; TIXIER, 2012; INIZAN *et al.*, 2017; PELEGRIN).

Além disso, foi realizada uma série de experimentos elaborada pela equipe do Laboratório de Tecnologia Lítica (LATEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com participação do professor Jacques Pelegrin, da Universidade de Paris Nanterre, França. Utilizando blocos de calcário provenientes do município de Pedro Leopoldo (Minas Gerais) e do Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu, os experimentos de lascamento foram realizados com o intuito de se observar a respostas do calcário ao impacto de diferentes tipos de percutores.

A série seguiu um modelo de execução rigoroso e com o controle de determinadas variáveis, como: proveniência da matéria-prima, tipo de percutor e técnica utilizada e execução por lascador experiente. Os experimentos permitiram a identificação de estigmas associados às respectivas técnicas de lascamento utilizadas, bem como no entendimento de possíveis metodologia e agenciamento da matéria-prima, auxiliando a compreensão da coleção lítica arqueológica do Abrigo do Malhador.

Ao longo da série observou-se, por exemplo, a recorrência de fraturas inicializadas em split ao se utilizar a percussão direta dura. Isso significa que na maioria das vezes em que o lascador utilizou esse tipo de percussão identificou-se: a ausência (ou, raramente, a presença sutil) do cone Hertz, do bulbo e do contrabulbo, e a presença do esmagamento da linha ou zona impactada pelo percutor. Já para a percussão tangencial orgânica, observou-se que essa técnica permitia que os talões não fossem esmagados e que fraturas do tipo concoidal – sem esmagamento da área de impacto, presença de ondas, bulbos e contrabulbos mais ou menos marcados – ocorressem na matéria-prima.

Esta pesquisa possibilitou uma nova maneira de percepção do calcário e abre portas para a continuidade dos estudos, ainda iniciais, sobre uma matéria-prima que, no que se refere ao seu lascamento, foi de certa forma negligenciada até o momento mesmo estando presente em diversas paisagens e sítios arqueológicos do Brasil Central.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GENESTE, J.-M. Systèmes techniques de production lithique. *Techniques & Culture. Revue semestrielle d'anthropologie des techniques*, n. 54-55, p. 419-449, 30 jun. 2010.

INIZAN Marie-Louise.; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE Hélène; TIXIER Jacques. *Tecnologia da pedra lascada*. Tradução: Maria Jacqueline Rodet e Juliana de Resende Machado. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico UFMG, 2017.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. Lisboa, Vila Nova de Gaia, Rio de Janeiro: Edições 70, LDA, 1964.

PELEGRIN, J. Réflexions méthodologiques sur l'étude de séries lithiques en contexte d'atelier ou de mine. *Les mines de silex au Néolithique en Europe: Table Ronde de Vesoul, 18-19 octobre 1991, C.T.H.S.* p. 159-172, 1995.

PELEGRIN J.; KARLIN C., BODU P. «Chaînes opératoires»: un outil pour le préhistorien. *Notes et Monographies Techniques, CNRS, Paris*, n. 25, p. 55-62, 1988.

RODET, M. J. *Etude technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil, depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact - XVIIIe siècle*. Tese de doutorado — Université Paris X, 1 jan. 2006.

TIXIER, J. *A method for the study of stone tools*. Luxemburgo: Centre National de Recherche Archéologique Musée National d'Histoire et d'Art, 2012.

ANÁLISE DOS FATORES DE DEGRADAÇÃO DOS SAMBAQUIS LACUSTRES DO MUNICÍPIO DE TAVARES- RS

*Iara Laura de Aragão Fernandes, Archaeos Consultoria em Arqueologia LTDA.
(e-mail: iaralaurafernandes@gmail.com)*

*Luiz Alberto Silveira da Rosa, Archaeos Consultoria em Arqueologia LTDA.
(e-mail: luiz.furg@gmail.com)*

*Mariana Costa de Moraes Fernandes, Archaeos Consultoria em Arqueologia LTDA.
(e-mail: mariarqueologia@gmail.com)*

*Régis Lisboa Baptista, Sistematica Consultoria e Engenharia Ambiental LTDA.
(e-mail: regislisboa3@hotmail.com)*

INTRODUÇÃO

Esta apresentação é resultante da elaboração de Avaliação Técnica para a Ação Civil Pública 5031844-70.2020.4.04.7100/RS, cujo objetivo foi avaliar o possível impacto do cultivo de *Pinus elliottii* realizado pela empresa Agroindustrial Sul Pinus, em sítios Sambaquis localizados no município de Tavares-RS. Concluída no mês de junho de 2023, pelas empresas Archaeos Consultoria em Arqueologia, Sistematica Consultoria e Engenharia Ambiental e Engebio Projetos Ambientais, tal avaliação foi realizada em seis Sambaquis registrados na margem leste da Laguna dos Patos, respectivamente: Capão da Marca A-RS LC 14 , Capão da Marca B-RS LC 15, Farol Capão da Marca A- RS LC 16, Farol Capão da Marca B - RS LC 17, Campo da Honra A - RS LC 19 e Campo da Honra B- RS LC 20.

MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades realizadas para a avaliação arqueológica, tiveram como fim levantar o estado de conservação dos referidos sítios e a influência de elementos externos sobre a situação presente e possíveis riscos futuros, em especial considerando-se a dispersão da árvore *Pinus Elliotti* no local. A metodologia aplicada ao diagnóstico arqueológico foi o exame direto, através de caminhamentos sobre a área dos sambaquis e seu entorno imediato. Esse processo foi acompanhado por registro fotográfico, a partir do solo e aéreo por meio de drone, e descrições da situação encontrada em diários de campo. A avaliação dos fatores de risco levou em conta todas as possibilidades imediatamente perceptíveis. Quanto aos pinus, foram

tomadas as coordenadas dos indivíduos mais próximos, a fim de demonstrar a distância dos sítios. A prospecção contou com equipe formada por profissionais da arqueologia e geoprocessamento: Archaeos Consultoria em Arqueologia, biologia: Engebio Projetos Ambientais, agronomia: Sistemica Consultoria e Engenharia Ambiental. Para a realização da avaliação ambiental, além da identificação, e estudo de idade e dispersão da espécie, foi realizada análise do solo, coletado no limite de crescimento de pinus mais próximos dos Sambaquis: Capão da Marca A, Sambaqui Capão da Marca B e de área adjacente ao Sambaqui Capão da Marca A (Testemunho). O solo coletado foi analisado no Laboratório de Análise Química de Solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS. As amostras são compostas (representativas), onde se coletou na base de cada sambaqui 6 pontos amostrais para compor uma amostra até a profundidade de 15cm. A amostra testemunha, na área do entorno do Sambaqui Capão da Marca A, onde se desenvolvem as mudas de pinus, foi composta por 10 subpontos de coleta amostral. Para a análise da condutividade elétrica e PH do solo do entorno dos Sambaquis Capão da Marca A, Sambaqui Capão da Marca B, Sambaqui Farol Capão da Marca A, Sambaqui Farol Capão da Marca B e de área adjacente (testemunho), as amostras foram analisadas no Laboratório de Substrato Para Plantas também da Faculdade de Agronomia da UFRGS. As amostras são compostas (representativas), onde se coletou na base de cada sambaqui, 6 pontos amostrais para compor uma amostra até a profundidade de 15cm. A amostra testemunha, na área do entorno do Sambaqui Capão da Marca A, também onde se desenvolvem as mudas.

RESULTADOS

Os resultados de análise de solo no limite do crescimento entre os pinos e início dos Sambaquis Capão da Marca A e B apresentam solo com PH elevado (Alcalino), baixa concentração de micronutrientes e excesso de fósforo, resultante da atividade antrópica, o que torna o ambiente analisado desfavorável à proliferação da espécie na área do sambaqui. Na superfície foram identificadas 5 espécies herbáceas que toleram maior salinidade. resultados que corroboram com a paisagem; uma vez que os pinus podem ser vistos crescendo de forma circular no perímetro dos sítios. Dentre os resultados da avaliação há a constatação de que a área de localização dos sambaquis sofre impactos por meio de causas naturais: severo risco de degradação por meio de erosão costeira, e das alterações sazonais dos níveis da Laguna dos Patos e por ações antrópicas: através de passeios turísticos de Jipes e criação de gado, que causam erosão e deixam marcas nas estruturas. Além do cultivo da Sul pinus, há outras áreas com extenso cultivo de pinus disperso, estando algumas espécies muito próximas aos sítios, no entanto, foi observado que em nenhum dos sítios visitados havia presença de pinus em sua superfície. Através das análises do solo coletado no limite da área de crescimento dos pinus se constatou que a mudança do solo, passando do solo natural para o solo arqueológico, dificulta o nascimento dos pinus, como uma barreira de proteção aos sítios.

CONCLUSÕES

Os seis sambaquis inspecionados ao longo da visita técnica apresentam alto potencial de degradação, considerando que nenhum deles apresenta cercamento e identificação adequada. Apesar dos resultados para da análise de solo, e da visita técnica constatarem que os pinus não constituem de imediato o principal fator de degradação dos sambaquis, a necessidade da realização de cercamento, monitoramento arqueológico periódico e principalmente um manejo adequado das espécies de *Pinus Elliottii* não é minimizada, considerando que as análises são amostrais, uma vez que a erosão acentuada, já atuante na região tende a ser agravada com a presença de raízes, mesmo que não estejam diretamente acima dos Sambaquis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAEOS CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA. Avaliação técnica referente a ação civil pública 5031844-70.2020.4.04.7100. Rio Grande, 2023.

ENGEBIO SOLUÇÕES AMBIENTAIS. LAUDO TÉCNICO DE ANÁLISE DE IMPACTO DE **PINUS ELLIOTTI** EM SAMBAQUIS NO MUNICÍPIO DE TAVARES/RS. Rio Grande, 2023.

GASPAR, Maria Dulce. Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro. 2º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SIMÕES, Cintia Bendazzoli. O processo de formação dos Sambaquis: Uma leitura estratigráfica do Sítio Jabuticabeira II, SC. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etmologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-CP 16, PALESTINA DE GOIÁS, BRASIL

Jordana Batista Barbosa

(Unioeste-PR _ bbarbosa.jordana@gmail.com)

Julio Cezar Rubin de Rubin

(PUC Goiás _ rubin@pucgoias.edu.br)

Sibeli A. Viana

(PUC Goiás _ sibeli@pucgoias.edu.br)

INTRODUÇÃO

O sítio GO-CP-16 faz parte do complexo de sítios arqueológicos de Palestina de Goiás, região sudoeste do estado, constituído por mais de quarenta sítios arqueológicos, de naturezas diversas e ocupados em períodos temporais que seguem do Holoceno Antigo ao Tardio (Viana *et al.*, no prelo). Está situado em um abrigo de arenito da Formação Furnas, com cerca de 40m de comprimento e 10m de altura. Em suas paredes encontram-se figuras rupestres com motivos, técnicas e tonalidades de pinturas variadas. As áreas de escavação, inicialmente investigadas por Schmitz *et al.* (1986) e, posteriormente, por Viana *et al.* (2016), estão localizadas na parte plana do abrigo, onde seis sondagens de 3m² foram demarcadas, sendo a maior profundidade registrada no perfil NW4/NE2 (C-A) do corte 4, com cerca de 1,2m, onde foram identificadas quatro/cinco camadas estratigráficas. Nesse corte foram identificados artefatos líticos, fragmentos de vasilhas cerâmicas, carvões esparsos ou compondo fogueiras.

MATERIAIS E MÉTODOS

Do perfil NW4/NE2 foram selecionadas doze amostras análise físico-química, incluindo percentuais de Ca, Mg, Al, K, P, S, Na, Zn, Cu, Fe, Mn, matéria orgânica, pH e carbono, fração textural de areia, silte e argila, Capacidade de Troca Catiônica (CTC), Saturação de Bases e Saturação por alumínio. De acordo com SPERA (1999) e RONQUIM (2010) um dos fatores que determina a movimentação dos nutrientes no solo é a CTC, que corresponde a soma das cargas negativas nas partículas microscópicas presente no solo seja na fração argila ou matéria orgânica, responsável por reter os cátions.

RESULTADOS

Os resultados obtidos indicam que a fração textural é 60% de areia, 30% de argila e 10% de silte enquanto os percentuais de CTC variam de 3 a 7. Por apresentar alto percentual da fração areia no perfil, nutrientes como N e K são lixiviados, favorecido pela baixa capacidade de retenção de água (SPERA, 1999, RONQUIM, 2010), o que talvez justifique valores baixos para os nutrientes, com exceção do Fe chegando até 229 (ppm). As amostras apresentam

saturação por bases menor que 55% sendo classificados como distróficos de baixa fertilidade, devido às características pobres de bases trocáveis e pH variando entre 3,6 e 4,5. No entanto o sítio apresenta baixo teor de Al devido à alta saturação chegando a 80,65-o que justifica materiais oxidados encontrados durante toda a escavação. Desta forma, a CTC presente nos solos assim como sua composição textural são responsáveis pela estabilidade do solo, a disponibilidade de nutrientes e o seu pH. Dentre estas análises geoquímicas algumas amostras se destacam para valores de K, P, MO e Carbono.

DISCUSSÃO

Estariam estes valores relacionados ao processo de ocupação do sítio ou a ação dos intemperismos físicos, químicos, biológicos e cobertura vegetal, podendo ter modificado este contexto desde o Holoceno Antigo, período de ocupação mais antiga no sítio? Os resultados das análises físico-químicas estão em processo inicial de interpretação, em conjunto com as informações da escavação, da geologia e da geoarqueologia da área, tendo como objetivo compreender a formação do registro arqueológico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da FAPEG para o desenvolvimento da pesquisa (Chamada 003/2022, Processo: 202310267000241) e ao CNPQ pela concessão de bolsas de produtividade a dois dos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RONQUIM, Carlos César. Conceitos de fertilidade do solo e manejo adequado para as regiões tropicais. *Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento*. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2010. 26 p.

SPERA, S. T., REATTO, A., MARTINS, E. D. S., CORREIA, J. R., & CUNHA, T. J. F. Solos arenos-quartzosos no cerrado: características, problemas e limitacoes ao uso. *Planaltina Embrapa Cerrados*, 1999. p. 48.

SCHMITZ, P. I., RIBEIRO, M. B., BARBOSA, A. S., BARBOSA, M. D. O., & de MIRANDA, A. F. Arqueologia nos cerrados do Brasil central: Caiapônia. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1986. *Publicações avulsas*, (8), 1-334.

VIANA, S. A., RAMOS, M. P. M., de RUBIN, J. C. R., BARBERI, M., & BOËDA, E. O Complexo Arqueológico de Palestina de Goiás/Brasil-uma avaliação dos conjuntos líticos mais antigos em contextualização macrorregional, 2016.*Revista Cadernos do Ceom*, 29(45),188-211.

VIANA, S.A; RAMOS M. P. de M.; DANTAS, C.L.D.; BOËDA, E.; RUBIN, J.C. de R.; VIANA, S.A.; YOKOYAMA, E.; WICHERS, C.M.; BARBIERI, M.; NUNES, E.; VAZ, W.; PROCÓPIO, G.; MUNDIN, N. As sutilezas do registro arqueológico de Palestina de Goiás. In: MENDES, Diego T. *Arqueologia no Centro-Oeste do Brasil: cultura, ciência e colaboração*. Goiânia: Cegraf UFG (Selo Epistemologias), 2024. (no prelo)

A UTILIZAÇÃO DE ABRIGOS ROCHOSOS NO LITORAL E SERRA DO MAR NO ESTADO DO PARANÁ

Patrícia Norma Lasota Moro
(PPGAA-UFPR. patricianlmoro@gmail.com)

Laercio Loiola Brochier
(PPGAA-UFPR. larqueo@gmail.com)

Antônio Carlos Mathias Cavalheiro
(EPPC. antonio.eppc@gmail.com)

Elói Bora
(EPPC. eloibora@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o uso pré-colonial e histórico de abrigos rochosos cristalinos existentes em ambientes costeiros e serranos no litoral do Paraná. Observando os processos geológicos e formativos associados e os tipos de ocorrências arqueológicas identificadas até o momento.

Para este estudo, foram levantadas bibliografias arqueológicas, geomorfológicas e espeleológicas destinada a compreensão da gênese das cavidades cristalinas e a formação dos depósitos arqueológicos. Também foram realizados trabalhos de campo visando o levantamento topográfico preliminar e estudos geoarqueológico dos abrigos e entorno.

A FORMAÇÃO DE ABRIGOS CRISTALINOS

A morfologia de cavernas cristalinas vincula-se a história geomorfológica regional e a topografia montanhosa (MOCHIUTTI e TOMAZZOLI, 2019) podendo ser entendida a partir de duas perspectivas. A primeira considera que abrigos e lapas são o resultado do deslocamento e empilhamento de rochas em vertentes íngremes e sujeitas à processos de rastejo e escorregamento. Geralmente associados a depósitos de *tálus* (matacões) ou leques aluvionares e rampas de colúvios. Dependendo do tipo de *tálus* (TUPINAMBÁ et al. 2014), os blocos serão arredondados pela ação do intemperismo (esfoliação esferoidal), erosão e transporte. As cavidades formam-se nos espaços entre os matacões e juntas, evoluindo a partir do sistema de diaclases ou lineamentos composicionais. Uma segunda proposta considera que os abrigos seriam gerados em seus lugares de origem a partir do intemperismo e erosão (ÁVILA et. al, 2019; GONÇALVES et al., 2011), incluindo fenômenos de dissolução e intemperismo cavernoso (BIGARELLA, et al., 2007). Kuchenbecker (2019) associa a geometria de abrigos contendo sítios arqueológicos, como reflexo da interação entre processos superficiais, composição e estruturação litológica, dando origem às formas de relevo adequadas à utilização antrópica.

SÍTIOS SOB ABRIGO NO LITORAL PARANAENSE

As encostas de interface costeira no litoral paranaense detêm potencial para a formação de abrigos cristalinos, parte dos quais propícios ao uso humano. Processos evolutivos costeiros contribuem para a gênese dos abrigos e a formação do registro arqueológico. Mudanças eustáticas e geográficas trouxeram prováveis consequências para a ocupação e mobilidade humanas no Holoceno. O abrigo Cubatão, um dos focos desta pesquisa, se encontra em um provável corredor de circulação de populações sambaquieiras, formado durante o máximo transgressivo (OLIVEIRA e HORN FILHO, 2001). A presença de um leque aluvionar sobreposto a antigos sedimentos paleoestuarinos também indica mudanças geomórficas importantes (BESSA et al, 1997; BROCHIER, 2009). Deste modo, a ocorrência de depósitos sedimentares retidos pela diminuição da declividade neste abrigo sugere boas condições para a preservação de sequências estratigráficas e culturais. Na superfície foram registradas cerâmicas pré-coloniais e material lítico. Dois grandes matacões sobrepostos formam a área abrigada com dimensões aproximadas de 12 x 5 metros e 1 a 5 metros de altura. Por sua vez, os abrigos Ilha Gamelas I, II e III localizados na ilha homônima em Guaraqueçaba, apresentam vestígios conchíferos, ósseos, líticos e cerâmicas históricas em superfície. Situam-se a leste da ilha, entre 6 e 35 m da linha de costa, próximos a enseadas e costões de rochas gnáissico-migmatíticas. Suas áreas internas variam de 3,7 x 3,5m a 13 x 6m, e altura de 1 a 6 metros. As cavidades são formadas por matacões de aspecto tabular empilhados e próximos a nascentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foram realizados levantamentos que vêm permitindo compreender os processos formadores das cavidades cristalinas no litoral paranaense, suas ocorrências e potencial arqueológico associado. Embora em fase inicial, a pesquisa aponta para a existência de dois contextos promissores: 1) no sistema de ilhas e morros, geralmente associados a costões rochosos; 2) nas encostas da Serra do Mar, junto a depósitos de *tálus* e leques aluvionares. Por fim, este estudo aponta para a importância dos abrigos cristalinos na compreensão das dinâmicas ocupacionais e de mobilidade de grupos humanos na costa, representando formas de uso diferenciadas daquelas já amplamente reconhecidas no litoral paranaense.

Agradecemos a CAPES pela bolsa de mestrado concedida a pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Arlo Nóbrega; FERNANDES, Henrique Albuquerque.; MORITA, Tom Dias Motta. **Levantamento de cavernas graníticas da Serra dos Cocais - Valinhos (SP)**. In: ZAMPAULO, Robson Almeida. (org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 35, 2019. Bonito. Anais... Campinas: SBE, 2019. p.190-200.

BESSA, Jr. Oduvaldo; SUGUIO, Kenitiro.; ANGULO, Rodolfo José. **Leques aluviais quaternários do litoral paranaense**. In: Cong. Assoc. Bras. Est. Quart., 6, Curitiba. Resumos Expandidos... ABEQUA, Curitiba, PR. 1997.

BIGARELLA, João José.; BECKER, Rosemarie Dora.; SANTOS, Gilberto Friedenreich. **Estrutura e origem das paisagens Tropicais e subtropicais**. Vol. 1. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

BROCHIER, Laércio Loiola. **Controles geoarqueológicos e modelos morfoestratégicos: implicações para o estudo das ocupações pré-históricas na costa sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia) –Museu de Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 147 p.

GONÇALVES, Frederico; RODET, Joel; OLIVEIRA, Dan Christian; MAGALHÃES Jr., Antônio Pereira. **Cavidades em granito no município de Santa Maria Madalena- RJ. (Brazil)**. Anais do 31º Congresso Brasileiro de Espeleologia Ponta Grossa-PR. Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2011, p. 87- 93.

KUCHENBECKER, Matheus. **Os processos geológicos por trás dos sítios arqueológicos da Serra do Espinhaço Meridional**. Revista Espinhaço, 2019, 8 (2): 1-12.

MOCHIUTTI, Nair Fernanda.; TOMAZZOLI, Edson Ramos. **Cavernas em Granito. Precisamos falar sobre elas**. In: 35 Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2019, Bonito (MS). **Anais**. Campinas (SP): SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2019. p. 18-29.

OLIVEIRA, Mário Sérgio Celski de; HORN FILHO, Norberto Olmiro. De Guaratuba a Babitonga: uma contribuição geológico-evolutiva ao estudo da espacialidade dos sambaquianos no litoral norte catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S. l.], n. 11, p. 55-75, 2001. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2001.109410

TOMAZZOLI, Edson Ramos; ALMEIDA, Luciana Cristina; SILVA, Marinês da; MOCHIUTTI, Nair Fernanda.; ALENCAR, Roberta. **Espeleologia na Ilha de Santa Catarina: um estudo preliminar das cavernas da ilha**. SBE – Campinas, SP. Espeleo-Tema. v.23, n.2. 2012.

TUPINAMBÁ Miguel; MONLEVADE Audrey A.; BRITO, Joyce V.P.; WALDHERR, Felipe R.; TUPINAMBÁ, Ana. **Proveniência do material rochoso utilizado no calçamento do Caminho velho da estrada real entre Parati (RJ) e Cunha (SP)**. Geonomos, 22(1), 58-65, 2014.

MODELAGEM DE REDES DE MOVIMENTO NO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA, DURANTE O HOLOCENO

Fabiana Terhaag Merencio
(LEIA-UFSC; f.terhaag@gmail.com)

Lucas de Melo Reis Bueno
(LEIA-UFSC; lucasreisbueno@gmail.com)

Lucas Bond Reis
(University of Arizona, LEIA-UFSC; lucasbondreis@gmail.com)

Walderes Coctá Priprá de Almeida
(MAE-USP; walpripripra@gmail.com)

Thiago Umberto Pereira
(LEIA-UFSC; thiagoumbertopereira@gmail.com)

Gabriela Oppitz
(LEIA-UFSC; gabrielaoppitz@gmail.com)

Fernando Silva de Almeida
(LEIA-UFSC; fernando.rs.s.a@gmail.com)

Bettina Maria Denardi
(LEIA-UFSC; bmdenardi@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A mobilidade é um tema importante para a arqueologia, pois é um processo social que trata do movimento de pessoas, objetos e ideias pela paisagem. É pelo movimento que: as pessoas (re)conhecem, se apropriam e transformam os lugares; que os objetos e as informações circulam; e que indivíduos e grupos se conectam a lugares (LEARY, 2014). As análises de menor custo (*least cost analysis*), realizadas por meio de sistemas de informação geográfica (SIG), têm sido empregadas na arqueologia para explorar possíveis áreas de movimento no passado (SURFACE-EVANS; WHITE, 2012; WHITLEY; HICKS, 2003).

A partir da modelagem de redes de movimento, este trabalho investiga os aspectos de mobilidade e da territorialidade de diferentes ocupações no vale do Itajaí, ao longo de 10 mil anos. A região possui uma variedade de sítios arqueológicos, destacando-se os líticos a céu aberto, os abrigos sob rocha, as oficinas líticas, as estruturas semissubterrâneas no alto e médio vale, além dos sambaquis no médio e baixo vale (EBLE, 1973; PIAZZA, 1966, 1967; REIS et al., 2018). O objetivo é apresentar os resultados obtidos nas análises de mobilidade e nos levantamentos extensivos em campo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para as análises de mobilidade foram realizados: 1) atualização do banco de dados (BD) dos sítios arqueológicos do vale do Itajaí elaborado pela equipe do LEIA-UFSC em 2015, por meio de levantamento bibliográfico, 2) projeções das paleolinhas da costa, 3) criação de superfícies de custo multicritério (hidrografia, relevo e declividade) e, 4) modelagem das redes de movimento entre os sítios por meio do complemento *Least Cost Path* no QGis 3.2xx.

A modelagem dos caminhos foi realizada entre os sítios com datas disponíveis, separados em três faixas: holoceno inicial (12.000-8.000 cal AP), médio (8.000-3.000 cal AP) e recente (3.000-presente). Para a verificação em campo foram selecionadas quatro áreas de maior densidade de caminhos: três no alto vale e uma entre o médio e alto vale.

RESULTADOS

A atualização do BD resultou na compilação dos dados de 440 sítios, dos quais 374 possuem informações de localização e 19 apresentam datas. Foram gerados seis mapas de mobilidade para cada faixa temporal e, em alguns casos, foram incluídos sítios localizados fora do vale do Itajaí para investigar as possíveis áreas de deslocamento entre o planalto e o litoral. As redes de mobilidade foram avaliadas em dois aspectos: distância e densidade. Em relação ao primeiro, cerca de 70% do total de sítios está localizado a 5 km dos caminhos, com maior presença em até 900 metros ($\approx 35\%$). Quanto ao segundo, foram identificadas quatro áreas de maior circulação: duas no alto vale (Taió e Alfredo Wagner), uma no médio vale (entre Ibirama e Apiúna) e uma no baixo vale (entre Indaial e Balneário Camboriú).

A etapa de levantamento extensivo resultou na realocação de sete sítios líticos registrados por Alroíno Eble, cujas coordenadas foram obtidas anteriormente por meio do georreferenciamento do mapa produzido por Eble em 1972 (MACHADO, 2016). Por fim, também foram registrados dados secundários importantes nas regiões do médio e baixo vale que, até o momento, apresentam poucos sítios registrados.

CONCLUSÕES

Ao investigar a mobilidade passada a partir da relação entre os caminhos modelados e os sítios arqueológicos, este trabalho identificou áreas com maior probabilidade de circulação durante o holoceno em todo o vale do Itajaí, e contribuiu, assim, com dados inéditos para a investigação da dinâmica de interação entre o litoral e interior.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil, por meio do edital Universal 2021 (406443/2021-1) no projeto *Rios, conexões e movimentos: dinâmicas de interação humana entre litoral e interior durante o Holoceno no vale do Itajaí, Santa Catarina*, coordenado por Lucas Bueno, e bolsa

PDJ concedida à FTM (152930/2022-1). LBR recebe apoio da The Wenner-Gren Dissertation Fieldwork Grant (Gr. 10407), por meio do projeto *People, plants, and land in long-term bundled interactions: composing Southern Je complexities in the Upper Itajaí Valley (Santa Catarina State, Brazil)*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EBLE, Alroino Baltazar. Problemas arqueológicos da região do Alto Vale do Itajaí. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, v. VI, n. 6, p. 41–49, 1973.

LEARY, Jim. Past Mobility: an introduction. In: LEARY, Jim. (ed.). *Past Mobilities. Archaeological approaches to movement and mobility*. London: Ashgate Publishing Company, 2014. p. 1–20. doi: 10.4324/9781315599632

MACHADO, Juliana Salles. *Û TÕ DÉN TXI KABEL, aqueles que contam histórias: memória e território Laklãnõ (Xokleng) - Parte 2*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Relatório Final FAPESP.

PIAZZA, Walter Fernando. *Memória arqueológica sobre o vale do Itajaí (Santa Catarina - Brasil)*. Florianópolis, 1966. Relatório, mimeografado.

PIAZZA, Walter Fernando. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Resultados Preliminares do Primeiro Ano (1965-1966)*, v. 6, p. 39–46, 1967.

REIS, Lucas Bond; ALMEIDA, Fernando Silva De; BUENO, Lucas de Melo Reis. Entre 'estruturas e pontas': o contexto arqueológico do Alto Vale do Itajaí do Sul e o povoamento do Brasil meridional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 13, n. 3, p. 597–623, 2018. doi: 10.1590/1981.81222018000300007

SURFACE-EVANS, Sarah L.; WHITE, Devin A. An Introduction to the Least Cost Analysis of Social Landscapes. Em: WHITE, Devin A.; SURFACE-EVANS, Sarah L. (eds.). *Least Cost Analysis of Social Landscapes: Archaeological Case Studies*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2012. p. 1–7.

WHITLEY, Thomas G.; HICKS, Lacey M. A geographic information systems approach to understanding potential prehistoric and historic travel corridors. *Southeastern Archaeology*, v. 22, n. 1, p. 77–91, 2003.

O ABRIGO ARARA VERMELHA (RR): CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA ARTE RUPESTRE NA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO – HOLOCENO.

Marta Sara Cavallini

(cavallini.marta@gmail.com) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

INTRODUÇÃO

Entre os sítios rupestre conhecidos na Amazônia, poucos foram objeto de um estudo contextual e são raros os casos de datação da arte rupestre, refletindo, nisso, o atual panorama mundial. A maioria desses sítios, de fato, estão ao céu aberto ou na beira dos rios, submergidos durante o período das enchentes. Tal elemento dificulta a datação dos registros rupestres por associação com camadas arqueológicas datáveis, assim como a preservação dos contextos e dos materiais eventualmente correlacionáveis aos mesmos. Do outro lado, a erosão e as características climáticas modificam de forma incisiva o estado de conservação das superfícies rochosas, influenciando os resultados das análises tafonômicas e tecnológicas da arte rupestre e o reconhecimento de possíveis cronologias internas.

Sítios localizados em abrigos rochosos, em áreas de terra firme, proporcionam contextos sedimentares mais preservados e datáveis, associados com a arte rupestre. Todavia, esses casos são poucos estudados, provavelmente como resultado de um viés amostral, sendo mais limitado o levantamento longe dos rios, por evidentes razões logísticas; e, quando conhecidos, são esporádicas as escavações.

MATERIAIS E MÉTODOS

Um dos contextos onde é possível associar os grafismos a dados crono-estratigráficos é o abrigo sob rocha Arara Vermelha, localizado no município de São Luiz do Anauá, no sudeste do Estado de Roraima. A cavidade é soerguida a respeito da planície circunstante e se caracteriza por um extraordinário conjunto de petróglifos bem preservados; na sua parte interna é de dimensões limitadas, medindo acerca de 16 m². Em seus arredores se encontra uma paisagem rupestre com dezenas de blocos graníticos gravados.

O sítio, conhecido arqueologicamente desde 2005, foi objeto de investigações sistemáticas realizadas em 2008 e 2014, das quais participei como pesquisadora associada

(CAVALLINI *et al.*, 2022); e, desde 2018, está sendo o foco do meu projeto de doutorado, voltado ao estudo da formação do abrigo e dos correlatos materiais das atividades de produção dos petróglifos ao longo do tempo.

A partir dos resultados obtidos anteriormente, apresentarei os dados coletados até hoje nesse meu trabalho. O objetivo específico foi de valorar ou confutar a sequência de ocupação proposta por Valle e sua possível correlação com a produção de arte rupestre, associada a diversas atividades de combustão e de organização de estruturas rochosas de origem antrópica. Portanto, foram novamente abertas e ampliadas as escavações realizadas ao interno do abrigo, somando no total uma superfície de 7,5 m². No entorno foi prospectada uma área de 31 hectares, para averiguar a presença de outros sítios arqueológicos e identificar eventuais conjuntos de arte rupestre.

RESULTADOS

Os resultados anteriores disponibilizaram sete datações radiocarbônicas relacionadas a três momentos distintos de ocupação humana do sítio, a partir, pelo menos, do Holoceno inicial: um período pré-colonial tardio, entre 1300 e 800 anos AP; um outro de cerca de 4.200 anos AP, seguido por uma data mais antiga de 9.400 anos AP. Todavia, não foi possível produzir elementos indicadores de uma associação direta entre essas datas e a produção da arte rupestre. A análise preliminar das gravuras do abrigo indicou a ocorrência de dois perfis gráficos, um dos quais presente também nos blocos externos.

Os resultados preliminares obtidos no âmbito do meu doutorado confirmaram a presença de três camadas arqueológicas ao interno do sítio, individuando um quarto estrato mais profundo, contendo material arqueológico. Foram documentados artefatos cerâmicos somente nas duas camadas superficiais, enquanto raros artefatos líticos se distribuem em toda a sequência. Entre eles destacam-se instrumentos possivelmente utilizados para a execução dos petróglifos. As escavações atestaram também a ocorrência de diversas estruturas de rocha articuladas ao longo de toda a estratigrafia.

Na área do entorno do abrigo foram documentados 48 blocos com petróglifos, cujas características técnicas e morfotemáticas não se distanciam daquelas descritas por Valle.

CONCLUSÕES

A pesquisa sobre abrigos com petróglifos na Amazônia consiste em investigações incipientes com poucos dados cronológicos e contextuais para a prática da arte rupestre. O sítio Arara Vermelha (RR) se configura como um dos raros casos conhecidos com um alto potencial para esse tipo de estudo.

A partir dos dados coletados até hoje, nossa hipótese inicial é que as gravuras nas paredes internas do Arara Vermelha poderiam ter sido realizadas desde o período de transição Pleistoceno – Holoceno, em correspondência com as primeiras ocupações humanas da região. Se isso for confirmado, será plausível lançar uma ulterior hipótese, considerando os

petróglifos em abrigos de rocha ígnea como possíveis indicadores das primeiras ocupações humanas na Amazônia. No entorno do sítio identificamos elementos para contextualizar o sítio como lugar persistente em uma paisagem construída a partir da arte rupestre como marcador territorial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientado, o professor Eduardo Góes Neves, aos professores Edithe Pereira, Raoni Valle e Fabio Parenti pela coorientação constante; à CAPES pelo apoio financeiro, ao Museu da Amazônia (MUSA) pelo suporte científico e logístico, ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) pelo apoio institucional. Agradeço também à família Rocha e aos membros das equipes que desde 2008 trabalham nessa pesquisa: Carlos Barbosa, Claide Moraes, Ednelson Macuxi, Filippo Stampanoni Bassi, Levemilson Mendonça, Luiza Vieira, Manoel Silva, Márcio Amaral, Marcos Brito, Miguel Villareal, Raul Perigo de Oliveira, Ruan Fogo de Oliveira, Rogério Andrade, Simone Silva de Santana, Jaime Xamen Wai Wai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLINI, Marta S.; VALLE, Raoni B. M.; STAMPANONI, Filippo Bassi; MORAES, Claide de Paula; AMARAL, Márcio; BARBOSA, Carlos A. Palheta; BRITO, Marcos E. de Castro; ANDRADE, Rogério; SANTOS, Manoel F. da Silva; WAI WAI, Jaime X.; MENDONÇA, Levemilson da Silva; VILLARREAL, Miguel E. The Arara Vermelha Rock Shelter, Roraima, Brazil: Perspectives Concerning Amazonian Sheltered Petroglyphs. In: Carrero-Pazos, Miguel; Döhl, Rebecca; Van Rensburg, Julian Jansen; Medici, Paolo; Vázquez-Martínez, Alia (ed.) *Archaeology of Prehistoric Art, Rock Art Research in the Digital Era. Case Studies from the 20th International Rock Art Congress IFRAO 2018, Valcamonica (Italy)*. Oxford (UK): BAR Publishing, 2022. p. 7-23. DOI: <https://doi.org/10.30861/9781407360119>.

SOBRE LAPAS PINTADAS DO CORPO-TERRITÓRIO XAKRIABÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE PINTURAS RUPESTRES DO VALE DO PERUAÇU EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA XAKRIABÁ

*Lucas Morais D'Assumpção Soares
(UFMG – lucas.mdsoares@gmail.com)*

O que pretendo apresentar nesse trabalho faz parte de algumas impressões que venho tecendo sobre as lapas pintadas do Vale do Peruaçu, parte do território ancestral do povo Xakriabá. O Vale foi esculpido no calcário ao longo de vários anos por meio da dança hídrica protagonizada pelo rio subterrâneo e as águas da chuva. Esse movimento engendrou um incrível cânion repleto de abrigos e galerias. Ainda que diversas em vários sentidos, as lapas ali presentes possuem uma aparência que instiga há algum tempo o interesse de várias pesquisadoras – pinturas vibrantes, que impactam por sua vivacidade e que se emaranham em um complexo jogo de sobreposições (RIBEIRO e ISNARDIS, 1996; ISNARDIS, 2009), produzindo nas paredes uma densidade majestosa de traços coloridos que deixa na sensibilidade das privilegiadas pessoas que apoiam seu olhos sobre elas uma impressão profundamente intensa e duradoura.

Partindo do entendimento de que a materialidade indígena anterior a invasão colonial participa de histórias indígenas de longa duração (EREMITES DE OLIVEIRA, 2003), e considerando também o caráter localizado das narrativas que produzimos em nossas investigações (HARAWAY, 1995), me parece adequado buscar um repertório para pensar sobre a performance das pinturas que possua ressonâncias com alguns pressupostos que parecem ser acionados em filosofias indígenas. Considerando alguns aspectos que nos vem sendo apresentados por pesquisadores centrais nas enunciações sobre o perspectivismo ameríndio (DE CASTRO, 2018; VILAÇA 1992), o estatuto ontológico das coisas parece ser instável, demandando uma série de movimentos em prol de garantir as condições adequadas das coisas, o que inclui também a condição de pessoa. Nesse sentido, as pinturas parecem possuir um papel extremamente ativo na adequação das pessoas (LAGROU, 2007), garantindo um corpo adequado para ocupar determinada posição nas tramas de relações das quais participam. Pensando na forte relação que os Xakriabá guardam com as lapas pintadas da região (XAKRIABÁ, 2018), comecei a me aproximar de reflexões dos conhecedores do grupo sobre seu território e suas artes por meio dos trabalhos que vêm sendo apresentados na academia e através de movimentos etnográficos. Nessas ocasiões, pude perceber a incrível presença das pinturas no cotidiano das pessoas, que frequentam escolas, residências, e casas de medicina extremamente pintadas, por vezes com desenhos muito parecidos com aqueles presentes nas lapas do Peruaçu. Conversando com pajés e professores, e sendo orientado pelo conceito de corpo-território de Célia Xakriabá (2018, 2020), minha atenção foi se volta

para a participação das pinturas na qualificação de lugares e corpos que são extremamente ativos, onde importantes atividades acontecem.

Ao friccionar essa percepção com a sinalização de Andrei Isnardis (2004) sobre a importância de características especiais na produção das pinturas, com uma consideração dos acontecimentos enquanto produtos de um emaranhado de seres e vontades que se atravessam em momentos específicos com um “cosmos” (STENGERS, 2018) particular, proponho pensar nas lapas pintadas enquanto “lugares familiares” (TSING, 2015) onde uma sorte de tintas participam de um ajuste preciso das relações com as quais se engajam junto a seres de diversos tipos, não apenas humanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao *cacik* Domingos pelas instigantes reflexões compartilhadas e pelo acolhimento da pesquisa, acompanhado de sugestões e apresentações de pessoas interessadas em conversar e compartilhar ideias sobre o assunto. A Nei Leite Xakriabá, Ivanir, Iani, Sirê e Warê, agradeço profundamente por me terem recebido tão bem em sua casa, compartilhando comigo um pouco de seus cotidianos e conhecimentos e viabilizando o movimento etnográfico que fundamenta essa pesquisa. As reflexões aqui apresentadas foram modeladas a partir de diálogos com diversos conhecedores Xakriabá aos quais devo profunda gratidão, como os pajés Sirepté (Déda) e Vicente, os professores Tonho e Ranisson, e es artistes Nei e Ivanir.

Agradeço também a Andrei Isnardis, que muito atenciosamente me acompanha em meio a essas reflexões, contribuindo em cada etapa do caminho, e a Lili Panachuk, que além de ter sido essencial para a aproximação realizada durante essa pesquisa, me ensina cotidianamente sobre os potenciais de uma boa Arqueologia. Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço à equipe da casa do Zezinho pelas boas prosas, comentários e leituras de parte dos movimentos e reflexões dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Sobre os conceitos de etnoistória e história indígena: uma discussão ainda necessária. XXII Simpósio Nacional de História, p. 1-8, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

ISNARDIS, Andrei. Interações e paisagens nas paredes de pedra-padrões de escolha de sítio e relações diacrônicas entre as Unidades Estilísticas de grafismos rupestres do Vale do Peruaçu. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*, v. 19, p. 321-370, 2009.

ISNARDIS, Andrei. Lapa, Parede, Pannel. *A Distribuição Geográfica das Unidades Estilísticas*

de Grafismos Rupestres do Vale do Rio Peruaçu e suas Relações Diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2004.

LAGROU, Els. A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Topbooks, 2007.

RIBEIRO, Loredana; ISNARDIS, Andrei. Os Conjuntos Gráficos do Alto- Médio São Francisco (Vale do Peruaçu e Montalvânia)-caracterização e seqüências sucessórias. Arquivos do Museu de História Natural, v. 17, n. 18, p. 243-286, 1996.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, 2018.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

VILAÇA, Aparecida. Comendo como gente. Formas do canibalismo Wari. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992.

XAKRIABÁ, Célia NC. O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada. Brasília, UNB, 2018.

XAKRIABÁ, Célia. Corpo-território. In: GOMES, Ana Maria R. et al. Catálogo da exposição Mundos Indígenas. Espaço do Conhecimento UFMG. Belo Horizonte, 2020.

ARQUEOBOTÂNICA NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO: O ABRIGO DO JON, TOCANTINS, NO HOLOCENO INICIAL

Monique Piacentini

*(Programa de Pós-Graduação em Ecologia - Universidade Federal de Santa Catarina.
mmoniquepiacentini@gmail.com)*

Nivaldo Peroni

*(Programa de Pós-Graduação em Ecologia - Universidade Federal de Santa Catarina.
peronin@gmail.com)*

Lucas Bueno

*(Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Catarina.
lucasreisbueno@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

A relação entre a ação humana e as paisagens tem sido de grande interesse na arqueologia, dadas as implicações profundas que essas interações têm na composição e funcionalidade dos ambientes (BALÉE; ERICKSON, 2006; PEARSALL, 2015). A ecologia histórica é um campo que se baseia no princípio de que as dinâmicas entre seres humanos e seus ambientes deixam marcas cumulativas nas paisagens (BALÉE, 2006). Essas paisagens são entendidas como locais onde ocorrem interações complexas, que abrangem dimensões evolutivas, culturais e históricas, na qual os seres humanos podem desempenhar um papel central como agentes de transformação (BALÉE; ERICKSON, 2006). Já a arqueobotânica é um campo da arqueologia que se concentra na análise dos vestígios vegetais encontrados em sítios arqueológicos, buscando compreender os aspectos culturais que influenciaram essas transformações (HASTORF, 1999; POPPER; HASTORF, 1988). Com isso, os sítios arqueológicos desempenham um papel fundamental na revelação dessas relações entre povos ameríndios e os processos ecológicos que ocorreram ao longo do tempo, nas quais resultaram em mudanças na composição das espécies e na estrutura da paisagem (HASTORF, 1999; PEARSALL, 2015).

Este estudo se concentra no Abrigo do Jon, um sítio arqueológico localizado no Parque Estadual do Lajeado, no Tocantins, Brasil. O sítio abrange uma ampla faixa cronológica de ocupação, que se estende sobretudo no Holoceno Inicial, e está situado em uma região de transição entre os biomas Amazônico e Cerrado.

METODOLOGIA

A pesquisa envolveu a análise da composição e distribuição estratigráfica dos macrovestígios vegetais encontrados no Abrigo do Jon, com o objetivo de identificar padrões e possíveis influências de grupos humanos que ocuparam a região em diferentes períodos, com ênfase no Holoceno Inicial. O estudo concentrou-se na Área 2 do sítio, que se caracteriza por uma estratigrafia complexa, composta por 14 níveis artificiais escavados e 8 feições identificadas, abrangendo datas que remontam do Holoceno Recente ao Inicial.

Após a coleta dos vestígios arqueológicos, foram realizados procedimentos de triagem, flotação, tipologia e identificação taxonômica para analisar os macrovestígios vegetais encontrados nas amostras. As análises quantitativas foram conduzidas com base nos dados brutos, fornecendo informações sobre a quantidade de macrovestígios vegetais presentes na área de coleta, bem como sua distribuição entre os diferentes níveis estratigráficos e feições. Índices de diversidade, como os de Simpson e Shannon-Weaver, índice de equitabilidade de Pielou, riqueza e número de tipos morfológicos por litro de sedimento, foram calculados para cada nível estratigráfico da Área 2. A correlação entre os níveis estratigráficos foi utilizada a técnica de ordenação multivariada nMDS sendo utilizado o software RStudio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelaram a presença de 21.731 remanescentes vegetais, que foram categorizados em 100 morfotipos distintos. Os morfotipos mais frequentes, 02, 01 (*Acrocomia aculeata*) e o 07, são membros da família Arecaceae. Os índices de diversidade demonstram padrões de diversidade entre os níveis estratigráficos, com maior destaque para aqueles relacionados ao Holoceno Inicial. Gráficos de Bray-Curtis destacam associações entre os níveis e a influência de morfotipos raros. A análise revelou similaridades significativas entre os níveis 8, 9, 10, 11, 12 e 13, todos datando do Holoceno Inicial. A família Arecaceae desempenha um papel proeminente na configuração da paisagem do sítio, mas outras famílias, como Fabaceae, Convolvulaceae, Malpighiaceae, Caryocaraceae e Malvaceae, também são relevantes.

CONCLUSÃO

O Abrigo do Jon evidencia a influência dos povos ameríndios na transformação da paisagem, com a disposição cronológica dos componentes vegetais indicando a construção do espaço, especialmente no período correspondente ao Holoceno Inicial. Essa relação direta e indireta entre seres humanos e plantas pode ser interpretada pela teoria da construção de nicho, com o clima desempenhando um papel fundamental, principalmente durante o período de transição entre o Pleistoceno e o Holoceno Inicial. A criação de ambientes modificados pela interação entre seres humanos e plantas ao longo do tempo reflete as complexas formas de antropização das paisagens, destacando a influência duradoura da ação humana na composição e funcionalidade das paisagens ecológicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a CAPES e a FAPESC pela bolsa parcial durante o Mestrado. Ao CNPq por financiar o projeto “Tecnologia e Território: dispersão e diversificação no povoamento do Planalto Central Brasileiro”. E The Wenner-Gren Foundation por financiar o projeto “Pessoas no movimento: povoamento, abandono e territorialidade no processo de ocupação do Planalto Central Brasileiro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALÉE, William. **The Research Program of Historical Ecology**. Annual Review of Anthropology, v. 35, n. 1, p. 75–98, 2006.
- BALÉE, William.; ERICKSON, Clark. L. **Time, Complexity, and Historical Ecology**. In: Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands. [s.l: s.n.]. p. 1–12. 2006.
- HASTORF, Christine. A. **Recent Research in Paleoethnobotany**. Journal of Archaeological Research, v.7, n° 1, pp. 55-103, 1999.
- PEARSALL, Deborah. M. **Paleoethnobotany: a handbook of procedures**. 3rd edition. San Diego: Academic Press, 2015.
- POPPER, Virginia.; HASTORF, Christine. Introduction. In: _____. **Current paleoethnobotany: analytical methods and cultural interpretations of archaeological plants remains**. Chicago: The University of Chicago Press, pp.1-15, 1988.

ANÁLISES GEOESPACIAIS DOS SÍTIOS TUPI NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Gabriela Santos Cavalcante
Graduanda de Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí (e-mail:
gabyscavalcante@ufpi.edu.br)

Ângelo Alves Corrêa
Professor do curso de Arqueologia na Universidade Federal do Piauí
(e-mail: angelo@ufpi.edu.br)

INTRODUÇÃO

O objetivo primordial deste trabalho é demonstrar as análises geoespaciais dos sítios Tupi na região Centro-Oeste do Brasil, considerando dados alfanúmericos e fotogramétricos coletados pelo Projeto Tupi em relação a 143 vasilhas cerâmicas. Além disso, incorporou-se informações de pesquisas bibliográficas e de relatórios da arqueologia de contrato até o ano de 2014, que se referem a 379 sítios arqueológicos localizados no Centro-Oeste. Para desempenhar este estudo, dividiu-se em três etapas primordiais.

Na primeira ocorreu a análise dos dados fotogramétricos das cerâmicas, tornando-as aptas para vetorização. Após isso, foram classificadas conforme mostrado por Brochado e Monticelli (1994). Na segunda etapa, concentrou-se na análise dos dados estatísticos e espaciais dos sítios arqueológicos da região, gerando informações cruciais para o entendimento da expansão dos povos Tupi nessa região. Na terceira etapa, os resultados dessas análises foram utilizados para a criação de mapas temáticos e informativos.

Em síntese, o trabalho envolveu a aquisição e organização de informações de duas fontes de dados: os sítios arqueológicos mencionados e os conjuntos cerâmicos, ambos relacionados aos povos Tupi da região. Isso contribuiu para uma compreensão mais completa e geoespacialmente informada sobre essas populações.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo consistiu na realização de uma análise de caráter qualitativo e quantitativo, com o objetivo de aumentar o nosso conhecimento sobre a ocupação de povos no Centro-Oeste. Para a análise qualitativa, recorreremos a informações arqueológicas, linguísticas e etnográficas provenientes de pesquisas exercidas por Brochado (1984), Brochado e Monticelli

(1994) e Corrêa (2014). Isso nos permitiu adquirir um entendimento mais aprofundado sobre os povos do Tronco Tupi e os seus vasilhames cerâmicos ao longo de sua história.

Em seguida, a análise quantitativa se fundamentou no estudo estatístico, na leitura dos dados coletados até o ano de 2014, na vetorização de imagens por meio do software livre Inkscape e na produção de mapas temáticos. Tais ações contribuíram para enriquecer a pesquisa.

RESULTADOS

Com base no que foi apresentado, na primeira etapa do estudo foram analisadas 143 cerâmicas inteiras, fragmentas e semi-inteiras provenientes de cinco coleções do Centro-Oeste, sendo subdivididas em 128 peças Guarani e 15 peças Tupinambá. Para a vetorização das imagens, foram priorizadas as cerâmicas que exibiam borda, corpo e base mais discerníveis registradas por meio de fotogrametria. Seguindo esses critérios, 29 vasilhas cerâmicas inteiras, 2 provenientes de Goiás e 27 do Mato Grosso do Sul, e 4 semi-inteiras do Mato Grosso do Sul foram vetorizadas, sendo todas relacionadas a sítios Guarani.

Posteriormente, foi possível classificar quatro classes das seis propostas por Brochado e Monticelli (1994). A classe 1 (yapepó) incluiu as vasilhas com diâmetro de abertura entre 12 a 36cm, com morfologia de painéis de cozinhar, resultando em 12 dentre as 33 selecionadas. Na classe 2 (ñaetá), foram incluídas peças com diâmetro de abertura de 30 a 50cm, geralmente usadas sobre o fogo, totalizando 4 peças. Na classe 3 (ñamôpyu) não se obteve nenhuma. A classe 4 (cambuchí), que engloba peças com diâmetro de abertura de 18 a 36cm para guardar água, foram encontradas 6. Por fim, as classes 5 e 6 (ñaembé), representando tigelas de comer e beber com 12 a 34cm de abertura, totalizaram em 10. Apenas uma peça não foi atribuída a uma classe, e as que tinham um diâmetro de abertura inferior a 12cm foram consideradas miniaturas. Essa distinção morfológica dos vasilhames vetorizados contribuirá no desenvolvimento de comparações automatizadas das cerâmicas Tupi.

Já sobre os dados dos sítios arqueológicos do Centro-Oeste, a pesquisa evidenciou a presença de sítios relacionados à populações Guarani, Tupinambá e Tupi do Norte. Entre os 379 sítios analisados, 37,99% estão no Mato Grosso do Sul e foram identificados como Guarani. Os Tupi do Norte estão presentes em 14,25% dos sítios em Goiás e 16,36% no Mato Grosso. Quanto aos sítios com população Tupinambá, foram relacionados 8,71% em Goiás, 21,11% no Mato Grosso do Sul e 1,58% no Mato Grosso. Ademais, dentro do estudo dos sítios arqueológicos coletados, até o ano de 2014, haviam 51 datações por C-14, 136 por TL (termoluminescência), 2 relativas e 190 sítios sem datação, mostrando que ainda precisamos avançar na qualidade e quantidade das datações.

CONCLUSÃO

Após a análise dos dados qualitativos e quantitativos foi possível perceber que a região Centro-Oeste apresenta um número menor de sítios relacionados a povos Tupi em relação

as demais regiões do país. Da mesma forma, as pesquisas até o momento identificaram um baixo número de vasilhas cerâmicas inteiras ou semi-inteiras na região, bem como poucos contextos datados por métodos absolutos.

Entendemos a partir dos modelos de expansão dos povos Tupi (Corrêa, 2014) que a região Centro-Oeste ocupa uma posição estratégica para o entendimento sobre a saída da região amazônica destes povos. Os conjuntos artefatuais cerâmicos já estudados permitem demonstrar que aqueles mais ao norte do estado de Goiás tem mais elementos amazônicos e que estes elementos vão reduzindo a medida que analisamos conjuntos cada vez mais ao sul. Além disso, já ficou evidenciado que houve uma penetração por povos Tupinambá ocupando o sul de Goiás e o Norte do Mato Grosso do Sul. Mas ainda temos muitas questões a resolver que demandarão a continuidade das pesquisas na região.

Por fim, urge o desenvolvimento de programas de pesquisas arqueológicas nesta região, tendo em vista que a forte expansão agrícola descaracteriza o patrimônio arqueológico sem passar pelo rito do licenciamento ambiental, dispensados pela legislação vigente para esta atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCHADO, José P. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - University of Illinois, Urbana, 1984.

BROCHADO, José P; MONTICELLI, Gislene. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica das Vasilhas de Cerâmica Guarani a partir dos Fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.

CORRÊA, Ângelo Alves. *Pindorama de mboîa e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi: 10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640.

ARQUEOLOGIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM RETOQUE INTERPRETATIVO SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DO RS-I-69-LARANJITO.

Ítalo Marques de Castro

(Universidade Federal de Pelotas (arqueologia.castro@gmail.com))

Camile Urban

(Universidade Federal de Pelotas (camile.urban@ufpel.edu.br))

Gustavo Peretti Wagner

(Universidade Federal de Pelotas (gustavo.peretti.wagner@gmail.com))

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1970, Miller (1987) protagonizou diversas escavações arqueológicas nas adjacências do médio Rio Uruguai, resultando na coleta de artefatos que foram associados a ossos de megafauna pleistocênica (VIDAL e. WAGNER, 2020). Os desfechos destas pesquisas promoveram o estabelecimento do Programa Internacional de Pesquisas Paleoindígenas (PROPA).

Pesquisas provenientes da implantação do PROPA registraram datações radiocarbônicas que apontam para o período de ocupação deste território entre 9,000 E 11.000 anos A.P (MILLER, 87). Estas escavações resultaram na demarcação do sítio Laranjito, que pertence ao complexo arqueológico Touro Passo, situado na margem esquerda do Rio Uruguai, em Uruguaiana (RS).

No decorrer da sua tese, Vidal (2018) revisitou Touro Passo e coletou um total de 738 peças líticas do sítio Laranjito. A proposta deste trabalho é a apresentação dos resultados oriundos de uma análise tecnológica sobre esta materialidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a categorização dos atributos analíticos, elaborou-se uma lista de análise referenciada na publicação de Hilbert (1994). O objetivo foi enquadrar as propriedades tecnológicas (tipos de lascas, núcleos, plataformas, etc.) e viabilizar uma interseção analítica sobre os demais dados (tipos de matéria prima, quantidade de superfície natural, comprimento, espessura, etc.) e assim, ponderar conjunturas operatórias fundamentadas na recorrência de determinados estigmas de lascamento.

Após a quantificação das características supracitadas, o conjunto lítico foi fracionado de acordo com a proposta de Collins (1989/90), onde através de uma análise quantitativa sobre os predicados tecnológicos, é possível delimitar um estágio operacional para determinada prática de lascamento. A partir deste estágio analítico, a pesquisa procurou particularizar a

compreensão tecnológica sobre as principais atividades operatórias das respectivas frações.

As principais recorrências tecnológicas de cada fração viabilizaram o discernimento sobre suas cadeias operatórias, através da concatenação dos dados relacionados aos resíduos de lascamentos (tipos de lasca, talão, retoque, matéria prima e dimensões) e as sequências estigmatizadas nos suportes. A concepção sobre as cadeias operatórias é fruto de uma conjuntura analítica que teve como radical a relação diacrônica entre a aplicação dessas técnicas de manufatura (preparação de plataforma, tipo de debitagem, retoque, etc.) sobre os atributos físicos (superfície natural, comprimento, largura, etc.) da massa de matéria explorada.

RESULTADOS

A exploração da matéria prima procedeu sobre os seixos de arenito silicificado da Formação Botucatu disponíveis na margem do rio, sendo a produção de suportes sobre lascas atividade elementar do sítio. Sua materialidade aponta para a predominância de atividades pertencentes à terceira etapa de Collins, ou seja, a manufatura de artefatos com modificações primárias (DIAS, 1994).

Na pesquisa consta que a atividade prevalecente desses artesãos é a confecção de artefatos unifaciais por debitagem, dos quais possuem retoques marginais majoritariamente situados na parte distal. Há também uma considerável parcela de artefatos bifaciais que estão associados aos desdobramentos tecnológicos da exploração unipolar dos seixos.

CONCLUSÕES

Embora haja uma relevante quantidade de testemunhos relacionados a atividades de lascamentos bifaciais, o resultado da análise em voga aponta para uma predominância quantitativa correspondente à descrição tecnológica de Hilbert (1994) sobre a indústria lítica *Cuareimense*. Sendo ela majoritariamente contemplada por raspadores unifaciais derivados da exploração dos seixos, seguida por uma significativa quantidade de instrumentos nucleiformes plano-convexos.

Uma expressiva quantidade de lascas de biface (HOELTZ, 1997) e sua convergência tecno-tipológica para com os núcleos bifaciais presente na coleção, podem ser agregadas aos resultados obtidos por Moreno (2017) em sua análise sobre a coleção lítica do Laranjito proveniente das pesquisas de Miller.

Entretanto, é plausível associar as lascas de biface ao processo de *adelgazamiento* bifacial proposto por Suárez e Santos (2010) em sua investigação sobre o sítio arqueológico Pay Passo 1. Uma vez que o mesmo está localizado às margens do rio Quaraí e os resultados provindos de suas pesquisas salientam uma contemporaneidade ao Laranjito

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS, Michael. Una propuesta conductal para el estudio de la arqueología lítica. *Revista Etnia*, Buenos Aires, n. 34-35, p. 47-65, 1989/ 1990.
- DIAS, Adriana S. Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso. 1994. 220f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Curso de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- HILBERT, Klaus. Caçadores-Coletores Pré-Históricos no Sul do Brasil: Um projeto para uma redefinição das tradições líticas Umbu e Humaitá. In: Flores, M. Negros e Índios, *Literatura e História*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. Cap.1, p. 9-24.
- HILBERT, Klaus. Arqueologia Pré-Histórica do Uruguai: Uma revisão. In *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, vxx, n.1, p.137-161, julho, 1994.
- HOELTZ, Sirlei Elaine. Análise Tecno-Tipológica das indústrias líticas das fases Rio Pardo e Pinhal. In: HOELTZ, Sirlei Elaine. *Artesãos e Artefatos Pré-Históricos do Vale do Rio Pardo*. Santa Cruz do Sul. EDUNISC. 1997. Cap.2, p.31-75.
- MILLER, Eurico Theofilo. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil ocidental. *Estudos atacameños*, Chile, V.8, N.especial, p. 39-64, 1987.
- MORENO, João Carlos. Paleoindian Lithic Industries of Southern Brazil: A Technological Study of the Laranjito Archaeological Site, Pleistocene-Holocene Transition, *PaleoAmerica*, 3:1, 74-83, DOI: 10.1080/20555563.2016.1248752
- SUÁREZ, Rafael. Cazadores recolectores tempranos, supervivencia de fauna del pleistoceno (*equus sp.* y *glyptodon sp.*) y tecnología lítica durante el holoceno temprano en la frontera Uruguay Brasil. In *Revista da SAB*, V. 23, nº 2, dezembro 2010.
- VIDAL, Viviane P; WAGNER, Gustavo P. Os sítios paleoíndios na localidade arqueológica Touro Passo: uma síntese do Propa (1972-1978) e os estudos geoarqueológicos recentes. *REVISTA MEMORARE*, Tubarão, v. 7, p.100-120, 2020.
- VIDAL, Viviane P. Los Sitios Arqueológicos en la Formación Sedimentaria Touro Passo: Procesos de Formación y Perturbación Postdeposicional. In: Vidal, V.P. *La Ocupación Cazadora – Recolectora Durante La Transición Pleistoceno-Holoceno en el Oeste de Rio Grande del Sul-Brasil: Geoarqueología de los Sitios en la Formación Sedimentaria Touro Passo*. Oxford: Publishing LTD, 2018. Cap. 7, p. 90-120.

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS GEOQUÍMICOS DOS MONTÍCULOS DO PONTAL DA BARRA, PELOTAS-RS

Gabriel Procópio Silva
(PPGANT/UFPEL, *procopiosp@mail.com*)

Ximena Villagrán
(MAE/USP, *villagran@usp.br*)

Aluísio Alves
(PPGANT/UFPEL, *aluisioalves.br@gmail.com*)

Rafael Milheira
(UFPEL, *milheiraraafael@gmail.com*)

INTRODUÇÃO

As estruturas monticulares, conhecidas como cerritos de índios, datadas entre 4700 e 200 cal AP, são feições que desde o século XIX tem gerado debate sobre sua gênese e função. Elas estão distribuídas no bioma Pampa em diferentes compartimentos da paisagem, em geral mais elevadas em relação às áreas alagadiças. A diversidade artefactual e os remanescentes botânicos, faunísticos e humanos indicam que nestas estruturas se desenvolviam diversas atividades (MILHEIRA; GIANOTTI, 2018).

Estudos sobre o processo construtivo apontam uso de sedimentos do entorno (horizonte A), além de remanejamento dentro da estrutura; e em alguns casos sedimento termo-alterado. Estas características somadas aos processos bio-pedológicos geram uma forte homogeneização da matriz, dificultando na identificação de unidades estratigráficas e por consequência na separação entre os momentos construtivos e as possíveis atividades relacionadas. Pesquisas na última década têm apontado caminhos para superar estes desafios, por meio da micromorfologia de solos e de análises geoquímicas (BRACCO BOKSAR et al., 2019; VILLAGRÁN; GIANOTTI, 2013).

No contexto do Pontal da Barra, os montículos também apresentam uma matriz homogênea, melanizada e com predominância de texturas franco arenosas. Se destacam pelas altas frequências de fragmentos cerâmicos e remanescentes faunísticos e humanos. Com objetivo de avaliar as diferenças com os solos adjacentes e investigar suas evoluções, foram realizadas análises químicas (nutrientes disponíveis e totais) e determinados o pH e conteúdo de matéria orgânica (MO%).

Neste trabalho são apresentados os dados preliminares das análises químicas realizadas nos sítios PSG2 e PSG6, localizados no Pontal da Barra, próximo a laguna dos Patos, no município de Pelotas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os procedimentos para análise básica foram realizados no Laboratório de Solos, da Universidade Federal de Pelotas (FAEM/UFPEL) e de análise elementar no Laboratório de Química e Fertilidade do Solo, da Universidade Federal do Paraná. Na análise básica foram determinados pH, MO%, P, Ca, Na, Mg, K, Mn, Zn e S. Na análise elementar, foram obtidos os totais de Al, Ba, Ca, Cr, Cu, Fe, K, Mg, Mn, Ni, P, Pb, V, Zn.

As amostragens foram realizadas em perfis expostos durante as escavações e fora da área do sítio (controle), de forma sistemática e em intervalos de 10 cm. No sítio PSG6 foi coletada uma coluna, enquanto no PSG2 foram amostradas três colunas, uma para análise básica e duas para elementar.

Para verificar as relações entre os dados químicos e os níveis amostrados e suas diferenças com os solos adjacentes, foi realizada análise de componentes principais. Adicionalmente, para verificar as correlações entre os dados químicos e os artefatos, foi gerada uma matriz de correlação. Os dados foram tratados no *software* R (GOTELLI; ELLISON, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de componentes principais realizada com os dados das análises básicas indica que há semelhanças entre as bases dos montículos e os solos adjacentes. Esta semelhança provavelmente se deve pela presença de um horizonte A prévio, que com os processos biopedológicos ao longo do tempo, vai se homogeneizando e tendo seus contatos apagados. Ademais, deve estar associada as primeiras ocupações e transformações do espaço e por tal seria mais semelhante com solos naturais que com o antropogênico.

Já nos níveis intermediários e no topo do montículo as diferenças com os solos adjacentes são mais evidentes. Nos dois montículos os teores de P e Ca estão associados positivamente com os artefatos e remanescentes faunísticos e humanos. Em parte estes altos teores podem estar associados aos rejeitos da alimentação, evidenciados pelas altas frequências de vestígios zooarqueológicos, sendo principalmente peixes marinhos estuarino-dependentes (MILHEIRA; ATTORRE; BORGES, 2019; NEVES et al., 2003). Já o pH possui correlação negativa com os artefatos, MO%, P e Ca; mostrando tendência de acidificação da base ao topo. Esta tendência pode estar atrelada ao acúmulo e decomposição de matéria orgânica associada a dieta desses grupos.

Os dados da análise elementar realizados em duas colunas no sítio PSG2, mostram afinidades entre os níveis, indicando relação de continuidade lateral e também possivelmente de remanejamento do sedimento. Estas afinidades entre níveis podem se dar pelos gestos construtivos e de manutenção do montículo.

CONCLUSÃO

As análises químicas realizadas nos cerritos do Pontal da Barra mostram que estas estruturas antropogênicas possuem características distintas dos solos adjacentes. Os montículos analisados possuem altos teores de nutrientes, ao contrário dos solos adjacentes. Mesmo localizados num ambiente com pluviosidade significativa, alagamentos periódicos e possuírem majoritariamente texturas franco arenosas, o processo de lixiviação não parece ser severo nestas estruturas. Por meio das análises multivariadas, se observa forte correlação entre elementos como P e Ca e os artefatos, reforçando a relação entre atividades e o processo de construção do montículo. Também sugerem relações entre diferentes níveis, indicando remanejamento de sedimento dentro do montículo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRACCO BOKSAR, R. et al. Mounds and Landscape in the Merín Lagoon Basin, Uruguay. In: **Advances in coastal geoarchaeology in latin america**. Springer International Publishing, 2019. p. 103–129.
- GOTELLI, N.; ELLISON, A. **A Primer of Ecological Statistics**. 2° ed. Sunderland: Sinauer Associates, 2013.
- MILHEIRA, R. G.; ATTORRE, T.; BORGES, C. Construtores de cerritos na Laguna Dos Patos, Pontal da Barra, sul do Brasil: Lugar persistente, território e ambiente construído no Holoceno recente. **Latin American Antiquity**, v. 30, n. 1, p. 35–54, 2019.
- MILHEIRA, R. G.; GIANOTTI, C. G. The Earthen Mounds (Cerritos) of Southern Brazil and Uruguay. In: **Encyclopedia of Global Archaeology**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 1–9.
- NEVES, E. G. et al. Historical and Socio-cultural Origins of Amazonian Dark Earth. In: LEHMANN, J. et al. (Eds.). **Amazonian Dark Earths**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2003. p. 29–50.
- VILLAGRÁN, X. S.; GIANOTTI, C. Earthen mound formation in the Uruguayan lowlands (South America): Micromorphological analyses of the Pago Lindo archaeological complex. **Journal of Archaeological Science**, v. 40, n. 2, p. 1093–1107, 2013.

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM TECNOFUNCIONAL PARA O ESTUDO DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS LASCADAS ASSOCIADAS À CULTURA ARQUEOLÓGICA GUARANI: O SÍTIO URUGUAI 1 – RS

Jade Paiva

(Universidade Federal de Pernambuco e Muséum National d’Histoire Naturelle/FR – jade.paiva@ufpe.br)

Antoine Lourdeau

(Muséum National d’Histoire Naturelle/FR – antoine.lourdeau@mnhn.fr)

Daniela Cisneiros

(Universidade Federal de Pernambuco – daniela.silva@ufpe.br)

RESUMO

Partindo do objetivo de contribuir para o conhecimento da tecnologia lítica relacionada à cultura arqueológica Guarani e para o entendimento das dinâmicas tecnológicas inter-regionais das produções líticas dessas populações, apresentamos nessa pesquisa os resultados obtidos através do estudo da indústria lítica do sítio Uruguai 1. Esse sítio está localizado na área arqueológica de Foz do Chapecó em Alpestre – RS e apresenta vestígios associados à cultura arqueológica Guarani, com cronologia entre 510 e 240 anos BP. Para tanto, utilizamos para a análise da coleção a abordagem tecnofuncional, que se mostrou bastante eficaz no estudo de coleções líticas em diversos períodos e contextos. Buscou-se assim, refletir e entender as aplicações e limites dessa abordagem no estudo das indústrias líticas.

Palavras-chave: Tecnologia Lítica, Abordagem Tecnofuncional, Cultura Arqueológica Guarani.

Nessa pesquisa, buscamos entender como a abordagem tecnofuncional nos permite integrar a pergunta do “como fazer” e o “para que fazer” os objetos líticos e observar os potenciais dessa perspectiva para compreender uma indústria lítica em sua totalidade. Essa abordagem nos permite desenvolver uma análise estrutural, envolvendo os esquemas produtivos e integrando tanto as etapas de produção como a análise dos potenciais funcionais dos instrumentos produzidos. Podemos observar sua eficácia no estudo de coleções líticas em vários contextos (SORIANO, 2000; LOURDEAU, 2010; LUCAS, 2014).

A abordagem tecnofuncional compreende um conjunto de elementos que são denominados de “unidades tecnofuncionais (UTF)”. Cada UTF apresenta características particulares, mas que interagem entre si compondo o instrumento. O instrumento é visto como um

sistema e para chegarmos as suas interpretações de forma dinâmica e compreender um conjunto de instrumentos, precisamos entender as interações entre as UTFs (BOËDA, 1997; LOURDEAU, 2006).

Para chegarmos à compreensão de uma parte das culturas, são necessários os estudos dos métodos e técnicas que podem ser identificáveis nas produções tecnológicas dos grupos culturais. Com o objetivo de contribuir para o conhecimento das produções líticas associadas à cultura arqueológica Guarani, estudamos a indústria lítica do sítio arqueológico Uruguai 1, que está localizado na área arqueológica de Foz do Chapecó em Alpestre – RS e apresenta vestígios arqueológicos associados a cultura arqueológica Guarani, com a presença de vestígios líticos, estruturas funerárias, vestígios vegetais e materiais cerâmicos. O sítio tem uma camada de ocupação que se estende por cerca de 1 km e possui datações de cerca de 510 – 240 anos BP.

Buscamos entender os processos de produção tecnológica e da análise tecnofuncional, realizando o estudo da cadeia operatória da coleção lítica do sítio. Analisamos as etapas desde as escolhas, estratégias de aquisição e utilização das matérias-primas, passando pelas etapas produtivas e estruturais, até a produção dos objetos e seus possíveis potenciais funcionais. Realizamos a observação dos vestígios líticos seguindo os critérios baseados em: DAUVOIS, 1976; LEPOT, 1993; INIZAN et al, 1995; BOËDA, 1997; SORIANO, 2000; LOURDEAU, 2010.

Para definição dos grupos tecnofuncionais, os critérios utilizados foram: volumetria, dimensões, delimitação e localização da UTFt e da UTFp/r invariável. Através do conjunto de componentes observados nos instrumentos, identificamos como são combinados e se comportam, uns em relação aos outros e em conjunto, percebendo as recorrências nos instrumentos analisados.

Analisamos o conjunto de artefatos líticos do sítio Uruguai 1 setor 2, que compreende um total de 304 vestígios, 38 peças provenientes do setor 2 A e 266 peças do setor 2 B, coletadas durante as campanhas realizadas nos anos de 2018 e 2019.

Através dos dados obtidos em relação às matérias-primas utilizadas nas produções líticas, foi possível identificar e definir 7 lito-tipos, classificados através da observação de critérios quanto à granulometria (fina ou granulosa), homogeneidade e textura (lisa ou porosa). Em relação aos minerais ainda nos atentamos à transparência (opaca ou translúcida). Identificamos a presença de rochas vulcano-sedimentares e a relação particular com a matéria-prima calcedônia. Em relação aos modos de debitação, observamos produções via debitação unipolar e majoritariamente via debitação bipolar sobre bigorna e em relação aos grupos tecnofuncionais, foi possível identificar 5 estruturas.

A partir desse exemplo, apresentamos as discussões sobre as particularidades e variabilidades da indústria e as possibilidades de relacionar com coleções de outros sítios arqueológicos associados a essa unidade arqueológica e destacamos o potencial da utilização da análise tecnofuncional para o estudo da materialidade lítica nesses contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËDA, Eric. Technogenèse de systèmes de production lithique au Paléolithique inférieur et moyen en Europe occidentale et au Proche Orient. Habilitation à diriger des recherches. Nanterre: Université Paris X, 1997.

DAUVOIS M., Précis de dessin dynamique et structural des industries lithiques préhistoriques. Paris : Pierre Fanlac, Périgueux: 1976.

INIZAN, Marie-Louise; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène & TIXIER, Jacques. Préhistoire de la Pierre taillée 4: technologie de la pierre taillée. Meudon : Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques/CNRS/Université de Paris X – Nanterre, 1995.

Lepot Michel. Approche techno-fonctionnelle de l'outillage moustérien : essai de classification des parties actives en termes d'efficacité technique : Application à la couche M2e sagittale du Grand Abri de la Ferrassie (Fouille Henri Delporte). Mémoire de maîtrise de l'Université de Paris X-Nanterre, 1993.

LOURDEAU, A. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. Habitus. Goiânia : IGPA, v.4, n.1, p. 685-710, 2006.

LOURDEAU, Antoine. Le technocomplexe Itaparica. Definition techno-fonctionnelle des industries à pièces façonnées unifaciellement à une face plane dans le centre et le nord-est du Brésil pendant la transition Pleistocène-Holocène et Holocène ancien. 477f. (Thèse pour obtenir le grade de Docteur) L'Université Paris Ouest Nanterre La Défense, Paris, 2010.

LUCAS, Lívia. Mudanças Técnicas da transição Pleistoceno-Holoceno ao Holoceno Médio no interior do Nordeste: indústrias líticas da sequência arqueológica da Toca do João Leite-PI, 154 f. (Dissertação) Mestrado em Arqueologia, UFPE, Recife, 2014.

SORIANO, S. Outillage bifacial et outillage sur éclat au Paléolithique ancien et moyen: coexistence et interaction. (Thèse de Doctorat). Université de Paris X - Nanterre, Nanterre: 2000.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SAMBAQUI CUBATÃO I: REFLEXÕES PRELIMINARES

Dione da Rocha Bandeira
(Masj e Univille, dione.rbandeira@gmail.com)

Fernanda Mara Borba
(Masj, fernanda.mara@joinville.sc.gov.br)

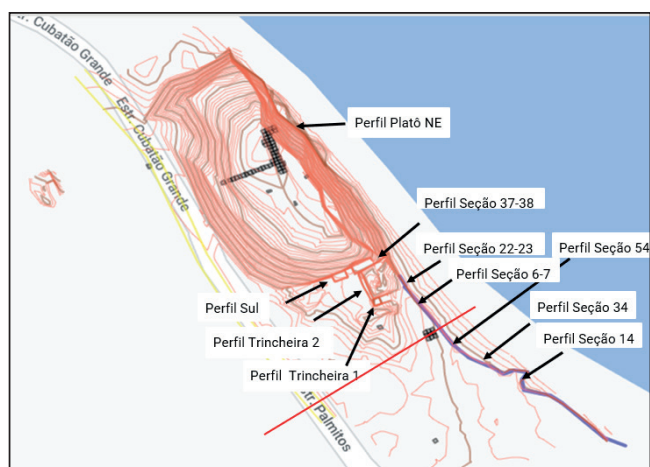
INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do Sambaqui Cubatão I e visa entender a função e o processo de construção deste sítio que se situa na margem direita do rio Cubatão em Joinville. Levou em consideração o processo de desmoronamento, fruto da erosão flúvio marinha provocada pelo citado rio, que expõe camadas com artefatos vegetais conservados que instigam questões sobre a sua construção (MASJ, 2020). Hoje ele tem 127 metros de comprimento e 8 de altura, e porções com 3 níveis: o mais alto de 8 metros, um intermediário (plataforma) com 2 e um raso. Suas datas indicam a construção da porção mais elevada entre 2250 e 2670 anos AP, e 2890 e 3480 anos AP da plataforma (FIGUTI, 2009).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa descreveu perfis, elaborou croquis e amostrou arqueofácies e feições dos pontos: 1) Perfil Praia (porção baixa: seção 14, 34 e 54; porção mediana: seção 6-7 e 22-23; e porção elevada: Platô Nordeste), 2) Perfil Sul (sentido leste/oeste), 3) Trincheira 1 (sentido leste/oeste, 4) Trincheira 2 (sentido norte/sul) (Figura 1). As coletas visam análises arqueobotânicas, bioarqueológicas, zooarqueológicas, microestratigáficas, sedimentológicas, químicas e datações (ainda sem resultados). Além destas, foram coletadas estacas e outros materiais (fibras, rochas, ossos humanos e faunísticos), em frente ao sítio e junto à parede erodida, e solo, abaixo do sítio (2 metros de profundidade).

Figura 1 - Locais dos perfis e pontos de coletas de amostras e materiais e de intervenção.



Fonte: Acervo do Masj (VECTOR, 2022),

RESULTADOS

Os resultados indicam uma diversidade na estratigrafia do sítio. No Perfil Sul, entre as cotas 7 e 4, há dois pacotes: um superior, mais homogêneo de camadas espessas, com predomínio de conchas picadas e moídas (cotas de 7 a 5); e um inferior muito estratificado, com camadas plano convexas, indicando mounds, sobre os quais há camada fina preta argilosa, com carvão (Arqueofácia 8) (cotas de 5 a 3) (Figura 2).

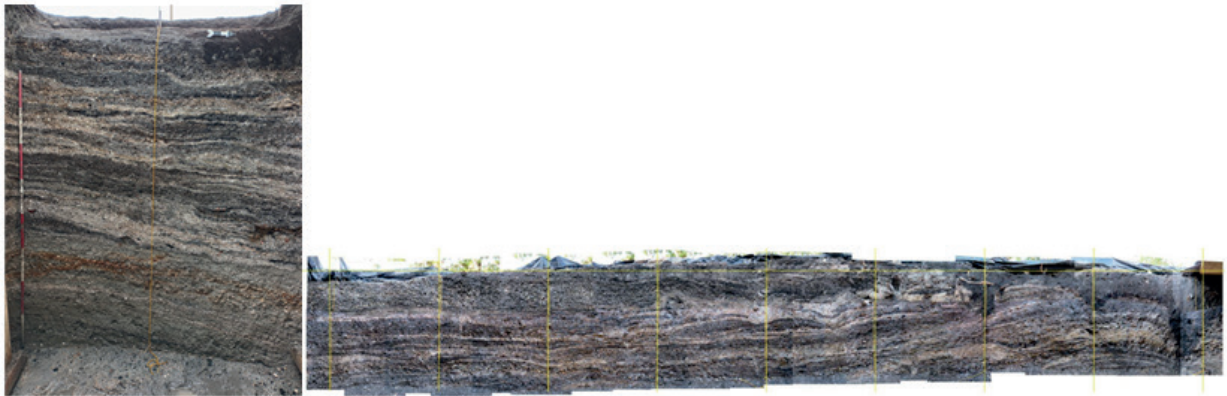
Figura 2 - Perfil Sul, 3 metros de altura e 30 lineares, com destaque para a Arqueofácia 8.



Fonte: Acervo do Masj.

Em ambos, nenhum sepultamento ou material humano foi identificado. Este padrão inferior está presente nas Trincheiras 1 e 2 (Figura 3).

Figura 3 - Trincheira 1 e Trincheira 2.



Fonte: Acervo do Masj.

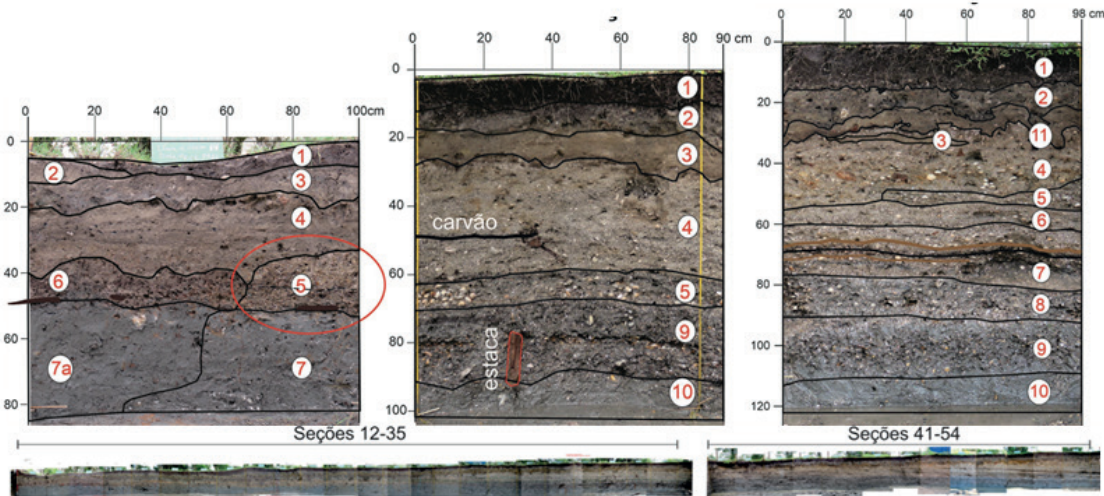
Ao contrário da pesquisa de Figuti (2009), somente um sepultamento foi identificado, no Perfil Praia, seções 37-38, a 2.30 metros abaixo do topo do sítio, próximo ao ponto de transição entre a porção mediana e elevada, a sul. Este trecho desmoronou pela chuva e retificação da parede. Ainda pôde-se observar neste trecho que o pacote linear de camadas mais espessas e homogêneas, claras e escuras, registrado na porção mediana, se estende por baixo da porção elevada. A partir deste ponto, conforme aumenta a altura, surgem camadas plano convexas, finamente estratificadas, em meio às quais estava o citado sepultamento (Figura 4, 5 e 6).

Figura 4 – Transição entre porção elevada e mediana - seções 22 a 38, aproximadamente.



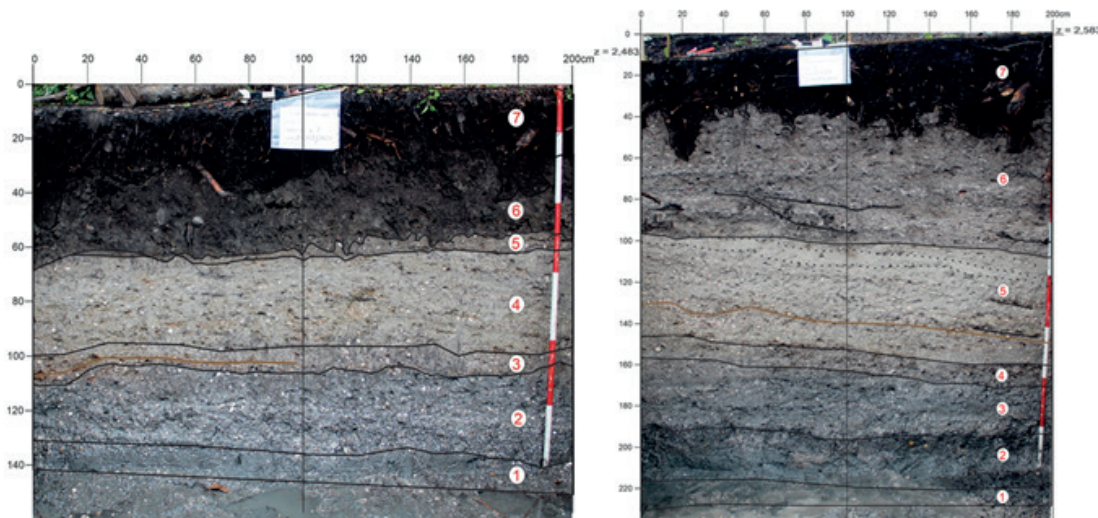
Fonte: Acervo do Masj.

Figura 5 - Porção baixa - seções 14, 34 e 54 do Perfil Praia, com destaque para conchas e estacas de madeira, posicionadas verticalmente (presentes na porção subsuperficial); também há ossos humanos desarticulados, fibras e outros vegetais.



Fonte: Acervo do Masj.

Figura 6 - Porção mediana - seções 6-7 e 22-23 do Perfil Praia, com destaque para um perfil menos estratificado.



Fonte: Acervo do Masj.

Outro aspecto constatado foi a ausência, na porção sul do sítio, da camada com sedimento argiloso escuro e material vegetal (sementes, frutos e madeiras), conchas e ossos de fauna queimados e não queimados, identificada no Platô Nordeste. Ela não foi identificada no Perfil Sul, na Trincheira 2 e 1, que teve 3 metros de profundidade e atingiu a base estéril (Figura 7), indicando a diversidade do processo construtivo do sítio.

A identificação das estacas enterradas na praia, em frente ao sítio e no meio da matriz próxima à base, nestes 20 anos, mesmo com o desmoronamento de grandes porções, tem sugerido a existência de uma estrutura na base. A umidade presente na área, deste o início

do assentamento a 3.500 anos AP, pode ter exigido um base para a construção do mound. Depois desta etapa de campo, indícios da presença de estacas em camadas superiores foram registrados em duas situações: marcas de pontas de estacas enterradas na camada superior do Platô Nordeste e marcas na parede erodida, próximo a este platô. Estes dados indicam diferentes aplicações para madeiras, inferência, reforçada por dois artefatos de madeira, identificados na praia. Trata-se de um objeto de ponta, talvez uma flecha, e um bastão com sulco, possivelmente um propulsor (Figura 7).

Figura 7 - Perfil Praia, Platô NE, Setor C7 - camada argilosa com sementes, madeiras, concha e ossos de fauna queimados e não queimados e negativo de ponta de estaca.



Fonte: Acervo do Masj (2022).

CONCLUSÕES

A pesquisa não foi encerrada e as análises de não foram concluídas, mas estudos microestratigráficos associados a granulometria e química da matriz arqueológica e dados botânicos e faunísticos permitirão a caracterização das arqueofácies identificadas e a comparação entre as diferentes porções do sítio. As datações, principalmente das madeiras, devem indicar se esse conjunto foi estabelecido num mesmo momento. A cronologia de dados granulométricos do substrato abaixo do sítio, dados da fauna e flora e a variação do nível do mar permitirão refinar a reconstituição paleoambiental e a caracterização do ambiente no momento inicial do estabelecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUTI, L. **Construindo o sambaqui**: a ocupação e os processos de construção de sítio na bacia do Canal do Palmital, Santa Catarina. Relatório final. São Paulo: MAE, USP; Fapesp, 2009.

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE. **Resgate parcial do Sambaqui Cubatão I, Joinville, SC**: salvaguarda, pesquisa, comunicação museológica e divulgação científica. Projeto. Joinville: MASJ, 2020.

COMUNIDADE SAMBAQUIANA DA PRAIA DAS CONCHAS: DOMESTICIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

*Márcia Barbosa Guimarães
(DARQ/UFS; marciasegal63@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

Após um período de grande desenvolvimento de estudos sobre as comunidades sambaquianas, balizado entre as décadas de 1990 e 2010, verificou-se um recrudescimento gradual das pesquisas, nos últimos anos. Vários fatores parecem concorrer para tal situação. Contudo, acredito que as pesquisas acadêmico-científicas sobre as comunidades sambaquianas estejam em uma encruzilhada teórico-metodológica, na qual parece haver um impasse entre a abordagem processualista e às questões suscitadas no novo século. Essa parada é própria do movimento do saber científico e, principalmente, humanista, e que se traduz, muitas vezes, em uma mudança de paradigma, como acredito que seja o caso. Sendo uma representante deste grupo, me vejo, por um lado, formulando questões que possibilitam novas abordagens pós-positivistas; por outro lado, ainda, acredito que a abordagem processual, junto às comunidades sambaquianas, não se esgotou, sendo preciso aprofundar questões levantadas sobre surgimento da cerâmica, complexidade emergente, festins funerários, bem como dar início às investigações sobre paisagem ancestral, culto aos ancestrais e aos mortos, colonização do litoral e domesticidade, só para citar aquelas que têm me atraído nos últimos anos.

Assim essa encruzilha teórica não será aqui discutida de forma direta, mas o próprio título desta comunicação, demonstra os caminhos que estou buscando traçar, mas através de “passos de bebe”. E neste caminhar ainda titubeante, nada mais seguro, do que revisar uma questão sobre a qual me debrucei, em 2001, e que não foi dada continuidade. A questão levantada, e que se apoiava na proposta de M. Gaspar (1995), de que o sambaqui era o espaço de vida e de morte das comunidades sambaquianas, está sendo retomada, ainda junto às comunidades sambaquianas do litoral fluminense.

Essa retomada tem por finalidade compreender às práticas sociais das comunidades sambaquianas do litoral fluminense em relação ao arranjo do seu espaço doméstico.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para discutir sobre práticas domésticas das comunidades sambaquianas, segui minha proposta anterior (BARBOSA-GUIMARÃES, 2006), substituindo o uso do software Golden Surfer pelo software QUANTUM GIS, para a elaboração de mapas de densidade, visando estabelecer estimativas espaciais bidimensionais.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Os mapas de distribuição espacial produzidos indicam que os vestígios malacológicos estão concentrados em uma pequena área de 4m², na porção oeste do sambaqui Morro das Conchas 2. O mesmo resultado foi observado para o sambaqui Morro das Conchas 1, que apresentou os vestígios malacológicos concentrados em um bolsão de aproximadamente 3m², também localizado na porção oeste deste sambaqui.

CONCLUSÃO

A presença de vestígios zooarqueológicos nos sambaquis sempre foi relacionada às práticas alimentares cotidianas dessas populações. Apenas no início do novo século, uma nova proposta foi apresentada, relacionando sua presença, quando associada aos sepultamentos, aos festins funerários (KLÖKLER, 2012). Essa hipótese foi generalizada, o que conduziu a premissa de que os sambaquis monumentais catarinenses desempenharam a função de cemitérios (DE BLASIS et al., 2012). Entretanto, como consequência, a uma nova questão surgiu: onde as comunidades sambaquianas moravam?

Embora tenha havido tentativas para responder esta questão, ela continua em aberto. Por outro lado, as pesquisas efetuadas junto às comunidades sambaquianas do litoral fluminense têm demonstrado a presença frequente e contínua, ao longo do tempo, de atividades cotidianas desempenhadas nos sambaquis, representadas principalmente pela produção, uso e descarte de objetos ósseos, líticos e malacológicos não associados exclusivamente ao contexto funerário (BARBOSA-GUIMARÃES, 2011; 2013). Neste sentido, me parece que os contextos estudados apresentam peculiaridades e devem ser entendidos considerando suas particularidades. Neste caso, a análise da distribuição espacial intrassítio dos sambaquis da Praia das Conchas parece reiterar, conforme demonstrado em pesquisa anterior, que as comunidades sambaquianas do litoral fluminense habitavam o sambaqui, sendo este também o local de morada dos seus mortos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERSON-AFIL, Nira. Spatial Analysis of Fire Archaeological Approach to Recognizing Early Fire. *Current Anthropologist*, v. 58, p. 258-266. 2017.

BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Análise espacial intra-sítio: um estudo de caso no sítio Ilha da Boa Vista IV, Cabo Frio, RJ. *Arquivos do Museu Nacional* v. 64, nº 4, p. 271-286. 2006.

BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Mudança e Colapso no Litoral Fluminense: os sambaqueiros e os outros no Complexo Lagunar de Saquarema, RJ. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 21, p. 71-91. 2011.

BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Fishing strategies among prehistoric populations at Saquarema Lagoon Complex, Rio de Janeiro, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 85, p. 415-429. 2013.

DE BLASIS, Paulo.; FISH, Paul.; FISH, Suzy. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, v. 15, p. 75-105. 1998.

GASPAR, Madu. Espaço, rito e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia* v. 8, nº 2, p. 221-237. 1995.

KLÖKLER, Daniela. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus* v. 10, p. 83-104. 2012.

ST 02 - ARQUEOLOGIA DE AMBIENTES AQUÁTICOS E COSTEIROS E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA DÉCADA DOS OCEANOS

ESTUDO DA ARQUITETURA E IMPORTÂNCIA CULTURAL DA CANOA BARRETA NO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DO MAR - SÃO FRANCISCO DO SUL – SC.

Marcelo Lins

(UFPE, marcelolinz@msn.com, hamilton.marcelo@ufpe.br)

O patrimônio naval brasileiro é composto por um rico acervo de tipos de embarcação de diferentes linhagens arquitetônicas e culturais, e que singram os mais diversos espaços de navegação. A canoa Barreta integrante do acervo do Museu Nacional do Mar, São Francisco do Sul – SC, é um exemplar das históricas canoas “abertas” de concepção arquitetônica *monoxyle-assemblée* que navegavam pelo litoral Pernambucano. A arquitetura *monoxyle-assemblée* é uma evolução da canoa monóxila, combinada com a construção *sur-sole* ou *bottom-based* de fundo plano. O presente trabalho tem como objetivo uma análise das características arquitetônicas e construtivas da canoa *Barreta* dentro da perspectiva da arqueologia naval. Procuramos tecer, também, algumas considerações sobre a autenticidade da canoa centenária e sua importância como parte do patrimônio naval brasileiro.

A chegada europeus e africanos nas costas do nordeste brasileiros no século XVI acarretou mudanças na tradição náutica, bem-marcada na evolução da canoa monóxila dos povos originais ao longo dos últimos cinco séculos. Esta evolução arquitetônica e modificações estão balizadas nas mudanças nos contextos históricos e econômicos que se refletem em mudanças que vão desde a introdução de ferramentas de metal a alterações no desenho do casco, arquitetura e sistemas de propulsão e governo (LINS JUNIOR, 2015).

A Barreta é um tipo de embarcação de origem monóxila popularmente conhecida como canoas “abertas” citadas em fontes históricas no litoral pernambucano desde inícios do século XIX. Este tipo de embarcação enquadra-se na categoria arquitetônica das canoas monóxilas montadas ou *monoxyle-assemblée* e técnica construtiva a partir da base do casco, *sur-sole* ou *bottom-based*. Uma das principais restrições das canoas monóxilas diz respeito à limitação de comprimento, largura e profundidade do casco em função da dimensão do tronco original (POMEY; RIETH, 2005; BILLAUD, RIETH; GINISTY, 2012). As canoas abertas são obtidas através do corte longitudinal do casco monóxilo com a inserção de tabuas entre as duas metades da canoa original, que passam servir como bordos laterais, estendendo o fundo

da canoa com o aumento da boca e da área da área útil de carga da embarcação.

A canoa Barreta tem 8,9 m de comprimento, por 1,5 m de boca e um pontal de 0,75m. Sua O princípio de construção a partir do fundo do casco com o uso de três tábuas justapostas. O bojo entre o fundo e o costado da canoa é formado pelos remanescentes do bojo monóxilo de transição. Na Barreta acreditamos que a estrutura monóxila se estendia para além do bojo, compondo parte do bordo lateral da embarcação. Sendo todo o conjunto unido por um sistema de cavernas duplas em “L”.

Segundo Marlier (2014) o bojo de transição a partir de um casco monóxilo teria múltiplas funções dentro da arquitetura de uma canoa monóxila do tipo *assemblée*. Na concepção da geometria projetada; no plano estrutural, através do reforço longitudinal e ligação fundo-bordo e no plano funcional garantiria a impermeabilidade em uma região do casco difícil de calafetar.

A canoa tem a vela como sistema de propulsão e a presença do banco da vela e carlinga longitudinal de furo único onde assenta-se o pé do mastro. A enora é marcada pela presença de um calço móvel que servia para fixar o mastro. O sistema de governo é formado por um leme preso ao cadaste.

Não há memória de onde ou quando a canoa foi construída, mas a história da canoa Barreta é mais longínqua, segundo depoimento da Sr. João Miguel da Silva, o João do Sítio, a canoa teria mais de 100 anos, o seu sogro, já falecido com a idade de 92 anos, guardava recordações da canoa de quando era moleque na praia de Carne de Vaca.

O nível de modificações identificados na canoa Barreta suscita a indagação sobre autenticidade da canoa como uma embarcação tradicional. Podemos considerar a canoa Barreta como autêntica levando-se em consideração o nível de modificação? A canoa atual depois do grande número de modificações pode ainda ser relacionada à canoa na sua formação construção primária?

Na visão da população local, e dos seus proprietários e usuários a canoa é vista como a mesma embarcação, não importando o grau de modificações sofrido ao longo do tempo. Para estes a canoa continua com os mesmos atributos da canoa original, mantendo-se o espírito da canoa histórica. Este seria o primeiro degrau de autenticidade, o reconhecimento simbólico pela comunidade.

Resta, no entanto, a questão da autenticidade material. Conceitos como continuidade, mudança e verdade vem sendo discutidos no campo da filosofia. A questão do navio de Teseu, mantido como monumento pelos atenienses, suas partes apodrecidas foram paulatinamente substituídas, a embarcação manteve sua forma original, mas com partes inteiramente novas. Seria ainda o navio de Teseu? (JOKILEHTO, 2006).

Qualquer embarcação sofre modificações ao longo de sua vida útil, reparos, adaptações e melhoramentos que alteram o seu projeto primário. Para Tanner (1994) mudança e adaptações devem ser vistas como parte integrante da história da embarcação ao longo de sua vida útil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LINS JÚNIOR, Hamilton Marcelo Morais. Arqueologia marítima: a evolução da canoa monóxila em Pernambuco, Brasil (séc. XVI – XX) / Hamilton Marcelo Morais Lins Júnior. – Recife: O autor, 2014.

POMEY, Patrice ; RIETH, Eric. L'Archéologie Navale. Paris : Editions Errance, 2005.

BILLAUD, Yves; RIETH, Eric; GINISTY, Marc. L'embarcation monoxyle assemblée de Doussard / Bredannaz (Lac d'Annecy, Haute-Savoie, France). Batellerie des eaux intérieures à la fin de l'époque médiévale. In: Archaeonautica, 17, 2012. pp. 153-168.

MARLIER, Sabrina. Présentation et Analyse du Système Architectural : une Architecture de Type « Monoxyle-Assemblée» In Arles-Rhône 3, un chaland gallo-romain du 1er siècle après Jésus-Christ. Paris: CNRS, 2014. (Archaeonautica, 18), pp. 81-114.

TANNER, Matthew. Ship and Boat Preservation - A place for original fabric. Liverpool: National Historic Ships, 1994

<https://www.nationalhistoricships.org.uk/sites/default/files/ship-boat-preservation-a-place-for-original-fabric.pdf>.

JOKILEHTO Jukka., Considerations on authenticity and integrity in world heritage context. City & Time 2 (1): 1. 2006 [online] URL:<http://www.ct.ceci-br.org>.

PAISAJES MARÍTIMOS DE ROCHA, URUGUAY: UNA PRIMERA APROXIMACIÓN A LOS NAUFRAGIOS DE CABO POLONIO Y LA PALOMA

Elena Saccone

(LAPPU, FHCE, Udelar, elena.saccone@lappu.edu.uy)

INTRODUCCIÓN

El patrimonio cultural marítimo en el departamento de Rocha se vincula particularmente a naufragios ocurridos en la zona del actual Parque Nacional Cabo Polonio y en el Cabo de Santa María (LaPaloma) y los paisajes culturales marítimos de los que forman parte. Por sus escollos y aguas peligrosas, en este departamento existen registros de decenas de naufragios ocurridos entre los siglos XVI y XX, algunos de ellos son conocidos por los buzos locales o por los pescadores que los identifican como buenos pesqueros y forman parte importante de las historias locales. Otros han quedado registrados en la prensa nacional y regional, o han sido objeto de investigaciones que produjeron documentos que se encuentran en diversos archivos.

METODOLOGÍA

Este primer relevamiento de los naufragios de la región se basa principalmente en la investigación bibliográfica (en orden cronológico: Bayley 1900, Lussich 1943, Seijo 1945, Varese 1998, Montalbán 1998, Lezama 2009. etc) pero también se han incorporado datos que provienen de entrevistas semidirigidas realizadas a pobladores de la región en los últimos años.

AVANCES

Las comunidades costeras, y en particular las pequeñas localidades, han demostrado contar con un profundo interés por estos naufragios.

Este trabajo presenta una primera aproximación a estos naufragios, indagando en sus historias, colecciones asociadas, relación entre naufragios y pobladores locales y el potencial de estudio del patrimonio cultural sumergido que presentan.

CONCLUSIONES

Esta es una investigación que está comenzando en el contexto actual del Uruguay en que este 2023 ha sido aprobada la Convención para la Protección del Patrimonio Subacuático de UNESCO por parte de la Cámara de Senadores, y aguarda la aprobación por parte de la Cámara de Representantes, y espera aportar a futuro claves y recomendaciones para la gestión de los sitios subacuáticos y de los sitios costeros, para su manejo y conservación, así como de las colecciones locales y las prácticas vinculadas a estas colecciones.

AGRADECIMIENTOS

A la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Universidad de la República (Udelar) que financió algunas investigaciones preliminares que dieron origen a este trabajo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bayley, Jorge. 1900 Apuntes. Recuerdos marítimos de fin de siglo. s/d

Lezama, Antonio. 2009 Escritos bajo el mar. Arqueología subacuática en el Río de la Plata. Linardi y Risso, Montevideo.

Lussich, Antonio. 1943, Naufragios Célebres En El Cabo Polonio, Banco Ingles Y Océano Atlántico, Imprenta El Siglo Ilustrado, Montevideo.

Montalbán 1998,

Seijo, Carlos. 1945 Maldonado y su región. Imprenta el Siglo Ilustrado, Montevideo.

Varese, Antonio. 1998, De naufragios y leyendas de las costas de Rocha, Ed Aguilar, Montevideo.

DISTRIBUIÇÃO E OCORRÊNCIA DOS SAMBAQUIS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Jasiel Neves

(Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – PPGArq do Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ - jasiel@ufrj.br)

INTRODUÇÃO

Os sambaquis são sítios arqueológicos que possuem presença marcante no território do Brasil, principalmente no litoral, com registros em todas as regiões contíguas ao Oceano Atlântico, sendo os mais antigos marcos do povoamento dos ambientes litorâneos do país, além de apresentarem uma cultura material longeva e seus grupos construtores deterem grande habilidade no uso dos recursos terrestres e marinhos. Nesse trabalho, apresentamos a distribuição da ocorrência dos sambaquis buscando contribuir com a elaboração do mapeamento cartográfico nacional de detalhe desses sítios, ainda inexistente nos estudos da Arqueologia Brasileira, suprimindo também a carência de informações nos locais com menor intensidade de pesquisas.

Sambaquis são sítios monticulares que ocupam, principalmente, zonas ecológicas costeiras de transição, como regiões lagunares, baías, dunas, cordões arenosos, mangues e ilhas (Gaspar, 2000:59 e DeBlasis *et al.* 2007:30). Mas também há registros de sambaquis na Amazônia, no interior e no litoral, (Hartt, 1885:2-3; Simões: 1981:150; Gaspar, 2000: 37; Pugliese Jr., 2018:4 e Scheel-Ybert & Boyadjian (2020:2-3), além dos sambaquis em bacias fluviais interiores, como as do rio Itajaí-Açu (Piazza, 1967) e do rio Ribeira do Iguape (Collet & Prous, 1977:33-35 e Scheel-Ybert & Boyadjian, 2020:2-3).

MATERIAIS E MÉTODOS

As informações sobre os sambaquis foram obtidas em pesquisas e mapeamentos dos sítios dos grupos sambaquianos. A distribuição e a ocorrência dos sambaquis do Brasil foram organizadas obedecendo à divisão regional do país: Região Sul: Estados do RS, PR e SC; Região Sudeste: Estados de SP, RJ e ES; Região Nordeste: Estados da BA, AL e MA e Região Norte: Estados do PA e RO.

Os sambaquis levantados foram classificados em três tipos: costeiros; fluviais e amazônicos, sendo que as duas últimas tipologias não estão localizadas em ambientes influenciados pela dinâmica marinha ou não estão associados diretamente aos processos entre continente e oceano (zonas ecológicas costeiras de transição).

RESULTADOS

Com base na bibliografia existente sobre o tema e no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quantificamos 1.371 sambaquis, sendo 15 amazônicos (1,09%), 20 fluviais (1,46%) e 1.336 costeiros (97,45%), demonstrando a densidade e a vinculação dos grupos sambaquianos ao litoral e seus ambientes. A análise da ocorrência dos sítios foi efetuada em dois níveis: regional e estadual. A região Sul é aquela que apresenta o maior número de sambaquis cadastrados, com 777 sítios, sendo 412 no Estado de Santa Catarina; 275 no Paraná e 90 no Rio Grande do Sul. Seguida pela Região Sudeste, que apresenta 510 sambaquis, sendo 213 no Estado de São Paulo; 210 no Rio de Janeiro e 87 no Estado do Espírito Santo. As regiões Norte e Nordeste apresentam um número mais reduzido desses sítios, havendo 58 sambaquis na primeira, com 57 sítios no Pará e 1 sítio em Rondônia; e 26 sambaquis na segunda, com 16 sítios na Bahia; 7 sítios no Maranhão e 3 em Alagoas.

CONCLUSÕES

Apresentamos neste resumo um levantamento que contempla, de maneira mais assertiva, o número de sambaquis brasileiros existentes em seus diferentes locais de ocorrência, mas tendo ciência de que nossa pesquisa não se trata de referência definitiva. Pois, possivelmente, há ocorrências que não indicamos ou pesquisas que não citamos. Mesmo assim, acreditamos que nossa contribuição ajude na compreensão da dispersão dos grupos sambaquianos, na proteção e no conhecimento dos seus sítios.

Da totalidade de sambaquis levantados, 97,45% são representados por sítios costeiros (1.336), havendo ainda 1,46% de sítios fluviais (20) e 1,09% de sítios amazônicos (15).

No que diz respeito ao número de sambaquis registrados por Gaspar (2000:33), com 958 sítios, o registro foi ampliado em 413 registros, através do qual produzimos um material cartográfico com maior precisão das ocorrências, inexistente até o momento no estado da arte do tema.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudo que propiciou a execução dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNSA - Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. Apresenta informações sobre os sítios arqueológicos do Brasil. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>>. Acessada em 10 out. 2021.

COLLET, G.C. & PROUS, A. Primeiro informe sobre os sambaquis fluviais da região de Itaoca (SP) 1: apresentação e localização. *Arquivos do Museu de História Natural*, 2: 31-5, 1977. Disponível

em: < <https://www.ufmg.br/mhnpj/wp-content/themes/mhnpj/docs/revista-arquivos/vol02/Vol02-03.pdf>>. Acessada em 27 ago. 2023.

DEBLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C.; GASPAR, M. D. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil *Arqueología Suramericana / Arqueologia Sul-Americana* 3(1), p. 29-61, 2007.

GASPAR, M. D. *Sambaqui: a arqueologia do litoral brasileiro*. Jorge Zahar Editor, 89p., 2000 il.

HARTT, C. F. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional* (6): 1-174, 1885. Disponível em < <http://www.etnolinguistica.org/biblio:hartt-1885-contribuicoes> >. Acessado em 17 de SET. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2023). Apresenta informações sobre a divisão regional do Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html>. Acessada em 27 de fevereiro de 2022.

PIAZZA, W. F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, resultados preliminares do primeiro ano, 1965 – 1966. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, (6):39-46, 1967.

PUGLIESE JR., F. A. *A História Indígena Profunda do Sambaqui Monte Castelo*. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 374p, 2018. il. Disponível em: < https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde02102018162628/publico/FranciscoPugliese_corrigida.pdf >. Acessada em 26 de ago. 2023.

SCHEEL-YBERT, R. & BOYADJIAN, C. Gardens on the coast: Considerations on food production by brazilian shellmound builders. *Journal of Anthropological Archaeology* 60, p: 1-12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2020.101211>

SIMÕES, M. F. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota preliminar. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: *Antropologia*, (78): 1-26, 1981. il. Disponível em: < <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/223> >. Acessado em 20 set. de 2023.

POR QUE REALIZAR ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA PARA PLANEJAMENTO DE ÁREAS PROTEGIDAS MARINHAS?

Paulo F. Bava Camargo
(UFS - Universidade Federal de Sergipe, pfbavac@academico.ufs.br)

Fabiana Dallacorte
(Bio Teia Estudos Ambientais, dallacorte@bioteia.com.br)

INTRODUÇÃO

As Unidades de Conservação (UC) são espaços territorialmente protegidos junto com seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com limites e objetivos de conservação definidos, sob regime especial de administração (BRASIL, 2000).

As UCs também possuem o objetivo de proteger as características relevantes naturais geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e culturais. Para a sua efetiva gestão, dependem de um documento técnico chamado Plano de Manejo (PM), o qual é elaborado por seus gestores, com a participação da comunidade inserida no contexto espacial (ICMBIO, 2018).

Atualmente, para as UCs federais, um PM é conceitualmente agrupado em quatro partes: componentes fundamentais, dinâmicos, normativos e planos específicos (ICMBio, 2018). Os naufrágios, quando conhecidos e reconhecidos pela população moradora da UC, pesquisadores, e gestores, apareceriam no diagnóstico e no planejamento, como componentes fundamentais.

Mas, naufrágios são bens soçobrados, os quais podem ser lixo danoso ou simplesmente itens curiosos com valor histórico de pouca ou mediana representatividade dentro de uma UC. Como se dá, então – ou como deveria se dar – a transformação desses meros bens materiais acidentados – capital perdido – em *sítios arqueológicos de naufrágio* (RAMBELLI, 2002), ou seja, Patrimônio Cultural Subaquático (PCS), no âmbito das UCs? Essa é a motivação deste trabalho.

O presente estudo trata de avaliações iniciais do contexto de naufrágios dentro de UCs marinhas federais e examina como eles são tratados no planejamento. Os naufrágios em UCs se tornam importantes de serem reconhecidos nos PMs, tanto pelo valor cultural potencial, quanto pela inserção na paisagem marinha, favorecendo a permanência da biodiversidade. Decorre disso que os naufrágios contemporâneos, bem como sítios arqueológicos de naufrágio deveriam estar contemplados nos PMs, tendo em vista a gestão integrada do ambiente cultural com o natural e suas potências.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram analisados dados secundários, considerando: os registros dos bancos de dados geográficos do Instituto Chico Mendes (ICMBio), do qual extraiu-se as informações sobre os limites das UCs brasileiras; e registros de naufrágios disponibilizados pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Após a comparação das informações, foram realizadas buscas pelos PMs de cada uma das UCs que tinham registros de naufrágios em seus limites, no *site* do ICMBio. Os PMs localizados foram estudados e planilhou-se as informações sobre os naufrágios, quando citadas nos planos.

RESULTADOS

Hoje são 336 Unidades de Conservação públicas criadas pelo governo federal. Destas, 70 estão inseridas no Sistema Costeiro-Marinho, protegendo 92,9 milhões de hectares de mar territorial (ICMBIO, 2023). Identificou-se que 18 delas possuem naufrágios em seus limites (n=111) e que 15 UCs possuem Planos de Manejo (PMs). Desses, apenas 6 possuem alguma menção a respeito de naufrágios em seus limites:

- PARNA Marinho dos Abrolhos relata os naufrágios em seu diagnóstico e trata de especificidades da visitação e exploração.

- RESEX Marinha do Arraial do Cabo aponta que os naufrágios podem ser atrativos associados aos subsídios para interpretação ambiental, porém, não relata informações sobre eles em seu diagnóstico.

- A revisão do PM da APA Fernando de Noronha-Rocas-São Paulo e São Pedro trata de zoneamento específico em que há naufrágios inseridos e dá normativas para mergulhos em naufrágios.

- REBIO Atol das Rocas cita a necessidade de levantamento e estudos arqueológicos dos naufrágios.

- APA da Baleia Franca: possui um item específico tratando de fatores histórico/culturais e cita os naufrágios registrados na UC.

- REBIO Marinha do Arvoredo cita a diversidade encontrada no naufrágio *Lily* (1957) e atividades de mergulho por agências locais, mas não cita a ocorrência do bem soçobrado no diagnóstico, além de não descrever o uso público praticado por anos neste naufrágio. No planejamento, o *Lily* ficou em zona restrita, impedindo o acesso para uso público.

O diagnóstico arqueológico sistemático de embarcações soçobradas em UCs, além de permitir conhecer melhor a cultura material náutica, pode também contar a história da exploração dos recursos naturais. Em paralelo, o estudo e monitoramento dos naufrágios pode fornecer subsídios para a compreensão de como hoje os organismos usam a infraestrutura que ainda resiste, como substrato, além de orientar o planejamento na proteção do ambiente em que o naufrágio está inserido. Mas, essa relação ainda é muito pouco conhecida e utilizada no Brasil, tal como foi possível perceber na exiguidade de PMs que contemplam

a existência dos naufrágios, sendo que apenas um deles menciona os bens soçobrados efetivamente com o *status* de arqueológico, de PCS.

CONCLUSÕES

Nesta primeira abordagem verifica-se que os naufrágios existentes dentro das UCs consultadas em sua grande maioria são reconhecidos em seus diagnósticos e tratados no planejamento com instruções específicas apenas para o uso público e dentro de zoneamento para este fim. No caminho contrário, o PM da ESEC Marinha do Arvoredo relega a existência de um naufrágio importante no histórico de visitação da Unidade, o que poderia estar causando atritos entre a UC e as agências de mergulho de Bombinhas e Florianópolis (SC).

A continuidade deste estudo, a partir de pesquisa de mestrado pretende abordar qualitativamente a situa o da ESEC Marinha do Arvoredo, bem como incluir  a avalia o do PCS de UCs estaduais e municipais, uma vez que muitas comprovadamente possuem naufrágios dentro de seus limites, tais como o PEM do Parcel de Manuel Luís, recentemente foco de estudos arqueológicos vinculados à elabora o do PM (MARANHÃO, 2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ICMBIO. 2023. ICMBio em números: Painéis dinâmicos. Disponível em: <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/paineis-dinamicos-do-icmbio>>. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. Lei Federal N  9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, é 1o, incisos I, II, III e VII da Constitui o Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conserva o da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: out. 2023.

ICMBIO. Roteiro metodológico para elabora o e revisão de planos de manejo das unidades de conserva o federais. D'AMICO, R.; COUTINHO, E. O.; MORAES, L. F. P. (Orgs). Brasília/DF: ICMBio, 2018. 212 pp. il.

MARANHÃO. Parque Estadual Marinho do Parcel de Manuel Luís: diagnóstico do plano de manejo. [S.l.: s.n.], 2021. 114p. Disponível em: <[https://www.sema.ma.gov.br/uploads/sema/docs/PM_PEMPML_\(VesInternet\).pdf](https://www.sema.ma.gov.br/uploads/sema/docs/PM_PEMPML_(VesInternet).pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RAMBELLI, Gilson. Arqueologia até debaixo d' gua. São Paulo: Maranta, 2002.

ST03 - ARQUEOLOGIA E HUMANIDADES DIGITAIS - EXPLORANDO A INTERSEÇÃO ENTRE O PASSADO E A TECNOLOGIA

MAPEAMENTO E TIPOLOGIA DE ESTRUTURAS DE TERRA POR MEIO DE SENSORIAMENTO REMOTO NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA, BRASIL

Cliverson Pessoa

(Doutorando em Arqueologia pelo MAE-USP, e-mail: cliversonps@usp.br)

INTRODUÇÃO

Sítios arqueológicos com estruturas de terra ocorrem por toda parte da Amazônia e tem sido classificados por diferentes metodologias. Na região sudoeste, principalmente na parte leste do estado do Acre, uma tipologia classificatória foi estabelecida para dar conta da diversidade desses sítios ao longo do tempo, enfocando aspectos construtivos e cronológicos (SAUNALUOMA et al., 2018). Este trabalho procura sistematizar estas estruturas de terra utilizando imagens de sensoriamento remoto disponíveis e considera essa classificação interna. A tentativa de validação desses dados foi realizada por meio da obtenção de imagens de melhor resolução utilizando um drone.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estruturas de terra, conhecidas como geoglifos na arqueologia acreana, são sítios arqueológicos formados por valas e muros de terra removidos do solo argiloso, formando figuras geométricas que podem alcançar até 350 m de diâmetro, ao redor de uma praça plana, conectadas por caminhos ou estradas direcionadas a corpos d'água (SCHAAN et al., 2008). Os geoglifos tem uma sólida cronologia entre 1.000 AEC e 1.000 anos EC. Mas entre 660 e 285 anos EC começam a aparecer no registro arqueológico regional estruturas de até 25 montículos de mais de 2,5 metros de altura, distribuídos ao redor de uma praça elipsoide; paralelamente, por volta de 544 e 204 anos EC ocorrem estruturas de aterros circulares ou retangulares contínuos, distribuídos no entorno de praças. Estas estruturas mais recentes representam mudanças na paisagem em relação às ocupações anteriores dos geoglifos, contudo, continuam associadas a construção de recintos de terra e estradas com cronologias menos recuadas que se estendem até o auge da economia da borracha (SAUNALUOMA et al., 2018, 2021).

O levantamento geral desses sítios têm sido realizado por meio da detecção remota por satélite (PARCAK, 2009), especialmente a partir de imagens gratuitas disponibilizadas pelo Google Earth em áreas desmatadas na Amazônia brasileira (RANZI et al., 2007; TRINDADE, 2015). Esta metodologia que já contribuiu para a identificação de centenas de estruturas de terra é o ponto de partida para o reconhecimento da tipologia estabelecida (SAUNALUOMA et al., 2018).

Uma “varredura” em uma área de 43.000 km² no leste do Acre, sul do Amazonas e oeste de Rondônia, mapeou pontos relacionados aos geoglifos, montículos, aterros e estradas. Esses dados foram geridos no software QGIS. Para tentar confirmar a correspondência tipológica inferida pelas imagens do Google Earth, selecionou-se 40 sítios com estruturas de terra por meio de imagens de melhor resolução utilizando um drone DJI Mavic Mini 2.

RESULTADOS

Foram identificadas aproximadamente 760 estruturas de geoglifos, 53 de montículos e 133 de aterros. Ressalta-se que tais estruturas podem coexistir no mesmo espaço ou apresentar conexões por meio das estradas. Isso sugere que a avaliação da transformação da paisagem no passado deve levar em conta essa confluência de diferentes camadas topográficas, sendo esse um dos principais objetivos da arqueologia por sensoriamento remoto, explicar o estabelecimento e interação das pessoas em certos lugares (PARCAK, 2009).

Das 1.055 estradas identificadas, 347 delas associam-se a geoglifos, 207 vinculam-se aos montículos, e 233 estão correlacionadas aos aterros. Essas estradas variam entre 20 m e 4 km de extensão, juntas totalizam uma malha de mais de 486 km. Outro dado interessante a respeito das estradas é que elas são predominantemente retas, raramente curvas. Em alguns momentos elas se entrecruzam, essa característica ocorre em 101 das estradas mapeadas, evidenciando uma possível rede emaranhada mais complexa no passado (SAUNALUOMA et al., 2021).

As fotografias de drone se mostraram eficazes confirmando as tipologias das estruturas e apontando mais detalhes relacionados a obras em cota positiva, pouco visíveis nas imagens de satélite. Com efeito, houve casos de estradas que não indicavam qualquer estrutura relacionada pelas imagens de satélite e que as fotografias de drone obtiveram êxito na identificação de um padrão de assentamento. O resultado expressou um aumento na densidade de estruturas, enquanto a sua visibilidade remete ao desafio do impacto recente relacionado ao uso do solo por atividades agrícolas e agropecuárias que suprimem essas feições, cujos efeitos mal começaram a ser medidos.

CONCLUSÃO

O sensoriamento remoto continua sendo uma ferramenta fundamental para identificação e classificação de estruturas de terra no sudoeste amazônico. Aliada a fotografias de drone, a detecção pode fornecer um quadro mais amplo para avaliar a distribuição tipológi-

ca desses sítios. As estradas que os conectam precisam ser integradas nessa discussão, de modo que elas também são testemunho da construção da paisagem indígena no passado e apontam para suas dinâmicas espaciais de ocupação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARCAK, Sarah. *Satellite Remote Sensing for Archaeology*. London: Routledge, 2009.

RANZI, Alceu; FERES, Roberto; BROWN, Foster. Internet Software Programs aid in search for Amazonian Geoglyphs. *Eos*, v.88, n.21-22, p. 226-229, 2007.

SAUNALUOMA, Sanna; PÄRSSINEN, Martti; SCHAAN, Denise Pahl. Diversity of Pre-colonial Earthworks in the Brazilian State of Acre, Southwestern Amazonia. *Journal of Field Archaeology*, v.43, n.5, p. 362-379, 2018. doi:10.1080/00934690.2018.1483686

SAUNALUOMA, Sanna; MOAT, Justin; PUGLIESE, Francisco; NEVES, Eduardo G. Patterned villagescapes and road networks in ancient southwestern Amazonia. *Latin American Antiquity*, v.32, n.1, p. 173-187, 2021. doi:10.1017/laq.2020.79

SCHAAN, Denise Pahl; RANZI, Alceu; PÄRSSINEN, Martti. (orgs.). *Arqueologia da Amazônia Ocidental: Os Geoglifos do Acre*. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE, Thiago B. Geoglifos, zanjas ou earthworks? Levantamento geral dos sítios arqueológicos com estruturas de terra em vala no médio rio Guaporé (RO) e análise comparada com os demais sítios no Sudoeste da Bacia Amazônica. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

STORY MAP NA CONFLUÊNCIA DOS RIOS PARNAÍBA E POTI: A FLUIDEZ DAS PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS.

Danielle Gomes Samia
UFPI, samiadgs@gmail.com

INTRODUÇÃO

A interação entre arqueologia e o geoprocessamento tem se revelado uma abordagem promissora na melhoria das pesquisas arqueológicas, proporcionando uma compreensão mais completa e precisa dos locais arqueológicos. A utilização de geotecnologias, como Sistemas de Informações Geográficas (SIG), sensoriamento remoto e análise espacial, possibilitou aos arqueólogos mapear, visualizar e analisar dados espaciais relacionados aos sítios arqueológicos de forma mais eficaz e minuciosa. Esta abordagem contemporânea incorpora conceitos das geohumanidades e humanidades digitais (Hacıgüzeller, 2012; Hinge, 1991; Jung, [s. D.]; Samia, 2016, 2021b, 2022, 2023).

MATÉRIAS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi conduzida com o propósito de investigar o potencial das geotecnologias na pesquisa arqueológica, utilizando uma variedade de ferramentas e técnicas de geoprocessamento. Inicialmente, realizou-se a compilação de dados arqueológicos existentes, incluindo informações de escavações anteriores, artefatos catalogados e registros históricos. Esses dados foram então integrados a dados geoespaciais, como imagens de satélite, mapas topográficos e modelos digitais de elevação. Este estudo teve como objetivo mapear o fluxo de ocupação humana na confluência dos rios Parnaíba e Poti, resultando no desenvolvimento de uma história profunda da confluência em uma narrativa aplicada no Story Map da ERSI. (Bodenhamer; Corrigan; Harris, 2015a; Earley-Spadoni, 2017; Edgeworth, 2011; Roberts, 2016; Sandes; Owens, [S. D.]; Samia, 2022, 2023; Samia; Nascimento, 2023).



Figura 1: Story Map ERSI - Fluidez das Paisagens: Arqueologia na confluência dos Rios Parnaíba e Poti.

RESULTADOS

A integração inicial de dados arqueológicos e geoespaciais no sistema SIG possibilitou uma análise mais completa dos sítios arqueológicos sob investigação. Isso permitiu a identificação de padrões espaciais e relações entre os sítios arqueológicos na área de confluência e seu contexto geográfico. A análise espacial revelou que os padrões de assentamento, relacionados às tradições arqueológicas, eram frequentemente mal interpretados por pesquisadores com uma abordagem reducionista. Além disso, a visualização dos dados em um ambiente geográfico facilitou a comunicação e a disseminação das descobertas arqueológicas, culminando na criação do Story Map intitulado 'Fluidez das Paisagens: Arqueologia na Confluência dos Rios Parnaíba e Poti'. (<https://arcg.is/1KT0ij2>)(Samia, 2022, 2023; Samia; Nascimento, 2023).

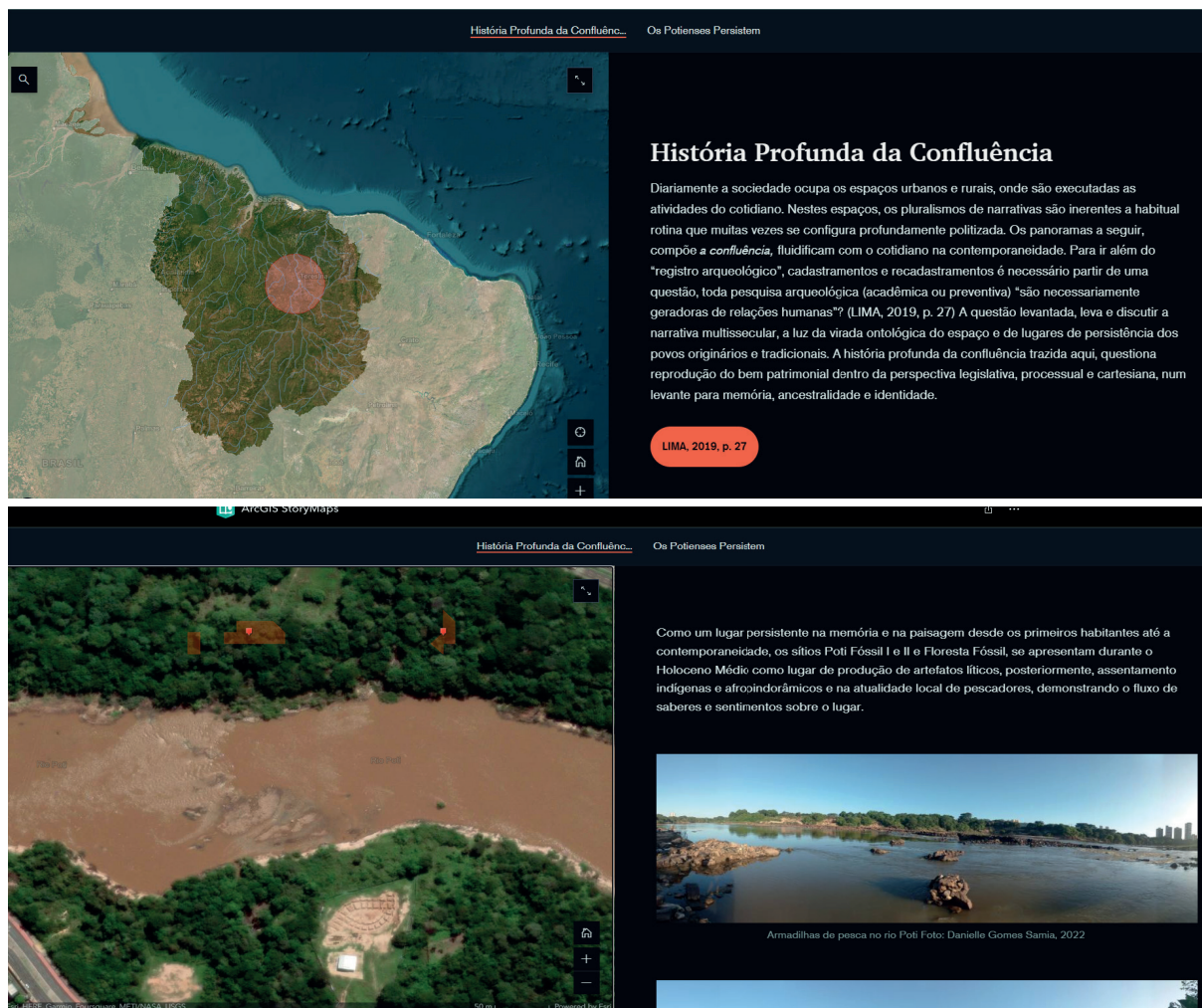


Figura 2: Story Map e a História Profunda da Confluência

A interação entre a arqueologia e o geoprocessamento tem se revelado uma ferramenta de grande valia para a pesquisa arqueológica. Através da combinação de dados arqueológicos com informações geoespaciais, os arqueólogos podem adquirir uma compreensão mais

aprofundada da distribuição espacial dos sítios arqueológicos, das conexões entre eles e do entorno circundante. Isso viabiliza uma apreensão mais abrangente das atividades humanas pretéritas e das interações com o ambiente. (Samia, 2021b, 2023).

Destarte, a aplicação de geotecnologias na pesquisa arqueológica proporciona vantagens práticas adicionais, tais como aprimoramento do planejamento das escavações, detecção de áreas com grande potencial arqueológico e a manutenção dos sítios por meio de monitoramento constante. Essas ferramentas podem desempenhar um papel importante na promoção de decisões mais embasadas relacionadas à administração do patrimônio arqueológico e à elaboração de políticas de conservação. (Samia, 2021a, 2023).

CONCLUSÃO

A integração da arqueologia com o geoprocessamento revela um potencial considerável na pesquisa arqueológica, possibilitando uma análise espacial mais precisa e abrangente dos sítios arqueológicos. O emprego de geotecnologias oferece aos arqueólogos uma perspectiva mais ampla sobre o contexto geográfico e cultural dos sítios, ao mesmo tempo que contribui para a preservação e a gestão desses locais. A colaboração contínua entre arqueólogos e especialistas em geotecnologias pode impulsionar avanços significativos na compreensão do passado humano e no planejamento sustentável do patrimônio arqueológico, gerando um considerável potencial de divulgação para o público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODENHAMER, David J.; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor M. **Deep Mapping and the Spatial Humanities**. [S. l.: s. n.], 2015a. Disponível em: Acesso em: 28 out. 2020.

EARLEY-SPADONI, Tiffany. Spatial History, deep mapping and digital storytelling: archaeology's future imagined through an engagement with the Digital Humanities. **Journal of Archaeological Science**, [s. l.], v. 84, p. 95–102, 2017. Disponível em: Acesso em: 10 fev. 2020.

EDGEWORTH, Matt. **Fluid Pasts: Archaeology Of Flow**. [S. l.: s. n.], 2011.

HACIGÜZELLER, Piraye. GIS, critique, representation and beyond. **Journal of Social Archaeology**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 245–263, 2012. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1469605312439139>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HINGE, P. D. GIS and archaeology. **Mapping Awareness & GIS Europe**, [s. l.], v. 5, n. 10, p. 45–48, 1991.

JUNG, Jin-Kyu. **Creative Geovisualization: A Humanistic and Artistic Possibility with/in GIS, Mapping, and Geovisualization**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: Acesso em: 22 fev. 2021.

ROBERTS, Les. Deep Mapping and Spatial Anthropology. **Humanities**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 5, 2016. Disponível em: <http://www.mdpi.com/2076-0787/5/1/5>. Acesso em: 3 mar. 2020.

SAMIA, Danielle Gomes. Arqueologia pedagógica. **Revista Arqueologia Pública**, [s. l.], v. 16,

n. 2, p. 179–195, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8666241>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SAMIA, Danielle Gomes. **Fluidez das Paisagens: Arqueologia na confluência dos rios Parnaíba e Poti**. 2022. 1–210 f. - Universidade Federal de Juiz de Fora, [s. l.], 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/92003208/FluidezdasPaisagens_ARQDGS. Acesso em: 7 dez. 2022.

SAMIA, Danielle Gomes. Mapa De Sensibilidade Arqueológica Estudo De Caso Na Terra Indígena Kuatinemu/PA. *Em*: 2016, Teresina. **III Simpósio De Desenvolvimento Do Trópico Ecotonal Do Nordeste I Simpósio De Desenvolvimento E Meio Ambiente (SIMDEMA)**. Teresina: [s. n.], 2016. p. 33–36. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357924792_III_Simposio_de_Developolvimento_do_Tropico_Ecotonal_do_Nordeste_I_Simposio_de_Developolvimento_e_Meio_Ambiente_SIMDEMA. Acesso em: 20 jul. 2022.

SAMIA, Danielle Gomes. Usuários Intuitivos: Práxis Cartográfica na Arqueologia. *Em*: CARLOS XAVIER DE AZEVEDO NETTO; GRÉGOIRE VAN HAVRE (org.). **De Ingá ` a Arqueologia Inclusiva: Novas Linguagens Arqueologia e Humanidades Digitais**. NDIHR-UFPBed. João Pessoa: [s. n.], 2021b. v. 2, p. 14–45. *E-book*. Disponível em: https://www.sabnet.org/download/download?ID_DOWNLOAD=715. Acesso em: 30 nov. 2021.

SAMIA, Danielle Gomes; NASCIMENTO, Ana Luisa Meneses Lage do. A fluidez das paisagens: arqueologia na confluência dos rios Parnaíba e Poti. **Revista de Arqueologia**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 262–266, 2023. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1054>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SANDES, Anderson C; OWENS, J B. **A globally oriented deep mapping of Brazil**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: Acesso em: 13 jan. 2021.

SAMIA, Danielle Gomes. INTEGRAÇÃO DE ARQUEOLOGIA E GEOPROCESSAMENTO: EXPLORANDO O POTENCIAL DAS GEOTECNOLOGIAS NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA. In: **Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias-CINTERGEO**. 2023. p. 88-92.

ST 04 - ARQUEOLOGIA E O ESTUDO DE COLEÇÕES (ETNOGRÁFICAS E ARQUEOLÓGICAS) MUSEALIZADAS

COLEÇÕES DA RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA DA UNIR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM AS PERSPECTIVAS INDÍGENAS

Silvana Zuse

(Universidade Federal de Rondônia/UNIR- silvanazuse@unir.br)

Igor Morais Mariano Rodrigues

(Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA- igor_mmrodrigues@hotmail.com)

Eduardo Bsepalez

(Universidade Federal de Rondônia/UNIR- eduardo.bsepalez@unir.br)

Carlos Augusto Zimpel Neto

(Universidade Federal de Rondônia/UNIR- zimpel@unir.br)

Gicele Sucupira

(Universidade Federal de Rondônia/UNIR- gicelesucupira@unir.br)

Lediane Fani Felzke

(Instituto Federal de Rondônia/IFRO Ji-Paraná- lediane.fani@ifro.edu.br)

A Reserva Técnica Arqueológica do Departamento de Arqueologia (RT-DARQ) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) salvaguarda diversas coleções arqueológicas advindas de projetos de licenciamento ambiental, de pesquisas acadêmicas e de doações feitas por particulares. Concebendo-a enquanto uma instituição museológica, formada no século XXI, para promover a salvaguarda, pesquisa e comunicação do acervo, buscamos estabelecer diálogos com distintas comunidades tradicionais. Fomos motivados por demandas locais e também nos apoiamos em discussões das práticas arqueológicas colaborativas e participativas e da Musealização da Arqueologia (p. ex. BRUNO, 2013/2014; SILVA, 2016).

Um caminho de aproximação com diferentes coletivos foi a realização do I Workshop de Arqueologia Experimental e Tecnologias Percíveis de Rondônia, em maio de 2023, em formato híbrido, que reuniu pesquisadores indígenas e não indígenas num encontro interinstitucional e intercultural. Reunimos representantes dos povos Aikanã, Kwazá, Sabanê, Suruí, Karo Arara, Karitiana, Guarasugwe, Karipuna de Rondônia e Wai Wai, fomentando diálogos por meio de palestras, mesas de conversas, oficinas, comunicações orais, visitas aos laboratórios, à exposição de arqueologia e à RT-DARQ. Nos quatro dias de atividades, surgiram diferentes interpretações e demandas em relação à Arqueologia.

Na palestra de abertura, Jaime Wai Wai disse que a Arqueologia ainda é uma disciplina pouco conhecida entre os indígenas, destacando a necessidade de compreender como os

indígenas, e suas formas de ver o mundo, entendem a Arqueologia e interpretam o passado. Para ele é importante pensar modos de traduzir e escrever a Arqueologia a partir de perspectivas indígenas, promovendo diálogos entre as teorias e metodologias científicas e tradicionais (DARQ/UNIR, 2023a). Inspirados por isso, indígenas defenderam a importância de ocupar a Universidade, utilizando-a para registrar memórias, mas lembrando que é necessário voltar para as aldeias, onde estão os anciões que ensinam e transmitem muitos conhecimentos ao longo das gerações (DARQ/UNIR, 2023a, 2023b, 2023c).

No que tange à produção material, ouvimos de Gasodá Suruí e Fabrícia Sabanê que, para fazer um artefato, é preciso o ensino-aprendizado de técnicas específicas e o conhecimento de histórias e dos aspectos simbólicos envolvidos na produção e uso. Os materiais, transformados ou não pelas pessoas, são parte da história de um povo e fundamentais em diversos rituais, como nos cantos e na pajelança. Se os artefatos, por exemplo, forem tomados, perdidos ou deixarem de ser produzidos, haverá perda de rituais, de poderes e da própria história. Fazer objetos é uma forma de preservar e fortalecer a cultura indígena (DARQ/UNIR, 2023b).

Fomos informados que a floresta como um todo, composta por vários materiais, plantas e animais, age no mundo e possui espírito. Por isso que existem muitas formas específicas de acessá-la e isso envolve restrições e perigos. Os próprios materiais arqueológicos possuem lugar e território específicos. Eles sentem e querem ficar nos lugares em que contam histórias. Os materiais arqueológicos dão vida e identidade a esses lugares, provando que ali é território indígena (DARQ/UNIR, 2023a, 2023b, 2023c).

Quando os povos indígenas são forçados a sair de seus lugares, eles deixam os sepulcros e muitas coisas para trás. A liderança Rosa Guarasugwe, do povo outrora tido como extinto pelo Estado Nacional, questionou se as práticas arqueológicas vigentes conscientizam e fortalecem a luta dos indígenas pelo direito ao território sagrado, ou se, pelo contrário, à serviço do capitalismo, tais práticas retiram desses territórios os materiais e espíritos que provam a existência e a história indígena, levando-os para os museus contra a vontade dos povos descendentes. Ademais, outros apontamentos foram feitos pelas lideranças, como: a necessidade de autorização dos povos e não somente a dos órgãos oficiais para as intervenções arqueológicas; a consideração dos processos de demarcação em andamento; a atribuição de autoria e etnicidade aos materiais coletados; o benefício e o retorno dos resultados das pesquisas para os povos (DARQ/UNIR, 2023c).

Por fim, conversamos sobre as coleções arqueológicas provenientes do licenciamento ambiental na PCH Cascata Chupinguaia, Rio Pimenta Bueno, com as lideranças Aikanã e Kwazá, que tradicionalmente ocupavam esse território. Ao observar os materiais líticos e cerâmicos, Fernandino Kwazá, Elizabeth Aikanã, Inácio Kassupá e Helena Kassupá, se comoveram e se lembraram de quando ocupavam a área, até serem forçados a sair do local para a implantação de uma fazenda. Eles identificaram peças, chamadas por nós de “calibradores”, usadas para lixar sementes, ossos e outros materiais, usados na elaboração de colares; narraram a origem dos machados polidos; explicaram o uso dos fusos, das vasilhas para a produção da chicha, e

explicaram o brilho das cerâmicas com a presença de mica. Houve também interesses sobre a cronologia, identidade étnica do material e continuidade histórica e cultural, bem como sobre a idade, o sexo, o número de indivíduos e o modo de sepultamento dos remanescentes humanos. As lideranças solicitaram o estudo do material, que atualmente ocorre em forma de PIBIC e de TCC, e expressaram contentamento com o encontro com esses materiais, os quais os aproximam de seu território ancestral (2023c).

Durante o evento houve muitas trocas de informações e experiências. Recebemos doações de materiais etnográficos e arqueológicos para a RT-DARQ e ouvimos, de diversas lideranças, que o evento foi importante para: a promoção do respeito à diversidade cultural; o reconhecimento dos conhecimentos indígenas, antigos e atuais; o protagonismo indígena na explicação de suas histórias e tecnologias, seja proferindo palestras, ministrando oficinas ou expressando suas perspectivas sobre os materiais arqueológicos; e a importância destes para o fortalecimento das lutas por seus territórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. **Revista de Arqueologia**, v. 26 e 27, n. 2, 2013 e n. 1, 2014, p. 4-15.

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (DARQ/UNIR). **Palestra Tecnologias dos Wai Wai habitantes do Território Indígena Trombetas-Mapuera, Pará**. Porto Velho, 2023a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IP9nmR8OcUY&list=PLtI5tX7Xt8seHSdbRb2gFvjn7ccPj0A3W&index=1>.

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (DARQ/UNIR). **Mesa de Conversa Povos Indígenas de Rondônia e cultura material**. Porto Velho, 2023b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YFN9xEyMdc&list=PLtI5tX7Xt8seHSdbRb2gFvjn7ccPj0A3W&index=6>

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (DARQ/UNIR). **Mesa de Conversa Mais do que objetos e sítios arqueológicos: arqueologia em territórios indígenas em Rondônia**. Porto Velho, 2023c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ICULb2dPwU&list=PLtI5tX7Xt8seHSdbRb2gFvjn7ccPj0A3W&index=5>

SILVA, Fabíola. “Leva para o museu e guarda”. Uma reflexão sobre a relação entre museus e povos indígenas. In: CURY, Marília X. (Org.). **Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate**. São Paulo: Secretaria de Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. p.71-79 (Coleção Museu Aberto)

AGRADECIMENTOS

À Fundação Rondônia de amparo ao desenvolvimento das ações científicas e tecnológicas e à pesquisa do Estado de Rondônia (FAPERÓ). Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao Centro Acadêmico de Arqueologia Amazônica Eurico Miller (CAREM). A todas as lideranças e representantes indígenas participantes do evento.

ARQUEOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL MONTE ALEGRE

*Marcela Nogueira de Andrade
(Universidade Federal do Pará, mna@ufpa.br)*

INTRODUÇÃO

A região de Monte Alegre foi rota de viajantes desde o século XIX. No final do século XX pesquisas arqueológicas situaram Monte Alegre como uma relevante área para a compreensão do processo de ocupação da Amazônia. Em 2001 com o objetivo de preservar os sítios arqueológicos e as formações geológicas foram criadas a Unidade de Conservação Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) e a Área de Proteção Ambiental (APA) Paytuna (SILVA, 2008). Essa região é considerada como a terceira maior em números de sítios de arte rupestre do estado do Pará (PEREIRA, 2003). Além de pesquisados, alguns sítios como Serra da Lua, Pedra do Mirante, Gruta do Itatupaoca, Pedra do Pilão, Painel do Pilão e Caverna da Pedra Pintada, localizados no PEMA recebiam visitação antes da própria criação do Parque (ANDRADE, 2012). As visitações ocorriam de maneira informal, sem planejamento e qualquer tipo de infraestrutura até novembro de 2018, quando foi inaugurado o Complexo de Musealização do Parque Estadual Monte Alegre.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Com rela o a pesquisa de campo foram elaboradas entrevistas semiestruturadas com moradores das comunidades da APA Paytuna, gestores e guias de turismo, visitação nos sítios arqueológicos musealizados e no Centro de Visitantes, bem como uma oficina de percepção cultural.

RESULTADOS

Muitas áreas do PEMA continuam sendo visitadas sem infraestrutura, pois somente os sítios Serra da Lua e Pedra do Mirante foram musealizados. Uma mudança relevante após a inauguração do Complexo de Musealização do Parque Estadual Monte Alegre resulta na obrigatoriedade de visitar o PEMA somente na presença de condutores das comunidades. Entre os anos de 2011 e 2014 foram capacitados 30 condutores. Em 2022 iniciou a formação de uma segunda turma, mas que ainda não foi finalizada.

Dentre os vários projetos que faziam parte do “Projeto básico e especificações técnicas para elaboração de projetos de socialização de sítios arqueológicos na Amazônia: musealização, educação e turismo” finalizado em 2011 e que resultou no Complexo de Musealização do PEMA inaugurado em 2018, haviam o projeto de Educação Patrimonial, de conservação das pinturas rupestres, bem como o projeto museográfico (FIGUEIREDO, 2011), que ainda não foram efetivadas.

Em outubro de 2023 iniciaram algumas ações de Educação Patrimonial com as parcerias institucionais entre Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Oeste do Pará e Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará. Foi realizado um evento na cidade de Monte Alegre com a presença de comunitárias/comunitários, professoras/professores e estudantes, objetivando o começo do processo de elaboração colaborativa da exposição do Centro de Visitantes.

CONCLUSÕES

Considera-se que a inauguração do Complexo de Musealização do PEMA foi uma ação de grande importância para o arqueoturismo e a socialização do patrimônio arqueológico da Amazônia. Entretanto, o projeto foi inaugurado incompleto e ainda se tornam necessárias muitas ações para a integração das comunidades, a preservação do patrimônio arqueológico, a exposição no Centro de Visitantes e para a organização da atividade turística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcela Nogueira de. Conservação Integrada do Patrimônio Arqueológico: uma alternativa para o Parque Estadual Monte Alegre – Pará – Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

FIGUEIREDO, Silvio L.; PEREIRA, Edithe da S.; ALMEIDA, Márcia B.; ANDRADE, Marcela N. de; BACCINO, Marcelo; BARRETO, Cristiana; CABRAL, Mariana; GUAPINDAIA, Vera; GUEDES, Josiel; LIMA, Janice; SALDANHA, João. Relatório do Projeto básico e especificações técnicas para elaboração de projetos de socialização de sítios arqueológicos na Amazônia: musealização, educação e turismo, 2011.

PEREIRA, Edithe da Silva. Arte rupestre na Amazônia – Pará. São Paulo: Editora UNESP; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

SILVA, Regina Oliveira de. Biodiversidade e Políticas de Conservação: o caso do Parque Estadual Monte Alegre – Pará. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ARQUEOLOGIA DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO: O CASO DO THEATRO DA PAZ E SUAS VISAGENS

Gabriel Rodrigues Barbosa

(Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará; E-mail: gabriel1rodrigues2@gmail.com)

Toda história tem um protagonista, as lentes pelas quais, através do texto, enxergamos aquele mundo. Mas, nem sempre, o protagonista é o personagem principal. Portanto, nosso *super artefato* é, além de personagem, uma enorme lente, que concentra luz naquilo que desejamos, de fato, estudar. Porque é dentro das paredes do Theatro da Paz, em Belém do Pará, que histórias, incríveis, do imaginário são vivenciadas e nelas a materialidade, objeto principal de estudo da arqueologia, performa mais de um papel.

O Theatro da Paz foi inaugurado em 15 de fevereiro de 1878 (SALLES, 1994, p. 78). Foi erguido sobre a praça Dom Pedro II, que, após o império, passou a se chamar Praça da República. A construção obteve financiamento público (SALLES, 1994; SOUZA, 2009; AUGUSTO, 2009), parte de uma política para a construção de teatros pelo país (AUGUSTO, 2009). Tal movimento compõe uma estratégia colonialista do império, uma política continuísta, advinda do Período Colonial, quando estado e igreja católica utilizavam o teatro para conversão de indígenas e 'avanço da civilização' (SALLES, 1994, p. 3; SOUZA, 2009, p. 83). Como locais que possuem regulamentos próprios, mais rigorosos que outros espaços públicos (Ver: SALLES, 1994, p. 21, 23 e 35, para exemplos), teatros são lugares propícios para tolher o comportamento das pessoas, em uma lógica quase 'domesticatória' (SAUTCHUK, 2018).

A planta do Theatro da Paz é inspirada no Teatro Alla Scalla de Milão na Itália e muito de sua mobília é, também, europeia (SOUZA, 2009, p. 171-172; THEATRO DA PAZ, 2023). E, por mais que não seja incomum haver construções da *Belle Époque* Paraense inspiradas na elite do velho mundo, o Theatro se destaca, sua alteridade é potencializada pela exuberância.

Entretanto, antes mesmo da inauguração, as pessoas contavam histórias sobre o local, afinal o processo de construção foi litigioso, denúncias de que o resultado final estava muito aquém do gasto não rodavam só as páginas de jornais, como, também, a boca do povo (SOUZA, 2009, p. 73-76 e 139; SALLES, 1994, p. 74). Falava-se mal do teatro, antes que este fosse ocupado, o que é uma forma de apropriação. Ainda hoje, as pessoas que trabalham no Theatro da Paz, apropriam-se dele através das histórias, cabendo às visagens ocupar os corredores vazios.

O primeiro caso que eu escutei, foi sobre o finado Senhor Brand. Um inspetor da segurança, que começou a ter um infarto no Theatro, e, não resistindo, morreu às portas do hospital. Ainda na mesma na semana, seu vulto passou a ser visto, à noite, pelos corredores, fazendo o mesmo barulho de metal contra metal, que anunciava, para os vigilantes, que mais uma troca de turnos chegara. A situação piorou a tal ponto, que já não era confortável

para os vigilantes noturnos trabalharem. Entretanto, um achado fortuito pacificou a situação. A carteira com documentos e cartões do Sr. Brand, foi encontrada debaixo do carpete do elevador. Então, encomendaram uma missa para os objetos, e a visagem parou de aparecer para, pelo menos, uma das equipes.

Há mais histórias como essa, de funcionários, que, após a morte, voltam para o teatro, como ecos, repetindo os trabalhos que lá performavam. Em várias dessas, assim como no caso acima, a materialidade cotidiana tem um papel chave e atua como mediadora, identificadora, atraindo ou repelindo as visagens. Ao mesmo tempo, as visagens chamam para o estabelecimento de diferentes relações com o Theatro.

As visagens são uma forma de alteridade e já há a tendência na Amazônia em envolver a materialidade neste tipo de relação. Como a urna bordada, relatada por Bezerra (2020), exemplifica muito bem. Acontece em Belém a transformação de diversos objetos e estéticas de alteridade, como urnas Marajoara, em objetos 'do cotidiano': "selos, [...] camisetas, [...] ('orelhões', calçadas), louça" (BEZERRA, 2020, p. 8) e até o brinco que uso. Em uma conversa com uma senhora durante um espetáculo no Theatro, ela lembrou que já esteve em minha terra (Minas Gerais), por conta de um souvenir, que, durante uma mudança, havia reencontrado. Também, é comum a presença de visagens em sítios arqueológicos (BEZERRA, 2018), lugares marcados por uma distinta alteridade material. Portanto, o Theatro da Paz passa por esses dois movimentos associados à materialidade arqueológica. Dos objetos do cotidiano participando das relações de alteridade; e das visagens chamando para a relação com lugares marcados pela alteridade.

Assim, com o auxílio das visagens, o Theatro da Paz foi de instrumento colonial do império, para personagem de histórias populares. Um processo de incorporação ao imaginário, não tão diferente do que acontece com as urnas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Antonio J. Das delícias de uma paz honrosa: o Theatro da Paz e seus congêneres no Império brasileiro, 1817-1878. *Revista Estudos Amazônicos*, v. IV, n. 1, p. 117-142, 2009.

BEZERRA, Marcia. When the ruins are gone: The sensible dimension of the heritage reconstructions. *ICOMOS University Forum*, v. 1, p. 1-12, 2018.

BEZERRA, Marcia. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v. 15, n. 3, p. e20190124, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0124>

SALLES, Vicente. *Épocas do teatro no Grão-Pará, ou, apresentação do teatro de época*. Vol. 1. Belém:UFPA, 1994.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Os antropólogos e a domesticação: derivações e ressurgências de um conceito. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). *Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

SOUZA, Roseane. *Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma - Belém do Grão-Pará (1869-1890)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13139>. Acesso em: 30 maio. 2023.

THEATRO DA PAZ. *O Da Paz*. 2023. Disponível em: <<https://www.theatrodapaz.com.br/>>.

O SOM ELÉTRICO DA MODERNIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES MATERIAL-DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DE GUITARRAS ELÉTRICAS

Matheus M. Mota
(MAE-USP, motammatheus@gmail.com)

Os trabalhos desenvolvidos nos campos dos Estudos de Cultura Material (MILLER, 1995, 1998, 2009) e das Arqueologias do Passado Contemporâneo (BUCHLI; LUCAS, 2001; OLSEN; PÉTURDÓTTIR, 2014; LUCAS, 2015; MYERS, 2010) têm mantido uma distância peculiar dos estudos da tecnologia e da técnica. O foco exacerbado nas relações de consumo e na dimensão simbólica das coisas contemporâneas vem produzindo uma imagem da modernidade na qual os processos produtivos se mantêm invisíveis aos olhos da Arqueologia. Isto é, os estudos da tecnologia raramente se dedicam aos processos produtivos modernos em contextos urbanos e as arqueologias que investigam a contemporaneidade preferem as análises simbólicas de objetos que, aparentemente, aparecem prontos para o consumo.

De maneira similar, as arqueologias da música e a Arqueomusicologia demarcam seu campo a partir de um distanciamento cultural e temporal com os contextos analisados. Comumente se dedicando ao estudo da música em contextos pré-coloniais ou pré-históricos (CONARD; MALINA; MÜNDEL, 2009; SCARRE; LAWSON, 2006). Nesse sentido, a música popular contemporânea é escanteada do debate arqueológico a partir de uma lógica que reforça a divisão arbitrária entre expressão artística erudita e arte popular (O'KEEFE, 2013).

O presente trabalho busca explorar as múltiplas facetas dos ofícios artesanais no contemporâneo sob a luz do arcabouço teórico do novo materialismo (INGOLD, 2000; 2007; 2012; OLSEN; PÉTURDÓTTIR, 2014, 2017; PÉTURSDÓTTIR, 2014) e do pós-humanismo (BARAD, 1998, 2007) através de uma análise das relações material-discursivas estabelecidas entre artesãos (luthiers), materiais, ferramentas e instrumentos contrastando a produção industrial tipicamente capitalista e a produção artesanal em pequena escala. Desse modo, buscamos trazer para o debate uma proposta teórico-metodológica que reinsere a técnica e os ofícios nas Arqueologias do Contemporâneo dando ênfase as relações entre sujeitos humanos e não-humanos e a dimensão sensorial presentes na produção artesanal de instrumentos musicais.

A apresentação estará centrada nas análises preliminares dos dados etnográficos coletados nos primeiros dois anos da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Também serão utilizados os dados coletados em entrevistas e a partir da espectrografia de frequência das gravações de guitarras elétricas. Sendo assim, a apresentação versará sobre as cadeias produtivas dos instrumentos destacando a relação dialógica entre os materiais, ferramentas e artesãos. Essa relação, comumente negligenciada pelas tradicionais cadeias operatórias,

são centrais para o entendimento do *vir-a-ser* das guitarras e da percepção dos artesãos e músicos do instrumento.

Nesse sentido a presente pesquisa almeja pensar o processo de produção das guitarras enquanto um encadeamento contínuo de interações e intra-ações (BARAD, 2007) que começa no ofício do artesão (*luthier*) e dura a vida inteira do objeto. Dessa maneira, tento escapar das análises tipológicas e normativas das arqueologias da tecnologia e das análises estritamente simbólicas dos estudos de cultura material para produzir uma descrição detalhada do fluir das relações entre humanos e não-humanos no que tange a produção artesanal contemporânea e a produção musical popular moderna.

A pesquisa de doutorado e a pesquisa apresentada aqui se tornaram possíveis através do financiamento da pesquisa por parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo apoio do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP (PPGARq – MAE-USP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAD, Karen. Getting Real: Technoscientific Practices And The Materialization Of Reality. *Differences: A Journal Of Feminist Cultural Studies*, v. 10, n. 2, p. 87–128, 1998.

BARAD, Karen. *Meeting The Universe Halfway: Quantum Physics And The Entanglement Of Matter And Meaning*. 1. Ed. London: Duke University Press, 2007. ISBN 082233917x.

BUCHLI, Victor.; LUCAS, Gavin. *Archaeologies of the Contemporary Past*. [S.l.]: Routledge, 2001. ISBN 0-415-23279-1.

CONARD, Nicholas. J.; MALINA, Maria.; MÜNDEL, Susanne. C. New flutes document the earliest musical tradition in southwestern germany. *Nature*, Springer Nature, jun 2009.

INGOLD, Timothy. Materials against materiality. *Archaeological Dialogues*, Cambridge University Press (CUP), v. 14, n. 01, p. 1, apr 2007.

INGOLD, Timothy. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. [S.l.]: Routledge, 2000. ISBN 0415228328.

INGOLD, Timothy. Toward and ecology of materials. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 427–442, 2012.

LUCAS, Gavin. Archaeology and contemporaneity. *Archaeological Dialogues*, v. 22 (1), p.1–15, 2015.

MILLER, Daniel. (ED.). *Acknowledging Consumption: A Review Of New Studies*. 1. Ed. [S.L.]: Routledge, 1995. ISBN 0415106893.

MILLER, Daniel. *Material Cultures: Why Some Things Matter*. 1. ed. London: UCL Press, 1998.

MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge: Polity Press, 2009. ISBN 978-0-7456-4423-3.

MYERS, Adrian T. Contemporary archaeology in transit: The artifacts of a 1991 van. *International Journal of Historical Archaeology*, Springer Science and Business Media LLC, v. 15, n. 1, p. 138–161, Nov 2010.

O'KEEFFE, Tadhg. Performance, materiality, and heritage: What does an archaeology of popular music look like? *Journal of Popular Music Studies*, v. 25, n. 1, p. 91–113, jan. 2013.

OLSEN, Bjørnar; PÉTURSDÓTTIR, Þóra (Ed.). *Ruin Memories: Materialities, Aesthetics and the Archaeology of the Recent Past*. 1. ed. London: Routledge, 2014. ISBN 9780415523622.

PÉTURSDÓTTIR, Þóra. Things out-of-hand: the aesthetics of abandonment. In: OLSEN, Bjørnar; PÉTURSDÓTTIR, Þóra (Ed.). *Ruin Memories: Materialities, Aesthetics and the Archaeology of the Recent Past*. [S.l.]: Routledge, 2014. ISBN 0415523621.

PÉTURSDÓTTIR, Þóra; OLSEN, Bjørnar. Theory adrift: The matter of archaeological theorizing. *Journal of Social Archaeology*, v. 18, n. 1, p. 97–117, 2017.

SCARRE, Chris.; LAWSON, Graeme. (Ed.). *Archaeoacoustics*. 1. ed. Cambridge, UK: McDonald Institute for Archaeological Research, 2006. ISBN 190293735X.

PREMISSAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DAS REMOÇÕES A PARTIR DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

Alejandra Saladino

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – alejandrasaladino@gmail.com)

Nos últimos anos, estudar a relação dos espaços habitados com os museus e sítios arqueológicos musealizados e passíveis de musealização envolventes tem sido uma prioridade a nível acadêmico (PASTOR PÉREZ, 2021). A proposta aqui apresentada está relacionada a uma pesquisa que prioriza a interseção de pessoas, coisas, museus, sítios e comunidades, buscando gerar conhecimento sobre as dinâmicas e metodologias constitutivas desses processos e, ainda, experimentar novas formas de musealizar contextos memorial e patrimonialmente significativos, levando em consideração a articulação integrada entre forma, tempo e espaço e lançando mão de ferramentas das TIC's. Destarte, esta comunicação está relacionada ao projeto de pesquisa "Na malha da Museologia e do Patrimônio: estudos sobre relações e atravessamentos entre pessoas, coisas e paisagens nos processos de preservação e musealização do patrimônio cultural Etapa 1: Arqueologia das remoções nas coleções do Museu Histórico Nacional (MHN)", que consiste na investigação, análise e experimentação de processos de patrimonialização e musealização do patrimônio cultural, levando em consideração a relação e as articulações entre os elementos constitutivos dessas dinâmicas, designadamente as pessoas (especificamente no que diz respeito ao entrelaçamento entre memória/esquecimento e identidade), as coisas (concretamente os acervos musealizados) e as paisagens (os ambientes onde se estabelecem esses processos ou que são seus objetos). A proposta da primeira etapa deste estudo trata de pensar uma musealização dirigida ao processo informacional e comunicacional de atribuição de significados e valores à paisagem histórica urbana, levando em consideração as memórias dos processos urbanísticos, enfrentando a sua dimensão traumática.

Cabe ressaltar as questões centrais a conformar as sendas da primeira etapa deste projeto de pesquisa: a) quais as motivações/justificativas para a composição de ambas as coleções?; b) quais diretrizes e aspectos contemplados e destacados na documentação museológica e discurso expográfico? c) quais elementos da dinâmica política e sociocultural da cidade do Rio de Janeiro são trabalhados a partir da materialidade do que pode ser compreendido como memórias das remoções? e d) qual o potencial da articulação entre a musealização das coleções e a Arqueologia da Paisagem para a construção de narrativas patrimoniais e a construção e preservação das memórias dos processos urbanísticos e seu impacto no tecido social?

A pesquisa compatibiliza-se integralmente com a museóloga Cristina Bruno ao afirmar que, "apesar de todos os problemas e descaminhos, os processos museais não podem

ser desprezados por aqueles que falam em preservação, desenvolvimento sustentável, globalização cultural e excluídos sociais (Bruno, 2014, p.14). Da mesma forma, coincide com a arqueóloga e museóloga Camila Moraes Wichers (2014) a respeito da interligação e a indissociação das noções de território (considerando sua dimensão patrimonial), realidade arqueológica e realidade museológica.

Assim sendo, objetiva-se com esta comunicação oral refletir sobre as premissas, as potencialidades e os desafios que se apresentam para que a Arqueologia, a partir da articulação entre forma, tempo e espaço, colabore nas narrativas museais, tendo como objeto de análise as coleções relacionadas às remoções do Morro do Castelo e da Vila Autódromo, ambas parte do acervo do MHN.

Tais materiais, um conjunto de objetos arqueológicos variados (pinturas, fragmentos de espaços de habitação, como esquadrias de alumínio, azulejos e, ainda, camisetas) são analisados à luz da Musealização da Arqueologia, buscando compreender o processo de formação e extroversão de parte da coleção.

Dos resultados preliminares da pesquisa, em sua fase inicial, destacam-se: a percepção sobre a potência da contextualização das coleções em tela a partir da integração forma/tempo/espaço e também a partir da Arqueologia Social e da Arqueologia Social Inclusiva para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre os processos de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, da exclusão e da justiça social, sobre os ecos da modernidade-colonialidade (Quijano, 1992) na contemporaneidade e sobre o discurso autorizado sobre o patrimônio cultural (Smith, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 04–15, 2014. <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/379>. Acesso em: 10 out. 2023.

PASTOR PÉREZ, Ana. Reflexiones sobre la socialización de la conservación preventiva arqueológica en España. *Conservar Património*, 37, p.133–147, 2021. <https://conservarpatrimonio.pt/article/view/21832>

QUIJANO, A. (1992). Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *Perú Indígena*, 13(19), p. 11-20, 1992

SMITH, Laurie. *Uses of Heritage*. London: Routledge, 2006.

WICHERS, Camila de A. M. Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre museus, sociedade e patrimônio arqueológico. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 16–39, 2014. <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/380>

**ST06 - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO ESPAÇO REGIONAL - ABORDAGENS,
TEMAS E PESQUISAS**

**ARQUEOLOGIA DO CONFLITO: A DISTRIBUIÇÃO DAS ARMAS DE
GUERRA EM PERNAMBUCO VISTA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS
(1880-1940)**

*Priscyla Fernanda Oliveira Viana
(Universidade Federal de Sergipe – UFS, pviana.arqueo@hotmail.com)*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, fruto de atividades realizada desde 2016 e atualmente segue sendo desenvolvida na dissertação, objetiva continuar abordando acerca da temática da Arqueologia do Conflito, buscando compreender a partir da distribuição de armas, especialmente aquelas utilizadas nos movimentos do Cangaço entre o final do século XIX e início do XX, o banditismo no Nordeste. A premissa é que tais armas, todas importadas, chegaram aos portos brasileiros e adentraram o sertão nordestino, região na qual se deu o movimento, através de processos complexos, envolvendo comercialização legal, roubo e venda, transporte ferroviário, fluvial, dentre outros.

A metodologia empregada na pesquisa é a seguinte: trabalha-se com notícias, reportagens e anúncios sobre as armas de guerra que foram comumente utilizadas nas ações de combate do Cangaço, tanto pelas forças de segurança – notadamente a polícia ou força pública – quanto pelos cangaceiros, no intuito de produzir mapas de distribuição dessas armas (OLIVEIRA-VIANA, 2018).

As pesquisas foram realizadas em todos os periódicos do acervo da Hemeroteca Nacional Digital – BNDigital, publicados em oito estados da região Nordeste. Para o caso de Pernambuco, o acervo é bastante extenso, destacando-se em relação as demais unidades federativas. Tal evidência, fez com que a pesquisadora centralizasse as discussões no estado pernambucano.

As buscas na Hemeroteca resultaram em um total de mil quatrocentos e oitenta e uma (1481) informações – notícias, anúncios, artigos, dentre outros – sobre as principais armas da época que compõem o *corpus documental* da pesquisa: carabina Comblain, rifle Winchester, metralhadora Hotchkiss, carabina e fuzil Mannlicher, revólver Smith & Wesson, pistola Parabellum, fuzil e pistola Mauser.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa se configurou da seguinte forma, primeiramente foi realizado o levantamento documental na BNDigital, seguido da construção do *corpus documental* que é o principal material que vem sendo utilizado durante a pesquisa.

Entende-se como *corpus documental*, o conjunto de todos os dados levantados na BNDigital ao longo dos cinco anos de pesquisa, nele está guardada as informações destrinchadas sobre cada peça periódica. A partir disso, foi possível fazer a análise quantitativa dos dados levantados, assim como também, a análise qualitativa das peças periódicas.

Outro material que vem sendo utilizado na pesquisa é o geoprocessamento que tem sido uma ferramenta fundamental no tratamento dos dados e conseqüentemente elaboração dos mapas. A partir do uso do QGIS que é um software que provê visualização, edição e análise de dados georreferenciados foi possível fazer diversos mapas que estão sendo a peça chave nas discussões sobre as distribuições das armas no estado de Pernambuco.

RESULTADOS

Os resultados da pesquisa foram bastante promissores, pois foi possível perceber através das análises dos gráficos que existe uma relação direta entre notícias publicadas sobre as armas com os eventos bélicos, nos contextos internacional, nacional e regional. Sendo eles, a Primeira Guerra Mundial, a Guerra de Canudos, as Revoltas Tenentistas, a Coluna Prestes, a Revolução de 1930, a Sedição de Juazeiro e o movimento Cangaço.

Em relação aos mapas elaborados, eles nos mostram que a distribuição das armas Mauser em Pernambuco não é uma distribuição gradual, que começa no litoral, passa no agreste e chega no sertão. Pelo contrário, as primeiras notícias publicadas da Mauser aparecem no litoral e logo em seguida aparece no sertão.

Já as armas Comblain segue o caminho das tropas, em uma distribuição gradual, isto é, mencionada primeiro no litoral, depois no agreste e por fim no sertão. As armas Mauser, por sua vez, são mencionadas na região do sertão primeiro, em relação as armas Comblain que são mencionadas nos anos posteriores.

Essas informações, a partir da análise do mapa, nos mostram que existem diferentes caminhos percorridos pelas armas até chegar no sertão. Seja chegando via terrestre, pela linha férrea e estradas de rodagem, como também via fluvial, pelo rio São Francisco.

O fato interessante é que existe uma grande probabilidade de as armas estarem adentrando o sertão pelo rio São Francisco, percorrendo o caminho da ilegalidade, isto é, através do contrabando e/ou desvios de cargas. Assim como também, as armas podem estar circulando na região desde a Guerra de Canudos (1896).

Isso, indica que, primeiro, há um interesse das Mauser estarem sendo levadas para o sertão e, segundo o sertão pode estar vivendo em guerra, devido a circulação e disponibilidade

de de armamentos bélicos na região. Pois, arma-se os cangaçeiros para combater a Coluna e posteriormente, arma-se a volante para combater o Cangaço.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa, ainda em andamento, aponta algumas evidências interessantes como o envolvimento do Cangaço dentro da dinâmica produtiva mundial, influenciando a construção da história da violência da guerra e da história da violência do capital (OLIVEIRA-VIANA, BAVA-DE CAMARGO, 2020).

As informações a respeito do aumento da violência do Nordeste, devido a acessibilidade e disponibilidade das armas de guerra, fazem-se refletir sobre o aumento da violência contemporânea e as políticas públicas de segurança. Compreendendo que um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) proposto pela ONU é “até 2030, reduzir significativamente os fluxos financeiros e de armas ilegais, reforçar a recuperação e devolução de recursos roubados e combater todas as formas de crime organizado” (ONU, 2023).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES por ter concedido a bolsa de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL Digital Brasil. *Hemeroteca Digital*. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acessado em: 4 de setembro de 2018.

OLIVEIRA VIANA, Priscyla F. (2018): *Arqueologia bélica: distribuição das armas de fogo vista através dos periódicos do Nordeste*. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) em Arqueologia – Departamento de Arqueologia – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018.

OLIVEIRA-VIANA, P.; DE CAMARGO, P. F. Bava. Fuzis, Cangaço e Capital: arqueologia das armas de guerra através dos periódicos nordestinos (1880-1940). In: SUÁREZ, Carlos Marín; ROSIGNOLI, Bruno; TEJERIZO, Carlos. *Introducción. Violencia, resistencia y resiliencia. Arqueología de las dictaduras en tiempos convulsos*. BAR Publishing, 2020, pág. 43-55.

ONU. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil: Paz, Justiça e Instituições Eficazes. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>>. Acessado em: 06 de setembro de 2023.

PELOS CAMINHOS DA INCONFIDÊNCIA - A PARAGEM DO GUIDO E O CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA

Henrique Piló

(Sete Soluções e Tecnologia Ambiental – henriquepilo@gmail.com)

Maria Teresa T. de Moura

(Sete Soluções e Tecnologia Ambiental – tete@sete-sta.com.br)

O primeiro estudo realizado nas ruínas foi elaborado pela Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais do MPE, com o apoio do Laboratório de Arqueologia da UFMG, no ano de 2016. O estudo informa que tais ruínas são indicadas pela tradição oral como a Fazenda do Guido sem, contudo, ser possível essa comprovação através de documentação cartográfica.

Por solicitação da Gerda AÇOMINAS, foi elaborado, em 2019, um estudo arqueológico não interventivo, denominado “Subsídios Históricos para Proteção e Valorização do Sítio Fazenda do Guido”, de autoria dos arqueólogos Henrique Piló e Alenice Baeta.

Estudos mais recentes, desenvolvidos em 2022 pelos arqueólogos Henrique Piló, Maria Teresa T. de Moura e Flávia Reis, ampliaram a área de pesquisa, tendo identificado novos pontos de mineração oriundos do século XVIII, com canais percorrendo grandes distâncias a fim de abastecer com água, as lavras da região. Também foram realizadas sondagens em subsuperfície visando observar a camada de sedimento existente nos alicerces em pedras que formam a estrutura da casa. Esse trabalho permitiu, além de delimitar as estruturas componentes do sítio, a proposição de um perímetro de proteção do Conjunto Histórico e Arqueológico da Fazenda do Guido

Todas as diretrizes propostas no intuito de preservar o conjunto, foram elaboradas em rígida consonância com instrumentos legais de tutela, como a legislação federal, além de documentos internacionais, também conhecidos como “Cartas Patrimoniais”.

Antes de apresentar as ruínas, onde repousa a assertiva de ser o local de nascimento do Cônego Inconfidente, é necessário apresentá-lo, para que se tenha noção de sua importância no contexto da Conjuração Mineira.

A região conhecida como das Minas tornou-se, principalmente em fins do século XVIII, importante ponto de agitação política e social. Nesse contexto eram semeadas ideias revolucionárias que iam desde o âmbito regional como a luta contra a opressão causada pela cobrança de ilimitados impostos, até ideias separatistas.

Nesse panorama conflituoso, surgia nas Minas uma elite letrada, com ideais iluministas e fortes influências da revolução Norte Americana. Cláudio Manoel e Tomás Antônio Gonzaga eram o centro de um grupo que contava, entre outros, com o Cônego Luís Vieira

da Silva. O Cônego defendia o direito dos naturais da América a terem um governo próprio, que os representasse.

O Cônego era sem dúvida o mais instruído dos conjurados mineiros, sendo tratado como o mentor intelectual da conjuração. Sua grande cultura é refletida pelos exemplares encontrados em sua biblioteca, cujas obras foram sequestradas e inventariadas na ocasião de sua prisão. Conforme os Autos da Devassa da Inconfidência Mineira (1976) tinha em sua casa, nos sertões mineiros, 270 obras, com cerca de 800 volumes, uma magnífica biblioteca, principalmente se considerando o tempo e o lugar.

Foi preso em 23 de junho de 1789 e condenado a degredo perpétuo na prisão do forte São Julião da Barra, em Lisboa e clausura no convento de São Francisco da Cidade, além do confisco total de bens. Em 1804 recebeu o indulto do Visconde de Barbacena, ficando autorizado a regressar ao Brasil. Seu regresso ao Brasil e falecimento não possuem documentação conhecida.

Apresentado o Cônego, é possível indicar as ações realizadas para delimitar e proteger o sítio. Inicialmente toda área foi limpa, com a utilização de foice e rastelo, com cuidado especial nas áreas próximas aos muros e bases em pedras. Essa fase foi fundamental a fim de se compreender as estruturas e seus limites visíveis. O trabalho de topografia teve como objetivo representar as áreas de mineração do sítio e sua relação com a construção, documentando as estruturas e seus limites espaciais de forma mais completa. Foram realizadas escavações pontuais que identificaram os alicerces em pedras delimitando a ruína. O resultado da datação por termoluminescência feito em fragmentos de telhas identificadas nas sondagens, mostrou que a construção da casa pode ser dos primeiros decênios do século XVIII, coincidente com o nascimento do cônego em 1735.

A técnica de mineração identificada na área da Fazenda do Guido foi a de extração aurífera com desmonte de barrancos a partir da força hidráulica. São compostas por escavações, grandes canais de água com escoramentos em pedras e áreas arrimadas para a retirada de ouro. Pilhas de seixos foram também identificadas em diversos pontos, além de áreas com canais escavados para escoamento da lama aurífera e posterior apuração em um mundéu ou canoa.

O desenvolvimento das pesquisas possibilitou justificar o perímetro de proteção proposto por seus aspectos visuais e históricos. É sabido que as estruturas em alvenaria de pedras, bem como as áreas de exploração mineral são inalienáveis da sua paisagem envolvente, que faz parte do processo de compreensão do bem cultural. Tal perímetro abarcou as elevações e matas criando conjunto de elementos ainda remanescentes que reportam a épocas anteriores e que são fundamentais para ambiência do Sítio.

É necessário reforçar que a possibilidade de se tratar da Fazenda do Guido, berço do Cônego Inconfidente, apenas contribui com a importância histórica já existente nesta área a qual foi feita a proposta de perímetro de proteção. Desta forma, os atributos de antiguidade e representatividade regional observados em campo, por si só já são suficientes no intuito de justificar a integral proteção.

Os autores agradecem à Gerdau Açominas, especialmente ao seu Gerente de Sustentabilidade Francisco Lafetá Couto pelo apoio em todas as fases do projeto e à Historiadora Flávia Reis, pelas importantes contribuições na interpretação das estruturas de mineração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIM - *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira - Vols. 2, 3 e 7*. Belo Horizonte/Brasília: Imprensa Oficial de Minas Gerais/Câmara dos Deputados, 1976-8.

MPE – Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais. Ofício nº 734/2016. Inquérito Civil nº MPMG-0459.16.00097-0; PAAF 024.008615-3, 05 de julho de 2016.

PILÓ, Henrique; BAETA, Alenice. *Subsídios Históricos para Proteção e Valorização do Sítio Fazenda do Guido*. Relatório Técnico. Artefacto Consultoria, 2019.

VIDROS EM CONTEXTO: UMA INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA DOS VESTÍGIOS VÍTREOS DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICO NO MÉDIO RIO XINGU

*Antonio Marcos Araújo Guimarães
(Universidade Federal do Pará. E-mail: antonio.guimaraes@braganca.ufpa.br)*

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a interpretação do passado recente amazônico partindo da materialidade vítrea de um sítio arqueológico-histórico oriundo do Projeto de Arqueologia Preventiva na Usina Hidrelétrica de Belo Monte (PAP-UHE/BM), em um contexto seringueiro (1848-1920) com o aporte teórico da abordagem contextual em Arqueologia proposta por Hodder e Hutson (2003).

O PAP-UHE/BM foi realizado pela empresa de consultoria arqueológica no Brasil Scientia Consultoria Científica, e o sítio em questão é o Taboca-1 (IT-1): sítio localizado no médio rio Xingu, próximo ao município de Vitória do Xingu-PA, com componentes materiais que remontam a virada para o século XX. Os objetos em vidro deste sítio chamam atenção pelas diversidades morfológica e funcional, atribuídas aos vasilhames no contexto não urbano.

As diversas maneiras de se fabricar vidro, desde a Antiguidade, deixam marcas observáveis que são passíveis de identificação, sobretudo se tratando das produções com técnicas manuais, exclusivamente até o final do século XIX (SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA, 2022), onde os procedimentos na cadeia operatória são menos controláveis. Para a Arqueologia Histórica, é possível pensar o conjunto dessas marcas atrelado às diferentes técnicas de produção (ZANETTINI; CAMARGO, 2017), aos tipos de instrumentos utilizados na manipulação do artefato (SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA, 2022) associado a dados documentais como uma ferramenta que contribui para leitura e compreensão do passado recente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se a análise arqueológica dos remanescentes vítreos do IT-1 sistematicamente. Partindo das logomarcas gravadas, dos selos oriundos da análise de outros materiais do sítio IT-1 - louça e grés - e das assinaturas nas garrafas, frascos e copos de vidro, elencamos um levantamento de dados complementares dos fabricantes, firmas farmacêuticas e casas de comércio identificadas.

Considerando a composição dos dados arqueológicos, de indicadores a partir deles, além da utilização do Relatório do Projeto de Arqueologia Preventiva na UHE Belo Monte, integramos a pesquisa documental (em curso) em bases digitais: Hemeroteca da Biblioteca

Nacional, *Historical Bottle Archeology*, busca online das marcas identificadas e que possibilita, em alguns casos, encontrar sites dos próprios fabricantes ou firmas farmacêuticas registradas.

Paralelamente, vem sendo realizado o levantamento da literatura da região para entender o contexto, espacial e temporal, que o IT-1 está inserido, considerando o processo de colonização, as heranças do contato nas relações sociais, assim como observar o contraste que se desenvolve no período entre ciclos da economia da borracha no médio Xingu. Ainda, ocorre o levantamento de documentos no Arquivo Público do Estado do Pará e Associação Comercial.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O estudo da cultura material, em geral, é uma característica importante em estudos arqueológicos, desde sua gênese, como paradigma científico (HABER, 2016). Com a proposição interpretativa do passado humano, sobretudo a partir da década de 1980, passa-se a considerar dimensões de significados simbólicos a fim de se cumprir com essa tarefa (SHANKS; TILLEY, 1987). Um aspecto relevante é o de considerar o ponto de vista do agente que interpreta o passado como resultado de seu contexto sociopolítico, econômico e cultural: apenas entenderemos o passado se primeiro nos esforçarmos para entender nosso próprio contexto, onde estão sendo construídas as narrativas deste passado de maneira dialética entre passado e presente, e de maneira dependente (HODDER; HUTSON, 2003).

O conceito de cultura na arqueologia contextual, como propõem Hodder e Hutson (2003), é considerado enquanto meio de comunicação onde as manifestações culturais, recebendo significados, podem ser entendidas como regras gramaticais e pragmáticas. Nesse sentido, o contexto arqueológico deverá ser lido (tal qual um texto) em suas particularidades a fim de serem criadas “generalizações”, somando aos significados da cultura material e seus símbolos.

A linguagem material, neste caso, se difere da verbal por ser mais simples e também serem decifrados mais facilmente do que os documentos escritos, por exemplo (VAQUER, 2015). A principal tarefa consiste em transferir esses símbolos através de interpretações arqueológicas das similaridades e diferenças das partes dos diferentes contextos (HODDER; HUTSON, 2003).

O termo, “contexto”, afirma Vaquer (2015), compreende várias acepções dentro da arqueologia que se conectam - ou se entrelaçam - entre coisas de uma situação particular ou grupos situacionais. Quer dizer, os significados dados aos objetos estão ligados às estruturas sociais e econômicas, possibilitando que, a partir desses “símbolos materiais”, se entenda seu papel na estruturação da sociedade.

Estudos históricos nos fornecem compreensões acerca dos significados dos contextos e como eles persistem ou são mutáveis no decorrer do tempo, bem como de que maneira as ações dos agentes sociais (pessoas e coisas) auxiliam na manutenção ou transformação de estruturas de significado a longo prazo. Entender esses significados não consiste em objetivar

a confirmação de uma explicação universal, mas assegurar diversas explicações através de um esforço aberto a fim de gradualmente serem falsificadas as ruínas (HODDER; HUTSON, 2003).

Em síntese, temos três aspectos característicos da abordagem contextual: i) o objeto do passado em conjunto com o sujeito do presente são constituídos dialeticamente; ii) a interpretação das estruturas sociais é feita através dos significados dos quais as pessoas dão sentido ao mundo e iii) o exercício da autorreflexão na escrita arqueológica (VAQUER, 2015).

Dentro deste espectro, para além dos contextos sistêmico e arqueológico (dos quais estão sendo interpretados no atual estágio da pesquisa), o contexto socioeconômico vivenciado em todo território amazônico devido aos ciclos da borracha, após o declínio da atividade econômica das drogas do sertão, transformou a maneira como as pessoas - amazônicas ou não - lidavam com o território, no mesmo sentido as coisas, os objetos, tiveram a papel de registro material e simbólico dessas transformações. Mais do que isso, espera-se que, no exercício de autorreflexão da escrita arqueológica, vozes que a História oficial não hesitou em apagar, ou nunca teve interesse em contá-las, sejam contempladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HABER, Alejandro. Arqueologías indisciplinadas al otro lado del vestigio. Una introducción. *In: Al otro lado del vestigio: políticas del conocimiento y arqueología indisciplinada*. Editorial Universidad del Cauca, p. 13-26, 2017.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. Contextual archaeology. *In: Reading the Past: current approaches to interpretation in Archaeology*. 3ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press pp. 156-205. 2003.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. Archaeological theory and practice today *In: Reconstructing Archaeology: Theory and Practice*. 2ª Ed. Londres e Nova Iorque. pp. 243-265, 1987.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. 2022. Projeto: Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, Rio Xingu, PA. *Relatório de análise do material histórico e indígena do sítio Taboca 1*. Scientia Consultoria Científica. São Paulo: Scientia Consultoria Científica.

VAQUER, José M.. La arqueología como ciencia del espíritu: relaciones entre la arqueología, la hermenéutica filosófica y las consecuencias prácticas de las interpretaciones. *Estudios atacameños*, n. 51, p. 15-32, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-10432015000200003>

PAISAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA E OS SENTIDOS: FENOMENOLOGIA NA PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

Antonio Carlos Soares
(Museu Arqueológico do RS – antonio-soares@sedac.rs.gov.br)

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta um método transdisciplinar que utiliza a percepção fenomenológica da paisagem, a (re)contextualização de documentos históricos que resultou na redefinição lugares coloniais conhecidos e na descoberta de sítios arqueológicos em Santo Antônio da Patrulha, um dos lugares coloniais portugueses mais antigos do Rio Grande do Sul. Uma pesquisa em andamento pelo Museu Arqueológico do RS (Marsul), que objetiva uma arqueologia e historiografia da paisagem para evidenciar um esquecimento social regional.

Em ofício de 5 de abril de 1968 o então Prefeito Municipal de Santo Antônio da Patrulha pediu ao Em.^{mo} Sr. Cardeal Dom Vicente Scherer que se fizesse uma busca no Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, para se descobrir os inícios do povoamento daquele município e a data exata da fundação da primeira Capela de Santo Antônio. (NEIS, 1975, p. 15)

O esquecimento social acerca das origens de Santo Antônio da Patrulha se evidencia nas fontes e bibliografias acessadas, tal como o dissenso historiográfico acerca dos lugares originais das instituições coloniais evidencia a materialidade do esquecimento. Os acervos estão contextualizados nas paisagens onde se formam, constituindo parte do que denominamos “cultura material”. A historiografia local e as fontes existentes apontam para um evento que extraviou a documentação produzida pelas instituições fundantes do atual município, em 1838, no contexto da Revolução Farroupilha, quando aparentemente queimaram os documentos do século XVIII.

Diante da pouca documentação, buscamos uma arqueologia da paisagem complementada por uma “historiografia da paisagem”, a partir de uma abordagem que se formou diante das leituras em obras influenciadas pela fenomenologia. Esta percepção contextualiza a própria pesquisa como parte da paisagem estudada, considerando que a atual materialidade se transformou com a revolução digital na tecnologia da informação nas últimas três décadas, nos colocando num contexto muito diferente daquele em que foram realizadas as pesquisas do século XX.

METODOLOGIA E MATERIAIS

A filosofia fenomenológica influenciou as ciências sociais interessadas nos estudos sobre a materialidade, percepção e paisagem. Cris Tilley (2014) faz uma análise sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty. O autor entende os lugares como constructos sociais materializados, cenários associados às identidades sociais. São constituídos por corpos, humanos e não humanos, sendo que é através do corpo que nós humanos sentimos os lugares (TILLEY, 2014).

Milton Santos (2008), também influenciado pela filosofia fenomenológica, define paisagem como “materialidade formada por objetos materiais e não materiais”, algo diferente do espaço cartesiano. A paisagem é tudo o que sentimos, não apenas volumes, mas cores, movimentos, odores, sons, etc. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 2008, p. 68).

Ainda nos anos 1990, a historiadora Constance Classen e o antropólogo David Howes defendiam que os significados atribuídos aos sentidos são baseados nos modelos aceitos socialmente, portanto a percepção seria uma construção social (PELLINI, 2010, p. 9). “Grupos humanos reconhecem seu aparato sensorial de acordo com o contexto cultural no qual estão inseridos, criando e mudando sentidos, criando e alterando hierarquias sensoriais” (HOWES, 2006 apud PELLINI, 2010, p. 9).

Isso significa que a noção de distância, por exemplo, manifestada em fontes documentais do século XVIII pode ser distinta da percepção na sensorialidade dos tempos atuais. A prospecção de sítios arqueológicos, tanto históricos como pré-coloniais, é também uma tarefa de percepção e leitura da paisagem que se deve fazer de maneira contextualizada. Diante dessa construção teórica básica (re)analisamos textos históricos como cartas de sesmarias, mapas e as materialidades da ação humana sobre a paisagem para (re)contextualizar estas fontes em seu modelo sensorial, como forma de buscar a releitura da paisagem do século XVIII.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

O sítio arqueológico RS-S-263:Guarda Velha 2, registrado por Eurico Th. Miller em 1965 e pesquisado por André Jacobus (1997) foi considerado o local de instalação do Registro e da Guarda de Viamão. Consideração baseada na obra de Ruben Neis (1975), que leu a expressão “pegado ao Rio do Sino” em um roteiro do século XVIII, a partir da percepção sensorial do século XX, considerando que “pegado” significaria literalmente na margem.

O sítio de funcionamento da instituição portuguesa que fiscalizavam a principal atividade econômica daquele século, cujas estruturas forneceram guarda para a fronteira em disputa colonial com Espanha, deixaria maiores marcas na paisagem que as apresentadas pela historiografia oficializada e pelo registro arqueológico atribuído. Relendo as fontes documentais existentes e os vestígios na paisagem, concluímos que a paragem obrigatória do Caminho das Tropas, lugar da Guarda e o Registro de Viamão, originaram a “Villa da Patru-

lha” no século XIX. Parte dos antigos caminhos se conformaram nas estradas do século XX, e apontam para o atual centro histórico da cidade como lugar colonial original.

A pesquisa segue estudando o esquecimento social acerca dos lugares coloniais, sua própria historicidade e seu imbricamento com os discursos historiográficos regionais e com os registros arqueológicos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento dessa pesquisa de doutorado no PPGH/PUCRS e à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), mantenedora do Museu Arqueológico do RS (Marsul), pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JACOBUS, André L. **Resgate Arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha – RS)**. Dissertação (mestrado) História Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997

LIMA, Tânia Andrade de. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>. Acesso em: 9 out. 2023.

NEIS, Ruben. **Guarda Velha de Viamão: No Rio Grande miscigenado surge Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Est/sulina, 1975. 181 p.

PELLINI, J. R. Mudando o coração, a mente e as calças. A arqueologia sensorial. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S. l.], n. 20, p. 3-16, 2010. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2010.89907. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89907>. Acesso em: 9 out. 2023.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.

SOARES, Antonio Carlos. A Capela da Guarda Velha: Lugares coloniais e a paisagem de Santo Antônio da Patrulha no século XVIII. **RIHGRGS**, Porto Alegre, v. 1, n. 164, p. 117-144, jul. 2023. Fluxo contínuo. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/127568>. Acesso em: 07 out. 2023.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios - Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.24-62, 30 jun. 2014. Revista Latino-Americana De Arqueologia Historica. <http://dx.doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

ANÁLISES DA “LOUÇA DE BARRO” DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CULUMINS E TOTORÓ, SERIDÓ/RN

Hozana Danize Lopes de Souza
(*Mestra em História – CERES/UFRN, Mestranda em Arqueologia – UFPE,*
E-mail: hozanadanize.l@gmail.com)

A origem das fazendas de criação de gado no Seridó Potiguar remonta ao contexto de conformação desse território, o qual ocorreu a partir da fixação luso-brasílica, fruto da expansão da pecuária no processo de interiorização da Capitania do Rio Grande, iniciado no fim do século XVII e consolidado em meados do século XVIII. Se tratou de um povoamento colonial, em consequência do despovoamento nativo (MACÊDO, 2015), dado que esse processo resultou nos conflitos entre forças militares com as populações indígenas, habitantes do sertão, na chamada Guerra dos Bárbaros. Com o término dos embates, houve um crescente número de solicitações e, por conseguinte, concessões de sesmarias no Seridó colonial, principalmente na primeira metade do século XVIII.

Logo, as fazendas com os espaços de moradia e estruturas associadas tiveram origem, em que se definiram como as primeiras manchas de ocupação do Seridó. Levando em consideração a geografia do sertão, os lugares propícios para sua implantação foram nas ribeiras que, para além de acidentes geográficos, se tornaram as primeiras demarcações territoriais, uma vez que tanto as estradas quanto as sesmarias passaram a se confundir com os leitos dos rios (MACEDO, 2013; MACÊDO, 2015).

Podemos entender como significado efetivo de fixação, a maneira como os indivíduos arquitetam o espaço, em virtude disso, a implantação de moradia se configurou como sede da propriedade. Para o Seridó, temos o sentido plural para esses lugares, visto que representava a moradia familiar e o local de trabalho.

Em relação as pesquisas abordando as fazendas seridoenses temos a presença, principalmente, de abordagens voltadas para a arquitetura a partir das formas construtivas, materiais empregados e inventários arquitetônicos. Enquanto a cultura material comumente foi tratada por meio dos objetos, que integravam o cotidiano dos indivíduos, presentes na documentação (FEIJÓ, 2002; DINIZ, 2008; BORGES, 2015; MACÊDO, 2015). Portanto, pelos artefatos ou centrado numa perspectiva arqueológica se registra certa ausência, atentando para isso, selecionamos os sítios arqueológicos Totoró e Culumins, localizados no Seridó Potiguar.

O sítio arqueológico Totoró, localizado atualmente no município de Currais Novos/RN, foi ocupado em meados do século XVIII, na Ribeira do Acauã, próximo ao rio denominado de Totoró. Se tratou de uma sesmaria requerida e concedida em 1737, pelo capitão-mor Cipriano Lopes Galvão e sua esposa Dona Adriana de Holanda e Vasconcelos (SANTOS, 2019). Já o sítio arqueológico Culumins, não temos uma data precisa de sua origem, contudo, há indicações

que a propriedade, hoje localizada na cidade de Caicó/RN, fazia parte de uma divisão de terras, em conjunto com outras duas fazendas, denominadas de Umary e Manhoso. Esse local aparece na documentação, datada de 1851, sob a denominação de *Sítio dos Colomins*, como pertencente a Manuel Vieira da Cunha. A casa sede é descrita e foi construída em pedra e cal, possuindo um valor de um cento e duzentos mil reis (SOUZA, 2022).

A partir das intervenções arqueológicas realizadas nesses sítios arqueológicos, dispomos dos resultados da análise dos artefatos cerâmicos, chamados de “louça de barro”, sobretudo para regiões sertanejas, consistiu na categoria mais presente em ambos os sítios com um total de 5.729 fragmentos. No tocante ao procedimento de análise foi conduzido por uma chave, composta pelos seguintes atributos: classe; modo de produção; estado de conservação; tratamento de superfície; decoração plástica; polimento; banho ou pintura; sinais de uso; marcas de uso; borda considerando sua forma, inclinação e espessura em relação ao corpo; lábio; forma da base; apêndice; antiplástico; composição mineral; queima; medidas com comprimento, largura e espessura.

De maneira geral, como resultados tivemos em classe 90% como fragmentos de parede e 10% sendo dividido em base, borda, apêndices, cachimbo, roda de fuso e gargalo; no modo de produção consistiu em 73% dos fragmentos como acordelado; em tratamento de superfície 83% possuíam alisamento na superfície interna e externa; decoração plástica esteve como ausente em 86% dos fragmentos, o resultado mais proeminente consistiu em 9% com escovado. Em 78% dos fragmentos não houve polimento; quanto ao banho a presença maior foi 48% em ambas as superfícies, constando como ausente em 25%; na composição do antiplástico, majoritariamente consistiu em mineral com 95%, mas ocorreu a presença, em menor número de caco moído, carvão, argila, concha; no tipo de mineral tivemos uma predominância de quartzo com 42%, houve presença de hematita e fealspato bem como a combinação entre esses minerais. Por último, tivemos a queima como completa em 44% dos fragmentos analisados.

Esses dados compõe os resultados dos primeiros sítios arqueológicos trabalhados no âmbito do projeto de pesquisa “Arqueologia em Casas de Fazenda na Região do Seridó: espacialidades, temporalidades e sociabilidades no sertão do Rio Grande do Norte”. Vinculado a isso, destacamos que o Seridó Potiguar se sobressai em pesquisas arqueológicas referente ao contexto pré-histórico, enquanto no que compreende o período histórico são escassas as produções. Em virtude disso, apresentação dos resultados das análises das cerâmicas históricas permanecem associadas com um primeiro entendimento desse tipo de artefato na região, advindo de espaços de fazendas presentes na historiografia, mas com ausência a respeito do contexto arqueológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Ariane Magda. **Vernaculares:** a casa de fazenda seridoense do século XIX como exemplo de adaptação ao clima semiárido. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FEIJÓ, Paulo Heider Forte. **A arquitetura tradicional de Acari no século XIX**: estudo comparativo entre a casa grande de fazenda e a casa urbana. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó**: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX). 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária (Seridó – Séc. XVIII). Natal: Flor do Sal: EDUFRN, 2015.

SANTOS, Matheus Barbosa. **Repertório dos inventários post-mortem da família Lopes Galvão no arquivo da Vara Cível da Comarca de Currais Novos (Ribeira do Acauã, Data de Terra do Totoró, séculos XVIII – XIX)**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2019.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de. **Sítio Culumins**: um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII e XIX. Mossoró: Edições UERN, 2022.

PRÁTICAS DOMÉSTICAS NOS SÉCULOS XVII-XIX NA VILA DE MORRO DE SÃO PAULO DURANTE A FORTIFICAÇÃO DA ILHA DE TINHARÉ.

Railson Cotias da Silva
(Arqueólogos Pesquisa e Consultoria, railson.cotias@arqueologos.com.br)

Luciana Bozzo Alves
(USP, luciana@perfilarqueologia.com.br)

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz
(UFRB, luizpachecoq@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Neste estudo, refletimos sobre a ocupação na vila de Morro de São Paulo, em Cairu, Bahia, com base nos resultados da pesquisa arqueológica realizada nos sítios Fonte Grande e Praça da Cultura, investigados no projeto de Salvamento Arqueológico - acompanhamento arqueológico - Linha Subterrânea de Distribuição de Energia Elétrica RS Morro de São Paulo SE MSP AL 01S1, autorizado pela Portaria nº 18, de 11/04/2022, em atendimento às normativas brasileiras de proteção do patrimônio arqueológico.

Nosso foco está na discussão dos materiais móveis e estruturas que nos proporcionaram entender a interação entre os habitantes locais e as coisas do cotidiano, que enfatizamos terem origem nas práticas domésticas. Essa perspectiva difere das visões que negligenciaram os modos de vida da localidade entre os séculos XVII e XIX.

A apropriação territorial iniciada no século XVI com a expropriação dos indígenas, primeiras instalações defensivas e a remoção da mata nativa, tornou-se ainda mais intensa com os planos da Coroa Portuguesa para controlar a navegação ao sul da baía de Todos os Santos. Rapidamente, um sistema fortificado se consolidou, militarizando a extremidade nordeste da ilha de Tinharé. O caráter agregador das atividades diárias beligerantes impostas por essa ocupação é relevante para questionar outras realidades de vida na localidade, que foram reveladas pelos detalhes das estruturas e materiais móveis identificados durante o salvamento arqueológico.

O conjunto de informações obtidas no estudo dos sítios mencionados inclui áreas de despejo de lixo, aterros construtivos, pisos e fundações de imóveis, bem como a estrutura de pavimentação do século XVIII que caracterizou as principais ruas locais, servindo de ligação entre as guarnições da fortificação e os dois portos da vila. As rochas utilizadas na construção dessa via proporcionaram uma superfície firme para o deslocamento de tropas e veículos de tração animal, integrando não apenas o cotidiano militar, mas também as residências e as áreas de captação de água. Com base em tais evidências, discutimos como as práticas de

habitação e o descarte de lixo se desenvolveram concomitantemente na área protegida e central das diversas atividades locais, considerando a atratividade desse espaço. Argumentamos que as camadas de aterro dos séculos XVII ao XIX são marcas permanentes da paisagem local, representando a memória do nivelamento de terrenos realizado para obter a estrutura necessária das fundações dos imóveis e dos pavimentos das vias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram analisados os espaços de inserção do monumento Fonte Grande e da atual praça Aureliano Lima, enquanto lócus de informação histórica e arqueológica da ocupação da vila de Morro de São Paulo desde o século XVII. Para tal, inicialmente, foi priorizado o levantamento de fontes primárias e secundárias, além da cartografia histórica para análise das dinâmicas espaciais. Em seguida, visando o melhor planejamento das escavações, investigamos as duas áreas através do método geofísico eletromagnético do Radar de Penetração no Solo ou GPR.

As escavações nas áreas dos sítios privilegiaram os pontos onde foram apontadas pela geofísica as principais anomalias. A metodologia adotada para as escavações consistiu na abertura de unidades de escavação (UE) de dimensões variáveis, de acordo com a extensão dos vestígios ou das anomalias registradas pelo GPR. Cabe ressaltar que a estratégia de trabalho também levou em conta manter preservados os equipamentos urbanos recentes, inamovíveis ou de valor para o desenho artístico/arquitetônico da praça e vias.

RESULTADOS

Foram realizadas 10 UEs no sítio Fonte Grande e 35 UEs no sítio Praça da Cultura.

Os trabalhos desenvolvidos nas referidas áreas, possibilitaram, mesmo que inicialmente, compreender as configurações das ocupações privadas em Morro de São Paulo. No que tange as porções adjacentes à Fonte Grande, identificamos a presença de um imóvel muito próximo da área de captação de água. Isso complementa as informações já conhecidas por meio de cartografia histórica, que indicavam que uma fonte foi instalada após a construção da via pavimentada com pedras. Em uma área específica, embora com um baixo número de fragmentos, identificamos uma lixeira associada à parte externa da moradia. Sua implantação no século XVIII a relaciona ao período de ocupação das outras estruturas registradas no sítio Fonte Grande.

No sítio Praça da Cultura, encontramos um conjunto substancial de informações que é surpreendente em relação à ocupação local, incluindo moradias, ruas e áreas de descarte de resíduos domésticos. A extensa quantidade de vestígios arqueológicos sugere que essa área foi palco de eventos tanto coletivos quanto individuais entre os séculos XVII e XIX. Além disso, a identificação de partes da estrutura de pavimentação da rua que remonta ao século XVIII nos permite concluir que essa pavimentação foi mantida ao longo do século XIX. Isso se tornou um elemento duradouro da paisagem local, juntamente com as áreas de descarte de lixo e tráfego. Muito dos remanescentes materiais móveis encontrados nas escavações,

estavam no local do período de uso, proporcionando uma referência valiosa dos descartes no contexto original.

Em relação ao acervo recuperado durante as escavações, os exemplares estão em laboratório, sob procedimentos curatoriais, visando seu tombamento. Ainda que os elementos que caracterizam ambos os sítios tenham sido encontrados com pouca integridade, a possibilidade de acessarmos os espaços em que eles foram posicionados a partir de um projeto de arqueologia preventiva, se mostrou profícua e assertiva, e permitiu o registro de importantes informações sobre as ocupações pretéritas dessa porção do território baiano.

CONCLUSÕES

Por meio dos questionamentos que a arqueologia histórica permite ensejar na problematização do espaço de uma localidade requisitada para a defesa de uma região, encontramos caminhos para refletir sobre modos de vida que foram desmerecidos pela narrativa distorcida da história oficial. Recorremos à materialidade para contestar visões deturpadas da vida em Morro de São Paulo entre os séculos XVII e XIX, não apenas em relação à função da fortificação local, mas também em relação às atividades cotidianas que ocorriam em muitas outras paragens litorâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZANETTINI, Paulo. E; CAMARGO, Paulo. F. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? Guia arqueológico de classificação e análise*. 1. ed. São Cristóvão: Edufs, v. 1. 121p, 2017.

PARA ALÉM DOS MUROS DE PEDRA: CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DE HISTÓRIAS

*Fernando Alexandre Soltys
(Eon Consultoria, fernando.soltys@eonconsultoria.com)*

A pesquisa aqui apresentada partiu de ações vinculadas ao PGPA do Grupo Escudo Rio-grandense, sendo necessárias como medidas de compensação pelos danos sofridos pelo Sítio Candiota 01, motivo pelo qual realizou-se a reconstrução de um trecho de muro por mestre taapeiro. Foram realizadas ainda extensas pesquisas em cartórios e arquivos, buscando-se embasar as interpretações possíveis do sítio arqueológico.

A proteção do Patrimônio Arqueológico vai além das técnicas arqueológicas; critérios consagrados de salvaguarda do patrimônio arquitetônico, como por exemplo os delineados no Artigo 1º da Carta de Veneza (ICOMOS, 1964) e da Carta de Lausanne (ICOMOS, 1990), além do todo corpo teórico-metodológico arqueológico, também são relevantes. A avaliação conjunta realizada por profissionais de diferentes áreas, incluindo o mestre taapeiro, desempenhou um papel fundamental na definição das medidas e técnicas mais adequadas para a reconstrução do trecho danificado do muro, de acordo com as diretrizes do IPHAN. A colaboração eficaz desses profissionais foi essencial para atingir os objetivos da pesquisa.

Devido ao impacto causado por diversas intervenções ocorridas ao longo dos últimos anos, seja pela instalação da torre da linha de energia, seja pelo uso de acessos também por outros empreendimentos locais, o restauro das estruturas remanescentes se tornou inviável. Portanto, a reconstituição do trecho danificado, conforme proposto no Plano de Trabalho, foi a medida mais apropriada.

As reconstituições podem cumprir funções importantes, servindo para pesquisa experimental e pedagógica. Durante a execução do projeto, a reconstrução proporcionou um melhor entendimento do processo construtivo do muro original e das escolhas feitas pelos construtores antigos diante das limitações impostas pela matéria-prima e pelas características do terreno. Isso permitiu que pessoas leigas compreendessem a construção de um muro em pedra seca.

Os pontos de contato entre o trecho reconstruído e os trechos originais foram integrados de forma a garantir a estabilidade do conjunto, ao mesmo tempo em que distinguiam o novo do antigo, de acordo com o Artigo 11 da Carta de Veneza de 1964. Isso manteve a autenticidade da estrutura e respeitou os vestígios arqueológicos remanescentes.

Preservar exige conhecer, e o processo de entendimento do Sítio Candiota 01 progrediu ao longo dos anos, revelando sua relação com a construção histórica local. O sítio faz parte de um conjunto de sítios relacionados à ocupação da Família Lucas de Oliveira, que remonta ao século XIX. Os colonizadores que se estabeleceram em Candiota trouxeram consigo o

conhecimento tradicional de construção em pedra seca, que se mostrou fundamental para construir cercas de pedra na região.

O Sítio Candiota 01 é composto por cercas de pedra que delimitam uma grande invernada de campo, que costumava ser um potreiro para engorda de gado. A construção dessas cercas, reflete o conhecimento técnico passado de geração em geração. A importância dessas cercas de pedra seca era inegável, uma vez que adicionavam valor às propriedades e também serviam para proteger as áreas de cultivo contra os rebanhos de gado. Com a introdução das cercas de arame no final do século XIX, as cercas de pedra seca se tornaram obsoletas e tornaram parte da paisagem ou arruinados, como o Sítio Candiota 01.

Na região, o mestre taipeiro Luís Mário Alves Araújo emergiu como um guardião da técnica tradicional de construção em pedra seca. Sua habilidade na construção e reparo de cercas, mangueiras, galpões e outras estruturas em pedra seca é baseada em conhecimento passado de geração em geração. Luís Mário também é um guardião da herança cultural açoriana, que desempenhou um papel crucial na disseminação da técnica de construção em pedra seca no Brasil. A técnica de construção em pedra seca, com suas habilidades específicas de seleção de pedras, posicionamento e empacotamento, representa um elo com o passado e uma demonstração da habilidade dos construtores que usavam recursos locais para criar estruturas duradouras.

A reconstrução do muro danificado foi conduzida de forma a manter a autenticidade da estrutura, utilizando as técnicas tradicionais de construção em pedra seca, preservando ao máximo os vestígios arqueológicos existentes e respeitando as características originais do muro. Durante as pesquisas em arquivos e cartórios, chegou-se às informações precisas sobre a maestria de escravizados com o manejo dos muros à época, indicando de maneira clara a importância da participação dos mesmos na manutenção deste tipo de estruturas, sendo fundamentais para a delimitação e organização no espaço dos territórios ocupados.

Este estudo destacou a importância de preservar o patrimônio arqueológico e cultural, bem como as práticas tradicionais que o sustentam. O mestre taipeiro Luís Mário Alves Araújo desempenhou um papel essencial na preservação e na transmissão das tradições de construção em pedra seca, garantindo que o conhecimento tradicional seja preservado para as futuras gerações. O Sítio Candiota 01 é um testemunho da importância não só de manter vivas as tradições culturais, mas entender o papel de protagonismo dos diversos setores daquela sociedade, em especial os escravizados, em preservar e “exercer” a cultura ali presente. Não por acaso, o conhecimento permanece nas parcelas da população que sempre a detiveram, sendo que um mero “muro de pedras” é exemplar do protagonismo da população negra nas técnicas utilizadas no período colonial.

Gostaria de agradecer as pessoas que fizeram a pesquisa acontecer de fato, Marcelo dos Santos Lazzarotti, Luísa Nunes d’Avila, Verônica Di Benedetti, Jonathan Santos Caino e claro o mestre marroeiro Luís Mário Alves Araújo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Carta de Lausanne. ICOMOS, 1990.

ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Carta de Veneza. ICOMOS, 1964.

**ST 07 - ARQUEOLOGIA INDÍGENA, AUTO-ARQUEOLOGIA E PRÁTICA
ETNOGRÁFICA - PERSPECTIVAS TRANSVERSAL, PLURISEMÂNTICA E
EPISTEMOLÓGICA**

**A CERÂMICA JÊ MERIDIONAL: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DO
FAZER CERÂMICO DO SÍTIO BONIN, URUBICI, SANTA CATARINA**

*Ana Carolina Sprenger
(Universidade Federal de Pelotas – anasprengr499@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

Localizado no município de Urubici/SC, o sítio Bonin possui 30 estruturas semisubterrâneas. Este sítio passou por três etapas de escavações arqueológicas, que resultaram em aproximadamente 2400 fragmentos cerâmicos, além de outros materiais e uma extensa quantidade de datações, que indicam uma ocupação de longa duração do sítio, com pelo menos três horizontes ocupacionais. A hipótese é de que o sítio é uma aldeia de permanência, ocupada e reocupada durante um longo período de tempo, com estruturas semisubterrâneas interpretadas como habitações e grandes cozinhas. (CORTELETTI, LABRADOR e DEBLASIS, 2023).

Nessa pesquisa busquei aproximar a cerâmica dos processos culturais e históricos referente aos povos Jê Meridionais através de uma análise quanti-qualitativa. O objetivo principal é investigar as mudanças e permanências do fazer cerâmico do sítio Bonin, levando em consideração dois horizontes ocupacionais datados no sítio, de aproximadamente 650 anos e 350 anos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Da coleção total separei uma amostra de 750 fragmentos cerâmicos, composta por todos os fragmentos de bordas do sítio, decoração plástica, base, fragmentos de paredes maiores que 4 cm, bolotas de argilas e outros instrumentos. A amostra foi dividida em dois grupos cronológicos. O grupo 1 é referente as cerâmicas associadas às datações mais antigas de aproximadamente 650 anos, e o grupo 2 está associado ao horizonte cronológico de aproximadamente 350 anos.

Analisei atributos como carga, tamanho dos grãos, frequência dos grãos, técnica de manufatura, queima, tratamento de superfície e instrumento utilizado. Para a separação dos conjuntos utilizei a definição de Machado (2005) e organizei os fragmentos a partir de características que lhes dão unidade. A identificação de potes e formas ocorreu através da análise das bordas, verificando o diâmetro e inclinação de cada fragmento.

RESULTADOS

Através dos resultados da análise quantitativa foi possível identificar que a carga é composta majoritariamente por minerais, sendo a hematita o mineral predominante (97%). A técnica de manufatura é a roletada em 52% dos fragmentos e 13% modelada. A queima predominante entre os fragmentos é incompleta (42%) e em 33% da coleção é possível observar a queima completa. Em praticamente todas as peças foi identificado algum tratamento de superfície, sendo 346 fragmentos com alisamento, 278 com brunidura e 73 com esfumamento. As marcas de uso identificadas estão relacionadas ao uso do pote junto ao fogo, com fuligem e manchas de oxidação. Para o Grupo 2 foi possível identificar em 6 fragmentos cicatrizes na borda associadas a batidas de colher.

A análise qualitativa resultou em 78 vasilhames cerâmicos. O Grupo 1 é composto por 22 potes que possuem 6 variações de formas, sendo 19 potes fechados, 2 com formas abertas e um não possui leitura. O Grupo 2 é composto por 56 potes cerâmicos que apresentam 8 variações de formas, sendo 30 potes fechados, 23 potes abertos e outros 3 não possuem leitura.

A pasta identificada nas cerâmicas é similar nos dois horizontes, sugerindo que escolhas técnicas que se mantiveram ao longo do tempo. De acordo com o conhecimento indígena, quem prepara a argila e autoriza seu uso é a terra, quem indica o local de coleta é o arco-íris, ou seja, além de humanos, outros entes se mantêm presentes e permitem toda a construção do vasilhame (FONSECA, 2015). A constância da pasta indica uma escolha tecnológica, que envolve vivências práticas e conhecimentos, que resulta em um vasilhame repleto de simbologias e significados, para além da funcionalidade.

A partir das comparações entre os dois horizontes cronológico foi possível observar o abandono de formas que aparecem apenas no Grupo 1, aumento na quantidade de potes, a inserção de novas formas e intensificação na produção de formas que antes eram pouco produzidas – como no caso das formas abertas – no horizonte mais recente (Grupo 2).

A comparação entre os dois grupos evidenciou uma quantidade maior de potes com esfumamento no Grupo 2. Gonzaga (2022) ao comparar o enegrecimento da superfície cerâmica com grafismos corporais, identifica que o significado dos grafismos da pintura corporal em preto, significa proteção contra espíritos e entes não humanos para os Jê Setentrionais e Meridionais.

CONCLUSÕES

Essas evidências podem estar relacionadas com um aumento populacional no sítio Bonin, o que pode ser contraditório de se pensar uma vez que o período mais recente é marcado por processos colonizatórios. Entretanto, o aumento populacional que sugiro está em relacionar o sítio Bonin como um local de “refúgio”, no qual, indígenas de diferentes aldeias tenham se reunido como forma de resistir à pressão colonizadora. Isso explicaria o aumento do repertório e de técnicas que antes estavam dispersas pela região.

A intensificação de potes com esfumamento nesse contexto, pode ser vista como um auxílio na proteção contra possíveis invasores. A produção de vasilhames em um contexto de ameaça de seus territórios e de constantes conflitos pode resultar em uma intensificação na produção de potes que necessitam de proteção, tanto para o mundo material quanto para o mundo espiritual.

O sítio Bonin protegido pelos entraves naturais dos rios e montanhas e consequentemente localizado em um local tardio de contato, poderia ter servido como um (de vários) refúgios para populações que estariam fugindo de invasões em seus territórios.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELETTI, Rafael. LABRADOR, Bruno. DEBLASIS, Paulo. An Archaeology of Social Jê Landscapes at Urubici, Santa Catarina. In: COLONESE, André. MILHEIRA, Rafael (org.). Historical Ecology and Landscape Archaeology in Lowland South America. Ed. Springer, 2023.

FONSECA, Jidean Raphael. O Conhecimento dos Sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – UFSC, Florianópolis, 2015.

GONZAGA, Francisco. Revisitando A Cerâmica Jê Meridional Em Santa Catarina: O Sítio Rio Platê I. Dissertação de Mestrado – UFS. 2022.

MACHADO, Juliana S. Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). USP, São Paulo, 2005.

NARRATIVAS COLONIALISTAS FRENTE AO APAGAMENTO INDÍGENA NO PLANALTO NORTE CATARINENSE: UMA ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA PARA SE PROMOVER MUDANÇAS

*Heloise de Oliveira Woehl
(Universidade Federal do Paraná - heloisewoehl@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está em fase inicial e busca desconstruir a história oficial do município de Mafra-SC, elaborando uma narrativa arqueológica da ocupação indígena da região pela arqueologia compartilhada (Almeida, 2021). Esse município apresenta uma história oficial centrada na figura do invasor europeu, o retratando enquanto primeiro habitante desse território.

Para uma análise mais abrangente, os municípios de Itaiópolis (SC) e Rio Negro (PR) estão sendo incluídos no escopo deste estudo. Essa decisão se deve às mudanças históricas ocorridas em suas divisões territoriais, uma vez que anteriormente compunham um único território oficial (Lima, 2018).

MÉTODOS

Para tanto, estão sendo utilizados os cadastros de sítios arqueológicos do IPHAN através das plataformas SEI e SICG; acervos arqueológicos indígenas dispostos nos museus dos municípios; mapeamento de estruturas subterrâneas relacionadas historicamente aos povos Jê (Corteletti, 2012) ao longo da BR-280, na área rural de Mafra; e a narrativa adotada oficialmente pelos municípios quanto a sua identidade étnica.

RESULTADOS

Dentre os registros de sítios arqueológicos pré-coloniais, somente os municípios catarinenses apresentam cadastros. Em Mafra, na região do Avencal, foi registrado em 2022 um sítio lítico a céu aberto com polidores, sulcos e afiadores em afloramento rochoso, nomeado como “Queda D’Água”. Já em Itaiópolis há dois cadastros: um montículo funerário nomeado como “Itaiópolis I”, cadastrado em 2014; e um sítio lítico localizado sobre um topo aplainado próximo de um curso d’água, registrado em 2016 com o nome de “Itaiópolis 02”.

Quanto aos vestígios arqueológicos, Mafra possui o maior acervo museológico indígena, totalizando cerca de 119 itens (Woehl, 2022). Esse acervo está abrigado no “Museu da Terra e da Vida” (Cenpáleo-UnC), sendo 9 pertencentes a Mafra, 34 de Itaiópolis e 2 de Rio Negro. Itaiópolis possui o “Casarão Museu da Memória Regional”, com coleções de cerca de 50 materialidades indígenas provenientes do município. Em contraste, Rio Negro, apesar de

não possuir o maior acervo, destaca-se pelas documentações históricas, devido à sua antiguidade e à abrangência territorial no início do século XX (Arquivo Público do Paraná, 2009; Lima, 2018).

Até o momento, foram encontradas cinco estruturas subterrâneas em propriedades privadas, duas ao norte da BR-280, na Vila Pscheidt, e três ao sul, no Avencal do Meio. Das estruturas ao norte, a maior tem cerca de 2 metros de comprimento e a menor 1 metro de comprimento e de profundidade, a 20 metros de distância em linha reta da primeira. As três ao sul também estão dispostas linearmente, com a estrutura central medindo 3 metros de comprimento e 30 centímetros de profundidade, enquanto as outras duas apresentam 1,5 metros de comprimento e a mesma profundidade. O sítio “Queda D’Água” se encontra próximo as estruturas ao sul da BR-280.

Ainda, em Avencal do Meio, atuais moradores relatam memórias da presença indígena nas décadas de 60 a 80. Um desses relatos menciona uma família indígena, composta por três pessoas, residentes na ponte “Rio da Areia,” próxima ao km 18 da BR-280, que mantinha um convívio com a família de interlocutores. Há também relatos de grande quantidade de material cerâmico encontrado em áreas de cultivo de soja durante o arado da terra.

A pesquisa tem analisado também a narrativa oficial adotada pelas prefeituras, que mencionam a abertura da Estrada da Mata como pico inicial do território e que surgiu enquanto demanda vide os perigos que o caminho oferecia. Estes perigos, ainda que não especificados, sabe-se que tem relação aos indígenas Jê habitantes nesse período e as defesas de resistências que realizavam (Mota, 2017).

Atualmente, o município de Itaiópolis é o único dos três que conta com Terra Indígena, a Ibirama-Laklãnõ, que inclui as etnias Laklãnõ, Kaingang e Guarani. Já Mafra possui, desde 2015, um acampamento Kaingang chamado “Ven Kanér”, localizado junto à rodoviária, em condições precárias.

CONCLUSÕES

As raízes coloniais nessa região são evidentes em diversos aspectos, incluindo festivais, vestuário, monumentos e narrativas oficiais que marginalizam os povos originários em prol do invasor europeu. A pesquisa visa descolonizar essas narrativas, promovendo o entendimento das múltiplas histórias presentes na região, exigindo mais pesquisas e trabalhos colaborativos.

A jornada de investigação busca estabelecer um vínculo entre a população e os sítios arqueológicos, similar ao que ocorre em Irineópolis-SC (narrativa histórica apresenta extensa descrição da ocupação indígena e colonização, elaborando uma descrição linear que evidencia mudanças culturais e na paisagem, realizando diversas reflexões sobre a importância político-cultural dos patrimônios), promovendo uma narrativa que abrange todos os períodos históricos e influências culturais, com a pesquisa arqueológica representando um dos caminhos para essa descolonização e compreensão das histórias plurais na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Walderes Coctá Priprá de. Lugares de acampamento e memória do povo Laklãnõ/Xokleng, Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/226839>.

Arquivo Público do Paraná. Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas no Paraná provincial: 1871-1892. Curitiba, 2009. 573 p. 4 v. ISBN 978-85-99404-04-1.

CORTELETTI, Rafael. Projeto arqueológico Alto Canoas – PARACA: um estudo da presença Jê no planalto catarinense. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIMA, Soeli Regina. Do imaginário coletivo em torno dos indígenas na região de Rio Negro-PR: um estudo dos relatórios de governo (1853 - 1890). *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Dossiê História Indígena e estudos decoloniais, N. 31, 2018/01.

MOTA, Lúcio Tadeu. Passo Ruim 1868: as estratégias dos Xokleng nas fronteiras de seus territórios do alto rio Itajaí. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 37, n° 75, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-07>

Prefeitura de Irineópolis. Conheça a história do município de Irineópolis. Disponível em: <https://servicos.irineopolis.sc.gov.br/noticia-711799/>. Acesso em 24 set. 2023.

WOEHL, Heloise de Oliveira. Entre cacos, pessoas e histórias: revisitando a arqueologia do Planalto Norte de Santa Catarina. Pelotas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000dd/0000dd66.pdf>.

SALVADOR E RIO DE JANEIRO E O AZULEJO PORTUGUÊS

Karla Maria Fredel
(UFPEL - RS)

Dentro do contexto histórico, o azulejo chega no Brasil no segundo quartel do século XVII. Com as atividades monocultoras e o início da formação de núcleos urbanos na costa leste/litorânea brasileira, começa o estabelecimento de um tipo específico de moradia adequada as realidades sociais e geográfica, eram construídas com material precário e com telhados prolongados por causa das constantes interpéries: sol e chuva. Eis aí o primeiro papel do material azulejar, que era transportado para o Brasil Colônia dentro de navios onde este artefato era utilizado como “contrapeso” nos tombadilhos das naus. Mas seu uso nas precárias edificações brasileiras foi de ISOLANTE TÉRMICO contra as chuvas e o sol. Cerca de um século e meio depois, a função do azulejo muda, fazendo agora parte importante da arquitetura brasileira atua como elemento decorativo nas fachadas e interiores das edificações. Primeiro, nos edifícios religiosos, conventos, igrejas, mosteiros, hospitais e depois, em casas particulares (mais abastadas). Salvador, primeira capital da Colônia, teve o privilégio de receber tais artefatos já com esta nova atribuição, a decorativa. Posteriormente, a segunda capital, Rio de Janeiro também ganha a nova padronagem que era seguida pelas Cartas Régias portuguesas, ou seja, onde as edificações eram erguidas de maneira uniforme. O trabalho traz também, os modelos de azulejos mais empregados nestes contextos tanto espaciais como temporais, bem como os modelos/estilos decorativos de azulejos utilizados na arquitetura decorativa brasileira até os dias atuais, dando o entendimento de que este legado patrimonial e cultural perdura não só nas cidades citadas, mas em todo território brasileiro

ATERROS DOS SÉCULOS XVII AO XIX DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR E SUAS IMPLICAÇÕES ENQUANTO EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA DA URBANIZAÇÃO

*Luiz Antonio Pacheco de Queiroz
(UFRB, luizpachecoq@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

A abordagem dos aterros estudados no Centro Antigo de Salvador (CAS), Bahia, nos séculos XVII a XIX, se concentra na discussão da importância dessas estruturas na formação da malha urbana e no controle territorial exercido pelas oligarquias da época. Através da integração entre geociências e arqueologia, é possível analisar os elementos que permitiram a criação desses aterros e como eles contribuíram para a apropriação territorial.

De acordo com a integração entre geociências e ciências humanas, considero esses aterros como registros geológicos da atuação humana na produção do espaço citadino. No caso da área do CAS, eles são considerados como estruturas edificadas por meio do preenchimento de cavidades naturais ou artificiais para produzir e/ou nivelar terrenos. Portanto, são compreendidos como evidências arqueológicas da urbanização.

Os aterros serviram à implantação de residências, estabelecimentos comerciais, prédios públicos e de defesa, arruamentos e marcos religiosos católicos durante momentos-chave da expansão citadina de Salvador. É fundamental compreender a estrutura espaço-temporal resultante e interpretar os significados do território urbano, destacando a importância do uso de conceitos e técnicas das geociências na arqueologia, especialmente na arqueologia histórica.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento dessa abordagem decorre dos resultados de várias pesquisas arqueológicas realizadas nos bairros do Centro, Comércio, Pelourinho e Santo Antônio Além do Carmo. A delimitação espacial deste estudo, com o foco no CAS, leva em consideração a capacidade de abordar um grande número de pesquisas que investigaram a estratigrafia arqueológica onde esses aterros foram encontrados. Assim, abrange uma área mais ampla do que a poligonal de tombamento do Centro Histórico de Salvador (CHS) porção que a UNESCO elevou à categoria de Patrimônio Mundial da Humanidade devido ao seu conjunto arquitetônico.

Os aterros enquanto fontes revelam algumas especificidades importantes sobre a expansão urbana ocorrida entre os séculos XVII e XIX em Salvador. Em determinados quarteirões do Pelourinho, por exemplo, foram identificados aterros do referido período que chegam a

ter pelo menos 9 metros de espessura, indicando sua capacidade de sustentar edificações por um longo tempo.

O Largo de Santo Antonio Além do Carmo, um espaço de grande importância, passou por um processo de nivelamento de terreno no século XIX. Nas proximidades, existem aterros que datam dos séculos XVII e XVIII, como nos Perdões e Cruz do Pascoal. No entanto, é evidente que houve um aumento significativo na quantidade de aterros durante o século XIX, especialmente nas ruas adjacentes aos terrenos que antes pertenciam às oligarquias locais.

Na área portuária situada no sopé da encosta, onde uma das primeiras ermidas de Salvador foi construída, a expansão dos terrenos urbanos em direção à Baía de Todos os Santos foi impulsionada pelos interesses da Coroa Portuguesa. Posteriormente, o incremento de terreno foi realizado de forma mais intensa, em alguns momentos sem a aprovação do governo central, destacando momentos em que os latifundiários locais exerceram influência nas mudanças urbanas.

Essas observações destacam a importância de analisar os aterros para compreender as mudanças significativas ocorridas na área do CAS, que levaram à expansão urbana a partir do século XVII. Os resultados das pesquisas arqueológicas em áreas que interceptaram esses espaços anteriormente inutilizáveis, transformados em terrenos adequados para habitação e ruas, fornecem informações valiosas com uma abordagem sistemática sobre o uso dos aterros.

Para discriminar os aterros recorro a uma classificação segundo a proporção de seus componentes, principalmente tralha doméstica e materiais construtivos. A análise com base em critérios estratigráficos nos ajuda a compreender a cronologia e a explorar questões relacionadas ao poder envolvido nas atividades de construção. A explicação dessas circunstâncias também é direcionada pelo estudo do nível de compactação, que pode ser identificado pela sobreposição dos elementos nos estratos arqueológicos ou pela presença de espaços devido à presença de restos de desmoronamentos que suportam as camadas superiores.

Nos locais onde os aterros foram identificados, é fundamental iniciar a análise da apropriação territorial considerando os conflitos entre as iniciativas do poder público e dos particulares. Também é importante destacar a expropriação territorial dos menos privilegiados.

RESULTADOS

A aquisição em grande quantidade dos materiais necessários para a construção dos aterros e o direito de realizar obras de grande porte na cidade estavam estritamente ligados aos privilégios de classe das elites. Isso lhes concedia o controle sobre o destino da área urbana de Salvador. Os membros da Coroa Portuguesa, latifundiários e comerciantes locais que empreenderam a criação de terrenos adequados para a expansão da cidade raramente consideraram o impacto sobre as áreas habitadas pelos trabalhadores e as comunidades marginalizadas. Suas ações muitas vezes não levaram em consideração as condições de vida das pessoas que residiam nas ruas sob a intervenção de grandes obras.

O ganho de terreno nessas condições pode ser observado no CAS, tanto na área *salgada*, na zona portuária e de controle alfandegário nas imediações da antiga rua da Praia, quanto em partes destinadas a moradia e à administração localizadas no centro da cidade, onde antes existiam depressões, encostas íngremes, vales e áreas alagadas. É evidente a importância do período de implantação dos aterros em uma determinada parte do centro urbano da capital, mas é a aquisição desses terrenos para a expansão urbana que eleva a relevância de estudá-los, especialmente considerando a interação entre geociências e arqueologia.

CONCLUSÕES

Ao analisar a problemática dos aterros, reforço o argumento de que a transformação do centro de Salvador teve impactos negativos significativos nos habitantes de baixa renda, acarretando em sua exclusão social. É imperativo considerar as consequências sociais decorrentes das decisões tomadas pelas elites na condução do processo de urbanização. É nítida a relevância dos referidos aterros para a configuração do CAS ao longo dos séculos XVII a XIX. Ao apontar que os aterros foram utilizados como instrumentos de controle territorial e de desenvolvimento urbano, os considero valiosos para a investigação da dinâmica socioespacial da época, contribuindo para um entendimento mais abrangente de nosso patrimônio arqueológico e suas implicações para a sociedade.

ESPAÇOS MORTUÁRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: RESULTADOS PRÉVIOS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA PROPOSTA PARA CARTA TEMÁTICA DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO

Sônia Cunha

(Mestranda em Arqueologia do Museu de Arqueologia de São Paulo e do Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva, soniacunha@usp.br)

INTRODUÇÃO

A cidade é geralmente concebida como um espaço de vida em constante transformação, em harmonia com o progresso e com pouca ou nenhuma conexão com a morte e o passado. Assim, a arqueologia urbana surge como a ferramenta mais óbvia para o seu estudo e esta é, também, a arqueologia da reconstrução, pois a sua consolidação é realizada durante o pós-segunda guerra no continente europeu (MARTINS; RIBEIRO, 2009-2010). A cidade de São Paulo, tal como as suas congêneres, apresenta ocupação contínua e construções datadas do século XIX e XX com baixa interferência no solo, o que promoveu a preservação dos contextos arqueológicos (JULIANI, 1996; SOUZA, 2010; TESSARO, 2013; MANGUEIRA, 2018). O território atual da cidade de São Paulo tem sido ocupado desde o Holoceno Médio, tanto pelos vivos quanto pelos mortos, com uma forte ênfase para contextos domésticos ou industriais, referentes ao intervalo cronológico entre o século XIX e o século XX (MANGUEIRA, 2018). Mas onde estão os mortos e os seus espaços? No universo de contextos os espaços mortuários apresentam uma expressão mínima, cerca de 11 divididos entre sítios e ocorrências, isto se analisarmos os limites geográficos atuais da urbe (MANGUEIRA, 2018). No que concerne aos espaços mortuários pré-invasão europeia na cidade de São Paulo pouco ou nada se sabe além das urnas funerárias atribuídas a grupos tupi-guarani consideradas achados isolados, ao contrário do que acontece com espaços mortuários coloniais (MANGUEIRA, 2018). Com a implantação dos cemitérios públicos na cidade, não só para separar os locais de culto dos locais de enterramento por questões higienistas, mas também por questões de especulação imobiliária, foram demolidas várias igrejas como as de São Pedro dos Clérigos ou a da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e desativado o Cemitérios dos Aflitos (CAMARGO, 1995, 2007). Assim, e com base na pesquisa em desenvolvimento no contexto do Mestrado em Arqueologia no MAE/USP, intitulada “Espaços mortuários na cidade de São Paulo: uma proposta para uma carta temática de potencial arqueológico”, apresento os resultados prévios da proposta da pesquisa para a localização dos espaços mortuários na cidade de São Paulo em período anterior a 1858, ano da implantação de um sistema público de gestão da morte, com a criação de uma série de cemitérios públicos distribuídos pela cidade. Além disso, este

trabalho pretende dar contributos para a discussão sobre a proposição de se escavar tais contextos e como manejar os remanescentes esqueléticos advindos de tais trabalhos, bem como aqueles já institucionalizados nas suas dimensões éticas e identitárias tendo como cenário a arqueologia pública.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem como objetivo a construção de um banco de dados geográfico “Carta de Potencial Arqueológico Mortuário do Município de São Paulo” através da consulta à documentação primária e secundária para detecção e localização dos espaços mortuários no período pré-invasão europeia e período colonial. A construção do banco de dados geográfico utilizou programa *Qantum GIS*, programa de código aberto, visando entre outros usos, a possibilidade de futuras análises espaciais, mapas temáticos, aplicação de métodos de *GPR* (Radar de Penetração do Solo), etc. (INFANTINI, 2015).

RESULTADOS

Esta pesquisa possibilitou a criação do banco de dados geográfico “Carta de Potencial Arqueológico Mortuário do Município de São Paulo”. Além disso, foi possível o desenvolvimento de um profícuo material cartográfico e sistematização de informações sobre esses espaços para auxiliar na preparação da aferição de potencial arqueológico, bem como em inevitáveis pesquisas arqueológicas em contextos de alta sensibilidade.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento de uma carta de potencial arqueológico específica dos espaços mortuários e a sua disponibilização para o público permite a disseminação de mais uma opção de instrumento de gestão com informações fundamentais para as intervenções em tais espaços. Assim, e como um objetivo final, pretende-se com esta pesquisa contribuir para sinalizar e reavivar a memória desses espaços e remanescentes esqueléticos obliterados, bem como, provocar o questionamento sobre como agregar o passado às mudanças urbanísticas da atualidade e do porvir.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LASCA ARQUEOLOGIA. *Programa de gestão arqueológica no terreno localizado à Rua dos Aflitos, 64 - Liberdade. Município de São Paulo/SP*. São Paulo: A Lasca Arqueologia, 2018.

- CAMARGO, Luís Soares de. *Sepultamentos na cidade de São Paulo: 1800/1858*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.
- CAMARGO, Luís Soares de. *Viver e Morrer em São Paulo: a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX*. Tese (Tese de Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CRESSEY, P.J. The City as Site: The Alexandria Model for Urban Archaeology. *The Conference on Historical Site Papers*, V13, p.204-227, 1978.
- FUZINATO, D. V. Múmia e Cupins: arqueologia funerária no Mosteiro da Luz. Tese (Tese de Doutorado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- INFANTINI, Leonardo. Sistemas de Informação Geográficos (SIG) em Arqueologia. *Revista Arqueologia Pública*, 9(3[13]), 114-121, 2015.
- JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira. (1996) *Gestão arqueológica em Metrôpoles: Uma Proposta para São Paulo*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- MANGUEIRA, Renato Silva. *Cartas arqueológicas para a cidade de São Paulo: estabelecimento de modelo de potencial para a preservação de bens arqueológicos*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MARTINS, Maria Manuela.; RIBEIRO, Maria do Carmo. Arqueologia urbana e a defesa do Patrimônio das cidades. *Forum*, p.44-45, *Universidade do Minho*, p. 149-177, 2009-2010.
- SOUZA, Rafael Abreu de. Arqueologia na terra da garoa: leituras arqueológicas da grande São Paulo. *Revista de Arqueologia Americana*, 31, p.289-235, 2013.
- STASKI, Edward. Advances in Urban Archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*, v.5, p. 97-149, 1982.
- Tessaro, Piero Alessandro Bohn. *Pedaços de uma Paulicéia espalhados pela Urbe: Musealizando um Arqueologia com a Cidade*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

“BRILHA FEITO OURO A LIBERDADE”: CONSIDERAÇÕES PARA UMA ARQUEOLOGIA AFRODIASPÓRICA URBANA EM SÃO PAULO

*Luciana Alves Costa (MAE-USP,
lucianacosta.arqueologia@gmail.com)*

No final do século XVIII e ao longo do século XIX, a região histórica de São Paulo era triangularmente delimitada pelo Convento São Francisco, Mosteiro de São Bento e o Convento Nossa Senhora do Carmo. As adjacências próximas desse perímetro abarcavam chácaras pertencentes às famílias abastadas, enquanto as áreas mais afastadas cediam lugar para a produção agrícola, mediante o uso de mão de obra escravizada (TOLEDO, 1983; LIMA, 2019).

Esse último contexto, que engloba o bairro da Liberdade, esteve marcado pelo Largo Sete de Setembro, que comportava um pelourinho, pela Ladeira da Saudade, atual Ladeira da Memória, onde leiloavam pessoas escravizadas, pelo Largo ou Morro da Força, onde escravizados e não escravizados eram condenados à morte, e pelo primeiro cemitério público da Cidade de São Paulo, o Cemitério dos Aflitos, posteriormente associado à Capela dos Aflitos, no qual pessoas afrodiaspóricas e indígenas eram sepultadas (BRITT, 2022).

Ainda que o centro de São Paulo e algumas áreas limítrofes, consideradas periféricas, gozassem de controle e repressão, havia uma série de transgressões contrárias à escravidão. Entre elas, o Quilombo Saracura, situado às margens do Rio Saracura na atual região do Bixiga/Bela Vista; rotas, a partir da Liberdade, especificamente da localização do Lavapés próximo à Rua da Liberdade, que podem ter sido utilizadas por (ex)escravizados para acessar o quilombo do Jabaquara, reflexão incitada pelo mapa “Territórios Negros em São Paulo - 1881” (ROLNIK, 1997 apud LIMA, 2019: 43). Além dos movimentos abolicionistas, que sequestravam escravizados, compravam alforrias, confeccionavam jornais abolicionistas e até construíram um museu antiescravagista, tendo a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios adquirido protagonismo nesse processo (BRITT, 2022).

Com o início da industrialização, a elite paulistana e o governo potencializaram seus ideais de modernidade e progresso e passaram a reconfigurar o centro de São Paulo através de alargamentos de ruas e avenidas, construções de viadutos e trens, ocasionando desterritorialização de pessoas negras pertencentes à região através da demolição de suas residências e de lugares significativos, como a Irmandade Nossa Senhora dos Remédios (1812 -1942/3). Esse projeto urbanístico adquiriu novos desdobramentos devido às políticas de imigração subsidiadas pelo Estado, isto porque as narrativas oficiais passaram a representar o Bixiga como bairro italiano (NASCIMENTO, 2015) e a Liberdade, como japonês, espoliando os paulistanos da história indígena e negra do Centro de São Paulo.

Em 2018, a arqueologia preventiva realizada no bairro da Liberdade, na Rua dos Aflitos, no contexto do Cemitério (1775-1858) e da Capela dos Aflitos (1775), efetuou o regaste arqueológico de nove sepultamentos humanos, alguns associados a botões de metais e ossos, e contas de vidro análogas às utilizadas nos terreiros de matriz africana (A LASCA, 2018). Desde então, a comunidade negra remanescente, o movimento negro e simpatizantes da causa têm pleiteado ao Governo a construção do Memorial dos Aflitos, para que as pessoas ali sepultadas, sobretudo às indígenas e afrodiáspóricas, não sejam esquecidas, atuando também como uma ferramenta pedagógica antirracista.

Em 2022, a arqueologia preventiva realizada no Bixiga evidenciou o que as fontes historiográficas, a memória e a tradição oral afirmam ser o Quilombo Saracura. E, embora a escavação do sítio arqueológico e os resultados das análises não tenham sido concluídos, acredita-se tratar-se desse quilombo urbano. Dentre os artefatos resgatados estão fragmentos de louças, materiais construtivos, frascos de remédios, solas de sapatos, peças metálicas, dentre outros (A LASCA, 2023).

Tal qual o movimento anterior, a redescoberta do Quilombo Saracura mobilizou a comunidade descendente, o movimento negro e profissionais de diversas áreas em prol do reconhecimento desse sítio arqueológico, da construção de um Memorial e para que, ao invés de 14 Bis em homenagem a Santos Dummont, a estação seja intitulada “Saracura-Vai-Vai”; fazendo jus à memória e trajetória de africanos e descendentes que resistiram ao sistema escravocrata e aos resquícios do racismo estrutural na contemporaneidade.

No centro de São Paulo, havia uma rede abolicionista atuante, desde instituições religiosas até quitandeiras. Desse modo, é necessário que a Arqueologia analise possíveis relacionamentos entre os sítios arqueológicos escavados. É possível falar, por intermédio da Arqueologia, de redes de sociabilidade afrodiáspórica no centro de São Paulo? Como entender o micro e o macro? É possível empregar uma análise comparativa entre alguns desses sítios arqueológicos, por exemplo Saracura e Lavapés? Outrossim, alguns desses contextos, como o Saracura, podem ser muito mais antigos do que a historiografia atesta, e análises estratigráficas e artefatuais podem contribuir para essa compreensão.

A Arqueologia está sendo desafiada. Além disso, é preciso demarcar que comunidades descendentes estão cada vez mais interessadas, sendo partícipes de pesquisas e pesquisadoras de seus próprios territórios, desafiando a ontologia e a autoridade hegemônica da disciplina. Nascida das entranhas do Colonialismo Moderno, a Arqueologia tem sido convocada a repensar sua práxis e desnudar sistemas de poder e violência pertinentes no presente. Por isso, os movimentos descritos acima não podem ser ignorados, eles desafiam a construção de práticas arqueológicas, e estas não devem se eximir da autocrítica e das demandas de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LASCA ARQUEOLOGIA. Relatório final - *Programa de gestão arqueológica no terreno localizado à Rua dos Afritos, 64 - Liberdade*. Processo IPHAN nº 01506.004136/2018-06.

_____. Relatório parcial - Programa de Arqueologia Preventiva da Linha 6 do Metrô de São Paulo - *1º Relatório parcial de resgate arqueológico - Sítio Saracura/Vai-Vai*. Processo IPHAN nº 01506.005549/2014-76.

BRITT, A. G. Spatial Projects of Forgetting: Razing the Remedies Church and Museum to the Enslaved in São Paulo's 'Black Zone', 1930s–1940s. *Journal of Latin American Studies*, v. 54, n. 4, p. 561-592, 2022.

LIMA, A. L. L. *Uma Arqueologia dos Territórios Negros: contas e miçangas no Triângulo Histórico de São Paulo (sécs. XIX-XX)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, L. A. C. *Entre sambas e rezas: vivências, negociações e ressignificação da cultura afrobrasileira no Bexiga*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

TOLEDO, B. L. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1983.

PAISAGEM URBANA DA ANTIGA DESTERRO: CAMADAS ARQUEOLÓGICAS DE SOBREPOSIÇÃO

Márcia Regina Escorteganha
(PPGH /UFSC, *marciaescorteganha@gmail.com*)

Franciele Laner
(ULB, *franlaner@gmail.com*)

1. INTRODUÇÃO

Ao mapear as intervenções realizadas na área da Praça XV de Novembro- Florianópolis, com um foco especial nos sítios arqueológico do centro histórico que marca o início da vila, fica evidente a Paisagem Urbana da Antiga Desterro, como cidade sítio. Essa paisagem é o resultado de um processo complexo de evolução tanto paisagístico quanto arqueológicas, intrinsecamente integrado à configuração urbana da cidade.

Esta pesquisa procura reconstruir o espaço considerando suas múltiplas complementações e modificações resultado das alterações as diversas transformações ao longo do tempo, considerando como Arqueologia Urbana ao tentar identificar nos registros documentais, gráficos e fotográficos; e atualmente, pelas prospecções arqueológicas no entorno da Praça.

Arqueologia Urbana é definida por Edward Staski como “estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição num assentamento urbano”. Sem pensar as técnicas arqueológicas na cidade somente como coleta de materiais, mas como uma “Arqueologia da Cidade”, dinâmica e susceptíveis à mudanças constantes. É dentro deste pensamento reforçado pelas escavações recentes que permitiram identificar vestígios que enriquecem a compreensão desta paisagem urbana da Antiga Desterro com suas camadas arqueológicas de sobreposição, remetendo-a análise aprofundada dentro de uma visão mais completa das transformações históricas cidade, entrelaçando o desenvolvimento urbano com o contexto arqueológico. Pensamento este corroborado por Martins e Ribeiro (2010, p.149) considerando que “as escavações arqueológicas contribuem para articular o passado e o presente das cidades”.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Os métodos de Pesquisa em Arqueologia Urbana são diversos que podem ser associativos e colaborativos na obtenção de resultados e parâmetros de pesquisa e comporta-

mento. Dentre eles destacamos os seguintes métodos: a pesquisa documental: escavações estratigráficas: georreferenciamento: estudos de materiais; análises: laboratoriais, dos artefatos e bioarqueológicas; estudos de paleoambientes; a pesquisa interdisciplinar entre outros métodos relevantes. Esses métodos são frequentemente usados em conjunto para proporcionar uma visão holística da história urbana, desde a fundação das cidades até os períodos mais recentes. Cada método oferece uma contribuição única para a compreensão da complexidade das sociedades urbanas ao longo do tempo.

O método investigativo quanto aos conteúdos relacionados ao território se concentra na associação de pesquisa documental, que envolve o exame de registros históricos, mapas, plantas arquitetônicas e outros documentos que podem fornecer informações sobre a ocupação e o desenvolvimento urbano ao longo do tempo. A análise de conteúdo das fontes é o método prático dentro da perspectiva teórico-metodológica, focando na interpretação dos registros históricos que possibilitem elaborar a narrativa da ocupação territorial como estuda FUNARI (1998); BUENO (2012, 2015 e 2021); SOUZA, (1981) e BOITEUX (1985,1950) VEIGA (1993,2004); PAULI (1979) PELUSO(1981); REIS (2008), associado às escavações estratigráficas que estão acontecendo no centro histórico de Florianópolis. Escavações que revelam camadas estratigráficas que contêm vestígios arqueológicos significativos da construção desta vila- cidade. Resultando na coleta de Cultura Material Arqueológica que concentram análises laboratoriais dos materiais (cerâmica, metal, vidros, ossos e outros vestígios) visando entender práticas de produção, comércio e hábitos alimentares, contribuindo para uma compreensão mais profunda da vida urbana existente .

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arqueologia Urbana se dedica à investigação dos vestígios culturais e históricos presentes em ambientes urbanos na complexidade de suas camadas históricas que se acumulam ao longo do tempo nas cidades, revelando a riqueza e a diversidade das experiências humanas em contextos urbanos. Esta abordagem torna-se essencial para compreender a evolução das sociedades em ambientes urbanos, seus padrões de assentamento e a interação entre cultura material e espaço construído. Empregando métodos de análise retrospectiva, são definidas as fases históricas de construção do espaço, combinadas com interpretações dos vestígios preexistentes com a paisagem urbana do momento, como resultado estratigráfico de sobreposição de várias camadas dinâmico e em constante movimento.

A Arqueologia Urbana, portanto, não apenas revela os artefatos do passado, mas também lança luz sobre a evolução das comunidades urbanas, suas práticas sociais, econômicas e culturais, fornecendo uma perspectiva única sobre a história das cidades e sua influência contínua na sociedade contemporânea.

Segundo Martins e Ribeiro (2010, p.149), para o estudo e conhecimento das cidades como um “vector fundamental do processo de desenvolvimento da sociedade”, faz-se necessário pensar a sobreposição das camadas que vão se depositando ao longo do tempo, prin-

principalmente com o crescimento desordenado e exponencial dos centros urbanos. As autoras, ainda indicam que é “indispensável uma reflexão sobre o seu passado e evolução presente e uma compreensão aprofundada sobre os elementos dinâmicos que podem assegurar a sua continuidade futura em termos harmoniosos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense: notas para a sua história**. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1985.

BUENO, L.; REIS, L. (Orgs.). **Florianópolis Arqueológica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. 521 p.

_____; DIAS, Adriana Schmidt. **Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro**. Estudos Avançados, v. 29, p. 119–147, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000100009>

FUNARI, Pedro Paulo A (org). **Cultural Material e Arqueologia Histórica**. Coleção Idéias UNICAMP Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo. A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades. FORUM 44'45, 2009/2010, Pág. 149-177.

PAULI, Evaldo. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Edeme, 1978.

PELUSO Júnior, Victor Antônio. **Estudo da geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, 1991.

REIS, Sara Poyares dos. A Casa de Câmara e Cadeia da Antiga Vila Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis: Ed. Papa Livro, 2008.

SOARES, Fernanda Codevilla. **Vida Material de Desterro no Século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina, Brasil**. Tese de doutorado na Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2011

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- séculos XVIII e XIX**. Imprensa Oficial-FCC, Florianópolis, 1981.

STASKI, Edward. **Advances in Urban Archaeology**. In: SCHIFFER, Michael B. (org.). Advances in Archaeological Method and Theory. New York/London, Academic Press, 1982. 5:97-149.

VEIGA, Eliane Veras. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Editora UFSC, FFC Edições, 1993.

_____; BASTOS, Maria das Dores de Almeida (Coord.). **Atlas do Município de Florianópolis: ocupação humana e paisagem**. Florianópolis: IPUF, 2004.

ARQUEOLOGIA COM A CIDADE: UM MOVIMENTO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO URBANO DE SÃO PAULO – SP

Piero Alessandro Bohn Tessaro

(Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, pierotessaro@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A Arqueologia Urbana já aparece como uma área da Disciplina ao menos desde os anos de 1970, em publicações norte-americanas ligadas a dois principais pesquisadores: Bert - considerado pai da arqueologia urbana (ROTHSCHILD, 1990) – e Edward Staski. Nesse contexto surgem os primeiros conceitos da arqueologia urbana, que são: “arqueologia *na e da cidade*” (SALWEN, 1973; SALWEN, 1978; STASKI, 1982; STASKI, 1987).

Posteriormente a reflexão em torno da arqueologia *da cidade* foi renovada por Staski, dando-lhe a ideia de uma arqueologia *para* a cidade (STASKI, 2008); desenvolveu-se a ideia de cidade sítio, no qual toda a cidade compõem um único sítio arqueológico (CRESSEY e STEPHENS, 1982), que corrobora com o ideário da arqueologia *da cidade*. No entanto, esses conceitos apenas em partes corroboraram para refletir sobre o contexto que me deparei na pesquisa de mestrado. Trata-se do sítio arqueológico Quadra 090, no centro da Cidade de São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse contexto, devido a ser uma quadra inteira, diferentes ocupações foram identificadas, desde área produtiva/fabril como residenciais, que se situaram-se cronologicamente no final do Século XIX e início do XX. Vamos nos deter as lixeiras encontradas no local, sendo que duas delas eram construídas em alvenaria especificamente para esse fim, além de um poço reutilizado como lixeira e alguns bolsões; trazendo a temática da higiene tanto nos materiais como pela própria lixeira.

No contexto contemporâneo, o sítio encontra-se numa região conhecida como “Cra-colândia” ou “Boca do Lixo”, termos pejorativos que servem para um processo de especulação imobiliária, relacionada ao projeto de revitalização “Nova Luz”, que previa a demolição de 30% dessa área (SPINELLI e GERAQUE, 2010). Além do projeto de revitalização, foi também implementado o Plano de Ação Integrada “Centro Legal”, que mais tratou-se de uma intervenção policial buscando varrer os usuários de drogas do local (PRADO e DAUDÉN, 2012). Ou seja, um espaço onde foi exercida uma higiene social, descartando o “lixo humano” (BAUMAN, 2005); e pelo projeto de revitalização novamente iria proceder com essa política.

RESULTADOS

Nesses dois contextos, passado e presente, deparamo-nos com processos relacionados à higiene. Ou seja, a arqueologia urbana deveria ser capaz de fazer esses contextos dialo-

garem de uma maneira crítica, possibilitando repensarmos o nosso presente e até buscar transformações para o futuro.

Poderíamos, para solucionar isso considerar três caminhos teóricos-metodológicos: a Etnoarqueologia, a Arqueologia Colaborativa e a Arqueologia Pública. As duas primeiras são possíveis de serem aplicadas no contexto urbano? Possivelmente sim, mas em uma escala localizada. Ou seja, mesmo que posteriormente viessem a estabelecer relações com o contexto macro urbano, elas teriam foco no contexto micro.

Obviamente, a observação macro é mais agregadora, mas trará perdas, por ser mais generalizante. Essa consiste em uma metodologia e fundamentos teóricos que começam a se desenvolver nos anos de 1970, tendo como principal argumento a prática de uma arqueologia a serviço da sociedade. Podendo ser aplicada como uma observação externa que gera dados e conhecimentos de interesse público e social.

Segundo Matsuda (MATSUDA, 2016), a Arqueologia Pública se divide em quatro abordagens: Educacional, Relações Públicas, Pluralista e Crítica; essa última compreende a ideia de engajamento político e desestabilizar a interpretação sobre o passado. Independente da abordagem, o que se percebe nessa definição é o quanto político pode ser a produção do conhecimento arqueológico; pois esse processo de interação deve estar ciente “como a proposição de um diálogo sobre os dados que estão sendo produzidos e em que medida estas informações vão interferir, refletir na vida das pessoas” (CARNEIRO, 2009, p. 9).

A congregação da Arqueologia Urbana moderna e esses preceitos da Arqueologia Pública geram um novo conceito para a primeira, de uma arqueologia *com* a cidade. Não com uma ideia de ser colaborativa – sem excluir essa possibilidade que precisa ser refletida – mas como pensar as possibilidades que o contexto arqueológico traz para discorrer de maneira crítica sobre o presente da cidade. Olhando para passado e vendo no presente situações que podem ter a mesma gênese ou tema.

CONCLUSÃO

Denota-se assim, exercermos uma arqueologia mais humana e democrática, não nos moldes de uma etnoarqueologia ou de uma arqueologia colaborativa - porque numa cidade grande seríamos seletivos, priorizando um grupo em detrimento de outro; mas incitando discussões sobre o presente da cidade, com base na ressignificação do seu passado. Em suma, uma **Arqueologia com a Cidade**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CARNEIRO, Carla G. *Ações Educacionais no Contexto da Arqueologia Preventiva: uma proposta para a amazônia*. Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. São Paulo. 2009.

CRESSEY, Pamela J.; STEPHENS, John F. The City-Site Approach to Urban Archaeology. In:

DICKENS JR., Roy S. *Archaeology of Urban America: the search for pattern and process*. New York: Academic Press Inc, 1982. Cap. 3, p. 41 - 61.

MATSUDA, Akira. A consideration of Public Archaeology Theories. *Public Archaeology*, 15(1), 2016. 40 - 49.

PRADO, Antonio C.; DAUDÉN, Laura. Governo e prefeitura de SP usam “dor e sofrimento” para acabar com cracolândia. *Istoé*, São Paulo, 06 Janeiro 2012. Disponível em: https://istoe.com.br/185671_A+TERAPIA+DE+CHOQUE+DO+MEDICO+GERALDO+ALCKMIN+NA+CRACOLANDIA+DE+SAO+PAULO/. Acesso em: 08 Março 2022.

ROTHSCHILD, Nan A. Memorial: Bert Salwen, 1920 - 1988. *Historical Archaeology*, 24, n. 1, 1990. 104-109.

SALWEN, Bert. Archaeology in Megalopolis. In: REDMAN, Charles L. *Research and Theory in Current Archaeology*. New York: John Willey & Sons, 1973. Cap. 10, p. 151-163.

SALWEN, Bert. Archaeology in Megalopolis: update assessment. *Journal of Field Archaeology*, 5, n. 4, 1978. 453-459.

SPINELLI, Evandro; GERAQUE, Eduardo. Projeto Prevê Demolir 30% da Cracolândia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Cotidiano, 18 Dezembro 2010. C1 e C4. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=18377&keyword=cotidiano&anchor=5514677&origem=busca&originURL=&pd=cef240e18ca515cb4d0628cc13517e3f>. Acesso em: 08 Março 2022.

STASKI, Edward. Advances in Urban Archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*, n. 5, 1982. 97-149.

STASKI, Edward. Living in Cities: an introduction. *Historical Archaeology*, Special Publication, n. 5, 1987. IX-XI.

STASKI, Edward. Living in Cities Today. *Historical Archaeology*, 42, n. 1, 2008. 5-10.

TÊM UM SAMBAQUI NA MINHA RUA! RELAÇÕES CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS COMPARTILHADAS.

Bruna Cataneo Zamparetti
(UFSC/GRUPEP, bruna.cataneo@gmail.com)

Juliana Salles Machado
(UFSC, julianasallesmachado@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Os exercícios patrimoniais relacionados à arqueologia carregam o histórico de colonialidade da disciplina, bem como, da própria categoria patrimônio cultural. Apesar do avanço nas discussões acerca da função social da arqueologia, com o fortalecimento de arqueologias públicas e colaborativas, a colonialidade do saber persiste. Ao direcionar nosso olhar para as práticas preservacionistas, nos deparamos com discursos autoritários em relação às comunidades locais. Estas geralmente são afastadas dos processos patrimoniais, tanto fisicamente – cercas, placas – como intelectualmente – teoria do déficit de conhecimento (MERRIMAN, 2004).

Como parte de uma estrutura acadêmica, em muitos casos, reprodutora deste discurso, propomos um movimento de transformação que analise a construção destas relações, com vistas ao desenvolvimento de práticas colaborativas. Para tanto, direcionamos nossa atenção para uma rua com dois sambaquis – Capivari I e Capivari II – localizada no centro do município de Capivari de Baixo/SC - Brasil.

Os sítios estão cercados, sinalizados e isolados. No seu entorno há uma comunidade urbana. Antes de se tornarem patrimônio arqueológico os “casqueiros” já eram espaços de sociabilidade da comunidade. Entre memórias de infância, usos econômicos e histórias fantasmagóricas, os sítios podem ser entendidos como “lugares persistentes” (MOORE; THOMPSON, 2012). Como nos lembra Zedeño (2008) o território possui sua história de vida, em constante construção. De base de tal entendimento, nossa discussão se pauta em entender um Lugar de Memória (NORA, 1993), um Patrimônio Autorizado (SMITH, 2011), a partir das Memórias do Lugar (LEONEL, 2021). O trabalho aqui apresentado é parte integrante da Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, da autora Bruna Cataneo Zamparetti sob orientação da Dra. Juliana Salles Machado. Como o objetivo da tese era o exercício da colaboração entre comunidade e pesquisadores, entender os significados, sentidos e usos do patrimônio arqueológico, além daquele produzido pela Arqueologia, é essencial para o movimento de anticolonialidade na produção do conhecimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para entender a relação entre comunidade local e os sítios arqueológicos, realizamos entrevistas gravadas e aplicação de formulários. No que compete a parte qualitativa destas ações, utilizamos a perspectiva da História Oral (ALBERTI, 2004). Consideramos a relevância destes testemunhos, visto que nos propiciam o contato com as memórias construídas na relação comunidade - patrimônios arqueológicos. As entrevistas foram realizadas por meio de questões estruturadas, com gravação de áudio e vídeo, com dois moradores do bairro. Em paralelo aplicamos 215 formulários que objetivaram entender a relação da comunidade com o espaço dos sítios arqueológicos. As questões foram direcionadas a identificar histórias, angústias, expectativas, afetividade ou repulsa, acerca da área em questão.

RESULTADOS

No estudar da história deste território, além dos fatores de longa duração, estabelecemos a relação entre passado e presente, valorizando as narrativas e construções simbólicas contemporâneas. No espaço de vivência desta comunidade, no qual se inserem os sítios arqueológicos, há memórias relacionadas ao uso econômico e exercícios de sociabilidade. Ali elas viveram, criaram dos seus filhos, transitaram, encontraram artefatos, contaram histórias fantasmagóricas, plantaram, criaram animais, caçaram, mineraram. Os dados obtidos constataram que a maioria dos moradores entrevistados sabem o que é um sambaqui, bem como, atribuem este à uma construção indígena utilizada para fins funerários. Os consideram como patrimônio e, portanto, relevantes para a história do município. O potencial de visitação e atividades educativas naqueles espaços é apontado, reforçando que os moradores desejam integrar o público participante. Solicitam visitas a parte interna dos sítios, demonstrando a vontade destes moradores em acessar novamente os sítios, buscando conexão com experiências vividas e a construção de novas memórias.

CONCLUSÃO

Os “casqueiros” já faziam parte da vida daquele território, são a marca de uma população indígena passada, mas também o lugar de vivências e vestígios contemporâneos. Todavia, a gestão do local, como patrimonial brasileiro, promoveu o distanciamento e até mesmo antipatia por parte da comunidade local. Qualquer ato vindo desta foi coibido, sendo a mesma responsabilizada pela sua destruição. Quando o “casqueiro” virou sambaqui não se tornou um patrimônio da comunidade, ele se tornou do Estado, e dos especialistas envolvidos no discurso patrimonial autorizado. Ainda assim, há um sentimento de proteção, conectado às suas vidas, às suas memórias. A comunidade defende uma proteção além da cerca. Exige o cuidado, estruturas de visitação, um espaço valorizado na/pela comunidade. Os patrimônios estão vivos e por meio dos processos significantes dinâmicos conectam passados e presentes. São várias camadas de memória, considerá-las é desconstruir barreiras entre academia e comunidade, formando um espaço propício à colaboração.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento da tese de doutorado, da qual este trabalho apresenta um excerto, foi contemplada com bolsa do PROGRAMA UNIEDU/FUMDES PÓS-GRADUAÇÃO da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. Agradecimento especial à comunidade local, aos integrantes dos grupos de pesquisa Yãné/UFSC, Leia/UFSC e Grupep/UniSul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, 2004.
- MERRIMAN, Nick. **Introdução**. *In*: MERRIMAN, Nick. **Public Archaeology**. London: **Routledge**, v. 1, Cap. 1, p. 1-18, 2004
- MOORE, Christopher R.; THOMPSON, Victor D. **Animism and Green River persistent places: a dwelling perspective of the Shell Mound Archaic**. *Journal of Social Archaeology*, 2, n. 12, p. 264-284, 2012.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. *In*: NORA, Pierre **Les lieux de mémoire**. Paris: La République, 1993.
- PEREIRA, Jesus Marmanillo; ARAUJO, Larissa Aryane Lima. Imaginários, memórias e paisagens na Amazônia urbana: uma entrevista com o antropólogo Flávio Leonel. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 14, n. 3, p. 437-444, jul./set. 2021.
- SMITH, Laurajane. **El “espejo patrimonial”.¿ Ilusión narcisista o reflexiones múltiples?** *Antípoda*, junho, p. 39-69, 2011.
- ZEDEÑO, Maria N. The Archaeology of Territory and Territoriality. *In*: DAVID, Bruno; THOMAS, **Julian Handbook of Landscape Archaeology**. Califórnia: Left Coast Press, p. 210-217, 2008.

ST10_ARQUEOLOGIA, COMUNIDADES, TERRITÓRIOS, MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS NO SERRO, ALTO VALE DO JEQUITINHONHA, MG - MINERAÇÃO QUE AMEAÇA LUGARES E SABERES TRADICIONAIS

Alenice Baeta
(CEDEFES; alenicebaeta@yahoo.com.br)

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Comunidades Tradicionais; Documentação

INTRODUÇÃO

A ameaça da implantação de mineradoras vem afligindo de forma severa os moradores quilombolas e demais habitantes do município do Serro, em especial no vale do rio do Peixe e terras altas no entorno do Pico do Itambé, alto vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Com importantes ambientes socioespaciais, hídricos e paisagísticos, a região já sofre com a escassez hídrica periódica e há riscos graves caso prossigam processos de licenciamento ambiental de empreendimentos minerários, pois territórios históricos de povos e comunidades tradicionais, protegidos por um amplo conjunto de leis e normas patrimoniais, seriam mutilados de forma irreparável. Os territórios necessitavam então de estudos urgentes sobre a sua biodiversidade, incluindo os seus bens culturais, materiais e imateriais, respeitando as exegeses e demandas comunitárias. Com o apoio do MPMG, o Projeto Quilombo Vivo realizou diversas ações nesse sentido, desenvolvendo atividades articuladas às reivindicações das comunidades locais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste eixo, voltado para o apoio de programas de desenvolvimento de atividades de base cultural, ecológica e solidária para a geração de emprego e renda das comunidades quilombolas e rurais, o nosso trabalho foi subsidiar na perspectiva do registro, pesquisa e valorização de bens culturais e arqueológicos. É reportado que além de possuir recargas hídricas imprescindíveis para o bem viver de sua população, como a do vale do rio do Peixe e nascentes do rio Jequitinhonha, a região do município do Serro é imbuída de grande importância patrimonial, com grande valor cênico e paisagístico, além da tradicionalidade dos territórios das populações negras rurais e descendentes quilombolas. Há na região diversas

cavernas, sítios arqueológicos pré-coloniais e históricos, ambientes sagrados e de referência sociocultural com testemunhos e vestígios materiais do passado de grande significado etno histórico e memorial, tratando-se de verdadeiros museus de acervo tradicional a céu aberto, tanto no âmbito material, quanto imaterial. Apesar disso, deve ser salientado que mineradoras ainda insistem em elaborar estudos ou laudos, entregues aos órgãos ambientais e patrimoniais, visando o licenciamento ambiental de seus empreendimentos, cujos conteúdos não condizem com levantamentos, potencialidades, análises de especialistas e de pesquisadores independentes, o que reforça a necessidade de projetos de fortalecimento das comunidades tradicionais locais. Neste sentido, foram desenvolvidas metodologias etnográficas e participativas, priorizando as perspectivas dos habitantes sobre seus lugares, através de uma arqueologia comprometida com a defesa dos territórios tradicionais frente à ameaça de expansão de atividades degradantes. Os trabalhos foram realizados em dez comunidades, dentre elas: Barra da Cega; Serra da Bicha; Bica D'Água de Cima; Bica D'Água de Baixo; Jacutinga; Gameleira; Mumbaça; Floriano; Cardoso e Amaral, todas indicadas através de um processo participativo, de acordo com procedimentos de consulta junto ao comitê gestor do projeto.

RESULTADOS

A pesquisa resultou na produção de um extenso material, incluindo dez filmes-documentários, etnomapas e inventários de centenas de bens, sem a pretensão de esgotar tais informações, porém, considerando toda a diversidade do patrimônio cultural - artefatos, estruturas, sítios, conjuntos, lugares, modos de vida/saber fazer/ofícios, paisagens, hídricos e demais bens de interesse material e imaterial - dos territórios das comunidades.

A realização de oficinas de cartografia social nas comunidades respeitou o conhecimento espacial tradicional, sociocultural, coletivo da terra e a identificação espontânea das suas memórias, lugares e histórias, sítios arqueológicos, colaborando para a organização e articulação comunitária e territorial. Os registros audiovisuais, conjugados com a edição de fotos, etnomapas e desenhos, colaboram ainda para a organização de um acervo documental e imagético inédito, sendo o primeiro no formato coletânea, e os demais, sobre cada comunidade. Espera-se que a amplitude de dados e materiais produzidos, além de incentivar o desenvolvimento de atividades e programas de base cultural, possam também subsidiar publicações temáticas futuras, como cartilhas, livros e também outros projetos visando à proteção dos territórios tradicionais da região do Serro.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa, componente do Projeto Quilombo Vivo, foi realizada pelo Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva-CEDEFES, com o apoio do Ministério Público de Minas Gerais-MPMG e da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais-N'Golo. Nossos agradecimentos aos moradores e moradoras de Barra da Cega, Serra da

Bicha, Bica D'Água de Cima, Bica D'Água de Baixo, Jacutinga, Gameleira, Mumbaça, Floriano, Cardoso e Amaral.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAETA, Alenice & RAFAEL, Hugo S. *Projeto Quilombo Vivo Patrimônio Cultural Eixo 3 Município Serro, MG.* (Relatório Final) Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva-CEDEFES; Ministério Público de Minas Gerais-MPMG; Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais-N'Golo. Belo Horizonte, 2023. 942 p.

PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA ÁREA CORE DO MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO ESPINHAÇO: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS

Valdinêy Amaral Leite

(Instituto de Geociências – IGC/UFMG - valdineyal@msn.com)

Bernardo Machado Gontijo

(Instituto de Geociências - IGC/UFMG - gontijob9@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A área de estudo está inserida na porção meridional do orógeno do maciço da Serra do Espinhaço, local de diversas ocupações que vão desde o período pré-colonial aos contextos históricos e contemporâneos. Rugosidades (SANTOS, 2012:140) destas ocupações de diferentes contextos estão materializadas no espaço por meio dos sítios arqueológicos, nos marcos geográficos – como o Pico do Itambé –, nas estradas e trilhas antigas – como trechos da Estrada Real e Trilha Transespinhaço. De modo oportunístico ou sazonal, as vezes simultâneo, nos mesmos lugares onde se evidenciam vestígios de ocupação pré-colonial, encontram-se camadas de outros contextos associados às atividades garimpeiras iniciadas no século XVIII com a extração do ouro e do diamante e, mais recentemente, do mineral quartzo. Ainda, alguns desses abrigos continuam sendo ocupados por caçadores e catadores de sempre-vivas, indivíduos que utilizam desses locais como depósito temporário ou para passagem de noite.

Diante deste breve contexto, o objetivo geral desta pesquisa é de compreender de que forma o Espaço é constituído por interações híbridas formando Paisagens, Lugares e Territórios ao longo do Tempo, considerando: a análise dos vestígios arqueológicos, a contextualização dos processos geoarqueológicos atuantes e, sob tal embasamento, a dedução sobre como se deu, no passado e no presente, os modos de vida humana nas áreas das UC's supracitadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trilha-se por caminhos transdisciplinares e interdisciplinares entre a Geografia, Arqueologia e as Geociências por meio da propositiva do conceito-metodológico “Espaço Híbrido de Interações” como elo de interface e de análise entre essas ciências e o contexto de estudo. Nesta metodologia, tem-se como eixo mestre o espaço e a disposição dos sítios arqueológicos, os quais se tornam elementares para as análises subsequentes. Parte-se da premissa que o espaço é “uma das dimensões existenciais fundamentais do ser humano e, como tal, o seu plano vivencial” (NAVARRO, 2007) e que, a partir deste plano, se torna “um produto da ação

humana, portanto não é uma realidade dada ou pré-existente, mas produzida socialmente e, como tal, também historicamente” (VILLAFANEZ, 2011:148). Logo, o espaço como produto social é onde ocorrem as mediações, práticas sociais e as criações e reproduções da sociedade. Para Ortega (2004:33-34), o espaço, é um objeto complexo e multifacetado, onde a sociedade materialmente cria e recria, entidades físicas e representações sociais.

Nestes múltiplos contextos da presença e atividade humana, considera-se também, como elemento de análise, as relações temporais e os processos geoarqueológicos. Segundo Leite & Gontijo (*no prelo*), no tempo presente, depara-se com vestígios arqueológicos, paisagens e organizações sociais resultantes de diferentes transformações dos seus respectivos tempos e processos conforme as suas complexidades. Mesmo com “ruídos”, nos dão acesso às dimensões históricas e de como as mudanças ocorreram e ocorrem ao longo do tempo. O tempo possibilitou e possibilita relações e interações culturais, biológicas, químicas e físicas. Destaca-se, inclusive, os processos geoarqueológicos de formação/descaracterização do registro arqueológico “tais como descarte, transformação, acumulação, redeposição, destruição de materiais e depósitos sedimentares” (ARAÚJO, 2001, p.62).

Os métodos e técnicas a serem empregados *a priori* serão escavações, datações, análises estratigráficas dos sedimentos e dos vestígios arqueológicos. Além disso, o geoprocessamento permitirá o cruzamento de variáveis analíticas por meio do processamento dos “layers” como variações altimétricas, declives, rede hidrográfica, litologia, solos, processos erosivos, deposicionais e outros em relação à localização dos sítios e usos do espaço.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira investida de campo no Parque Nacional das Sempre-Vivas, localizou-se 09 sítios arqueológicos e no Parque Estadual do Itambé mais 02 sítios – inéditos na literatura. Nesses sítios, foi possível observar no mesmo espaço, vestígios de garimpos, arqueológicos, caçadores e coletadores de sempre-vivas. Eis, então, a propositiva da metodologia “*Espaço Híbrido de Interações*”, abordagem que permitirá abordar esses múltiplos contextos de modo sistêmico, integrado e dialético. Pondera-se que este *resumo* teve como objetivo divulgar a pesquisa de doutoramento em curso e apresentar preliminarmente as questões metodológicas-teóricas desta propositiva para os estudos arqueológicos nesta porção da Serra do Espinhaço. Ressalta-se que na tese e nas demais publicações, as discussões serão melhor aprofundadas e discutidas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Bernado Gontijo e Andrei Isnardis. Ao Instituto Estadual de Florestas – IEF/MG, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por autorizarem e apoiarem a pesquisa. Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da UFVJM, por ser apoio institucional. Ao Programa de Pós-graduação em Geografia – Instituto de Geociências/UFMG, onde a pesquisa está sendo desenvolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A.G.M. Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo, 2001. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, São Paulo, SP.
- LEITE, V.A.; GONTIJO B. M. Espaço Híbrido de Interações: sítios arqueológicos como elementos Constitutivos dos Lugares, Paisagens e Territórios. Revista Caminhos de Geografia. Uberlândia-MG (no prelo).
- NAVARRO, A.G. Sobre el concepto de espacio. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 17: 3-21, 2007.
- ORTEGA V. X. Los horizontes de la geografía: teoría de la geografía. Barcelona: Ed. Ariel, 2004.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 7ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1996], 2012.
- VILLAFANEZ, E. A. Entre la geografía y la arqueología: el espacio como objeto y representación. Revista de Geografía Norte Grande, núm. 50, pp. 135-150. Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago-Chile, 2011. Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30021286008>

APROXIMACIÓN HISTÓRICA Y CULTURAL DE LA ISLA DE LOBOS

Alejandro Turell
(FHCE, UDELAR, *arturell@gmail.com*),

Director de tesis: José López Mazz.

INTRODUCCIÓN

El presente trabajo presenta material para la comprensión del proceso de antropización de un territorio insular ubicado al sur del Océano Atlántico, en las coordenadas de la desembocadura de la Cuenca del Río de la Plata. Centra su interés en la Isla de Lobos y su biogeografía, rastreando el desarrollo de la principal actividad humana conocida como “el oficio de los loboeros” previo al posterior cese y prohibición de las zafras de lobos marinos, por el Estado Uruguayo en el año 1991.

Esta actividad de aprovechamiento de los recursos costeros a partir de la explotación de pinnípedos tiene registros arqueológicos precoloniales en el hoy territorio de Uruguay. Los registros históricos sitúan esa isla como punto de abastecimiento de lobos durante las visitas de los primeros europeos por el Río de la Plata. Si bien se consolida a partir del SXVIII como recurso explotado, entre los SXIX y el SXX pasa a desarrollarse de manera sistemática en la Isla de Lobos, Departamento de Maldonado y en Cabo Polonio, Departamento de Rocha.

Las estrategias, formas, usos y dinámicas de ocupación humana para esas porciones de tierra aisladas en el mar, llevó a que sean consideradas como “laboratorios” (Keegan y Diamond, 1987) siguiendo el desarrollo de la biogeografía de Mc. Arthur y Wilson (Mc. Arthur, 1997).

En ellas se han proyectado, no sólo distintas sociedades y culturas sino también se les ha otorgado las más diversas funciones a escala planetaria. Por otro lado, no podemos omitir que han sido vistas desde falsos binarismos eurocéntricos entre naturaleza y cultura (Descola, 2011); así como ansiados lugares para destinos turísticos contemporáneos. Finalmente, estos espacios también han sido escenario de las más cruentas disputas por territorio y dominación, dados sus enclaves geográficos estratégicos, aun estando bajo la jurisdicción de centros de poder a miles de kilómetros de distancia.

MATERIALES Y MÉTODOS

El abordaje metodológico comparte la visión de la ecología histórica (Balée, 2006), desde donde la interdisciplina permite realizar un encuadre holístico del fenómeno de estudio.

RESULTADOS

La investigación posibilitó una descripción y actualización del área de estudio, su ecosistema de flora y fauna siguiendo los textos de Vaz Ferreira a partir de sus publicaciones

del año 1950. Da cuenta de la relevancia del enclave geográfico de la Isla de Lobos, describe generalidades de su geomorfología y resume escenarios paleogeográficos para la región (López Laborde et al., 2000; López Mazz et al., 2004; Cavallotto y Violante, 2005; Bracco et al., 2011).

El trabajo aborda la historia de la Isla de Lobos desde las crónicas de las primeras expediciones de europeos en la Cuenca del Río de la Plata. Allí puede apreciarse la relevancia que ésta tuvo para el aprovisionamiento de alimentos. Expone los mapas de origen europeo sobre la propia isla y las distintas toponimias asignadas en orden cronológico. Presenta las formas político- jurídicas y administrativas de organizar el territorio hasta nuestros días y describe el impacto humano sobre las colonias de pinnípedos en los SXIX y XX en el cono sur atlántico del continente Americano.

En Arqueología y Patrimonio, se enuncia los antecedentes arqueológicos sobre las excavaciones de la región del litoral Atlántico uruguayo. Se aborda la temática de la arqueología, el patrimonio cultural y el patrimonio inmaterial (Bayardo, 2007; Cabrera, 2010). En Arte y Patrimonio Cultural se sintetizan y ponen en consideración los elementos culturales relativos a las loberías, realizándose un abordaje enmarcado en la Arqueología industrial (Galván, 2009; Vergara, 2011) y la Arqueología visual (Clarke, 1977; Fiore, 2011; Ghuda, 2013) a partir de las imágenes disponibles del asentamiento humano.

El abordaje desde la Etnografía, describe el clima social y cultural donde desarrollaron el oficio los “últimos loberos”, sus estrategias de vida y caza de lobos marinos. Exhibe las tareas de campo realizadas en la Isla de Lobos junto al “Último lobero”, transcribiendo fragmentos de las entrevistas, sus conocimientos y los testimonios orales.

CONCLUSIONES

La diversidad de insumos interdisciplinarios confluyen al momento de aportar conocimiento antropológico acerca del territorio en tanto lugar geográfico y su proceso de ocupación, contribuyendo a una visión más integral del fenómeno (holística), aspectos claves para la comprensión sobre las dinámicas entre humanos, ambiente y territorio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balée, W. (2006). *The research program of historical ecology. Annual review of anthropology*, 2006.
- Bayardo, Rubens. Cultura y desarrollo. ¿Nuevos rumbos y más de lo mismo?. En: Teorías & Políticas da cultura. Gisele Marchiori (org). Salvador, Bahía. p.68-94, 2007.
- Bracco, R., García, F., Inda, H., Del Puerto, L., Castiñeira, C.; Panario, D. *Niveles relativos del mar durante el Pleistoceno final-Holoceno en la costa de Uruguay*. El Holoceno en la zona costera de Uruguay. Montevideo, Departamento de Publicaciones, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República (UCUR), p.65-91, 2011.
- Cabrera, Leonel. El patrimonio cultural y los uruguayos. Tarama 02. p.101-113, 2010.

- Cavallotto, J.L y Violante, R.A. *Rio de la Plata*. En: de Barrio, R.E, et al. (Eds.), Relatorio Geología de la Provincia de Buenos Aires. XVI Congreso Geológico Argentino, La Plata, p.237-254, 2005.
- Clarke, David. *Spatial Archaeology*. London, 1977.
- Descola, P. *Más allá de naturaleza y cultura*. Jardín Botánico de Bogotá Celestino Mutis, p.75-96, 2011.
- Fiore, D. *Art in time. Diachronic rates of change in the decoration of bone artefacts from the Beagle Channel region (Tierra del Fuego, Southern South America)*. *Journal of Anthropological Archaeology*, 30(4), p.484-501, 2011.
- Galván, I. C., & Casado Galván, I. *Introducción a la arqueología industrial: origen de la disciplina y metodología*. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. p.8, 2009.
- Guha, Sudeshna. *Photographs and Archaeological Knowledge*. *Ancient Asia* 4. p.1-19, 2013.
- Keegan, William y Diamond Jared. *Colonization of Islands by Humans: A Biogeographical Perspective*. *Advanced in Archaeology and Theory*, Vol.10. p.49-91, 1987.
- López Mazz, José Ma.; Gascue, Andrés y Moreno, Federica. *La prehistoria del este de Uruguay: cambios culturales y ambientales*. En: *An Murcia*, 19-20, p.9-24, 2004.
- Vaz Ferreira, R. *Observaciones sobre la Isla de Lobos*. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*. Montevideo. p.145-176, 1950.

NARRATIVAS DO FIM DO MUNDO: QUESTÕES CLIMÁTICAS E A ARQUEOLOGIA.

*Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho
(Nepam/Unicamp, contato: alineap@unicamp.br)*

INTRODUÇÃO

O fim do mundo já foi enfrentado por diferentes civilizações na história do planeta terra. Airton Krenak (2019), Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), Malcon Ferdinand (2022) são apenas alguns exemplos que nos trazem narrativas testemunhais que desvelam as reflexões dos sobreviventes ao fim de um mundo por eles conhecidos. Nestas reflexões podemos encontrar provocações sobre o nosso presente: frente à uma nova catástrofe ambiental, o que restará das diversas comunidades humanas?

Para além das narrativas que recorrem ao saber ancestral, no universo arqueológico, não é raro encontrarmos pesquisas que buscam estratégias de resiliência de diferentes grupos humanos do passado para manter hábitos e culturas após mudanças drásticas no ambiente. Essas estratégias são usadas como “inspirações” para o tempo presente. Tais estudos foram traçados a partir das experiências da chamada antiguidade americana (Seligson, 2022), da antiguidade do oriente próximo (Rosen, 2007), da pré-história do sul asiático (Schug, 2017), entre tantas outras.

Todos esses estudos partem da mesma premissa: estamos diante de uma catástrofe e só nos resta aprender com o passado para promover um futuro minimamente viável ao ser humano. Os relatórios do Painel Intergovernamental do Mudanças Climáticas não nos trazem notícias diferentes.

Mas diante do fim do mundo, o passado tem algo para nos ensinar? O que temos aprendido? O que faremos diante do nosso fim civilizacional? Como na música de Paulinho Moska:

Meu amor/ O que você faria se só te restasse esse dia? / Se o mundo fosse acabar, /
Me diz o que você faria/ (...) ia manter sua agenda/ De almoço, hora, apatia/ Ou esperar
os seus amigos/ Na sua sala vazia (...)/ Corria prum shopping center/ Ou para uma
academia/ Pra se esquecer que não dá tempo/ Pro tempo que já se perdia/ Andava
pelado na chuva/ Corria no meio da rua(..)

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/paulinho-moska/48073/>)

E, por fim, estamos imóveis? De acordo com o biólogo Randy Olson, “o clima é possivelmente o assunto mais entediante que o mundo da ciência já teve de apresentar ao público” (Madalosso, 2022). Para Giovana Madalosso, o tema pode soar como tão repulsivo que chegaria a gerar um processo de negação por parte da audiência de nossos estudos. A paralisia diante da falta de saídas frente às crises climáticas e todas suas consequências geraria em nós uma “crise da cultura e, portanto, da imaginação”. Para Amitav Ghosh (2016),

também citado por Madalosso, com tão poucos sonhos e tão entorpecidos por telas, não somos capazes de conceber novas soluções para aquilo que vivemos.

Da parte que nos cabe, o que podemos fazer diferente? O presente ensaio traz uma reflexão sobre as narrativas pessimistas e otimistas sobre a crise climática. Isso para pensarmos como podemos trabalhar o tema dentro da arqueologia de forma a produzir ações mais efetivas, ou, ao menos, possibilidades de sonhos que nos permitam engendrar novos sonhos para o presente e o futuro.

MATERIAIS E MÉTODOS

O ensaio foi produzido a partir da análise de publicações no campo das ciências humanas e dos conhecimentos ancestrais sobre o fim do mundo (gerado diretamente por mudanças no ambiente, sejam os gatilhos das transformações antrópicas ou não). Com essas reflexões, e tendo como desafio o trabalho junto às comunidades do litoral norte de São Paulo a partir da vulnerabilidade do patrimônio arqueológico frente às mudanças ambientais (Pesquisa Fapesp n. 2019/ 06579-7), propomos novas abordagens na interface da Arqueologia Pública e Mudanças Climáticas (Nimura; Dawson; López-Romero; Daire, 2017).

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O texto apresentado possui um caráter ensaísticos e, nesse sentido, mapeia incômodos e possibilidades de ações para um futuro próximo. No caso, estamos partindo da premissa de que a percepção da catástrofe inevitável paralisa diferentes comunidades. A busca por outras estratégias de ação, pautadas nas experiências passadas e presentes, pode ser fundamental para a criação de novas formas de resiliência. Como trabalhado por Rebecca Solnit e Thelma Young Lutunatabua (2023), *“is not too late”* para criarmos sonhos e engendrar saídas para o futuro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fapesp pelo financiamento da pesquisa sobre mudanças climáticas e patrimônio arqueológico, desenvolvida em Ubatuba (litoral de São Paulo), à comunidade quilombola do Camburi, pela experiência de luta, ao CNPq pela bolsa produtividade, aos alunos do Laboratório de Arqueologia Pública *Paulo Duarte*, pela inspiração que a juventude nos traz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dawson, Tom; Nimura, Courtney; López-Romero, Elías; Daire, Marie-Yvane. *Public Archaeology and Climate Change*. Oxbow Books. Edição do Kindle.

Ferdinand, (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.

- Ghosh, Amitav (2016). *The Great Derangement: Climate Change and the Unthinkable*. Belim: The University of Chicago Press.
- Krenak, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kopenawa, David.; Albert, Bruce. (2015). *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Madalosso, Giovana (2022). "Quando a ficção não é o bastante - enchendo os pulmões e soprando com força". p. 17/18. Em: Secches, F. (org). *Depois do Fim - conversas sobre literatura e antropoceno*. São Paulo: Editora Instante.
- Nimura, Courtney; Dawson, Tom; López-Romero, Elías; Daire, Marie-Yvane (2017). *Public archaeology and climate change: reflections and considerations*. Oxbow Books. Edição do Kindle.
- Rosen, Arlene Miller. (2007). *Civilizing Climate: Social Responses to Climate Change in the Ancient Near East*. Lanham: Altamira Press.
- Schug, Gwen Robbins (2017). *Bioarchaeology and Climate Change: A View from South Asian Prehistory*. Florida: University Press of Florida.
- Seligson, Kenneth E (2022). *The Maya and Climate Change: Human-Environmental Relationships in the Classic Period Lowlands*. USA: Routledge.

OS SÍTIOS DE ATERROS NO PANTANAL E SUA RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO HOLOCENO

Luana Campos

(UFMS, Campus Pantanal. luana_campos@ufms.br)

O holoceno, enquanto período geológico, está longe de ser considerado uniforme e/ou homogêneo quanto as condições climáticas (MAYEWSKI, 2004), sendo identificado pela paleoclimatologia, a existência de eventos cujos efeitos podem ser evidenciados no hemisfério sul. Para a região do pantanal, estudos sobre depósitos de areias nos leques aluvionares do Taquari, por exemplo, aponta para indicadores de clima frio até 8.6 ka BP com incremento rápido de humidade após esse período e outros impactos nas lagoas da região (SOARES *et al.*, 2003; ASSINE, 2003; GUERREIRO, 2016).

As transformações provenientes das condições climáticas do holoceno médio, que alteraram características hídricas do pantanal são apontadas por AB'SABER, em 1988, no seu texto sobre o Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios e redutos (AB'SABER, 1988), demonstrando que a região foi influenciada pelos eventos e alterações climáticas.

As pesquisas arqueológicas realizadas no pantanal até o momento demonstram uma grande potencialidade no campo das relações humanas e do meio ambiente. Entre os primeiros pesquisadores está SCHMITZ (et al., 2009) defende que "A ocupação seria mais intensa no tempo das águas baixas, quando os recursos estão concentrados no rio e nas mencionadas lagoas" (pag. 322-323).

A dinâmica das águas que não foi constante durante o holoceno (SOARES *et al.*, 2003) e tão pouco similar ao que temos atualmente. Assim, a premissa de grupos que retornam constantemente para os *grandes* acampamentos só faz sentido para os últimos anos, para as ocupações mais recentes, sendo possivelmente distinta para os períodos de médio e tardio holoceno.

Fica claro também, na teoria apresentada que há uma relação de dependência entre os povos que ocupavam o pantanal e a dinâmica ambiental de maior ou menor oferta de recurso, contudo, o tipo de sítio mais característico da região são os aterros.

Os aterros denotam uma outra concepção de territorialidade, de permanência de organização de trabalho, de relação com o território, transformações no ambiente e a aplicação do trabalho colaborativo que está mais próxima das organizações sociais semi sedentárias, com possíveis deliberações de funções e especialização do trabalho, o que nos leva a outro questionamento sobre a relação entre a cerâmica e agricultura, uma vez que o semi sedentarismo é um modo consistente de ocupação com o manejo de plantas

Entretanto, haveria outras formas de ocupação mais antiga? O sítio CP-MS-22 aponta para soluções similares com estruturas distintas, ou seja, os sítios mais antigos poderiam

fugir à estrutura de aterros em capões-de-mato. Esta é a Hipótese a ser trabalhada no projeto que trata esse resumo, pois, uma questão chave para a arqueologia do pantanal são os poucos sítios com datações antigas e a ausência de evidência de grupos entre 7 e 5 mil anos, considerado como um hiato do holoceno médio (AGUIAR, 2020).

As questões apresentadas serão abordadas através da revisitação dos sítios das grandes lagoas, o sítio mais antigo e prospecções nas áreas das paleolagoas e trajeto antigo do rio Paraguai, além de trabalho de laboratório para uma revisitação das peças cerâmicas e líticas, com parceria de especialistas nas respectivas áreas, levantamento de potencialidade arqueológica por sensoriamento remoto e análise de fitólitos em laboratório especializado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios e redutos de 1988**. A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber. Tradução. São Paulo: Beca-BALL Edições, 2010.

AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de. A ocorrência do caramujo terrestre *Megalobulimus* em um sítio arqueológico de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Scientiae et Technicae**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 73 - 82, jul. 2020.

ASSINE, Mario Luis. Sedimentação na bacia do Pantanal mato-grossense, centro-oeste do Brasil. 2003.

BALÉE, William. O programa de pesquisa da Ecologia Histórica. **Cadernos do LEPAARQ. Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, p. 180-212, 2017.

ANDREOLI, Rita V.; KAYANO, Mary T. ENSO-related rainfall anomalies in South America and associated

BESPALAZ, Eduardo. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos avançados**, v. 29, p. 45-86, 2015.

BIANCHINI, G. F., Gaspar, M., DeBlasis, P., & Scheel-Ybert, R. (2011). Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. **Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia**, (21), 51-69.

CALEGARI, M. R., Souza, E. de, Mozer, J. H., Marcolin, L., & Fonseca, C. F. da. (2022). **Fitólitos – Uma ferramenta para estudos de reconstituição paleoambiental : Conceitos e revisão sobre aplicações no Brasil**.

DE OLIVEIRA, Jorge Eremites; VIANA, Sibeli Aparecida. O centro-oeste antes de Cabral. **Revista Usp**, n. 44, p. 142-189, 1999.

GUERREIRO, Renato Lada. **Mudanças paleoambientais no Holoceno em lagoas salinas do Pantanal da Nhecolândia**. 2016.

LÓPEZ MAZZ, J. .; ROSTAIN, S.; MCKEY, D. . Cerritos, tolas, tesos, camellones y otros montículos de las Tierras Bajas de Sudamérica. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 86–113, 2016. DOI: 10.24885/sab.v29i1.444.

MAYEWSKI, Paul A. et al. Holocene climate variability. **Quaternary research**, v. 62, n. 3, p. 243-255, 2004.

OLIVEIRA, J. E. de. (2021). Ambiente e cultura no contexto da ocupação indígena da planície de inundação do Pantanal. **Fronteiras**, 3(6), 9-34.

ROGGE, Jairo. H. A ocupação antiga no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Revista Clio de Arqueologia**, v. 14, p. 343-352, 2000.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, Rogge, J. H., Rosa, A. O., Beber, M. V., & FREITAS, E. D. Aterros da Tradicao Pantanal. Nas fazendas Sagrado Coracao de Jesus e Bodoquena, Corumbá, MS. **Pesquisas, Antropologia**, v. 67, p. 321-374, 2009.

SILVA, Luciano P. Memórias de Lourenço: aterros, territorialidade e patrimônios culturais no Pantanal. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, 2023.

SOARES DE MORAIS, AMANDA LUIZA, APARECIDA MARTINS, D. E. N. I. Z. E., MORONARI ANDRADE, L. E. T. T. I. C. I. A., FERNANDES PEREIRA, R. S., & MACEL OLIVEIRA, T. I. A. G. O. ANÁLISE GRANULOMÉTRICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Journal of Exact Sciences**, v. 28, n. 1, 2021.

SOARES, Ana Paula; SOARES, Paulo Cesar; ASSINE, Mario Luis. Areiais e lagoas do Pantanal, Brasil: herança paleoclimática? **Brazilian Journal of Geology**, v. 33, n. 2, p. 211-224, 2003.

EVIDÊNCIA DE CANIBALISMO EM REMANESCENTE ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEMPLO DOS PILARES, ALCINÓPOLIS, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar
Laboratório de Arqueologia | Universidade Federal da Grande Dourados
rodrigoaguiar@ufgd.edu.br

INTRODUÇÃO

Nos últimos doze anos, a equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) conduziu diversas atividades de pesquisa em Alcinópolis. Além do levantamento de arte rupestre, que possibilitou o cadastramento de diversos sítios, foram feitas duas campanhas arqueológicas com a finalidade de escavar o emblemático Templo dos Pilares, um amplo abrigo sustentado por espessas colunas naturais, com sinais de ocupações humanas pretéritas.

As duas escavações objetivaram estabelecer a cronologia para as ocupações humanas pré-históricas, criando relações entre povoamento e produção da arte rupestre. A primeira ocupação se deu por caçadores e coletores arcaicos, entre 10.735 e 8.215 A.P., muito parecidos com os descritos anteriormente (SCHMITZ *et al*, 1984; SCHMITZ *et al*, 1986; VERONEZE, 1992; SCHMITZ, 1999; EREMITES DE OLIVEIRA & VIANA, 2000). Estes primeiros povoadores seriam os autores das pinturas rupestres (AGUIAR, 2017). A esta ocupação sucedeu um vazio de quase três mil anos, fenômeno conhecido como Hiato do Holoceno Médio (ARAÚJO *et al*, 2003) e que pode estar relacionado a fenômenos climáticos (MELO & MARENGO, 2008). Em 5.422 A.P. aparecem os primeiros vestígios de caçadores e coletores tardios, ocupação que persiste até 2.763 A.P. e se relaciona com a produção de gravuras rupestres (AGUIAR, 2017).

Na faixa de 3.000 A.P. é quando se registra o ápice desta última ocupação, com a presença de enormes fogueiras e fartas evidências de material lítico, vestígios alimentares e alguns fragmentos de cerâmica tipicamente Jê. O período de ocupação, bem como a data de abandono do sítio, também são congruentes com os dados relacionados aos Jê arqueológicos e sua migração do Centro-Oeste para as terras do Sul do Brasil (URBAN, 1998; SCHMITZ & ROGGE, 2013).

A segunda campanha de escavação revelou dois fragmentos de calota craniana, encontrados no contexto da ocupação mais recente, com claras marcas de corte. Além disso, amostras de areia vitrificada comprovam que os fogos chegaram a atingir mais de 1.200°C.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os testes genéticos foram feitos no Instituto de Perícias Criminalísticas de Campo Grande e as datações radiocarbônicas submetidas ao Beta Analytic (EUA – primeira campanha) e

ao Leibniz Laboratory for Radiometric Dating and Stable Isotope Research, da Christian-Albrechts-University of Kiel (Alemanha – segunda campanha). Os ossos foram analisados em microscopia ótica, com aumento de 80x, bem como por microscopia digital, com aumento de até 200x.

RESULTADOS

Os testes genéticos feitos nos dois fragmentos de calota craniana registraram a presença de dois cromossomos X, indicando que se trata de uma pessoa do sexo feminino. A microscopia ótica revelou fraturas retas e limpas, bem como marcas de corte sobre a superfície do osso, comprovando o uso de instrumentos para remoção dos tecidos. A coloração dos ossos e o estado de conservação indicam que os mesmos foram submetidos a cozimento. A grande quantidade de fogueiras e a alta temperatura reforçam a ideia de que se trata de um espaço ritual privilegiado, cujas práticas (canibalismo, tratamento de mortos, congregação) ainda nos escapam.

CONCLUSÕES

As duas campanhas permitiram aportar dados muito concretos sobre a cronologia do sítio, em seus dois momentos de ocupação. O claro contexto ocupacional também permitiu relacionar os habitantes com os grafismos rupestres, sendo os caçadores e coletores arcaicos os autores das pinturas rupestres, ao passo em que as gravuras seriam obra da ocupação mais recente. Contudo, foram as claras marcas de corte presente nos dois fragmentos de calota craniana que mais chamou a atenção. A coloração dos ossos e os tipos de corte apontam prática de canibalismo, o que abre uma nova perspectiva sobre o papel ritual do Templo dos Pilares. Os dados das escavações também reforçaram a ideia de que os caçadores e coletores tardios se converteram, mais tarde, nos grupos Jê arqueológicos (WUST, 1990; MORALES, 2008; AGUIAR, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. L. S. Petroglyphs of footprints in the Brazilian State of Mato Grosso do Sul: genesis and stylistic diffusion. **Acta Archaeologica**, v. 88, 2017, p. 205-216.

ARAUJO, A. G., NEVES, W. A., & PILO, L. B. Eventos de seca no Holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central. In: **Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário** (ABEQUA), 2003.

DIAS DE MELO, M. L. & MARENGO, J. A. Simulações do clima do Holoceno Médio na América do Sul com o Modelo de Circulação Geral da Atmosfera do CPTEC. **Revista Brasileira de Meteorologia**, Vol. 23, No. 2, 2008, p. 190-204.

EREMITES DE OLIVEIRA, J.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Revista USP**. São Paulo, v. 44, n. 1, p. 142-189, 2000.

MORALES, W. F. **Brasil Central, 12.000 anos de ocupação humana no médio curso do Rio Tocantins, TO**. São Paulo: Annablume, 2008.

SCHMITZ, P. I. Caçadores-coletores do Brasil Central. In. TEMÓRIO, M. C. **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, p. 75-88.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Pesquisando a trajetória do Jê meridional. **Pesquisas**, Série Antropologia No. 70, 2013, p. 07-33.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. **Arte Rupestre no Centro do Brasil** – pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 1984.

SCHMITZ, P. I.; RIBEIRO, M. B.; BARBOSA, A. S.; BARBOSA, M. O.; MIRANDA, A. F. **Caiapônia: arqueologia nos cerrados do Brasil Central**. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 1986.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: Manuela Carneiro da Cunha, **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 87-102.

VERONEZE, E. **A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 1992.

WÜST, I. **Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1990.

A ONÇA NO MEIO DA SALA: BIOARQUEOLOGIA E DIREITOS INDÍGENAS NO BRASIL

Gabriela Oppitz
Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia,
Universidade Federal de Santa Catarina
(gabrielaoppitz@gmail.com)

Lucas de Melo Reis Bueno
Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia,
Universidade Federal de Santa Catarina
(lucasreisbueno@gmail.com)

Luciane Zanenga Scherer
Museu de Arqueologia e Etnologia,
Universidade Federal de Santa Catarina
(luscherer@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Há uma disjunção entre a legislação arqueológica e a legislação que dispõe sobre os direitos indígenas no Brasil, o patrimônio arqueológico sendo incluído no rol do patrimônio cultural nacional e legalmente alienado do patrimônio cultural indígena. Por um lado, essa disjunção expressa processos históricos engendrados por movimentos distintos, um tecnocrata e cientificista e outro indígena e indigenista. Por outro lado, expressa um descolamento entre o passado e presente dos povos indígenas, oriundo da construção de uma modernidade colonial.

Este trabalho levanta o debate dos direitos indígenas no âmbito da bioarqueologia por meio da apresentação de dois estudos de caso. Um deles diz respeito à reivindicação de lideranças Laklãnõ Xokleng sobre os remanescentes de seus ancestrais expostos no Parque Municipal Gruta do Tigre (Rio do Oeste/SC). O outro se refere ao estudo de uma estrutura funerária do sambaqui Carniça I (Laguna/SC), desenvolvido com anuência e participação de estudantes Kaingang, Guarani e Laklãnõ Xokleng da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC.

BIOARQUEOLOGIA E DIREITOS INDÍGENAS

Embora as discussões em torno dos museus indígenas e da fruição e gestão compartilhada de acervos estejam ganhando cada vez mais espaço e amenizando alguns dos efeitos dessa disjuntura (e.g., CURY, 2016; ROCA, 2015), a questão da restituição de coleções ou da consulta prévia no contexto da pesquisa arqueológica em coleções sensíveis não são frequentemente abordadas.

A questão dos direitos indígenas sobre as coleções sensíveis vem rondando e se impondo como uma pauta inevitável pelo menos desde a promulgação do NAGPRA em 1990. No Brasil, as menções ao tema são poucas e, com exceção de Ferreira e Funari (2008) e Andrade Lima (1994), geralmente breves e apresentadas por bioarqueólogos que reconhecem os direitos indígenas, citam o NAGPRA e, em seguida, constataam ou lamentam a ausência de uma política semelhante no Brasil (e.g., ALMEIDA, 2018; LESSA, 2010; MENDONÇA DE SOUZA, 2019). A onça, resoluta no centro da sala, acaba sendo contornada a partir de um compromisso ético pautado na conservação das coleções, sem que o debate seja avançado.

Em meio à inexistência de diretrizes explícitas sobre procedimentos de consulta no âmbito do IPHAN ou no Código de Ética da SAB, a questão dos direitos indígenas sobre as coleções sensíveis se perde no campo nebuloso da razoabilidade e ética pessoal, de movimento ainda mais dificultado em contextos antigos sem filiação cultural arqueologicamente estabelecida, como os sambaquis.

ESTUDOS DE CASO

Retomada Kuzum Lavan

Entre fevereiro e abril de 2023, indígenas Laklãnõ Xokleng estabeleceram a retomada Kuzum Lavan na área do Parque Municipal da Gruta do Tigre, em José Boiteux/SC, motivada pela exposição de remanescentes dos seus ancestrais como ponto turístico num monumento em homenagem aos primeiros habitantes do vale do Itajaí. A retomada contestava a presença dos remanescentes ancestrais na caixa expositora e reivindicava sua restituição ao povo Laklãnõ Xokleng.

Estrutura funerária do sambaqui Carniça I

O projeto de conservação, restauração e escavação da estrutura funerária do sambaqui Carniça I, coletada e transportada em 1966 para o Instituto de Antropologia (hoje, MARquE), foi elaborado ao longo de 2022 com anuência de estudantes Guarani, Laklãnõ Xokleng e Kaingang da Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e vem sendo desenvolvido com sua participação desde o início de 2023. As atividades envolveram a escuta sobre as expectativas com o projeto, a realização de um ato simbólico de abertura e a participação na escavação.

DISCUSSÃO

Os estudos de caso apresentados revelam diferentes formas de relação entre os povos indígenas e os remanescentes de seus ancestrais. Enquanto um deles aborda a restituição de remanescentes ancestrais possivelmente diretos, o outro trata da consulta e participação dos povos indígenas no estudo de um sambaqui com cerca de 4000 mil anos. Evidenciam, portanto, que apesar de o movimento indígena no Brasil estar pautado em outras prioridades e apesar da antiguidade de alguns contextos arqueológicos, há reivindicação, identificação e interesse na retomada dessas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas entre as comunidades indígenas e os remanescentes arqueológicos de seus ancestrais são diversas e as soluções encontradas serão próprias do movimento indígena no Brasil e dos contextos histórico-culturais locais, podendo ser muito semelhantes ou muito diferentes de políticas como o NAGPRA. Ademais, a ausência de legislação ou diretrizes específicas e eventuais dificuldades de filiação cultural do ponto de vista arqueológico não eximem arqueólogos de sua responsabilidade em observar os direitos indígenas sobre os acervos sensíveis com os quais trabalham.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos povos Guarani, Laklãnõ Xokleng e Kaingang e enfatizamos que Santa Catarina é território indígena milenar. Este estudo se dá no âmbito do projeto “Rios, conexões e movimentos: dinâmicas de interação humana entre litoral e interior durante o Holoceno no vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil” (Processo CNPq 406443/2021-1) e do projeto “Conservação, restauração e estudo de estrutura funerária em argila policromada do sambaqui da Carniça I”, financiado pela Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura (Edição 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thaís V. S. *A Respeito dos Mortos: Remanescentes Humanos do MAX e suas Implicações Éticas*. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

ANDRADE LIMA, Tânia. Restos Humanos e Arqueologia Histórica: uma Questão de Ética. *Historical Archaeology in Latin America*, v. 5, p. 1–24, 1994.

CURY, Marília X. (ed.). *Direitos indígenas no museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

FERREIRA, Lúcio M.; FUNARI, Pedro Paulo. Em busca de crânios perdidos: museus, repatriação arqueológica e o valor da diversidade. *Revista Museu*, v. 1, p. 1–2, 2008.

LESSA, Andrea. Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas. *Arquivos do Museu Nacional*, v. 68, n. 1-2, p. 3-16, 2010.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. Bioarqueologia no Brasil: constituindo um campo, consolidando um conceito. *Ciência e Cultura*, v. 71, n. 2, p. 25-30, 2019. doi: 10.21800/2317-66602019000200010

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 123-156, 2015. doi: 10.1590/0104-93132015v21n1p123

**ST12 - ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E MEMÓRIAS AFROI'NDIGENAS -
PROTAGONISMOS, EPISTEMOLOGIAS E REIVINDICAÇÕES COLETIVAS**

**DE CAMINO A BRASIL: CANARIAS COMO LUGAR DE TRÁNSITO
EN LA DIÁSPORA AFRICANA**

Alejandra C. Ordóñez

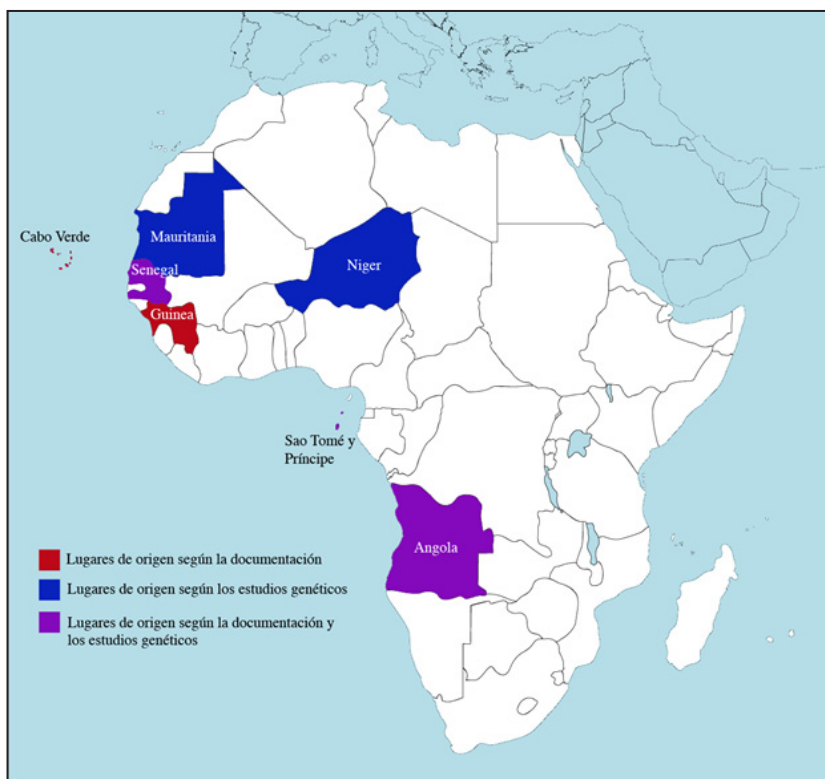
*(Departamento de Ciencias Históricas, Universidad de las Palmas de Gran Canaria,
G.I Tarha. E-mail: alejandra.caldeon@ulpgc.es)*

En la Edad Moderna, a partir de la conquista por parte de los europeos del continente americano, se estableció una red de comercio tricontinental, entre Europa, África y América. El intercambio se basaba principalmente, aunque no exclusivamente, en las materias primas que proporcionaba América, sobre todo metales como el oro y la plata, productos manufacturados procedentes de Europa, y la mano de obra africana proveniente de la trata de esclavos, con la consiguiente Diáspora Africana. Las Islas Canarias, debido principalmente a su ubicación, se convirtieron en un punto estratégico de este comercio, y por lo tanto en partícipes de la trata de esclavos. La presencia de esclavos negros se puede rastrear en el Archipiélago en los primeros años después de la finalización de la conquista por parte de la Corona de Castilla en 1496. En un principio los esclavos venían de los rescates llevados a cabo en la costa de Berbería. Sin embargo, sería a comienzos del siglo XVI cuando llegaron en mayor proporción de mano de los portugueses que tenían factorías como las de Cabo Verde y la costa de Guinea. Ya en el siglo XVII, estas expediciones serían llevadas a cabo por compañías canario-lusitanas cuyo destino principal era la costa de la zona de Angola (ORDÓÑEZ *et al.*, 2014). En el siglo XVI la esclavitud estuvo fundamentalmente vinculada a los ingenios azucareros, que luego declinaron al no poder hacer frente a la competencia americana. Por lo tanto, para el siglo XVIII la mayoría de los esclavos se destinaban a labores domésticas y eran vistos, mayoritariamente, como un elemento de prestigio.

El tema de la esclavitud en Canarias ha sido estudiado, sobre todo desde el punto de vista de la documentación, ya desde los años ochenta del siglo XX (LOBO CABRERA, 1982). En éstos se ha profundizado sobre todo en el análisis de los protocolos notariales para estudiar las diferentes transacciones a través de las diversas tipologías escriturarias: cartas de venta, de alhorría, donaciones y testamentos, entre otros (VIÑA BRITO, 2006). Sin embargo, en los últimos años diversos estudios interdisciplinares han permitido ahondar aún más en la complejidad de este fenómeno. Entre ellos destacan el realizado en Finca Clavijo, donde se pudo estudiar una población población multiétnica enterrada allí entre los siglos XV y XVII y relacionada con

una plantación azucarera. Los resultados de este análisis permitieron establecer que estaba compuesta por poblaciones aborígenes de canarias, así como por población proveniente del norte de África y del África Subsahariana (SANTANA *et al.*, 2016). También merece la pena resaltar el estudio genético de las poblaciones enterradas en la Iglesia de la Concepción de Santa Cruz de Tenerife en el siglo XVIII, donde se identificaron diversos individuos de procedencia subsahariana, en proporciones bastante mayores que las de las poblaciones actuales de Canarias. Como ya se mencionó, en este caso estas poblaciones estarían más relacionadas con los ambientes domésticos y urbanos del puerto de Santa Cruz (MACA-MEYER *et al.*, 2005).

A partir de estos datos se realizó un estudio que pretendía ir un poco más allá en el intento de identificar a las personas que hicieron parte de la Diáspora. Para ello, se unieron los datos genéticos y documentales de las poblaciones allí enterradas en el s.XVIII. El objetivo era establecer la relación entre estos individuos y su posible lugar de origen. Los resultados permitieron establecer vínculos no sólo con África sino también con localizaciones americanas inmersas en el comercio de esclavos (ORDÓÑEZ *et al.*, 2014). A partir del estudio de la documentación publicada por Sanz de Magallanes (2001) sobre los libros de entierros de la Iglesia de La Concepción de la segunda mitad del siglo XVIII se identificaron 2673 personas de las cuales se mencionan 14 de raza negra y las procedencias indicadas son: 1 Portugal, 3 Angola, 1 La Habana, 1 Islas de Cabo Verde, 4 Senegal, 1 América, 1 Guinea. Con respecto a los resultados genéticos, los linajes encontrados en este yacimiento tienen matches con poblaciones procedentes de lugares como Níger, Senegal, Angola, Mauritania, afroamericanos de Filadelfia, Azores Sao Tomé y Príncipe y otras poblaciones afroamericanas.



Estos resultados abren una nueva línea de investigación que proponemos como vía de futuro. Nuestro interés es el análisis interdisciplinar de diferentes enclaves de la Diáspora Africana, sobre todo en aquellos lugares donde este tráfico tuvo mayor importancia, como Brasil, Cuba o Estados Unidos. El objetivo es dilucidar los caminos personales seguidos por estos individuos, que tuvieron orígenes y destinos concretos y diversos, pero con lugares de tránsito comunes como las Islas Canarias.

AGRADECIMIENTOS

El presente trabajo está financiado por los contratos postdoctorales para la especialización de personal investigador, convocatoria 2020. ULPGC

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOBO CABRERA, M. **La esclavitud en las Canarias Orientales en el siglo XVI (negors, moros y moriscos)**. Las Palmas de Gran Canaria: [s. n.], 1982. 1982.

MACA-MEYER, N.; CABRERA, V.; ARNAY, M.; FLORES, C.; FREGEL, R.; GONZÁLEZ, A. M.; LARRUGA, J. M. Mitochondrial DNA diversity in 17th-18th century remains from Tenerife (Canary Islands). **American Journal of Physical Anthropology**, [s. l.], v. 127, p. 418–26, 2005.

ORDÓÑEZ, A. C.; PÉREZ, A. R.; FREGEL, R.; GÁMEZ MENDOZA, A.; ARNAY DE LA ROSA, M. **Análisis genético y documental de las poblaciones de origen africano en la sociedad canaria del siglo XVIII y su relación con el tráfico de esclavos**. Las Palmas de Gran Canaria: [s. n.], 2014.

SANTANA, J.; FREGEL, R.; LIGHTFOOT, E.; MORALES, J.; ALAMON, M.; GUILLEN, J.; MORENO, M.; RODRIGUEZ, A. The early colonial atlantic world: New insights on the African Diaspora from isotopic and ancient DNA analyses of a multiethnic 15th-17th century burial population from the Canary Islands, Spain. **American Journal of Physical Anthropology**, [s. l.], v. 159, n. 2, p. 300–12, 2016.

SANZ DE MAGALLANES, J. **In Memoriam. Enterramientos en la parroquia matriz de la Concepción**. Santa Cruz de Tenerife: Editora Católica, 2001.

VIÑA BRITO, A. **Esclavos**. Santa Cruz de Tenerife: Gobierno de Canarias. Consejería de Educación, Cultura y Deportes. Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas. Archivo Histórico Provincial de Santa Cruz de Tenerife.. 2006.(Documentos para la Historia de Canarias).

ST14 - ARQUEOLOGIAS DO SUDOESTE DE GOIÁS, SUDESTE DE MATO GROSSO E NORDESTE DE MATO GROSSO DO SUL - PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO E NOVAS PERSPECTIVAS

ANÁLISE TECNO-ESTRUTURAL DE ESQUEMAS DE DEBITAGEM PRESENTES NO HOLOCENO MÉDIO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS ARTEFATOS LÍTICOS DOS SÍTIOS CACHOEIRA DO PINGADOR (MT)

*Andréia Walker da Silva Melo¹
(PROARQ-UFS, andreiawalker@hotmail.com)*

INTRODUÇÃO

Apresentaremos um conjunto de dados parciais, relativos aos esquemas de produção identificados em artefatos líticos provenientes do sítio arqueológico Cachoeira do Pingador (MT), localizado na região centro-sul do estado de Mato Grosso, datados de 5.340+-80 AP. A coleção em análise é proveniente de pesquisas arqueológicas anteriores (VIANA et al., 2002).

Os resultados apresentados derivam de comparações entre os resultados das análises tecnológicas das lascas-suportes e o conjunto de ferramentas presentes na coleção. O principal objetivo, é caracterizar os aspectos tecno-estruturais presentes nos potenciais suportes de ferramentas líticas. Para isso, buscaremos identificar as concepções de debitage, as estruturas volumétricas, os métodos e as técnicas que foram empregados na produção dessas lascas-suportes. As características topológicas, o volume e a qualidade da matéria-prima das lascas-suportes, serão também avaliados à luz da estrutura das ferramentas existentes na coleção, definindo os níveis de predeterminação dessas lascas-suportes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Através da abordagem tecno-funcional, a pesquisa concentra-se em análises tecno-estruturais, com o intuito de compreender em um primeiro momento, as características das lascas-suportes a partir de seus possíveis aspectos funcionais (BONILAURI; LOURDEAU, 2023). Através dessa visão abrangente e global é possível identificar diferentes grupos de artefatos (suportes e ferramentas) que possuam estruturas semelhantes (RAMOS, 2023).

A tecnologia de produção envolvida em um esquema operatório se define por um conceito, um método e técnica(s) (VIANA et al., 2014), sendo que o primeiro diz respeito à organização da estrutura volumétrica do objeto; os métodos envolvem a organização das

etapas de produção, incluindo as sequências de gestos e decisões tomadas pelas pessoas ao produzir um suporte ou confeccionar uma ferramenta. Por outro lado, a técnica refere-se ao meio físico utilizado para realizar o lascamento, abrangendo o modo de aplicação da força (percussão direta, indireta ou pressão), o tipo de percutor (mineral ou orgânico) e o gesto aplicado, que pode ser interno ou periférico.

RESULTADOS

Pela análise tecno-estrutural identificamos as estruturas das lascas-suportes buscadas pelos grupos pretéritos que ocuparam o sítio, sendo que serão apresentadas aqui, algumas delas.

Observamos entre as lascas-suportes, áreas com potenciais para a instalação de ferramentas, como arestas naturalmente cortantes e dorsos laterais ou talões avantajados, com potencial para atuarem como área preensiva e alta volumetria.

Ressaltamos que algumas das estruturas das lascas-suportes identificadas relacionam-se à debitage "C" (BOËDA, 2013). São lascas-suportes volumosas, apresentando dorsos avantajados nas laterais, e/ou talões espessos. Nessa categoria, destaca-se um conjunto de lascas com talões em silhuetas triangular bem-marcadas. Essa característica fez com que as superfícies se tornassem assimétricas. Em geral, esses suportes avantajados exibem uma proporção de córtex e/ou neocórtex variando de 100% a 90%.

Lascas-suportes de estruturas aplainadas foram obtidos especialmente pela debitage em fatiagem, tendo sido reconhecidos dois tipos distintos os quais foram referenciados anteriormente a outros sítios da região da bacia do rio Manso (VIANA, 2002). Em ambos, a área mais espessa ocorre no talão, que poderia estar relacionado à área preensiva.

A matéria-prima mais recorrente é o arenito silicificado, seguido do sílex e calcedônia. Os suportes confeccionados a partir dos seixos são os mais recorrentes, mas também há evidências de seleção de blocos. Em ambos os esquemas de produção a técnica de percussão foi direta, com percutor duro e o gesto utilizado foi o interno.

CONCLUSÕES

Pela análise comparativa entre lascas com potencial para se tornarem suportes de ferramentas e as próprias ferramentas, percebeu-se uma preferência por suportes mais volumosos, de estruturas avantajadas, onde as áreas abruptas teriam sido utilizadas como áreas preensivas. Já os suportes de estruturas assimétricas provocadas pelos talões avantajados e em silhueta triangular, a projeção destacada da ponta estaria integrada à zona ativa da futura ferramenta. A produção de talão com tais características evidencia, também, uma pré-determinação do suporte, onde a sua produção estaria integrada ao funcionamento da ferramenta.

Quanto às lascas-suportes obtidas por fatiagem, também observamos a produção de ferramentas confeccionadas a partir delas. Na ferramenta, a área que preserva o neocórtex

corresponde ao talão ou talão/dorso, a qual foi utilizada como área preensiva. Tanto nas lascas-suportes, como nas ferramentas, percebe-se que a aresta cortante/gume se encontra em direção oposta ao dorso ou talão/dorso neocortical, embora em alguns casos, podem ser tanto opostos quanto adjacentes.

Pela síntese dos dados apresentados, identificar-se uma significativa variedade de estruturas tecno-estruturais nas potenciais lascas-suportes, aqui apenas algumas apresentadas. Essas estruturas estariam integradas a esquemas de funcionamento de futuras ferramentas. É igualmente relevante refletir sobre as razões pelas quais estes artefatos não foram selecionados, o que pode sugerir uma estratégia de otimização de recursos (PÈRLES, 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËDA, E. *Techno-logique & Technologie: Une Paléo-histoire des objets lithiques tranchants*. S/l : @rchéo-éditions, 2013.

BONILAURI, Stéphanie; LOURDEAU, Antoine. *Retour sur trente années de recherches en technologie fonctionnelle*. 2023.

PERLÉS, Catherine. 1992 In search of lithic strategies: a cognitive approach to prehistoric chipped stone assemblage. In: *Representation in Archaeology* / Ed. J. – C. Gardin et C. Perlès. Bloomington and Indianapolis: Ed. Indiana University Press, 223-247.

RAMOS, Marcos. P. *Alteridades Técnicas no Brasil Pleistocênico: uma proposta metodológica para o estudo de Materiais Líticos de Baixa Visibilidade Arqueológica a partir da Abordagem Tecno-Funcional* / Marcos Paulo de Melo Ramos. -- Rio de Janeiro, 2023.

VIANA, Sibeli. A. *Projeto de resgate dos sítios arqueológicos pré-históricos da região da UHE-Manso*. Goiânia: IGPA/UCG, 2002. Relatório final.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe (UFS) e CAPES por propiciar a minha pesquisa. Ao Instituto Goiano de pré-história e antropologia (IGPA) por permitir o acesso às coleções líticas em estudo e por dispor do Laboratório de Arqueologia do Cerrado (LARC). Agradeço igualmente ao meu orientador Paulo Jobim de Campos Mello e minha coorientadora Sibeli A. Viana.

APAGAMENTOS E REGISTROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Rosiclér Theodoro da Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás. silva.rosicler@gmail.com)

Brena Soares Borges

(Acadêmica do curso de Arqueologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. brenasoaresborges@gmail.com)

Ester Rodrigues Resende Moço dos Santos

(Acadêmica do curso de Arqueologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. hadassantos2019@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Serranópolis, localizada no sudoeste do estado de Goiás, está inserida em um importante e significativo contexto cultural pré-colonial, colonial, ambiental e econômico brasileiro. Os dois primeiros estão sendo cada vez mais confirmados em função das pesquisas desenvolvidas pelo IGPA da PUC Goiás, por empresas de consultoria em arqueologia e do setor de agronegócios. A partir da retomada das escavações arqueológicas de natureza acadêmica na área com o projeto de “Escavação do sítio GO-Ja-02, Serranópolis/GO” coordenado por Rubin e Silva (2017), em colaboração com outras instituições de ensino nacionais e internacionais, um pouco mais do patrimônio cultural do município e entorno está sendo resgatado, evitando-se assim o apagamento do patrimônio cultural da comunidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para que se possa haver esse resgate, a metodologia aplicada consiste em um amplo levantamento bibliográfico em fontes digitais e físicas, artigos, livros, dissertações e visitas técnicas relacionadas aos patrimônios pré-colonial, colonial e ambiental, assim como consultas em acervos particulares e encontros com a comunidade local. Também estão sendo realizadas etapas de escavação no sítio GO-Ja-02 e atividades voltadas a educação patrimonial em escolas de ensino médio e fundamental. Desta maneira, está sendo possível levar a população informações inéditas sobre a ocupação da região com a indicação de sítios arqueológicos e eventos históricos. Cabe destacar que em nenhum momento foi realizada entrevistas com moradores.

RESULTADOS

O contexto pré-colonial de Serranópolis é conhecido desde a década de 1970 em consequência, das pesquisas realizadas e coordenadas pelos professores P. I. Schmitz (Instituto

Anchietano de Pesquisas/UNISINOS) e A. S. Barbosa (IGPA/UCG), que na época pesquisaram 27 sítios arqueológicos com manifestações rupestres e cultura material associada a grupos de caçadores-coletores do holoceno antigo e grupos agricultores ceramistas (SCHMITZ *et al.* 2004). Contudo, a cada dia o conhecimento desse patrimônio arqueológico está sendo ampliado, principalmente com projetos de diagnósticos voltados para a preservação e gestão de sítios arqueológicos por meio da arqueologia preventiva e acadêmicos.

O levantamento etnográfico em andamento para o município e região de entorno, indicou ser um território do grupo da etnia Macro-Gê, em específico os Kayapó do Sul, extinto ainda no século XIX (NIMUENDAJU, 1981). Porém a obra de Albisetti e Colbacchini (1942), indica esta mesma área como sendo de ocupação da etnia Bororo Oriental (Orarimogodógue), e preliminarmente confirmada por relatos obtidos com a bisneta de uma das primeiras famílias a se fixar na Serra do Cafezal, hoje Serranópolis.

Nesse rico contexto de ocupação humana um hiato se destaca, especificamente sobre os lugares das antigas aldeias Bororo Oriental e/ou Kayapó do Sul. É frequente a informação de que em determinada fazenda tem um lugar chamado “morada dos índios” ou “onde viviam os índios”, porém, até o momento os locais visitados não apresentaram evidências concretas.

Ataíde (1998) e Albisetti e Colbacchini (1942), apresentam informações sobre conflitos entre colonos e indígenas, mas sem muitos detalhes, como etnia ou mesmo da localização, especialmente da aldeia. Pinto Júnior (2015) discute a ocupação do sudoeste de Goiás, destacando conflitos entre os Kayapó e os colonos, mencionando a resistência indígena aos aldeamentos. Ressalta que:

No final do século XIX, temos um registro: de passagem por Rio Verde, o fotógrafo José Severino Soares fotografou um grupo de índios. Nada sabemos sobre os motivos da fotografia, quem a encomendou, onde foi feita e por qual motivo. Na imagem há uma legenda: Bororos em Rio Verde. Não é possível saber se era realmente um grupo de Bororos, provenientes de Mato Grosso, ou remanescentes dos Caiapós que ainda permaneciam nas proximidades. A legenda pode ser errônea e aplicada de maneira genérica aos diversos índios daquelas paragens. (PINTO JÚNIOR, 2025; p. 56)

Além dessas informações, nos relatos obtidos em fontes bibliográficas também constam a chegada das primeiras levas de fazendeiros no século XIX, provenientes de Minas Gerais e São Paulo voltados para a cafeicultura e criação de gado, assim como de escravos trazidos da Bahia para trabalhar na lavoura, o que provocou conflitos com os indígenas, com destaque para o ocorrido na fazenda Canguçu. Há relatos da presença de alguns remanescentes diretos desses escravos no povoado de Douradinho, distante 50Km de Serranópolis.

A passagem da Coluna Prestes na região na década de 1920 também é mencionada na bibliografia e detalhada por alguns moradores, mais especificamente nas fazendas Maria Barbara e Tinta, cujas sedes pioneiras estão bem preservadas, deixando algumas histórias marcantes na memória de alguns moradores.

CONCLUSÃO

Documentos, relatos e informações orais concedidas por moradores para trabalhos acadêmicos e de arqueologia preventiva desenvolvidos na região dão ciência da presença indígena, de escravos e da passagem da Coluna Prestes. Entretanto, a localização exata das aldeias resulta em uma lacuna quanto a presença humana. Para uma região onde o patrimônio cultural já conhecido é destacado, essa lacuna ou hiato precisa ser minimizado ou elucidado, visando não apenas a complementação de um contexto, mas garantir para gerações futuras um pleno conhecimento da ocupação humana na região e consequentemente do Planalto Central Brasileiro.

Os registros e as evidências detalham a ocupação pré-colonial, colonial e a passagem da Coluna Prestes, em relação aos Kaiapó e/ou Bororo e a presença de escravos, a realidade é de apagamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBISETTI, Cesar; COLBACCHINI, Antonio. *Os Bororo Orientais Orarimogodógue do Planalto Oriental de Mato Grosso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

ATAÍDES, Jézus Marco de. *Sob o signo da violência. Colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás. 1998.

NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etnohistórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro. Fundação Nacional Pró-Memória; IBGE, 1981.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. O sudoeste de Goiás como território de fronteira: a colonização do Certão do Gentio Cayapó (1830-1900). *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.4, n.2, p. 37-61, ago. / dez. 2015.

RUBIN, Julio Cezar Rubin e SILVA, Rosiclér Theodoro da. *Escavação do sítio arqueológico GO-Já-02. Serranópolis/Goiás*. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2017.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osório; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central, Serranópolis III. *Pesquisas Antropologia*, n. 60, 2004.

RETOMADA DAS PESQUISAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GO-JA-02, SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Julio Cezar Rubin de Rubin

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás - rubin@pucgoias.edu.br)

Jordana Batista Barbosa

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná - jordana.batista@unioeste.br)

Rosiclér Theodoro da Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás - silva.rosicler@gmail.com)

Sibeli A. Viana

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás - sibeli@pucgoias.edu.br)

Matheus Godoy Pires

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás - matheus@pucgoias.edu.br)

Elton Angelo Denardin

(arqueólogo independente - elton.ad@hotmail.com)

Domingos Sobrinho Neto

(arqueólogo independente - domingosdesousaneto5@outlook.com)

Welitom Rodrigues Borges

(Universidade de Brasília - welitom@unb.br)

Elio Amorim Lima

(ACOTES - necali.cultur@gmail.com)

João Henrique Silva Porto

(arqueólogo independente - henriquebobby1@gmail.com)

Verônica Wesolowski

(Universidade de São Paulo - wesowski@usp.br)

Renata Estevam

(arqueóloga independente - reestevams@gmail.com)

INTRODUÇÃO

As pesquisas arqueológicas em Serranópolis iniciaram na década de 1970. Schmitz *et al.* (2004) apresentam os resultados das pesquisas com 27 sítios arqueológicos. O sítio GO-Ja-02, abrigo rochoso de arenito intertrápico, apresenta uma parte externa com 43m de abertura e 13m de profundidade, onde foram realizadas coletas superficiais e um corte de 2x2m. Na

interna, com 29m de profundidade e 23m de abertura foram realizadas coletas superficiais e um corte. O corte da parte externa apresentou nove camadas estratigráficas e profundidade de 2,6m, sendo que na camada 7 foi obtida datação de 9.195 ± 75 A.P. e na camada 9 de 10.120 ± 80 A.P., profundidade de 2,5-2,6m (SCHMITZ *et al.*, 2004).

As pesquisas acadêmicas foram retomadas em Serranópolis por Fogaça e Lourdeau (2008), Viana (2016), entre outros, utilizando-se dos acervos presentes no IGPA. As escavações retornam com Rubin (2017), que até o ano de 2020 ficaram restritas ao contexto geoarqueológico, especialmente na área do sítio GO-Ja-02. Rubin *et al.* (2017, 2020, 2022) realizaram uma síntese dos seis núcleos estabelecidos na pesquisa pioneira e abordaram estudos de paisagem, impactos por processos naturais e ação humana nos sítios, gestão do patrimônio arqueológico e medidas de proteção.

MATERIAIS E MÉTODOS

A área do sítio foi inicialmente objeto de investigação com utilização de GPR que indicou um pacote sedimentar com 2,5m de espessura com pouca definição dos estratos, o que determinou o local da escavação.

Após seis etapas de campo, a área de escavação é de 48m², dividida em segmentos de acordo com as profundidades: 1,8m; 1,0m e 0,20m. Inicialmente foi delimitada uma Unidade de Escavação (UE) de 9m². Os demais 39m² correspondem às ampliações 1; 2 e 3 (A1, A2 e A3) da UE, a partir da estratigrafia, estruturas de combustão, conchas inteiras preservadas e cultura material. A escavação está sendo realizada por níveis naturais e artificiais. Estão sendo realizadas análises físico-químicas de amostras de sedimento para controle.

Foram coletadas amostras para análise palinológica, fluorescência de raio X, micro-morfologia, datação por LOE, mineralógica e granulométrica. Os perfis e as decapagens são registrados por meio de fotografias e croquis. Também foram obtidas imagens por drone e scanner.

RESULTADOS

A profundidade de 1,8m se refere aos 9m² da UE escavada por níveis naturais onde foram estabelecidos sete níveis, 28 decapagens e identificadas 11 camadas estratigráficas, com base na coloração e textura, para as quais foram realizadas 45 análises físico-químicas que evidenciaram textura predominantemente arenosa e variação nos teores de elementos como Ferro, Calcio, Magnésio, Potássio, Fósforo, Sódio, Zinco, Cobre, Enxofre, Carbono e matéria orgânica nos perfis e nas decapagens.

Foram obtidas nove datações radiocarbônicas, oito para a UE: 4.159-3.975 cal BP na decapagem 16; 4.014-3.840 cal BP na decapagem 18; 9.480-9.256 cal BP na decapagem 19; 9.327-9.081 cal BP na decapagem 20; 11.848-11.629 cal BP na decapagem 21; 9.480-9.282 cal BP na decapagem 22; 11.762-11.319 na decapagem 26 e 11.930-11.756 cal BP na decapagem 28, obtida em uma amostra de carvão junto a um raspador próximo ao pé de um sepultamento a 1,8m de profundidade.

Os demais 39m² correspondem às ampliações 1; 2 e 3 (A1, A2 e A3) da UE de 9m², a partir da estratigrafia, estruturas de combustão, conchas inteiras e bem preservadas e cultura material. Na A1 foi identificada uma estrutura de contexto funerário com presença de sepultamento com 10 cabeças humanas a uma profundidade de 0,63m. Para esse contexto tem-se duas datações: 3.362-3.149 cal BP em amostra de carvão abaixo da estrutura das cabeças humanas e 1.634–1.535 cal BP em amostra de carvão associada a uma das cabeças.

Nas áreas de escavação A2 e A3 foram identificadas feições de fogueiras com atividades de combustão variadas com presença de madeiras parcialmente e totalmente carbonizadas junto a cinzas e vestígios ósseos de fauna.

Na complexa estratigrafia da área de escavação também se destaca uma unidade carbonatada com presença de conchas inteiras e fragmentadas, classificadas em laboratório como calcário calcítico. Essa formação, cuja origem está sendo investigada, abrange toda a área de escavação, tanto horizontalmente quanto verticalmente, inclusive sobre as cabeças humanas.

CONCLUSÃO

Os resultados preliminares evidenciam camadas estratigráficas com variações na coloração e físico-químicas, importantes na abordagem da formação do registro arqueológico. A diversidade e expressiva quantidade de registros arqueológicos presentes indicam a realização de intensas práticas culturais, tanto no âmbito do cotidiano, quanto do simbólico. Tais informações também evidenciam o potencial do sítio para o fortalecimento dos estudos sobre o povoamento humano nas Américas.

AGRADECIMENTOS

FAPEG, CNPq, PUC Goiás, UnB, PF, UFJ, USP, UNIOESTE, CONSAM, NATURAE, GRIPHUS e Prefeitura de Serranópolis.

Referências

FOGAÇA, Emilio; LOURDEAU, Antoine. Uma abordagem tecno-funcional e evolutiva dos instrumentos plano convexos (lesmas) da transição pleistoceno/holoceno no Brasil Central. *Fundamentos*, n.7, p. 261-347, 2008.

RUBIN, Julio Cezar Rubin; LORENZO, Francisco José Catalano Di; SILVA, Rosiclér Theodoro; CORREA, Daniel Santos. Efeitos da erosão em sítios arqueológicos no estado de Goiás: casos de Serranópolis e Palestina de Goiás. *Clio, Série Arqueológica*, v. 3, p. 37-67, 2017.

RUBIN, Julio Cezar. Rubin; VIANA, Sibeli Aparecida; SILVA, Rosiclér Theodoro; BARBERI, Maira; RESENDE, Fernanda Elisa Costa Paulino; RIBEIRO-FREITAS, Joanne Ester; SOUZA, Mariana Garcia; RIBEIRO, Eloah Vargas. Cazadores-recolectores y el paisaje en Serranópolis, Goiás, Brasil. *Boletín de Arqueología PUC Peru*, v.29, p. 129-158, 2020.

RUBIN, Julio Cezar Rubin; BARBERI, Maira; PIRES, Matheus Godoy; RESENDE, Fernanda Elisa Costa Paulino; SILVA, Rosiclér Theodoro; SILVA, Sergia Meire; RIBEIRO-FREITAS, Joanne Ester; RIBEIRO, Eloah Vargas; LIMA, Elio Amorim. Sítios arqueológicos do núcleo B de Serranópolis, Goiás: tipos e intensidades de impactos naturais e antrópicos. *Revista de Arqueologia*, v.35, n. 3, p. 52-68, 2022.

RUBIN, Julio Cezar Rubin. Escavação do sítio arqueológico GO-Ja-02, Serranópolis, Goiás. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osório; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central, Serranópolis III. *Pesquisas Antropologia*, n. 60, 2004.

VIANA, Sibeli Aparecida. Repensando os povoamentos no Planalto Central do Brasil a partir da região de Serranópolis. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016.

CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MACACO, SERRANÓPOLIS – GOIÁS (BRASIL)

Flávio César Gomes de Oliveira
(Universidade Federal de Jataí (Programa de Pós-Graduação em Geografia);
Universidade de Passo Fundo, flaviocesar@consam.com.br)

Julio Cezar Rubin de Rubin
(Pontifícia Universidade Católica de Goiás, rubin@pucgoias.edu.br)

1. INTRODUÇÃO

Localizado em zona rural do município de Serranópolis, Goiás - Brasil, o sítio arqueológico Macaco foi identificado pela presença de algumas poucas pinturas rupestres em um abrigo de afloramento rochoso na margem direita do rio Verde, nas coordenadas UTM 22k 409048 / 7955459.

O contexto arqueológico de Serranópolis possui grande relevância no cenário nacional, não só pela grande quantidade de sítios rupestres em abrigo, mas também pela cronologia recuada encontrada em estudos que vem sendo desenvolvidos desde a década de 70, ajudando desta forma a entender o contexto de ocupação do Planalto Central Brasileiro.

Conforme destacado por Rubin (2017), o Estado de Goiás ocupa uma posição geográfica privilegiada para a pesquisa arqueológica, entre as bacias hidrográficas do Amazonas, Paraná/Prata e do São Francisco. Segundo alguns autores a região poderia ter sido um corredor de deslocamento ou de convergência de grupos pré-coloniais.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Etapas de Gabinete 1: levantamento bibliográfico e produção de mapas temáticos, iniciada em agosto de 2021;

Etapas de Campo: caracterização do sítio Macaco quanto aos aspectos ambientais, arqueológicos e de conservação. Etapas realizadas para obtenção de dados primários em setembro de 2021, fevereiro e abril de 2022. Não foram utilizados métodos interventivos nem coleta de material arqueológico;

Etapas de Gabinete 2: análise e interpretação dos dados obtidos, realizada em maio de 2022.

3. RESULTADOS

De acordo com as análises preliminares, sugere-se tratar de sítio pré-colonial, com pintura rupestre identificada em afloramento rochoso de arenito, situado em área de abrigo. Quanto a inserção do sítio Macaco no contexto arqueológico regional, importante destacar

que Schmitz *et al.* (1997) agruparam os sítios registrados em Serranópolis em seis núcleos arqueológicos: A, B, C, D, E e F.

Conforme descrito por Oliveira e Silva (2022), o sítio Macaco encontra-se localizado no contexto arqueológico de Serranópolis, destacando-se o fato de estar inserido em uma região de transição de características geológicas que acabam por refletir na utilização dos ambientes pelos grupos pretéritos e conseqüentemente na distribuição dos sítios nestas localidades. A oeste/noroeste do sítio Macaco encontram-se inúmeros sítios em abrigos (núcleos A a F), já a leste do mesmo, afloram sítios a céu aberto. Desta forma, este sítio está localizado em um pequeno e isolado abrigo rochoso, que se encontra em uma zona de transição de características ambientais e geológicas, que refletem a forma de utilização do espaço e lugar, podendo trazer informações importantes quanto às atividades de exploração de matéria prima, caça e/ou outras atividades de transito destes grupos que ocuparam esta importante região arqueológica.

Os sítios a céu aberto para os quais foi possível obter informações mais acuradas, provenientes dos estudos arqueológicos desenvolvidos por Martins (2011), apontaram para sítios arqueológicos cujo contexto de ambientação ofereciam recursos ligados às atividades extrativas.

Desta forma, considerando todo o contexto do complexo de sítios arqueológicos de Serranópolis, pode-se cogitar que estas áreas de sítios a céu aberto, bem como o sítio Macaco, poderiam ter sido utilizados pelos grupos que habitavam as áreas de abrigos dos núcleos arqueológicos de Serranópolis na obtenção de recursos, tanto de matéria prima para produção de artefatos, quanto na obtenção direta de recursos alimentares.

Cabe destacar que o sítio Macaco está localizado em um pequeno abrigo com presença de poucas pinturas, sendo o sítio mais próximo da margem do rio Verde (cerca de 70 metros) e de áreas de planícies de inundações e paleocanais. Essa compartimentação reflete o tipo de utilização do espaço em função das características geológicas e ambientais.

Considerando a dinâmica de mobilidade e apropriação do ambiente e paisagem dos grupos pretéritos, acredita-se que estes “compartimentos” estavam inseridos em um mesmo contexto de ocupação, entretanto, com funções diferentes, sendo que o sítio Macaco poderia ter sido utilizado como acampamento temporário para atividades de caça e obtenção de recursos no rio Verde, planícies de inundação e mata ciliar.

A área de contribuição do sítio arqueológico Macaco é marcado por alta antropização em função da exploração do entorno pela pecuária. As condições pedológicas, solo arenoso e atualmente exposto, favorece a possibilidade de instalação de processos erosivos e arenização na área de contribuição, que podem “caminhar” no sentido do sítio. A condição do solo arenoso e exposto também pode acelerar ações desencadeadas pelo intemperismo físico através do vento.

4. CONCLUSÕES

A caracterização do sítio arqueológico Macaco e análise do contexto arqueológico regional, sugere a prática da exploração dos recursos naturais por grupos pré-coloniais. Cabe considerar que os vestígios de pinturas rupestres podem estar associados a abrigos de grupos caçadores-coletores.

Considerando o atual estado de degradação da área de contribuição, contexto de inserção e estado de conservação do sítio Macaco, em função de ações naturais e antrópicas pretéritas e atuais, destacando o esmaecimento do pigmento da pintura rupestre, além de medidas de preservação *in situ*, recomenda-se o salvamento do sítio, resguardando não só o registro, mas resgatando as informações da história dos grupos que ocuparam e/ou utilizaram esta área de abrigo. Destaca-se que o salvamento do sítio Macaco poderá trazer informações importantes para o contexto arqueológico regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Dilamar Candida. *Arqueologia na Sub-Bacia do rio Verde: As Pequenas Centrais Hidrelétricas Taboca e Estrela*. Projeto de Salvamento Arqueológico e Plano de Educação Patrimonial. Goiânia: UFG/MA/LabArq., 2011.

OLIVEIRA, Flávio César Gomes de; SILVA, Cláudio Cesar de Souza e. *Relatório Técnico Arqueológico - Sítio Macaco*. CONSAM. Goiânia, Goiás, 2022.

RUBIN, Julio Cezar Rubin de. *Escavação do Sítio Arqueológico GO-JA-02, Serranópolis, Goiás*. Sistema de Gestão de Pesquisa, SIGEP, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2017.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; SILVA, Fabíola Andréa; BEBER, Marcus Vinícius. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central, Serranópolis II. As pinturas e gravuras dos abrigos*. Instituto Anchietao de Pesquisas, Unisinos, São Leopoldo, 1997.

PETROGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA: RELATO DE ESTUDOS

Soraya Almeida

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, salmeida1966@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Petrografia, do grego *petra* + *graphein* (descrição de pedra) é o ramo da geologia que abrange a descrição mineralógica, textural e estrutural de rochas. Neste trabalho, o uso potencial de petrografia como ferramenta de pesquisa é exemplificado por meio do estudo de patrimônios de três localidades: a Ponte dos Jesuítas, localizada no bairro de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro, e um conjunto de monumentos e construções históricas das cidades de Mangaratiba e Cabo Frio, no litoral fluminense.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os resultados das pesquisas foram obtidos pela integração de dados geológicos, históricos e documentais. Os trabalhos de campo incluíram estudo petrográfico e classificação das rochas utilizadas como alvenarias e cantarias; mapeamento de afloramentos naturais de rochas; pesquisa de textos e análise de imagens históricas dos objetos de estudo.

RESULTADOS

Ponte dos Jesuítas

Concluída em 1752 e marco da engenharia colonial, a Ponte dos Jesuítas integrava um complexo sistema de drenagem construído pela Companhia de Jesus em terras da antiga Fazenda Santa Cruz. Pavimentada com pedras e ornada com cantarias, a ponte é considerada representativa da arte barroca do século XVIII. Entretanto, estudos petrográficos realizado por ALMEIDA (2019) revelaram que os elementos ornamentais sofreram intervenções que alteraram sua configuração primitiva. Contatou-se que das oito colunas remanescentes dentre as doze originais, nenhuma foi produzida no século XVIII. Três delas foram confeccionadas com rochas locais na primeira metade do século XX e as demais são obras ainda mais recentes, possuindo fustes de concreto encimados por capitel e pinhas lavrados em rochas exóginas.

O dístico com gravações em alto e baixo relevo e que constitui o elemento mais conhecido da ponte, é formado por quatro diferentes tipos de rochas, mas apenas duas peças possuem indícios de terem sido produzidas no século XVIII: o bloco central de calcário contendo

o símbolo jesuítico em alto relevo e a cartucha de allanita granito com frase latina em baixo relevo. O allanita granito é a rocha dominante em todos os elementos da meso-estrutura da ponte e sua fonte foi localizada em antiga pedreira a 2 km do local. O calcário, já bastante intemperizado, não possui equivalente no Rio de Janeiro. Trata-se, muito provavelmente, de um exemplar de Pedra Lioz trazido de Portugal pelos religiosos.

A parte superior da cartuxa é formada por blocos esculpidos em gnaiss porfiroclástico, também presente em afloramentos rochosos de Santa Cruz. Entretanto, os blocos apresentam feições que indicam instalação mais recente, realizada com o objetivo de substituir cantarias perdidas ou danificadas da peça granítica original.

Por fim, o sol estilizado que encima a cartuxa também foi produzido com rocha exógena e apresenta superfície que indica corte por máquina moderna, no que se distingue do corte rústico dos demais elementos da cartuxa. Trata-se, portanto, da peça de fabricação mais recente do conjunto.

Monumentos e construções de Mangaratiba

A cruz latina conhecida como Cruzeiro de Pedra situada defronte à igreja de Nossa Senhora da Guia é tida pela população e pela mídia como o monumento mais antigo da cidade, importada de Portugal nos 1700s e formada por Pedra Lioz. O estudo de ALMEIDA & OLIVEIRA (2023) comprovou, todavia, que a cruz foi elaborada no Século XIX com rochas extraídas de pedreiras adjacentes à vila. As alvenarias e cantarias mais antigas são encontradas, de fato, nos adornos da porta principal e janelas da Igreja Nossa Senhora da Guia, construída no século XVIII com rochas locais.

De construção mais recente, o chafariz público, conhecido como Chafariz Imperial, foi erguido em 1852. A análise petrográfica detectou alterações em sua estrutura original, com troca e eliminação de cantarias durante reformas realizadas na década de 1980.

Os estudos de campo permitiram a localização de duas áreas fornecedoras das rochas utilizadas, a mais antiga explorada desde o século XVIII. Situadas nas margens da antiga vila, essas pedreiras estão hoje envolvidas pela malha urbana.

Monumentos e construções de Cabo Frio

O terceiro exemplo do uso de petrografia em estudo arqueológico diz respeito a origem das marcas das Pedras Sulcadas do Morro da Guia, em Cabo Frio. Essas marcas foram analisadas por pesquisadores de diversas áreas, recebendo interpretações distintas. Alguns acreditam tratar-se de símbolos místicos associados a rituais de antigos povos que habitavam a região; outros as consideram petróglifos e há pesquisadores que afirmam tratar-se de marcas polidoras líticas ou marcadores geográficos. Entre a população, também existe o mito de que tenham sido produzidas por extraterrestres. A análise das marcas e o estudo petroográfico revelaram que os sulcos correspondem a marcas de cunhagem produzidas durante a extração de rochas utilizadas na construção do convento de Santa Maria dos Anjos, que está localizado aos seus pés (ALMEIDA, 2020).

CONCLUSÕES

Nos exemplos apresentados, a análise petrográfica foi fundamental no reconhecimento da origem, do período de produção e na localização da fonte do material utilizado na confecção dos objetos estudados. A petrografia também se mostrou ferramenta essencial na identificação de intervenções que alteraram características originais dos patrimônios analisados. No caso das Pedras Sulcadas de Cabo Frio, a análise levou ao esclarecimento de feições até então pouco compreendidas pelo não reconhecimento de feições geológicas naturais, que foram erroneamente percebidas como produções humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Soraya. Ponte dos Jesuítas, Rio de Janeiro (RJ): uma análise de seus elementos com base na integração de registros textuais, iconográficos e petrográficos. *Anais do Museu Paulista*, v. 27, p.1-44 e06, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e06>

ALMEIDA, Soraya. As Pedras Sulcadas do Morro da Guia, Cabo Frio, RJ: registros de atividade mineira no período colonial. *Museologia e Patrimônio*, v. 13, p. 184-215, 2020.

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/804>

ALMEIDA, Soraya; OLIVEIRA, Maristela Almada Gomes. Arqueologia de Pedreiras: reconhecendo o papel das rochas na história da Vila Mangaratiba. *Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 17, p. 47-68, 2023.

DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v17i1.35486>

ST17 - ARTE RUPESTRE - NOVOS CAMINHOS RUMO ÀS ANÁLISES NÃO FORMALISTAS

AS PINTURAS DO GALHEIRO COMO CORPOS INDÍGENAS DE FACTO: DAS RELAÇÕES DE SEUS TRAÇOS AO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO.

*Luis Henrique Montovanelli Resende
(UFMG - luisresende.montovanelli@gmail.com).*

O trabalho em questão é baseado em minha monografia para conclusão do curso de graduação em Antropologia (com habilitação em Arqueologia), no ano de 2022, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trata-se de uma imersão nas abundantes relações dos traços de algumas das pinturas rupestres situadas no sítio arqueológico do Galheiro, este presente no município de Diamantina/MG. A respeito dessa região, o Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG tem nela efetuado sistemáticas incursões desde o ano de 2004, pelas quais centenas de sítios com pinturas foram encontrados (LINKE & ISNARDIS, 2012). Todavia, alguns desses conjuntos gráficos diamantinos haviam sido explorados já em meados da década de 70, quando foram classificados, a contar dessa época, em correspondência à nascente Tradição Planalto (PROUS et al., 1980).

Assim, ao longo dos anos e da consolidação das pesquisas de subseqüentes grupos de estudo do MHNJB-UFMG, panoramas cronoestilísticos, sob a égide da Tradição Planalto, foram estabelecidos para o contexto citado. Por outro lado, recentemente, os olhares voltaram-se para análises detidas em sítios específicos, com perguntas com um fundo de motivação comum: para além da formatação desses conjuntos estilísticos e suas respectivas cronologias, como lidar com as especificidades dessas abundantes inter-relações dos traços dessas pinturas diamantinenses? (BALDONI, 2016; DINIZ, 2020; MAGALHÃES, 2021; MONTOVANELLI, 2022).

Nesse sentido, de certo modo, as próprias pinturas do Galheiro testemunharam a mim, no decorrer da pesquisa, que são elas constituídas, nas paredes desse sítio, por múltiplos corpos na medida da fluidez e da inter-relacionalidade constitutiva de seus traços, estes marcados, também, pela abundância de suas sobreposições. É evidente, porém, que quando me debrucei nesses mesmos traços, já estava informado por um delineamento teórico que me inspirou a abordar essas pinturas levando ainda mais à sério a importância da relação na concepção desses corpos picturais. Essa conjuntura teórica veio de leituras etnológicas associadas a entendimentos ameríndios sobre a relevância cosmológica do corpo iconográfico e da relação entre (partes de) corpos, humanos e não-humanos, nas suas próprias constituições,

notadamente acionando compreensões coadunadas com o perspectivismo ameríndio em cenários amazônicos (BARCELOS NETO, 2008; LAGROU, 2013; LIMA, 2002; SANTOS-GRANERO, 2012; VAN VELTHEM, 2003; VIVEIROS DE CASTRO, 2002; entre outros).

Correlacionando, pois, as pinturas a essa teoria, entendi os traços de tintas do Galheiro como constituidores de corpos inseridos nessas teias de associações em que imperam as transformações perspectivistas, ontologicamente entranhados, às suas maneiras, em relações que encontram amparo em um fundo cosmológico comum pan-americanista. Com isso, não tive intenção alguma de salientar que os grafismos rupestres desse sítio são representações de possíveis ideias e concepções alinhadas ao perspectivismo ameríndio dos ameríndios de outrora. Quero dizer, por outro lado, que considere os *corpos iconográficos* do Galheiro, dentro dessa lógica perspectivista, como *corpos ameríndios de facto*, elevando-os, pois, a outros possíveis estatutos ontológicos bem mais pertinentes às suas prováveis relações com os outros seres das cosmologias que lhes deram vida. Afinal, se, para as análises etnológicas da importância do corpo ameríndio e de suas relações, nasce a compreensão do perspectivismo ameríndio, esses mesmos corpos, evidentemente, não são representações dessas qualidades perspectivistas. São, muito pelo contrário, o lugar próprio dessas perspectivas diferenciantes (Viveiros de Castro, 2002).

AGRACIMENTOS

Gratidão aos que me ampararam nas tortuosas, mas frutíferas, trajetórias por mim trilhadas até aqui. Em especial, agradeço aos meus familiares, sempre presentes aonde quer que eu vá, e ao grupo de pesquisa do Zezinho (MHNJB-UFMG), pelo qual, com diálogos dos mais fundamentais, continuamente aprendo sobre grafismos rupestres e, principalmente, sobre parceria e acolhimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDONI, R. **Desenhos entrelaçados**: uma análise dos grafismos rupestres da Lapa do Caboclo de Diamantina – MG. 2016. 131 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARCELOS NETO, A. **Apapaatai**: rituais de máscaras no Alto Xingu. São Paulo: Edusp, 2008, 336 p.

DINIZ, A. T. **(Re)desenhando desenhos**: a produção de imagens nos estudos de grafismos rupestres. 2020. 130 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LAGROU, E. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas?: uma reflexão sobre uma arte perspectivista. *In*: LAGROU, E; SEVERI, C (org.). **Quimeras em diálogo**: grafismo e figuração nas artes indígenas. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2013, p. 67-109.

- LIMA, T. S. **O Que é um Corpo?**. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 9-20. 2002.
- LINKE, V; ISNARDIS, A. **Arqueologia pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais):** perspectivas e síntese das pesquisas. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 13-27. 2012.
- MAGALHÃES, L. O. **Tintas emaranhadas:** relações, estilo e cronologia nos grafismos rupestres da Lapa do Boi (Diamantina MG). 2021. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MONTOVANELLI, L. H. **As pinturas do Galheiro como corpos indígenas de facto:** das relações de seus traços ao perspectivismo ameríndio. 2022. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- PROUS, A.; LANNA, A. L. D; PAULA, F. L. **Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais.** Série Antropologia, São Leopoldo, v. 31, p. 121-146. 1980.
- SANTOS-GRANERO, F. Introducción. *In:* SANTOS-GRANERO, F. **La Vida Oculta de Las Cosas:** teorías indígenas de la materialidade y la personeadad. Quito: Abya-Yala, 2012. p. 13-51.
- VAN VELTHEM, L. H. **O belo é a fera:** a estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. 446 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 552 p.

PARA UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS GRAFISMOS RUPESTRES: PREMISSAS TEÓRICAS E ESTUDO DE ALGUMAS PROPRIEDADES.

Rogério Tobias Junior
(PPGAN/UFGM. Instituto Prístino; rogeriotobiasjunior@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Os desafios contemporâneos para o estudo de grafismos rupestres carecem da formulação de alternativas metodológicas que tornem possível superar os entraves e barreiras alcançadas pelos métodos tradicionais. As análises classificatórias, notadamente aquelas que estão centradas nas Tradições rupestres e muitas abordagens estilísticas encontraram limites diante do desenvolvimento de novas perspectivas teóricas. (CALDERÓN, 1970; PROUS, 1992 , PROUS, LANNA e PAULA, 1980, PROUS, 1999) Tomando como base estes novos olhares e novas hipóteses, propusemos focar o fazer a arte rupestre e não abordar sua forma observável (LINKE, ALCANTARA, *et al.*, 2020).

DESENVOLVIMENTO

Com o foco central no fazer grafismos rupestres, apresentarei algumas premissas teoricamente orientadas que vêm sendo exercitadas para a proposição de um método de análise desse fazer, a partir do registro das marcas do processo de elaboração observáveis nas unidades gestuais. As premissas, fundamentadas na Ecologia da Percepção e na teoria dos *affordances* (INGOLD, 2000; GIBSON 1977), são:

- A forma é secundária à análise do fazer.
- Um desenho cresce;
- As marcas podem ser índices do seu crescimento;

Grafismos pintados das regiões arqueológicas de Diamantina e Jequitaiá, Minas Gerais, oferecem uma rica diversidade de marcas que agregam informações sobre direção dos gestos, diacronia, pontos de pressão e de alívio na passagem daquilo que aplica a tinta, tendências posturais e outros elementos relevantes para análises do fazer. Foram feitos levantamentos *in situ* de marcas nos sítios diamantinos Lapas do Caboclo, do Boi, do Boi Leste e Galheiro, assim como observações pontuais na Lapa do Sol de Jequitaiá que entretanto, apresenta algumas peculiaridades importantes. Em todos os casos, com dados fotográficos e de vetorizações impressas de calques elaborados em pesquisas anteriores, foram selecionadas figuras específicas após pré-avaliação do potencial de ocorrência e variabilidade das marcas presentes. As marcas de diversas figuras foram inventariadas, descritas e desenhadas em distintos suportes, incluindo o fotográfico e posteriormente organizados e processados por

mim e/ou por Larissa Magalhães.

Cada gesto de aplicação de tinta resulta num traço, que é a unidade técnica mínima para a abordagem do fazer. Uma população de marcas da aplicação nos provoca a questionar a sua gênese. Individualmente, a análise de cada marca revela propriedades específicas. Até o momento, descrevemos 10 marcas distintas. As que ofereceram diálogos mais consistentes, por enquanto, foram estrias, estrias de borda e pontos de acúmulo de tinta.

A associação destas 3 categorias de marcas, por sua vez, conjuga as diversas propriedades descritas. Neste texto, são relevantes dois fenômenos que são a culminância da interação entre as propriedades das marcas citadas:

- Direção do gesto/traço;
- Cronologia relativa;

A análise da direção do gesto de aplicação favorece a compreensão da maneira como cada traço foi feito, e em conjunto com os demais, como a figura cresce. A cronologia relativa pode ser descrita a partir dos resultados físicos da interação entre marcas durante as respectivas aplicações.

ALGUNS RESULTADOS E REFLEXÕES

Uma figura na qual pudemos caracterizar a direção do traço na Lapa do Caboclo de Diamantina, decorrente de pontos de acúmulo de tinta vermelha espessa com orientação compatível, bem marcados sobre a superfície, é chamada de “o peixe”. Na Lapa do Sol de Jequitaiá foi possível descrever a sequência de gestos a partir da interação entre estrias e estrias de borda em uma figura linear feita com traços paralelos de tinta branca espessa.

Da forma como o método tem sido concebido e praticado até aqui, pudemos descrever a sequência de aplicação da tinta, estimar os gestos feitos e a movimentação corporal diante das superfícies desenhadas (INGOLD, 2015). Foram caracterizados blocos gestuais coerentes entre si que auxiliam na compreensão de como partes de algumas figuras foram feitas com traços em direção e sequência convergentes, demonstrando a lógica de “encaixe” ou justaposição de cada parte na composição do todo. A caracterização das unidades gestuais e descrição de ritmos específicos tem sido aventadas com tais análises e serão exploradas nas fases seguintes. Com o repertório teórico adotado e a proposta metodológica delineada, alteramos o enfoque e a escala de análise, o que tem confirmado o potencial das análises do fazer para colocar em pauta outras dimensões da arte rupestre e de seus autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDERÓN, Valentín. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no estado da Bahia. **Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia.**, Salvador, 1970. 5-17.

GIBSON, James J. The theory of affordances. In: (EDS.), R. S. & J. B. **Perceiving, acting, and knowing.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1977. p. 67-82.

INGOLD, Tim.. **The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill.** London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Desenhando juntos: fazer, observar, descrever. In: INGOLD, T. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis: Vozes, 2015. p. 315-325.

LINKE, Vanessa, ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS JUNIOR, Rogério; BALDONI, Raíssa. Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais (Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Ciências Humanas**, 2020.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira.** Brasileira: UnB, 1992.

PROUS, André. As categorias estilísticas nos estudos da arte pré-histórica: arqueofatos ou realidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo - Suplemento 3**, 1999. 251-262.

PROUS, André; LANNA, Ana Lúcia; de Paula, Fabiano Lopes. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. **Pesquisas: série Antropologia (Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira em homenagem de T. A. Rusins) No 31**, São Leopoldo, 1980.

ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS E DIVERSIDADE: PAISAGENS SAGRADAS E ARTE RUPESTRE NO PARANÁ

Claudia Inês Parellada
(Museu Paranaense e PPGAA-UFPR, *cparellada34@gmail.com*)

Palavras-chave: arqueologia do Paraná; arte rupestre; arqueologia da paisagem

INTRODUÇÃO

No atual espaço compreendido pelo estado do Paraná, sul do Brasil, já houve a documentação de 450 sítios arqueológicos com pinturas rupestres, a maioria junto a paredes e tetos de abrigos, e 60 com gravuras, em afloramentos, abrigos e blocos rochosos. Alguns sítios apresentam várias fases de pinturas, e/ ou as duas manifestações estéticas em associação, além de sobreposições nos grafismos.

Existe o registro de arte rupestre em todo o território paranaense, do oeste até a costa litorânea, concentrando-se as pinturas nos Campos Gerais, no centro-leste, em cavernas e abrigos areníticos em campos e cerrados, mas também elaboradas em outras litologias, como granitos, calcários, andesitos, basaltos e migmatitos; algumas vezes mudanças composicionais e texturais compõe parte dos desenhos. As gravuras no Paraná localizam-se, principalmente, em afloramentos em rochas basálticas, riolíticas e areníticas nos vales dos rios Iguaçu, Paraná, Piquiri, Ivaí, Tibagi, Paranapanema, Serra do Mar e litoral (PARELLADA, 2015).

O atual estudo apresenta novas discussões em sítios arqueológicos com gravuras e pinturas rupestres, alguns com estruturas anelares e monólitos e monólitos associados, no Paraná, relativos a diferentes povos em períodos que ultrapassam 12 mil anos, até 300 anos atrás (LOPES *et al.*, 2017). A pesquisa buscou desvelar parte das memórias de povos originários, algumas relativas ao cotidiano e outras a mediações do sagrado e movimentos diaspóricos, entrelaçando paisagens a artefatos e representações simbólicas. Algumas transpõem temporalidades e mudanças climáticas, abrangendo populações da América do Sul com histórias de longa duração: paleoíndios, caçadores e coletores Umu, ceramistas e agricultores Jê e Guarani.

Em vários abrigos rochosos com arte rupestre, no Paraná, foram documentadas estruturas astronômicas e funerárias, com a documentação de sepultamentos primários, fletidos ou estendidos, como secundários, algumas vezes coletivos, em conjuntos, podendo apresentar fardos funerários e cremações (PARELLADA, 2016).

MATERIAIS E MÉTODOS

A melhor compreensão do passado amplia os conhecimentos sobre a diversidade cultural do tempo presente, e possibilita planejar horizontes, inclusive de gestão ambiental e estratégias para desacelerar mudanças climáticas.

Foi importante usar filtros teóricos abrangentes, análises contextualizadas, e discussões entrelaçadas com abordagens como o da arqueologia colaborativa. O estudo contemplou a fenomenologia (TILLEY, 2014) e os fluxos sensoriais em diferentes tempos (HAMILAKIS, 2015), integrando aspectos da paisagem e ambientais.

Analisaram-se documentos textuais, imagéticos e tridimensionais, em várias instituições, como o Museu Paranaense e a Universidade Federal do Paraná. Ainda, foram realizadas prospecções, em campo e laboratório, usando filtros óticos e associando inovações tecnológicas e arqueometria, visando caracterizar pigmentos, aglutinantes e o estado de conservação. Muitas análises tiveram parceria com pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina, da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Polícia Federal.

RESULTADOS

Caracterizaram-se territorialidades e cronologias, através de análises multivariadas, com discussões sobre cotidianos, imaginários e mitologias. Temáticas que abrangem o redesenhar de ambientes e o manejo de espécies da fauna e flora, como o pinheiro araucária, a erva-mate, os taquarais, as diferentes espécies de palmáceas, além de outras plantas nativas de campos e cerrados, algumas já domesticadas e com ampla dispersão, como o milho e a mandioca.

Foram identificadas materialidades relacionadas especialmente a mitos e ritos, representando aspectos de música, dança, adornos, trançados, têxteis, máscaras, associadas a prováveis representações clônicas, expressas em grafismos, que se articulam com elementos da natureza e figuras híbridas. Diferentes cores e figuras geométricas podem estar individualizadas ou em conjunto, muitas vezes entrelaçadas com pinturas realistas e/ou esquematizadas, evidenciando narrativas complexas, de origem, criação, organização, vida e morte. Algumas vezes essas pinturas e/ou gravuras se apresentam de forma simplificada, mas com elementos característicos que colaboram na delimitação de identidades regionais.

Em abrigos estudados em Santa Catarina, como o Morro do Avencal (CORTELETTI *et al.*, 2021), e no Paraná, como Paulina e Morro Azul, nos municípios paranaenses de Piraí do Sul e Ventania, caracterizaram-se possíveis máscaras, faciais e/ou corporais, evidenciando narrativas míticas junto aos paredões. Seres sobrenaturais, híbridos de humanos e animais, como onças e lobos guarás, que poderiam articular diferentes mundos. A cor vermelha, predominante nas pinturas, geralmente elaborada com pigmentos inorgânicos, como ocre e hematita, parece estar associada, em alguns sítios, a mitos de origem, com representações associadas de fauna e flora, além de figuras humanas. A cor negra, provavelmente, represente, em parte desses abrigos no Paraná, cenas ou elementos rituais, ou diferentes clãs.

CONCLUSÕES

Foram mapeadas manifestações simbólicas com gestos e poéticas regionais, articuladas como metáforas da alteridade. Passados que dialogam com o contemporâneo, e que, relativizados, sob perspectivas decoloniais, atualizam conceitos de arte, território e agência. Materialidades que articulam os mundos dos vivos e dos mortos, socialmente construídos, perpassando alteridades, com tecnologias e gestuais desvelando memórias.

A preservação de bens arqueológicos é fundamental, pois possibilita repensar narrativas históricas, articular novos horizontes de pesquisa, e reavaliar documentações fragmentadas. Estudos colaborativos e compartilhados com povos originários são importantes para ressignificar as pesquisas arqueológicas com representações rupestres, ampliando as possibilidades de maior entrelaçamento de territorialidades e identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CORTELETTI, Rafael; SOARES, Manoela; LABRADOR, B.; DEBLASIS, Paulo. Southern Jê engravings at Morro do Avenal: preliminary archaeometrical analysis and interpretation of a rock shelter in Southern Brazil. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 35, 2021.

HAMILAKIS, Yannis. Arqueología y sensorialidad. Hacia una ontología de afectos y flujos. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 9, n.1, p.31-53, 2015.

LOPES, Fábio; PARELLADA, Claudia; GOMES, Paulo; APPOLONI, Carlos; MACÁRIO, Kita; CARVALHO, Carla; LINARES, Roberto; PESSEDA, Luiz. Investigating a rock art site in Paraná State, South of Brazil. *Radiocarbon, Oxford*, 2017, v. 59, p.1691-1703.

PARELLADA, Claudia I. Arte rupestre no Paraná: novas discussões. *Revista Tecnologia e Ambiente*, v.21, n.1, p.45-69, 2015.

PARELLADA, Claudia I. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n.27, p.158-167, 2016.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n.1, p.24-62, 2014.

ST19 - COISAS E PESSOAS EM MOVIMENTO - ÉTICAS, TEORIAS E PRÁTICAS NA MUSEALIZAÇÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

HISTORICIDADE E ATUALIDADE DO ACERVO ARQUEOLÓGICO NO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO

Larissa Girardi Losada

*(Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia –
Universidade de São Paulo – larissagirardilosada@usp.br);*

Maria Cristina Oliveira Bruno

*(Professora Titular - Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo –
mco Bruno@usp.br).*

INTRODUÇÃO

Esta comunicação propõe-se a refletir sobre a historicidade e potencial extroversão do patrimônio arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano (MHS), um museu de história, público, de gestão municipal, localizado em Sorocaba, no interior de São Paulo. Compreende tal acervo como representativo da “estratigrafia do abandono” (BRUNO, 1995) e como vetor material de processos e valores institucionais, que o formaram e conformaram ao longo do tempo – principalmente a partir de narrativas hegemônicas e excludentes.

Por isso, pensa-se que o acervo arqueológico em questão, pode ser observado à luz das “memórias exiladas” (BRUNO, 1995), mas que, também, pode ser trabalhado em sua potencialidade de suscitar memórias contra hegemônicas e democráticas. Nesse sentido, considera-se que tais vestígios da cultura material podem nos auxiliar na compreensão de processos históricos – expandindo, portanto, os territórios de memórias a partir de sua socialização.

O acervo arqueológico sob guarda do MHS foi formado de forma diversa, por meio de doações, trocas, achados fortuitos e pesquisas arqueológicas não científicas da região. Também, mais recentemente, por materiais provenientes de diversos estados do Brasil, a partir de endossos institucionais, de pesquisas relacionadas à chamada “arqueologia de contrato” (RIBEIRO, 2014). Por esses caminhos, então, foram institucionalizados diversos artefatos arqueológicos – muitos que fazem parte da cultura material regional e tantos outros provenientes de localidades distintas do Brasil, por meios por vezes ainda ocultos.

Esse acervo passou por um recente processo de salvaguarda, viabilizado por meio de edital do Programa de Ação Cultural São Paulo (PROAC), da Secretaria de Cultura e Economia

Criativa do Estado de São Paulo. O projeto contemplado, “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano”, foi executado por uma equipe técnica interdisciplinar, com profissionais das áreas de Arqueologia, Museologia, História e Arquitetura, sendo finalizado em fevereiro de 2023.

Contudo, apesar de salvaguardado, pode-se dizer que a maior parte do acervo arqueológico segue praticamente incomunicante na Reserva Técnica. Sendo a sua socialização ainda em potencial. Nesse sentido, urge pensar no equilíbrio entre os procedimentos de salvaguarda e comunicação no contexto do MHS (BRUNO, 1995; WICHERS, 2012).

Sabe-se que, enquanto indicadores de memórias, os vestígios arqueológicos possuem potencial de permitir que vínculos e inferências sejam criados, a partir de sua aproximação com a sociedade contemporânea – sendo o museu um dos lugares onde isso é possível (BRUNO, 2014).

Da mesma forma, permitem inferir sobre a presença indígena, negligenciada enquanto parte da história, e indagar sobre a condição de subalternização dos vestígios de sua cultura material. Pensa-se, então, que este acervo pode comunicar sobre tensões históricas, conflitos e apagamentos. Sendo, portanto, um vetor de reflexão sobre a ancestralidade de ocupação do território de Sorocaba e região.

Sabe-se que o universo do patrimônio cultural tem ganhado matizes inéditas nas últimas décadas, a partir de novas propostas e reivindicações que, cada vez mais, têm como pauta a sua função social – entendendo, para tanto, os grupos sociais diferentes como agentes na escolha, valorização e preservação das heranças culturais. Considerando, fundamentalmente, o caráter democrático e multivocal do patrimônio.

Portanto, entende-se que os museus “podem desempenhar um papel fundamental para o desvelamento das várias faces do patrimônio, pois são fortes instrumentos para a educação da memória” (BRUNO, 2020, p. 164). Por isso, a pesquisa de mestrado em condução visa uma análise propositiva relacionada ao acervo arqueológico sob guarda do MHS que busca, por um lado, historicizar o processo de formação de suas coleções e, por outro, propor a elaboração de um kit didático utilizando os vestígios dos quais inexitem informações de procedência – seguindo o exemplo de outros museus, como o de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa em condução baseia-se no levantamento e análise de fontes primárias (documentação do MHS e do Arquivo Público e Histórico Municipal) e fontes secundárias (periódicos regionais). Também, em entrevistas direcionadas com agentes patrimoniais relacionados ao acervo arqueológico. Para elaboração do kit didático, utiliza dados obtidos pelo projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano” e analisa exemplos de kits didáticos de Arqueologia criados por outras instituições.

RESULTADOS

Espera-se, como resultado, uma análise propositiva para o acervo arqueológico sob guarda do MHS, sendo ela subsidiada pela historicidade da formação das coleções de arqueologia, associada a valores e discursos institucionais, visando a proposta de uma ferramenta para comunicação e educação: o kit didático.

CONCLUSÕES

Este resumo tratou de uma pesquisa em condução, com a qual almeja-se compreender a historicidade do acervo arqueológico sob guarda do MHS para, então, propor a realização de um kit didático. Entende a relevância da compreensão de processos que levaram à escolha e perpetuação de determinadas memórias as quais configuram-se como hegemônicas. Também, que a socialização de determinados bens pode suscitar outras memórias, mais democráticas e plurais. Por isso, atenta para as potencialidades dos vestígios arqueológicos nesse sentido.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que apoia a pesquisa de mestrado desde dezembro de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, M. C. O. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. O. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. *Revista de Arqueologia.*, v. 26, n. 2, p. 04–15, 2014.

_____. *Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória*. Introdução à Sociomuseologia. Tradução. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, 2020.

RIBEIRO, D. L. A Musealização da Arqueologia: um estudo dos museus de arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville. *Revista de Arqueologia.*, v. 26, n. 2, p. 77–95, 2014.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas*. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A EXPOSIÇÃO DE REMANESCENTES HUMANOS EM PORTUGAL: O CASO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

Sofia Alexandre Carvalho

*(CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”,
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sofia.carvalho.ac@gmail.com)*

Lenta e timidamente, o debate sobre as questões éticas e políticas que advêm da exposição de remanescentes humanos em museus tem vindo a ganhar cada vez mais expressão em Portugal (MARTINS; BRÍGIDA, 2023). É, no entanto, um debate que surge frequentemente circunscrito às orientações proferidas por “especialistas”, menosprezando – por vezes com um tom paternalista – as demandas de grupos sociais, entendidos como “[...] ‘ativistas’ ávidos da procura de causas justas” (RAPOSO, 2023, n.p.).

Esta comunicação explora o modo como o debate sobre a exposição de remanescentes humanos tem vindo a ser abordado em Portugal, fazendo-o a partir da análise de um caso concreto: a exposição de duas pessoas Chancay que viveram no noroeste do Peru no século XVI, cujos corpos estão atualmente expostos no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), em Lisboa, Portugal.

Em termos metodológicos, esta comunicação resulta da análise da literatura produzida sobre estes remanescentes humanos (sua proveniência, exposição e receção), assim como da análise dos recursos e estratégias expositivas empregues pelo MAC.

Estes dois corpos mumificados estão expostos no centro de uma sala rodeada de livros, bustos e pinturas que evocam Possidónio da Silva (1806-1896) e Januário Correia de Almeida (1829-1901); duas figuras indissociáveis da presença destes corpos no museu, da génese do MAC, da arqueologia portuguesa, assim como do projeto colonial português.

Por um lado, Possidónio da Silva foi fundador da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) e do próprio MAC. Por outro lado, Januário Correia de Almeida, para além de ter sucedido Possidónio da Silva na presidência da AAP (entre 1896-1901), foi administrador colonial e diplomata português (CARDOSO, 2013, p. 41). Contexto a partir do qual desenvolveu uma missão diplomática na América do Sul entre 1878-1879 (SÃO JANUÁRIO, 1880), período em que adquiriu os dois corpos aqui em análise (CARDOSO, 2013, p. 39). Posteriormente, em 1884, doa estes corpos ao MAC, ano que marca o início da exposição destes remanescentes humanos ao público (CHRONICA, 1886, p. 126-127).

É sob o entendimento do contexto de proveniência destes corpos mumificados, assim como do dispositivo expositivo colonial e voyeurístico que pauta o espaço onde se encontram expostos (COELHO, 2020, p. 32), que, em 2018, surge projeto artístico *O Tempo das Huacas*. Este foi um projeto conduzido por Filipa Cordeiro e Rui Mourão, assente em vários elementos: numa performance sob a forma de uma “visita guiada não-autorizada” ocorrida na sala em

que os corpos estão expostos (DOCUMENTAÇÃO, s.d.), na elaboração e divulgação de um “guia não-oficial” desta mesma sala (GUIA, s.d.), e na criação de vários objetos artísticos em formato vídeo (VIDEOARTE, s.d.) produzidos pelos seguintes artistas indígenas:

[...] Alberto Álvares (também conhecido como Tupã Ra’y, do povo Guarani), Denilson Baniwa (do povo Baniwa), Ibã Huni Kuin (também conhecido como Isaías Sales, do povo Huni Kuin, povo igualmente identificado como Caxinauá ou Kaxinawá), Jaider Esbell (do povo Makuxi) e Marilya Hinostroza (do povo Wanka). (MOURÃO, 2022, n.p.)

Dado o contexto de proveniência, de permanência e das estratégias expositivas empregues na exposição dos corpos Chancay, ao expor estes remanescentes humanos, o MAC (re)produz, inevitavelmente, uma ideologia colonial e colonizadora do imaginário de quem com eles interage. Com o projeto artístico *O Tempo das Huacas* foi ativado um gesto de resignificação crítica à colonialidade que trespasa a exposição destes corpos. Foi uma ação decolonizadora da narrativa construída pelo MAC. Ação esta ativada por uma iniciativa externa ao museu e conduzida por sujeitos “ávidos” de se apropriarem de linguagens museológicas – “visita guiada”, “guia de coleção”, videoarte que evoca recursos expositivos (vitrine, plintos e objetos expostos) – para os instrumentalizar na sua crítica.

Deste modo, o MAC, esta sala e os corpos Chancay nela expostos, afiguram-se como espaços de combate político, de resistência, e como uma oportunidade para a (urgente e necessária) resignificação sobre o passado colonial português.

Palavras-chave: remanescentes humanos; Chancay; exposição; Museu Arqueológico do Carmo; Portugal.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa de doutoramento “Narrativas (de)coloniais em museus: instrumentos de (des)construção do racismo em Portugal” (2021.05924.BD) concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), participada por fundos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), do Fundo Social Europeu (FSE) e do Programa Por_Norte. É ainda um trabalho enquadrado no projeto “Patrimónios controversiales para la formación ecosocial de la ciudadanía. Una investigación de educación patrimonial en la enseñanza reglada - EPITEC2” (PID2020-116662GB-I00), financiado pelo Ministério da Ciência e Inovação do Governo de Espanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, João Luís. O Conde de São Januário, presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1896-1901). *Arqueologia & História: Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, v. 64-65, p. 31-44, 2013. Disponível em: <https://www.>

museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_13/Vol_64_65/AH_Vol64-65.pdf. Acesso em: 9 out. 2023.

CRONICA da nossa Associação. *Boletim de Achitectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa, série II, v. 4, n. 9, p. 126-127, 1886. Disponível em: <https://archive.org/details/boletimdearchite04asso/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 9 out. 2023.

COELHO, Rui Gomes. Como descolonizar a arqueologia portuguesa? In: *Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da questão*. Lisboa: AAP; Porto: CITCEM, 2020. p. 25-39. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa02>.

MOURÃO, Rui. O Tempo das Huacas: musealização de corpos ameríndios, ressignificações descolonizantes e contrarrepresentações artivistas. In FRADIQUE, Teresa; LACERDA, Rodrigo (dir.). *Modos de fazer, modos de ser: conexões parciais entre antropologia e arte*. Lisboa: Etnográfica Press, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.8044>.

DOCUMENTAÇÃO audiovisual de performance artivista. *O Tempo das Huacas*, [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/view/otempodashuacas/sobre/performance?authuser=0>. Acesso em: 9 out. 2023.

GUIA não-oficial. *O Tempo das Huacas*, [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/view/otempodashuacas/sobre/guia?authuser=0>. Acesso em: 9 out. 2023.

MARTINS, Christiana; BRÍGIDA, Ana. Os nossos deles: os despojos humanos guardados nos museus portugueses. *Expresso*, 6 abr. 2023. Disponível em: <https://expresso.pt/revista/2023-04-06-Os-nossos-ossos-deles-os-despojos-humanos-guardados-nos-museus-portugueses-f97e6ddd>. Acesso em: 9 out. 2023.

RAPOSO, Luís. Restos humanos em museus: um tema complexo em que importa reflectir. *Público*, 2 set. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/09/02/culturaipsilon/opiniaio/restos-humanos-museus-tema-complexo-importa-reflectir-2061389>. Acesso em: 9 out. 2023.

SÃO JANUÁRIO, Visconde de. *Missão do Visconde de San Januario nas Republicas da America do Sul: 1878 e 1879*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.

VIDEOARTE: vozes indígenas. *Tempo das Huacas*, [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/view/otempodashuacas/sobre/videos?authuser=0>. Acesso em: 9 out. 2023.

CONSERVAÇÃO, RESTAURAÇÃO E ESTUDO DE ESTRUTURA FUNERÁRIA EM ARGILA POLICROMADA DO SAMBAQUI DA CARNIÇA I

Luciane Zanenga Scherer

(Arqueóloga MARquE/UFSC luciane.z.s@ufsc.br)

Bruno Labrador Rodrigues da Silva

Arqueólogo MARquE/UFSC brunolabrador@gmail.com)

Lucas de Melo Reis Bueno

(Departamento de História, UFSC lucasreisbueno@gmail.com)

Thiago Umberto Pereira

(Arqueólogo LEIA/UFSC thiagoumbertopereira@gmail.com)

Ismael Quint

(Técnico em laboratório MARquE/UFSC ismael.quint@ufsc.br)

Gabriela Oppitz

(Arqueóloga LEIA/UFSC gabrielaoppitz@gmail.com)

Vanilde Rohling Ghizoni

(Conservadora-restauradora MARquE/UFSC vanilde.ghizoni@ufsc.br)

Eloah Cristina Melo

(Técnica conservação MARquE/UFSC eloah.melo@ufsc.br)

Marcia Regina Escorteganha

(Mestranda Departamento História/UFSC marciaescorteganha@gmail.com)

Thiago Guimarães Costa

(Químico/UFSC thiago_floripa@hotmail.com)

Fabiana Paulucci

(UFSC fabianapaulucci21@gmail.com)

Maria Octavia Nóbrega Costa

(UFSC mariaonc@gmail.com)

Rafaela Ludvig

(UFSC rafaelaludviig@gmail.com)

Francisco de Carvalho

(UFSC fdecarvalho803@gmail.com)

Aline Padilha

(UFSC alynepad@gmail.com)

Sofia Abrantes

(UFSC sofia.aabrantes@gmail.com)

Joe Wallace Cordeiro

(UFSC joecria@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O projeto “Conservação, restauração e estudo de estrutura funerária em argila policromada do Sambaqui da Carniça I” está sendo desenvolvido no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC e busca diagnosticar e atuar sobre os processos de degradação que estão afetando esta estrutura funerária, através da realização de ações de conservação curativa, preventiva e restauro. Por tratar-se de estrutura funerária o projeto prevê estudos de arqueologia funerária, bioarqueologia e arqueometria com os remanescentes humanos e demais vestígios arqueológicos que a compõem. Com esta orientação constituímos um grupo de trabalho interdisciplinar que têm discutido e atuado de forma integrada na elaboração e execução das atividades desenvolvidas no projeto. O encaminhamento dessas e outras questões contam com a participação dos indígenas Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng vinculados ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina. Nossa proposta prioriza a história indígena de longa duração levando em consideração os grupos indígenas como agentes de sua história e, portanto, vozes fundamentais na tomada de decisões referentes a todas as etapas de execução do presente projeto.

MATERIAL E MÉTODOS

Entre os anos de 1966 e 1967 uma equipe de arqueólogos do então Instituto de Antropologia, atual MARquE/UFSC, desenvolveu pesquisa científica no Sambaqui da Carniça I quando o sítio ainda apresentava grandes dimensões. Durante a pesquisa arqueológica foram evidenciadas oito estruturas funerárias, porém, uma delas apresentava algo inédito, uma grande placa policromada sob esqueleto infantil. A estrutura funerária foi encaixotada, revestida por camada de gesso e, sob o fundo da caixa, por baixo da camada de sedimento e conchas, uma placa de ferro de 3mm de espessura foi incorporada. (BECK, 1966). Em novembro de 1966 foi transportada para o então Instituto de Antropologia.

Há 55 anos o MARquE tem sob sua guarda e responsabilidade esta estrutura funerária. Registros fotográficos comparando o estado de conservação da estrutura quando retirada em 1966, quando exposta nas décadas de 1960 e 1970 e com registros fotográficos dos dias atuais, indicam a intensidade e a ampliação dos processos de degradação.

No ano de 2022 os graduandos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena realizaram uma visita guiada às reservas técnicas 2 (onde encontra-se a estrutura funerária policromada) e 3 do MARquE. Nesta oportunidade expusemos nossa intenção de captar recursos junto a editais externos para a realização de projeto de conservação, restauração e escavação da estrutura funerária, apresentando aos estudantes indígenas os motivos pelos quais tínhamos esta intenção. Todos os estudantes foram unânimes sobre a importância da realização do projeto. Contemplado o projeto em final de 2022, as atividades multidisciplinares iniciaram em 2023 com a participação dos indígenas.

As escavações seguem a metodologia proposta por Mendonça de Souza e colaborado-

res (2013), Villagran (2013) e Klokler e Gaspar (2013). As imagens fotográficas para processamento em 3D seguem o protocolo de Merencio e Pereira (2020) proposto para ser utilizado em escavações arqueológicas.

RESULTADOS

Os estudantes indígenas foram ouvidos sobre suas expectativas em relação ao projeto, demonstrando interesse em participar das escavações. A presença de remanescentes ósseos humanos, considerados materiais sensíveis sobre a placa policromada e a possibilidade de haver mais remanescentes sob a mesma com o início das escavações, despertou interesse sobre as práticas funerárias, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de que esses remanescentes fossem tratados com todo o respeito.

A realização de um ato simbólico de abertura da escavação da estrutura funerária com os estudantes indígenas marcou o início do projeto. O texto, escrito pela então coordenadora do curso de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena professora Doutora Juliana Salles Machado, iniciava pedindo licença “à memória e à história dos povos originários que ocuparam e ainda ocupam este território” para dar início às atividades de escavação e conservação da estrutura funerária. E finalizava falando sobre “a construção de um conhecimento mútuo, que respeite as histórias e culturas indígenas e que diminua o preconceito e o desconhecimento sobre estes povos e suas trajetórias”. Após a leitura, cada um dos povos foi convidado a fazer sua fala de respeito. Os Guarani cantaram uma música em sua língua, os Kaingang e os Laklãnõ-Xokleng elegeram um de seus representantes para proferir algumas palavras.

A partir do “ato simbólico” os indígenas iniciaram sua participação na escavação e triagem do material e vários questionamentos surgiram, especialmente sobre o papel da arqueologia no reconhecimento de áreas para demarcação de terras indígenas. Nas próximas etapas, além da escavação e triagem, os indígenas serão convidados a discutir as formas de guarda e musealização da estrutura funerária e do acervo a ela associada.

CONCLUSÕES

Todas as ações propostas estão sendo discutidas por uma equipe multidisciplinar e inclui a participação dos estudantes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena. A integração desses diversos olhares na realização do projeto está proporcionando estabelecer um diálogo, especialmente no que tange a acervos considerados sensíveis.

AGRADECIMENTOS

Ao Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio Cultural --Edição 2022, financiadora deste projeto.

Aos indígenas Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, UFSC.

À conservadora/restauradora Silvia Cunha Lima, consultora do projeto.

Ao professor Rafael Devos, Departamento Antropologia, UFSC.

À professora Juliana Salles Machado, Departamento História, UFSC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, Anamaria. Diário de campo Jazida SC.LL.13 (Sambaqui da Carniça I e IA), Arquivos MARQUE/UFSC, 1966.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila.; WESOLOWSKI, Verônica.; LESSA, Andrea; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Escavar e interpretar lugares de deposição dos mortos. In: GASPAR; MENDONÇA DE SOUZA (org.). *Abordagens estratégicas em Sambaquis*. Editora Habilis, p. 127-153, 2013.

MERENCIO, Fabiana Terhaag; PEREIRA, Thiago Umberto. A aplicação da fotogrametria digital para documentação de escavações arqueológicas. Caderno de Resumos do I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas. Pelotas, 2020.

KLOKLER, Daniela; GASPAR, Madu. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui...Esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: GASPAR; MENDONÇA DE SOUZA (org.). *Abordagens estratégicas em Sambaquis*. Editora Habilis, p. 109-125, 2013.

VILLAGRAN, Ximena. Estratigrafia e micro-estratigrafia de sambaquis In: GASPAR; MENDONÇA DE SOUZA (org.). *Abordagens estratégicas em Sambaquis*. Editora Habilis, p. 89-107, 2013.

EDXRF E DIFERENTES PRÉ-PROCESSAMENTOS NA ANÁLISE MULTIVARIADA APLICADAS NO ESTUDO DE FRAGMENTOS CERÂMICOS DE SENZALAS DE CAMPOS DE GOYTACAZES - RJ

Cheila S. A. Desantia

(Universidade Estadual de Londrina, CCE, Departamento de Física, Londrina, PR, Brasil, csumenssi@gmail.com)

Carlos R. Appoloni

(Universidade Estadual de Londrina, CCE, Departamento de Física, Londrina, PR, Brasil)

Renato A. Ikeoka

(Universidade Estadual de Londrina, CCE, Departamento de Física, Londrina, PR, Brasil)

Luís C. Symanski

(Universidade Federal de Minas Gerais, CAA, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Palavras-chave: Análise Multivariada, Arqueometria, EDXRF

INTRODUÇÃO

No Brasil, as pesquisas arqueológicas em sítios de ocupação africana e afrodescendente ainda são escassas, porém esses estudos têm mobilizado vários pesquisadores a complementar os registros escritos com a cultura material nas últimas décadas. Esses vestígios materializados encontrados fornecem informações importantes sobre as práticas cotidianas, dinâmica social e afins, e são uma importante via de acesso a história da escravidão, permitindo então, explorar a diversidade de práticas que eram realizadas. Dentre esses materiais, as cerâmicas são os objetos mais comumente encontrados em escavações arqueológicas.

As amostras desse estudo fazem parte do projeto 'Café com açúcar: arqueologia da escravidão em uma perspectiva comparativa no sudeste rural escravista, séculos XVIII e XIX'. As cerâmicas foram coletadas em uma região caracterizada pela intensa mão de obra escravizada em Campos dos Goytacazes - RJ. A Fazenda do Colégio dos Jesuítas se destaca como sítio arqueológico pois possui uma cronologia com mais de 200 anos de ocupação de

uma comunidade escravizada, permitindo uma ampla escala temporal de amostras já que a fazenda passou por diferentes períodos de administração, incluindo os jesuítas, Coroa Portuguesa e proprietários particulares (SYMANSKI, 2012, 2013). Um dos objetivos desse estudo é investigar a vida material de grupos escravos das *plantations* do Sudeste do Brasil e verificar a hipótese da produção local de cerâmica na própria senzala. Assim sendo, foi realizado o estudo de procedência dessas cerâmicas arqueológicas utilizando a técnica de fluorescência de raios X por dispersão de energia com auxílio da análise multivariada exploratória, com três pré-processamentos diferentes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram selecionadas uma coleção de 35 amostras no total, sendo 17 fragmentos cerâmicos encontrados nas escavações na fazenda do Colégio dos Jesuítas e na fazenda de São Bento, e 18 amostras das fontes de argila encontradas nos arredores das senzalas.

Para as medidas, utilizou-se o equipamento de bancada da Shimadzu EDX-720, pertencente ao Laboratório Multiusuário de Análises por Raios X da Universidade Estadual de Londrina (LARX - UEL). Utilizou-se as seguintes condições de medidas: tempo de 300 s para cada faixa (Na-Sc, Ti-U) com o colimador de 5mm, e cinco medidas na pasta cerâmica dos fragmentos cerâmicos como mostrado na Figura 20 e na face externa das amostras de fontes de argila.

O pré-processamento utilizado para a análise de espectro inteiro no MATLAB foi de dados centrados na média (*Mean Center*) e escalamento de Pareto. Na análise pelas intensidades dos elementos o pré-processamento foi de auto escalamento.

RESULTADOS

Na análise de espectro inteiro, com o pré-processamento escalamento de Pareto a variância é explicada entre 70% e 80% utilizando as duas componentes principais. Já para o pré-processamento de dados centrados na média mais de 90% da variância era explicada com as duas primeiras componentes principais. Ao contrário da análise de área líquida, com intensidade dos elementos e pré-processamento de auto escalamento, cuja porcentagem ficou em torno de 50% utilizando as duas primeiras componentes principais, neste caso foi necessário o uso de mais componentes.

Os fragmentos cerâmicos arqueológicos, mesmo que encontrados em regiões diferentes e até mesmo fazendas diferentes, não diferenciam entre si estatisticamente.

Já para as amostras de fontes de argila, os grupos se mantêm distantes, havendo uma clara diferença entre as fontes, dadas principalmente pela intensidade de Fe, mostrando que o Fe é um elemento importante para a separação dessas amostras.

Na análise em conjunto, fragmento cerâmicos e amostras de fontes de argilas, ficou clara a separação entre os fragmentos cerâmicos arqueológicos e as fontes de argila, essa separação evidente indica que a matéria prima dos fragmentos cerâmicos arqueológicos não

é proveniente das fontes de argilas estudadas, indicando que as cerâmicas não foram confeccionadas nas senzalas. Também se evidencia dois elementos com maior intensidade nos fragmentos cerâmicos em comparação com as fontes de argila, são eles os elementos Sr e Zr.

CONCLUSÕES

Esse trabalho foi feito com o intuito de contribuir para questões abertas sobre a procedência das cerâmicas arqueológicas. Através da técnica de fluorescência de raios X por dispersão de energia e a análise multivariada exploratória foi possível obter relevantes informações sobre os fragmentos cerâmicos arqueológicos e as amostras de fontes de argila.

Dentro dessas análises, observou-se melhores respostas nas análises de espectro inteiro com o pré-processamento escalamento de Pareto. O escalamento de Pareto mostrou que além do Fe, como mostrado nos dados com pré-processamento de dados centrados na média, outros elementos tiveram influência no resultado final. Esses elementos são os mesmos responsáveis pelos resultados nas análises quando é retirado os picos de Fe da análise com pré-processamento de dados centrados na média. Isso mostra que o escalamento de Pareto favorece os picos de menor intensidade de forma mais eficiente que o pré-processamento de dados centrados na média.

A separação entre as fontes de argila e os fragmentos cerâmicos indicam que os vasos cerâmicos não foram produzidos no espaço das senzalas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Lilian Panachuk e Laila Kierulff pela preparação e queima das amostras de argila que foram utilizadas neste estudo, à CAPES pela bolsa estudantil e ao CNPq - Proc. Nº 308779/2021-5. Este trabalho faz parte do projeto INCT-FNA Proc. Nº 464898/2014-5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Arqueologia da escravidão em fazendas jesuítas: primeiras notícias da pesquisa. **História, Ciências Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.309-317. 129.

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. **Revista de história comparada**, Rio de Janeiro, 7, 1: 293-338, 2013.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM DO ALTO RIO MADEIRA: ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS CONJUNTOS CERÂMICOS

Angislaine Freitas Costa
(Pesquisadora IPEN-USP angislainefc@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho aborda o uso da metodologia de análise tecno-funcional de cerâmicas combinadas com técnicas físico-químicas: sistema portátil de fluorescência de raios X por dispersão de energia (EDXRF) e análise por ativação com nêutrons (AAN). Elas são empregadas na caracterização composicional de argilas utilizadas na produção de vasilhas de três conjuntos classificados como Barrancoide, Dionísio e Tradição Polícroma da Amazônia no alto rio Madeira (ZUSE et al., 2020).

Os materiais foram coletados em sete sítios arqueológicos situados ao longo de 80 km do rio Madeira, e são interpretados como vestígios de áreas de habitações e contextos cerimoniais, datados entre os séculos XI e XIII A.D (COSTA, 2022). A cerâmica apresenta evidências de trocas de artefatos e convivência entre os grupos indígenas que coabitaram os espaços de planícies aluviais, terraços e ilha fluviais. Nesse cenário, as ilhas estáveis, maioria circundada por rochas contendo gravuras rupestres, são tomadas como lugares privilegiados, e parecem estabelecer laços entre os diferentes atores sociais na região.

A finalidade dessa abordagem é demonstrar que as variações de formas e pastas presentes em alguns contextos podem estar relacionadas à funcionalidade dos objetos, implicando nas classificações das cerâmicas. Além disso, os artefatos, considerados como resultados de trocas, podem corresponder à emulação em contato com outros grupos. A análise da distribuição espacial das vasilhas e suas funções hipotéticas, juntamente com as assinaturas isotópicas, bem como a comparação entre os três conjuntos no trecho encachoeirado, permitiu a compreensão da construção social da paisagem, que envolveu pessoas, coisas e ambiente (COSTA, 2022).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é fundamentada na análise técnico-funcional de 10.696 fragmentos de cerâmicas e 62 vasilhas inteiras e semi-inteiras. Esta metodologia permite compreender os processos que envolvem as etapas de produção (antiplástico, técnica de confecção, tipo de queima, tratamentos de superfícies, tratamentos crômicos e plásticos) e suas funções no contexto sistêmico (cocção, processamento, armazenamento, transporte/transferência de líquidos e serviços), sejam elas de subsistência ou de cunho simbólico (COSTA, 2022).

Após essa análise, foram separadas 119 amostras de cerâmicas dos níveis datados, provenientes dos conjuntos Barrancoide, Dionísio e Tradição Polícroma da Amazônia para

realizar a caracterização composicional das argilas utilizadas na produção das vasilhas, usando a análise por ativação com nêutrons (MUNITA et al., 2020; COSTA et al., 2022). Posteriormente, aplicou-se o uso de sistema portátil de fluorescência de raios X por dispersão de energia para a caracterização dos elementos majoritários (APOLLONI, 2004; RIZZUTTO, 2015; COSTA et al., 2021). Os dados foram tratados por meio da análise de estatística multivariada. Esses métodos arqueométricos auxiliaram na discussão de procedência dos artefatos, trocas e emulação entre os grupos indígenas do alto rio Madeira (COSTA, 2022), uma abordagem que vem sendo realizada no contexto amazônico (HAZENFRATZ-MARKS et al., 2016).

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Os resultados das análises tecno-funcionais demonstraram que as cerâmicas classificadas como Barrancoide e Tradição Polícroma encontradas no sítio arqueológico Ilha de Santo Antônio (ZUSE et al., 2020), pertencem a um mesmo conjunto (COSTA et al., 2023). Dessa forma, as variações de pastas, morfologias e decorações estão intimamente relacionadas à funcionalidade das vasilhas. Devido a essa interpretação, o material passou a ser chamado de cerâmica Santo Antônio em alusão ao sítio estudado (COSTA, 2022).

As assinaturas químicas das cerâmicas desse local corroboraram essa hipótese, indicando uma mesma procedência, de acordo com os dados de AAN e XRF. No que diz respeito ao material da Tradição Polícroma da Amazônia, evidenciado no sítio Coração, que apresenta a mesma fonte de argila dos produtores da cerâmica Santo Antônio, foi possível separar os conjuntos cerâmicos pela correlação entre os elementos químicos, zircônio (Zr) e cálcio (Ca), com a técnica de XFR. Por fim, a cerâmica Dionísio foi produzida com fonte de argila e tempero distintos dos encontrados nos outros dois conjuntos, conforme indica as duas técnicas analíticas.

Os dados foram usados para descrever uma rede de interação de alta conectividade entre os povos indígenas que coabitavam o trecho encachoeirado do alto rio Madeira (COSTA, 2022). A ideia de construção social da paisagem é pensada através das áreas de atividades (TILLEY, 1994), o que envolveu a produção e uso das vasilhas de acordo com as percepções e escolhas culturais de cada comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLLONI, Carlos R. et al. Ceramic Foams Porous Microstructure Characterization by X-Ray Microtomography. *Materials. Research*, v. 7, n. 4, p. 557-564, 2004.

COSTA, Angislaine; GOMES, Denise M. C.; MUNITA, Casimiro; KIPNIS, Renato; RIZZUTTO, Márcia. A produção da cerâmica no alto rio Madeira (séculos XI-XIII D.C): uma abordagem das interações indígenas com a paisagem por meio das técnicas físico-químicas. *Revista de Arqueologia*, v.36, n.22, p.122-139, 25 mai. 2023.

COSTA, Angislaine F. *A construção social da paisagem do alto rio Madeira: ocupação pré-colonial*

nas ilhas fluviais, Rondônia. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

COSTA, Angislaine; MUNITA, Casimiro; ZUSE, Silvana; KIPNIS, Renato. Preliminary studies of the Ceramics from Archaeological Sites of the Upper Madeira River/Rondônia, Brazil. *Brazilian Journal of Radiation Sciences*, v. 9, n. 1A, p. 1-16, 2021.

HAZENFRATZ-MARKS, Roberto; MUNITA, Casimiro; GLASCOCK, Michael; NEVES, Eduardo. Study of exchange networks between two Amazon archaeological sites by INAA. *Journal of Radioanalytical and Nuclear Chemistry*, v.309, n.1, 195-205, 2016.

MUNITA, Casimiro; BATALLA, Nicolás; COSTA, Angislaine; BARROS, Joanna; NOGUEIRA André; CARVALHO, Patrícia; CARVALHO, Priscila. Explorando problemas arqueológicos com técnicas físico-químicas. A trajetória do Grupo de Estudos Arqueométricos do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, São Paulo, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, v.15, n.3, e20200004, 2020.

RIZZUTTO, Márcia A. Métodos físicos e químicos para o estudo de bens culturais. *Cadernos do CEOM*, v. 28, n. 43, p. 67-76, 2015.

TILLEY, C. *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Oxford: Berg, 1994.

ZUSE, Silvana; COSTA, Angislaine; PESSOA, Cliverson; KIPNIS, Renato. Tecnologias cerâmicas no alto rio Madeira: síntese, cronologia e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, v.15, n.2, e20190082, 2020.

ARQUEOMETRIA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PALÁCIO DE GOVERNO CATARINENSE

*Márcia Regina Escorteganha – PPGH /UFSC
(marciaescorteganha@gmail.com)*

1. INTRODUÇÃO

Com objetivo aprofundar a compreensão dos vestígios arqueológicos históricos provenientes das escavações arqueológicas (2002/03) nos jardins históricos do Palácio Governo, atual sede do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), que revelam vestígios da colonização (séc. XVIII e XIX), bem como traços da cultura material indígena e africana. Focando a pesquisa em análises que proporcionam uma reconstrução descritiva da ocupação territorial e dos costumes da antiga Desterro, hoje Florianópolis.

Para contextualizar época e território de ocupação, realizou-se retrospectiva histórica do sítio em questão, considerando que tal perspectiva se baseia na investigação dos fatos, colocando-os em ordem cronológica, possibilitando assim, visualizar o desenrolar dos acontecimentos dentro de seus contextos histórico-social, respeitando a estratigrafia temporal como identidade e registro histórico de cada época.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O método empregado se concentra na associação de pesquisa documental e analítica (caracterização físico-química) dos fragmentos arqueológicos, seguindo na compilação dos dados coletados e indícios investigados.

Aplicou-se o método investigativo quanto aos conteúdos relacionados ao território e ao acervo em questão, através de fontes documentais e historiográficas (revisão bibliográfica, gráfica e documental, registros fotográficos, publicações, sites, entre outros recursos).

A análise de conteúdo das fontes é o método prático dentro da perspectiva teórico-metodológica, onde pretende focar na interpretação dos registros históricos que possibilitem elaborar a narrativa da ocupação territorial como estuda FUNARI (1998); BUENO (2012, 2015 e 2021); SOUZA, (1981) e BOITEUX (1985,1950) .

Adicionando, às análises físico-químicos (estudos arqueométricos) de exemplares a partir do recorte de amostras do conjunto de fragmentos estudados, com a finalidade caracterizar os materiais, através de métodos analíticos realizadas em laboratório. Neste caso utilizou-se a técnica analítica do EDS X-FEG conduzida no LCME/UFSC com objetivo de encontrara indícios que possibilitem a identificação da fabricação das peças cerâmicas, abordados no método de estudos realizados neste campo por SCOLARI (2007), SALVADOR (2017) e SOARES (2011). Quanto à análise iconográfica e de tecnologia de manufatura concentra-se na metodologia implantada por SAMPAIO e SILVA (2021).

Para a análise laboratorial de caracterização físico-química dos fragmentos representativos selecionados quanto à manufatura e técnicas de execução destas peças arqueológicas e seus materiais compositivos, pigmentos e antiplastos, abordando a metodologia de estudos analíticos de CALZA (2007 e 2012); JONES (2004); LOPEZ, FUENTE e FIORE (2012); RIZZUTTO (2019) COSTA (2015, 2017 e 2020).

Como resultados preliminares (pois, a pesquisa continua) objetivando abordar aspectos tecnológicos utilizados na escolha da matéria-prima para a produção da cerâmica e os possíveis usos desses recipientes a partir dos resíduos orgânicos neles preservado. Sendo assim, as análises EDS-X identificaram nos pigmentos (cerâmica) que são de origem mineral (óxidos de ferro, manganês e cromo, além de carbonato de cálcio) a ausência de bandas características para caulinita sugere baixas temperaturas de queima (até 900 °C), foi encontrado na estrutura externa da cerâmica (Al e Si) e na estrutura interna (Fe). Quanto as análises elementos das moléculas dos resíduos internos (fundo), ainda não se tem análise conclusiva por FTIR e GC-MS (cromatografia gasosa) por estarem em andamento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações arqueométricas têm o potencial de enriquecer a compreensão dos vestígios arqueológicos no contexto de seu território, atribuindo valores significativos ao acervo e à história. Além de evidenciar o saber-fazer peculiar dos objetos quanto à sua forma e função, associada aos costumes de época e a matéria-prima utilizada na dinâmica do uso. Informações estas que enriquecem a documentação sobre os artefatos arqueológicos em si e que podem ser utilizadas na integração desses artefatos em exposições temáticas em museus ou em cursos didáticos de extroversão dos acervos arqueológicos. Ações que dão vida e movimento aos sítios arqueológicos, trazendo para o presente sua importância e narrativas de ocupação territorial ao longo destes anos. Assim, a caracterização físico-química (Arqueometria) e análise documental, abrem novas perspectivas para mais pesquisas interdisciplinares no campo da Arqueologia e áreas afins.

AGRADECIMENTOS

Ao Laboratório Central de Microscopia Eletrônica - LCME /UFSC (técnico: Eduardo de Almeida Isoppo). Valter de Souza Felix (químico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- IFRJ do Rio de Janeiro (Paracambi)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALZA, Cristiane Ferreira. **Desenvolvimento de Sistema Portátil de Fluorescência de Raio X com Aplicação em Arqueometria**. Tese de Doutorado em Ciências em Engenharia Nuclear. Rio de Janeiro, 2007Doutorado. Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, T. et al. **Pre-colonial culture and technology through elemental and molecular**

analysis of ceramics with decorative paintings found at Tapera beach, Florianópolis, Brazil. *Spectrochimica Acta Part A-Molecular And Biomolecular Spectroscopy*, v. 243, p. 118773, 2020.

BOITEUX, Henrique. **A República Catharinense: notas para a sua história**. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1985.

BUENO, L.; REIS, L. (Orgs.). **Florianópolis Arqueológica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. 521 p.

_____; DIAS, Adriana Schmidt. **Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro**. *Estudos Avançados*, v. 29, p. 119–147, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000100009>

FUNARI, Pedro Paulo A (org). **Cultural Material e Arqueologia Histórica**. Coleção Idéias UNICAMP Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

JONES, A. 2004. **Archaeometry and materiality: Materials bases analysis in theory and practice**. *Archaeometry* 46, 3 (2004) 327–338.

LOPEZ, M. A., G. A. de la FUENTE y D. FIORE. 2012 **Arqueometría del arte: estudios físico-químicos de pigmentos arqueológicos**. *Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino* 17(2): 75-81.

SAMPAIO, Ana Cristina de Oliveira; SILVA, Bruno Labrador Rodrigues da. **Para além das Muralhas: dos fragmentos ao monumento- Fortaleza de São José da Ponta Grossa**. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2021

SCOLARI, Keli Cristina. **Cerâmicas em Faiança Existentes nos Casarões do Centro Histórico de Pelotas. RS**. Pelotas: Ed. UFPel, 2017

SOARES, Fernanda Codevilla. **Vida Material de Desterro no Século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina, Brasil**. Tese de doutorado na Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2011

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- séculos XVIII e XIX**. Imprensa Oficial-FCC, Florianópolis, 1981.

RIZZUTTO, M. A., OLIVEIRA, L.S.S. *et al.* **Archeometric study of pottery shards from Conjunto Vilas and São João, Amazon**. *RADIATION PHYSICS AND CHEMISTRY*, v. 1, p. 1-5, 2019.

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFSC E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ACERVO

Bruno Labrador
(*arqueólogo MArquE/UFSC-brunolabrador@gmail.com*)

Fabiana Paulucci
(*estudante de Museologia/UFSC-fabianapaulucci21@gmail.com*)

Lucas Figueiredo Lopes
(*museólogo MArquE/UFSC- rjf.lucas@gmail.com*)

Elias Palminor Machado
(*doutorando em Ciência da Informação/UFSC-eliasmachadamuseu@gmail.com*)

Luciane Zanenga Scherer
(*arqueóloga/UFSC-luscherer@gmail.com*)

Eloah Cristina Melo
(*técnica em restauração/UFSC-eloah.melo@ufsc.br*).

INTRODUÇÃO

A necessidade de ampliar o acesso ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia – Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se acentuou com a chegada da pandemia de COVID-19. Uma série de iniciativas foram propostas pela equipe do Museu para à ampliação do acesso público e gratuito, e dentre elas um projeto com a finalidade de construir uma plataforma on-line, na qual seria possível salvaguardar e oportunizar o acesso às informações de forma mais dinâmica.

O repositório digital Tainacan foi escolhido pelos seus recursos de organização e visualização, pela sua interface amigável e devido a boas experiências decorridas em trabalhos anteriores. O sistema é desenvolvido pela UNB, com apoio da UFG e IBRAM (IBRAM, 2020).

Há poucos relatos sobre a experiência de utilização desse repositório digital, especialmente no que diz respeito a coleções de arqueologia. Os itens arqueológicos se sobressaem numericamente no acervo do MArquE, contudo as coleções do Museu são diversificadas, sendo formadas por coleções de arqueologia, etnologia, cultura popular, documental e bibliográfica. É sobre o processamento dos dados, inserção e publicação on-line desse acervo que o trabalho se debruça, visando compartilhar as experiências desenvolvidas ao longo do percurso.

MATERIAIS E MÉTODOS

O MARquE é um Museu Universitário que tem sua origem no Instituto de Antropologia da UFSC, criado em 1965. Sua história e acervo estão associados ao processo de institucionalização da Antropologia e da Arqueologia em Santa Catarina.

Diante do vasto acervo, com mais de 50.000 peças, realizou-se inicialmente um diagnóstico do estado atual das coleções e dos processos já instituídos no Museu referentes à digitalização e à gestão da informação. O acervo do sítio arqueológico Sambaqui de Ponta das Almas, e o acervo da coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes foram selecionados como um projeto piloto.

Uma das ações iniciais foi a definição dos metadados, existindo aqueles comuns à todas as coleções e aqueles específicos a cada uma, considerando também os estipulados pelo Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (IBRAM, 2020). Logo após foi o momento de configurá-los segundo o seu tipo (texto simples, taxonomia, relacionamento, composto, numérico, data, usuário, ou lista de seleção), conforme a necessidade de descrição.

Ação concomitante e que segue em aperfeiçoamento é a padronização do método de trabalho por meio da criação de protocolos e de manuais. A elaboração de um Manual de Preenchimento, o uso de tesouros e de um vocabulário controlado nas tarefas de indexação possibilitou a padronização na terminologia, facilitando o preenchimento e evitando erros.

Foi também necessário fazer o tratamento dos dados existentes na forma de inventários, planilhas, textos e imagens, visando padronizar os metadados, corrigir eventuais erros e preparar os arquivos para importação para o Tainacan. Com este trabalho prévio realizado, iniciou-se o preenchimento das informações do projeto piloto no Tainacan.

RESULTADOS

Devido as características dos acervos e de sua disposição nos espaços de guarda e exposição, foram criadas quatro coleções no Tainacan, todas relacionadas, até o momento, ao acervo do sítio Ponta das Almas e ao acervo Professora Elizabeth Pavan Cascaes: coleção de Acervo Documental, de Bens Arqueológicos, de Acervo Museológico, e de Sítios Arqueológicos.

A coleção de sítios arqueológicos abarca as informações gerais de cada sítio que possui acervo no MARquE. Cada item da coleção corresponde a um sítio arqueológico. A coleção foi projetada com 29 metadados, agrupados em dados principais (número de registro, nome, siglas, pesquisadores, resumo, atribuição cultural, tipo de sítio, datações, tipologia de materiais etc.), localização (coordenadas geográficas, mapa, estado, região arqueológica), gestão (quantidade de caixas, estado de curadoria, localização das caixas/itens, peso e bens arqueológicos relacionados), e relacionamento (acervo documental relacionado e acervo museológico relacionado).

A coleção de Bens Arqueológicos compreende as caixas em que estão acondicionados os materiais do sítio, bem como seus artefatos que passaram por um processo de musealização. Nessa coleção cada caixa ou artefato corresponde a um item. Além dos metadados

compartilhados com a coleção de sítios, aqui se encontram metadados que melhor qualificam o tipo e quantidade dos materiais arqueológicos. Para o sítio Ponta das Almas foram cadastradas 28 caixas.

É na coleção de Acervo Documental que se encontram os relatórios, croquis e demais documentos digitalizados, relacionados aos sítios arqueológicos e a outros itens museológicos. Cada item corresponde a um documento sendo que, por enquanto, há dez itens vinculados ao sítio Ponta das Almas. Um total de 36 metadados foram criados para a coleção. Cabe destacar que todo acervo bibliográfico do MARquE será aqui incluído em etapa posterior.

Por fim, a coleção de Acervo Museológico abrange, até o momento, o acervo Professora Elizabeth Pavan Cascaes, constituído por esculturas e obras de arte sobre papel de autoria de Franklin Joaquim Cascaes. Um total de 68 metadados foram configurados para essa coleção, e cada artefato, escultura ou objeto etnográfico corresponde a um item. Estão registrados 27 itens na coleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coleções aqui descritas estão acessíveis para consulta, com link de acesso presente no site do MARquE (<https://museu.ufsc.br/>), porém ainda deve-se desenvolver o layout do Tainacan, aperfeiçoar os manuais e protocolos, além da inserção dos milhares de itens do acervo não contemplado. Espera-se que o objetivo do trabalho, de compartilhar as experiências desenvolvidas no processo de execução, possa servir de suporte para outras instituições de guarda e que a disponibilização do acervo digital propicie meios para produção e fruição da informação e do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREZ, Helena Dodd. Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros. Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal da Cultura. Produção Fazer Arte. 2016. Disponível em: <<https://tesauromuseus.com.br/download/tesouro.pdf>>. Acesso em 10 out 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Acervos digitais nos museus: manual para realização de projetos. Brasília: Ibram, 2020. 140 p.

POR QUE NÃO UM SIMPLES INVENTÁRIO?: PROPONDO UMA GESTÃO AMPLA EM MEIO A THESAURI E CATÁLOGOS DIVERSOS

Mario Junior Alves Polo

(Museu Nacional/UFRJ – mariopolo@mn.ufrj.br)

Letícia Dutra Romualdo da Silva

(Museu Nacional/UFRJ – leticiadutra@mn.ufrj.br)

O trabalho apresentado emerge do debate sobre as particularidades da documentação museológica aplicada a acervos arqueológicos. Aqui atentamos à falta de padronização dos instrumentos utilizados para esse fim no interior de Instituições de Guarda e Pesquisa (IGPs), sobretudo aquelas de maior vulto e tempo de atuação, ao considerarmos a cristalização de determinadas práticas e instrumentos de documentação, ou ainda as idiosincrasias institucionais e a falta de diálogo entre seus setores internos.

A partir desse quadro, falamos dos percalços e da importância de se investir em uma gestão ampla (MONTEIRO; BEVILACQUA, 2011) dos acervos arqueológicos em uma mesma instituição, de modo a fazer com que as coleções conversem entre si, fazendo uso especialmente da normalização dos campos catalográficos e vocabulários adotados.

Nessa direção e, a partir da nossa própria experiência, apresentamos a proposta de um protocolo de catalogação para acervos arqueológicos, atualmente em aplicação junto ao setor de Arqueologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - MN/UFRJ. Ele foi desenvolvido a partir de uma análise comparativa entre alguns softwares disponíveis para catalogação de acervos museológicos, e em consideração a práticas e diretrizes profissionais desejáveis de curadoria, gestão e preservação do patrimônio museológico descritas em Boylan (2004), Ferrez (1994) e CIDOC (1995); o amadurecimento da discussão sobre o tema no país, dos quais os textos de Afonso e colaboradores (1997), Lima e Rabello (2007), Silva e Silva (2016) e Milheira e colaboradores (2017) são alguns exemplos; e, por fim, o texto da Portaria IPHAN 196/2016 que definiu parâmetros mínimos para descrição e identificação das coleções âmbito legal.

O ponto de partida do protocolo foi uma ficha catalográfica (o “Catálogo de Itens”) responsável por reunir as informações específicas sobre os itens de cada uma das coleções que compõem o acervo arqueológico da instituição. De forma subjacente, a proposta inclui outros dois catálogos: o de coleções e o de documentação associada. O primeiro para registro de informações sumárias de caracterização das coleções que integram o acervo e o segundo que se propõe a ser uma aproximação a uma gestão documental, e que lista toda a documentação acessível e pertinente às coleções. A união desses três catálogos, em planilhas Excel por ora, produz um escopo documental fundamental para contextualização das coleções, sua gestão e segurança, além de ser uma ferramenta para se enfrentar o problema das coleções personalizadas e daquelas ainda não inventariadas (*backlog*).

A utilização de um protocolo de catalogação pode ser pensada de forma com que ele atue menos como uma ferramenta que produz rigidez, simplificação ou domesticação dos acervos (COSTA, 2007), e mais como um idioma comum capaz de permitir que mais pessoas e coisas dialoguem. A ideia é que se possa acompanhar sua aplicação, garantindo sua avaliação contínua, sua interface com outros instrumentos de catalogação anteriores ou alternativos, bem como a possibilidade de contribuições de diferentes agentes, reforçando seu caráter dialógico. Mas, ainda assim, nos atentando à padronização dos dados dos acervos arqueológicos sob guarda da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO, Marisa Coutinho; BOTTALLO, Marilúcia; PIEDADE, Silvia Cristina; MORAIS, José Luiz de. Curadoria das coleções arqueológicas pré-históricas brasileiras no MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 7, p. 199-201, 1997.

BOYLAN, Patrick J. (Ed.). *Running a Museum: a practical handbook*. Paris: ICOM, 2004.

BRASIL. IPHAN. *Portaria nº 196*, de 18 de maio de 2016. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de maio de 2016, Seção 1, Página 84.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Proposta de instrumento documental museológico para as coleções arqueológicas do MAE/UFBA. *Revista Eletrônica Jovem Museologia*, 2 (4), 2007.

CIDOC. *International Guidelines for Museum Object Information: The CIDOC Information Categories*. Comité International pour la Documentation, Conseil International des Musées. 1995.

FERREZ, Helena Dobb. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *Cadernos de Ensaio*, n. 2, Estudos de Museologia, Rio de Janeiro: MinC / IPHAN, p. 64-74, 1994.

LIMA, Tania Andrade; RABELLO, Angela. Coleções Arqueológicas em Perigo: o caso do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. In: LIMA, Tania Andrade (Org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação*. 33. ed. Brasília: Iphan, 2007. p. 245-275.

MILHEIRA, Rafael; PEIXOTO, Luciana; CALDAS, Karen; AZEVEDO, Paula. *Política de Gestão da Reserva Técnica sob a salvaguarda do LEPAARQ-UFPEL*. Pelotas, 2017.

MONTEIRO, Juliana; BEVILACQUA, Gabriel. Gestão Integrada de acervos: questões contemporâneas. *Anais do 2º Seminário Científico: Arquivologia e Biblioteconomia/UNESP Marília*. 2011.

SILVA, Letícia Dutra Romualdo da; SILVA, Martha Maria de Castro e. Acervos Arqueológicos Pré-Históricos: o inventário como ferramenta essencial de uma política de gestão. In: *Anais do IV Seminário de Preservação do Patrimônio Arqueológico*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. p. 389-400.

CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DE ACERVOS: DESENVOLVIMENTO DE MÉTODOS DE CURADORIA E GESTÃO DE MATERIAIS LÍTICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

Victoria Ballardín
(Universidade de São Paulo - vballardin@usp.br)

Lorenza Lourenço
(Universidade Federal de Minas Gerais - lorenzalourencoc@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva apresentar o projeto desenvolvido em parte do acervo lítico da Reserva Técnica II do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB/UFMG), visando melhor acondicionamento das peças líticas provenientes de escavações realizadas no sítio arqueológico Lapa do Boquete.

O sítio supracitado está localizado no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, em Januária-MG, e é um sítio referência para a arqueologia nacional e internacional, tendo sido encontrados nele vestígios muito bem preservados, incluindo diversos sepultamentos (PROUS; RODET, 2009). Pela sua importância, foi necessário, então, pensar em ações que proporcionassem e prolongassem um bom estado de conservação de seu acervo, tendo em vista que boa parte das peças estavam acondicionadas, até então, nas mesmas embalagens da época em que foram escavados.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais deste estudo são peças do acervo lítico do sítio arqueológico Lapa do Boquete, acondicionadas na Reserva Técnica II do MHNJB/UFMG. Estas peças foram incorporadas ao Museu através de escavações feitas durante 1980 e 1990, coordenada pelo arqueólogo e professor André Prous e financiadas pela Mission Archéologique Française, Fapemig e CNPq (RODET; TALIM, 2021).

Para elaborar as ações efetuadas neste trabalho, foi feito um diagnóstico do acervo e das condições do ambiente à sua volta, que afetam diretamente na conservação (SOUZA; FRONER, 2008); tal procedimento auxiliou na escolha e desenvolvimento dos melhores métodos. Foi realizada pesquisa em numerosas referências bibliográficas sobre conservação preventiva em acervos arqueológicos, complementadas às experiências rotineiras na Reserva Técnica II. A equipe também contou com orientações da Prof.^a Dr.^a Jussara Vitoria de Freitas (Departamento de Artes Plásticas da UFMG), especialista em conservação e restauração e que indicou as melhores maneiras de acondicionar o acervo levando em consideração as especificidades do material e do Museu.

O acervo da Lapa do Boquete estava, majoritariamente, acondicionado em caixas box de papelão, muitas delas degradadas, com mofo e presença de insetos mortos. Os saquinhos plásticos que continham o material estavam, por vezes, preenchidos com água (goteiras e infiltrações existentes na Reserva Técnica II). O próprio material lítico estava geralmente embalado em papel higiênico, ocasionalmente grudados nas peças, e em caixas de fósforo.

Primeiramente, todo o acervo foi retirado das caixas box e transferido para caixas de polietileno. Em seguida, realizou-se a substituição das embalagens. O material lítico foi embalado individualmente em papel Glassine, formando uma espécie de pacote para que não desenrolasse facilmente, e, então, colocado em sacos plásticos fechados com algum tipo de cadarço cru. Para cada embalagem de amostras líticas, uma ficha catalográfica foi preenchida como forma de realização do inventário.

Além disso, cada embalagem é acompanhada por uma ficha de identificação. As fichas danificadas também foram refeitas e armazenadas em um saco plástico individual para evitar sua degradação e contato direto com as peças. Em cada caixa, o material arqueológico foi organizado de acordo com as quadras ou setor de escavação e também seguindo o nível estratigráfico em que se encontravam. Fichas de identificação foram posicionadas externa e internamente às caixas, para controle e organização da reserva.

RESULTADOS

Qualquer material orgânico ou inorgânico se degrada com o passar do tempo, porém podemos minimizar isso tomando cuidados relacionados à conservação preventiva (FREITAS, 2019). Os artefatos líticos, embora mais resistentes que outros materiais, também podem sofrer danos: a umidade pode causar erosão e degradação, e impactos podem causar fragmentações e rachaduras.

A transferência do material para caixas de polietileno, bem como o acondicionamento de todas as peças em papel Glassine e em embalagens plásticas fechadas, permitiram que o avanço da degradação do material arqueológico fosse interrompido. Entretanto, frisa-se que o trabalho é contínuo e, apesar de todo o acondicionamento realizado, muito ainda precisa ser feito, mantido e verificado para que o acervo seja preservado.

Outro produto deste trabalho foi a confecção de um manual para lidar com esse acervo, visando facilitar a continuação deste projeto na Reserva Técnica II, inclusive com materiais de outros sítios arqueológicos.

CONCLUSÕES

Através deste trabalho, acreditamos que foi possível perceber como a arqueologia, a museologia e a conservação são áreas correlatas, que possuem uma profunda relação entre si. É preciso não perder isto de vista, considerando que, por vezes, os trabalhos feitos por arqueólogos e profissionais dos museus parecem um tanto quanto distantes um do outro.

Fica claro, então, como é necessário que envolvidos com estas áreas desenvolvam um trabalho interdisciplinar, entendam os processos que envolvem o seu e demais campos e, juntos, criem maneiras mais benéficas possível de preservar seu acervo. Embora consigam ir muito além do tangível, a arqueologia, a museologia e a conservação tem uma forte preocupação com a salvaguarda daquilo que é material, possuindo essa semelhança em prol de perpetuar para os anos futuros objetos que podem servir para as mais diversas produções. É isto o que também tentamos realizar na Reserva Técnica II do MHNJB/UFMG. Através dos diferentes saberes e práticas de cada área, procuramos encontrar formas para melhor conservar e documentar o acervo arqueológico tão relevante que por lá se encontra.

AGRADECIMENTOS

Ao Ministério Público do Estado Minas Gerais, que, em convênio com o MHNJB/UFMG, possibilitou que este projeto fosse executado e aos professores e colegas de universidade que fizeram parte deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Jussara V. **Diagnóstico do Estado de Conservação**. 2019.

PROUS, Andre; RODET, Maria J. (ed.). **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFMG - Arqueologia do Vale do Peruaçu e Adjacências - Minas Gerais**. Belo Horizonte: MHNJB-UFMG, vol. 19, 2009.

RODET, Maria J.; TALIM, Déborah L. D. **Relatório de atividades de curadoria e organização de coleções na Reserva Técnica 2 do MHNJB-UFMG (junho-dezembro 2020)**. Belo Horizonte: MHNJB-UFMG, 2021.

SOUZA, Luiz A. C.; FRONER, Yacy-Ara. Roteiro de Avaliação e Diagnóstico em Conservação Preventiva. **Tópicos em Conservação Preventiva; 1**. Belo Horizonte: LACICOR - EBA - UFMG, 2008.

POLÍTICAS INSTITUCIONAIS PARA A GESTÃO DE ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E ETNOGRÁFICOS – MOVIMENTOS DISCURSIVOS NO PRESENTE PARA O FUTURO

*Marília Xavier Cury
(MAE-USP, maxavier@usp.br)*

A comunicação abordará a curadoria em museus e a participação direta de povos indígenas, num trabalho ao mesmo tempo interdisciplinar e colaborativo.

Por curadoria entendemos as ações em torno do objeto museológico (coleta e formação de coleções, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, envolvendo exposição e educação e outras ações). Tratadas como um ciclo, as ações de curadoria se articulam dinamicamente e de acordo com circunstâncias particularizadas tanto pelas formas de ingresso no museu, como sua vida institucional que depende de recursos financeiros e humanos, como políticas que favoreçam a curadoria ou ainda seu armazenamento. Da mesma forma, a curadoria é (des)favorecida por políticas públicas (museais, arqueológicas, educacionais, econômicas etc.), determinando inclusive que coleções sejam formadas, mas não estudadas, sem que participem do discurso institucional ativamente, mas passivamente mediante o acúmulo e o armazenamento em reservas técnicas.

Há nos museus coleções que não foram estudadas e que aguardam os cuidados, mediante revisão documental, trabalho não feito, mas urgente. Nos museus com coleções antigas, a trajetória do objeto é trabalho de curadoria, base para estudos, atualização da documentação, comunicação museológica e acesso. Esse trabalho de curadoria deve, no sistema documental, monitorar a circulação do objeto, seus deslocamentos institucionais, “[...] bem como o tratamento e organização das informações sobre o objeto, lembrando que se lida com representações através da linguagem” (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2000, p. 241). Nesse sentido, a curadoria vai além do armazenamento físico e da arquitetura dos sistemas documentais, constituindo numa política de gestão de acervo que esclarece sobre “pontos fundamentais sobre o tratamento das coleções [...] para dar ao museu uma característica marcante em relação ao tratamento das coleções” (BOTTALLO, 2010, p. 53), um passo fundamental para retomar o controle do acervo (ROBERTS, 2015, p. 31).

Como há nos museus coleções que aguardam uma recontextualização ou requalificação, pois os sentidos e significados não são fixos ou intrínsecos e a musealidade nunca se completa. Nesse ponto a curadoria indígena se coloca como direito ao acesso e à participação na musealização, mas também pontos de construção de uma interação entre indígenas e profissionais de museus.

A gestão de coleções é parte da curadoria naquilo que concerne aos cuidados com a materialidade, as informações e os conhecimentos produzidos, mas também os usos públi-

cos mediante éticas em respeito às lutas dos povos indígenas e suas reivindicações. A gestão de coleção deve sempre estar atualizada, seguindo protocolos do que pode e não mediante legislação e podendo, o que deve ou não ser feito mediante éticas, como resultado do diálogo com povos indígenas que geram acordos que alimentam políticas de gestão de acervo.

Indo além da ideia de gestão de coleções e os cuidados decorrentes, o objetivo da comunicação é sublinhar o ponto estratégico de cruzamento de todas as questões que permeiam as responsabilidades museais e fator constitutivo do discurso institucional – a Política de Gestão de Acervo.

São políticas as posições que um museu adota na curadoria, tais como as relações estabelecidas com comunidades implicadas (da localidade, povos indígenas e outros grupos culturais ou identitários), suas formas de aproximação ou distanciamento, informação ou desinformação sobre o que seja curadoria, os consentimentos ou anuências, para citar alguns poucos exemplos. Mas, a participação deve ser planejada e cuidados com a privacidade e direito de imagens, sobretudo com crianças e velhos, devem seguir protocolos éticos, outros exemplos. Da mesma forma que registros em áudio e/ou visuais devem ser restritos, a restrição deve ser sempre esclarecida e acordada com os participantes da pesquisa, agentes esclarecidos e atuantes tanto na pesquisa de campo, como na entrada dos seus objetos, imagens e áudios no processo de musealização. Com esse princípio, o que está no museu com entrada anterior passa a seguir a(s) restrição(ões), no sentido do acesso e do que pode ou não, por quem, por que e quando, por meio de um código de conduta respeitosa às demandas indígenas. Nisso, a pesquisa é afetada desde o início, mas ao entrar no museu um objeto e os registros envolvendo pessoas ou produzidos a partir delas requerem cuidados outros não vislumbrados anteriormente mediante a outras lógicas. São os princípios éticos na atualidade que nos conduzem a uma outra política de gestão de acervo. Para ficar mais claro, a política impacta todos os setores do museu, todos se relacionam mais ou menos diretamente com o acervo, os produtores culturais, artesãos e seus descendentes. Na prática, muito mais ações são atividades fim, inclusive as administrativas. Uma política administrativa museal não raro conduz a política de gestão de acervo, quando o esperado é o equilíbrio, com negociação.

Mas outras ações são afetadas por/ou afetam as políticas e formam os discursos museais, como a divulgação da programação, o marketing e construção da imagem institucional, recursos financeiros e humanos, gestão e direção etc. Se há restrições, elas alcançam todos os setores e ações, principalmente a gestão por meio do gestor, uma vez que cabe a ela(e) o direcionamento das boas práticas museais e seus protocolos definidos e executados politicamente, um compromisso com o futuro do museu.

Mas, como elaborar posições políticas hoje, projetando para o futuro? A comunicação enfatizará a participação indígena e ações de colaboração na construção de posições e discursos políticos explícitos, para que se estabeleça uma dialógica que permita a reunião de visões, conhecimentos e saberes acadêmicos, profissionais e indígenas em torno dos patrimônios musealizados e/ou em vias de musealização, objetos arqueológicos e etnográficos.

ficos, vislumbrando o respeito às crescentes demandas ativistas indígenas e o papel social e político dos museus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: *Documentação e conservação de acervos museológicos*. Brodowski, SP: ACAMPorinari, 2010. p.48-79.

CERÁVOLO, Sueli; TÁLAMO, Maria de Fátima G.M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n.10, p. 241-252, 2000.

ROBERTS, Andrew. Inventário e documentação. BOYLAN, PatrickJ (ed.). *Como gerir um museu: manual prático*. Brodowski, SP: ACAMPorinari, 2015. p.25-38.

COLEÇÕES BIOARQUEOLÓGICAS: PROTOCOLO DE GESTÃO DE ACERVOS E CURADORIA PARA REMANESCENTES HUMANOS COM BASE NA EXPERIÊNCIA DO SÍTIO MOREIRA¹

Luciana da Silva Peixoto

(Doutoranda do PPGAnt – UFPel; lucipic@hotmail.com)

Victória Ferreira Ulguim

(Doutoranda do PPGAnt – UFPel; viulguim@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

A preservação dos acervos arqueológicos está associada à constituição de uma memória coletiva, sendo sua gestão indissociável do pensar e fazer arqueologia. Nesse contexto, a gestão de acervos arqueológicos vem se consolidando como uma promissora e muito necessária área de pesquisa, incorporando pesquisadores de diferentes disciplinas, como museologia, conservação e restauro e ciência de dados, além da arqueologia.

Recentemente, durante o XI Encontro da Associação de Paleopatologia da América do Sul (2023), inúmeros pesquisadores apresentaram questões relativas ao estado de preservação de coleções bioarqueológicas em reservas técnicas, decorrentes da ausência de protocolos específicos para curadoria de remanescentes humanos que cumpram objetivos básicos, como conservação preventiva, identificação dos elementos anatômicos, registro, facilidade de acesso e uso de dados.

Pensando em contribuir com a área da bioarqueologia e com as instituições de guarda em geral, apresentamos o protocolo que foi desenvolvido e utilizado no sítio arqueológico Moreira 1 para resgate de um sepultamento primário e curadoria dos remanescentes exumados. O protocolo foi criado de forma colaborativa entre a equipe do Instituto de Memória e Patrimônio – IMP, responsável pelo *Resgate Parcial do Sítio Pré-Histórico Moreira 01¹*, e a bioarqueóloga Priscila Ulguim².

1 O Resgate Parcial do Sítio Pré-Histórico Moreira 01, foi realizado no âmbito do Programa de Pesquisas Arqueológicas para Área de Instalação da Adutora do Sistema de Abastecimento de Água ETA - São Gonçalo - Pelotas e Capão do Leão/RS. Processo IPHAN nº 01512.003992/2014-23.

2 Mestra em Bioarqueologia pela University of Exeter, Reino Unido sob a orientação do Prof. Doutor Christopher Knüsel. Pesquisadora pós-graduada e bolsista de doutorado pela CAPES na Teesside University, Reino Unido sob a orientação do Prof. Doutor Tim Thompson.

MATERIAIS E MÉTODOS

A identificação de um enterramento durante as escavações do sítio Moreira 01 sensibilizou a equipe para a necessidade de aplicação de protocolos específicos para exumação, registro, conservação preventiva, transporte e posterior curadoria do material. As primeiras ações em campo foram acompanhadas por uma graduanda em Conservação e Restauro que fazia parte da equipe de arqueologia. Sob orientação da bioarqueóloga e suporte técnico da Conservadora foram sendo executados diversos procedimentos para garantir a preservação do material.

Assim, antes e durante a exumação do material foram feitos os registros cabíveis como fotografias, desenhos, tomada de medidas tridimensionais do esqueleto e suas partes e de seu contexto deposicional envolvendo a cultura material a ele associada (Figura 1). Esta constitui-se de cerâmica (fragmentos), lítico, fauna de diferentes espécies, inclusive instrumento ósseo e carvão. Com uma localização pouco profunda na estratigrafia do sítio, o esqueleto estava disposto no terceiro nível escavado. Para preservação dos registros do contexto deste enterramento tanto o esqueleto como o material a ele associado foram resgatados em sequência própria, e registrados de forma separada do restante dos materiais do sítio.



Figura 1: Croqui do indivíduo e materiais associados.

O enterramento implicou num delicado processo de exumação e acondicionamento para transporte. Embalagens específicas para esta etapa foram adaptadas para garantir uma boa conservação dos fragmentos, uma vez que, o conjunto ósseo do indivíduo estava extremamente fragmentado. As primeiras ações de higienização ocorreram em campo antes do acondicionamento, retirando-se o sedimento mais grosseiro e espesso agregado (Figura 2).



Figura 2: Acondicionamento em campo para transporte.

Em laboratório o material recebeu limpeza mecânica a seco e permaneceu na peneira de secagem forrada com *etaflon*³ em torno de 5 a 7 dias.

A identificação do material humano também ficou a cargo da bioarqueóloga que orientou a equipe para dar continuidade ao processo de curadoria, incluindo a descrição de cada elemento para registro individual em planilha específica sugerida pela instituição de guarda. Assim, foi definido que informação seria colocada em cada uma das colunas da planilha que tratassem especificamente do material humano, ou seja:

- no item *tipologia*: como tipologia foi adotada a classificação dos elementos em: esqueleto apendicular ou esqueleto axial;
- no item *identificação*: se possível identificar segmento: cabeça, pescoço, tronco, membros superiores, membros inferiores. Se possível identifica-se a região, ou seja, pé, mão, perna, braço, crânio, face, pescoço, tórax, costela, quadril;
- no item *descrição*: se possível nomeia-se o osso/dente, por exemplo, falange, fêmur, tíbia, dente molar, etc.

3 Manta de espuma flexível de células fechadas e não reticuladas, de 20/25 kg/m³, obtida a partir da expansão do Polietileno de Baixa Densidade (PEBD). Comercialmente chamado de *Etaflon*.

Para esta classificação usamos como referência o *Atlas Básico de Anatomia* de Arnaldo Fernandes da Silva⁴ e o livro "*Human osteology: a laboratory and field manual*" do William Bass (1987). Após a identificação e a descrição de cada um dos elementos, todo material foi acondicionado em sacos plásticos e estes em caixas plásticas forradas também com *etaflon* para evitar atrito.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Como recomendação para garantir a preservação do material sugerimos que as caixas sejam vistoriadas periodicamente para verificar possíveis danos provocados por fatores tanto climáticos quanto biológicos.

A metodologia de identificação poderá ser adaptada a diferentes tipos de fichas ou tabelas de registro a depender dos protocolos da instituição de guarda.

O protocolo, criado principalmente para sepultamentos primários, se mostrou eficiente e adaptável para remanescentes humanos isolados, sepultamentos secundários, pacotes funerários, entre outros. Sua criação e aplicação resultou na qualificação do processo de resgate do enterramento, possibilitando ações de fácil execução, não onerosas e de grande eficiência, cumprindo objetivos básicos, como conservação preventiva, identificação dos elementos anatômicos, registro, facilidade de acesso e uso de dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASS, William. *Human Osteology. A laboratory and field manual*. Columbia: Missouri Archaeological, 1987.

VIANA, Jorge; PEIXOTO, Luciana; VOHN MULEN, Cristiano. Programa de Pesquisas Arqueológicas para Área de Instalação da Adutora do Sistema de Abastecimento de Água ETA - São Gonçalo - Pelotas e Capão do Leão/RS. Monitoramento Arqueológico das Obras de Instalação da Adutora na Área Urbana do Município de Pelotas e Cercamento definitivo dos Sítios Moreira 2, Pavão 1, Pavão 2 e Pavão 3. Resgate Parcial do Sítio Pré-Histórico Moreira 1 e Programa de Educação Patrimonial. Relatório Parcial, Instituto de Memória e Patrimônio. 2018.

4 Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/11127156/Apostila-Anatomia-Sistema-Esqueletico>

ST25 - IMAGENS DA ARQUEOLOGIA - SOCIALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTFFICA EM TERRITÓRIOS VIRTUAIS

G.E.S.T.O. NAS REDES: APRENDIZAGENS SOBRE A LIDA ARQUEOLÓGICA EM TERRITÓRIO VIRTUAL

Sara Toja
(Arcadis, sara.dt5@gmail.com)

Lilian Panachuk
(UFMG, lilipanachuk@yahoo.com.br)

O interesse aqui é refletir sobre a experiência em levar o Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria, G.E.S.T.O., para o ambiente virtual. O grupo nasceu em 2016 e foi oficializado no ano seguinte. Entre agosto de 2017 e dezembro de 2019, durante a atuação presencial do G.E.S.T.O., realizamos oficinas de manufatura e demonstrações de queima no Museu, somando 44 dias de trabalho e 605 participantes, contou ainda com a montagem de peças experimentais na exposição permanente do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

Estávamos esperando as chuvas de março para retomarmos as ações do grupo em 2020, mas fomos surpreendidas, não de um jeito bom, pela pandemia do COVID-19. No dia 18 de março de 2020, a UFMG decretou a suspensão de suas atividades presenciais. Esperamos os 15 dias, quando tudo voltaria ao normal. Não aconteceu. Esperamos mais 15 dias, nada. Como sabemos, foi um processo longo.

Foi em julho de 2020 que começamos a utilizar o canal do grupo nas redes sociais para continuar nosso trabalho de pesquisa, ensino e extensão, mergulhando na arqueologia digital. Sara Toja havia criado nossa página em 19 de outubro de 2019, mas foi a pandemia que levou ao empenho nessa plataforma. Como todo mundo naquele momento, abraçamos as *lives*, como se consagrou o nome dessa programação ao vivo em ambiente virtual, além de demonstrações de técnicas cerâmicas e material conteudista, em especial sobre arqueologia e cerâmica. Realizamos muitas entrevistas, conversamos com pessoas de diferentes lugares e formações, que contaram sobre processos e técnicas, histórias e sentimentos em relação a olaria. Criamos, assim, algumas maneiras de apresentar nosso conteúdo, nossas experiências e as pessoas que admiramos. Algo que pareceu também interessante foi a interdisciplinaridade e os diálogos fortalecidos tanto com ceramistas urbanas, como ceramistas tradicionais e pesquisadoras do tema.

Nesse período, a começar de julho de 2020 até dezembro de 2021, em especial, tivemos fôlego para realizar muitas experimentações virtuais, conversas entre nós, e com pessoas convidadas, e ampliar de maneira estrondosa nossa presença nas redes. Somente no ano de 2020 produzimos 193 postagens, algo que jamais chegamos perto de alcançar novamente. Esse empenho parece que foi significativo, e nosso canal passou de 152 seguidores em 2019 para 1.148 em 2021.

Essa presença virtual nos colocou em contato também com uma rede global de profissionais com interesse em Arqueologia Experimental e museus abertos, chamado EXARC – Experimental Archaeology. Realizaram uma reportagem contando sobre nosso grupo em 2020, e em 2021 participamos de um evento internacional organizado em modelo virtual (PANACHUK et al, 2021).

A vivência digital de nosso grupo de extensão, que desde 2022 retomou também suas ações presenciais, é também instável e apresenta limites, talvez pela forma ainda intuitiva que nesse caso lidamos com essa ferramenta de divulgação e socialização científica. A quantidade de postagens jamais se igualou aos anos anteriores, no entanto as parcerias e ações conjuntas, incluindo engajamento digital para eventos presenciais, continua a ser efetiva.

Ao longo desse período conhecemos muita gente, compartilhamos informações sobre técnicas específicas, e ensinamos nossa maneira de incluir o corpo para elaborar o saber (PANACHUK, 2021). Ao menos dez estruturas de combustão foram criadas com o apoio de nosso grupo, de nossas instruções, de nossa intervenção no mundo. Em muitos casos, semear fornos gera autonomia financeira para ceramistas ou comunidades.

Foi assim mantivemos a conjugação do verbo “esperançar”, com indicou Paulo (FREIRE, 2009) e tentamos contribuir com “ideias para adiar o fim do mundo”, como sugeriu Ailton (KRENAK, 2019). Tentando ainda uma transgressão no ensino na medida em que, mesmo através da tela, desejamos refletir sobre o corpo, trazer o copo de volta ao cerne das coisas (hooks, 2013).

Esse ano de 2023 realizamos diferentes atividades presenciais, seguimos repensando conteúdo e forma de apresentação, e a interação com a comunidade é expressiva. Muitos contatos são feitos, em sua maioria, de comunidades tradicionais.

Considerando as falhas que podemos identificar, como irregularidade de postagem e certo amadorismo na produção digital, vale ressaltar que entre 2019, nosso nascimento nas redes, até o presente, em 2023, o nosso crescimento foi de 1.389% considerando a quantidade de pessoas seguidoras da página. Esse dado inclui um coletivo heterogêneo interessado em cerâmica tradicional, em conhecer arqueologia brasileira e incluir a prática ao saber teórico (Cipriano e colegas, 2022).

Nosso grupo está sempre atuando no tripé entre pesquisa, ensino e extensão. Apostamos na inclusão do corpo e do experimento, da observação e treino, de trabalho conjunto e criação de vínculo. A arqueologia experimental é potente para trazer o corpo para as reflexões, e com ele, mesmo em território virtual, um modo de trazer as sabenças para o ordinário da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIPRIANO, Lara; VEIGA, Isabela; KIERULFF, Laila; TOJA, Sara ; TEIXEIRA, Helen; Leão, Angela; DINIZ, Amanda ; PANACHUK, Lílian. G.E.S.T.O.: arqueologia experimental cerâmica online. In: Alex martire, Vagner PORTO. (Org.). (Des)construindo arqueologias digitais. 1ed.São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2022, p. 189-209. https://www.academia.edu/100007415/G_E_S_T_O_arqueologia_experimental_cer%C3%A2mica_online

EXARC. Experimental Archaeology. 2020. <https://exarc.net/high-ed/ufmg-br>

FREIRE, Paulo. 2009. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra. São Paulo. 245p.

KRENAK, Ailton. (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, São Paulo.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

PANACHUK, Lílian. Gestando Potes e Pessoas: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 548p. 2021. https://www.academia.edu/49404001/PANACHUK_Tese_Revista

PANACHUK, Lílian. G.E.S.T.O. Experimentação online. I Seminário do ARISE. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CXvKW192KGY&t=8603s>

PANACHUK, Lílian; REZENDE, Alissa; TONIOLO, Giuliano; KIERULFF, Laila. Experimental archeology as pottery learning. Experimental Archaeology Congress. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2yTSb0iTd00&t=2s>

**ESCOLHAS PRÁTICAS, FUNCIONAIS OU SIMBÓLICAS:
ARTEFATOS ÓSSEOS NO CONTEXTO MORTUÁRIO DO CERRITO
MOREIRA 01 – CAPÃO DO LEÃO – RIO GRANDE DO SUL**

Victória Ferreira Ulguim

(Doutoranda PPGAnt – UFPel; viulguim@yahoo.com.br)

Gustavo Peretti Wagner

(Professor do PPGAnt – UFPel; gustavo.peretti.wagner@gmail.com)

Rafael Guedes Milheira

(Professor do PPGAnt – UFPel; milheiraraafael@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Os cerritos são montículos em terra de origem antrópica, constituídos pela acumulação de sedimento e vestígios arqueológicos, para região da Laguna dos Patos, atual área de estudo, os recursos íctioarqueológicos são predominantes em comparação com outras tipologias (NAUE, 1973; MILHEIRA *et al.*, 2016).

As pesquisas brasileiras sugerem que os cerritos se situam cronologicamente entre 3280 ± 190 A.P. no sítio PSGLF-02¹ que se estende até o século XVIII no Cerrito 05² no entorno da Laguna dos Patos (NAUE, 1973; BRACCO *et al.*, 2022).

Em linhas gerais, a zooarqueologia em cerritos acabou centrando-se em dados relacionados a nutrição e dieta, deixando de lado os artefatos ósseos. Dessa forma, o propósito deste trabalho é discutir a seleção de espécies animais para produção de artefatos e ornamentos ósseos, a partir do sítio Moreira 1 em composição com outros cerritos da região da Laguna dos Patos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram triados todos os remanescentes faunísticos provenientes das quadrículas e unidades de escavação (0,50cm x 0,50cm) abertas que apresentassem algum tipo alteração

1 Localização: Capão do Leão – Rio Grande do Sul. Amostra OSL – PSGLF-02-16 (UY ORQz228_2019), profundidade 53 cm (BRACCO *et al.*, 2022).

2 Localização: Rio Grande – Rio Grande do Sul. Amostra SI1191, 10 - 20 cm com data entre 200 ± 80 A.P. (NAUE, 1973).

antrópica de manipulação, o material foi remontado quando possível. Por fim, os materiais foram separados e catalogados de acordo com sua proveniência e outras informações foram adicionadas na tabela de análise.

Para a realização da separação anatômica e identificação, foram empregados o uso de bibliografias, manuais especializados e uma coleção de referência.

O método de análise buscou observar a presença de alterações como traços de manipulação (alterações térmicas, corte, polimento, abrasão etc.), deixando assim evidências micro e macroscópica nos artefatos durante o uso ou fabricação, para isso se utilizou um microscópio digital (HD Color CMOS Sensor. *High Speed DSP. 24 bit DSP Optimun. Resolution 640x480*). Como também fotografias ampliadas pelo programa AMCAP, possibilitando identificar as marcas com maior precisão (BRANDFIELD, 2015).

RESULTADOS

Os resultados obtidos demonstraram a predominância de artefatos produzidos em metapódios de Veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e elementos anatômicos de canídeos, principalmente do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*). As pré-formas demonstraram o processamento específico da retirada dos côndilos em ossos longos de cervídeos, já para os dentes produzidos em ornamentos o processo de confecção demonstra uma escolha na confecção através do enforcamento de raízes.

Quando comparados os dados com as análises zooarqueológicas e isotópicas nos cerritos da região da Laguna dos Patos (populações pescadoras) observamos a ausência dessas espécies na dieta alimentar, onde quando presentes são os próprios artefatos ou resíduos de produção (CHANCA *et al.*, 2021; ULGUIM, 2022; SILVA *et al.*; 2023).

Com relação as morfologias identificadas, podemos relacionar anzóis, agulhas, pontas e bipontas, como artefatos de pesca, os dados bioarqueológicas auxiliam as interpretações, devido ao alto índice de desgaste dentário nos indivíduos da região, indicando possível manipulação de redes e fibras para formação de arpepescas, já que os desgastes se encontram na face posterior distal. Outra indicação é a recorrência de artroses nas articulações como consequência de exercícios físicos repetitivos e intensos, identificados principalmente na clavícula e joelho (CARLE *et al.*, 2002; FERREIRA, 2012; ULGUIM; MILHEIRA, 2017).

CONCLUSÃO

O trabalho traz a importância do desenvolvimento da indústria óssea no campo da zooarqueologia de cerritos, o que em diversos trabalho se manteve em esferas independentes, tendendo a negligenciar a relação humana com as espécies animais.

A complexidade e diversidade artefactual sugerem que a matéria-prima óssea era central no modo de vida das populações cerriteiros da Laguna dos Patos, abarcando diversos espectros da pesca e suas relações com os animais. Observou-se um “saber fazer” na produção desses artefatos e ornamentos que se manteve no tempo e espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACCO, Roberto; DUARTE, Christopher; GASCUE, Andrés. BORTOLOTTI, Noelia; MILHEIRA, Rafael. GUTIÉRREZ, Ofelia; PANARIO, Daniel. Comparación de los procesos de acreción de los montículos de Cañada Saldaña y cuenca de la Laguna Merín a través de dataciones luminiscentes. *Cadernos do CEO, Chapecó*, v.35, n.57, pg. 29-51, dezembro. 2022.

BRADFIELD, Justin. Use-trace analysis of bone tools: a brief overview of four methodological approaches. *South African Archaeological Bulletin* 70: 3-14, 2015.

CARLE, Ana; CARLE, Cláudio; CARLE, Mirian. Relatório descritivo de dois indivíduos encontrados em trabalho arqueológico no Capão Seco, Rio Grande – RS, pelo pesquisador Pedro Mentex Ribeiro. 2002.

CHANCA, Ingrid; BORGES, Caroline; COLONESE, André; MACARIO, Kita; TOSO, Alice; FONTANALSCOLL, Maria; ANJOS, Roberto; MUNIZ, Marcelo; PEREIRA, Renan; TALAMO, Saha; MILHEIRA, Rafael. Food and diet of the pre-Columbian mound builders of the Patos Lagoon region in southern Brazil with stable isotope analysis. *Journal of Archaeology Science*, 133. 2021.

FERREIRA, Mariane. Uma análise osteobiográfica dos remanescentes ósseos do sítio arqueológico rs-ls-85: cerrito Oscar Erocildo Abreu. Trabalho de Conclusão de Curso. FURG. 2012.

MILHEIRA, Rafael; GARCIA, Anderson; RIBEIRO, Bruno; ULGUIM, Priscilla; SILVEIRA, Cleiton; SANHUDO, Marcelo. Arqueologia dos Cerritos na Laguna dos Patos, Sul do Brasil: uma síntese da ocupação regional. *Cadernos do CEOM*. v. 29. n. 45. p. 33-63. Chapecó, 2016.

ULGUIM, Victória. “Contato entre mãos e águas”: uma abordagem zooarqueológica sobre os artefatos ósseos do cerrito Moreira 1 – Capão do Leão/RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal de Pelotas. 2022.

ULGUIM, Priscilla; MILHEIRA, Rafael. Remanescentes humanos em sítios cerritos no sul do Brasil: uma análise osteoarqueológica e bioarqueológica. *Cadernos do LEPAARQ*, Vol. XIV. nº27. 2017.

NAUE, Guilherme. Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. *Revista Vértices*, n. 71, p. 246-269. 1973.

SILVA, Lucas; WAGNER, Gustavo; ULGUIM, Victória. “A previsibilidade da pesca na imprevisibilidade do mar”: o cotidiano da pesca nos cerritos e sambaquis do Rio Grande do Sul. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v.18, n.1, abril de 2023.

ESTUDO DE CASO SOBRE LASCAMENTO EM CALCÁRIO NA SERRA DE IUIÚ/BA

Haruan Straioto

(Museu de Arqueologia e Etnologia – USP / hharuan@usp.br)

André Strauss

(Museu de Arqueologia e Etnologia – USP / strauss@usp.br)

Henry Luydy Abraham Fernandes

(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia / luydy@ufrb.edu.br)

Manuel Dimitri de Almeida Gomes

(Universidade de São Paulo / mdimitri@usp.br)

INTRODUÇÃO

A região da Serra de Iuiú está localizada na margem direita do médio Rio São Francisco, no sul da Bahia, próximo a divisa com o estado de Minas Gerais. A serra é formada por rochas carbonáticas do Grupo Bambuí, compondo uma vasta região cárstica com inúmeros abrigos e cavernas. Em pesquisas conduzidas na região por equipe do MAE-USP a partir de 2022, foi identificado em diversos sítios arqueológicos um artefato recorrente, produzido em plaquetas de calcário provenientes da própria rocha encaixante dos abrigos. Estes instrumentos possuem retoque bifacial marginal em toda a peça. Neste trabalho analisamos os esquemas-operatórios de produção e a funcionalidade destes instrumentos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram analisados 12 destes instrumentos. Todos produzidos em plaquetas de calcário com 9 e 23 mm de espessura. Possuem retoques marginais bifaciais por todo bordo da peça. Em alguns casos, o retoque bifacial não é contínuo em toda peça, com algumas sessões com apenas retoques unifaciais. A morfologia das peças tem de maneira geral um formato de gota. A largura da peça é maior em uma extremidade. O comprimento varia entre 11 a 15 cm e a largura entre 6 e 12 cm em seu segmento maior.

A análise deste material foi realizada através da leitura diacrítica e da verificação macro dos traços de uso. A leitura diacrítica foi feita através da identificação dos estigmas de lascamento (INIZAN et al., 2017). Foi empregada a abordagem tecnofuncional (BOEDA, 2013)

para identificação do esquema-operatório de produção, assim como para interpretar a organização funcional destes instrumentos, através da identificação das unidades tecnofuncionais e sua disposição. Também estão sendo realizados estudos experimentais em matéria-prima local. O objetivo é analisar o processo produtivo e verificar os traços de uso decorrentes de distintas atividades.

RESULTADOS

O fator de seleção do suporte (afordância) (DE MELO RAMOS; VIANA, 2019) exerce um forte papel no esquema-operatório de produção dos mesmos. A plaqueta empregada como suporte original já deve possuir um formato próximo daquele pretendido para o instrumento, principalmente em relação à espessura. A façongem pode acontecer, contudo, não restam negativos que indiquem as etapas anteriores de façongem. De maneira geral, a produção do instrumento ocorre apenas através de retoques bifaciais visando configurar as unidades tecnofuncionais do mesmo. Em alguns instrumentos o retoque bifacial não abrange a totalidade da borda da peça, com algumas seções compostas apenas por retoques unifaciais. Esta característica aponta para um instrumento sem a necessidade de uma rigorosa configuração das unidades tecnofuncionais. Poucos critérios técnicos são necessários para a funcionalidade do instrumento, sendo a maioria deles já obtida no momento de seleção do suporte.

CONCLUSÕES

A produção destes instrumentos com lascamento bifacial marginal foi identificada em diversos sítios arqueológicos da região da Serra de Luiú. Sua produção em plaquetas de calcário, matéria-prima localmente disponível, demonstra um forte fator de seleção do suporte inicial e pouca preparação posterior através de retoques bifaciais. Em nenhum instrumento foi identificado um processo de lascamento posterior a produção (reavivamento), que indicasse a manutenção do artefato. A sua funcionalidade pode estar relacionada ao trabalho com a terra (revolver ou cavar), similar a função de uma enxada. Esta hipótese está orientada tanto pela estruturação tecnofuncional destes instrumentos, quanto pelos macro-traços de uso. Nos mesmos sítios arqueológicos onde foram identificados estes instrumentos também foram identificados vestígios vegetais como sabugos de milho e vagens de feijão, o que pode indicar que os grupos que produziram estes instrumentos praticavam o manejo da terra para o plantio.

O emprego de matérias-prima localmente disponíveis, para produção de instrumentos lascados bifacialmente já foi descrita para região da Serra de Monte Alto, distante aproximadamente 75 km a leste da Serra de Luiú. Nesta região os artefatos são produzidos em plaquetas de silito, matéria-prima disponível localmente. Segundo descrição dos pesquisadores o processo de produção é similar aquele verificado nos instrumentos da Serra de Luiú (SILVA, 2020). Instrumentos experimentais foram produzidos com matéria-prima local e utilizados para cavar o solo, obtendo desgastes compatíveis aos arqueológicos (FERNANDES

et al., 2015). Lâminas lascadas bifacialmente também ocorrem em outros sítios no estado da Bahia, como na região de Piragiba (FERNANDES, 2011), onde estes instrumentos foram produzidos em arenito silicificado e silexito localmente disponível. Neste caso o esquema de produção é distinto daquele quando o suporte original são plaquetas (de calcário ou siltito). Estas lâminas lascadas também foram empregadas para o trabalho em terra, conforme verificado através da análise dos traços de uso obtido em estudo experimental (FERNANDES e NASCIMENTO, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËDA, Eric; Techno-logique & technologie. Une Paléo-histoire des objets lithiques tranchants. Paris: @rchéo-éditions.com, 2013.

DE MELO RAMOS, Marcos Paulo; VIANA, Sibeli A; Diagnose Tecno-Funcional de amostragem lítica datada do início do Holoceno Médio no sítio arqueológico GO-Ja-01: características da estrutura de lascamento em presença. Revista Mosaico-Revista de História, v. 12, p. 135-163, 2019.

FERNANDES, Luydy Abraham. Elementos das lâminas de machado lascadas de sítios Aratu na Bahia. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 9, n. 2, p. 239-257, 2011.

FERNANDES, Luydy Abraham; NASCIMENTO, George da Silva; Estigmas de uso em uma lâmina lascada do norte de Minas Gerais. Teoria e Sociedade, n. 23.1, p. 73-94, 2015.

FERNANDES, Luydy Abraham; DA SILVA, Joaquim Perfeito; DA SILVA NASCIMENTO, George. Lâminas lascadas em rochas ígneas de sítios Aratu do Sudoeste da Bahia: traceologia e experimentação. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 13, n. 2, p. 17-40, 2015.

INIZAN, Marie-Louise; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; & TIXIER, Jacques; Tecnologia da pedra lascada. Edição traduzida, revisada e ampliada com definições e exemplos brasileiros por Maria Jaqueline Rodet e Juliana Resende Machado. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFMG, 2017.

SILVA, Joaquim Perfeito; Aldeias pré-coloniais da tradição Aratu da Serra de Monte Alto. Curitiba: Editora CRV, 2020.

PARA ALÉM DAS AUSÊNCIAS: CADEIAS-OPERATÓRIAS E A VALORIZAÇÃO DE INDÚSTRIAS LÍTICAS DE HORTICULTORES-CERAMISTAS DO NORTE DE SÃO PAULO

João Vítor Marcon

(Bacharel e licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e mestrando em Arqueologia pelo PPGArq - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), joaovitormarcon@usp.br)

INTRODUÇÃO

A práxis arqueológica brasileira consolidou um apego ao quadro taxonômico positivista das referências do Norte, numa adoção acrítica de métodos de classificação e análise da cultura material (ALVES, 2018). Essa postura afetou a interpretação de conjuntos líticos de horticultores-ceramistas, que por um alegado baixo refinamento tecnológico e ausência de “fósseis guias” (PROUS, 1992), foram reduzidas à tipologia e à inferência de funções genéricas - principalmente no que se refere aos polidos (LAMING-EMPERAIRE, 1967) - escamoteando a complexidade da organização social das populações produtoras. Esse trabalho pretende dar continuidade aos esforços em analisar as indústrias líticas através da tecnologia, como forma de compreender o contexto histórico de ocupação indígena do território da região Centro Norte do Estado de São Paulo, as redes de troca e de influência cultural e a variabilidade de técnicas e métodos que imbricam cadeias-operatórias polidas e lascadas no contexto analisado.

Água Limpa (Monte Alto-SP) é um sítio lito-cerâmico a céu aberto, implantado na bacia do rio da Onça (Turvo-Grande) que apresenta uma vasta cultura material lítica, entre lascados e polidos, além de vestígios cerâmicos, faunísticos e malacológicos associados a estruturas de combustão, habitações e sepultamentos. Este assentamento é resultante de um processo de ocupação e reocupação por grupos caçadores-horticultores-ceramistas entre 1524+-212 AP e 335+-35 AP (ALVES, 2018; BÉLO, 2009; FERNANDES, 2003), associados a partir da cerâmica com a presença Jê (Kaingang) do Estado de São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Totalizando 925 peças (sendo 836 líticos lascados e 89 polidos), o material foi abordado parcialmente (42%) com a análise tecnológica para o lítico lascado (INIZAN, 2017). Partimos da tipologia e tecnotipologia para aprofundar uma visão crítica com relação aos polidos (LAMING-EMPERAIRE, 1967; VILHENA-VIALOU, 1980), analisando a partir de um critério tecnológico sua confecção, uso, reuso e os produtos de seu descarte para construção das categorias de análise do material (NEVES, 2013).

Consideramos instrumentos como frutos de uma cadeia-operatória, sequência lógica de operações desencadeadas pelos processos de produção, uso, descarte e reuso, que se

articulam através do desenvolvimento de um sistema tecnológico, objetivando a produção de elementos com fim social e cultural significativo para os produtores (ALVES, GOULART, ANDRADE, 2013). Enquanto a tipologia contribui como parâmetro de identificação cultural, os estudos acerca das cadeias-operatórias focam na representação dos processos sociais e históricos, estruturais e subjetivos, nas indústrias líticas (MELLO; VIANA, 2001).

RESULTADOS

A predominância de rochas ígneas e metamórficas para os instrumentos polidos de Água Limpa pode ser relacionada à possibilidade de contatos decorrentes da procura por matérias-primas e instrumentos finalizados, sendo que estas não se encontram nos afloramentos rochosos da região (Grupo Bauru), frequentemente utilizado como fonte para o lascamento (BÉLO, 2009; FERNANDES, 2003). As matérias-primas silicosas são encontradas em instrumentos singulares, como virotes, apontando para a produção local de uma tecnologia polida. A complementaridade entre indústrias distintas é fundamental na compreensão da particularidade contextual: da utilização de almofarizes/bigornas para usos comuns; ao aproveitamento de percutores enquanto polidores; até a utilização de instrumentos polidos como suportes para o lascamento, com objetivos de reutilização e descarte intencional.

CONCLUSÕES

A permeabilidade entre cadeias-operatórias polidas e lascadas é qualificadora da complexidade tecnológica de grupos horticultores-ceramistas e contribui para a contrapor uma tradição conservadora. Ao contrastar a indústria de Água Limpa com demais contextos, a exemplo da presença de mãos-de-pilão cônicas confeccionadas sobre blocos hexagonais de basalto, é possível investir na associação desta ocupação a grupos Kaingang para uma área mais ampla do que o tratada na literatura até o presente (ARAÚJO, 2001), o que ganha corpo frente a estudos sobre a presença de virotes em contextos arqueológicos e a identificação de áreas de ocupação histórica de populações Jê do Sul (SOUZA; AFONSO, 2020).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa que torna possível esse trabalho, à Prof^a Márcia Angelina Alves, pela orientação acadêmica, e à Divisão de Curadoria do MAE/USP, pela estrutura fornecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcia Angelina. Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n° 31, 2018, p. 1-21.

ALVES, Márcia Angelina; GOULART, Evaristo Pereira; ANDRADE, Fábio Ramon Dias de. Cadeia

operatória, sistema tecnológico e análise arqueométrica nos assentamentos cerâmicos dos Vales do Paranaíba, Minas Gerais, e Turvo, São Paulo, Brasil. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano*, nº 1 (2), ano 2013, p. 46-60.

ARAÚJO, Astolfo Gomes Mello. Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BÉLO, Tais Pagoto. “Estudo da indústria lítica do sítio Água Limpa, Monte Alto, SP: Campanhas de 1995, 1996 e 2000”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8, 2009, p. 189-195.

FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia. “Captação de recursos naturais e indústria lítica de Água Limpa, Monte Alto – São Paulo”. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia do Xingó*, Universidade Federal de Sergipe, nº 3, dez. 2003, p. 151-164.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1967.155p.

INIZAN, Marie-Louise et al. *Tecnologia da pedra lascada*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.

MELLO, Paulo Jobim; VIANA, Sibeli. Aparecida. Possibilidades de interpretação da cadeia operatória de produção de instrumentos líticos - Sítio Pedreira (MT). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 109-124, 2001.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, Distrito Federal: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

SOUZA, Gustavo Neves de. *Estudo das lâminas de pedra polidas do Brasil: diversidades regionais e culturais*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Gustavo Neves de; AFONSO, Marisa Coutinho. A Coleção Von Koseritz: análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 375–395, 2020.

VILHENA-VIALOU, Águeda. *A tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida no seu meio natural, arqueológico e regional*. Tese (Doutorado), Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

EXEMPLO DE INDÚSTRIA LÍTICA SOBRE SEIXOS FLUVIAIS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Marcos César Pereira Santos

Programa de Pós-graduação em Antropologia-PPGANT da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Esta apresentação tem como objetivo abordar com detalhes um exemplo de indústria lítica feita sobre seixos e blocos encontrados em sítios arqueológicos localizados em fundos dos vales fluviais no interior do planalto vulcânico do sul do Brasil. Nesse estudo procuramos entender os métodos de debitage e façongem e sua relação com as características das matérias-primas e os objetivos tecnológicos da indústria.

MATERIAIS E MÉTODOS

A indústria lítica analisada advém do sítio arqueológico SC-CHA-030, localizado na margem esquerda do rio Pesqueiro, município de Jardinópolis, SC (Figura 1).

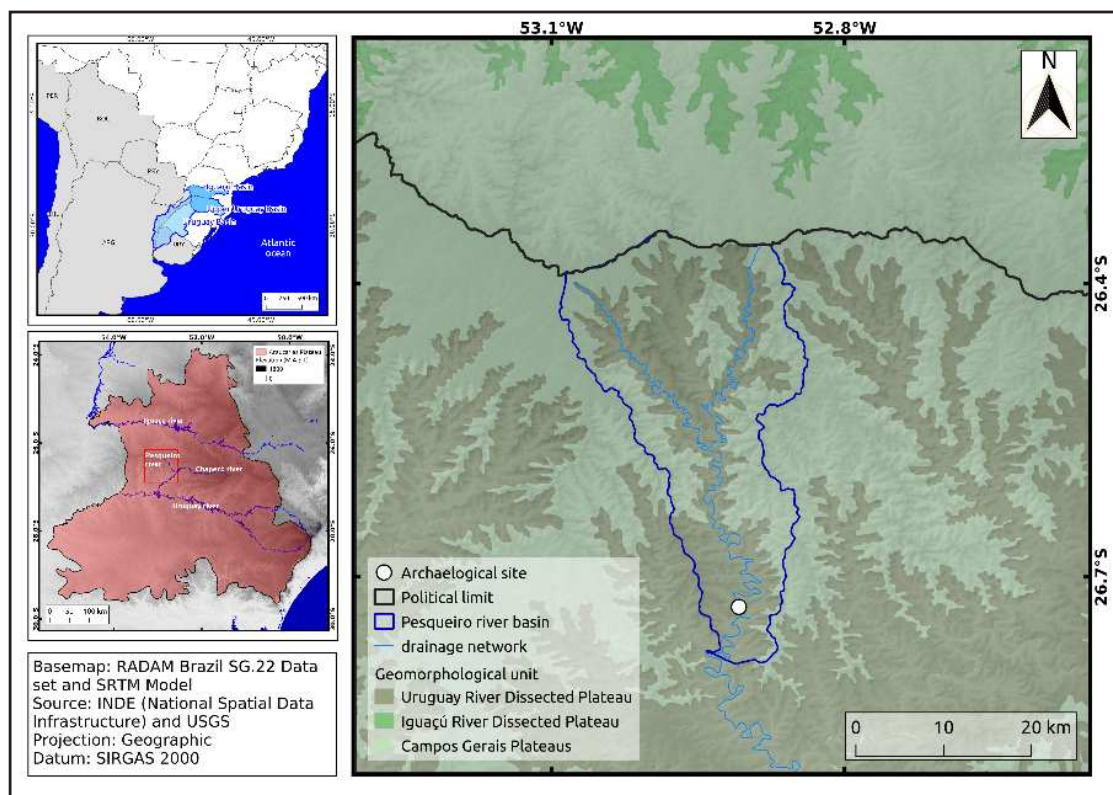


Figura 1: Localização do sítio arqueológico SC-CHA-30, Jardinópolis, SC, Sul do Brasil.

O sítio está implantado na transição entre a encosta e o terraço colúvio-aluvial, próximo a um meandro no curso inferior do Rio Pesqueiro. A topografia da planície é ligeiramente inclinada em direção ao canal do rio, com aproximadamente 10 m de desnível até ser interrompida pelo canal, que expõe a sequência estratigráfica do terraço formada principalmente por fácies de lama.

O canal do rio Pesqueiro apresenta barras fluviais centrais de cascalho, expressando uma dinâmica fluvial de alta capacidade e fornecendo várias matérias-primas rochosas nessa parte do rio.

Para o presente estudo foram analisados 80 materiais líticos advindos da superfície de toda a área da planície aluvial e encosta local.

Para o estudo do material foram definidas as matérias primas através de análise macroscópica e sua posterior divisão em litotipos (KOOYMAN, 2001). A petrografia macroscópica seguiu os critérios descritivos contidos em Menezes (2013) e Sgarbi (2012). Além disso, também foram utilizados parâmetros utilizados por Jerram e Petford (2014) para feições ígneas e sedimentares (TUCKER, 2014). A nomenclatura das rochas e minerais segue as descrições litológicas do Grupo Serra Geral contidas em Milani (2007) e Wildner et al., (2006).

O conjunto lítico foi analisado utilizando a abordagem tecnológica (BOËDA, 2013; INIZAN et al., 2017). Todo o material lítico foi medido (comprimento, largura e espessura) de acordo com seus eixos morfológicos (ou seja, o comprimento é a maior dimensão da peça). O volume do material foi calculado com base no método utilizado para avaliação do volume de seixos e clastos em sedimentologia (NICHOLS, 2009). Para a façongem, também utilizamos o conceito de *affordance*, sensu Boëda et al. (2021), que se refere a uma característica do bloco inicial de matéria-prima adequada à ação que quem lascou pretendeu realizar. Ou seja, consiste na seleção de critérios tecnofuncionais naturalmente presentes no bloco natural inicial, que são mantidos no objeto final (Boëda et al., 2021).

RESULTADOS

As matérias-primas líticas utilizadas são rochas vulcano-sedimentares (83,7%), rochas vulcânicas (7,5%), calcedônia (6,2%) e quartzo (2,5%). As rochas vulcano-sedimentares são predominantemente afaníticas, félsicas, leucocráticas e não porfíricas, o que indica uma origem extrusiva.

Levando em conta principalmente as características granulométricas e os aspectos de textura da superfície, foram definidos onze litotipos: sete de rochas vulcano-sedimentares, dois de vulcânicas (V) e dois de minerais (calcedônia e quartzo).

A análise foi realizada em 80 peças: 19% de seixos lascados, 9% de núcleos, 68% de lascas e 5% de fragmentos.

Os suportes naturais lascados foram predominantemente seixos fluviais (72%), seguidos por blocos (12%) e geodos (6%).

Os dados analisados indicam quatro padrões principais de exploração, que se correlacionam com morfologias específicas dos seixos: 1. Suportes oblongos triedros; seixo unifacial; seixo bifacial; seixo retangular bifacial.

As lascas representam 58% da indústria lítica analisada. Dentro das categorias tecnológicas, as lascas semi-corticais predominam com 62%, seguidas pelas lascas corticais (29%) e acorticais (10%). 78% das lascas foram debitadas usando percussão interna, e apenas 7% por percussão secante. A técnica de lascamento predominante foi a direta, realizada com um percutor de duro.

A localização do retoque é heterogênea: distal (12%); esquerda (15%); direita (18%); ambos os lados (15%) e 21% em todas as partes (> 3 lados modificados). A posição do retoque é predominantemente direta (64%). A posição inversa mais direta é esporadicamente atestada (15%) e inversa (6%).

CONCLUSÕES

A indústria lítica do sítio a céu aberto SC-CHA-030 foi lascada por meio de dois sistemas operacionais: façonagem e debitage (Inizian et al., 2017). O método façonagem visou produzir instrumentos bifaciais e triédricos em seixos fluviais oblongos. A estruturação técnica destas ferramentas foi realizada através de duas operações, *affordance* seguida de *façonnage*. Na indústria lítica de SC-CHA-030, a *affordance* fica explícita na seleção de seixos com diferentes volumes para produzir margens ativas individualizadas, modificando as características naturais dos suportes através da façonagem. A debitage caracteriza-se pela produção de grandes lascas com talão liso e baixo grau de padronização, resultante principalmente da produção unidirecional. Essas escolhas atestam uma produção rápida, onde foram selecionados seixos com convexidades naturais adaptadas para serem lascadas e a produção foi realizada sem qualquer preparo volumétrico do núcleo.

Esses resultados contribuem para a compreensão tecnológica mais ampla das indústrias líticas em seixos e blocos em áreas localizadas em fundos de vales de rios no interior do Planalto Vulcânico do Sul do Brasil. Os dados sobre exploração de matérias-primas, tecnologia lítica realizados até o momento mostram que a área onde se localiza o sítio SC-CHA-030 possui grande potencial arqueológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËDA, E. **Techno-logique & technologie: une paléo-histoire des objets lithiques tranchants**. 1. ed. Nanterre: (@rchéo-éditions. ed) Prigonrieux, 2013.

BOËDA, E. et al. 24.0 kyr cal BP stone artefact from Vale da Pedra Furada, Piauí, Brazil: Techno-functional analysis. **PLOS ONE**, v. 16, n. 3, p. e0247965, 10 mar. 2021.

INIZAN, M.-L. et al. **Tecnologia da pedra lascada. Tradução, revisão e complemento com definições e exemplos brasileiros: Maria Jacqueline Rodet e Juliana de Resende Machado**. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.

- JERRAM, D.; PETFORD, N. **Descrição de Rochas Ígneas**. 2 ed. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2014.
- KOOYMAN, B. P. **Understanding Stone Tools and Archaeological Sites**. Second ed. Calgary, Alberta, Canada: University of Calgary Press, 2001.
- MENEZES, S. DE O. **Rochas: manual fácil de estudo e classificação**. 1 ed. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.
- MILANI, E. J. et al. Bacia do Paraná. **Boletim de Geociências da Petrobrás**, v. 15, n. 2, p. 265–287, 2007.
- NICHOLS, G. **Sedimentology and stratigraphy**. [s.l.] Wiley-Blackwell, 2009. v. 53
- SGARBI, G. N. C. **Petrografia macroscópica das rochas ígneas, sedimentares e metamórficas**. UFMG ed. Belo Horizonte: [s.n.].
- TUCKER, M. E. **Rochas Sedimentares**. 4 ed. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2014.
- WILDNER, W. et al. **Geologia e Recursos Minerais do Estado do Paraná. Escala 1:200.000**. Brasília DF: [s.n.].

ANÁLISE TECNOLÓGICA DE COLEÇÕES LÍTICAS NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA

*Thiago Umberto Pereira
(LEIA-UFSC; thiagoumbertopereria@gmail.com)*

INTRODUÇÃO

O Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina, tem sido pesquisado com certa frequência nos últimos 60 anos. Os primeiros trabalhos sistemáticos realizados na década de 1960 sendo as pesquisas do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), liderados por Walter Piazza (PIAZZA, 1966), a atuação do Pe. João Alfredo Rohr representando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) (SCHMITZ, 2009) e a atuação de Alroíno Baltazar Eble (EBLE, 1973). Após um hiato de pesquisas é feito um levantamento por Altair Wagner na década de 1990 (WAGNER, 2002) e a pesquisa do Instituto Anchieta de Pesquisas (UNISINOS-RS) na década de 2000 (SCHMITZ et al., 2009) na região. As problemáticas levantadas nessas pesquisas não passam por análises tecnológicas dos vestígios líticos. Em geral se preocuparam na localização, registro e delimitação de sítios arqueológicos, breve caracterização dos vestígios por classe e realização de datações radiocarbônicas.

Na última década pesquisadores associados ao Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina (LEIA-UFSC), realizam as primeiras pesquisas envolvendo análises tecnológicas de coleções líticas para região como a pesquisa de pós-doutorado de Alejandra Matarrese (2018), a tese de Fernando Almeida (2020) e minha dissertação (PEREIRA, 2021). O objetivo aqui é apresentar os resultados das análises líticas realizadas em minha dissertação sobre coleções líticas de dois sítios arqueológicos localizados no Alto Vale do Itajaí: o “Gruta do Presépio” (GPR), em Rio do Oeste, e “SC-TA-19”, em Taió.

MATERIAIS E MÉTODOS

As coleções analisadas foram resultado de escavações realizadas pelo LEIA-UFSC no projeto “Territorialidades Ameríndias no Alto Vale do Itajaí”. No sítio GPR foram coletados 238 vestígios líticos e no SC-TA-19 foram coletados 1098 vestígios. Ambos os sítios têm cronologia estabelecida e selecionou-se para análise os vestígios relativos ao Holoceno Inicial.

A metodologia de análise foi inspirada na proposta de Almeida (2020), a fim de permitir uma comparação futura entre as pesquisas, sendo realizada sob a perspectiva do estudo de cadeia operatória (INIZAN et al., 2019; LOURDEAU, 2010). O estudo de cadeia operatória pode ser separado em quatro momentos: “1 – aquisição da matéria-prima; 2 – obtenção do suporte; 3 – transformação do suporte em um instrumento e 4 – Uso e rearranjo(s) do instrumento até seu abandono” (LOURDEAU, 2010, p. 62, tradução livre)

RESULTADOS

A análise tecnológica dos vestígios líticos relacionados ao Holoceno inicial nos sítios GPR e SC-TA-19 demonstraram que, com o material até então analisado, os sítios tinham funções diferentes (PEREIRA, 2021).

O sítio GPR se trata de um abrigo a céu aberto com pouca densidade de vestígios, tem características das etapas finais e de reavivamento como lascas fragmentadas e lascamento com percutor macios predominando no conjunto. (PEREIRA, 2021).

O sítio SC-TA-19 é um sítio lítico a céu aberto com uma maior densidade de vestígios, se caracterizam por etapas intermediárias e finais da cadeia operatória, com presença predominante de lascas de formatação, lascas de retoque, pré-formas e lascamento com percutores duros predominando (PEREIRA, 2021).

CONCLUSÕES

A análise tecnológica de vestígios líticos permitiu ir além das tradicionais classificações dos sítios dentro de tradições ou fases que tem dominado as pesquisas arqueológicas no sul do Brasil (DIAS, 1995), permitindo novas hipóteses para relação dos sítios líticos na região. Com essa perspectiva de análise podemos perceber que em ambos os sítios, que tem cronologia e ambiente espacial semelhante, foram ocupados de forma diferentes. Análise tecnológicas tem potencial de expandir os estudos da arqueologia antiga do Brasil e de gerar hipóteses mais robustas sobre a ocupação das américas. Estas perspectivas também têm que ser revistas junto com os atuais trabalhos desenvolvidos por intelectuais e arqueólogos indígenas permitindo que as interpretações do passado sejam fundadas sobre nossa história e não sobre olhares coloniais e racistas sobre o modo de vida dos habitantes das américas antes das invasões europeias.

AGRADECIMENTO

Agradecimentos a CAPES e ao Programa institucional de Bolsas - MD da UFPel pela bolsa parcial no Mestrado. Ao CNPq Universal e a Fundação Catarinense de Cultura, através do Edital Elisabete Anderle 2017, que financiaram o Projeto "Territorialidades Ameríndias no Alto Vale do Itajaí". Ao Governo do Estado de Santa Catarina, através do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior Chamada Pública Nº 261/SED/2022, pela bolsa integral no Doutorado. Ao edital CNPq/MC TI/FNDCT Nº18/2021 – Universal, que permitirá continuidade da pesquisa no projeto "Rio Conexões e Movimentos".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando Silva De. **Arqueologia de caçadores-coletores no Alto Vale do Itajaí**. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, 2020.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, v. 19, n. 22, p. 25–39, 1995.

EBLE, Alroíno Baltazar. Problemas arqueológicos da região do Alto Vale do Itajaí. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, v. VI, n. 6, p. 41–49, Florianópolis, 1973.

INIZAN, Marie-Louise; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques. **Tecnologia da pedra lascada**. 2. ed. Tradução Maria Jacqueline Rodet; Juliana de Resende Machado. Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte, 2019.

LOURDEAU, Antoine. **Le Technocomplexe Itaparica. Définition Techno-Fonctionnelle des Industries à Pièces Façonnées Unifacialement à une Face Plane dans le Centre et le Nord-Est du Brésil Pendant la Transition Pléistocène-Holocène et l’Holocène Ancien**. Tese (Doutorado) — Université Paris Ouest Nanterre La Defense, Paris, 2010.

MATARRESE, Alejandra Beatriz. **Ocupação Humana dos povos Jê no Alto Vale do Itajaí**. Relatório Científico (pós-Doutorado Júnior). UFSC, Florianópolis, 2018.

PEREIRA, Thiago Umberto. **Análise Tecnológica de Coleções Líticas no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPel, Pelotas, 2021.

PIAZZA, Walter Fernando. **Memória arqueológica sobre o Vale do Itajaí (Santa Catarina – Brasil)**. Acervo do MARQUE/UFSC, Florianópolis, 1966.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ARNT, Fúlvio Vinícius; BEBER, Marcus Vinícius; ROSA, André Osório; ROGGE, Jairo Henrique. Taió, no Vale do Rio Itajaí, SC: O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. **Pesquisas. Antropologia**, v. 67, p. 185–320, 2009.

WAGNER, Altair. **Alfredo Wagner: terra, água e índios**. Fundação Alfredo Wagner, Florianópolis, 2002.

AS CADEIAS OPERATÓRIAS DE PRODUÇÃO DE LÂMINAS DE MACHADO POLIDAS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO CERÂMICO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO)

Juliana de Resende Machado

(ju.drmachado@hotmail.com)

Universidade do Estado de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

As lâminas de machado polidas são objetos frequentemente encontrados nos mais variados contextos arqueológicos. Na arqueologia brasileira muito se avançou no estudo dessas peças, seja por descrições tipológica e análise sua distribuição espacial (ROCHA, 2013; SOUZA, 2018), seja por trabalhos experimentais (PROUS et al., 2002; SOUZA, 2018) ou ainda por análises tecnológicas de objetos finalizados (RODET et al., 2014).

Pesquisas que investiguem todo o processo produtivo ainda são raras, talvez pela escassez de coleções compostas por peças em diferentes estágios de produção. Este é, contudo, o caso de coleções da Cidade de Pedra (Rondonópolis, Mato Grosso), onde produziu-se lâminas de machado polidas dentro dos abrigos durante o Holoceno Recente (VILHENA-VIALOU, 2006).

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste trabalho, 970 peças exumadas dos sítios Ferraz Egreja, Antiqueira, Pacífico e Arqueiros foram analisadas a partir da abordagem tecnológica (INIZAN et al., 2017, PELEGRIN, 2020). Após a caracterização da matéria-prima e a identificação das prováveis fontes de provisionamento a partir dos trabalhos de Silva (2005), iniciou-se a análise através da identificação dos suportes preferenciais, das técnicas e procedimentos empregados na cadeia operatória, considerando os restos de lascamento de diversas etapas, as pré-formas, as peças finalizadas e em diferentes estados técnicos (MACHADO, 2020).

RESULTADOS

A rocha metamórfica verde é encontrada em afloramentos do Grupo Cuiabá, distantes à aproximadamente 10 Km da Cidade de Pedra. Ela é composta de quartzo, filossilicatos – sericita, biotita e muscovita – plagioclásios, epidoto, zircão e turmalina, organizados em uma estrutura ora litada, ora bem compacta (SILVA, 2005). Foram identificadas duas cadeias operatórias de produção de lâminas de machado polidas (MACHADO, 2020).

Na primeira, os suportes são blocos de aproximadamente 35 mm que passam por uma etapa de descorticagem, seguido por duas séries de façongagem por percussão direta dura – a primeira resultando em lascas mais largas que longas, espessas, de talão liso ou cortical;

enquanto a segunda é marcada por lascas menores, mais curtas, de talão diedros e espessos. As fraturas em degraus (*step-fracture*) são frequentes nos dois grupos, em função da estrutura litada da matéria-prima. Duas retiradas mais abruptas são feitas na parte meso-basal da peça, conferindo-lhe um estrangulamento, que é reforçado pelo picoteamento, aplicado nos flancos, nas áreas mais proeminentes das faces e na parte basal da peça. O polimento se restringe à extremidade apical, notadamente o gume. As peças finalizadas apresentam uma morfologia sinuosa, uma seção oval achatada e são mais leves.

Na segunda cadeia operatória, os suportes utilizados são mais espessos – entre 50 e 80 mm –, mais homogêneos, menos litados e aparentam se aproximar da forma final da peça. As retiradas de façõagem aparecem de forma mais sumária e vestigial nas peças finalizadas. Destaca-se a existência de uma pequena série de lascas do sítio Pacífico, cujos estigmas apontam para a percussão orgânica realizada numa variação da rocha menos litada. Nas peças inteiras, o picoteamento apareceu mais intenso em algumas e menos em outras. Ao passo que há um grande investimento no polimento, principalmente na parte meso-apical da peça. As peças finalizadas apresentam uma forma retangular ou triangular com seção oval e são mais pesadas.

CONCLUSÃO

Nos sítios da Cidade de Pedra, as técnicas de lascamento empregadas em uma ou outra cadeia operatória de produção de lâminas de machado relacionam-se com as limitações estruturais da matéria-prima. As peças resultantes de cada cadeia operatória apresentam diferenças morfológicas, de espessura e de peso, indícios que podem sugerir que elas estavam envolvidas em atividades diferentes. Enquanto uma é mais leve e com um acabamento mais sumário, mais conveniente às atividades de percussão lançada, a outra é mais pesada e com um grande investimento no polimento, podendo também ser destinada a outras tarefas domésticas, mas trazendo também consigo um valor estético que poderia ser preponderante nas relações de troca.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma parte da pesquisa doutoral "*Tesselles techniques d'une mosaïque culturelle*" desenvolvida na Université Paris Nanterre sob orientação de Jacques Pelegrin e tutela científica de Agueda Vilhena-Vialou. Para realizá-la, obtive apoio financeiro das seguintes instituições para as quais apresento meus agradecimentos: Capes (Bolsa Doutorado Pleno no Exterior), Musée du Quai Branly (Bourse de recherches doctorales), Maison Française d'Oxford (Monthly Scholarship), CERNEA-UPN, Laboratoire Préhistoire et Technologie (UMR7055) e École Doctorale 395 Espaces, Temps et Cultures.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INIZAN, Marie-Louise; REDURON, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques. Tecnologia da Pedra Lascada. Tradução de: RODET, Maria Jacqueline; MACHADO, Juliana de Resende. Belo Horizonte: MHNJB-UFMG, 2017.

MACHADO, Juliana de Resende. Tesselles techniques d'une mosaïque culturelle. L'apport de la technologie lithique et céramique à l'histoire précoloniale de la Cidade de Pedra (Brésil). Tese (Doutorado em Arqueologia Pré-histórica) – Laboratoire Préhistoire et Technologie (UMR7055), Université Paris Nanterre, Nanterre, 2020. <https://www.theses.fr/2020PA100137>

PELEGRIN, Jacques. Tecnologia lítica à Francesa. Revista de Arqueologia, v. 33, n. 1, p. 221-243. 2020.

PROUS, André; ALONSO, Márcio; PILÓ, Henrique; XAVIER, Leandro; LIMA, Ângelo; SOUZA, Gustavo Neves. Os machados pré-históricos no Brasil. Descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamento e utilização. Canindé, v. 2, p. 163-237. 2002.

ROCHA, Luiz Carlos Medeiros da. A dispersão geográfica e as matérias-primas dos artefatos líticos polidos de sete coleções arqueológicas do Rio Grande do Norte, Brasil. Tarairiú, n. 6, p. 85-97. 2013.

RODET, Maria Jacqueline; DUARTE-TALIM, Déborah; GUAPINDAIA, Vera; MATTOS, Amauri. Cadeia operatória, lâminas de machado polidas e imaginário amazônico no sítio arqueológico Boa Vista, Pará. Teoria & Sociedade, Número Especial: Antropologias e Arqueologias, hoje, p. 307-332. 2014.

SILVA, Valéria Cristina Ferreira. A exploração dos recursos litológicos na região da Cidade de Pedra, Rondonópolis, MT. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. doi.org/10.11606/D.71.2006.tde-14082006-104940.

SOUZA, Gustavo Neves de. Estudo das lâminas de pedra polida do Brasil: diversidades regionais e culturais. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi.org/10.11606/T.71.2013.tde-04092013-164621

VILHENA-VIALOU, Agueda (ed). Pré-história do Mato Grosso - Cidade de Pedra, vol. 2. São Paulo: Edusp, 2006.

ACERVOS DIGITAIS DE VESTÍGIOS LÍTICOS

Grégoire Van Havre
(*gvanhavre@ufpi.edu.br*) / Universidade Federal do Piauí

Marina Sousa Soares
(*marina_7@ufpi.edu.br*) / Universidade Federal do Piauí

INTRODUÇÃO

Um banco de dados é um espaço digital onde se organizam informações, de forma que é possível realizar buscas cruzadas (OSSA, 2005). Conforme Takai et al (2005, p. 15), “uma base de dados é projetada, construída e preenchida (instanciada) com dados para um propósito específico. Ela tem um grupo de usuários e algumas aplicações pré-concebidas para atendê-los”. Visando isso, apresentamos o desenvolvimento de um banco de dados de artefatos líticos no Piauí, a partir do acervo do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí – MAP/UFPI.

O objetivo central deste trabalho consiste em disponibilizar e gerar maior acessibilidade a esses materiais, que estão presentes na reserva técnica da instituição, por uma plataforma digital. Este recurso permite quebrar um paradigma estabelecido em diversas instituições, segundo o qual há limitações de acesso aos materiais arqueológicos para a sociedade. Além do mais, trata-se de uma ferramenta que auxilia diferentes públicos que se identificam com pesquisas sobre materiais arqueológicos. Assim, permite uma consulta inicial do acervo sem necessidade de deslocamento até o museu, visto que algumas informações podem ser alcançadas de forma remota.

Outro ponto crucial para a elaboração deste banco é a facilidade de acessá-lo. Possibilita uma identificação de forma mais rápida e eficaz, poupando assim tempo de pesquisa. Dado o agrupamento das informações acerca de peças advindas de diferentes projetos e lugares, é possível estabelecer uma comparação entre sítios.

O estudo de vestígios líticos no Piauí sofre algumas adversidades. Por ser considerada uma área complexa, a implementação de um banco de dados de materiais líticos ajuda de forma simples aqueles que buscam iniciar algum estudo referente a esse material. Assim, a plataforma tem o intuito de ampliar os estudos sobre as indústrias líticas no estado, a partir dos dados brutos. Através dela, podem ser feitas pesquisas cruzadas e regionais, buscando compreender, por exemplo, quais sítios apresentam semelhanças.

METODOLOGIA

Durante três anos consecutivos, o projeto “Digitalização do Acervo Arqueológico do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI” foi desenvolvido graças ao “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação - PIBITI (IT)”.

Em todas as suas etapas, o trabalho buscou digitalizar o acervo lítico da reserva técnica do MAP, advindos de diferentes sítios. Alunos bolsistas do curso de Arqueologia da UFPI ficaram encarregados de registrar esse material, perfazendo um total de 2.751 peças líticas provenientes de 28 sítios arqueológicos.

Metodologicamente, os discentes preencheram uma planilha e registraram fotograficamente as peças, usando categorias gerais, como o tipo de matéria-prima, sua forma, a técnica aplicada, os tipos de faces e de acidentes. Além desta planilha, as peças foram também fotografadas, de forma a permitir uma identificação visual mais eficaz no banco de dados.

Para a análise, a metodologia definiu uma espiral hermenêutica, entre leituras e observações. Com isso, buscou-se estabelecer algumas categorias iniciais para as análises do material. Esses elementos, apesar de incompletos, devem permitir um aprofundamento sequenciado dos estudos. Desde já, forneceram informações inseridas na plataforma Tainacan.

O Tainacan é um plugin do Wordpress, desenvolvido em licença livre, que permite organizar e facilitar o acesso à acervos de forma gratuita. É também uma ferramenta simples de ser acessada, o que guiou também a sua escolha. Ao “hospedar e estimular a criação de bibliotecas digitais” (SILVA, 2016. p. 110), o Tainacan possibilita um reconhecimento valioso do acervo. Assim, “(...) fica claro que a agregação dos acervos culturais em serviços de busca integrados valorizam as coleções, simplificam a vida dos usuários e geram novas possibilidades de pesquisa e inovação digitais que podem ser exploradas de diferentes maneiras”. (MARTINS et al, 2018. p. 66).

RESULTADOS

Em 2023, os dados do projeto foram inseridos no Tainacan, em formato local, na rede interna da Universidade Federal do Piauí. Ainda deve ser disponibilizado publicamente, abrindo o acesso para todos os interessados. A cada futura etapa de digitalização do acervo lítico, as novas informações serão inseridas e atualizadas no banco de dados.

A interface do Tainacan foi pensada para uma navegação mais simples e assertiva. Por essa razão, o usuário pode acessar o acervo de duas maneiras: percorrendo os sítios arqueológicos e os materiais líticos, ou definindo critérios ou filtros de busca específicos. Assim, o usuário tem o domínio, a partir das ferramentas disponibilizadas, do melhor processo para atender às suas necessidades de pesquisa.

Cabe salientar que esta coleção referente ao acervo lítico do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí ainda está em desenvolvimento. Ela necessita de ajustes e da inserção de mais dados para que, finalmente, seja disponibilizada ao amplo público. Um desses acertos consiste na inserção das imagens das peças líticas.

A digitalização do acervo lítico do MAP/UFPI e a sua publicação devem auxiliar pesquisadoras e pesquisadores, curiosas e curiosos. Oferece ao público uma forma de se aproximar de um material pouco conhecido, a partir de uma perspectiva visual e atrativa. Em tempo, deve também permitir a inserção de comentários sobre as coleções ou peças, oferecendo um novo canal para a significação e a ressignificação do patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Dalton Lopes; CARVALHO JUNIOR, J. M. C.; GERMANI, Leonardo. Projeto Tainacan: experimentos, aprendizados e descobertas da cultura digital no universo dos acervos das instituições memoriais. **TIC cultura**, p. 59-68, 2018. Disponível em: https://pesquisa.tainacan.org/wp-content/uploads/2019/04/tic_cultura_2018_livro_eletronico-61-70.pdf.

OSSA, Alanna; SIMON, Dr. Arleyn. Basic Archaeological Database Design. School of Human Evolution and Social Change, Arizona State University. Archaeological Research Institute. SHESC Graduate Workshop Series, 2005.

SILVA, Marcel Ferrante. Tainacan: sistema de gestão de biblioteca digital social. 2016. Disponível em: https://pesquisa.tainacan.org/wp-content/uploads/tainacan-items/4329/20748/AnaisIIseminarioMHTX2016_pdf-1-141-1.pdf.

TAKAI, Osvaldo Kotaro; ITALIANO, Isabel Cristina; FERREIRA, João Eduardo. Introdução a banco de dados. Departamento de Ciências da Computação. Instituto de Matemática e Estatística. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~jef/apostila.pdf>.

TEMPORALIDADES DA PESQUISA NO ALTO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS – DATAÇÕES POR ^{14}C E LOE DOS SÍTIOS EM SERRA NEGRA

Marcelo Fagundes

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br

Nossa área dessa investigação diz respeito na região do Alto Vale do Rio Araçuaí, em um território que temos denominado de Serra Negra, englobando terras de Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves, Itamarandiba, Rio Vermelho e São Gonçalo do Rio Preto, MG. Atualmente, as investigações têm focado nas cabeceiras do Araçuaí, uma área com particularidades fisiográficas em relação às demais na Serra do Espinhaço Meridional e onde os sítios mais antigos da região têm sido evidenciados (entre 7 e 3 mil anos AP, sem hiatos para esse período).

As ocupações humanas para a Serra do Espinhaço Meridional, região de Diamantina, podem ser agrupadas em três períodos distintos do Holoceno, obtidas da escavação de doze sítios arqueológicos: (i) **Holoceno Inicial** – (exclusivamente para o Planalto Diamantinense) com cronologias entre 12.500 e 8.000 cal. anos AP, em quatro sítios arqueológicos no lado sul de Diamantina, todos localizados na bacia do São Francisco; (ii) **Holoceno Médio** – obtidos durante a escavação de quatro sítios (Cabeças 4, Três Fronteiras 7, Matão 1 e Sampaio) com cronologias entre 7.169 cal. anos AP (data ^{14}C) e 3.300 anos AP (OSL). (iii) **Holoceno Superior** – com cronologias de 2.500 anos AP até a invasão dos territórios indígenas, obtidas em dez sítios arqueológicos, localizados nos municípios de Diamantina, Senador Modestino Gonçalves e Felício dos Santos.

Os sítios arqueológicos com datações mais antigas estão todos localizados no Planalto Diamantinense, mais precisamente na bacia do São Francisco, incluindo datas entre 12.549 e 9.481 cal. anos AP (probabilidade média), sendo que todos foram estudados por Isnardis e sua equipe (ISNARDIS, 2009; BUENO; ISNARDIS, 2018). O mais conhecido é o sítio Lapa do Caboclo, sobretudo pelos sepultamentos encontrados nas suas camadas iniciais, embora exista também a datação obtida para o sítio arqueológico Lapa do Peixe Gordo. Ambos são abrigos sobre rocha quartzítica, localizados em áreas de campos rupestres, um dos quatro tipos de cerrado *stricto sensu* (ISNARDIS, 2009).

Quanto às cronologias do Holoceno Médio foram evidenciadas nas escavações dos sítios Cabeças 4, Três Fronteiras 7, Sampaio e Matão 1, todas nas cabeceiras do Araçuaí, em Felício dos Santos. As datas indicam que durante o Holoceno Médio ocorreu um ambiente

totalmente estável, conforme observado em os dados do paleoambiente (CHUENG *et al.*, 2020, FAGUNDES, 2021).

Para o Holoceno Superior foram obtidas tanto nos sítios do Planalto Diamantinense quanto em Serra Negra. Em Campo das Flores (em Serra Negra), a escavação do sítio Itanguá 02 resultou em uma série de cronologias absolutas em uma sequência de 289 e 613 cal. anos AP (probabilidade mediana). Lembrando que as cronologias de radiocarbono foram obtidas apenas para a primeira camada de ocupação e em níveis mais antigos não foi possível obter qualquer material que permitisse material para cronologias. Trata-se de um grande abrigo que foi continuamente ocupado, com uma rica indústria lítica, onde podem ser observados todos os componentes da sequência operacional. Além do material lítico, os únicos vestígios de ocupação humana foram os painéis de arte rupestre (ao redor das paredes do abrigo), algumas sementes e uma ferramenta polida em madeira fossilizada (FAGUNDES, 2021).

Os sítios Cabeças apresentam cronologias do Holoceno Superior para os três abrigos escavados, fato que indica que neste período o território foi totalmente ocupada por grupos humanos. Do sítio Cabeças 2, foram obtidas cronologias de 1.960 ± 30 (1930 a 1812 anos cal AP) a 230 ± 30 anos AP (101 anos cal AP, probabilidade mediana); no Cabeças 03, apenas uma estrutura de combustão foi datada em 940 ± 30 anos AP (817 a 724 anos cal. AP).

No sítio Três Fronteiras 7 foi possível evidenciar três pacotes de ocupação, sendo que a datação mais antiga é de 6525 ± 515 anos AP (LOE-/SARS15) para a terceira camada (mais profunda), seguida por outras datas próximas ao final do Holoceno Médio. Para a segunda camada temos a data de 4553 anos AP. (probabilidade média), datada por meio de carvão de uma estrutura de combustão.

Por fim, o sítio Sampaio é um abrigo sob rocha quartzítica implantado na área de mata da alta vertente da face oeste da Serra do Jambreiro. A escavação do sítio foi realizada em 2016 e contou com apenas uma quadrícula de 1m^2 . A estratigrafia atingiu 46cm de profundidade em 13 níveis, divididos em 03 pacotes sedimentares de ocupação, o terceiro e, portanto, o mais antigo, se enquadra no período do Holoceno Médio datado de 4280 ± 30 anos AP, sendo calibrado em 4870-4797 anos AP. e probabilidade média de ocupação em 4823 anos AP. (FAGUNDES, 2021).

Assim sendo, esta comunicação teve como objetivo apresentar as datas em Serra Negra, com destaque às do Holoceno Médio. Antes, apenas o Cabeças 4 tinha datações para o período, contudo, as novas escavações e os dados paleoambientais demonstram que o Alto Araçuaí tinha seu território ocupado continuamente, contando com um ambiente muito estável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, L.; ISNARDIS, A. Peopling Central Brazilian Plateau at the onset of the Holocene: Building territorial histories. *Quaternary International*, p.1-17, 2018.

CHUENG, K.; COE, H.; ROSA, C.; FAGUNDES, M.; VASCONCELOS, A.; RICARDO, S.; BANDEIRA, D.; DIAS, R.; MACHADO, D. Reconstituição paleoambiental em sítios arqueológicos através da

análise de fitólitos: estudos de caso no brasil. In: *Geografia Física: Estudos Teóricos e Aplicados*, p.84-97, 2020.

FAGUNDES, M. Uma geografia arqueológica em Serra Negra: construções, conexões, histórias e causos Laepianos. In: FAGUNDES, M. (org). *Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais*. Curitiba, PR: Editora CRV, Curitiba, capítulo 01, p.31-72, 2021.

ISNARDIS, Andrei. *Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais*. São Paulo: MAE/USP, Tese de Doutorado, 2009.

PENSAR COM AS MÃOS: CRIAR VÍNCULO MATERIAL NA PROPOSIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Lilian Panachuk

Departamento de Antropologia e Arqueologia- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Minas Gerais, lilipanachuk@yahoo.com.br

O cerne dessa proposta é pensar a arqueologia experimental como mergulho e alicerce teórico-metodológico. É preciso então apontar que de um lado, quesitos da filosofia experimental, que está vinculada aos primórdios da arqueologia: testar procedimentos, detalhar produções manuais, verificar marcas e desgastes; portanto, replicar, observar e descrever fazem parte dessa empreitada. De outro, soma-se aqui nessa proposta a experiência, no sentido de vivenciar com constância os procedimentos produtivos, são ações perenes, ordinárias e constantes. Trata-se mesmo de pensar com as mãos (SENNETT, 2002), e para tanto é preciso criar intimidade entre corpos, coisas e territórios, criar vínculo.

O contato íntimo com o processo de fazedura da peça cerâmica, por exemplo, nessa arqueologia experimental e experiencial, levou à conexão entre materiais, entre artefatos que se emaranham na produção (HODDER, 2012), entre materiais perenes e perecíveis de um mesmo artefato, materiais que foram usados para sua produção e que nem sempre podemos observar no registro pela temporalidade.

Outra faceta desse experimentar é a conexão com ceramistas e o mergulho em uma rede de ensino e aprendizagem, em procedimentos de ofício, portanto, engatilhou uma rede relacional que conecta a materialidade e os fenômenos transformacionais, numa fronteira com a etnoarqueologia. A rede de saberes, de filiação e de respeito é aqui uma base moral do ofício ceramista. Há um decoro específico, um comportamento que diz de redes de sabenças, de aprendizagem e de afetos (e conflitos), e por essa rede trafega muitas informações e materiais, receitas e segredos. Essas conexões estabelecem certas linhagens de aprendizagens, tanto no contexto urbano ou rural. Esse vínculo com a materialidade permite a conexão do corpo - em toda sua inteireza - com fenômenos, materiais e pessoas, e uma vivência do saber à moda tradicional, como aprendizado (LEITE, 2019).

Interessa centrar na perspectiva do corpo, no gesto técnico empreendido e indelevelmente registrado pela transformação do fogo, entre argila e cerâmica. Vivenciar a olaria e utilizar as ferramentas de pesquisas experimentais foram essenciais, e me atravessa enquanto pessoa-pesquisadora (FAVRET-SAADA, 2005). É preciso lembrar que foi também uma exigência das Mestras ceramistas que me conduziam na reflexão: não é possível pensar sem realizar o ofício. No contexto urbano é um desafio, pois “o gesto do fazer é atualmente raro” (FLUSSER, 2014:91) e a maioria está centrada no consumo, sem sequer pensar nos processos produtivos das materialidades que habita.

Assim colocados a “vivência experimental” figura como proposta epistemológica e metodológica de se inserir o corpo nas discussões, de situá-lo na perspectiva do fazer (HARAWAY, 2001), e colocá-lo em movimento. Ao mesmo tempo, a experimentação, é também uma forma de levar a sério o processo de ensino ameríndio, e a indicação da maestria: para olaria é preciso conectar abstrações e práxis. Essa proposta também implica em uma mudança ontológica, através de um saber encorpado, que conecta sabedorias e fazimentos. Essa perspectiva permite outras narrativas, ao iluminar, desde outro ponto, os artefatos cerâmicos arqueológicos, pensando processos e produtos em relação com um corpo que pensa e faz.

Essas mudanças podem gerar uma nova reflexão sobre conceitos cristalizados nas narrativas arqueológicas e nas descrições e entendimentos desse fazer (PANACHUK, 2021). Por vezes a linguagem analítica pendula no dilema sobre a linguagem da arte apresentado por Diderot e d’Alembert (século XVIII), entre a escassez de palavras próprias e a abundância de sinônimos. Por vezes traduções não capturam de forma adequada os detalhes processuais (ungulada – que tecnicamente refere-se a animais com casco, sendo usada para marcas feitas com instrumentos que não as unhas). Em outros casos algumas palavras trabalham como sinônimo, mesmo não sendo (como argila e cerâmica, tempero e antiplástico).

O movimento é pensar o laboratório como o ateliê de artes, conectar e ter maior consciência dos diferentes sentidos acionados no corpo para análise dos vestígios arqueológicos, trabalhar esses critérios, estabelecendo palavras que possam declarar processos ou aspectos. Relatar aspectos técnicos como quem descreve biografias de vida, com acurácia e detalhe, falando do que existe e não da ausência de atributos, descrevendo a materialidade e não atributos qualificativos.

O processo experimental e a vivência experiencial me ensinaram sobre a terra sob outro ponto de vista, de acordo com práticas ceramistas: a terra pensa, tem vontade, memória e desejos (Bachelard, 2008). Como disse a intelectual indígena Vanessa Watts (2017:261) “as oleiras parecem feitas de terra, como indígenas”, por isso sabem que é preciso cultivar uma comunicação interespecífica e inclusiva, conectar produção e transformação, pensar cada “coisa” com bem e não como recurso, pensar em ensino como exemplo e não como modelo. “Tudo tem uma dona ou um dono”, recordo a entrevista com a intelectual indígena Apurinã, Pietra Dolamita.

Essa conexão entre teoria e prática, entre a sabença e o fazimento, é capaz de fornecer um leque mais robusto e consistente de abstrações, técnicas, materiais, pensando os gestos de produção e de uso, impactando diretamente a maneira de nossas descrições e narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo. Martins Fontes. 2008 [1949]

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetada*. Caderno de campo. V.13. p. 155-161. 2005.

FLUSSER, Vilém. *Gestos*. São Paulo. Annablume. 2014.

HARAWAY, Donna. 2001. Manifesto ciborgue - ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. Autêntica. 142p. 2001.

HODDER, Ian. Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things. Blackwell Publishing. 252p. 2012.

LEITE, Nei. Manual de cerâmica Xakriabá. 1 ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

PANACHUK, Lílian. Gestando Potes e Pessoas: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 548p. 2021. https://www.academia.edu/49404001/PANACHUK_Tese_Revista

SENNETT, R. O artífice. Rio de Janeiro. São Paulo. Editora Record. 2009.

WATTS-POWLESS, Vanessa. Lugar-pensamento indígena e agência de humanos e não humanos. (A Primeira Mulher e a Mulher Céu embarcam numa turnê pelo Mundo Europeu). Espaço Ameríndio. Porto Alegre. V.11.nº1. Pp.250-272. Jan-Jun.2017.

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO

